

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

RENDAS, REDES E LENDAS:
o vocabulário das rendeiras do município
de Raposa, Maranhão

Raquel Pires Costa

Belo Horizonte
2016

Raquel Pires Costa

**RENDAS, REDES E LENDAS:
o vocabulário das rendeiras do município
de Raposa, Maranhão**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Orientadora: Professora Doutora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG

2016

C837f

Costa, Raquel Pires.

Rendas, redes e lendas [manuscrito] : o vocabulário das rendeiras do município de Raposa, Maranhão / Raquel Pires Costa. – 2016.

376 f., enc. : il., fots., graf.

Orientadora: Maria Cândida Trindade Costa de Seabra.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 371-374.

Inclui CD com as entrevistas realizadas na pesquisa.

1. Língua portuguesa – Regionalismos – Maranhão (MA) – Teses. 2. Língua portuguesa – Lexicologia – Teses. 3. Língua portuguesa – Lexicografia – Teses. 4. Língua portuguesa – Regionalismos – Raposa (MA) – Teses. 5. Linguagem e cultura – Teses. 6. Língua portuguesa – Variação – Teses. 7. Sociolinguística – Teses. 8. Antropolinguística – Teses. 9. Mudanças

CDD : 469.798

Raquel Pires Costa

**RENDAS, REDES E LENDAS:
o vocabulário das rendeiras do município de Raposa, Maranhão**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutor em Linguística, avaliada pela seguinte Comissão Examinadora

Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
Universidade Federal de Minas Gerais
Orientadora

Prof. Dr. Aderlande Pereira Ferraz
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Ana Paula Antunes Rocha
Universidade Federal de Ouro Preto

Profa. Dra. Ana Paula Mendes Alves de Carvalho
Instituto Federal de Minas Gerais – Ouro Branco

Prof. Dr. José Dino Costa Cavalcante
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Márcia Cristina de Brito Rumeu (suplente)
Universidade Federal de Minas Gerais

Profa. Dra. Sônia Maria de Melo Queiroz (suplente)
Universidade Federal de Minas Gerais

Aos meus filhos amados, Paulo Victor e Marcus Vinícius,
alegria maior da minha vida.

Que este trabalho sirva de estímulo para
que sigam trilhando o caminho dos estudos e da leitura,
assim como vocês me incentivam a querer aprender cada vez mais.

Aos meus pais, Policarpo e Célia,
por me darem os maiores presentes que pais podem dar aos seus filhos:
o apoio, a amizade, o exemplo e o amor.

À minha saudosa vizinha Cremilda Amorim (*in memoriam*), que, de outra dimensão, com
certeza está acompanhando esse importante passo da sua neta.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu forças para suportar a saudade de casa e me iluminou ao longo da caminhada.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, pela dedicação, incentivo, empenho e todos os ensinamentos compartilhados.

Às rendeiras do município de Raposa, por enriquecerem o meu léxico e a minha cultura, ao compartilharem comigo seu vocabulário e a bela tradição da renda de bilro. O meu muito obrigada especialmente à Marilene Marquês Moreira, por ter compartilhado comigo um tesouro que guarda com todo o cuidado: as amostras de rendas raras que estão deixando de ser feitas.

Aos meus filhos, Paulo Victor e Marcus Vinícius, pelo amor que me dão diariamente, por preencherem os meus dias com sua alegria e por terem me apoiado em mais essa jornada.

Aos meus pais, Maria Célia e José Policarpo, que me ensinaram a gostar de estudar por meio do exemplo de vê-los sempre estudando, pelo apoio imensurável e pelos avós maravilhosos que são para meus filhos, cuidando deles com todo o zelo e amor para que eu pudesse me dedicar aos estudos,

Aos meus irmãos Marcos, Esther e Rute, à minha cunhada Geraldine, à Bárbara e aos meus sobrinhos, Lucas, Ana Luísa, João Marcos e Gabriel, pela amizade, estímulo e pelos encontros animados a cada ida minha à São Luís, que me revigoravam para mais uma temporada de estudos.

A Daniel, por cuidar de mim com tanto amor e dedicação, sendo “o meu melhor amigo e o meu amor”.

À tia Maria das Graças Costa, tia Gracinha, pela amizade, entusiasmo e incentivo.

À minha sobrinha Rafaela, que, mesmo longe, se faz sempre presente por meio de incontáveis gestos de carinho.

Às minhas tias-avós Joana e Raimunda Amorim, aos meus tios e aos meus primos, que tanto vibram e torcem por mim.

Aos meus amigos de São Luís, pela atenção mesmo à distância, por meio de telefonemas, mensagens e incansáveis palavras de incentivo.

Aos meus amigos de Belo Horizonte, pelo apoio e por terem me acolhido com tanto carinho.

Aos colegas de doutorado e amigos que levarei por toda a vida, Glauciane, Melina, Gisele, Aline, Maryelle, Ruy, Vander, Cassiane, Emanoela, Aretuza, Verônica, Elaine, Laura e Mônica, pela convivência maravilhosa, tão importante nessa caminhada.

Aos funcionários do Colégio Universitário do Maranhão/Universidade Federal do Maranhão (COLUN/UFMA), pelo apoio e incentivo e, de modo especial, ao diretor Reginaldo Manoel Almeida Moraes e às amigas Marinez Tamburini e Conceição Araújo, pelo carinho e vibração a cada passo dado.

Aos meus professores do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, por tudo que me ensinaram.

À querida Maria das Graças Silva de Souza Oliveira, funcionária do POSLIN, pela atenção e carinho comigo durante todo o doutorado.

A José Queiroz Neto, pelas horas de dedicação e pelo extremo zelo com que fez as fotografias que ilustram este trabalho.

A Nair Pôssas, pelo cuidado e capricho com que fez a formatação.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão (FAPEMA), pelo suporte por meio da concessão de uma bolsa de pesquisa.

A todas as pessoas que, durante a minha trajetória acadêmica, me incentivaram e me inspiraram.



CANÇÃO DAS JOVENS RENDEIRAS

Das jovens mãos das rendeiras,
de seus claros equilíbrios
nasce a aurora, é o sol que verte
do ritmo estival dos bilros.
É a paz que flui como as águas
do coração d'almofada.

A aurora tece o algodão,
o algodão tece a fazenda,
mas a rendeira faz tudo:
tece o sonho e tece a renda,
tece o amor, tece a tiara
no coração d'almofada.

Do linho de fibra indócil
faz a rendeira o seu mito.
Flor de espuma e esquecimento,
maré de anseio infinito.
Tece a morte e tece o nada
no coração d'almofada.

É como se a alma estivesse
talhada no labirinto
de solidão que ela tece.
Como se um deus cristalino
vertesse a face esmagada
sobre o enigma d'almofada.

A rendeira tece a morte
nas malhas do labirinto.
Tece o véu, tece a grinalda,
tece a ilusão do destino.
Tece o silêncio e a saudade
no coração d'almofada.

A rendeira tece a vida
nos fusos das almofadas;
tece a túnica dos mortos
e a nudez das namoradas;
tece o riso e tece a lágrima
no coração d'almofada.

A rendeira tece o fado
nas almofadas redondas;
tece o luar, tece as espumas
que se agitam sobre as ondas;
tece o olhar, tece o segredo,
tece o enigma e tece o medo.

A rendeira tece a prece
nas cordas tensas dos bilros.
Tece o mistério que desce,
soleníssimo, dos cimos.
Tece as fibras do algodão
e tece o meu coração.

FRANCISCO CARVALHO
Dimensão das coisas, 1967

RESUMO

Os estudos lexicais, ao congregarem o linguístico e o não linguístico, fornecem dados para a leitura da cultura de uma sociedade. No Brasil, ainda há muito a ser pesquisado nesse sentido, visto que há diversas localidades com características linguísticas peculiares, sobretudo no âmbito lexical: são inúmeras lexias e expressões que retratam o léxico de uma comunidade de fala. Uma delas é o município de Raposa, estado do Maranhão, localizado a aproximadamente 28 km da capital do Estado, São Luís. Sua formação deu-se pela migração de famílias de pescadores que deixaram sua terra natal, Acaraú, Ceará, na década de 50 devido a uma violenta seca. Nessa migração, as mulheres levaram consigo a bela tradição da renda de bilro, ofício que continua presente entre elas até os dias de hoje na comunidade de pescadores deste município maranhense. Fundamentando-nos nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística (Labov e Milroy), Lexicologia (Biderman), Lexicografia (Barbosa, Esquivel e Haensch) e da Antropologia Linguística (Duranti, Hymes e Velarde), descrevemos e analisamos o vocabulário das rendeiras de Raposa. Seguindo as diretrizes da Antropologia Linguística e da Sociolinguística, coletamos e transcrevemos dados decorrentes das 15 entrevistas orais realizadas em Raposa. Retornamos ao passado, consultando as 207 lexias selecionadas em dicionários do século XVIII (Bluteau) e XIX (Morais), primeira metade do século XX (Laudelino Freire) e retornamos ao presente, consultando-as em dicionários contemporâneos, com o objetivo de estabelecer comparações entre esses períodos. A fim de consultar sua origem, consultamos dicionários etimológicos. Após as consultas a dicionários, fizemos análises qualitativa e quantitativa, que demonstraram a existência de um vocabulário peculiar, revelando a estreita relação entre língua e cultura, a intersecção entre o universo das rendeiras e dos pescadores e resgatando aspectos sociais e históricos da vida das rendeiras. No glossário resultante da pesquisa, destacam-se as lexias que designam os pontos, objetos e ações relacionados à cultura da renda e demonstram a sua riqueza, assim como a criatividade das rendeiras no ato de nomear.

Palavras-chave: Léxico. Cultura. Linguística. Rendeiras. Raposa. Maranhão.

ABSTRACT

Lexical studies, to gather together the linguistic and non-linguistic, provide data for the reading of a society's culture. In Brazil, there is still much to be researched in this sense, because there are several locations with peculiar linguistic characteristics, especially in lexical scope: there are numerous words and expressions that portray the lexicon of a speech community. One of them is the city of Raposa, state of Maranhao, located approximately 28 km from the state capital, São Luís. Its formation was due to the migration of fishing families who have left their homeland, Acaraú, Ceará, in the 50's due to a extreme dry weather. In this migration, women took with them the beautiful tradition of bilro lace, craft still present among them until today in the fishing community of this Maranhão's city. Basing ourselves on the theoretical-methodological assumptions of Sociolinguistics (Labov and Milroy), Lexicology (Biderman), Lexicography (Barbosa, Esquivel and Haensch) and Linguistic Anthropology (Duranti, Hymes and Velarde), we described and analyzed the vocabulary of the Raposa's craftswomen. Following the guidelines of Linguistic Anthropology and Sociolinguistics, we collected and transcribed data derived from the 15 oral interviews made on Raposa. We returned to the past, consulting the 207 words selected in the eighteenth (Bluteau) and nineteenth (Morais) century dictionaries, in one of the first half of the twentieth century (Laudelino Freire) and then we came back to present, consulting them in contemporary dictionaries, in order to make comparisons among these periods. In order to see its origin, we consulted etymological dictionaries. After the research to dictionaries, we did qualitative and quantitative analysis, which demonstrated the existence of a peculiar vocabulary, revealing the close relationship between language and culture, the intersection between the world of the craftwomen and the fishermen and rescuing social and historical aspects of the life of the craftwomen. In the glossary resulting of the research, the words used to designate points, objects and actions related to the culture of the handcraft have great spotlight and reveal its wealth as well as the creativity of the craftwomen in the act of nominate.

Keywords: Lexicon. Culture. Linguistics. Raposa. Maranhão.

LISTA DE ABREVIATURAS

A	–	Dicionarizado no Aurélio
ADJsing	–	Adjetivo singular
ADV	–	Advérbio
Cf	–	Conferir
Inf.	–	Informante
Loc. adj.	–	Locução adjetiva
n/A	–	Não-dicionarizado no Aurélio
n/d	–	Não-dicionarizado em nenhuma das obras consultadas
n/e	–	Não encontrado
Ncf	–	Nome Composto feminino
NCm	–	Nome Composto masculino
Nf	–	Nome feminino
Nm	–	Nome masculino
p.	–	Página
Pesq.	–	Pesquisadora
Prep	–	Preposição
Pron	–	Pronome
Spl	–	Substantivo plural
Ssing	–	Substantivo singular
Terc.	–	Terceiro
V	–	Verbo

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Lexias que ocorreram entre 5 e 399 vezes.....	236
Quadro 2 – Lexias relacionadas à pesca que ocorreram entre 5 e 399 vezes.....	239
Quadro 3 – Número de ocorrência das lexias não dicionarizadas do campo semântico Pesca por entrevista.....	239
Quadro 4 – Lexias não dicionarizadas do campo semântico Pesca por grupo etário.....	240
Quadro 5 – Estado de origem das rendeiras entrevistadas.....	245
Quadro 6 – Agrupamento das entrevistas em grupos etários.....	248
Quadro 7 – Número de ocorrência das lexias não dicionarizadas por entrevista...	249
Quadro 8 – Total de lexias não dicionarizadas por entrevista.....	253
Quadro 9 – Média de lexias não dicionarizadas por grupo etário.....	254
Quadro 10 – Ocorrência de lexias não dicionarizadas do campo semântico Renda por entrevista.....	255
Quadro 11 – Total de lexias relacionadas à renda não dicionarizadas por entrevista.....	258
Quadro 12 – Média de lexias não dicionarizadas do campo semântico Renda por grupo etário.....	259
Quadro 13 – Lexias do vocabulário da renda.....	263

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de lexias encontradas em cada dicionário.....	226
Gráfico 2 – Classificação morfológica dos dados analisados.....	227
Gráfico 3 – Distribuição percentual das lexias dicionarizadas e não dicionarizadas.....	228
Gráfico 4 – Percentual de lexias dicionarizadas por classe gramatical.....	229
Gráfico 5 – Percentual de lexias não dicionarizadas por classe gramatical.....	229
Gráfico 6 – Distribuição percentual das não dicionarizadas por campo semântico.....	231
Gráfico 7 – Classificação gramatical das 82 lexias não dicionarizadas do campo semântico Renda.....	233
Gráfico 8 – Origem das lexias.....	234
Gráfico 9 – Percentual de brasileirismos entre as lexias dicionarizadas.....	235
Gráfico 10 - Gênero das lexias.....	236
Gráfico 11 – Lexias que ocorreram entre 5 e 399 vezes.....	238
Gráfico 12 – Lexias que sofreram e não sofreram mudanças do século XVIII até os dias atuais.....	242
Gráfico 13 – Ocorrência das variantes de <i>bilro</i>	244
Gráfico 14 - Ocorrência das variantes de <i>bilro</i> por faixa etária.....	245
Gráfico 15 - Ocorrência das variantes de <i>bilro</i> por estado de origem das rendeiras	247
Gráfico 16 - Média de lexias não dicionarizadas por grupo etário.....	254
Gráfico 17 - Média de lexias não dicionarizadas do campo semântico Renda por grupo etário.....	260

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1: Renda de bilro – Raposa/MA.....	18
Foto 2: Linhas e bilros – Raposa/MA.....	24
Foto 3: Rendeira mostrando uma barra de renda para a pesquisadora – Raposa/MA.....	53
Foto 4: Residência de Raposa, com redes de pesca e embarcações ao fundo – Raposa/MA.....	64
Foto 5: Venda de renda – Raposa/MA.....	64
Foto 6: Rendeira – Raposa/MA.....	71
Foto 7: Rendeira tecendo na almofada de bilro – Raposa/MA.....	73
Foto 8: Rendeira fazendo renda – Raposa/MA.....	74
Foto 9: Redes e rendas – Raposa/MA.....	76
Foto 10: Almofada de bilro e rendeira ao fundo – Raposa/MA.....	79
Foto 11: Renda de metro – Raposa/MA.....	83
Foto 12: Almofada de bilro e linhas – Raposa/MA.....	225
Foto 13: Espinhos de mandacaru – Raposa/MA.....	268
Foto 14: Agulha – Raposa/MA.....	271
Foto 15 : Almofada – Raposa/MA.....	272
Foto 16: Almofadinha – Raposa/MA.....	273
Foto 17: Aplicação ~ Aplique – Raposa/MA.....	274
Foto 18 : Armação de banco – Raposa/MA.....	275
Foto 19: Rendeira assentando a renda – Raposa/MA.....	276
Foto 20: Assentamento da renda – Raposa/MA.....	276
Foto 21: Banco – Raposa/MA.....	277
Foto 22: Banco de guarda – Raposa/MA.....	278
Foto 23 : Bandeja – Raposa/MA.....	279
Foto 24: Barata - Raposa/MA.....	280
Foto 25: Barra feita com meio trocado – Raposa/MA.....	280
Foto 26 : Barrinha de renda – Raposa/MA.....	281
Foto 27: Bico – Raposa/MA.....	282
Foto 28: Bilros – Raposa/MA.....	284
Foto 29: Bolero feito de renda de bilro – Raposa/MA.....	285
Foto 30: Ponto cruz – Raposa/MA.....	286
Foto 31: Rendeira <i>butando a renda</i> – Raposa/MA.....	288
Foto 32: Caminho – Raposa/MA.....	289

Foto 33: Caminho de mesa – Raposa/MA.....	290
Foto 34: Cava – Raposa/MA.....	291
Foto 35: Charita – Raposa/MA.....	292
Foto 36: Charitazinha – Raposa/MA.....	293
Foto 37: Coquinho – Raposa/MA.....	294
Foto 38: Corredô das rendas – Raposa/MA.....	295
Foto 39: Detalhe de peça feita de croché – Raposa/MA.....	296
Foto 40: Dente de rato no detalhe da gola – Raposa/MA.....	287
Foto 41: Renda disimendada – Raposa/MA.....	298
Foto 42: Embuchado – Raposa/MA.....	300
Foto 43: Pau de madeira encabado – Raposa/MA.....	301
Foto 44: Engomando a renda – Raposa/MA.....	302
Foto 45: Rendera entrançando os bilros – Raposa/MA.....	303
Foto 46: Entremeio – Raposa/MA.....	303
Foto 47: Feitio de uma pala – Raposa/MA.....	306
Foto 48: Renda de filé – Raposa/MA.....	307
Foto 49: Flores de croché – Raposa/MA.....	307
Foto 50: Flores de renda de bilro em bolero – Raposa/MA.....	308
Foto 51: Flor de traça de dezesseis pétalas – Raposa/MA.....	309
Foto 52: Goma – Raposa/MA.....	310
Foto 53: Imendas – Raposa/MA.....	311
Foto 54: Ispinhos - Raposa/MA.....	312
Foto 55: Ingomado – Raposa/MA.....	313
Foto 56: Renda jangarela na extremidade - Raposa/MA.....	314
Foto 57: Juta – Raposa/MA.....	315
Foto 58: Renda levantada – Raposa/MA.....	316
Foto 59 : Linhas – Raposa/MA.....	317
Foto 60: Ispinhos de mandacaru – Raposa/MA.....	319
Foto 61: Rendeira fazendo o meio trocado ~mei’ trocado – Raposa/MA.....	320
Foto 62: Renda de metro – Raposa/MA.....	321
Foto 63: Molde – Raposa/MA.....	322
Foto 64: Molho ~’moi de espinhos – Raposa/MA.....	323
Foto 65: Mulé rendeira – Raposa/MA.....	324
Foto 66: Pala – Raposa/MA.....	325
Foto 67: Palinha – Raposa/MA.....	326
Foto 68: Palha de banana / Palha de bananera – Raposa/MA.....	327

Foto 69: Pano – Raposa/MA.....	329
Foto 70: Pano de meio trocado – Raposa/MA.....	330
Foto 71: Pano de trocado intero – Raposa/MA.....	331
Foto 72: Pano de urupema – Raposa/MA.....	332
Foto 73: Pano sem fim – Raposa/MA.....	333
Foto 74: Papelão picado – Raposa/MA.....	334
Foto 75: Papelão pinicado – Raposa/MA.....	335
Foto 76: Início da pareia – Raposa/MA.....	336
Foto77 : Rendeiras pareando – Raposa/MA.....	337
Foto 78: Pingo d’água – Raposa/MA.....	338
Foto 79: Rendeira pinicando o papelão – Raposa/MA.....	339
Foto 80: Ponta de renda – Raposa/MA.....	340
Foto 81: Ponta de coco – Raposa/MA.....	341
Foto 82: Ponto cruz – Raposa/MA.....	342
Foto 83: Ponto de fora – Raposa/MA.....	342
Foto 84: Peça de renda com Priquitinho ~ Piriquitin’ ~ Priquitinho ~ Priquitin’ – Raposa/MA.....	343
Foto 85: Redes – Raposa/MA.....	344
Foto 86: Peças de renda – Raposa/MA.....	345
Foto 87: Peça de renda de bilro – Raposa/MA.....	346
Foto 88: Renda de metro feita de meio trocado – Raposa/MA.....	347
Foto 89: Renda fina (Aplicação ~aplique) – Raposa/MA.....	347
Foto 90: Renda graúda – Raposa/MA.....	348
Foto 91: Renda grossa – Raposa/MA.....	349
Foto 92: Rendera – Raposa/MA.....	350
Foto 93: Rendingha – Raposa/MA.....	350
Foto 94: Rendingha estreitinha – Raposa/MA.....	351
Foto 95: Rendingha miudinha – Raposa/MA.....	352
Foto 96: Rosas de traça de oito e dezesseis pétalas – Raposa/MA.....	354
Foto 97: Rudia – Raposa/MA.....	355
Foto 98: Tarrafa – Raposa/MA.....	357
Foto 99: Tiaras – Raposa/MA.....	358
Foto 100: Pétalas de traça – Raposa/MA.....	359
Foto 101: Rendeira fazendo uma trança comprida – Raposa/MA.....	360
Foto 102: Trança – Raposa/MA.....	361
Foto 103: Trança – Raposa/MA.....	362

Foto 104: Trocado – Raposa/MA.....	363
Foto 105: Renda rara, com ponta feita em trocado cheio – Raposa/MA.....	364
Foto 106: Rendeira fazendo um trocado completo – Raposa/MA.....	365
Foto 107: Trocado intero – Raposa/MA.....	366
Foto 108: Bilro com extremidade de tucum – Raposa/MA.....	367
Foto 109: Urela – Raposa/MA.....	368
Foto 110: Bolero de filé com pontos vazados – Raposa/MA.....	370
Foto 111: Venda de renda – Raposa/MA.....	369
Foto 112: Renda de bilro – Raposa/MA.....	369
Foto 113: Rendeira mostrando o ponto meio trocado – Raposa/MA.....	376

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	19
CAPÍTULO 1 – LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE.....	25
1.1. Língua e Sociedade.....	25
1.1.1 Variação e mudança linguística.....	28
<i>1.1.1.1 Redes sociais e mudança linguística.....</i>	<i>32</i>
1.2 Léxico, cultura e sociedade.....	33
1.3 Língua e cultura.....	34
1.3.1 Teorias da Cultura.....	37
1.3.2 Cultura popular e léxico.....	42
1.4 Conceitos fundamentais em Lexicologia.....	43
1.5 Conceitos fundamentais em Lexicografia.....	47
1.5.1 A definição lexicográfica.....	51
CAPÍTULO 2 – Métodos e Procedimentos.....	54
2.1. Procedimentos metodológicos.....	54
2.1.1. A constituição dos bancos de dados.....	54
2.1.2. Delimitação do <i>corpus</i>	55
2.1.3. A coleta de dados.....	56
2.1.4. As transcrições.....	57
2.1.5. As fichas lexicográficas.....	58
<i>2.1.5.1. Sobre os dicionários consultados.....</i>	<i>59</i>
2.2. Macro e microestrutura do Glossário.....	61
2.2.1 A macroestrutura.....	62
2.2.2 A microestrutura.....	63
CAPÍTULO 3 – ASPECTOS HISTÓRICO-CULTURAIS DO MUNICÍPIO DE RAPOSA/MA.....	65
3.1 Caracterização histórico-geográfica de Raposa.....	65
3.1.1 Localização.....	65
3.1.2 Clima.....	66
3.1.3 Limites e Hidrografia.....	67
3.2 A Seca de 1958: A retirada.....	68
3.3 O universo das redes e rendas.....	69
3.3.1 A origem da renda no Brasil.....	69
3.3.2 A renda em Raposa.....	71
3.3.3 O universo de redes e rendas em Raposa.....	76
3.3.4 A memória de Acaraú revelada no léxico das rendeiras.....	79

CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS DADOS.....	84
CAPÍTULO 5 - ANÁLISE QUANTITATIVA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	226
5.1 Quanto ao número de lexias presentes em cada dicionário.....	226
5.2 Quanto à classificação gramatical.....	227
5.3 Quanto às lexias dicionarizadas e não dicionarizadas.....	227
5.4 Dicionarização segundo a classificação gramatical.....	228
5.4.1 Agrupamento das lexias não dicionarizadas por campo semântico....	230
5.4.2 Classificação gramatical das lexias não dicionarizadas relacionadas à renda.....	232
5.5 Quanto à origem.....	233
5.6 Brasileirismos.....	235
5.7 Quanto à forma e ao gênero das lexias.....	236
5.8 Quanto ao número de ocorrências das lexias.....	236
5.9 O universo das redes e rendas: pontos de intercessão.....	238
5.10 A questão da variação e mudança linguística.....	241
5.10.1 Variação das lexias.....	241
5.10.1.1 A variação da lexia bilro na linguagem das rendeiras.....	242
5.10.1.2 O léxico das rendeiras de diferentes grupos etários.....	248
5.11 Considerações sobre a análise.....	261
CAPÍTULO 6 – GLOSSÁRIO.....	269
6.1 Quadro geral de classificação.....	269
6.2 Glossário do vocabulário das rendeiras de Raposa.....	271
7 CONCLUSÃO.....	372
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	377

Foto 1: Renda de bilro – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

INTRODUÇÃO

Em pesquisa realizada no Mestrado, neste Programa de Pós-Graduação, a dissertação, intitulada “Estudo linguístico no litoral maranhense: léxico e cultura no município de Raposa”, apresentada em junho de 2012, teve como objetivo investigar em que medida o léxico de uma comunidade de pescadores retratava a realidade sociocultural do seu grupo.

Nesse estudo, a partir dos dados retirados dos *corpora* coletados na época, realizamos análise com enfoque no léxico e elaboramos um glossário onde as lexias foram organizadas pelo critério onomasiológico e, posteriormente, pelo critério semasiológico. Essa organização nos permitiu traçar um perfil sociocultural dominante na região: o léxico de Raposa reflete o mundo rural nordestino, especialmente o cearense – os costumes, as tradições, o mundo agropecuário e pesqueiro, no qual os migrantes de Acaraú (CE) se inseriam antes da migração. Vimos que essa cultura continua presente, não somente nas lexias que a ele remetem, como, também, por meio da organização das formas de trabalho relacionadas à pesca.

A análise quantitativa dos dados nos permitiu ainda observar a capacidade criativa dos pescadores, por meio das lexias não dicionarizadas, em sua grande maioria relacionada à pesca; são nomes de águas, mares e marés entre outros, que nascem a partir da necessidade que o homem tem de nomear.

Acreditando que havia muito, ainda, a se pesquisar nessa comunidade de pescadores, propusemos, como projeto de pesquisa no doutorado, realizar um estudo de cunho léxico-cultural com as mulheres dessa comunidade - as rendeiras de Raposa, a maior parte delas, esposas dos pescadores. Tínhamos como hipóteses:

- i) A existência, em Raposa, de um vocabulário específico no que se refere ao trabalho das rendeiras.
- ii) A crença que poderíamos encontrar unidades lexicais não dicionarizadas no linguajar das rendeiras dessa mesma comunidade, assim como encontramos no dos pescadores.
- iii) Encontrar casos de manutenção linguística. Supúnhamos que as mais jovens pudessem manter parte do acervo lexical das rendeiras mais velhas.
- iv) Ao mesmo tempo, acreditávamos que pudesse haver diferenças significativas entre a linguagem das rendeiras mais jovens e as de maior faixa etária, no que se refere ao vocabulário utilizado para se referir à renda.
- v) Como o vocabulário dos pescadores, imaginávamos que o vocabulário das rendeiras poderiam trazer marcas da estrutura sociocultural do povo nordestino.

A partir dessas hipóteses, estabelecemos como objetivos geral e específicos:

✓ **Objetivo Geral:**

Descrever e analisar o vocabulário das rendeiras de Raposa.

✓ **Objetivos Específicos:**

- i) Colaborar com os estudos culturais, dialetológicos e sociolinguísticos desenvolvidos no Brasil, favorecendo o (re)conhecimento linguístico-cultural das rendeiras de Raposa (MA) e do Brasil;
- ii) Estimular a reflexão sobre a cultura popular regional através de um uso da língua em particular, evidenciando, portanto, relações entre o local e o global;
- iii) Prover pesquisadores e estudiosos dos estudos linguístico-culturais da Língua Portuguesa e da linguagem em geral de um instrumento mais abrangente de acesso ao dialeto rural e à cultura regional, favorecendo o jogo de interlocução entre o erudito e o padrão e o popular e o não-padrão;
- iv) Elaborar um glossário contendo as unidades lexicais coletadas durante a pesquisa,
- v) Descrever o léxico coletado nas entrevistas, agrupando-os em campos semânticos;
- vi) Comparar o léxico das diferentes gerações de rendeiras, apontando semelhanças e especificidades;
- vii) Observar se a variável idade interfere no léxico utilizado para se referir à renda;
- viii) Levantar aspectos socioculturais da região estudada, para posterior auxílio à análise do corpus;
- ix) Verificar se, da mesma forma como ocorre com os pescadores, há também a presença de unidades lexicais não dicionarizadas no léxico das rendeiras de Raposa, as quais desempenham papel importante na construção da identidade coletiva da comunidade;
- x) Observar se, devido às suas características geográficas, como distanciamento do centro urbano da capital do Estado, São Luís, considerado centro de inovação linguística, há evidências de manutenção linguística no léxico das rendeiras de Raposa;
- xi) Verificar se o vocabulário apresentado pelos sujeitos da pesquisa mostra a estreita relação entre língua e cultura, em especial, a cultura da renda, e designa fatos ou objetos que fazem parte dessa cultura.

Por ser uma instituição social que veicula manifestações culturais, correntes ideológicas e formas de pensamento, a língua retrata a vida do povo de cada época e fornece elementos para a leitura da sociedade, por isso um estudo linguístico que integra língua, sociedade e cultura se faz necessário em diferentes períodos de tempo e em diferentes lugares.

No Brasil, há várias regiões com características linguísticas peculiares, sobretudo no âmbito lexical: são inúmeras lexias e expressões que retratam o léxico de uma comunidade de fala, aqui entendida como uma comunidade cujos falantes compartilham entre si normas linguísticas e não linguísticas.

Por meio da língua, o homem recria a realidade, interpretando-a e repassando-a aos demais. Aprisionado às suas estruturas, obediente às regras que lhe garantem a intercomunicação, preserva, inconscientemente, formas tradicionais, mas, sensível às modificações que se operam a sua volta, nela imprime suas marcas, renovando-a a cada apelo externo.

No caso do vocabulário de uma atividade profissional, como o da renda, apesar de certamente haver pontos comuns entre todas as comunidades rendeiras, que se refletem em traços em comum no vocabulário inerente ao âmbito social/corporativo em que é utilizado, há, por outro lado, um contexto específico a cada uma das comunidades.

A rendeira tem de se adaptar ao meio em que atua, empregando uma determinada técnica em função das características locais, o que se reflete na variedade lexical (e por extensão, sua riqueza).

A uniformidade do “fazer renda”, observada em determinadas regiões, não impede que o indivíduo os interprete de diferentes formas, nomeando-os de acordo com suas vivências. Se a fala das rendeiras se constitui em memória de um passado, também retrata, entre outros aspectos, a modernização dos meios de produção, o avassalador movimento de unificação cultural. Isto porque, hoje, a renda não mais é uma atividade essencialmente passada de mãe para filha, mas funciona também como um meio de sobrevivência para as gerações mais jovens.

O inventário do léxico das rendeiras de Raposa, numa abordagem sociocultural, no glossário resultante da pesquisa, poderá servir como fonte de consulta não somente para estudiosos da linguagem e da cultura, mas também para profissionais de áreas específicas como os funcionários do SEBRAE que eventualmente lhes ministram cursos de capacitação, ou para qualquer pessoa que precise dialogar com as rendeiras sobre assuntos relacionados à sua atividade.

Será, ainda, uma forma de salvaguarda do património imaterial da região, como recomenda a UNESCO (2003), na Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial:

As finalidades da presente Convenção são: (a) a salvaguarda do património cultural imaterial; (b) o respeito do património cultural imaterial das comunidades, grupos e indivíduos envolvidos; (c) a sensibilização a nível local, nacional e internacional para a importância do património cultural imaterial e da sua apreciação recíproca [...] Manifesta-se nomeadamente nos seguintes domínios: (a) tradições e expressões orais, incluindo a língua como vector do património cultural imaterial; (b) artes do espectáculo; (c) práticas sociais, rituais e actos festivos; (d) conhecimentos e usos relacionados com a natureza e o universo; (e) técnicas artesanais tradicionais. 3. Entende-se por “salvaguarda” as medidas que visam assegurar a viabilidade do património cultural imaterial, incluindo a identificação, documentação, investigação, preservação, protecção, promoção, valorização, transmissão - essencialmente pela educação formal e não formal - e revitalização dos diversos aspectos deste património.¹

A pesquisa poderá, outrossim, subsidiar estudos sócio-etnolinguísticos futuros, dada a sua importância em razão de retratar fatos específicos da linguagem de um grupo social, fornecendo valioso material para o estudo do português falado no Brasil.

Dividimos nossa pesquisa em 6 capítulos:

O primeiro, intitulado **LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE**, apresenta o embasamento teórico de nosso trabalho, por meio de itens que discorrem sobre a relação entre língua e sociedade; léxico, cultura e sociedade; língua e cultura; além de uma discussão sobre a Lexicologia e a Lexicografia. Para versar sobre a cultura, nosso suporte foi, sobretudo, Duranti (1997), Hymes (1971) e Velarde (1991). A discussão sobre a Sociolinguística, destacando a variação e a mudança linguística, foi pautada em Labov (2008) e a noção de redes sociais em Milroy (1987). Apoiamo-nos principalmente em Biderman (1981, 1988, 2001), para tratarmos das relações entre léxico, cultura e sociedade e em Haensch *et al.* (1982), Barbosa (1995) e Biderman (1993), para tratarmos da Lexicografia.

Em seguida, o capítulo **MÉTODOS E PROCEDIMENTOS** apresenta a metodologia utilizada em nossa pesquisa. Explicitamos a pesquisa de campo executada para o levantamento dos dados, detalhando os critérios adotados para sua realização, assim como para a transcrição das entrevistas, a organização da ficha lexicográfica utilizada para a análise dos dados e a macro e micro estrutura do glossário.

¹ Disponível em: <<http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf>>. Acesso em: 4 abr. 2016.

Os **ASPECTOS HISTÓRICO-CULTURAIS DO MUNICÍPIO DE RAPOSA/MA** foram tratados no capítulo 3. Em uma abordagem antropolinguística, esse retrato da comunidade de fala é essencial, pois para que pudéssemos relacionar alguma lexia à algum dado cultural, era imperativo que antes conhecêssemos muito bem essa cultura. Nesse sentido, abordamos desde os aspectos geográficos (localização, clima, limites e hidrografia) do município de Raposa, o histórico da região, onde versamos sobre a chegada dos pescadores cearenses e suas famílias à região a partir da Seca de 1958 que assolou seu estado de origem, o Ceará; traçamos o perfil econômico e social local, com destaque para a importância da renda para a região, do ponto de vista econômico e, sobretudo, cultural.

O capítulo 4, **APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS DADOS**, foi reservado aos nossos *corpora*, coletados nas quinze entrevistas com as rendeiras e apresentados na forma de fichas lexicográficas contendo: a) lexia; b) número de ocorrências; c) abonação; d) registro em dicionários, informações que subsidiaram nossa análise.

A análise qualitativa e quantitativa dos dados foi realizada no capítulo 5, **ANÁLISE QUANTITATIVA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**, onde verificamos o número de lexias presentes em cada dicionário, sua classificação gramatical, a dicionarização ou não das mesmas, origem, os brasileirismos existentes, a forma e gênero, os pontos de interseção entre o universo das redes e rendas, a questão da variação e mudança linguísticas, a variação da lexia bilro e, por fim, comparamos o léxico das rendeiras de diferentes grupos etários.

No capítulo 6, **GLOSSÁRIO**, apresentamos o glossário com as 207 lexias selecionadas e analisadas nas fichas lexicográficas. Este foi subdividido em um quadro geral de classificação, em que agrupamos as lexias em campos semânticos, seguido de um glossário semasiológico.

Por fim, em **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, retomamos as principais discussões presentes nos capítulos anteriores e discorremos sobre os resultados obtidos após as análises linguísticas.

Foto 2: Linhas e bilros – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

CAPÍTULO 1 – LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE

1.1 Língua e Sociedade

A comunicação é uma característica inerente aos animais. Há diferentes sistemas de comunicação, como, por exemplo, a “dança das abelhas”, os feromônios exalados pelas formigas e os sons emitidos pelas baleias; já o homem, enquanto ser social, comunica-se por meio da linguagem.

Toda a sociedade se comunica por meio de alguma linguagem: A história da humanidade e a história da linguagem se confundem, pois, desde os primórdios, o homem se expressa utilizando sons, gestos, desenhos, até se comunicar também por meio da fala e depois pela escrita. A linguagem faz existir o mundo, organiza-o como mundo histórico, sendo assim indissociável do elemento social. A língua, por se constituir uma instituição social, serve para veicular cultura, mediar a interação entre os membros de uma comunidade, retratar o pensamento de determinada época, fornecendo elementos para a leitura da sociedade.

Língua e sociedade têm, portanto, uma dependência bilateral, pois se a sociedade precisa de uma língua que viabilize a comunicação dos povos, esta, por sua vez, para existir, necessita de uma comunidade que a utilize.

Alkmin (2008, p. 21) assinala que “Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável.” Assim, podemos dizer que uma língua (ou uma variação dela) é o reflexo da sociedade pela qual é utilizada.

No âmbito dos estudos linguísticos, foi a partir do século XX, com os estudos de Ferdinand de Saussure (1916/1970) que essa relação linguagem-sociedade passou a ser mais valorizada. Saussure caracteriza a língua como um produto social da faculdade da linguagem no sentido de que é um sistema convencional adquirido pelos indivíduos no convívio social.

Ao definir a língua como um fato social, produzido pela coletividade de falantes, Saussure traz à tona a questão do seu caráter coletivo. Contudo, ao concebê-la como um sistema uniforme e buscar elaborar um modelo abstrato da língua, onde nenhum indivíduo é possuidor da mesma, pois essa é elaborada pela comunidade e somente nela é uma instituição social, Saussure deixa de lado o seu uso, ou seja, as condições extralinguísticas nas quais se produzem os atos de fala. Essa atitude marcou a Linguística da maior parte do século XX – a Linguística Estrutural.

Segundo Calvet (2002, p. 17), é Meillet, discípulo e contemporâneo de Saussure, quem confere um conteúdo mais preciso a noção de fato social:

Uma língua existe independentemente de cada um dos indivíduos que a falam e, mesmo que ela não tenha nenhuma realidade exterior a soma desses indivíduos, ela é contudo, por sua generalidade, exterior a eles [...] as características de exterioridade ao indivíduo e de coerção pelas quais Durkheim define o fato social aparecem na linguagem como evidência última.

Estudioso de questões diacrônicas e inspirado em Durkheim, Meillet utilizava em seus estudos linguísticos uma orientação diacrônica, mas acreditava que a história das línguas é inseparável da história da cultura e da sociedade. Definia a língua como um fato social e evolutivo: "Por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social." (MEILLET, 1921 *apud* CALVET, 2002, p. 16).

Meillet (1948, p. 16), considerava, portanto, a estrutura da sociedade como uma força determinante da mudança linguística, postulando que:

A língua é eminentemente um fato social. Tem-se frequentemente repetido que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam [...] porque se a realidade de uma língua não é qualquer coisa de substancial, ela não existe em menor grau. Essa realidade é, ao mesmo tempo, linguística e social² (Tradução nossa).

Para Meillet (1948, p. 17-18), a principal tarefa da linguística geral consiste em "determinar a que estrutura social corresponde uma estrutura linguística dada e como, de modo geral, as mudanças da estrutura social se traduzem nas mudanças de estrutura linguística"³ (Tradução nossa).

Segundo Calvet (2002), Meillet une, na sua concepção de língua, tanto o aspecto coletivo enfatizado por Saussure quanto a ideia de realidade social desenvolvida por Durkheim em sua interpretação da sociedade. Vê a mudança social como o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística, aproximando-se da posição a vir a ser adotada na Sociolinguística.

Bakhtin (1929 *apud* ALKMIN, 2008) também relacionou linguagem e sociedade, criticando o sistema abstrato de formas linguísticas, proposto por Saussure e trazendo a tona a noção de interação verbal/comunicação social, mas foi Benveniste quem, dentre os linguistas

² *La langage est éminemment un fait social. On a souvent repete que les langues n'existent pas em dehors des sujets qui les parlent [...] Car si la realité d'une langue n'est pas quelque chose de substantiel, elle n'em existe pas moins. Cette réalité est à la fois linguistique et sociale.*

³ *Déterminer à quelle structure sociale répond une structure linguistique donnée et comment, d'une manière générale, les changements de structure sociale se traduisent par des changements de structure linguistique.*

do século XX, trabalhou com esse tripé homem – linguagem – sociedade, considerando a língua como instrumento de análise da sociedade, que a contém e por essa razão a interpreta.

Contudo, o termo Sociolinguística, referente a uma subárea da Linguística, fixou-se somente em 1964, em um Congresso na Universidade da Califórnia - Los Angeles (UCLA), organizado por William Bright. Nesse congresso participaram estudiosos que viriam a ser referência nesse campo: Einar Haugen, José Pedro Rona, John Fisher, John Gumperz, William Labov e Dell Hymes. Em 1966, Bright publicou os trabalhos apresentados no congresso em um livro chamado *Sociolinguistics*, do qual ele mesmo escreveu o texto introdutório “As dimensões da sociolinguística”, onde define e caracteriza a área.

Para Bright (1966 *apud* LABOV, 2008), a Sociolinguística tem como objetivo relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às variações sociais observáveis nesta mesma comunidade. Define o objeto de estudo deste campo como sendo a variedade linguística, e determina uma série de fatores relacionados a esta variação: a identidade social do falante, a identidade social do ouvinte, o contexto social e o julgamento social das atitudes linguísticas.

Contrapondo a homogeneidade linguística, a separação entre *langue* e *parole* e a desconsideração aos fatores externos à língua postulados por *Saussure* e dando continuidade aos estudos de Bright (1966 *apud* LABOV, 2008), Labov passa a descrever a heterogeneidade linguística, fixando um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas – conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação.

Para Labov (2008, p. 13), é tão intrínseca a relação linguagem-sociedade que, na Introdução do livro Padrões Sociolinguísticos (*Sociolinguistic Patterns*), menciona que durante anos resistiu ao termo sociolinguística, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem sucedida, mas não social. O exame da importância dos fatores sociais no processo de mudança linguística sempre esteve no seio de seus estudos, os quais visavam demonstrar que a língua é heterogênea, está condicionada a fatores extralinguísticos e está experimentando constantemente um processo de mudança.

Defende que há uma variação na *parole*, ou fala, que deve ser estudada e o componente social é fundamental para o seu entendimento. Determina, assim, a língua falada, observada, descrita e analisada em situações reais de uso como seu objeto de estudo. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interage verbalmente e que compartilham um conjunto de normas a respeito aos usos linguísticos.

É nesse ponto que nossa pesquisa se apoia em Labov. Embora não façamos uma análise estatística nos moldes da Sociolinguística Variacionista, a nossa pesquisa se apoia no pressuposto laboviano de que a análise linguística não pode acontecer desvincilhada do componente social.

1.1.1 Variação e mudança linguística

Para Milroy (1987, p. 19)

Em vez de postular o contínuo da sociolinguística com um vernáculo local na parte inferior e um dialeto de prestígio no topo, com o movimento linguístico de indivíduos em uma direção geralmente para cima, podemos ver o vernáculo como uma força positiva: ele pode estar em conflito direto com normas padronizadas e ser utilizado como um símbolo pelos falantes para transportar significados sociais poderosos e assim resistente a pressões externas⁴ (tradução nossa).

Ao concentrar seus estudos na identificação dos processos de mudança linguística em desenvolvimento, comprovando a estreita ligação entre formas linguísticas e fatores sociais, Labov (2008) traz à tona a questão da relação íntima entre a língua e a sociedade para a Linguística, tendo-se em conta parâmetros de variação linguística como a geografia, a idade, a classe social dos falantes etc.

Labov (2008) diferencia Sociolinguística da Sociologia da Linguagem e Etnografia da Fala. Para esse autor, a Sociologia da Linguagem “centraliza sua atenção nos fatores sociais de larga escala que interagem mutuamente com línguas e dialetos” (LABOV, 2008, p. 216). Já a Etnografia da fala (HYMES, 1971), preocupa-se em descrever e analisar “padrões de uso de línguas e dialetos dentro de uma cultura específica” sendo um “estudo funcional concebido como complementar ao estudo da estrutura linguística” (LABOV, 2008, p. 216).

A Sociolinguística fixa-se, desse modo, como uma área da linguística que estuda a língua através de fatores externos, os quais caracterizarão a diversidade e a heterogeneidade linguística. Cabe a essa área de estudo, segundo Mollica (1989, p. 11):

Investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático [...] No

⁴ *Instead of positing a sociolinguistic continuum with a local vernacular at the bottom and a prestige dialect at the top, with linguistic movement of individuals in a generally upward direction, we may view the vernacular as a positive force: it may be in direct conflict with standardized norms, utilized as a symbol by speakers to carry powerful social meanings and so resistant to external pressures.*

conjunto de variáveis internas, encontram-se fatores de natureza fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais [...] No conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva)

Meyerhoff (2006, p. 296) descreve a Sociolinguística como:

O estudo da língua em uso, língua em sociedade, cujo campo é uma grande *tenda*: pode englobar trabalho feito em análise do discurso, estudos de interação, sociologia, antropologia, estudos culturais, feminismo, e também pode ser utilizado de modo muito mais restritivo para somente se referir a estudos variacionistas na tradição laboviana⁵ (Tradução nossa).

Essa descrição da autora revela uma das características da Sociolinguística, a interdisciplinaridade – foi exatamente devido a essa sua natureza interdisciplinar que houve alguns entraves em relação à conquista da sua verdadeira identidade como disciplina ou área do conhecimento. Por fundamentar-se também em princípios fornecidos por outras áreas do saber, a Sociolinguística recebeu colaboração das disciplinas Antropologia linguística, Sociologia da linguagem e Etnografia da comunicação, estas duas últimas inclusive confundidas com a Sociolinguística.

Consequentemente, com as pesquisas sociolinguísticas, variedades linguísticas pouco reconhecidas socialmente passaram a ser tomadas como igualmente válidas e dignas de estudo.

No que se refere à Antropologia linguística, cujos maiores expoentes foram Franz Boas (1858-1942), Edward Sapir (1884-1939) e Benjamin L. Whorf (1887- 1941), , linguagem, cultura e sociedade são consideradas fenômenos tão inseparáveis que linguistas e antropólogos trabalham lado a lado, de modo integrado.

Segundo Tagliamonte (2006, p. 3), a Sociolinguística entende que a linguagem existe no contexto e depende do falante que dela faz uso, de onde está sendo usada e por quê. Para essa autora, os falantes marcam sua história pessoal e sua identidade em sua fala, assim como suas coordenadas socioculturais, econômicas e geográficas.

A autora destaca que, para alguns pesquisadores, o termo Sociolinguística seria inclusive redundante, uma vez que a fala é, obviamente, social, não se pode estudá-la sem se referir à sociedade. A autora apresenta dois argumentos que ratificam essa afirmação: a noção

⁵ *Sociolinguistics is the study of language in use, language in society. The field of sociolinguistics is a big tent: it can encompass work done in discourse analysis, studies of interaction, sociology, anthropology, cultural studies, feminism etc. It can also be used much more restrictively to only refer to variationist studies in the Labovian tradition.*

de linguagem por si só é um conceito social, na medida em que é definida em termos de um grupo de pessoas que falam X; portanto, se você deseja definir qualquer língua, você tem que defini-la com base no grupo de pessoas que a falam; em segundo lugar, a fala tem uma função social, tanto como meio de comunicação e como uma maneira de identificar grupos sociais.

Língua e variação são inseparáveis: qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exibe sempre variações, uma vez que nenhuma língua apresenta-se como entidade homogênea, todas são representadas por um conjunto de variedades.

Zágari (2003, p. 139) complementam, respectivamente:

A mudança é uma característica essencial e necessária da língua; ela muda porque os homens mudam, porque não se pensa hoje como se pensava ontem, porque coisas mudam, porque coisas novas surgem e outras desaparecem. Ela muda, então, porque não está feita, mas se faz, continuamente, pela atividade humana. [...] Estudar as mudanças não é estudar desvios. Estudar as mudanças é estudar o fazer-se da língua.

Como assinalado no item anterior, a Sociolinguística encara essa diversidade linguística não como um problema, mas como qualidade constitutiva do fenômeno linguístico, fazendo da variação e mudança linguísticas seus principais objetos de estudo.

Podemos conceituar variação linguística como as diferentes manifestações e realizações da língua, decorrentes de fatores de natureza histórica, regional, social ou situacional, as quais podem ocorrer em nível fonético e fonológico, morfológico, sintático, lexical e semântico. Constituem tipos de variação:

- a) Variação diastrática ou social – relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Classe social, idade, sexo e situação ou contexto social são fatores que estão relacionados às variações de natureza social.
- b) Variação diatópica ou geográfica – relacionada a diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas.
- c) Variações estilísticas ou registros – a variação estilística ou de registro é o resultado da adequação da expressão às finalidades específicas do processo de interação verbal com base no grau de reflexão do falante sobre as formas que seleciona para compor seu enunciado. São as variações linguísticas relacionadas ao contexto, ocorrem quando os falantes diversificam sua fala, usam estilos ou registros distintos, em função das circunstâncias em que ocorrem suas interações verbais.

- d) Variação diafásica – variação relacionada a diferentes situações de comunicação, a fatores de natureza pragmática e discursiva: em função do contexto, um falante varia o seu registro de língua, adaptando-o às circunstâncias.
- e) Variação diacrônica – refere-se aos diferentes estágios pelos quais uma língua passa no decorrer do tempo. Determinadas lexias deixaram de ser usadas dando lugar a novas formas e há também as que permanecem, mas sofreram mudanças ao longo do tempo.

Para Labov (2008) toda a língua apresenta variação, que é sempre potencialmente um desencadeador de mudança. Como a mudança é gradual, é necessário passar primeiro por um período de transição em que há variação para, em seguida, ocorrer a mudança. Como a mudança e variação estão estreitamente relacionadas, é muito difícil estudar uma sem estudar a outra (CHAGAS, 2010, p. 149).

Sobre essa transição pela qual a língua passa antes que a mudança se estabeleça, Gabas Junior (2001, p. 81) pontua:

Toda língua falada no mundo está em constante processo de mudança. As mudanças que ocorrem, no entanto, não são imediatamente sentidas pelos falantes, nem estes falantes estão necessariamente conscientes de tais mudanças, pois as mudanças são lentas e graduais, são parciais, não envolvem o sistema linguístico como um todo e sofrem influência de uma força oposta, a força *de preservação da intercompreensão* (grifo nosso).

Segundo Coseriu (1977), em relação à mudança linguística há um delicado jogo de continuidade e de inovações: a língua nunca está pronta e é recriada a cada geração ou mesmo em cada situação de fala. Sendo recriada constantemente, está sujeita a alterações. Por outro lado, depende de uma tradição, já que cada falante diz as coisas de determinada maneira em grande parte porque é daquela maneira que se costuma dizer.

Reyes (2009, p. 197) complementa esse raciocínio: "A mudança linguística é produzida por esse contínuo da língua, pela atividade linguística, como tão bem descreveu Coseriu, mas tem de se considerar a influência do mundo que a língua categoriza" (Tradução nossa).⁶

⁶ *El cambio lingüístico se produce por esse continuo hacerse de la lengua, por la misma actividad lingüística, como tan bien lo há sabido por Coseriu, pero hayque tener em cuenta la incidencia del mundo, que la lengua categoriza.*

1.1.1.1 Redes sociais e mudança linguística

A teoria das redes sociais teve um grande impacto na investigação de como as inovações propagam-se pela sociedade (MEYERHOFF, 2006). Embora tenha sido introduzida na Sociolinguística por meio da Sociologia, o uso sistemático das redes sociais como base para a análise da variação linguística está associada às pesquisas realizadas por James e Lesley Milroy's em Belfast, Irlanda do Norte, a partir de 1975.

Ao estudarem variantes do inglês em três bairros de classe trabalhadora, os autores consideraram, para a análise dos dados, as redes de relacionamento existentes entre os falantes. Perceberam, então, que em um dos grupos estudados, as mulheres apresentavam variáveis mais próximas do vernáculo do que os homens, o que foi explicado pelo fato dessas mulheres pertencerem a redes densas, em função de certas interações e da questão do trabalho. Descobriram, assim, que os padrões para a mudança linguística que eles observaram estavam correlacionados de modo muito informativo com a teia de relações que compõem as redes sociais.

A partir desse estudo, consideram-se que as redes sociais são pelo menos tão importantes quanto as categorias macrosociais como classe, para compreender como as mudanças ocorrem e se propagam pela (s) comunidade (s).

Milroy (1992, p. 84) assim define as redes sociais: “os indivíduos têm contratos sociais uns com os outros indivíduos e a rede social diz respeito aos indivíduos e suas relações que podem ser ‘contratadas’ entre os mesmos e não baseadas primariamente em estruturas pre-definidas de um grupo”⁷ (Tradução nossa).

A partir desse conceito de redes sociais, o Milroy (1987) propõe o estudo da variação linguística baseado na análise de contatos informais de indivíduos que estão ligados entre si por redes de relacionamentos. A *densidade* e a *multiplexidade* dessas relações, segundo esse conceito, podem tornar essa comunidade mais ou menos receptiva aos padrões linguísticos normatizadores.

Entenda-se por redes densas e multipléxicas aquelas em que as várias atividades de interação verbal são desempenhadas pelas mesmas pessoas; quando, por exemplo, a rendeira é, ao mesmo tempo, cunhada, vizinha, colega de profissão e frequentadora dos mesmos locais de outra rendeira.

⁷ *Individuals have social contracts with other individuals, because social network is about individuals and the relationships that can be contracted between them, and not primarily based on pre-defined group structures.*

Nas comunidades urbanas, as redes sociais são menos densas, já que cada indivíduo só se relaciona com uma parcela reduzida do conjunto de indivíduos da comunidade e os indivíduos têm um papel definido nas relações, sendo, portanto, *uniplex*. Esse tipo de comunidade é mais receptiva à influência de padrões institucionais e de prestígio social. Já em comunidades mais fechadas e tradicionais, como em Raposa, as que existem na zona rural, a rede de relações sociais é mais densa e multiplexa, tornando essas comunidades menos receptivas à normalização linguística em processos de mudança de cima para baixo.

De acordo com Milroy (1987), as redes densas e multipléxicas das comunidades pequenas e tradicionais, onde todos se conhecem, funcionam como um mecanismo de reforço da norma partilhada entre os falantes de uma comunidade linguística.

O tratamento dado por Milroy à mudança linguística a partir das relações sociais é de grande importância para nosso estudo, pois nos dará o devido suporte para observarmos em que medida as rendeiças interagem numa rede mais ou menos densa e em que sentido essa interação influencia no universo lexical por elas utilizado.

1.2 Léxico, cultura e sociedade

Essa mudança de postura, apresentada no item 1.1.1, teve consequências nos estudos do léxico: a principal delas foi a concepção clara de que o léxico já não pode ser encarado meramente como o repositório das unidades lexicais e suas respectivas idiossincrasias, mas, antes, como uma componente da gramática que, apesar das suas especificidades (tais como o fato de ser um sistema aberto e em expansão), apresenta as suas regularidades próprias e uma forma de estruturação específica, uma vez que reflete a cultura dos falantes que dele fazem uso.

Estudar o universo lexical de um grupo significa analisar tanto suas características sociais, quanto culturais, ou seja, estudar o sujeito falante inserido em um contexto sócio-linguístico-cultural. As características desse contexto são refletidas na língua, uma vez que, por ser uma das criações humanas e instrumento social de comunicação, a língua existe “intimamente ligada à cultura de um povo. É ao mesmo tempo elemento da cultura e instrumento dessa mesma cultura” (CARDOSO, 1988, p. 231). Como cada grupo humano possui uma história e um modo de viver específicos; as línguas, também, são marcadas pelos traços destas atividades socioculturais específicas.

Por essas razões, torna-se bastante produtiva uma pesquisa que vise ao estudo do léxico de uma dada comunidade de fala, tomando como base tanto os princípios da Sociolinguística quanto da Antropologia Linguística.

Acreditando que a cultura se expressa na língua, é o léxico o nível linguístico que mais revela o ambiente físico e social dos falantes de uma dada comunidade. Por abrigar todas as unidades formadoras do sistema linguístico e estas unidades, por sua vez, serem criadas a partir das necessidades linguístico-expressivas e interesses de uma comunidade em reportar-se a novos elementos, é no nível lexical que são registrados os costumes, ideologias e técnicas de um grupo social. Conforme afirma Fiorin (2001, p. 115), “O léxico de uma língua forma-se na história de um povo”.

Costa e Isquerdo (2014, p. 145) complementam: “Coabitam, pois, no Brasil, uma norma geral, que identifica o Português do Brasil, assim como diversas normas regionais, que singularizam a língua falada nas diferentes regiões administrativas do país.”

1.3 Língua e cultura

Em sua obra *Lenguage y Cultura*, Velarde (1991) contrapõe cultura à natureza. Para o autor, a natureza englobaria tudo aquilo que está dado ao homem de maneira imediata, quer seja algo inato do ser humano, quer seja a realidade que o rodeia. A cultura, por outro lado, significaria o conjunto do que o homem tem feito com o que lhe é dado pela natureza: o que ele fez com as coisas que estão ao seu redor, com outras pessoas e consigo mesmo - conhecendo, adotando atitudes, agindo e criando. A palavra cultura inclui, portanto, para o autor, o que se chama civilização material e espiritual, ou seja, todos os produtos da atividade humana.

Velarde, (1991, p. 11) destaca a etimologia da palavra cultura:

O termo cultura provém do mundo latino. O verbo *colere* tinha em latim um significado triplo: físico (cultivar a terra), ético (cultivar-se, segundo o ideal da humanidade) e religioso (cultuar a Deus). No âmbito da antropologia sociocultural, cultura designa um conjunto de três fatores: o instrumento técnico ou, em geral, a técnica (agricultura, casa, pecuáriaetc); a norma (costumes, instituições, leis) e a representação simbólica (língua, mito, religião). 8 (Tradução nossa)

⁸ *El término cultura proviene del mundo latino. El verbo colere poseía en latín un triple significado: físico (cultivar la tierra), ético (cultivar-se, según el ideal de la «humanitas» y religioso (dar culto a Dios). Em el ámbito de la antropología sociocultural, cultura designa un conjunto de três factores: el instrumento técnico, o, em general, la técnica (agricultura, caza, ganadería...); la norma (costumbres, instituciones, leyes); y la representación simbólica (lenguaje, mito, religion).*

Velarde (1991) relaciona esses três fatores culturais com três verbos de grande tradição cultural no Ocidente: fazer, agir e saber, conceituando cultura como o conjunto dessas três atividades e o resultado dessas atividades, o que diferencia concretamente a cultura da natureza.

Velarde (1991, p.11) aponta, ainda, a importância de não se deixar a cultura à margem das abordagens metodológicas que investigam a linguagem:

O produto cultural, por excelência, da atividade do homem, está representado pelas línguas, vinculadas à capacidade especificamente humana da linguagem. Não obstante a múltipla e essencial conexão da linguagem com o homem, o panorama da ciência da linguagem tem predominado neste século, e talvez até continuem a predominar também abordagens metodológicas que tentam tratar as línguas marginalizando o homem tanto quanto possível.⁹ (Tradução nossa)

Velarde (1991, p. 27) pontua que, por ser uma atividade livre do homem e ao mesmo tempo um produto dessa atividade, a linguagem constitui um fenômeno cultural:

Todo o ato linguístico é um ato criador, que se funda em um saber. Enquanto ato criador, a linguagem possui todas as características daquelas atividades criadoras do espírito cujos resultados não são materiais, ou em que o material não é o determinante, e que se chamam conjuntamente de cultura.”¹⁰ (Tradução nossa).

Citando Coseriu (1977 *apud* VELARDE, 1991), lembra que a linguagem é não somente uma forma de cultura, como também talvez a mais universal de todas e a primeira que distingue imediatamente o homem dos demais seres da natureza, como pontuamos no item 1.1.

A linguagem, enquanto objeto cultural, se distancia radicalmente dos objetos naturais, os quais “pertencem ao mundo da necessidade, governado por causas que produzem determinados efeitos” (COSERIU, 1981 *apud* VELARDE, 1991, p. 27-28), e dá como exemplo dos objetos naturais a água, que ferve a 100°. Já os objetos culturais pertencem ao mundo da liberdade e são atividades e criações livres do homem, cujos produtos não estão determinados por causas ou leis, mas se produzem com vistas a uma finalidade (COSERIU, 1981 *apud* VELARDE, 1991).

⁹ *El producto cultural, por excelencia, de la actividad del hombre está representado por las lenguas, vinculadas a la capacidad específicamente humana del lenguaje. No obstante la múltiple y esencial conexión del lenguaje con el hombre, en el panorama de la ciencia del lenguaje han predominado ampliamente en este siglo, y quizá sigan aún predominando, los enfoques metodológicos que intentan tratar las lenguas marginando al hombre todo lo posible.*

¹⁰ *Todo acto lingüístico es un acto creador, que se funda en un saber. En cuanto acto creador, el lenguaje posee todas las características de aquellas actividades creadoras del espíritu cuyos resultados no son materiales, o en que lo material no es lo determinante, y que se llaman conjuntamente cultura.*

Velarde também cita Porzig (1964 *apud* VELARDE, 1991) ao ressaltar que “a linguagem *fundamenta la comunidad sobre la cual edifica toda la cultura humana*”¹¹, na medida em que a comunidade linguística é o primeiro pressuposto para que as relações humanas comuns se realizem, ou seja, é condição prévia para a cultura.

O autor chama, também, atenção para o fato de que dizer que a linguagem reflete a cultura não linguística de um povo não significa dizer que se pode fazer uma correlação entre o grau de desenvolvimento cultural de determinada comunidade e a língua falada por ela.

Outros teóricos partilham de concepções semelhantes: para Velarde (1991, p. 42), quando Hegel afirma que a linguagem é a atualidade da cultura, quer dizer que manifesta os saberes, as ideias e crenças acerca da realidade conhecida e também acerca das realidades sociais e da própria linguagem enquanto parte da realidade.

Para John Dewey (1950 *apud* VELARDE, 1991, p. 52), a linguagem dota a experiência humana de uma nova dimensão, na medida em que

O mundo circundante do homem se dilata, o mundo em torno do homem se expande, cresce muito além do empobrecido mundo exterior dos físicos e dos naturalistas, para constituir-se em um âmbito natural-culturalmente condicionado. Com a linguagem se irrompe, pois, a cultura. A nova dimensão que a linguagem fornece não somente torna possível a sociedade humana no que tem de específico e irreduzível, assim como torna possível a tradição, ou seja, a transmissão de conhecimentos, técnicas, de artes, de informações, e hábitos adquiridos.¹²

Segundo esse autor, se, enquanto condição da cultura, a linguagem aparece como o fator que a torna possível, enquanto produto, ela se apresenta como característica diferenciadora do mundo humano, que gera uma nova dimensão, a dimensão cultural.

De acordo com a escola idealista, na qual está Karl Vossler (1871 – 1949), a linguagem é uma atividade humana e não uma configuração acabada, autônoma, sujeita às leis mecânicas; é arte, criação pois quem fala atua na verdade como sujeito criador. Para os idealistas, a linguagem quando utilizada para as relações entre indivíduos não é uma questão individual, mas coletiva, faz referência à realidade empírica, é definida e muda de acordo com as necessidades culturais de cada comunidade linguística e, conseqüentemente, deve ser considerada em segundo lugar não como criação, mas como evolução (VELARDE, 1991).

¹¹ A linguagem fundamenta a comunidade sobre a qual se edifica toda a cultura humana (PORZIG, 1964 *apud* VELARDE, 1991, p. 28) (Tradução nossa)

¹² El «mundo circundante» del hombre se dilata, así mucho más allá del empobrecido mundo exterior de los físicos y de los naturalistas, para constituirse en un ámbito «natural – culturalmente » condicionado. Con el lenguaje se irrumpe, pues, en el «seno cultural». La «nueva dimensión» que el lenguaje aporta no sólo hace posible la sociedad humana, en lo que tiene de específico e irreduzible, sino que, con ella, hace también posible la tradición, es decir, la transmisión de conocimientos, de técnicas, de artes, así como de informaciones, capacidades y hábitos adquiridos.

Para Baldinger (1985 *apud* VELARDE, 1991, p. 19) "Vossler teria errado, ao querer voltar tudo para a história da cultura e para a história das ideias, até mesmo o adjetivo e o uso do subjuntivo, mas deixou fixada a estreita relação entre a história das ideias e a história da língua, no campo do vocabulário das ideias"¹³ (Tradução nossa).

Velarde (1991) ressalta que Saussure conclui o Curso de Linguística Geral afirmando que a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma e que, para ele, as relações entre linguagem e cultura – entendendo que esta engloba a vida social, econômica e política - não constitui tema central da linguística.

O autor pontua o fato do Curso ter sido editado pelos discípulos de Saussure, mas afirma que, ainda assim, acredita ser esse o pensamento de Saussure, pelo que postulou em seu livro de haver uma linguística externa e uma linguística interna que deveriam estar separadas e a interna ocupando o primeiro plano como ciência da linguagem.

Bally, um de seus discípulos, sustentava que não há nenhum paralelismo entre linguagem e cultura (BALLY, 1951 *apud* VELARDE, 1991). Velarde (1991) destaca que, numa visão totalmente oposta à de Saussure, Vossler defende a necessidade de se relacionar cada língua com cada época de sua história, cultura e ideologia de seus falantes.

1.3.1 Teorias da Cultura

Segundo Duranti (1997, p. 94), uma das afirmações que mais enfaticamente postula que nosso modo de pensar o mundo está influenciado pela linguagem que usamos para nos comunicar se encontra no artigo de Sapir, datado de 1929:

É uma ilusão imaginar que nos adaptamos a realidade sem a utilização da linguagem, e que ela é um mero instrumento incidental de solucionar problemas determinados na comunicação ou reflexão. O fato é que o “mundo real” está em grande medida inconscientemente construído sobre os hábitos linguísticos de um grupo. Não há duas línguas que sejam bastante parecidas para que se considere que representam a mesma realidade social. Os mundos que habitam as diferentes sociedades são mundos diferentes, não um mesmo mundo com diferentes rótulos.

Para Sapir (1969), a linguagem tem um papel ativo na construção da nossa imagem do mundo, a qual varia de acordo com o sistema linguístico empregado. Essa ideia foi assimilada e desenvolvida dez anos mais tarde por Benjamin Whorf e denominada princípio do relativismo linguístico (também conhecida como Hipótese Sapir-Whorf): é a língua de uma

¹³ *Vossler se equivocó queriendo volver a llevar todo a la historia de la cultura y a la historia de las ideas, incluso el artículo partitivo y el empleo del subjuntivo, pero dejó sentada la estrecha relación existente entre la historia del pensamiento y la historia de la lengua en el sector del vocabulario de las ideas.*

determinada comunidade que organiza sua cultura, isto é, a maneira como esse povo absorve a realidade e a representação que constrói do mundo.

Essa teoria gerou duas interpretações, uma considerada mais forte e outra mais fraca: segundo a interpretação mais forte, existe, na teoria, um determinismo linguístico em que as estruturas da língua impõem uma forma de pensar e ver o mundo; já para a interpretação mais fraca, não há um determinismo, mas sim uma relatividade linguística, ou seja, a língua e a cultura são capazes de relativizar o pensamento. Neste trabalho, adotamos uma visão moderada dessa teoria do relativismo linguístico: a linguagem influencia o pensamento, mas não ao ponto de forçar os sujeitos a pensar de uma determinada forma.

Fato é que por trás do princípio do relativismo linguístico, existe uma importante relação entre linguagem, pensamento e cultura. Essa relação é de tal modo inegável que em algumas teorias da cultura, a linguagem desempenha um papel decisivo. Duranti (1997) expõe em sua “Antrologia Linguística” seis dessas teorias:

i) A cultura como algo diferente da natureza

De acordo com Duranti (1997, p. 50-51), a ideia de uma oposição entre cultura e natureza foi introduzida na antropologia americana por Franz Boas, influenciado pela filosofia de Kant, de que o ser humano existe devido a seu espírito livre e não às leis naturais que governam a fisiologia humana.

Dentro dessa perspectiva, a linguagem faz parte da cultura. Mais especificamente, as linguagens servem para categorizar o mundo natural e cultural. As linguagens são valiosos sistemas de classificação (taxonomias) que podem aportar indícios inestimáveis sobre as crenças e práticas culturais. Esses sistemas de classificação são arbitrários, pois de outro modo, como se poderiam explicar as diferenças entre os vocabulários e os campos semânticos de línguas distintas?¹⁴ (Tradução nossa).

ii) A cultura como conhecimento

Para Duranti (1997, p. 52)

Se a cultura se apreende, então podemos pensar uma grande parcela sua enquanto conhecimento de mundo. Concebê-la como conhecimento não significa somente que os membros de uma cultura devam saber certos fatos ou sejam capazes de reconhecer objetos, lugares e pessoas. Significa também que devem compartilhar certos modelos de pensamento, modos de compreender o mundo, de fazer inferências e predições¹⁵ (Tradução nossa).

¹⁴ Desde esta perspectiva, el lenguaje forma parte de la cultura. Más específicamente, los lenguajes sirven para categorizar el mundo natural y cultural. Son valiosos sistemas de clasificación (taxonomias) que pueden aportar inestimables indicios sobre las creencias y prácticas culturales. Estos sistemas de clasificación son arbitrarios, pues de otro modo, cómo podrían explicarse la diferencias entre los vocabularios y los campos semánticos de las distintas lenguas?

¹⁵ Si la cultura se aprende, entonces un gran parte de ella puede pensarse em términos de conocimiento del mundo. Esto nos significa solamente que los miembros de una cultura deban saber ciertos hechos o ser capaces

Segundo essa corrente cognitiva, a cultura de uma sociedade é definida, para Goodenough (1964 *apud* DURANTI, 1997, p. 52-53), como:

[...] tudo que se deve conhecer ou acreditar a fim de agir de uma maneira aceitável para seus membros, qualquer papel que eles aceitem para si próprios. A cultura, entendida como aquilo que diferencia o que aprendemos da nossa herança cultural, deve consistir no produto final da aprendizagem, que é o conhecimento, em um sentido mais geral e relativo.¹⁶ (Tradução nossa).

Nessa perspectiva, conhecer uma cultura se assemelha a conhecer uma linguagem, visto que ambas são realizações mentais, e, principalmente, descrever uma cultura é como descrever uma linguagem. O objetivo das descrições etnográficas é descrever a “gramática cultural” dos povos. As expressões conhecimento proposicional e conhecimento procedimental são centrais na corrente cognitiva: o conhecimento proposicional diz respeito às crenças que podem ser representadas por meio de proposições. É o tipo de conhecimento prático sobre “o que se sabe” que os etnógrafos deduzem a partir das respostas dos informantes. Já o conhecimento procedimental é a informação de “como se sabe”, que o pesquisador infere a partir da observação do modo como as pessoas realizam tarefas do dia-a-dia e resolvem seus problemas (DURANTI, 1997, p. 53):

A linguagem é entendida como um grupo de proposições sobre o que o falante sabe (enquanto membro de uma sociedade ou comunidade linguística). Os antropólogos cognitivos baseiam-se no conhecimento das categorias linguísticas e de suas relações para defender que formar parte de uma cultura significa compartilhar (minimamente) o conhecimento proposicional e as normas de inferência necessárias para compreender se certas proposições são verdades (a partir de certas premissas)¹⁷ (Tradução nossa).

iii) A cultura como comunicação.

A teoria semiótica da cultura sustenta que essa é um sistema de signos; “uma representação do mundo, um modo de se dar sentido a realidade objetivizando-a em histórias, mitos, descrições, teorias, provérbios, produtos artísticos e espetáculos” (DURANTI, 1997, p. 60).

de reconocer objetos, lugares y personas. También significa que deben compartir ciertos modelos de pensamiento, modos de entender el mundo, de hacer inferencias y predicciones.

¹⁶ [...] *todo lo que uno debe conocer o creer a fin de obrar de una manera aceptable para sus miembros, cualquier papel que ellos acepten para si mismos. La cultura, entendida como aquello que diferencia lo que aprendemos de nuestra herencia cultural, debe consistir en el producto final del aprendizaje, que es conocimiento, em um sentido más general y relativo*

¹⁷ [...] *se entiende que el lenguaje es un grupo de proposiciones sobre lo que el hablante (como miembro de una sociedad o comunidad linguística) sabe (o cree) [...] Los antropólogos cognitivos se basan en el conocimiento de las categorías linguísticas y de sus relaciones para defender que formar parte de una cultura significa compartir (mínimamente) el conocimiento proposicional y las normas de inferencia necesarias para comprender si ciertas proposiciones son verdad (a partir de ciertas premisas).*

Um dos seguidores dessa corrente, o antropólogo francês Claude Lévi-Strauss, “sustenta que a mente humana é a mesma em todos os lugares e as culturas são aplicações distintas das mesmas propriedades lógicas abstratas do pensamento, que todos os seres humanos compartilham e adaptam às suas respectivas condições de vida”¹⁸ (DURANTI, 1997, p. 60, tradução nossa).

Segundo Duranti (1997), Geertz também entende a cultura como comunicação; no entanto, ao contrário de Lévi-Strauss, não acredita que as diferenças culturais sejam variações de uma capacidade humana idêntica e inconsciente para o pensamento abstrato. Geertz se interessa por encontrar caminhos de compreensão da cultura humana antes de tentar explicá-los por meio de teorias que utilizem regras gerais de conduta. Contempla a cultura como um produto da interação humana, suscetível de ser interpretada. Segundo essa perspectiva, as manifestações culturais são atos de comunicação.

iv) A cultura como um sistema de mediação.

A teoria da cultura como uma atividade de mediação entre as pessoas e o mundo que em habitam (mental e fisicamente) não é senão uma extensão da noção de linguagem como sistema de mediação, linguagem como produto histórico e, que portanto, deve ser entendida dentro do contexto que a produziu (DURANTI, 1997, p. 71).

Falar da linguagem como uma atividade de mediação significa falar da linguagem como uma ferramenta tanto para reproduzir quanto para mudar a realidade. Essa teoria aproxima-se da teoria da linguagem como atos de fala.

Em ambos os casos a linguagem é um instrumento de ação, conceito que segundo Duranti (1997, p. 72), aproxima-se bastante do de Sapir: “uma ampla variedade de atos constitui a linguagem em sentido estrito, no sentido de que os atos não importam para nós devido à função imediata que desempenham, mas porque servem como sinais de mediação para eventos mais importantes (tradução nossa)¹⁹.”

A cultura como sistema de práticas.

Essa noção surgiu com o movimento intelectual do pós-estruturalismo, no qual Duranti (1997) destaca as contribuições de Bourdieu.

¹⁸ *Lévi-Strauss parte del supuesto de que la mente humana es la misma em todos los lugares, y de que las culturas son aplicaciones distintas de las mismas propiedades lógicas abstractas del pensamiento, que todos los seres humanos comparten y adaptan a sus respectivas condiciones de vida.*

¹⁹ *Una amplia variedad de actos son lenguaje em sentido estricto, esto es, no tienen importancia para nosotros debido a la función inmediata que realizan, sino porque sirven de signos de mediación para realizar actos más importantes*

Para Bourdieu (DURANTI, 1997, p. 75), a língua é em si mesma um conjunto de práticas que integram não somente um sistema particular de palavras e regras gramaticais, senão também uma luta frequentemente esquecida, por ostentar o poder simbólico de uma modalidade de comunicação específica, com seus próprios sistemas classificatórios, formas de referência e tratamento, léxicos especializados e metáforas (para a política, a medicina e a ética).

Um certo enunciado linguístico pode realizar uma ação somente na medida em que há um sistema de disposições, a que Bordieu (DURANTI, 1997, p. 76) denomina *habitus*, compartilhado por uma comunidade. Esses sistemas, cujos atos de fala reproduzem diariamente as instituições como a escola, família, local de trabalho, as quais atribuem e gerenciam seus significados, não se estabelecem somente para excluir os demais, mas também para manter aqueles que estão dentro delas sob seu controle, para assegurar-se que os atos que realizam e os significados que atribuem a tais atos permanecem dentro de um marco aceitável.

Duranti (1997, p. 76) destaca a importância dessas reflexões, uma vez que relacionam os atos individuais a marcos de referência mais amplos, incluindo a noção de comunidade, conceito que está no seio dos debates da sociolinguística e da antropologia linguística.

v) A cultura como um sistema de participação.

A ideia da cultura como um sistema de participação se relaciona com a cultura como um sistema de práticas, e se baseia no pressuposto de que a comunicação verbal, como qualquer ação no mundo, é de natureza inerentemente social, coletiva e participativa. Essa noção de cultura é particularmente útil para observar o funcionamento da linguagem no mundo real, porque usar uma língua significa poder participar em interações com um mundo que é sempre maior que os habitantes e uma dada situação. As palavras levam em si mesmas centenas de possibilidades para nos conectarmos com outros seres humanos, outras situações, acontecimentos, atos, crenças e sentimentos. Isso se deve a capacidade que a linguagem tem para descrever o mundo, assim como para conectarmos com outros habitantes, objetos, lugares e épocas, reafirmando em cada momento uma dimensão sociohistórica frente a outras da ação humana. Assim, pois, a *dèixis* da linguagem faz parte da constituição de qualquer ato de fala como ato de participação em uma comunidade de falantes de uma língua²⁰ (Tradução nossa).

²⁰ *La idea de la cultura como un sistema de participación se relaciona con la cultura como un sistema de prácticas, y se basa en el supuesto de que la comunicación verbal, como cualquier acción en el mundo, es de naturaleza inherentemente social, colectiva y participativa. Esta noción de la cultura es particularmente útil para observar el funcionamiento del lenguaje en el mundo real, porque usar una lengua significa poder participar en interacciones con un mundo que es siempre más grande que nosotros, hablantes individuales, e incluso más grande que lo que podemos ver y tocar en una situación dada. Las palabras llevan en sí mismas cientos de posibilidades para conectarnos con otros seres humanos, otras situaciones, acontecimientos, actos, creencias y sentimientos. Esto se debe a la capacidad que tiene el lenguaje para describir el mundo, así como para conectarnos con SUS habitantes, objetos, lugares y períodos, reafirmando en cada momento una dimensión sociohistórica frente a otras de la acción humana. Así, pues, la *dèixis* del lenguaje forma parte de la constitución de cualquier acto de habla como acto de participación en una comunidad de hablantes de una lengua.*

Duranti (1997) chama a atenção para o fato de cada uma das teorias de cultura, aqui apresentadas, destacar um aspecto específico dos sistemas linguísticos, contribuindo para a nossa compreensão da cultura como fenômeno complexo.

Destaca também que, se por um lado, cada teoria supõe um plano de investigação próprio, todas juntas formam um arcabouço para o estudo da cultura e para a análise da língua como ferramenta social e conceitual, produto e instrumento da cultura.

1.3.2 Cultura popular e léxico

A noção de cultura popular é relativamente recente, tendo surgido na Europa com o movimento romântico de inícios do século XIX, justamente quando aumentou a separação entre os conceitos de cultura de elite e cultura popular (ORTIZ, 1994). Esse mesmo autor, por sua vez, prefere a expressão culturas populares a cultura popular, pelo fato desta ser heterogênea, plural, e suas diferentes manifestações folclóricas não se inserirem no interior de um sistema único, nem partilharem traços em comum.

Tais manifestações ocorreram num determinado contexto histórico-cultural, o qual, segundo Coseriu (1982), abrange tudo o que pertence à tradição cultural duma comunidade e, ao integrar sua história espiritual constitui uma forma peculiar de contexto também histórico. Assim, a tradição é mantida pelo esforço de celebrações sucessivas, pois a memória de um grupo social existe enquanto vivência.

Câmara Junior (1972, p. 266) caracteriza a língua como um microcosmo da cultura: “Tudo o que a cultura possui, se expressa através da língua; mas também a língua em si mesma é um dado cultural. Mas, como ao mesmo tempo a língua integra em si toda cultura, ela deixa de ser esse fragmento para ascender à representação em miniatura de toda a cultura”.

No tocante a essa relação entre linguagem e cultura, Boas, segundo Duranti (1997) viu-se fascinado pelas diferentes maneiras que as línguas têm de classificar o mundo e a experiência humana. Utilizando seus conhecimentos de línguas ameríndias, mostrou que o modo como as línguas classificam o mundo é arbitrário, afirmou, também, que cada língua tem sua própria forma de construir um vocabulário que divide o mundo e estabelece categorias de experiência (arbitrariedade das línguas).

Edward Sapir (DURANTI, 1997, p. 89) deu continuidade e ampliou o interesse de Boas pelas línguas, acreditando que essas eram imprescindíveis para o desenvolvimento da cultura. Além disso, criticou arduamente qualquer tentativa de classificar algumas línguas como mais “primitivas” que as outras.

A cultura popular será por nós tratada como a cultura característica de um povo, que reflete as suas especificidades e recupera seus valores, sua história e suas tradições. Sendo o léxico o nível da língua que melhor traduz e documenta uma cultura, o acervo lexical resultante desta pesquisa, será, a um só tempo, uma salvaguarda vocabular e cultural das rendeiras de Raposa.

1.4 Conceitos fundamentais em Lexicologia

O universo semântico se estrutura em dois polos opostos: o indivíduo e a sociedade. Dessa tensão em movimento se origina o léxico. (BIDERMAN, 2001, p. 139).

A partir dos anos 60, os trabalhos de Labov trouxeram a questão da relação íntima entre a língua e a sociedade para a Linguística, tendo-se em conta parâmetros de variação linguística como a geografia, a idade, a classe social dos falantes etc. Com os trabalhos da Sociolinguística, variedades linguísticas pouco reconhecidas socialmente passaram a ser tomadas como igualmente válidas e dignas de estudo.

Ao nível dos estudos do léxico, esta mudança teve consequências; a principal delas foi a concepção clara de que o léxico já não pode ser encarado meramente como o depósito das unidades lexicais e suas respectivas idiossincrasias, mas antes como uma componente da gramática que, apesar das suas especificidades (tais como o fato de ser um sistema aberto e em expansão), apresenta as suas regularidades próprias e uma forma de estruturação específica, além de refletir a cultura dos falantes que dele fazem uso.

A Lexicologia poderia ser definida, então, como a disciplina científica que se ocupa do estudo do léxico de uma língua e como o estudo dos mecanismos de produção e de atualização dos itens lexicais, considerando-se a dimensão social na análise da significação.

Sua definição, sua legitimidade como ciência e sua área de abrangência foram bastante questionadas entre os estudiosos, visto que o léxico, por ser um sistema aberto e em expansão, é uma área difícil de receber uma abordagem sistêmica e ser formalizado em regras.

Para Biderman (1981), a Lexicologia estuda as palavras de uma língua em todos os seus aspectos e tem uma ligação com a semântica. Costuma ser definida como “*a ciência do léxico numa língua*” e estuda o relacionamento das palavras com os restantes subsistemas da língua, incidindo, sobretudo, na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações.

Dessa forma, é preciso entender o léxico também como o conjunto de lexias que cada indivíduo retém na memória e que possibilita a transmissão de pensamentos, ideias, desejos, emoções, a cada ato de fala. Biderman (1998, p. 81) considera que “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos – as palavras.”

Aliás, em torno do conceito de palavra existem definições adversas, terminologias e tendências, quanto à sua concepção e uso. Biderman (1998, p. 73), diz que “a noção de palavra varia conforme o nível de consciência do falante”.

Vilela (1979, p. 17) considera ser a palavra o elemento significativo que constitui o sistema basilar da língua. Reconhece as várias acepções dadas, e considera o lexema como a principal unidade do léxico e esclarece: “Se a palavra é difícil de definir, a intuição dos falantes apercebe-se dela e assegura que ela existe”.

Segundo Coseriu (1977), o objeto de estudo dessa ciência é a estrutura do vocabulário da língua, sua composição, variedade, origem, mudanças históricas e adaptação às condições sociais da comunidade.

O linguista Coseriu (1980), através de seus estudos, substitui o vocábulo Lexicologia por Lexemática. Para ele, a significação lexical – objeto da Lexemática – parte como conteúdo das palavras lexicais e distingue-se de outros tipos de significado, tendo um valor de existência presente nas frases.

Considerando Matoré (1953), lexicólogo francês, a Lexicologia é uma disciplina sociológica que se utiliza das palavras como material linguístico; essa possui um caráter interdisciplinar, em que o nível lexical é o menor de todos os níveis da língua, dada a necessidade de recorrer sempre a elementos extralinguísticos no processo de explicação do significado de determinadas lexias. Atualmente, com o estatuto da Lexicologia como disciplina linguística, essa é uma concepção que merece ser, no mínimo, revista, por ser já ultrapassada.

Lexicologia, hoje, é também vista como o estudo dos mecanismos de produção e de atualização dos itens lexicais, o que não significa que se deva deixar de valorizar a dimensão social na análise da significação; pelo contrário, dá-se pela a recuperação de pontos relacionados ao contexto externo que influenciam a definição do significado.

A esse respeito, Biderman (1998, p. 11 e 12) afirma:

O léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no

percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao identificar semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam esses referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. É esse processo de nomeação que gerou e gera o léxico das línguas naturais.

O estudo do léxico possui uma grande tradição. Já na Linguística Românica, entre os séculos XIX e XX, assinala-se a produção de trabalhos em três áreas da Lexicologia, evidenciando a relação entre léxico e cultura: i) a Semântica Evolutiva ou História das Palavras; ii) o domínio conhecido como de “Palavras e Coisas”; iii) a Geografia Linguística.

Nas décadas de cinquenta e sessenta, com a Teoria da Informação, a Lexicologia sofreu um grande impulso teórico, pois foram produzidos trabalhos e pesquisas relacionados a estudos quantitativos e probabilísticos em torno do léxico. Surgia a preocupação de estudiosos e pesquisadores quanto à definição do objetivo da Lexicologia.

Contemporaneamente, o tratamento dado ao léxico tem propostas, teórico-práticas, provenientes das mais diversas correntes da Linguística, principalmente, do Estruturalismo.

O estudo lexicológico moderno parte da noção da palavra como unidade de significação formada por elementos foneticamente articulados e inseparáveis, com possibilidades de comutação em vários níveis.

Antunes (2007, p. 42) define o léxico da seguinte forma:

O léxico é um conjunto relativamente extenso de palavras, à disposição dos falantes, as quais constituem as unidades de base com que construímos o sentido de nossos enunciados. [...] É mais do que uma lista de palavras à disposição dos falantes. É mais do que um repertório de unidades. É um depósito dos recortes com que cada comunidade vê o mundo, as coisas que a cercam, o sentido de tudo.

Apesar da coerência da definição de Antunes (2007), o termo *palavra* não alcança tudo o que cabe na conceituação de léxico. Biderman (2001, p. 169-171) pontua ainda que há imprecisões inerentes tanto ao termo *palavra* quanto a *vocábulo*, e pontua que, por entenderem que esses termos se prestam a imprecisões, os linguistas adotaram os termos *lexema*, para designar a unidade léxica abstrata em língua e *lexia*, para a manifestação dessas formas no discurso. A autora ainda contrasta os termos léxico (acervo dos lexemas de uma língua) a vocabulário (conjunto de lexias registradas na obra de um autor, por exemplo) (BIDERMAN, 2001).

Optamos pela nomenclatura vocabulário das rendeiras por entendermos o léxico como todo o acervo vocabular de uma língua, em que se incluem todas as lexias: as existentes, as que caíram em desuso e, inclusive, as que são passíveis de existir. Inserido no léxico da

língua, há, ainda o léxico mental, que é tanto o conjunto de unidades léxicas armazenadas na memória de longo prazo, sempre presente quando participamos de um ato de fala, quanto o conhecimento internalizado de padrões gerais de estruturação que permitem a interpretação ou produção de novas unidades lexicais. Este subdivide-se em léxico real e virtual. Enquanto que é no léxico real que se encontra o conjunto total de palavras da língua, o léxico virtual abrange o conjunto de padrões que determinam as construções lexicais possíveis e sua interpretação.

Em relação a essas possibilidades de novas construções lexicais, Ferraz (2006) ressalta que a mudança, uma característica das línguas naturais, é mais evidente no léxico, uma vez que o léxico é um fenômeno permanente e a inovação lexical é um recurso das línguas para sua continuidade, é prova da vitalidade da língua. Como o léxico categoriza o conhecimento humano na forma de palavras, Biderman (1998) lembra que o crescimento do léxico faz-se numa progressão geométrica, devido à criação contínua de palavras novas, o que faz com que a possibilidade de sua ampliação seja praticamente infinita.

O vocabulário, por sua vez, é o conjunto de lexias de que o falante faz uso para se comunicar; ou seja é um recorte do léxico. A respeito dessa distinção entre léxico e vocabulário, Almeida e Correa (2012 *apud* RAZKY *et al*, 2014, p. 210) acrescentam

Aquele é um conjunto virtual de todas as palavras da língua, incluindo as novas, as arcaicas, as atestadas e aquelas que são possíveis ao levarmos em consideração os processos de construção de palavras disponíveis, ou seja, palavras que poderão existir; enquanto este é um conjunto factual de todos os vocábulos atestados num determinado registro linguístico, constituindo-se em um conjunto fechado de todas as palavras que ocorrem de fato no discurso.

As unidades lexicais organizam-se em um vocabulário comum a toda a comunidade linguística, compartilhado, de uso geral (parte mais extensa do léxico), e em vocabulários especiais, de uso restrito, os quais não são compartilhados por toda a comunidade, pois são gerados por grupos sociais, como as rendeiras do município de Raposa.

Considerando-se a estreita relação entre história da língua e história de um grupo social, o léxico de uma língua simboliza, sobretudo, um patrimônio cultural, pois o universo vocabular de um grupo sintetiza a maneira e a forma com que seus membros estruturaram o mundo que os rodeia e designaram as diferentes esferas do conhecimento. Isto porque “o universo conceitual de uma língua natural pode ser descrito como um sistema de categorias léxicas. As palavras geradas por tal sistema são chamadas rótulos, através dos quais o homem interage com seu meio” (BIDERMAN, 2001, p. 82).

Sobre essa interação do homem com seu meio, tendo como enfoque o léxico, Souza (2008, p. 21) ressalta que:

Por meio do léxico, a língua revela características peculiares do local onde se vive como, também, das crenças e costumes de um grupo social. No ato de nomear, conservando ou criando palavras, ou mesmo no ato de se comunicar, é que se evidencia a importância do léxico, o seu papel como elemento revelador de aspectos socioculturais de uma comunidade.

Isquierdo e Krieger (2004, p. 11) dizem, a esse respeito:

Na história das diferentes civilizações a palavra sempre foi mensageira de valores pessoais e sociais que traduzem a visão de mundo do homem enquanto ser social; valendo-se dela o homem nomeia e caracteriza o mundo que o rodeia, exerce seu poder sobre o universo natural e antropocultural, registra e perpetua a cultura. Assim, o léxico como repertório de palavras das línguas naturais traduz o pensamento das diferentes sociedades no decurso da história, razão por que estudar o léxico implica também resgatar a cultura.

Como apontamos, percebem-se os diferentes recortes que se pode fazer num universo lexical quando se propõe a estudar o léxico de uma língua e, ainda mais, quando se propõe a relacioná-lo com a cultura.

Considerado o menos linguístico de todos os níveis da língua, devido à necessidade de se recorrer a elementos extralinguísticos para sua análise, “o estudo do nome ou o estudo do léxico congrega o linguístico e o não linguístico” (SEABRA, 2008, p. 7), por isso a necessidade de aliar o estudo do léxico à cultura e à sociedade.

Num país de vasta diversidade cultural como o Brasil, são imperiosas pesquisas que visam à descrição do vocabulário de uma comunidade, visto que por meio do repertório lexical podemos recuperar os costumes, as tradições, as ideologias e as crenças de um grupo social.

1.5 Conceitos fundamentais em Lexicografia

Foi com os primeiros dicionários espanhóis que Biderman (1984, p. 2) considera que a Lexicografia teve seu real início: o Universal Vocabulario de Alonso de Palencia (1490) e os vocabulários Latino Español (1492) e Español Latino (1495) de Antônio de Nebrija - autor também da primeira gramática espanhola.

Já a Lexicografia monolíngue surgiu e se desenvolveu, segundo a autora, ao longo do século XVII, com técnicas que foram sendo aprimoradas paulatinamente, de acordo Biderman (1984, p. 2):

O Tesoro de la Lengua Castellana de Covarrubias é de 1611. Tem muito aspectos positivos até hoje. O dicionário da Academia Espanhola - Diccionario de Autoridades — iniciou sua publicação em 1739. Terá sucessivas edições nos séculos XVIII, XIX e XX A última é de 1983. Foi-se aprimorando através dos séculos.

Foi, no século XX que, segundo a autora, a Lexicografia francesa despontou, com variados dicionários e enciclopédias, “fenômeno que se registra em várias das grandes culturas e civilizações contemporâneas”.

Quanto à expansão atual da Lexicografia, Biderman (1984, p. 3) pontua que “[...] assume modalidades várias em função do vasto público, das grandes massas sequiosas de informações sobre a sua língua, sobre as línguas estrangeiras e sobre o universo. O dicionário se tornou um objeto de consumo de primeira necessidade”.

A autora destaca os vários dicionários Larousse e Robert na Lexicografia Moderna, assinalando os dicionários da língua “Robert” (Grand Robert, Petit Robert, Micro Robert) como os melhores e modelo exemplar de trabalho lexicográfico (BIDERMAN, 1984).

Segundo Lorente (2004, p. 29) a Lexicografia, tradicionalmente, tem sido considerada a vertente aplicada da Lexicologia e, apesar de nas últimas décadas vir se posicionando com uma disciplina autônoma, “sob a ideia de que fazer dicionários não é fazer linguística, seu fundamento se baseia na representação da informação associada às unidades lexicais.”

A lexicografia, segundo a autora, se ocupou de elucidar o significado das palavras, os tratados de ortografia mostraram como escrevê-las corretamente, e os glossários literários e científicos nos revelaram que o inventário léxico é infinito. Embora em alguns períodos a linguística tenha focalizado suas principais preocupações em outros aspectos da linguagem, o léxico sempre esteve ali, aproximando-se por cada um dos caminhos que desembocaram na interseção (LORENTE, 2004, p.21)

Lorente faz uso de uma metáfora para definir a Lexicologia. A autora apresenta o léxico como “um ponto de encontro ou, melhor ainda, como uma interseção de caminhos”. (LORENTE, 2004, p. 20). O léxico estaria situado em uma intersecção linguística de informações provenientes de vários caminhos, como os significados (semântica) e uso linguístico e situações comunicativas (pragmática).

Isquierdo e Krieger (2004, p. 12) definem Lexicografia como uma disciplina que se dedica às “técnicas do labor dicionarístico” o que inclui a análise dos dicionários já existentes, o estudo de metodologias e princípios teóricos para a sua elaboração e estruturação e o debate dos principais problemas teórico-práticos subjacentes à sua produção.

Para Lara (2004, p. 149-150), a Lexicografia é uma metodologia, não uma ciência. Para defender essa ideia, argumenta que a lexicografia:

Não estuda um objeto, mas oferece métodos e os procedimentos para criá-lo.[...] O fenômeno dicionário é o resultado de pôr em prática os métodos pelos seres humanos que interpretam, tanto seus métodos, quanto os vocábulos que tratam [...] Tratando-se de uma metodologia, oferece as técnicas e os procedimentos de construção dos dicionários.

A Lexicografia divide-se em Lexicografia prática, que visa à descrição do léxico e produção de dicionários, vocabulários e glossários, e em Lexicografia teórica ou Metalexigrafia. Essa abrange o estudo de problemas ligados à elaboração de dicionários, a crítica de dicionários, a pesquisa da história da lexicografia e a pesquisa do uso de dicionários. Apesar de a prática lexicográfica ser bastante antiga, a Lexicografia ou Metalexigrafia, como ciência, é uma disciplina bastante recente.

Dentre as questões estudadas pela lexicologia e lexicografia, destacam-se, segundo Barbosa (1995, p. 2), as funções, correlações e oposições que se estabelecem entre dicionário, vocabulário e glossário.

No que concerne às oposições, a autora destaca a diferenciação proposta por Lígia Rivera Domingues (1985 *apud* BARBOSA, 1995, p.2):

Assim, os termos léxico, vocabulário, dicionário e glossário são usados para se referir a mesma problemática na lexicografia. No entanto, há diferenças entre eles [...] Uma dessas diferenças consiste em considerar o nível linguístico que é parte do corpus estudado. Se o *corpus* se baseia na língua, teremos dicionários e vocabulários, mas se o *corpus* pertence à fala, teremos vocabulários e glossários. [...] Léxico e dicionário, por um lado, e vocabulário e glossário, por outro, podem definir-se também considerando-se a delimitação do *corpus* usado para análise. O vocabulário e o glossário estão limitados pelas peculiaridades da fala [...]. Por outro lado, dicionários são obras de codificação e vocabulários e glossários, de decodificação²¹. (Tradução nossa).

Segundo Barbosa (1995), enquanto o dicionário tem como objetivo a reunião e definição do maior número possível dos lexemas de uma língua e os definir; o vocabulário procura representar o conjunto de lexemas de um determinado tipo de discurso (político,

²¹ *Así, se emplean para referir-se a la misma problemática en lexicografía terminos como léxico, vocabulario, diccionario y glosario. Sin embargo, existen realmente diferencias entre ellos [...] Una de esas diferencias radica en considerar el nivel lingüístico del que forma parte el corpus estudiado. Si el dato se basa en la lengua, tendremos diccionarios y léxicos, pero si el corpus pertenece al habla, resultarán vocabularios y glosarios [...] Léxico y diccionario por un lado, y vocabulario y glosario por el otro, pueden definir-se también si se considera la delimitación del corpus empleado para el análisis. El vocabulario y el glosario están limitados por las peculiaridades del habla; [...] Por otra parte, léxicos y diccionarios son obras de codificación y vocabularios y glosarios de descodificación.*

geográfico, religioso) – como os vocabulários técnico-científicos e especializados; por sua vez, o glossário pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado, em um único contexto, exatamente como pretendemos fazer em nossa pesquisa, cujo objeto de estudo se restringe a uma área geográfica, a Raposa.

Haensch *et al* (1982) destaca as duas acepções com que a lexia glossário é empregada na lexicografia: i) toda obra lexicográfica que registra e explica lexias utilizadas por autores em uma obra literária ou em um texto dialetal – aqui o autor faz uma crítica, advertindo que nem todas as obras lexicográficas que se prestam a esse fim recebem o mesmo nome, visto que, muitas vezes, autores insistem em denominá-las de ‘vocabulário’; ii) repertório de palavras, em muitos casos de termos técnicos (monolíngue e plurilíngue), que não pretende ser exaustivo e em que a seleção de palavras se deu mais ou menos aleatoriamente.

Em relação ao registro, os glossários podem registrar uma parcela maior ou menor do léxico total de uma língua ou referir-se a uma determinada região, tarefa esta reservada para o que Haensch denomina “dicionários regionais”. Podem ainda ter caráter prescritivo, determinando a forma considerada correta de uma palavra ou frase ser empregada, ou ter caráter descritivo, registrando como os itens lexicais tais quais são de fato utilizados. Esquivel (2011, p. 34) denomina os dicionários regionais de dicionários de campo, os quais conceitua da seguinte forma:

As fontes de corpus textual nesse tipo de obra são os informantes de diferentes idade, sexo, profissão, nível socioeconômico e cultural, representativos da variedade que é objeto do tratamento lexicográfico, que se submetem a uma coleta de dados (unidades léxicas, contextos, informações linguísticas e culturais) e de observação do discurso livre²² (Tradução nossa).

O glossário que produzimos como resultado de nossa pesquisa inclui-se nas classificações regional e descritivo.

A explicitação dos procedimentos metodológicos utilizados na organização do glossário resultante dessa pesquisa, assim como os pressupostos de Haensch *et al.* (1982) e Esquivel (2011), nos quais nos baseamos, encontram-se no capítulo 2 desta tese.

²² *La lexicografía moderna, sentada em uma sólida base metodológica, adopta dicho planteamiento mediante la creación de los diccionarios llamados de campo. Las fuentes del cospus textual em este tipo de obras son los informantes de diferente edad, sexo, profesión, nivel socioeconómico y cultural...representativos de a variedad que es objeto de tratamiento lexicográfico, que se sometem a una extraccion de dados (unidades léxicas, contextos, informaciones lingüísticas y culturales...) y de observación del discurso libre.*

1.5.1 A definição lexicográfica

Conforme Biderman (1993, p. 23), por meio da definição lexicográfica, o lexicógrafo pretende explicitar o que os usuários de uma língua compreendem ao fazer referência a uma dada palavra; baseia-se numa análise conceitual, sendo que o lexicógrafo faz uma análise semântica da palavra a ser definida: “Na definição o definidor busca apontar os predicados observáveis do referente. Esses predicados são as características que o identificam e o distinguem de qualquer outro referente do repertório de signos”.

A definição lexicográfica, segundo a autora, consiste numa paráfrase que seja equivalente semanticamente à palavra em definição, através da qual são explicitados os principais traços semânticos da unidade léxica, capazes de distingui-la das outras unidades. Para se definir um nome, o definidor, partindo de uma observação empírica, retirada de uma análise da realidade, aponta as características observáveis do referente, que os identificam e os distinguem dos demais.

A definição hiperonímica, utilizada tanto para substantivos concretos como abstratos, tem um caráter descritivo das características que individualizam o referente, como demonstram alguns exemplos retirados do glossário da nossa pesquisa:

ALGODÃOZINHO - Tecido feito da fibra do algodão.

ENTREMEIO - Barra de renda de bilro sem *bico* no acabamento, utilizado como um detalhe em uma peça de roupa.

ISPINHO ~ ISPIN' - Objeto de madeira feito da semente de tucum, de espessura fina e ponta arredondada, em que são fixadas as linhas, todas de uma cor só ou coloridas.

FLOR - Ornamento de renda em formato de uma flor.

Nesses quatro exemplos, seguindo a orientação de Biderman (1993), o termo definido pertence a um gênero que é linguisticamente indicado por um arquilexema (hiperônimo), que designa o conceito geral, ao qual, posteriormente, são acrescentadas as características específicas. A definição pode ser também sinonímica (que, segundo Biderman, deve ser evitada), metonímica, por enumeração ou por aproximação, mas a ideal é a definição hiperonímica.

Quanto ao adjetivo, segundo Biderman (1993), devido à sua natureza combinatória e por ser palavra dependente (por se referir à qualidade de um objeto ou ser), sua definição deve ser feita por meio de uma relação. Essa relação, na prática lexicográfica, é expressa por uma oração relativa, ou por uma preposição (ou locução prepositiva). Exemplos também retirados da nossa pesquisa:

AVEXADO - Que tem pressa para fazer alguma coisa.
INGOMADO - Que é embebido na *goma*.
VERDOSO - Que não está maduro.

Como variante da definição introduzida pela preposição, há a definição que utiliza a expressão introdutória *diz-se de*, que também utilizamos em nosso glossário, como nas lexias abaixo:

ARDOSO - Diz-se da comida que é ardida, apimentada.
JANGARELO - Diz-se da renda que não foi bem fechada e seus pontos ficam muito abertos, podendo se desmanchar.

Quando os adjetivos são formados a partir dos prefixos *des* – ou *in-*, a definição deve ser feita baseada na inclusão negativa, como em **desigual** - que não é igual em tamanho, peso, quantidade; que é diferente quanto à qualidade. Como não ocorreram adjetivos com essa formação, não houve esse tipo de definição.

Biderman (1993) ressalta a dificuldade na definição do adjetivo, uma vez que o adjetivo é uma categoria que exprime uma avaliação, julgamento ou apreciação do sujeito sobre o objeto ou ser, ou explicita uma qualidade típica do objeto ou ser referido. Seu uso linguístico implica em uma experiência, um juízo de valor e, conseqüentemente, a definição dos adjetivos mais frequentes na linguagem cotidiana é considerada um dos obstáculos da Lexicografia.

Segundo Vilela (1995, p.94), a “Lexicografia pretende em primeira instância ajudar os leitores a interpretar textos e secundariamente ajudar os consulentes a produzir textos”. Esses textos não são formados por palavras isoladas. É necessário que estejam inseridas em um contexto para que materializem seu traço sêmico.

Procuramos fazer nosso glossário respeitando todas essas orientações. A metodologia completa e detalhada de sua elaboração está descrita nos capítulos 2 e 6.

Foto 3: Rendeira mostrando uma barra de renda para a pesquisadora – Raposa/MA



Fonte: Zqgroz Neto

CAPÍTULO 2 – Métodos e Procedimentos

2.1. Procedimentos metodológicos

2.1.1. A constituição dos bancos de dados

Seguindo as diretrizes da Antropologia Linguística, observamos dados da língua falada coletados em entrevistas gravadas com as rendeiras do município de Raposa. A partir das transcrições desses dados, cujos critérios se encontram descritos no item 2.2.5, fizemos o levantamento daquelas lexias que, a nosso ver, melhor refletiam a cultura das rendeiras. Em seguida, fomos ao passado em busca dessas formas encontradas. Verificamos se essas lexias já foram dicionarizadas ou fizeram parte do acervo lexical da língua portuguesa nos séculos XVIII, XIX ou XX. Posteriormente, retornamos à contemporaneidade para realizar análise diacrônica.

Após a conclusão da coleta de dados, iniciamos as transcrições ortográficas, seguindo o que Andrade (1993, p. 21) aponta como o principal critério da transcrição: “a fidelidade ao discurso do informante, procurando-se registrar ortograficamente, da forma mais aproximada possível, as realizações de cada falante”.

Em seguida, pesquisamos em dicionários contemporâneos e em fontes lexicográficas do século XVIII e XIX a existência ou não da forma coletada para que, em caso de a lexia ser dicionarizada, observássemos seu registro, ao longo do tempo, em várias obras especializadas.

Para a sistematização dos dados coletados, elaboramos fichas lexicográficas de análise para cada lexia, das quais constam: o vocábulo selecionado para análise classificado gramaticalmente, segundo o contexto em que se encontrava inserido, uma amostra contextualizada da lexia em estudo e dados referentes a dicionarização ou não do vocábulo.

O passo seguinte foi a seleção das lexias consideradas relevantes para integrarem os campos léxico-semânticos, considerando-se as que melhor refletissem a cultura das pessoas da região e a listagem, em ordem alfabética, daquelas que subsidiaram a organização do glossário.

Para a elaboração do glossário, baseamo-nos em alguns pressupostos de autores representativos da lexicologia e da lexicografia: Haensch *et al.* (1982), Barbosa (1995) e Biderman (1993).

2.1.2. Delimitação do *corpus*

O *corpus* foi constituído da seguinte forma:

Locais da pesquisa: residências das rendeiras e Associação das Rendeiras de Raposa.

Sujeitos da pesquisa: quanto à escolha dos sujeitos da pesquisa, seguimos algumas das diretrizes adotadas por Seabra (2004), Souza (2008) e Costa (2012), os quais seguiram as normas do Projeto Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais²³, segundo as quais o entrevistado deve:

- a) ter nascido ou ter vivido a maior parte da vida no município;
- b) ter baixa ou nenhuma escolaridade.

Apenas no que se refere à faixa etária adotamos um critério diferente, optando por quatro grupos etários:

15 a 21 anos	3 pessoas
34 a 40 anos	4 pessoas
40 a 60 anos	4 pessoas
68 a 80 anos	4 pessoas

Optamos por essa divisão porque o registro da fala das diferentes gerações de uma comunidade pode revelar as formas linguísticas mais conservadoras e as inovadoras e, por extensão, fornecer possíveis indicadores de estabilidade ou mudança sociais.

Além disso, segundo informações da Associação das Rendeiras de Raposa, ainda há um número razoável de rendeiras de 65 a 85 anos que participam ativamente da atividade de “fazer renda”; por esse motivo, tanto podem fornecer informações sobre o léxico referente à renda, quanto podem prestar informações sobre costumes, habitação, alimentação, organização social etc., por serem experientes.

Acreditamos, ainda, que estas conservam um vocabulário pouco influenciado pelos meios de comunicação, podendo revelar um léxico mais próximo do vernacular e apontar possíveis retenções lexicais, além de conhecer as tradições culturais do seu povo.

Devido à natureza da pesquisa, que exigiu muitas horas de gravação com uma única pessoa, optamos por selecionar apenas quinze sujeitos para a sua realização.

O *corpus* da pesquisa foi composto de textos orais (entrevistas com os informantes) e escritos (transcrições dos textos orais e fichas lexicográficas).

²³ Projeto da FALE/UFMG, com apoio da FAPEMIG, coordenado pela Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen (2003-2006).

2.1.3. A coleta de dados

A dificuldade em se coletarem dados numa pesquisa etno-sociolinguística já foi amplamente discutida na literatura. Mollica (1989) e Tarallo (1995), foram apenas alguns dentre os muitos linguistas a tornarem públicas suas inquietações a esse respeito.

Denominado por Tarallo (1995) de “paradoxo do observador”, o cerne do problema consiste na necessidade de o pesquisador coletar amostras da língua falada em situações naturais de comunicação mas, para isso, precisar registrá-las por meio de um gravador, o que inibe o falante e pode perturbar a naturalidade do evento.

Como possíveis soluções para esta questão, Tarallo (1995, p. 21) sugere alguns procedimentos a serem adotados pelo pesquisador, como

[...] tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade. Tal neutralização pode ser alcançada no momento em que o pesquisador se decide a representar o papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes e em suas peculiaridades. Seu objetivo será, portanto, aprender tudo sobre a comunidade de falantes e sobre os informantes que a compõem.

Tarallo ainda propõe que o pesquisador evite um comportamento social e linguístico que intimide a comunidade em estudo e que tente desviar a atenção do entrevistado para a formalidade da situação.

Seguindo essa orientação, antes de iniciarmos as gravações, observamos a comunidade de falantes, participamos de conversas com grupos de rendeiras, interagindo com elas em suas residências, enquanto faziam suas rendas e também apresentamos a pesquisa, para que elas se percebessem protagonistas do trabalho e soubessem a pesquisa que pretende dar um retorno à comunidade. Com isso, tanto nos familiarizamos com todas as entrevistadas quanto elas conosco, ficando inteiramente à vontade nas entrevistas.

As entrevistas, principal instrumento a ser utilizado para a coleta de dados, foram semiestruturadas (MOREIRA, 2012), ou seja, as conversas ocorriam em clima informal, orientadas por um roteiro previamente elaborado. Num primeiro momento, conversamos sobre a origem de Raposa, a chegada dos pescadores que fundaram o município, as mudanças ocorridas com o decorrer do tempo, aspectos da alimentação, habitação, organização social, costumes, crenças; para, num segundo momento, tratarmos da renda propriamente dita, não apenas no que diz respeito ao seu funcionamento, como também buscando perceber os sentimentos da rendeira em relação à sua profissão.

2.1.4. As transcrições

Para a realização das transcrições, seguiremos as regras utilizadas pela equipe do Projeto Filologia Bandeirante e, também pela equipe do Projeto Pelas Trilhas de Minas: as Bandeiras e a Língua nas Gerais²⁴, modelo adotado por Seabra (2004), Souza (2008) e Ribeiro (2010), dentre outros. Não se trata de uma transcrição fonética, já que eram vários os interesses da equipe na época (léxico, sintaxe, morfologia etc).

As normas estabelecidas são:

Orientações gerais:

- a) a transcrição não pode ser sobrecarregada de símbolos;
- b) deve ser adequada aos fins;
- c) deve permitir a compreensão do significado do texto;
- d) deve respeitar o vocábulo mórfico como unidade gráfica (FERREIRA NETTO; RODRIGUES, 2000);
- e) deve tentar facilitar ao leitor a criação de uma imagem do texto elaborado no plano da oralidade (FERREIRA NETTO; RODRIGUES, 2000).

1 – Nem tudo será registrado:

- a) o alçamento das postônicas não será registrado

forti = forte; *grandi* = grande

(A ideia é: o que é categórico, não marcado no dialeto, não precisa ser registrado)

2 – Serão registrados:

- a) alteamento/abaixamento das pretônicas

aduicia = adoecia

cumê = comer

premero = primeiro

deiscê - descer

- b) a redução dos ditongos [ow], [ey], [ay] será grafada ortograficamente como pronunciada:

rendera = rendeira

triguera = trigueira

pescadô = pescador

- c) ausência do -r:

²⁴ Projeto da FALE/UFMG, com apoio da FAPEMIG, coordenado pela Profa. Dra. Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen (2003-2006).

no final dos nomes: *pescadô* = pescador

no final dos verbos: *dsimendá* = desemendar; *tecê* = tecer

d) ausência do –m final, desnasalização:

visage = visagem

e) prótese: as próteses serão marcadas, ortograficamente, como pronunciadas:

amiorá = melhorar

f) supressão de consoantes, vogais ou sílabas finais será marcada com apóstrofo.

ispin' = espinho

bucadin' = bocadinho

tecidin' = tecidinho

h) iotização, grafando com i:

fia = filha

i) aglutinação, com apóstrofo:

que'le ~ que ele

que'ru ~ que eram

j) casos de uma, alguma, nenhuma etc., serão marcados com til:

ũa ~ uma;

l) variação fonética do —s| será grafada como efetivamente realizada:

mermo ~ mesmo

3 – Indicações de:

Pausa: reticências [...]

Inaudível ou hipótese do que foi ouvido: ()

Comentários: (())

Sobreposição de fala: { }

Discurso direto: “ ”

Ênfase: maiúsculas

Truncamento: /

2.1.5. As fichas lexicográficas

Para sistematizar e analisar os dados coletados em entrevistas orais e, posteriormente, transcritos seguindo metodologia adequada, elaboramos uma ficha para cada lexia. Para a constituição dessa ficha, seguiremos o modelo adotado por Costa (2012).

Número da ficha – lexia [classificação morfológica]
<i>Abonação</i>
Registro em dicionários: 1. Bluteau: 2. Moraes: 3. Freire: 4. Aurélio:
Origem:
Obs:

a) Do lado esquerdo, em primeira posição, apresentaremos o número da ficha, seguido da lexia selecionada para análise. Essa lexia aparecerá na forma encontrada nas entrevistas, salvo os verbos que, devido à diversidade de formas, optamos por colocá-los na forma infinitiva. Entre colchetes, sua classificação morfológica, segundo o contexto em que se encontra inserido no *corpus*.

b) Do lado direito, em primeira posição, apresentamos o número de vezes que a lexia aparece nas entrevistas.

c) Logo abaixo, no item — abonação, apresentamos, em itálico, um trecho da fala do entrevistado contendo uma amostra do *corpus* da lexia em estudo. No final desse item, identificamos o número da entrevista e a linha em que o vocábulo aparece nesse corpus.

d) No item — registro em dicionários, destacamos como a lexia é descrita em cada obra. Quando isso não ocorre, ou seja, o dicionário não registra o termo, indicamos —n/e.

e) Caso a lexia esteja dicionarizada, mas não com a acepção ocorrida na pesquisa, incluímos esse dado em uma observação.

Por meio das fichas, podemos visualizar se a lexia em estudo é ou não dicionarizada por um ou mais autores, ou por nenhum deles; se o vocábulo é considerado arcaico, se é um brasileirismo etc. Além de analisar o termo coletado, a ficha lexicográfica constitui-se em uma boa ferramenta para nos auxiliar no trabalho de quantificação e comparação dos dados.

2.1.5.1. Sobre os dicionários consultados

Para a análise das lexias coletadas, contamos com obras lexicográficas renomadas: i) Vocabulario Portuguez e Latino, de autoria de P. Raphael Bluteau (século XVIII); ii) Dicionario da lingua portugueza, de autoria de António de Moraes Silva (século XIX); iii)

Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa, de Laudelino Freire (primeira metade do século XX); iv) Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (final do século XX). Além dessas obras citadas, consultamos o Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, de Antônio Geraldo da Cunha.

Selecionamos o Vocabulário Portuguez e Latino de Raphael Bluteau por ser reconhecido pelos estudiosos da área como uma obra de referência nos estudos lexicográficos de língua portuguesa e por ser um dicionário que contempla grande parte do léxico da língua portuguesa até o início do século XVIII. Segundo Telmo Verdelho, principal historiador da lexicografia portuguesa, Bluteau aumentou e atualizou aproximadamente em cinco vezes o corpus lexical português até então dicionarizado, passando a constituir uma referência obrigatória para a lexicografia subsequente (VERDELHO, 2002, p. 23).

Já o Dicionário da língua portuguesa de Antônio de Moraes Silva, para Verdelho (2002), é considerada a mais influente obra do gênero na história da língua portuguesa, a primeira sistematização moderna do léxico da língua, modelo e exemplo para todas as gerações seguintes de portugueses e brasileiros, tornando-se um símbolo da língua e da cultura portuguesas. Sua obra acompanhou a língua em Portugal e no Brasil (Moraes era natural do Rio de Janeiro), por dois séculos, como a mais importante referência para o uso lexical.

Mesmo dando continuidade ao Vocabulário Portuguez e Latino, é uma obra que traz um grande número de lexias não dicionarizadas por Bluteau. Moraes utiliza-se de obras de vários autores como fonte, o que, talvez por influência do Tribunal do Santo Ofício e, ainda, pela censura literária, tenham sido deixadas de lado pelo P. Raphael Bluteau, conforme destaca Murakawa (2006).

Segundo, ainda, essa autora, “o Dicionário de Moraes pode ser considerado como o primeiro dicionário de uso da língua portuguesa, porque os que o antecederam não podem ser classificados de tal maneira” (MURAKAWA, 2006, p. 119).

Tal fato se explica porque, para a Lexicografia moderna, um dicionário de uso é aquele que registra o vocabulário usual mais frequente na língua escrita e oral, destacando os diferentes registros e as variações linguísticas.

Em relação aos dicionários contemporâneos, o Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa, de Laudelino Freire, foi escolhido como obra de referência da primeira metade do século XX, por tratar-se de um dicionário que apresenta grande riqueza vocabular, por incluir muitas locuções, expressões e brasileirismos.

A escolha do Aurélio Sec. XXI: o dicionário da língua portuguesa deu-se por ser este considerado como um dicionário padrão da sociedade brasileira, apresentando um vasto repertório lexical, incluindo grande número de brasileirismos. Embora tenha limitações, é um dicionário que apresenta grande número de abonações de obras variadas, exemplificações, exemplos a partir da linguagem falada e escrita, indicação da variabilidade linguística no território nacional, além de concisão e clareza nas definições.

Quanto ao Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa, sua consulta teve como objetivo principal esclarecer a origem das lexias e a datação aproximada da sua entrada na língua portuguesa, uma vez que, parte dessas lexias selecionadas não constava nos dicionários mais antigos. Outra finalidade da escolha desse dicionário foi a de identificar as formas variantes que tais lexias adquiriram ao longo do tempo, podendo com isso, verificar se algumas dessas formas coincidiam com aquelas encontradas no nosso *corpus*.

2.2. Macro e microestrutura do Glossário

Para elaborar nosso glossário, adotamos como base alguns pressupostos de autores representativos da Lexicologia e da Lexicografia: Haensch *et al.* (1982) e Barbosa (1995). Haensch *et al.* (1982) define glossário como toda a obra lexicográfica que registra e explica lexias empregadas por autores em uma obra literária e também em outros textos que destaquem palavras de significados difíceis, e que as enumere em ordem alfabética no final.

Para Barbosa (1995), enquanto o dicionário tem como objetivo a reunião e definição do maior número possível dos lexemas de uma língua, o glossário pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado, em um único contexto, exatamente como pretendemos fazer em nossa pesquisa, cujo objeto de estudo se restringe a uma área geográfica, a Raposa. No que se refere à seleção de entradas para a confecção de glossários ou dicionários, temos de considerar, segundo Haensch *et al.* (1982, p. 396), que:

Há quatro critérios que determinam de forma decisiva essa seleção: três deles poderíamos denominar fatores externos: sua finalidade descritiva, normativa etc, o grupo de usuários ao qual se destina (especialistas, tradutores, universitários, público culto etc.) e sua extensão. O quarto fator, de índole interna, é o método de seleção de unidades léxicas segundo princípios linguísticos, mas sempre de acordo com outros três critérios. Para que os dicionários possam verdadeiramente cumprir sua missão, esses critérios têm de ser considerados com maior rigor [...].²⁵ (Tradução nossa).

²⁵ Hay cuatro criterios que determinan de manera decisiva La seleccion de entradas de un diccionario, glossário etc. A três de ellos los podríamos llamar 'externos': su finalidad (descriptiva, normativa etc.), el grupo de usuarios al que va destinado (especialistas, traductores, alumnos de bachillerato, público culto etcétera) y su extensión. El cuarto, de índole 'interna', es el método de selección de unidades léxicas según principios

Para alcançar o objetivo do nosso glossário, a catalogação de um expressivo número de lexias encontradas em nosso corpus, estas foram organizadas de maneiras distintas e complementares: pelo método onomasiológico (do conceito ao nome) e pelo método semasiológico (do nome ao conceito). Haensch *et al.* (1982) complementam: a ordenação por significantes (dicionário semasiológico) e a ordenação por conceitos (dicionário onomasiológico).

Conforme Baldinger (1960 *apud* HAENSCH *et al.*, 1982, p. 344), esse modo de organização se justifica, pois: "Até o momento toda a discussão acerca da ordenação de dicionários só faz com que o nível da forma e do conceito se confundam, sendo que no campo da forma se exige uma resposta para perguntas que só podem ser respondidas pelo campo do conceito, e vice-versa²⁶."

Nas palavras de Seabra (2004), a Onomasiologia e a Semasiologia, ao mesmo tempo em que se opõem, complementam-se, constituindo uma boa metodologia para o estudo da forma como se estrutura o Léxico.

2.2.1 A macroestrutura

A constituição do *corpus* desta pesquisa resultou de uma compilação das lexias encontradas nas 15 (quinze) entrevistas orais realizadas.

O conjunto de entradas foi organizado em ordem alfabética, seguindo a metodologia adotada durante as transcrições, a fim de facilitar a consulta. Primeiramente, de acordo com o método onomasiológico, apresentamos as lexias agrupadas em redes semânticas afins.

Segundo Haensch *et al.* (1982, p. 165), a ideia fundamental da agrupação onomasiológica é a de se levar em conta as associações que existem entre conteúdos, tanto do ponto de vista da língua como o das coisas. Levando em consideração os trabalhos lexicográficos, o autor afirma que é preferível apresentar e estudar o vocabulário por meio de divisões, porque assim lexias e termos correspondentes aparecem inter-relacionados.

Em um segundo momento, seguindo o método semasiológico, partimos da lexia para sua significação.

lingüísticos, pero siempre de acuerdo com los otros tres criterios. Para que los diccionarios puedan verdaderamente cumplir su misión, habrá que tener em cuenta estos criterios com mayor rigor [...].

²⁶ *Hasta ahora toda la discusión acerca de la ordenación del diccionario tine el efecto de que se confundem constantemente dos niveles, el nivel de la forma y el nivel del concepto, de que a nivel de la forma se exige una respuesta a preguntas que solo pueden responderse a nivel del concepto y viceversa.*

2.2.2 A microestrutura

A elaboração da microestrutura do nosso glossário seguiu o seguinte modelo:

<p>Forma do Verbetes</p> <p>Lexia - (dicionarizada) • Estrutura Morfológica • Origem • Definição • Abonação.</p>
--

Nessa disposição, valemo-nos das informações já apresentadas nas fichas lexicográficas nos itens Lexia, Registro em dicionários, Estrutura Morfológica, Origem e Abonação. Introduziremos, ainda, a Definição para cada lexia. Segue um exemplo completo da forma do verbete, retirado do glossário de Costa (2012, p. 171):

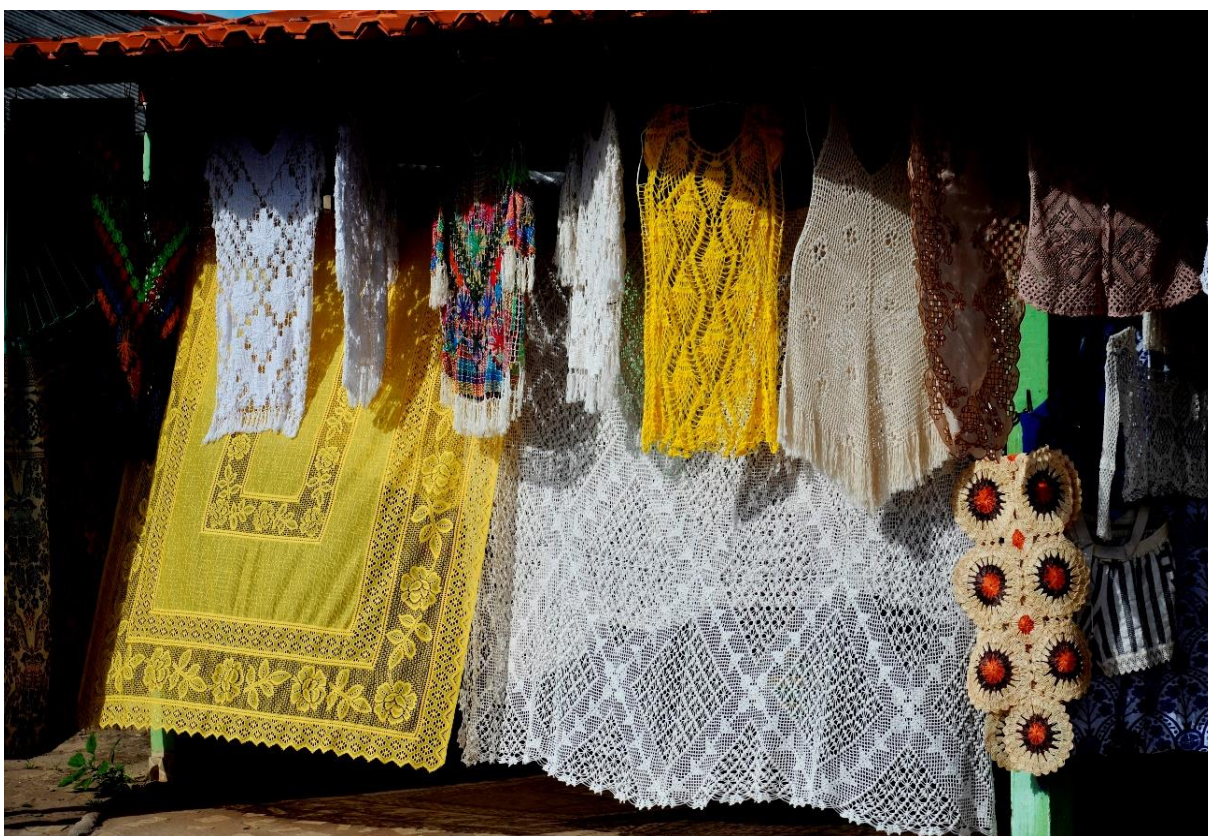
APLICAÇÃO ~ APLIQUE • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Peça de renda, normalmente em formato de flor, fixada à roupa para a enfeitar. Pode ser feita com os pontos pano, traça, trocado e meio trocado. • *INFORMANTE 6: esse é uma aplicação...* *PESQUISADOR: ah... aplicação...* *INFORMANTE 6: as pontas da renda são assim ó! (Ent. 6, linhas 84 a 86).* *INFORMANTE 6: que antigamente era como a gente tava falando... com a renda de metro... já hoje não é... não é nem aplicação...* (Ent. 6, linhas 100 e 101). • *PESQUISADORA: ah ta... esses ispinho foi que tu fez?* *INFORMANTE 8: tucum...* *PESQUISADORA: tucum... mandacaru né? E o que que eles fazem com biurro? faz caminho de mesa...* *INFORMANTE 8: caminho de mesa... camiseta... aplique...* (Ent.8, linhas 142 a 145).

Foto 4: Residência de Raposa, com redes de pesca e embarcações ao fundo – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

Foto 5: Venda de renda – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

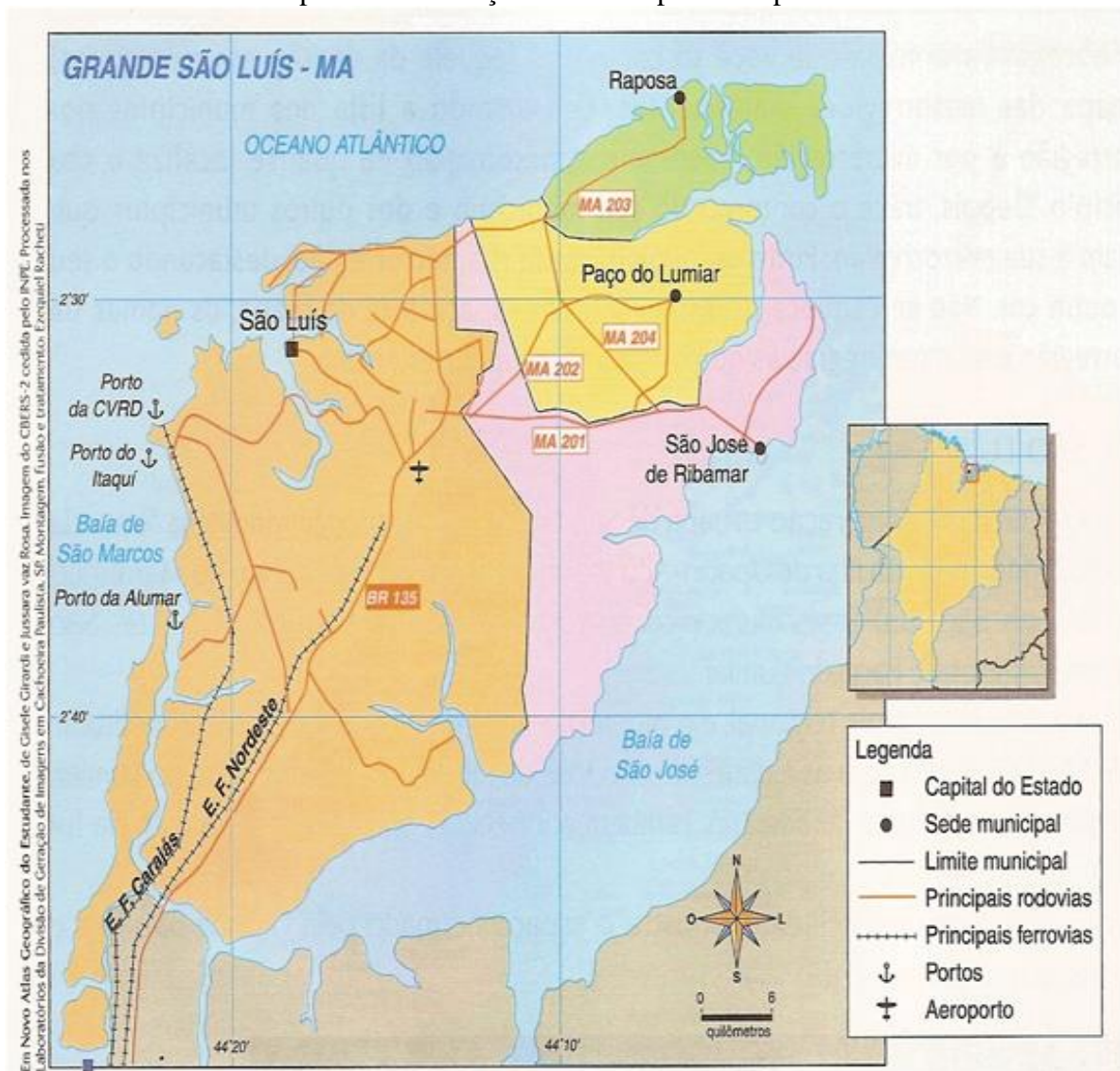
CAPÍTULO 3 – ASPECTOS HISTÓRICO-CULTURAIS DO MUNICÍPIO DE RAPOSA/MA

3.1 Caracterização histórico-geográfica de Raposa

3.1.1 Localização

O município de Raposa localiza-se ao norte da ilha de São Luís a, aproximadamente, vinte e oito quilômetros de São Luís, capital do estado do Maranhão, como mostra o Mapa 1.

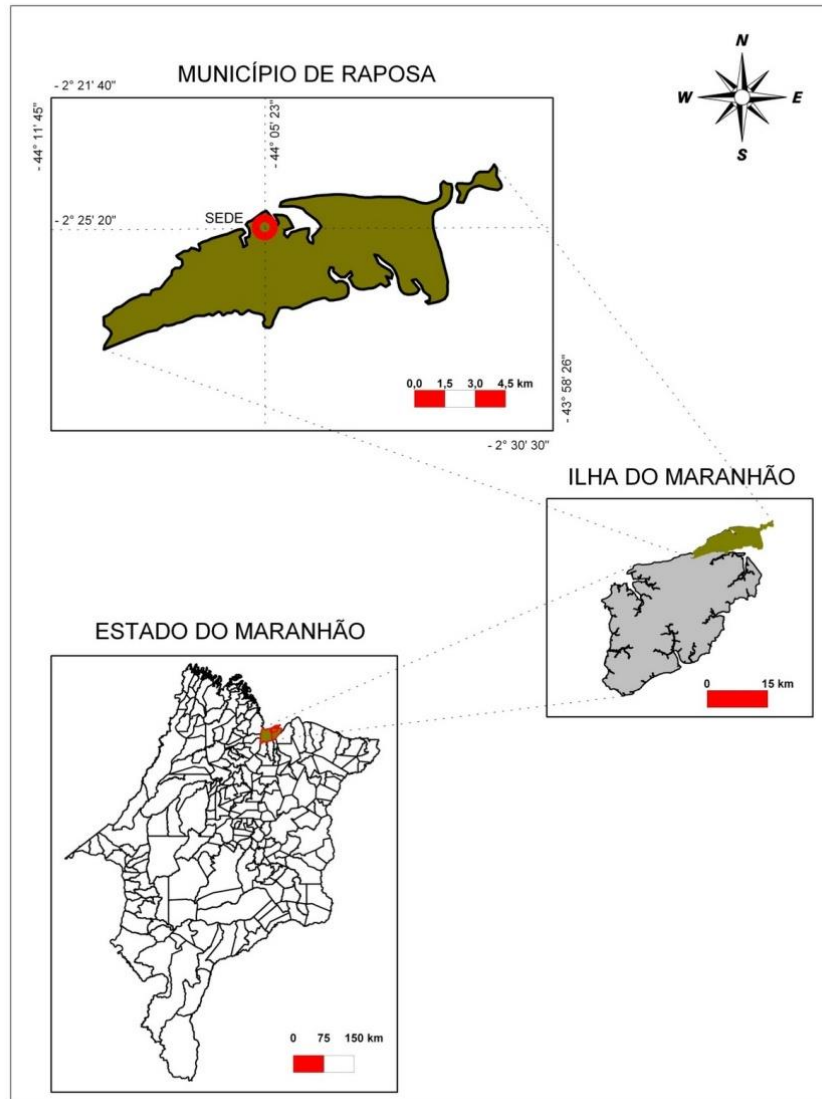
Mapa 1 – Localização do município de Raposa/MA



Fonte: <<http://hiltonfranco.com.br/paco-do-lumiar-mamapa-para-consulta/>>. Acesso em: 18 nov. 2015

Situa-se na faixa litorânea, num trecho da costa maranhense classificado por Feitosa (1998) como extremo Nordeste da ilha de São Luís como pertencente ao território da Amazônia Oriental. Quanto às suas coordenadas geográficas, são: 02o 25' 22" na latitude sul, 044o 05' 21,3" de longitude oeste, situado na microrregião de número 31 (Mapa 2).

Mapa 2 – Município de Raposa/MA



Fonte: <<http://www.neysilva.com/p/diagnostico-geoambiental-e-socio.html>>. Acesso em: 20 abr. 2016

3.1.2 Clima

Apesar das diversas condicionantes meteorológicas, a zona costeira do Maranhão, onde está situada a Raposa, possui um clima relativamente estável. Segundo Feitosa (1998), os períodos chuvoso e seco ocorrem com suficiente regularidade, ainda que, nas duas últimas

décadas, indiquem certa subordinação às estiagens mais rigorosas que têm atingido outros estados nordestinos.

Ainda segundo esse autor, o clima de Raposa pode ser classificado como AW', isto é, clima quente com chuvas de verão retardadas para o outono.

Predomina, na região, a influência dos ventos alísios do Nordeste, os quais, inseridos no deslocamento da massa de ar Equatorial Atlântica e impelidos pela queda da pressão atmosférica, provoca o "deslocamento do anel pluvioso de nuvens do equador térmico em direção ao sul, durante os meses de janeiro a junho", motivo pelo qual nessa época ocorrem os maiores índices de precipitações pluviométricas sobre o estado do Maranhão. Em seguida, com o início do retorno do equador térmico, na direção oposta, inicia-se a estação seca, que perdura até novembro.

3.1.3 Limites e Hidrografia

A Ilha de São Luís abriga, além de São Luís, capital do Estado, outros três municípios: São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa. Envolvendo-a quase na sua plenitude há três importantes baías, a de São Marcos, a de São José e a do Arraial, formadas pelo Oceano Atlântico, nas quais estão os estuários dos principais rios genuinamente maranhenses.

O município de Raposa está localizado na ponta Norte da ilha, limitando-se ao Norte e a Oeste com a extremidade leste da Baía de São Marcos, já quase no início da Baía de São José. A Leste, limita-se com a Baía de São José e ao Sul com Paço de Lumiar. Possui extensa faixa litorânea, onde se encontram, além da Praia do Araçagy, a maior e mais frequentada da ilha, outras menores: Olho-de-Porco, Pucal, Curupu (na ilha de Curupu), e do Canto. A Praia de Carimã destaca-se pelas suas pequenas dunas e lagoas, nas proximidades da Ponta do Garrancho.

A sede do município de Raposa é uma península em cujo entorno se encontram frondosos e produtivos manguezais, estes também comuns nas margens dos inúmeros córregos e igarapés que integram a rede hidrográfica municipal, entre eles, o Braço do Curupu, os Igarapés: do Combique, de Raposa, do Facão, Afoga-Burro, Cabeceira, Munjijaia, Ariquissal, Pau-Deitado, Mocajituba, Pucal (onde há a Lagoa do Pucal), o do Porto do Braga, o do Porto da Emília e o do Porto de Raposa.

3.2 A Seca de 1958: A retirada

Em 1958, os estados do Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte foram atingidos por uma das mais violentas secas já ocorridas no Nordeste Brasileiro. Segundo Lopes (2008) e Silva (2007), os registros pluviométricos registrados na época comparam-se apenas às ocorrências de 1915 e 1919. A área atingida foi de, aproximadamente, 500.000 quilômetros quadrados e cerca de 1,8 milhão de pessoas desses estados (28% da população) foram afetadas diretamente pela seca.

Ao final de 1958, o total de pessoas atingidas chegava a dois milhões de habitantes, o que levou cerca de duzentas mil pessoas, já sem alternativas, a migrar para várias outras regiões brasileiras. Diegues Júnior (1960) afirma que a cidade de Acaraú (CE) foi uma das quais houve maior deslocamento populacional, devido à escassez de chuvas com marcantes prejuízos para a lavoura e para a pecuária, e muita fome para as populações carentes.

Da considerável corrente migratória, um número substancial aportou no Maranhão, dentre os quais muitos na Praia de Raposa, atraídos, conforme Azevedo *et al.* (1980, p. 20) "pelos excelentes pesqueiros que havia na baía e pelo desejo de mudar de vida".

Grande parte das pessoas foi transportada para a Raposa na biana de seu Chico Noca, mas nem todos; alguns, como o Sr. José Maria Brandão (conhecido em Raposa como Zé Maria Peba), percorreram um longo caminho a pé até chegar na "terra prometida".

Apesar da insistência do Sr. Linhares, alto comerciante que financiava os currais em troca de uma altíssima porcentagem da venda dos peixes e ex-funcionário da Assembléia Legislativa do Estado do Maranhão, em afirmar que aquelas terras lhe pertenciam, os cearenses permaneceram no lugar, fazendo-o prosperar.

Em princípio, todos os laços da Praia de Raposa eram ligados diretamente ao município de São José de Ribamar, do qual somente em 1961, Paço do Lumiar se desligou, para se tornar, através da lei nº 1890, de 7 de fevereiro do referido ano, município de Paço do Lumiar.

Paço do Lumiar obtinha, assim, sua independência político-administrativa e a Raposa, já liberta das amarras em favor do comerciante José Linhares, começava a crescer, não apenas em termos populacionais, como também despertando a atenção em virtude do seu crescente índice de produção pesqueira, fator fundamental para condução ao rol dos principais polos pesqueiros maranhenses.

O nome, Raposa, é envolto em folclore. As versões mais conhecidas são as seguintes:

Os pescadores faziam "salga" da pescaria na praia, improvisando abrigos em cajueiros onde pernoitavam. No entanto, a presença constante das raposas (atraídas pela quantidade considerável de pássaros na localidade) que pescavam e comiam o pescado começou a preocupá-los, pois eles não podiam sair para pescar deixando os peixes na salga, que as raposas os roubavam. Um dia, apareceu uma raposa morta na beira da praia e, como os nativos acreditavam que onde morre uma raposa as outras não voltam mais, resolveram criar naquele local o Rancho de Raposa (AZEVEDO *et al*, 1980).

Outra versão, também contada pelos moradores de Raposa, é a de que a denominação Raposa seria resultado da alusão a um dos primeiros moradores do lugar: Maia Raposo.

Azevedo *et al.* (1980), após entrevistas com moradores antigos do local, concluiu que o nome decorre de uma raposa morta encontrada por dois homens que vinham de Miritiba e dirigiam-se para Carimã, os quais combinaram reencontrar-se, depois, no local próximo àquele em que tinham encontrado a raposa morta. Daí em diante, passaram a se referir ao local como Raposa.

De Rancho de Raposa, passou à Praia de Raposa, de praia, a povoado Raposa, pertencente à jurisdição do município Paço do Lumiar e, finalmente, tornou-se o município de Raposa, através da Lei nº 6132 de 10 de novembro de 1994.

3.3 O universo das redes e rendas

3.3.1 A origem da renda no Brasil

A atividade de manusear fios e fibras é antiga na história da humanidade. Segundo Brussi (2009), a transformação de linhas, ou fibras, em superfícies planas ou com volume, de acordo com uma técnica específica, teria se iniciado com a cestaria e se desenvolvido por meio da tecelagem. Posteriormente, surgiram os bordados, os quais eram colocados sobre o tecido.

Com o passar do tempo, os bordados se aperfeiçoaram, e, como parte da sua sofisticação, foi retirado o tecido sobre o qual ficava, surgindo assim a renda. As rendas surgiram, de acordo com Ramos *et al* (1948 *apud* BRUSSI, 2009, p. 13), como resultado do desejo “de quebrar a monotonia do bordado fechado sobre um fundo compacto de tecido pré-existente”.

Quanto à origem da renda de bilros, Brussi (2009) destaca que, assim como a origem da renda de agulha, a de bilro vem sendo motivo de disputa de autores de nacionalidades

diversas, sendo que autores belgas defendem que sua criação ocorreu em Flandres, apresentando como prova um quadro de Quentin Metsys, de 1495, que retrata uma jovem fazendo rendas em uma almofada semelhante às utilizadas na Bélgica. Ocorre que outros autores, atribuem a autoria verdadeira desse quadro ao filho de Quentin Metsys, e, sendo assim, sua criação teria sido datada após o surgimento da renda de bilro na Itália.

Segundo informações do Brasil cultura²⁷, os pesquisadores que defendem que a renda de bilro surgiu em Flandres, na Bélgica, no século XV, entendem que de lá se espalhou pela Europa, em especial para a Itália e França, até chegar a Portugal e arquipélago dos Açores, principais centros de produção.

Ramos *et al* (1948 *apud* BRUSSI, 2009, p. 19), por sua vez, afirmam que sua origem vem do século XV, tendo como berço a Itália setentrional, mais precisamente, Milão e Gênova, cuja lenda da renda de Vênus confirmaria a origem italiana:

A lenda fala de que um marinheiro ofereceu à sua noiva um ramo de coral denominado Mermaid's lace, ou “renda da sereia”. A moça ficou encantada com a delicadeza da planta e, com receio que se desintegrasse com o tempo, tentou imitar seus lindos nós com a agulha. Sua tentativa teria resultado na criação da renda.

Uma outra lenda diz que um jovem pescador usando pela primeira vez uma rede de pescar tecida pela sua noiva, apanhou do fundo do mar uma belíssima alga petrificada, que ofereceu à sua eleita. Tempos depois, partiu para a guerra. A noiva, saudosa e com pensamento voltado para o ausente, um dia, teceu outra rede que reproduziu o modelo da alga; os fios dessa rede eram terminados por pequenos chumbos. Assim, foi descoberta a renda chamada “*a piombiini*” ou de chumbos; os chumbos foram posteriormente substituídos por bilros. Dessa forma, de um pensamento amoroso teria surgido a renda de bilros.

Anos depois, a arte do rendado teria chegado à França, invadindo a Corte do Rei Luís XIV e chegando aos centros produtores de Portugal.

No Brasil, considerando que, no início da colonização, poucos eram os brasileiros que se vestiam com tecidos, e os que o faziam, importavam tecidos sofisticados do Oriente e da Europa, infere-se que tenha aqui chegado com as primeiras mulheres portuguesas vindas de áreas costeiras daquele país, onde, tradicionalmente, as rendas eram produzidas e que, ao virem para o Brasil, trouxeram a atividade da renda para enfeitar trajes e alfaias da igreja, além de toalhas, cortinas, lençóis e peças do vestuário da nobreza.

²⁷ Disponível em: <<http://www.brasilcultura.com.br/artes-plasticas/renda-de-bilro/>>. Acesso em: 02. abr. 2016

Após assentarem-se no Nordeste brasileiro, seguiram pelos estados das áreas costeiras, em sua maioria, áreas de pesca, onde permanece até hoje a atividade de pesca e de renda: na região Norte (Pará), Nordeste (Alagoas, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Sergipe e Bahia), no Sudeste (Rio de Janeiro), e no Sul (Santa Catarina).

De acordo com Ângelo (2013), a renda de bilro surgiu em Santa Catarina por influência dos açorianos. Os primeiros imigrantes partiram do porto de Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, rumo ao Brasil, em 21 de outubro de 1747, chegando ao destino em 6 de janeiro de 1748. Para sobreviver, os homens pescavam com redes artesanais, e como se demoravam muito tempo na pesca, suas mulheres ocupavam o tempo livre tecendo em almofadas de bilro.

As rendas eram vendidas no mercado ou trocadas por produtos de necessidade básica para reforçar o orçamento familiar, numa tradição cultural, passada de geração para geração, e que originou o ditado popular “onde há rede, há renda”.

Segundo o IPHAN (2011, P. 18), o Ceará se destaca, dentre os estados nordestinos, no que tange à tradição do artesanato da renda de bilro e, com sua propagação, a renda chegou ao Maranhão, com menor intensidade em cidades como Pastos Bons, Caxias e São Luís e tendo-se sobressaído em Raposa.

3.3.2 A renda em Raposa

Foto 6: Rendeira – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

Quando residiam em Acaraú, algumas rendeiras se revezavam entre a feitura da renda e atividades árduas, como a raspagem de mandioca, para ajudar no sustento de suas famílias, como lembra F.O:

Então era assim... lá no Ceará... eu raspava mandioca... eu fazia renda... como eu lhe falei que... eu desde criança novinha... como uma menina de doze anos... eu já tirava assim... carga de animal grande... de burro... tudo pra quê? ...de mandioca... pra ganha o meu dinheiro viu? ... desde pequena eu sempre gostei de ganhá o meu dinheiro e aí ela foi dezê / “minha filha” ... que também a gente... raspa mandioca... a gente também raspa mandioca aqui pra gente ganha dinheiro... e faz renda... aí eu disse assim: “senhora... quando tem... mandioca...eu raspo mandioca... porque... ganha mais... ganha mais um pouquinho mais...um pouquinho mais... a luta é grande mais ganha mais... e quando não tem eu faço a minha renda... depois que eu vou fazê... aí ela mando eu fazê a almofadinha pra mim... (Entrevista 6, linhas 42 a 54).

De lá para cá, a renda de bilro se firmou como artesanato característico do local e como uma tradição que vem, ao longo do tempo, passando de geração para geração.

Para fazer as rendas, as rendeiras seguem a tradição cearense de se sentar ou no chão ou num banco e se posicionar diante de uma *almofada de bilro*. Essa *almofada*, por sua vez, é colocada em cima de um banco, para ficar na altura das mãos da rendeira. É de formato arredondado, feita com saco de estopa e recheada com palha de bananeira. Fica apoiada numa *rudia*, como explica dona F.O e dona A.P.R:

*INFORMANTE 6: a gente pega ela assim... umais quatro ou cinco... e dá uma trocida assim... duas pessoa... e aí vem... trazendo assim... amarra... e pega a palha... palha da banana... do tronco da banana... umais palha larga... que vão secando... aí a gente cobre ela... PESQUISADORA: ah... aí forma a rudia... INFORMANTE 6: aí forma a rudia... (Ent. 6, linhas 419 a 423). “
INFORMANTE 8: e aqui a almofada... PESQUISADORA: a almofada...
INFORMANTE 8: e a rudia... PESQUISADORA: a rudia fica embaixo?
INFORMANTE 8: é... (Ent. 8, linhas 137 a 141)”*

Sobre a almofada, é colocado um *papelão pinicado* (o molde da peça a ser feita – um papelão todo furado de acordo com os pontos a serem feitos) e sobre esse papelão, são fixados *espinhos* (pequenos espinhos de mandacaru, buscados no Ceará e comprados no *molho*). Esses espinhos fixam os *bilros* (objetos de madeira em que são fixadas as linhas, todas de uma cor só ou coloridas, que têm a ponta arredondada, feita de semente de tucum).

Foto 7: Rendeira tecendo na almofada de bilro – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

Além da almofada, as rendeiras utilizam linha, tesoura e agulha de costura para enrolar as linhas nos bilros. As rendeiras entrevistadas revelaram preferir as linhas Clara e Cléa, porque, na sua opinião, são mais delicadas.

A rendeira senta diante da sua *almofada* e inicia a arte de fazer renda, com movimentos rápidos, precisos e de difícil descrição. É um ir e vir dos *bilros*, que se entrelaçam uns nos outros conforme os pontos vão sendo feitos. A perfuração do *papelão* determina o ponto a ser feito. Assim, a todo o instante os *espinhos* são mudados de posição, acompanhando as perfurações, e novos pontos surgem, a partir desse entrelaçar nos bilros. De acordo com o entrelaçar, a denominação do ponto muda: *trocado*, *trocado inteiro*, *meio trocado*, *pingo d'água*, *dente de rato*, *embuchado*, *charita*, *traça* etc.

Foto 8: Rendeira fazendo renda – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

Após a peça ser tecida, dependendo do que a rendeira está produzindo, uma nova peça igual é tecida em seguida, para que depois as duas partes sejam unidas com agulha e linha. Normalmente, quando se trata de uma camisa ou qualquer outro objeto que tenha duas partes, é feito dessa forma.

A duração da fabricação de uma peça de renda varia muito; uma mais simples pode durar de dois dias a uma semana. Já uma colcha de cama, por exemplo, que é mais trabalhosa, pode durar, dependendo da complexidade dos pontos, até um mês para ser feita. Fazer renda é, também, um exercício de paciência e dedicação. E acima de tudo, é uma arte, como salienta dona E.M:

É... minha filha... porque tem gente que ah... rendera... rendera... rendera o que? Rendera é uma profissão que é linda... e sabe o que foi que o presidente do Sebrae disse (...) {eu acho que não se trata de um inventor}... o presidente do Sebrae falou assim: “é... eu via falá em rendera eu pensei que era coitadinhas... / rendera é artista... é uma arte...” viu?... são artistas... pessoas que inventam... que tem no cérebro coisas lindas pra poder fazê... então são verdadeiros artistas... (Entrevista 4, linhas 289 A 297)

O fazer renda se apresenta, também, como uma identidade cultural, e a ligação com a renda feita originalmente em Acaraú é ainda tão forte, que a renda produzida em Raposa se confunde com a cearense. Como uma forma de reforçar as suas origens, as rendeiras gostam

de evidenciar a diferença entre a renda de bilro feita em Raposa e em Acaraú, evidenciando que a renda feita no “feitio” cearense é de melhor qualidade:

INFORMANTE 3: mulé... no Ceará assim... porque... aqui a gente vende mas vende um tipo... e lá é mais barato...lá tem mais... mais gente que trabalha né?... porque na região nossa... a renda lá é cara... que a renda lá do Acaraú é uma renda bem feita... é uma renda bunita... e a renda de... de... das outra praia... de Fortaleza... Mundaú... é... a... a... a... como é o nome das praia meu Deus do céu... outras praia que tem lá... varias praia lá fazem renda... em Fortaleza... mas a renda é... é diferente do Acaraú... a renda do Acaraú é uma renda bem feita... uma renda mar miúda... mar bunita... o pessoal sabe trabalha mesmo /é... mais bunita...aqui ó! Essa aqui ó! Essa aqui é do Acaraú... deixa eu te mostra uma de Fortaleza... lá... aquela ali ó... .é diferente... perfeita... a renda é bem feita...é... porque... nós trabalha com essa aqui mas aqui é muita pouca gente que trabalha... não tem... não tem rendera que de pra bate esse monte de loja... o fetio que é diferente...é uma renda graúda...

O que muda, segundo as rendeiras, é o acabamento. As peças de renda feitas de acordo com o feitio do Ceará seriam, conforme algumas das entrevistadas, mais bem acabadas, os pontos menores, mais fechados, enquanto que as feitas segundo o feitio maranhense seriam mais “graúdas”. Além das diferenças da feitura em si entre a renda feita em Raposa e no Ceará, dona L.S enfatiza a diferença da pronúncia da lexia bilro nos dois estados, lamentando-se de não ser visto com bons olhos pelos maranhenses a pronúncia “birro”, como ocorre no Ceará:

Agora é uma história... o negocio do biurdo... eu não vou lhe afirmar porque lá no Acaraú nós chamava BIRRO... BIRRO nós chamava birro aonde aqui sirviu de inguinorança... era inguinorá... inguinorado...eu quero que esse nome BIRRO seja uma coisa feia...pois esse era o NOSSO nome...agora birdo ninguém pode chamá assim que nós... mais agora eu nunca temi pra chamá de outro jeito eu chamo é birro que foi assim que eu aprendi ... Birdo mas que é do Maranhão... que no Maranhão é diferente do Ciará...o ia... aqui tem muita gente que faiz renda mais é porque já vei de lá....” (Entrevista 1, linhas 150 a 167)

Fato é que, percorrendo o Corredor das Rendas, encontramos rendeiras tecendo tanto rendas graúdas quanto rendas no feitio cearense, e ambas têm boa “saída”. Aos olhos de uma pessoa leiga, são ambas iguais; é necessário uma profissional nos mostrar a diferença.

O Corredor das Rendas, principal ponto turístico de Raposa, é uma longa e estreita rua, principal via de acesso aos portos de embarcação, onde, de um lado e do outro, há vendas de rendas. Essas lojas são as próprias casas das rendeiras, cujo primeiro cômodo é utilizado para a venda das rendas. Estas também ficam expostas nas calçadas das lojas, onde as rendeiras passam o dia tecendo, enquanto aguardam os clientes. Cria-se, desse modo, um belo e bucólico cenário: uma rua de rendas por todos os lados e rendeiras sentadas, tecendo em seus bilros.

Além do Corredor das Rendas, as peças também podem ser feitas na Associação das Rendeiras de Bilros. Criada em 1998, localiza-se em Raposa e tem hoje 55 rendeiras associadas. Segundo dados do IPHAN (2011, p. 31 a 33), a Associação tem um papel muito limitado no apoio à atividade das rendeiras, pois a atividade de produção de renda acontece de forma isolada, nas casas das rendeiras, como explicitado acima. As poucas rendeiras que não fabricam suas peças em casa produzem-nas na Associação, que se encarrega de as encaminhar para o Centro de Comercialização de Produtos Artesanais do Maranhão (CEPRAMA). O CEPRAMA é uma antiga fábrica de sabão que foi restaurada e hoje é um ponto turístico de São Luís, onde é vendida uma diversidade de artesanatos fabricados no Maranhão.

As rendeiras associadas recebem ainda treinamentos do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), com dicas inclusive de tendências de moda. Muitas vezes, as que participam desses cursos *pinicam* os moldes com as peças que aprenderam e vendem para as que não são associadas. Assim, encontramos em Raposa tanto peças mais tradicionais, como caminho de mesa, colcha de cama, toalha de mesa, quanto peças mais modernas, como saias curtas e compridas, vestidos de diversos modelos e até coletes/boleros.

3.3.3 O universo de redes e rendas em Raposa

Foto 9: Redes e rendas – Raposa/MA



Foto: Zeqroz Neto

A ligação entre o universo das redes e do universo das rendas em Raposa é tão forte, que foi objeto de estudo da dissertação *Onde há rede, há renda* (SOARES, 2011), defendida na Universidade de Brasília. Nela, a autora analisa as relações de gênero entre pescadores e rendeiras, com o intuito de acessar as formas de relações entre estes, em suas atividades manuais com linhas.

Em Raposa, enquanto as rendeiras tecem e vendem suas rendas, seus maridos, pescadores, estão ou em alto-mar, ou nos portos, numa roda de conversa, contando as proezas vividas na última pesca. Ao chegarem em casa, contam essas histórias, vividas por si mesmo ou por algum outro pescador, para suas esposas, e começam a remer (COSTA; SEABRA, 2015) e entralhar (COSTA; SEABRA, 2015, p. 161) suas redes para a próxima pesca.

Antigamente, as rendeiras, além de fazerem rendas, ajudavam seus maridos a entralhar suas redes. Com o crescimento do comércio da renda, essa atividade passou a ser quase que exclusivamente dos pescadores. São poucas as que ainda tecem redes.

Como eles costumam realizar essa atividade nas portas de suas casas, ao caminharmos no Corredor das Rendas, é comum observarmos as rendeiras tecendo suas redes e os pescadores entralhando suas redes, de modo harmônico, no mesmo espaço.

Sobre essa convivência de redes e rendas, Soares (2011, p.88) destaca:

O mar é deles, mas a rua é delas e deles também. O terraço de casa é delas e deles, as linhas são delas e deles, o tecer de ambos. Se ele está na pesca, no mar como território legítimo de conformação de sua pessoa, ela está em casa e é dela seu interior; os apetrechos, os móveis [...] Todo o território legítimo de afirmação de sua pessoa. Mas a porta da rua é de ambos. O vento, as tardes, os terraços, as agulhas, as linhas, habilidades e o calor também o são.

Além de conviverem no mesmo espaço, as redes e rendas nos remetem a um interessante ponto de intercessão: são ambas atividades que envolvem o ato de tecer. Como explicitado no item anterior, as rendeiras tecem as linhas nos bilros afim de fazerem rendas. Já os pescadores tecem as linhas de náilon para fazerem suas redes. Soares (2011, p.62) considera que:

O tecer, nesse sentido, atua como um princípio que repercute na existência do remendar e do trocar. Portanto, a tendência no caso de Raposa estaria demonstrada pelas lógicas comuns que operam a manipulação conjunta de linhas (entre pescadores e rendeiras). É sob a lógica da tendência, da disseminação de modos semelhantes de ação sobre a matéria, que podemos explicar o fato de que “onde há rede, há renda”. Afinal, são produtos absolutamente distintos, mas processos técnicos estruturados sobre princípios semelhantes.

Soares (2011, p.1 a 8) vê, assim, uma relação intrínseca entre as duas atividades:

Poderíamos afirmar que a renda é uma pequena rede. As redes de pesca são tecidas por homens e eventualmente por mulheres. No passado, antes do desenvolvimento do comércio de rendas, as mulheres só teciam redes, agora passaram a produção quase exclusiva de rendas, deixando para os seus maridos os cuidados com as redes. Dessa forma vemos claramente uma proximidade, uma adequação técnica, um encaixe entre homens e mulheres.

Outra questão muito interessante no que tange as redes e rendas é que, embora sua feitura seja uma atividade artesanal, tanto os pescadores quanto as rendeiras as desenvolvem com muita criatividade, tanto do ponto de vista da atividade em si, quanto do ponto de vista lexical. As rendas têm uma diversidade de pontos, cada um com sua característica e com as mais diversas denominações, como *paninho de meio trocado*, *pano*, *pano cheio*, *pano corrido no meio*, *pano de meio trocado*, *pano de trocado inteiro*, *pano tecido*, *papelão picado*, *priquitinho*, *priquitão*, *ponto de fora*, *ponto inteiro*, *trocadinho*, *trocado*, *trocado cheio*, *trocado completo*, *trocado d'água*, *trocado fechado*, *trocado inteiro*. As rendas podem ser *renda de bico*, *renda de birro* ~ *renda de biurro*, *renda de metro*, *renda fina*, *renda graúda*, *renda grossa*, *renda renascença*.

Os pescadores, por sua vez, são criativos não somente nas muitas formas de pescar, como curral e espinhel, como também nas denominações dadas às marés com as quais convivem no ato da pesca (COSTA; SEABRA, 2015). Costa e Seabra (2015, p.113), a esse respeito, destacam:

[...] a alta capacidade criativa dos pescadores de Raposa, visto que os nomes de redes, formados com o sufixo -era (carumipinzera, gozera, pescadera, pituzera, serrera, tainhera) e dos nomes compostos das marés (maré cheia, maré de crescimento, maré de enchente, maré de lançamento, maré de quarto, maré de quebramento, maré lançante, maré seca e marezão de lua) [...] não se encontram dicionarizadas no glossário de Santos (2010), um trabalho recente que também versou sobre o léxico da pesca.

Costa (2012, p. 113) ainda ressalta:

No que se refere aos nomes das redes, verificamos que os pescadores de Raposa as nomeiam de acordo com os peixes que elas se destinam a pescar (camurupim/camurupinzera; gó/gozera; pescada/pescadera; pitiu/pituzera; serra/serra – serrera; tainha/tainhera), denominações estas não localizadas por nós na literatura.

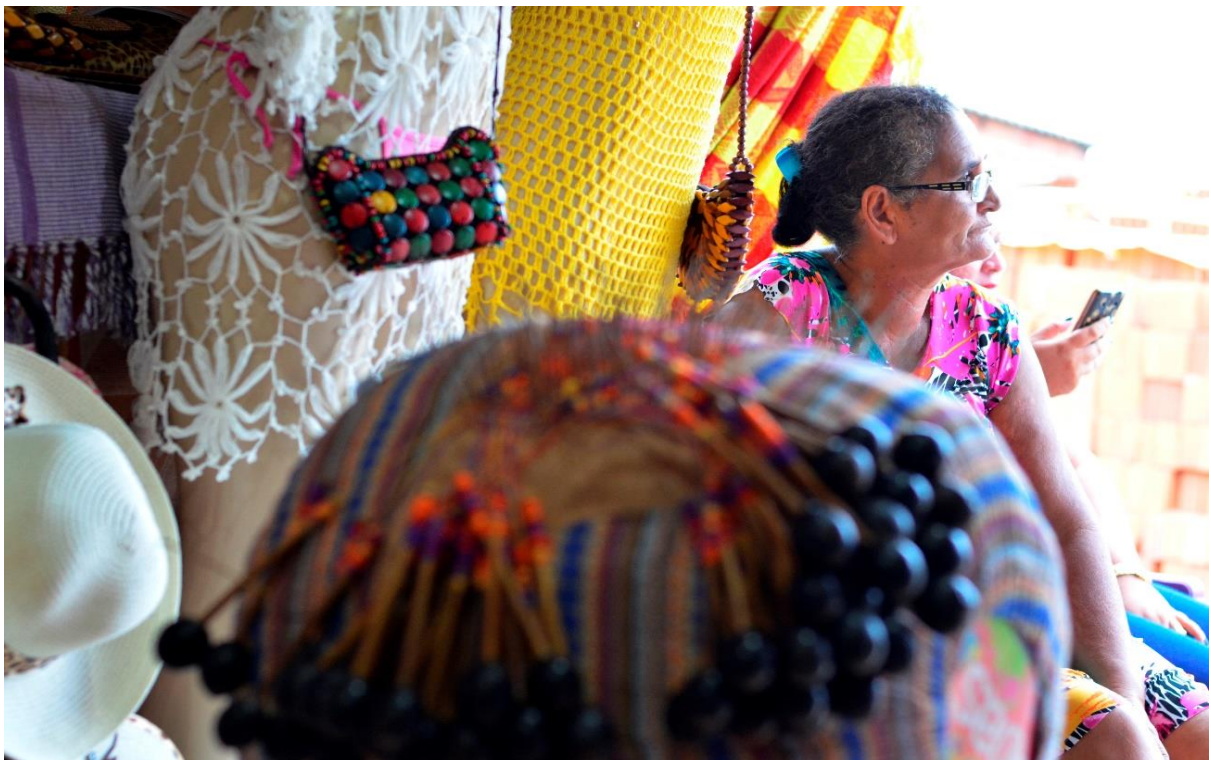
Por fim, tanto a pesca quanto a renda são fruto de uma tradição cultural. A pesca, mais que uma atividade de sustento, envolve técnicas, conhecimentos e saberes passados de

geração em geração. O mesmo ocorre com a renda. A tradição de fazer renda, passada de uma geração para outra, ainda vem sendo mantida, apesar da influência avassaladora dos meios de comunicação, que, muitas vezes, levam algumas tradições a se extinguirem.

No entanto, diferente da tradição da pesca que, em Raposa, vem se mantendo ao longo do tempo e das gerações, a geração mais jovem das mulheres já está muito relutante em manter a tradição de fazer renda, de modo que são poucas as rendeiras jovens existentes e daí a urgência de documentarmos a cultura das rendeiras, assim como seu repertório lexical, assim como registramos a linguagem e a cultura dos pescadores (COSTA, 2012), a fim de que colaboremos com a preservação desse patrimônio imaterial da humanidade.

3.3.4 A memória de Acaraú revelada no léxico das rendeiras

Foto 10: Almofada de bilro e rendeira ao fundo – Raposa/MA



Fonte: Zqroz Neto

“Todo o texto é marcado por aspectos culturais da sociedade em que ocorre.” (REYES, 2009, p. 67) (Tradução nossa)²⁸ E a relação entre o léxico de uma comunidade e sua cultura fica evidente quando observamos algumas lexias presentes na fala das rendeiras, que retratam a sua infância em Acaraú.

²⁸ *Todo texto está marcado por los aspectos culturales propios de la sociedad donde se produce.*

A infância na pacata Acaraú, comendo frutas ainda verdes escondidas das mães, pois estas acreditavam fazer mal, são reveladas na entrevista 13, por meio das lexias *siriguela*, *manga verde* e *maçã de caju*, *maturi*, *ardoso*, *limão verde* e *farinha mole*:

INFORMANTE 13: eu sempre eu fui assim... eu... eu ... eu num tenho estudo não tive estudo num tive nada fui criada no interiô comendo maçã de caju... correndo atrás de uã siriguela duã manga verde ...duã coisa... PESQUISADORA: maçã de caju é o caju não né? INFORMANTE 13: é é é ...mas quando ele tá verde é a maçã que dizê... PESQUISADORA: olha eu nunca comi como é que é? INFORMANTE 13: é verde é quando ele tá verdinho “menina esse caju tá só o maturi” “a... mas tem maçã e a gente comeu” olha tua boca porque quando ainda tá um pôco verdoso ele tem um leitinho que pega assim no centro da boca da gente viu.. (Ent.13, linhas 22 a 33).

INFORMANTE 13: era uma siriguela até os limão ...a gente cortava ele miudinho e cumia o limão verde... PESQUISADORA: ui... INFORMANTE 13: passava assim um pôquinho de sal com pimenta do rêno... eu gosto de coisa verde... PESQUISADORA: arde.... INFORMANTE 13: coisa verde ardoso sempre foi cumigo... a gente pegava a farinha... quando tava torrando a farinha ela ela fica assim mole que tem a farinha mole a farinha mole ela não ela já tá no ponto de cumê que num imbebeda niguém porque quando ela tá inda massa se cumê assim fica bêbado... (Ent. 13, linhas 48 a 54).

Como é relatado na entrevista, em sua infância, era comum a alimentação com frutas e havia as frutas “proibidas”, por serem consideradas nocivas à saúde pelas mães, como *manga verde*, *limão verde* ou o *maturi* do caju. No Nordeste, de modo geral, é da nossa cultura a proibição por parte de alguns pais de se comer frutas não maduras, como manga verde, porque se acredita que faz mal, principalmente se comida acompanhada de sal. A rendeira fala ainda do *maturi*, que, é a castanha do caju, do qual escorre um leite *ardoso* quando a fruta está verde, da *maçã do caju* (nome dado à carne macia da fruta).

Outro costume era o de comer a farinha mole, que é a farinha quando ainda está em processo de preparo e ainda não endureceu. Algumas pessoas acreditam que massa crua da farinha embebeda, então as crianças esperam a farinha cozinhar e, ainda mole, a comiam com cebola e cheiro-verde.

INFORMANTE 13: coisa verde ardozo sempre foi cumigo... a gente pegava a farinha... quando tava torrando a farinha ela ela fica assim mole que tem a farinha mole ... a farinha mole ela não ela já tá no ponto de cumê que num imbebeda niguém porque quando ela tá inda massa se cume assim fica bêbado... PESQUISADORA: ah é a farinha d’água? INFORMANTE 13: é a farinha seca a d’água também a d’água também... PESQUISADORA: num sabia... INFORMANTE 13: porque tá crua... porque tá crua... PESQUISADORA: ela é feita do que a farinha? INFORMANTE 13: da mandioca...PESQUISADORA: hum... hum ah mas é como se você tivesse assim tomando assim uma bebida alcoólica... INFORMANTE 13: verdade... PESQUISADORA: ah... INFORMANTE 13: e então aí a gente quando ela tava assim mole a gente pegava e jogava um bucadin’ de cheiro verde por cima cebola porque lá a gente num chamava cheiro verde... (Ent. 13, linhas 52 a 65).

Quando se reuniam em grupo para fazer rendas, ou *tecê*, era costume haver disputas de quem terminava de fazer sua renda mais rapidamente. Quem perdesse, tinha que pagar uma prenda, a *merenda*. São lembranças que surgem no olhar distante e saudoso de S., e são retratadas por meio das lexias *pareia*, *pareá* e *merendá*:

*INFORMANTE 15: quando era de bem cedo até mei' dia nós fazia dento de casa né ... agora por causa do almoço né aí a gente fazia den'di casa ...aí quando era de tarde a gente falava com a vizinha saia pa casa delas aí ficava duas três quato ali...pareando... PESQUISADORA: é...menina novinha...fazendo ...pareando ...fazendo... INFORMANTE 15: aí nós pegava pareia pareia... pareia quem terminava primeiro dás tira... PESQUISADORA: pareia da tira quem terminava primeiro ganhava? INFORMANTE 15: isso ganhava... aí pronto... PESQUISADORA: aí vocês pareavam o que? Aí tu ganhava pareia? INFORMANTE 15: olha demais... demais... PESQUISADORA: quem ganhava pareia num pagava era quem perdia? INFORMANTE 15: que perdia... PESQUISADORA: quem ficava por último... INFORMANTE 15: coitada delas... PESQUISADORA: aí com isso você foi ficando cada vez mais ligera também né? INFORMANTE 15: foi aí eu ensinei pra minha filha... PESQUISADORA: ah tua filha faz também é? INFORMANTE 15: não qué... (Ent.15, linhas 85 A 101).
INFORMANTE 15: quem terminava primeiro pagava ou pagava era coisa de suco... pão essas coisa assim... PESQUISADORA: merenda? INFORMANTE 15: pra merendá.. coisa pra merendá... aí pronto... tinha umas lerdinha... minha irmã uãs lerdinha... (Ent. 15, linhas 93 a 96)*

Além das *pareias*, havia o hábito das rendeiras cantarem enquanto teciam, mantido por algumas até hoje:

PESQUISADORA: é... eu só tenho mais uma pergunta pra lhe fazê... que minha orientadora... ela tem uma curiosidade... é verdade que quando vocês... a última pergunta... que quando vocês faziam renda... se sentavam no chão... tinha umas cantigas que cantavam... ou não... isso é lenda? INFORMANTE 6: (risos) PESQUISADORA: é lenda de pescadô? INFORMANTE 6: (risos) não é lenda não minha filha... eu canto até hoje... PESQUISADORA: é? Olha que beleza... mais tinha alguma música especial que cantava? INFORMANTE 6: eu canto até hoje olha... a cantiga mulhé rendera... eles cantavo muito... mais eu nunca me liguei a isso não... "olê mulê rendera... olê mulê rendá... tu me ensina a fazê renda... que eu te ensino a namorá..." (Ent. 6, linhas 772 a 781).

A lexia *casculo* revela um outro lado da infância, os castigos que algumas recebiam, quando não faziam a renda da forma que as mães tinham ensinado:

INFORMANTE 6: é... mais é... essa renda aqui ela não faz... porque essa é difícil... "aí chega a pessoa e "ô dona F. tão difícil não é? Como que você aprendeu?" eu digo "olha... eu aprendi levando casculo..." menina... se tu errou isso aqui... eu vô te dá aqui aquele casculo... porque aí ela te dá um casculo tão grande que tu vai vê..." aí a gente tinha um medo tão grande daquele casculo das velha que já tinha / (risos) PESQUISADORA: já caprichava... (risos) INFORMANTE 6: aí tinha que fazê que um casculo daquele dexava a gente desorientadinho (risos) do juízo viu? (Ent. 6, linhas 206 a 212).

Era o rigor de quem queria que suas filhas aprendessem com perfeição o ofício que as mães tinham aprendido com as avós e, assim, era passado de geração em geração.

A rendeira E. lembra que o vestuário contava com roupas feitas de tecidos como o morim ou algodãozinho. O morim era cozido em cascas encontradas no mangue ou em cascas de caju, sendo que o pai, pescador, tirava a casca do mangue ou do cajueiro, e a mãe a cozinhava:

INFORMANTE 4: e agora eu falei... que a minha mãe pegava o morim... fazia a roupa... PESQUISADORA: morim é um tecido? INFORMANTE 4: é um tecido bem bem... inferiozinho... PESQUISADORA: hunhum... INFORMANTE 4: algodãozinho o nome do outro pano... Aí meu pai tirava a casca do mangue ali... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 4: aí minha mãe cozinhava... e botava o morim na casca do mangue ou do cajueiro pra tingi... Porque o morim é branco... (Ent. 4, linhas 105 a 120).

Após recordar a infância, S. relata um pouco da sua vida com o marido pescador, na luta pela sobrevivência:

INFORMANTE 13: era barraca era uã barraca porque não era nem mercearia porque era coisa muito poca... uã pesadinha ali nos papel ele chegava trazia pra mim... “tu guarda esse dinheiro aqui pra gastá em casa e esse daqui nós vamo vê pra juntá ... quando chegá o inverno... a gente tem ao meno um dinheiro pá pagá um homi pá pegá uns espeque no mangue” ... pra botá o curral porque era o meio de vida dele o meu era renda e o dele era pescaria curral ... aí é assim a gente vivia viu ... e eu eu ia pra lá e o dinheiro ficava aqui deus me livre quem tinha um guarda ropa? (passa uma pessoa) (_Deus te abençoe!)... nem uã mala não tinha era as caxinha que a gente trazia do comércio as caxa de leite os leite ninho aí a gente pagava alguém pra fazê mala... tinha gente que tinha assim uã maletinha comprava assim pra fazê uã viagem mas a gente mesmo ocê num é do tempo a gente tinha assim () lá no Ceará não eu nunca comprei essas coisa... aqui não fazia caixinha... todo mundo... (Ent. 13, linhas 430 a 438).

São recordações resgatadas por meio de histórias, as quais se constroem a partir de um léxico, o que nos permite afirmar que, resgatar e registrar o léxico de um é preservar a sua memória, seu passado, sua história. E esse resgate só é possível na medida em que estudamos o léxico e a cultura de quem o utiliza, simultaneamente.

Foto 11: Renda de metro – Raposa / MA



Fonte: Zegroz Neto

CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS DADOS

Seguindo os procedimentos metodológicos, expostos no capítulo 2, passemos à descrição e à análise dos dados retirados do *corpus*, selecionados a partir de entrevistas realizadas no município de Raposa, MA, apresentados em fichas para fins de sistematização. São 207 lexias, apresentadas em ordem alfabética e transcritas conforme mostram as regras já citadas na seção 2.2.5.

1. Agulha Nf [Ssing]

PESQUISADORA: e você belisca com que? Com o?... *INFORMANTE 1*: agulha! com agulha... (Ent. 1, linhas 33,34).

INFORMANTE 2: *O croché que faz a rosa... faz o cravo... tudo só num ponto só... Só com uma agulha só...* (Ent. 2, linha 64).

A renda a gente corta e não desmancha... e o croché é feito com vários pauzinhos que a renda é feito só com agulha... (Ent. 2, linhas 104 e 10).

INFORMANTE 3: *que o croché é na agulha... assim na mão...* (Ent.3, linha 473)

PESQUISADORA: porque croché e mais chato... porque com aquela agulha...

INFORMANTE 3: *não... não é nada... de croché eu faço chapéu e ... chapéu...* (Ent.3, linhas 971 e 972).

PESQUISADORA: *mas aí você pega a saia e o papelão aí como é que eu chamo aquele negócio de furar o papelão?* *INFORMANTE 10*: *a agulha...* (Ent.10, linhas 39 a 41).

Registro em dicionários:

5. Bluteau: **AGULHA**, f. f. instrumento de cozer com ponta, fundo onde se enfia a linha, ou outra coifa com que se coze, *he de jerro, ou aço*. § *Agulha de jazer meia*, tem huma ponta lifa, e outta barbada.
6. Moraes: **AGÚLHA**, s. f. Instrumento de cozer com ponta, fundo onde se enfia a linha; ou outra coisa que se coze; *be de ferro, ou aço*.
7. Freire: **AGULHA**, s. m. Ital. *aguglia*, do lat. hip. *acucula*, de *acus*. Instrumento de ferro, aço, madêra ou outra matéria, aguçado em uma das extremidades e tendo na outra um buraco por onde se enfia a linha, fio, retrós, corda, barbante, tira de junco da Índia, com que se cose, borda ou tece.
8. Aurélio: **AGULHA**, [Do lat. vulg. *acucula* < lat. *acula*, dim. de *acus*.] 1. Hastezinha fina de aço, aguçada numa das extremidades, e com um orifício na outra, por onde se enfia linha, fio, lã, cadarço, barbante etc., para coser, bordar ou tecê: “Chegou a costureira, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser.” (Machado de Assis, *Várias Histórias*, p. 231.) | 2. Varinha de metal, madêra, aço, celuloide, marfim etc., com gancho próprio, e usada para fazê meia, renda, ou obras de malha.

Origem: Do lat. **acūcula*, dim. de *acus* ~ *ūs* (CUNHA, 2010, p. 20).

2. Algodãozinho Nm [Ssing]

INFORMANTE 4: algodãozinho o nome do outro pano... aí meu pai tirava a casca do mangue ali. (Ent. 4, linha 117).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **ALGODAM**. Especie de carepa, ou lanugem, muito fina, branda, & branca, como neve, que depois de caída a flor da planta, que a produz, fahe de hú fruto femelhante à Aveláa barbada, o qual fe abre em três, ou quatro partes.
2. Morais: **ALGODÃO**, s. m. Fruto do algodoeiro; é um casulo oval, mas mais agudo, verde, que em seco cobre uma matéria de fibras tenuissimas, que se fia, para tecido, e é mui alva; a qual tem uns caroços negros a que está pegada.
3. Freire: **ALGODÃO**, s.m. Ár. Alkutun. Fibra vegetal muito alva e fina que, em um casulo, rodeia as sementes do algodoeiro. || 2. Fio feito com essa fibra. || 3. Tecido fabricado com êsse fio.
4. Aurélio: **ALGODÃO** [Do ár. *al-qut?nou al-qut?un.*] || 3. Tec. Têx. Fio ou tecido fabricado com algodão¹ (1), que absorve muito bem a umidade, é macio, confortável, durável, mas encolhe e amassa com facilidade.

Origem: Do ár. hisp. *al ~qutún* (cláss. *qutún*) (CUNHA, 2010, p. 26).

3. Almofada [Nf [Ssing] ~ Almofadinha [Nf [Ssing]

INFORMANTE 1: aí a minha NUNCA aprendeu... agora levei lá uma almofada na casa... pro... na casa dela tem uma venda de renda.. (Ent.1, linhas 33 e 34).

INFORMANTE 1: e cuidando das suas almofadinha... (Ent.1, linha 137).

INFORMANTE 1: tinha criança que fazia renda até... só de calcinha piquinininha na almofada fazendo renda... (Ent.1, linha 139).

PESQUISADORA: mas aquele negócio bonito que tem uma almofada como é que chama aquele ali? Ali que o birro? INFORMANTE 1: aquele ali é a almofada... o birro é aquele compridinho que tem um buraco... que aqui tem o cabo... (Ent.1, linhas 212 a 215).

PESQUISADORA: o birro formado daquele ali... Então vamos supô... Eu vou fazê uma renda eu tenho que ter uma almofada /INFORMANTE 1: você tem que ter uma almofada... cê tem que ter os espinho de mandacaru... (Ent.1, linhas 216 a 218).

PESQUISADORA: certo... e e... o que é? INFORMANTE 1: almofada... PESQUISADORA: almofada... INFORMANTE 1: almofada... espinho... (Ent.1, linhas 221 a 224).

INFORMANTE 1: ali faz o desenho a M. é chefe nisso aqui /PESQUISADORA: e a almofada tem outro nome que chama /INFORMANTE 1: só almofada mesmo... PESQUISADORA: só almofada... (Ent.1, linhas 236 a 240).

PESQUISADORA: E... Mas assim é... Que que eu ia lhe perguntar? ... Aí os tipos de... Por exemplo, esse aqui tem o nome só de almofada né? Ou tem outro nome? INFORMANTE 2: É... só almofada mesmo... PESQUISADORA: Só almofada... Aí eu tenho aqui birro não é? Que é aquela bolinha... (Ent.2, linhas 48 a 51).

INFORMANTE 3: ...almofada... PESQUISADORA: almofada... esse aqui em baixo da almofada?

INFORMANTE 3: é a roda da almofada... (Ent.3, linhas 325 a 327).

INFORMANTE 3: é... almofada a gente faz de pano... você pode fazê de pano de rede... (Ent.3, linha 347).

PESQUISADORA: é... claro... então... a gente tinha parado aqui... aqui é a rudia né? INFORMANTE 3: é... PESQUISADORA: aqui a almofada... INFORMANTE 3: é... (Ent.3, linhas 743 a 746).

PESQUISADORA: hum..hum..... aí forma como é que chama esse aqui?

INFORMANTE 4: uma almofada...

PESQUISADORA: almofada... pronto. Almofada é uma base digamos né? Aí esse aqui eu chamo como? (Ent.4, linhas 193 a 195)

3. Almofada [Nf [Ssing] ~ Almofadinha [Nf [Ssing]

INFORMANTE 5: almofada...PESQUISADORA: Almofada... Esses compridinhos? (Ent.5, linhas 97 e 98).

INFORMANTE 6: *um pouquinho mais... a luta é grande mas ganha mais... e quando não tem eu faço a minha renda... depois que eu vou fazê... aí ela mando eu fazê a almofadinha pra mim... foi aí que você percebeu...* (Ent.6, linhas 52 e 53)

INFORMANTE 6: *formamos aqui. essa almofada... agora esse banco aqui já foi ideia minha pra eu trabalhá sentada...* (Ent.6, linhas 86 e 87).

INFORMANTE 6: (...) *eu tenho uma estante grande... só de almofadinha... com os birrim... (risos) eu mesmo ia fazê... e colocá lá... que eu digo... “e a minha almofada? Claro que eu ia fazê todo o dia minha filha...* (Ent.6, linhas 192 e 193).

INFORMANTE 6: (...) *ainda na minha renda... e só pretendo me despartá dessa almofada... quando a morte separá...* (Ent.6, linhas 218 e 219).

INFORMANTE 6: *Deus não vai deixá que isso aconteça... então só a morte vai separa da minha almofada porque é um serviço que eu amo muito...* (Ent.6, linhas 222).

INFORMANTE 6: *até chega nessa almofada... dá trabalho viu?* (Ent.6, linhas 256).

PESQUISADORA: o jeito de fazê a almofada? INFORMANTE 6: *vô virá aqui pra vocês olhe... tá aqui ela aqui... a almofada... a palha de... de bananera...* (Ent.6, linhas 360 e 361).

fazendo as renda nas suas almofadinha... em cima da sua rudia... aí eu vi que assim era melhó... eu peguei e fiz isso daqui... (Ent.6, linhas 394 e 395)

INFORMANTE 6: a almofada *trepadinha* assim...PESQUISADORA: é... (Ent.6, linhas 400 e 401).

INFORMANTE 7: *é a rudia... esse aqui é a almofada... espinho... tem o molde de papelão... e os birro.* (Ent.7, linha 62).

INFORMANTE 7: *os espinho é de lá... a almofada já é daqui a gente tem lá uma pessoa que faz. Biurro também...* (Ent.7, linhas 302 e 303).

INFORMANTE 8: *é. Ela me ensinava eu tinha uma almofada... os birro que ela me dava... aí meu pai queimava os espinho e eu ia aprendendo.* (Ent.8, linhas 39 e 40).

PESQUISADORA: e a almofada ela te deu de presente. INFORMANTE 8: *foi.*PESQUISADORA: e ela te deu a almofada com os biurro de presente? (Ent.8, linhas 43 a 45).

PESQUISADORA: o papelão né? INFORMANTE 8: *e aqui a almofada...*PESQUISADORA: a almofada...INFORMANTE 8: *e a rudia...*(Ent.8, linhas 136 a 139).

INFORMANTE 9: *eu vou encomeda outra almofada... porque essa aqui não vai dá pra fazê a... camiseta.*PESQUISADORA: ah... essa é pequinininha né? aí pra fazê camiseta tem que sê uma almofada maior pra poder cabê um molde maior? (Ent.9, 23 a 24).

PESQUISADORA: você conta por par? Não conta por par? Eu não sabia que tinha diferença também de almofada... INFORMANTE 9: *tem até... tem o maiô e tem o menô... esse aqui são os menô.*PESQUISADORA: então tem almofada pra quem tá começando que é a menô... aí a almofada grande é pra quem já tá experiente...(Ent.9, linhas 30 a 34).

PESQUISADORA: melhoraram... a renda que já tinha de lá... aí vamos pensá numa almofada dessas a gente tem o que? Como é que chama isso aqui embaixo? INFORMANTE 9: *não sei...*

PESQUISADORA: tu não sabe o nome... INFORMANTE 9: almofada... *agora esse aqui é de tucum...*

PESQUISADORA: dentro da almofada tem o que? (Ent.9, linhas 75 a 80).

INFORMANTE 10: *não... essa aqui é a renda de biurro que nem tá aí na almofada...*(Ent.10, linha 64).

INFORMANTE 10: *a gente precisa primero da almofada...* (Ent.10, linha 229).

eu sinto dô nas minhas costa e num posso mais assim me sentá na almofada e trabalha como eu trabalhava... num posso mais... (Ent.10, linhas 398 e 399).

INFORMANTE 11: *Aí, eu pego tu pega assim quando a gente vá assentá ... assentá na almofada é um eu fazia ela me ensinô mais eu não sabia assentá. Que tem que assentá a renda na almofada.*

PESQUISADORA: Ah! Assentá na almofada... a renda na almofada significa o quê? É assentá né?

INFORMANTE 11: *É assentá o trabalho que você vai fazê. Nem todo mundo. Tem gente que faz a renda sem assentá na almofada...*PESQUISADORA: Assentá é pegá o molde...INFORMANTE 11: *É aí coloca o gráfico na almofada aí vai assentá pra começá o trabalho...* (Ent. 11, lnhas 65 a 71).

INFORMANTE 12: *oi... trouxe logo foi a almofada...*PESQUISADORA: ai... esse que eu queria menina... era a almofada... ó olha aqui... pronto... () chegamos a almofada... então aqui... primero era teu pai né agora é tua mãe tudo famoso não é não? Já entrevistei os dois. Você é filha de pessoas ilustres aqui da Raposa... aprendi muito com eles... então aqui eu tenho a almofada... de biuro essa almofada ... eu quero desmembrar tudo dela... esse aqui que material é esse? (Ent.12, linhas 332 a 336).

PESQUISADORA: mais pois muito obrigada ... adorei tua almofada ... achei ela linda... ah sim aí iss'aquí é uma roda que eles coloca aqui embaixo da almofada como é que chama essa

3. Almofada [Nf [Ssing] ~ Almofadinha [Nf [Ssing]

roda? *INFORMANTE 1: não é todo mundo aqui em Raposa que usa eu boto porque eu já aprendi com ela com a F. né agora eu boto iss'aqui fui eu que inventei eu inventei e eu também...* (Ent.12, linhas 615 a 618).

*PESQUISADORA: é como se fosse aí bota o bilro em cima pra furar um tamborete invertido... é como se fosse assim um apoio né um apoio da almofada? *INFORMANTE 1: é e a roda tem um trabalho já eu não consigo...* (Ent. 12, linhas 633 a 635) .*

“tá bom então vem fazê na minha almofada que eu vô cortando” (Ent. 13, linhas 304 e 305).

*INFORMANTE 13: pra não furá a almofada coloca a esponja viu aí coloca o pano e amarra por isso que eu disse que iss'aqui é uma armação de banco... uma armação é uma armação de banco...*PESQUISADORA: ah legal e só pra vê se eu lembro aqui embaixo é a roda não meu deus como que chama? A rodia?**INFORMANTE 13: aqui embaixo aqui é a rudia tem gente que chama roda da almofada* (Ent. 13, linhas 465 a 469).*

INFORMANTE 13: não não é por almofada é pela renda conforme a renda que a gente vai fazê...tem renda que a gente vai pegá talvez vinte vinte e poucos pá... mas essa daqui... (Ent. 13, linhas 479 e 480).

*INFORMANTE 14: o máximo que eles queri dá é quarenta... isso daqui é deixa eu colocá ela bem...*PESQUISADORA: aí é a sua almofada né...INFORMANTE 14: é...** (Ent. 14, linhas 122 a 123).

*INFORMANTE 14: é porque eu tenho otra almofada aí eu dei pra minha irmã trabalhá...*PESQUISADORA: aí aqui dentro é o que? *INFORMANTE 14: é palha de babanêra...** (Ent. 14, linhas 128 a 130).*

*INFORMANTE 15: a vontade aí que ela feiz... ela feiz uã almofada ela colocou tudin...*PESQUISADORA: pequeninha a almofada bunitinha...** (Ent. 15, linhas 36 e 37).

*INFORMANTE 15: trabalhando aí voltei quando eu voltei aí fui de novo pa almofada.*PESQUISADORA: aí em Fortaleza tu não mexeu em almofada? *INFORMANTE 15: não eu não mexi lá ni almofada só ni casa de família mermo trabalhando né... aí voltei de novo pa almofada até hoje eu posso andá por onde andá...*PESQUISADORA: não larga?**INFORMANTE 15: não largo levo a minha almofada comigo...** (Ent. 15, linhas 73 a 76).**

*INFORMANTE 15: tudo mas ela não qué fazê...*PESQUISADORA: ela tem a almofada dela?**INFORMANTE 15: tem mas ela não qué fazê...** (Ent. 15, linhas 119 a 121).

*PESQUISADORA: outra almofada? Essa almofada é linda é grandona né...*INFORMANTE 15: aí que eu digo assim “N. va'mbora fazê N.” uã camiseta pequena eu faço quato tira com quato tira “de jeito nenhum sinhora”...** (Ent. 15, linhas 151 a 153).

*INFORMANTE 15: a almofada ... *simbora... diga...*PESQUISADORA: a almofada aí aqui a palha de bananêra...INFORMANTE 15: isso... os birro...** (Ent. 15, linhas 270 a 272).*

*INFORMANTE 15: porque a renda de birro ela é feita na almofada nessa almofada e o filé é feito ni uma tela...*PESQUISADORA: ah e com a mesma linha não a linha do filé é diferente?** (Ent. 15, linhas 303 e 304).

*PESQUISADORA: então pra eu fazê qualqué coisa de renda eu tenho que pegá o que eu quero... cortá no papelão... pinica no papelão aí esse papelão eu vou botá na almofada pra eu podê assentá?**INFORMANTE 15: isso é...* (Ent. 15, linhas 323 a 325)

INFORMANTE 15: tu vê que eu passo o dia todinho aqui eu só se levanto quando chega alguém eu gosto tanto que eu tenho otra almofada lá em casa... (Ent. 15, linhas 371 a 372).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **ALMOFADA**, f. f. fiteo cheio de la, palha, eabello, ou algodão, para encoftar a cabeça, ajoelhar, o u aïlentar-fe» fobre elle.
2. Moraes: **ALMOFÁDA**, s, f. Saco cheio de lã, palha, cabelo, ou algodão, para encostar a cabeça, ajoelhar, ou assentar-se sobre ele.
3. Freire: **ALMOFADA**, s. f. Àr. *almilchadda*. Espécie de saco, cheio de qualquer substância mole ou elástica (crina, palha, algodão, penas de aves, ar comprimido etc.), e que serve de travesseiro, encosto, assento, ornato etc.; coxim.
4. Aurélio: **ALMOFADA**, [Do ár. *al-muh?adda(t)*.] 1. Espécie de saco estofado para encosto, assento, ou ornato. **ALMOFADINHA**, [De *almofada* + *-inha*.] 1. Pregadeira de alfinetes ou agulhas. | 3. Rodilha que os carregadores põem na cabeça para protegê-la do fardo.

3. Almofada [Nf [Ssing] ~ **Almofadinha** [Nf [Ssing]

Origem: Do ár. hisp. *al-muuhádda* (CUNHA, 2010, p. 28).

4. Aperiado [ADJSing]

INFORMANTE 6: a gente ia fazê... e aí... gostava... me aperriada ela diza: “não... não faço uma peça só não...” uma vai se fazeno cinco metro... a otra faiz cinco... (Ent.6, linhas 63 e 64).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **APERREADO**, part. paff. de aperrear. *Arraes* 10. 29. *qtiam aperreados andão, quam raivofios.*
2. Moraes: **APERREÁDO**, p. part. de Aperrear. *Arraes, IO.* 29. *quant aperreados andão, quam raivosos. vendo-se elles aperreados, tratarão entre si da sua liberdade.*
3. Freire: **APERREADO**, adj. P. p. de *aperrear*. ||2. Oprimido, vexado, molestado, apoquentado. || 4. Que vive com dificuldade, que tem poucos recursos. || 6. Tristonho, aborrecido.
4. Aurélio: **APERREADO**, [Part. de *aperrear*.] 1. Preso, oprimido: “Dantes eram livres. / Agora aperreados, / pastam pelos prados/ como por favor.” (Sebastião da Gama, Cabo da Boa Esperança, p. 71.).

Origem: Do cast. *aperrear*, de *perro* ‘cão’ (CUNHA, 2010, p. 48).

5. Aplicação Nf [Ssing]

INFORMANTE 6: esse é uma aplicação... PESQUISADOR: ah... aplicação...INFORMANTE 6: as pontas da renda são assim ó! (Ent. 6, linhas 84 a 86).

INFORMANTE 6: que antigamente era como a gente tava falando... com a renda de metro... já hoje não é... não é nem aplicação... (Ent. 6, linhas 100 e 101).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **APPLICAÇÃO**, f- f. acção de aplicar, pòr husna coifa junto a outra, parte fobre parte.
2. Moraes: **APPLICAÇÃO**, s.f. Acção de aplicar, pór uma coisa junto a outra, parte sobre parte.
3. Freire: **APLICAÇÃO**, ou **APPLICAÇÃO**, s. f. Lat. *applicatio; applicationem*. Ação ou efeito de aplicar. || 6. Enfeite sobreposto a um vestido.
4. Aurélio: **APLICAÇÃO**, [Do lat. *applicatione*.] 1. Ato ou efeito de aplicar(-se). | 8. Cost. Obra de bordado ou de crochê, renda, passamanaria ou outro tecido, que se aplica sobre peça de costura, como adorno; aplique: *blusa de linho com aplicações em renda.*

Origem: Do latim *applicāre* (CUNHA, 2010, p. 48).

6. Aplique Nm [Ssing]

PESQUISADORA: ah ta... esses ispinho foi que tu fez? INFORMANTE 8: tucum... PESQUISADORA: tucum... mandacaru né? E o que que eles fazem com biurro? faz caminho de mesa... INFORMANTE 8: caminho de mesa... camiseta... aplique... (Ent.8 , linhas 142 a 145).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: **APLIQUE** [Do fr. *applique*.] 1. Objeto aplicado à parede para servir de ornamento e/ou como foco de iluminação, com motivos diversos: *O espelho tem de cada lado um aplique de opalina.* ||2. Cost. Aplicação (8).

Origem: Do lat. *applicāre* (CUNHA,2010, p. 48).

7. Arado Nm [Ssing]

INFORMANTE 6: aí minha mãe chegô e disse... “gente... pelo amor de Deus... é o que tem pra fazê e eu vo fazê...” Aí o pessoal se interessaro e... todo mundo colocô a mão no arado viu? PESQUISADOR: hun..hum...INFORMANTE 6: todo mundo colocou a mão no arado... e aí... (Ent.6, linhas 381 a 384).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **ARADO**, f. m. infrumento de abrir os regos toa terra para fe femeiar, coníu de peças cujos nomes são; *fiega, aivecas, timão, ouça, chave. Ihão, Rabiça, Relhas, Meixilho, Teiró, Tempera, Rabello jolles, &c.*
2. Moraes: **ARÁDO**, s.f. instrumento de abrir os regos na terra, para se semeyar; consta de peças cujos nomes são, *sega, aivegas, soles, orelhas de lobo, dental do arado.*
3. Freire: **ARADO**, adj. P. p. de *arar*. Aberto em regos, lavrado.
4. Aurélio: **ARADO**, [Do lat. *aratu*, com dissimilação.] 1. Instrumento para lavrar a terra.

Origem: Do lat. *arãre* (CUNHA, 2010, p.52).

8. Ardoso [ADJSing]

INFORMANTE 13: era uma siriguela até os limão ...a gente cortava ele miudinho e cumia o limão verde... PESQUISADORA: ui... INFORMANTE 13: passava assim um pôquinho de sal com pimenta do reino... eu gosto de coisa verde... PESQUISADORA: arde.... INFORMANTE 13: coisa verde ardoso sempre foi cumigo... a gente pegava a farinha... quando tava torrando a farinha ela ela fica assim mole que tem a farinha mole a farinha mole ela não ela já tá no ponto de cumê que num imbededa niguém porque quando ela tá inda massa se cume assim fica bêbado... (Ent. 13, linhas 48 a 54).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: **ARDOSO**, adj. Ácido, picante.
4. Aurélio: **ARDOSO** (ô) [De *ardido*¹ + *-oso*, com haplologia.] 1. Bras. Ardente, queimante, picante, ardido; acre: *molho muito ardososo*.

Origem: Do latim *ardēre* (CUNHA,2010, p.54).

9. Armação de banco Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}]

INFORMANTE 13: pra não furá a almofada coloca a esponja viu aí coloca o pano e amarra por isso que eu disse que iss'aquí é uma armação de banco... uma armação é uma armação de banco...PESQUISADORA: ah legal e só pra vê se eu lembro aqui embaixo é a roda não meu deus como que chama? A rudia? (Ent.13, linhas 465 a 468).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: Do lat. *arma* (CUNHA, 2010, p.56).

10. Assentá[V]

INFORMANTE 1: é... agora vou assentá uma blusa... uma blusa...PESQUISADORA: assentá uma blusa é fazê uma blusa...INFORMANTE 1: é... assentá uma blusa...PESQUISADORA: entendi...INFORMANTE 1: e agora nos vamu fazê um vestido... eu vou assentá um vestido / (Ent. 1, linhas 298 a 302)

INFORMANTE 6: é... eu tenho amô pelo meu trabalho... eu tenho tanto amô pelo meu trabalho que olha... quando eu assentava uma renda... que fazia tempo que eu não fazia... eu deitava... acordava... a renda assentada... (Ent.6, linhas 699 a 701)

INFORMANTE 11: Aí, eu pego tu pega assim quando a gente vá assentá assentá na almofada é um eu fazia ela me ensinô mais eu não sabia assentá. Que tem que assentá a renda na almofada...PESQUISADORA: Ah! Assentá na almofada... a renda na almofada significa o quê? É assentá né? INFORMANTE 11: É assentá o trabalho que você vai fazê. Nem todo mundo. Tem gente que faz a renda sem assentá na almofada...PESQUISADORA: Assentá é pegá o molde...INFORMANTE 11: É aí coloca o gráfico na almofada aí vai assentá pra começá o trabalho.PESQUISADORA: Ah...INFORMANTE 11: Entendeu?Eles chamam assentá...PESQUISADORA: Hum... assentá seria assim organizá... (Ent.11, linhas 65 a 74).

PESQUISADORA: mas assim as palavra que se usa em relação a renda por exemplo assentá e pinicá que mais trocá...INFORMANTE 11: é o trocado o mei trocado... tá normal.. (Ent.11, linhas 141 a 143).

INFORMANTE 11: pois é então () contando as minhas história que tinha vez quando ele me contava eu ficava morrendo de medo de ficar aqui quando ele saía () ela tá assentando aí a tiara ó...PESQUISADORA: ah a senhora tá assentando isso aí que ela ta fazendo todo mundo sabe assentá?Ent.11, linhas 348 a 350).

“ô mãe eu num quero fazê renda de metro eu quero fazê é camiseta” aí ela passo pra camiseta aí quando ela cumeçô a fazê camiseta meu trabalho eu tinha que assentá porque ela não sabia assentá...PESQUISADORA: assentá é você fazê o molde?INFORMANTE 13: é assentá o começo da renda o começo o molde é esse daqui mas eu tinha que assentá como eu assentei essa daqui essas três

10. Assentá[V]

ponta são do assentamento... (Ent.13, linhas 290 a 294).

PESQUISADORA: ah assentá é eu pegar o molde que já tá furado botar na almofada e arrumar né?

INFORMANTE 13: é aí você faz essa ponta faz esta ponta faz esta faz esta butando os bírdolo aqui todo tempo quatro par dois pra cá dois pra cá e tá aqui já tá assentado ó...*PESQUISADORA*: bota os espinho...*INFORMANTE 13*: é aí...*PESQUISADORA*: deixa no ponto de começar...*INFORMANTE 13*:

aí eu assentava pra ela começado começado quando tava começado... (Ent.13, linhas 297 a 304).

INFORMANTE 13: não era pra ela cortá o resto podia fazê direto daí ela disse “mãe agora eu já sei quando foi pra assentá a outra hora ela assento bunitim ela cortô aí quando era pra começá ela disse “mamãe agora eu sei cumeçá” “sabe?” (Ent.13, linhas 325 a 330).

INFORMANTE 13: aí eu fui disse assim “não minha filha eu num vô imendá não eu num li insinei a assentá? Num li insinei a também a terminá pois eu vô li insiná a imendá”...*PESQUISADORA*: a assentá... (Ent.13, linhas 338 a 340).

INFORMANTE 13: aí insinei pra ela ela imendô quando ela foi fazê a outra ela já sôbe aí ela quando ela mesmo imendava os bírdolo quando ela terminava e assentava quando ela foi pra ela pra imendá...(Ent.13, linhas 344 a 345).

INFORMANTE 13: a diferença é que não vai cortá daqui pra podê imendá ela já eu já imen... eu já assentei ela aqui tá aqui até o resto e eu assentei ela óia ta vendo que eu assentei ela direto aqui tchan tchan pegando aqui? (Ent.13, linhas 579 a 581).

PESQUISADORA: aí a diferença por exemplo entre imendá e assentá? Assentá é tipo assim como se você estivesse organizando pra poder trabalhar e emendá é o acabamento? (Ent.13, linhas 593 e 594).

INFORMANTE 15: pra gente assentá uá camiseta que é bem com quato mói e aí não tem nem um...(Ent. 15, linha 285).

PESQUISADORA: então pra eu fazê qualquer coisa de renda eu tenho que pegá o que eu quero cortar no papelão pinica no papelão aí esse papelão eu vou botá na almofada pra eu podê assentá? (Ent. 15, linha 323 e 324).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **ASSENTAR**, v. ar. pòr em affento, bafe. § f. 3 > *amor ajfenta feu trono na lembrança*,, *Palm.* 4 . f. 20. v. § *Affentar foldados*, aliftar.
2. Moraes: **ASSENTÁR**, v. at. Por em assento, base. o assentou no seu regaço; a par de si: assentar padrões na terra; apresentou-o sobre um banco.
3. Freire: **ASSENTAR**, v. r. v. De *assento* + *ar.* sôbre o assento, fazê sentar (*tr. dir.*; *bi* com prep. *em*): “Sobe, co’ a filha, ao carro ao lado a assenta” (Filinto Elísio).
4. Aurélio: **ASSENTAR**, [Do lat. vulg. **adsedentare* < lat. *sedere*, ‘estar sentado’.]
1. Flexionar, ou fazê flexionar, os membros inferiores, apoiando as nádegas e coxas em assento (1); assentar-se, sentar: *Cansada de carregar a filha, assentou-a.*

Origem: Do lat. vulg. **adsentãre*, de *sêdêre* ‘estar sentado’. (CUNHA, 2010, p. 63).

11. Assentamento Nm [Ssing]

INFORMANTE 6: é... tudo... tudo... aqui é o assentamento dela que... já vem com a traça... só passa esse paninho no meio aqui... viu? (Ent.6, linhas 496 e 497).

INFORMANTE 13: é assentá o começo da renda o começo o molde é esse daqui mas eu tinha que assentá como eu assentei essa daqui essas três ponta são do assentamento... (Ent.13, linhas 293 e 294).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **ASSENTAMENTO**, f. m. v. affento. § Mercê de dinheiro, que Sua Mageftade faz aos fidalgos', que andão efcritos nos feus livros, quando

11. Assentamento Nm [Ssing]

- lhes dá os títulos de Conde, Marquez, ou Duque , no qual cafo , perdem as moradias: § Efte affentamento he proporcionado ao titulo, e â graduação da nobreza , porque dos títulos iguaes, o que tem prerogativa de parente d"El-Rei tem maior affentamento: os alíentamentos fó pafsão aos filhos, que tem a mefma dignidade, e titulo de feu pai, a *moradia* paffa ao filho, e ao neto.
2. Moraes: **ASSENTAMENTO**, s. m. V. Assento. O acto de tomar assento: a coisa em que se põe, coloca e sitúa outra.
 3. Freire: **ASSENTAMENTO**, s. m. De *assentar* + *mento*. Ação ou efeito de assentar. || 3. Cousa sôbre que se coloca ou assenta outra; assento.
 4. Aurélio: **ASSENTAMENTO**, [De *assentar* + *-mento*.] 1. Ato ou efeito de assentar(-se).

Origem: Do lat. vulg. **adsentãre*, de *sêdêre* ‘estar sentado’. (CUNHA, 2010, p. 63).

12. Avexado [ADJSing]

...eu to bem minha fia ... mas minha irmã ... só anda avexada... só um minutinho... (Ent. 13, linha 195).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **AVEXADO** y. Lm a. V. de *Sufo c zi. E feras cruelmente avexado*.
2. Moraes: **AVEXÁDO**. V. sem. A. V. de Suso, c. 22. “É serás cruelmente avexado. >>F. Mende. c.
3. Freire: **AVEXADO**, adj. P. p. de *avexar*. Humilhado, envergonhado, vexado. || 2. Contrafeito. || 3. Apressado, impaciente.
4. Aurélio: **AVEXADO**, [Part. de *avexar*.] 1. V. *vexado*: “Adão, o arrependido, e a arrependida / Eva, ei-los avexados, ante o iroso / Bíblico deus” (Raimundo Correia, *Poesias*, p. 21).

Origem: Do lat. *vexãre* (CUNHA, 2010, p. 675).

13. Banco Nm [Ssing]

INFORMANTE 6: formamos aqui. essa almofada... agora esse banco aqui já foi ideia minha pra eu trabalhá sentada...(Ent. 6, linhas 386 e 387).

INFORMANTE 1: é uma esponjinha que tinha no banco pra mim furá rasga iss'aqui ó...PESQUISADORA: ah... (Ent. 12, linhas 620 e 621).

PESQUISADORA: ah que legal... é como se fosse um banco invertido né... INFORMANTE 1: que é pra num furá olha em tempo aqui ó ela fura... (Ent. 12, linhas 627 e 628).

INFORMANTE 13: hoje eu faço renda sentadinha aqui nesse banco aqui nessa guarda aqui de banco eu sento aqui numa cadêra ...e ela também ela também senta na cadêra ... (Ent. 13, linhas 378 e 379)

PESQUISADORA: dona F. dêxa eu te fazê uma pergunta essa peça aqui que quase ninguém tem;;; chama é banco... não é?INFORMANTE 13: esse daqui é um banco ...banco de guarda...PESQUISADORA: banco é? É um banco?INFORMANTE 13: é um banquim desses que a gente se senta minha fia...PESQUISADORA: ah! INFORMANTE 13: é só botá a taba aqui óia a gente coloca a taba no assento vira um banco...PESQUISADORA: aí você inventô isso de virar o banco? (Ent. 13, linhas 442 a 449).

PESQUISADORA: mas como é que chama essa peça mesmo aí? É a senhora até falô banco de guarda? Ela inventa as coisas chique depois nem ela lembra...INFORMANTE 13: aqui no Maranhão eles chamam mocho no Ciará a gente chamava mocho era mas aqui chama banco de guarda... isso daqui

13. Banco Nm [Ssing]

eu mandê fazê não era realmente um banco não isso daqui ele tá no ponto de sê o banco porque ele é todo feito aqui a redor que é pra não que é pra sigurá viu... (Ent. 13, linhas 452 a 456)

INFORMANTE 13: pra não furá a almofada coloca a esponja viu aí coloca o pano e amarra por isso que eu disse que iss'aqui é uma armação de banco... uma armação é uma armação de banco... (Ent. 13, linhas 463 e 464).

INFORMANTE 13: pra não furá a almofada coloca a esponja viu aí coloca o pano e amarra por isso que eu disse que iss'aqui é uma armação de banco... uma armação é uma armação de banco (Ent. 15, linhas 267 e 268).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **BANCO**, f. m. affento groffeiro de taboa eílreita, com encofto, ou fem elle.
2. Morais: **BÁNCO**, s. m. assento grosseiro de taboa estreita, com encosto, ou sem elle.
3. Freire: **BANCO**, s. m. B. lat. *bancum*. Móvel comprido, ordinariamente feito todo de madêra, de pedra ou ferro, com encôsto ou, sem ele, que serve para assento. || 2. Môcho, escabelo.
4. Aurélio: **BANCO**, [Do germ. **bank*, pelo lat. vulg.] Assento, com encosto ou sem ele, de formas variadas, rústico ou não, feito de madêra, ferro, pedra, concreto, plástico etc., usado, sobretudo, em salas de espera, estações de embarques, igrejas, praças, parques, jardins etc.

Origem: Do germ. **bank*, através do lat. vulg. (CUNHA, 2010, p.78).

14. Banco de guarda NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

PESQUISADORA: dona F. dêxa eu te fazê uma pergunta essa peça aqui que quase ninguém tem;;; chama é banco... não é? INFORMANTE 13: esse daqui é um banco ...banco de guarda...PESQUISADORA: banco é? É um banco?INFORMANTE 13: é um banquim desses que a gente se senta minha fia...PESQUISADORA: ah!INFORMANTE 13: é só botá a taba aqui óia a gente coloca a taba no assento vira um banco...PESQUISADORA: aí você inventô isso de virar o banco? (Ent. 13, linhas 442 a 449).

PESQUISADORA: mas como é que chama essa peça mesmo aí? É a senhora até falô banco de guarda? Ela inventa as coisas chique depois nem ela lembra...INFORMANTE 13: aqui no Maranhão eles chamam mocho no Ciará a gente chamava mocho era mas aqui chama banco de guarda... isso daqui eu mandê fazê não era realmente um banco não isso daqui ele tá no ponto de sê o banco porque ele é todo feito aqui a redor que é pra não que é pra sigurá viu... (Ent. 13, linhas 452 a 456).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
5. Aurélio: n/e

Origem: Do germ. **bank*, através do lat. vulg. (CUNHA, 2010, p.78).

15. Bandeja Nf [Ssing]

INFORMANTE 3: tudo! A gente faz a toalha... faz a bandeja... a gente faz o vestido... a gente faz camiseta... faz a blusa... tudo que você imagina... (Ent.3, linhas 696 e 697).

INFORMANTE 4: mas não tinha loja... aí nós fazia aqui eu... a dona M. ali... depois a F., aquela lora aí a / a gente fazia aquelas gola é... pano de bandeja... quase nem tinha camiseta nesse tempo... (Ent.4, linhas 152 e 153).

INFORMANTE 4: mais era pano de bandeja e... e... renda de metro... (Ent.4, linhas 159).

INFORMANTE 6: apareceu a bandeja... a camiseta... o caminho de mesa que em vez de anda elas compravam o pano... as ricaça e mandava enfeita de renda... a gente já faz ele completo... (Ent.6, linhas 71 e 72).

INFORMANTE 6: nós temos... nós temos a... a... como é meu Deus amado... que eu nem sei fazê... o... eu tenho até uma bandeja dela ali... mas agora me fugiu... pois é... temos a traça... temos a trança... (Ent.6, linhas 533 e 534).

INFORMANTE 10: era e trazia bandeja de linha fina... o povo caía em cima porque só era eu que trazia... (Ent.10, linha 48).

INFORMANTE 12: bandeja...PESQUISADORA: uma bandeja a bandeja na verdade a bandeja o que a gente chama bandeja é o pano de colocar na bandeja né que a gente chama de bandeja então aqui nessa bandeja vam'bora ver o que eu tenho de ponto aqui... ó aqui esse bonito cheinho gordinho? (Ent.12, linhas 172 a 175).

PESQUISADORA: não... tem uma amiga minha que acho que deve caber uma dessa aí nela... meu deus iss'aqui isso é uma riqueza né isso é lindo demais... me diz uma coisa pra fazê uma bandeja dessa tu leva quanto tempo? INFORMANTE 12: eu passo dois dias... (Ent.12, linhas 231 a 233).

INFORMANTE 1: aí eu vou vendê ó há poucos dias chegou aqui uã mulhé lá da Raposa tem uã loja lá em Raposa chegou ela queria uãs cinco bichinha dessa...PESQUISADORA: é bandeja... (Ent.12, linhas 552 a 554).

PESQUISADORA: e tu gosta de fazê tem alguma peça que tu gosta de fazê mais do que outra assim uma bandeja uma camisa? INFORMANTE 1: não é porque assim é porque muita gente me procura mais é por esse aqui ó...PESQUISADORA: ah fazê a bandeja... (Ent.12, linhas 575 a 578).

PESQUISADORA: e aqui aí tu vai tirando aí a gente convêsando... aí aqui a senhora vai fazê uma bandeja?INFORMANTE 13: uma bandeja e ela já assentei ela... (Ent.13, linhas 570 e 571).

INFORMANTE 13: “não minha irmã dêxe de ser preguiçosa que inda vô inda vô é pagá uã pessoa pra imendá” então ela disimendava não é nada ela tem que imendá que é pra colocá dentro da bandeja isso daqui serve pra colocá assim... (Ent.13, linhas 597 a 599).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **BANDEJA**, f. f. peça de uío, efpecie de tableiro de varias feições, com a borda mui baixa, he de madêra, metaes , xarão, ferve para doces , xícaras ; e algumas de palha para aventar o trigo.
2. Moraes: **BANDÉJA**, s.f. peça de uso, espécie de tableiro de varias feições com a borda múi baixa;
3. Freire: **BANDEJA**, s. f. Tabuleiro de diversas formas e feitos, de diversas matérias, para serviço de chá, café, doce, copos ou garrafas d'água ou vinho etc.
4. Aurélio: **BANDEJA**, (ê) [Dev. de *bandejar*.] 1. Tabuleiro (1). || 2. Tabuleiro de feito variado, para serviço de mesa ou de copa.

Origem: De origem controvertida; talvez se prenda ao prov. *banda*, deriv. do gótico *bandwa*, ou do germ. ocid. *banda (CUNHA, 2010, p.79).

16. Banhá [V]

INFORMANTE 3: aqui toda a região aqui dá... é... sempre quando eu vô... vou mais é pra gente pega assim... a gente vê tudo... eu só tiro assim... pra gente te uma aventura... no banho mesmo que a gente ta ali banhando... que tira...(Ent. 3, linhas 534 a 536).

16. Banhá [V]

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **BANHAR**, v. at. metter em banho, humedecer mettendo em agua, ou licor. § f. Dizemos do mar, do rio que *banha as terras a que che*ga, as praias, coftas*.
2. Moraes: **BANHÁR**, v. at. Metter em banho, humedecer mettendo em água, ou liquòr.
3. Freire: **BANHAR**, v. r. v. De *banho*¹ + *ar*. Dar banho a, meter no banho (*tr. dir.;* *pr.;* *bitr.* ou *pr.*, com prep. *em*): “A ama *banhava a criança*”.
4. Aurélio: **BANHAR**, [De *banho*¹ + *-ar*².] 1. Meter em banho¹; dar banho a; lavar: *banhar criança*. |2. Passar água, ou outro líquido em; molhar: *banhar o rosto*.

Origem: Do lat. balneāre (CUNHA,2010, p. 79).

17. Barata Nf [Ssing]

INFORMANTE 3: começa só três ponto... a renda... eu digo... é três ponto... três ponto que eu faço qualqué um desenho... eu vô fazê... aqui eu vô fazê a traça... que é... esse ponto aqui... que chama a traça... que nós chama... em outro lugá chama barata...PESQUISADORA: ta... a traça... barata... (Ent.3, linhas 868 a 871).

PESQUISADORA: que é a mesma coisa... e tem a traça que vão chamá também de barata...INFORMANTE 3: é... (Ent.3, linhas 932 e 933).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
1. Moraes: n/e
2. Freire: n/e
3. Aurélio: n/e

Origem: Do lat. *blatta* (CUNHA,2010, p. 80).

Obs: A lexia encontra-se dicionarizada, mas com uma acepção diferente.

18. Barra Nf [Ssing] ~ Barrinha [Nf [Ssing]

INFORMANTE 3: pano de prato... a gente bota barra... pano de prato...PESQUISADORA: hum..hum..... INFORMANTE 3: ali... a barrinha de renda...PESQUISADORA: certo...INFORMANTE 3: a toalha de banho... você bota a barrinha e fica linda...PESQUISADORA: é...INFORMANTE 3: ainda depois de pronta...PESQUISADORA: caminho de mesa... também né? INFORMANTE 3: é... a gente faz... a gente bota as barrinha de renda... (Ent.3, linhas 702 a 709)

PESQUISADORA: ah... que é pra botá no meio... por isso que é entremeio... e a renda de bico é uma ponta...INFORMANTE 3: tem que tê.. as barra... (Ent.3, linhas 1.000 e 1.001).

INFORMANTE 3: a gente abutua aqui ó...PESQUISADORA: uma barra... () mesmo né? Uma barra... (Ent.3, linhas 1.022 e 1.023).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **BARRA**, f. f. naut. entrada para algum porto por entre dois lados de rerra -firme. § Peça do efcudo, que o atraveffa d'alto

18. Barra Nf [Ssing] ~ Barrinha [Nf [Ssing]]
<p>abaixo, do angulo esquerdo tirada á parte direita; occupa a terceira parte delle, e denota batalha fíngular de cavalleiro, a cavalleiro. § Alavanca de páo, de fazê voltar os cabreftantes.</p> <p>2. Moraes: BARRA, s. f. t. de Naut. Peça do escudo, que o atrevesa d’alto abaixo, do angulo esquerdo tirado a parte direita; ocupa a terceira parte dele. E denota a parte singular de cavalleiro, a cavalleiro.</p> <p>3. Freire: BARRA, s. f. 5. Fôro estreito da borda inferior das saias.</p> <p>4. Aurélio: BARRA, [De or. pré-romana.] 4. Vest. Tira de fazenda ou doutro material que, numa roupa, serve de acabamento ou ornamento; banda. 5. P. ext. Qualquer ornato ou acabamento que circunda ou guarnece alguma coisa: as barras de um tapete; a barra de ladrilhos da parede.</p>
Origem: De origem pré-romana (CUNHA, 2010, p. 82).

19. Barrinha de renda NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]
<p><i>INFORMANTE 3: a toalha de banho... você bota a barrinha e fica linda...PESQUISADORA: é...INFORMANTE 3: ainda depois de pronta...PESQUISADORA: caminho de mesa... também né? INFORMANTE 3: é... a gente faz... a gente bota as <u>barrinha de renda</u>...(Ent.3, linhas 705 a 709).</i></p> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e</p>
Origem: De origem pré-romana (CUNHA,2010, p. 82).
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples barra. Não registram esta forma composta.

20. Berada d’água NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]
<p><i>...quando eles chegaro .. aí só ouvia era o grito deles lá gritano ... aí ele foi aí diz que o outro vinha pra <u>berada d’água</u> e batia assim nos peito... (Ent. 11, linhas 323 e 324).</i></p> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e</p>
Origem: De origem incerta, talvez redução de ribeira que, por etimologia popular, teria sido interpretada como rio + beira (beira do rio) ou, talvez, como re + beira (cp.chão/ rechão, canto/recanto (CUNHA, 2010, p. 85).
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples beirada. Não registram esta forma composta.

21. Berada da praia Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] ~ Beradinha Nf [Ssing]
<i>INFORMANTE 1: é... era muito diferente... e panela... negocio da <u>berada da praia</u>... negocio dessas coisa tudo era inguinorado... agora eu toda a vida fui dura... Ent. 1, linhas 358 e 359).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: De origem incerta, talvez redução de ribeira que, por etimologia popular, teria sido interpretada como rio + beira (beira do rio) ou, talvez, como re + beira (cp.chão/ rechão, canto/recanto (CUNHA,2010, p. 85).
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples beirada. Não registram esta forma composta.

22. Bico Nm [Ssing]
<i>INFORMANTE 3: é () esse aqui tem um entemeio... e tem uma renda de <u>bico</u>... PESQUISADORA: o que é entremeio? INFORMANTE 3: a renda de <u>bico</u> é que coloca nas roupas... cê ta entendendo? PESQUISADORA: ai que lindo... INFORMANTE 3: aí tem o bico... aí o entremeio tem esses dois lado aqui ó! Tem que te esses dois lado aqui... PESQUISADORA: hum... INFORMANTE 3: o entremei tem que sê dois lado aqui ó! Ele é butado.. assim no mei das roupa... PESQUISADORA: ah... que é pra botá no meio... por isso que é entremeio... e a renda de bico é uma ponta... INFORMANTE 3: tem que tê.. as barra... (Ent. 3, linhas 994 A 1001). INFORMANTE 6: aí eu... e quando foi ficando... já mais... moça... aí comecei a fazê rendas largas... comecei a fazê a flor de seda... comecei fazê... o <u>bico</u> que chamam... cigano... cigana... o <u>bico</u> da cigana... PESQUISADORA: oh... INFORMANTE 6: viu? Eu até tinha esquecido e agora lembrei... PESQUISADORA: ham...ham..... como é que é o <u>bico</u> da cigana? INFORMANTE 6: é... é fácil... é... ele é de... ele é como lhe falei de urela e de ponto e a renda vem com as duas uréolas com... o pano no mei... (Ent. 6, linhas 22 a 28).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: BICO , s. m. 8. Renda estreita, que termina lateralmente em pontas. 4. Aurélio: BICO , 8. Renda que de um dos lados termina em pontas ou bicos.
Origem: Do lat. <i>beccus</i> (CUNHA,2010, p. 89).
Obs:

23. Bico de cigana NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]
<i>INFORMANTE 6: aí eu... e quando foi ficando... já mais... moça... aí comecei a fazê rendas largas... comecei a fazê a flor de seda... comecei fazê... o bico que chamam... cigano... cigana... o <u>bico da cigana</u>... PESQUISADORA: oh... INFORMANTE 6: viu? Eu até tinha esquecido e agora lembrei... PESQUISADORA: ham...ham..... como é que é o <u>bico da cigana</u>? INFORMANTE 6: é... é fácil... é... ele é de... ele é como lhe falei de urela e de ponto e a renda vem com as duas uréolas com... o pano no mei... (Ent. 6, linhas 22 a 28).</i>

23. Bico de cigana NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]
Registro em dicionários: 1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. <i>beccus</i> (CUNHA,2010, p. 89).
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples bico. Não registram esta forma composta.

24. Biliscá [V]
<i>INFORMANTE 1: É um papel desse aqui... eu vô fazê a renda... vô biliscá o papelão da renda sabe?bilisco nesse aqui... com esse aqui e os espinho aqui eu acerto nessa almofada... aqui que ta... aqui a almofada aí eu vô faze...PESQUISADORA: hun...hum...INFORMANTE 1: o mesmo que eu bilisquei...PESQUISADORA: e você bilisca com que? Com o?...INFORMANTE 1: agulha! com agulha... (Ent. 1, linhas 228 a 234).</i>
Registro em dicionários: 1. Bluteau: BELISCAR , v. ar. dar belifcáo. § f. Tirar numa porção mínima de alguma coifa. § <i>Belifcar no ferrolho</i> v. pitifcar. 2. Moraes: BELISCÁR , v. at. Dar beliscáo§ fig. Tirar uma porção mínima de alguma coisa. 3. Freire: BELISCAR , ou BELLISCAR , v. r. v. Lat. <i>vellicare</i> . Apertar entre as pontas dos dedos ou com as unhas a pele de (<i>tr. dir.; pr.</i>): “pregou três mocadas no escritvão da câmara, porque êle, à saída da igreja de Refojos, no apertão, lhe <i>beliscou</i> um <i>quadril</i> da irmã” (Camilo). 4. Aurélio: BELISCAR , [Por * <i>peliscar</i> , de <i>pele</i> , poss.] 1. Apertar a pele de, com as pontas dos dedos polegar e indicador; estorcegar. 2. Arrancar com as pontas dos dedos uma porção mínima de: <i>Beliscou o pão</i> .
Origem: De um lat. * <i>velliscãre</i> , por <i>vellicãre</i> ‘picotar, rasgar, picar’ ‘debicar’ ‘mordiscar’ ‘beliscar’ (CUNHA, 2010, p. 86).
Obs:

25. Biuro Nm [Ssing] ~ Birro Nm [Ssing] ~ Biurro Nm [Ssing] ~ Biurdo Nm [Ssing] ~ Bírdulo Nm [Ssing] ~ Bírdalo Nm [Ssing]
<i>PESQUISADORA: ham... e o que o nome que a gente chama assim renda de <u>biuro</u>? É o nome que vem de lá também né? INFORMANTE 1: agora é uma história... o negocio do <u>biurdo</u>/PESQUISADORA: é isso que eu queria saber...INFORMANTE 1: eu não vou lhe afirmar porque lá no Acarau nós chamava <u>BIRRO</u>...PESQUISADORA: <u>birdo</u>? INFORMANTE 1: <u>BIRRO</u> nós chamava <u>birro</u> aonde aqui sirviu de ignorança... era inguinorã... ingnorado. Eu quero que esse nome <u>BIRRO</u> seja uma coisa feia... PESQUISADORA: Ah... e que era o nome original... INFORMANTE 1: pois esse era o NOSSO nome... PESQUISADORA: o nome certo que era de vocês... INFORMANTE 1: agora eles que tão /PESQUISADORA: inventando esse outro nome... INFORMANTE 1: agora birdo ninguém pode chamá assim que nós... mas agora eu nunca temi pra chama de outro jeito eu chamo é <u>birro</u> que foi assim que eu aprendi /PESQUISADORA: e aqui o pessoal chama <u>birdo</u>?INFORMANTE 1:<u>Birdo</u> mas que é do Maranhão... que no Maranhão é diferente do Ciará!PESQUISADORA: ah... entendi. Então que diz que tudo que tem de renda aqui foi trazido da cultura de lá? Foi da cultura de lá... (Ent. 1,</i>

25. Biuro Nm [Ssing] ~ Birro Nm [Ssing] ~ Biurro Nm [Ssing] ~Biuurdo Nm [Ssing] ~ Bórdulo Nm [Ssing] ~ Bórdalo Nm [Ssing]

linhas 148 a 166).

PESQUISADORA: Só almofada... Aí eu tenho aqui birro não é? Que é aquela bolinha... Aí o ispinho... Essa parte bem aqui tem algum nome especial? Essa parte aqui ou não? INFORMANTE 2: Esse aí é o birro... PESQUISADORA: é tudo né? Esse aqui é o birro... E aí o outros procura /INFORMANTE 2: Aí é a renda, a renda de birro.... (Ent. 2, linhas 51 a 55).

INFORMANTE 3: a traça... cê faz a traça assim ó! Aqui... vo fazê uma traça aqui... depois eu desmancho... aqui... só com um dedo a gente vai... e vai subindo... vai só enrolando... mais não pode troca o birro... que se troca o birro... o... a traça dá errado... PESQUISADORA: o que a senhora chama de trocá o biuro? (Ent. 3 linhas 291 a 294).

PESQUISADORA: tem uma lógica... te toda uma sequencia que você tem que seguir... INFORMANTE 3: é... tem que sê... um birro só... você tem que escolher um birro só pra fazê... PESQUISADORA: ah... INFORMANTE 3: aqui ó... PESQUISADORA: ah... / INFORMANTE 3: se você trocar o birro não presta... (Ent. 3 linhas 303 a 308).

PESQUISADORA: então eu tenho três biurro pra firmar a traça e o outro que é / INFORMANTE 3: e o pra tecê a traça... PESQUISADORA: esse que eu uso pra tecê a traça tem um nome... pra ele não? INFORMANTE 3: não... tem não... PESQUISADORA: não né? INFORMANTE 3: não... a gente chama mesmo só o birro mesmo... e vai teceno a traça... PESQUISADORA: e os outros chama de birro também? INFORMANTE 3: é também... tudo é birro né? A gente escolhe um desses aqui se você quiser fazê a traça... qualque um desses você pode fazê... PESQUISADORA: aí vamo supô... se eu quiser dizer... é... todos os instrumentos que eu vou precisar pra fazê uma renda... então é o biurro... esse chama... (Ent. 3 linhas 315 a 324).

INFORMANTE 3: num é? E o birro é miudinho... (Ent. 3 linha 494).

PESQUISADORA: aí... aqui... vamo supô... INFORMANTE 3: aí isso aqui chama biurro... PESQUISADORA: ele todo chama biurro? INFORMANTE 3: é... é... ele todo... PESQUISADORA: aí você... essa aqui... INFORMANTE 3: essa aí é uma madêra... é uma madêra... de mato mesmo... (Ent. 3 linhas 807 a 812).

INFORMANTE 3: tem mulhe aqui... que a gente contrata... / uma dúzia... três dúzia de biurro... PESQUISADORA: ah...(Ent. 3 linhas 839 e 840).

PESQUISADORA: certo... então aqui eu tenho o biurro... eu tenho a linha... o espinho... INFORMANTE 3: o espin de mandacaru... (Ent. 3 linhas 857 e 858).

INFORMANTE 3: aí a traça toda... ela é assim...PESQUISADORA: aí pra eu fazê uma traça... vô precisá de quatro biurro né? INFORMANTE 3: é só com quatro... (Ent. 3 linhas 879 a 881).

INFORMANTE 3: é... que faz... é o que faz a traça... é... só um dos biurro... só passando... por baixo... por cima... por baixo... por cima... e faz ela... (Ent. 3 linhas 887 e 888).

PESQUISADORA: ah... ta. Aí o biurro mesmo... a senhora foi aprendê com quantos anos? INFORMANTE 4: com dez ano eu aprendi... mas eu butei prática mesmo depois de vinte ano de idade... PESQUISADORA: ah foi...? (Ent. 4, linhas 96 a 98).

PESQUISADORA: e tem outra coisa os ponto! A senhora podia me / vamo primeiro... eu queria saber assim... as partes do biurro que chama né? Biurro é isso tudo né? Aí eu queria sabe primeiro... a senhora me dizer as partes por exemplo... aqui não tem nada em baixo né? Isso aqui é... essa parte aqui? INFORMANTE 4: é palha de bananera... é pano de... é... faca de sopa... PESQUISADORA: faca de sopa... INFORMANTE 4: tala de bananera dentro...PESQUISADORA: hum..hum..... aí forma como é que chama esse aqui? INFORMANTE 4: uma almofada... PESQUISADORA: almofada... pronto. Almofada é uma base digamos né? Aí esse aqui eu chamo como? INFORMANTE 4: biurro... PESQUISADORA: biurro... isso tudo chama biurro? INFORMANTE 4: é. PESQUISADORA: esse aqui é feito de... INFORMANTE 4: da vara do mangue... PESQUISADORA: vara do mangue... e esse aqui? INFORMANTE 4:... é o coquinho... PESQUISADORA: coquinho... ta. Aí isso tudo é biurro né? Mas isso aqui eu chamo de coquinho? INFORMANTE 4: coquinho. PESQUISADORA: coquinho né? Esse aqui é a vara do mangue... aí tem algum biurro que é principal ou não? INFORMANTE 4: ... não, o biurro é igual... (Ent. 4, linhas 187 a 205)

PESQUISADORA: ispinho de mandacaru... Aí o biurro? INFORMANTE 5: É... Esse biuro é tucum... PESQUISADORA: É biuro né? INFORMANTE 5: De tucum... Uma palmeira aqui do Maranhão... PESQUISADORA: hum.. hum... biuro chama essa peça todinha aqui? INFORMANTE 5: É... Todinha... (Ent.5, linhas 100 a 104)

INFORMANTE 6: esse eu fiz verde... tecendo com o biurro verde todo o tempo olhe... que ele ta tecido... se você levanta aí e olhá você vê... PESQUISADORA: to ollhando... INFORMANTE 6: ele ta tecido e colorido... esse birro verde que ta aqui olha... (Ent.6, linhas 751 a 754)

INFORMANTE 6: então... eu vou encaba tantas dúzias de biurro pra fulano de tal...

25. Biuro Nm [Ssing] ~ Birro Nm [Ssing] ~ Biurro Nm [Ssing] ~Biuurdo Nm [Ssing] ~ Bórdulo Nm [Ssing] ~ Bórdalo Nm [Ssing]

PESQUISADORA: hum..hum..... INFORMANTE 6: de... de tucum... PESQUISADORA: hum..hum..... INFORMANTE 6: porque o biurro depois dele ta assim... é que ele é o bórdalo verdadeiro... PESQUISADORA: ah... INFORMANTE 6: ta mais lisinha... é porque... esses bórdalo aqui... eles tem... eles tem quarenta anos... PESQUISADORA: que beleza... tem história... (Ent.6, linhas 284 a 285)

INFORMANTE 6: eu pego só essa linha verde e encho trinta e cinco pares de biurro pra fazer... PESQUISADORA: certo... INFORMANTE 6: pega trinta e cinco pares... esse bolero aqui... se não quiser... “olha... eu quero esse amarelinho ouro aqui...” (Ent.6, linhas 304 a 307).

PESQUISADORA: muito linda esse aqui... então você... eu vou pegá... se eu quero só de uma cor... então todos os biurros vai ser... INFORMANTE 6: só de uma cor... (Ent.6, linhas 326 a 328).

INFORMANTE 6: esse eu fiz verde... tecendo com o biurro verde todo o tempo olhe... que ele ta tecido... se você levanta aí e olhá você vê... PESQUISADORA: tô ollhando... INFORMANTE 6: ele ta tecido e colorido... esse birdo verde que ta aqui olha... PESQUISADORA: ah... é... INFORMANTE 6: esse eu fiz verde... tecendo com o biurro verde todo o tempo olhe... que ele ta tecido... se você levanta aí e olhá você vê... PESQUISADORA: tô ollhando... INFORMANTE 6: ele ta tecido e colorido... esse birdo verde que ta aqui olha... PESQUISADORA: ah... é... INFORMANTE 6: viu? Agora ele... com esse cabinho aqui... ele torna-se um bórdalo... PESQUISADORA: ah... se você tem um tucum e o cabo... e esse cabinho é feito do que? INFORMANTE 6: olha... esse cabinho aqui... ele é feito de madêra... INFORMANTE 6: olha se você soube de onde vem bórdalos... PESQUISADORA: ah... eu já ia lhe perguntá... INFORMANTE 6: perai eu vo te dize...(risos) esses bórdalo... ele vem do Pará... dum lugá chamado Santarém... PESQUISADORA: ah... eles não vem de Acarau... INFORMANTE 6: Santarém... não... no Acarau não tem... antigamente tinha uns pequenininho assim... PESQUISADORA: hum..hum..... INFORMANTE 6: mas hoje não existe mais... esses bórdalo grande aqui... esses bórdalo esses vem do Pará... lá da colônia... das colônia de Santarém... INFORMANTE 6: olha se você soube de onde vem bórdalos... PESQUISADORA: ah... eu já ia lhe perguntá... INFORMANTE 6: perai eu vo te dize...(risos) esses bórdalo... ele vem do Pará... dum lugá chamado Santarém... PESQUISADORA: ah... eles não vem de Acarau... INFORMANTE 6: Santarém... não... no Acarau não tem... antigamente tinha uns pequenininho assim... PESQUISADORA: hum..hum..... INFORMANTE 6: mas hoje não existe mais... esses bórdalo grande aqui... esses bórdalo esses vem do Pará... lá da colônia... das colônia de Santarém... (Ent.6, linhas 225 a 232).

INFORMANTE 6: porque o biurro depois dele ta assim... é que ele é o bórdalo verdadeiro... PESQUISADORA: ah... INFORMANTE 6: entendeu? PESQUISADORA: ah... entendi... e a cabeça fica tão macia né? (Ent.6, linhas 274 a 277).

INFORMANTE 6: ta mais lisinha... é porque... esses bórdalo aqui... eles tem... eles tem quarenta anos... PESQUISADORA: que beleza... tem história... (Ent.6, linhas 284 a 285).

INFORMANTE 6: fica bem feito... eu vô fazer... se fica... um bórdalo desse aqui... aí quando eu pego e vejo que ta distorcido... dexa eu vê... vai ficar tão feio... / PESQUISADORA: distorcido é assim frouxo né? INFORMANTE 6: é torcido mesmo... (Ent.6, linhas 710 a 713).

INFORMANTE 6: é controlado... é controlado... você vai fazê um pano desse aqui... com um bórdalo desse num branco... fica muito bonito... olha... a minha renda é tão controlada... que eu tô fazendo... eu faço ela... misturada... com muitas cores... como esta aqui olhe... cada pano eu faço de uma cô... esse daqui eu fiz branco... só entra os ôtro no meio... esse eu fiz preto... esse eu fiz roxinho... (Ent. 6, linhas 744 a 747).

INFORMANTE 7: é a rudia... esse aqui é a almofada... ispinho... tem o molde de papelão... e os birro... PESQUISADORA: os birro... aí o birro é feito de que? (Ent.7, linhas 62 a 63).

PESQUISADORA: que legal! fica diferente... o que é característico daqui mesmo é a renda... INFORMANTE 7: é a renda de biurro... o ponto cruz... o croché... (Ent.7, linhas 131 e 132).

INFORMANTE 7: é a rudia... esse aqui é a almofada... ispinho... tem o molde de papelão... e os birro. PESQUISADORA: os birro... aí o birro é feito de que? INFORMANTE 7: tucum (Ent.7, linhas 62 a 64).

PESQUISADORA: hum...hum... tudo isso é traça? É como se fosse uma fileira o que a gente chama de traça. E por exemplo no... no o próprio biurro mesmo ele é formado... tem algum aqui pra gente olhá? INFORMANTE 8: só tem piquininho. PESQUISADORA: eu queria ver as partes dele. Como é que a gente chama as partes dele. A gente chama as partes dele como? INFORMANTE 8: isso aqui eles chamam de biurro... (Ent. 8, linhas 129 a 133).

PESQUISADORA: tucum... mandacaru né? E o que que eles fazem com biurro? faz caminho de mesa... INFORMANTE 8: caminho de mesa... camiseta... aplique... (Ent. 8, linhas 144 e 145).

INFORMANTE 9: ela é só minha... eu sou só funcionária dela... minha patroa... PESQUISADORA: porque geralmente essas que aprende... é mais porque a mãe ou briga ou assim não é nem uma briga...

25. Biuro Nm [Ssing] ~ Birro Nm [Ssing] ~ Biurro Nm [Ssing] ~Biuurdo Nm [Ssing] ~ Bórdulo Nm [Ssing] ~ Bórdalo Nm [Ssing]

a mãe mostra... que é fazê... a avó e no teu caso foi uma patroa... aí quem te deu esse biuro foi...
 INFORMANTE 9: *foi ela...* (Ent. 9, linhas 15 a 18).

INFORMANTE 9: *aqui tem catôze birro... PESQUISADORA: catorze biurro e aquele ali dela tem...*
 INFORMANTE 9: *tem mais de trinta... uns quarenta pá...* (Ent. 9, linhas 24 a 27).

PESQUISADORA: *aí tu tá falando que essa renda... essa é uma história muito interessante... essa renda que hoje é a renda de biurro da Raposa... o início o início dela no Brasil foi com a chegada dos portugueses... INFORMANTE 9: e até em Lisboa tem... eles fazem...* (Ent. 9, linhas 50 a 52).

INFORMANTE 10: *essa renda aqui eu fiz muito também eu não queria fazê essa renda grossa... era só essa aqui porque eu achava melhor da gente trabalhá com ela... mais bonita mais cara eu ia porque ela era mais cara né? ganharrá mais dinheiro... mas hoje eu num posso trabalhá cum ela por causa da minha vista mesmo de óculos... eu tenho uma dificuldade porque é uma renda... entendeu... uma camiseta daquela ela pega umas cinquenta pá de biurro... são cem birros pra gente pra gente trabalhá cum eles... PESQUISADORA: é muita coisa... INFORMANTE 10: as vezes é sessenta pá eu já trabalhei até cum renda que é oitenta pá de birro... é birro demais... aí aquela linha fina mistura muito aí a vista num dá...* (Ent.10, linhas 211 a 218)

PESQUISADORA: *por exemplo... a minha toalha como é que a senhora fez? INFORMANTE 10: eu fiz o desenho né e botei os birro e...* (Ent. 10, linhas 237 e 238).

INFORMANTE 10: *entendeu... uma camiseta daquela ela pega umas cinquenta pá de biurro... são cem birros pra gente pra gente trabalhá cum eles... PESQUISADORA: é muita coisa...* (Ent. 10, linhas 214 a 216).

INFORMANTE 10: *aí vem os espinh...o vem o biurro e a linha... PESQUISADORA: o biurro aqui tudo isso aqui... eu chamo de biurro ou a cabecinha deles também? INFORMANTE 10: não... a cabecinha dele é que é o biurro... e tem o papelão também que é o desenho da renda...* (Ent. 10, linhas 231 a 234).

INFORMANTE 10: *é exatamente né ela vende a renda de biurro a fina... a grossa... ela vende o croché umas dessas toalha... aí ela vende caminho de mesa... mas já o o a saída de praia ...* (Ent. 10, linhas 314 e 315).

INFORMANTE 11: *Já já fazia croché. Aí ela disse assim pra mim “eu vô botar só o trocado e e o pano” e eu digo “não eu quero logo é uns birro pra mim fazê uã renda!” PESQUISADORA: Hum...* (Ent. 11, linhas 49 a 51).

PESQUISADORA: *A senhora que é maranhense me explica aí como é que é... INFORMANTE 11: É a gente pegar quatro birro né? Eles chamam birro, que na verdade é o nome é bórdulo né? PESQUISADORA: Isso. A gente que é maranhense chama biuro eles chamam birro...* (Ent. 11, linhas 62 a 64).

PESQUISADORA: *E a senhora podia me explicar por exemplo qual a diferença eu que não sei nada de renda o que é trocado e meio trocado a diferença? O trocado a senhora falou que usa quatro birro né? INFORMANTE 11: É aí eu só faço passá de um pra o ôtro.* (Ent. 11, linhas 86 a 88).

PESQUISADORA: *E o que seria trocar? É passar o birro de um lugar pro ôtro? INFORMANTE 11: É de um lado pro ôtro.* (Ent. 11, linhas 102 e 103).

INFORMANTE 12: *chama de birro... PESQUISADORA: birro aí aqui é formado do que desse pau aqui... INFORMANTE 12: a gente pega pauzinho aí faziz... PESQUISADORA: iss’aqui é a cabeça né? INFORMANTE 12: hum...hum PESQUISADORA: a cabecinha dele... mandacaru é ess’aqui que chama? INFORMANTE 1: hum...hum... PESQUISADORA: etão aqui eu tenho o birro... () aí aqui vamos lá então eu quero fazê um trocado... e agora? (Ent. 12, linhas 404 a 413).*

INFORMANTE 1: *esse birro cê mexe pra cá... PESQUISADORA: hum...hum INFORMANTE 1: esse pra cá e esse pra cá... PESQUISADORA: troquei? INFORMANTE 1: trocou... aí é um paninho que tá fazendo aí solta... não não vai soltar totalmente não vai pegar o birro não aqui ó...* (Ent. 12, linhas 412 a 426).

PESQUISADORA: *pra segurá o...? INFORMANTE 1: os birro pra num tá caindo assim...* (Ent. 12, linhas 651 a 652).

INFORMANTE 12: *não ... a diferença é só porque aqui a gente tem que furá com o espinho aqui não a gente passa o bilro direto...* (Ent; 12, linhas 210 e 211).

PESQUISADORA: *em Letras... INFORMANTE 13: “formada em Letras eu só formada no bórdulo”* (Ent. 13, linhas 16 e 17).

INFORMANTE 13: *tinha dêz “vamo aprendê a fazê a trança” porque a trança é só assim oia é a coisa mais fácil até você faz é só pegá esses quatro birrim aqui a trança é os trocado ... mais é só fazê assim pronto é essas daqui que tão tudo feitinha aqui que num é traça...* (Ent. 13, linhas 242 a 244).

INFORMANTE 13: *um dente de rato aí ela fazia aí depois eu fui e disse assim agora já tá bom de*

25. Biuro Nm [Ssing] ~ Birro Nm [Ssing] ~ Biurro Nm [Ssing] ~Biuurdo Nm [Ssing] ~ Bórdulo Nm [Ssing] ~ Bórdalo Nm [Ssing]

passá pra traça aí quando eu bem vi ela tava fazendo com três bórdulo que não são três é quatro eu digo “tá mais sabida de que eu que sabe fazê cum três”... (Ent. 13, linhas 251 a 253).

INFORMANTE 13: é os bórdulo... PESQUISADORA: humhum... e são quantos bórdulo por almofada? INFORMANTE 13: não não é por almofada é pela renda conforme a renda que a gente vai fazê...tem renda que a gente vai pegá talvez vinte vinte e pôco pá... mas essa daqui... (Ent. 13, linhas 475 a 478).

PESQUISADORA: gente é muito bórdulo... INFORMANTE 13: que são setenta bórdulo... PESQUISADORA: nossa é muito... (Ent. 13, linhas 483 a 485).

INFORMANTE 13: é aí você faz essa ponta faz esta ponta faz esta faz esta butando os bórdulo aqui todo tempo quatro par dois pra cá dois pra cá e tá aqui já tá assentado ó... (Ent. 13, linhas 296 e 297).

INFORMANTE 13: aí insinê pra ela ela imendô quando ela foi fazê a ôtra ela já sôbe aí ela quando ela mesmo imendava os bórdulo quando ela terminava e assentava quando ela foi pra ela pra imendá a camiseta já sôbe imendá e assim eu insinei a minha filha insinei e ela aprendeu muito rápido { }... (Ent. 13, linhas 342 a 344).

ontionti mesmo quando eu tava fazendo “gente cadê esse pá de bórdulo que é um preto e um amarelo e tem aqui é um preto e um roxo e tá errado... porque eu tenho que fazê tudo dum jêtinho que faz um fazê todos né... (Ent. 13, linhas 385 a 387)

PESQUISADORA: aí aqui eu tenho o bórdulo eu tenho é molde né que chama iss’aqui... INFORMANTE 13: é o molde.. (Ent. 13, linhas 506 e 507).

esse aqui vem fazendo esse pano aqui ele fica chênho porque a gente bota bastante pá corre sete pá de bórdulo aqui pa ficá bem chênho porque eu acho feio ele assim muito (chega uma pessoa) Boa noite senta por favô... (Ent. 13, linhas 566 a 568).

INFORMANTE 14: aprindi foi quato pá de birro... PESQUISADORA: quatro pá... (Ent. 14, linhas 54 e 55).

PESQUISADORA: ela é diferente parece que ela é mais afiada né... e aí vambora falar agora aqui a gente falou do material de fazê renda né e aqui além de renda de biuro vocês vendem também crochê né? INFORMANTE 15: croché a gente vende a palha... PESQUISADORA: ah qual a diferença da renda pro filé pronto do biuro pro filé? INFORMANTE 15: porque a renda de birro ela é feita na almofada nessa almofada e o filé é feito ni uma tela... (Ent. 15, linhas 299 a 303).

PESQUISADORA: saber trocar os birros? INFORMANTE 15: os birro é trocado. Aí ela “minha fia não é assim” aí que eu que ela foi me insiná “é assim é desse jeito” aí que ela dizia mar dexava só que num estava aqui dentro num entrava na minha mente aí que eu ia fazê que não acertava que ela largava o cascudo em mim. (Ent. 15, linhas 39 a 43).

INFORMANTE 15: eu só usava só seis pá de birro nela...PESQUISADORA: aí fazia o que o trocado? INFORMANTE 15: o trocado a ponta e a traça só... (Ent. 15, linhas 61 a 63).

PESQUISADORA: a almofada aí aqui a palha de bananêra... INFORMANTE 15: isso... os birro...PESQUISADORA: os birro tem quantos pares de birro aqui? (Ent. 15, linhas 271 a 273).

PESQUISADORA: ah qual a diferença da renda pro filé pronto do biuro pro filé? INFORMANTE 15: porque a renda de birro ela é feita na almofada nessa almofada e o filé é feito ni uma tela... (Ent. 15, linhas 302 e 303).

INFORMANTE 15: é... o trocado todo pra deixar já os birro já pa traça... PESQUISADORA: pra eu fazê um pano também é só com trocado? (Ent. 15, linhas 359 e 360).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: **BILRO**, s. m. Lat. *pilula*. Utensílio semelhante a um pequeno fuso ou uma pêra, e com o qual se fazem rendas ou obras de cabelo.
4. Aurélio: **BILRO**, [De or. controversa.] 1. Peça de madêra ou de metal, semelhante ao fuso (1), usada para fazê rendas de almofada: “Era o branco da linha, e a renda que lhe dá / graça e forma, ao crescer sob os bilros cantantes.” (Valdemar Lopes, *Elegia para Joaquim Cardoso*, p. 9.)

25. Biuro Nm [Ssing] ~ Birro Nm [Ssing] ~ Biurro Nm [Ssing] ~ Biurdo Nm [Ssing] ~ Bírdulo Nm [Ssing] ~ Bírdalo Nm [Ssing]
Origem: De origem controvertida (CUNHA, 2010, p.90).
Obs:

26. Biquinho Nm [Ssing]
<i>INFORMANTE 13: ... falava pra ela aí ela cumeçô a fazê renda o a fazê ponto de cô uns <u>biquinhos</u> que não tinham traça aí quando foi depois ela eu disse assim “agora vamos aprendê a fazê a traça”... PESQUISADORA: ela tinha quantos anos? (Ent. 13, linhas 239 a 241).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. <i>beccus</i> (CUNHA, 2010, p. 89).
Obs: A lexia encontra-se dicionarizada, mas com uma acepção diferente.

27. Bolero Nm [Ssing]
<i>...e assim foi indo e a gente... foi o tempo que... relaxou mais aqui um pouco a renda de meta de... pra nós porque aí apareceu... o <u>bolero</u>... no caso esse aqui... PESQUISADORA: hum.hum..... (Ent.6, linhas 68 a 70).</i>
<i>INFORMANTE 6: eu sei fazê viu? mas... é... eu faço camiseta... eu faço <u>bolero</u>... que no caso desde quando eu lhe falei... é o <u>bolero</u>... este aqui é... este lado daqui... porque eu já fiz a costa e a frente... quando eu terminá essas quatro tira aqui e já ta o <u>bolero</u> pronto... PESQUISADORA: prontinho... (Ent.6, linhas 108 a 111).</i>
<i>INFORMANTE 6: mais as que faz direto então... elas chega e diz assim: “to... tu que... quinze reais nesse <u>bolero</u>?” eu falo: “não tô lôca!” (Ent.6, linhas 157 e 158).</i>
<i>INFORMANTE 6: pega trinta e cinco pare... esse <u>bolero</u> aqui... se não quiser... “olha... eu quero esse amarelinho ouro aqui...” (Ent.6, linhas 306 e 307).</i>
<i>INFORMANTE 6: ah... se fosse só... fazeno nossa renda era valorizada... eu faço um <u>bolero</u> desse daqui... se eu vende ele por trinta reais... coma muitos anos atras... eu fiz umas camisetinha... bem aqui assim... (Ent.6, linhas 676 e 677).</i>
<i>INFORMANTE M.: e a moda dos <u>bolero</u> né?... PESQUISADORA: foi... INFORMANTE 10: mais assim... o <u>bolero</u> tem a saída do <u>bolero</u> ... tem a saída da camiseta... tem pra sair mais o vestido né? que é eles compro como saída de praia... mais é assim né? (Ent. 10, linhas 163 a 166).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: BOLERO , s. m. 4. Espécie de casaco curto, com mangas ou sem elas, usado pelas mulheres por sôbre o corpete do vestido. 4. Aurélio: BOLERO , (é) [Do esp. <i>bolero</i> .] 4. Espécie de casaco curto, com mangas ou sem elas, usado por cima de blusa ou camisa: “Num estrado alto as pastoras cantam, laços nos cabelos, <u>boleros</u> vermelhos ou azuis, com medalhinhas de ouro e bordados de vidrilhos.” (Osmã

27. Bolero Nm [Ssing]
Lins, Nove, Novena, p. 51).
Origem: Do cast. <i>bolera</i> , de origem incerta (CUNHA, 2010, p. 96).

28. Bolsada de renda Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}]
<p><i>INFORMANTE 3: aí eu fiquei com muito... um monte de renda... duas <u>bolsada</u> de renda... PESQUISADORA: hum hum... (Ent. 3, linhas 133 e 134).</i></p> <p><i>INFORMANTE 10: pois é já vendi muito... muita renda lá todo mês eu ia deixar uma bolsada dessa renda fina aqui era ela fazê o pedido... (Ent. 10, linhas 106 e 107).</i></p> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e <p>Origem: Do lat. <i>bûrsa</i>, derivado do gr. <i>Býrsa</i> ‘pele preparada, couro’ ‘odre para vinho’ ‘tambor’ ‘pele de animal vivo’ (CUNHA, 2010, p.96).</p> <p>Obs:</p>

29. Bordado Nm [Ssing]
<p><i>INFORMANTE 1: era <u>bordado!</u> <u>Bordado</u> de cruz... PESQUISADORA: hanham... a vocês fazem também bordado? (Ent. 1, linhas 339 e 340).</i></p> <p><i>INFORMANTE 4: dava assim que via faze né? A minha mãe ensino mais pra nós foi ponto... ponto de marca... <u>bordado</u> cheio... fazia casa de blusa... PESQUISADORA: hum hum... / INFORMANTE 4: bainha de vistido... que aqueles tempo não tinha áquina industrial pra fazê... ispin’ de peixe... PESQUISADORA: ponto de marca é o que? INFORMANTE 4: cruz PESQUISADORA: ah... ponto de cruz... ponto de cruz... <u>bordado</u> cheio é <u>bordado</u> normal... <u>bordado</u> <u>bordado</u> né? INFORMANTE 4: é... (Ent. 3, linhas 89 a 95).</i></p> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: BORDADO, aj. P. p. de <i>bordar</i>. Guarnecido de borda. 2. Em que se fêz à agulha desenho, ornato ou relevo: “Sôbre elas caíam reposteiros verdes e brancos, <i>bordados</i> com as armas de Portugal, coroadas pelo dragão verde” (Herculano). 4. Aurélio: BORDADO, [Part. de <i>bordar</i>¹.] 1. Que é ornado de bordadura, orla ou bordado: <i>a praia <u>bordada</u> de espuma; um vestido <u>bordado</u></i>. 2. Bord. Trabalho manual ou mecânico, feito com linha, fios de lã etc., sobre estofado ou pano, e que cria desenhos em relevo. <p>Origem: Do port. médio ocorrem <i>borlado</i> (séc. XIV), <i>borladura</i> (séc. XIV) e <i>borlar</i> (séc. XV), nas acepções de <i>bordado</i>, <i>bordadura</i> e <i>bordar</i>, respectivamente</p>

29. Bordado Nm [Ssing]
(CUNHA, 2010, p. 98).
Obs:

30. Bordado cheio NCm [Ssing + ADJsing]
<i>INFORMANTE 4: dava assim que via faze né? A minha mãe ensino mais pra nós foi ponto... ponto de marca... <u>bordado cheio</u>... fazia casa de blusa...PESQUISADORA: hum hum... / INFORMANTE 4: bainha de vestido... que aqueles tempo não tinha áquina industrial pra fazê... ispin' de peixe... PESQUISADORA: ponto de marca é o que? INFORMANTE 4: cruz PESQUISADORA: ah... ponto de cruz... ponto de cruz... <u>bordado cheio</u> é bordado normal... bordado bordado né? INFORMANTE 4: é... (Ent. 3, linhas 89 a 95).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: Do port. médio ocorrem <i>borlado</i> (séc. XIV), <i>borladura</i> (séc. XIV) e <i>borlar</i> (séc. XV), nas acepções de <i>bordado</i> , <i>bordadura</i> e <i>bordar</i> , respectivamente (CUNHA, 2010, p. 98).
Obs:

31. Bordado de cruz NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]
<i>INFORMANTE 1: era bordado! <u>Bordado de cruz</u>...PESQUISADORA: hanham... a vocês fazem também bordado? (Ent. 1, linhas 339 e 340).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: Do port. médio ocorrem <i>borlado</i> (séc. XIV), <i>borladura</i> (séc. XIV) e <i>borlar</i> (séc. XV), nas acepções de <i>bordado</i> , <i>bordadura</i> e <i>bordar</i> , respectivamente (CUNHA, 2010, p. 98).
Obs:

32. Bordá [V]
<i>INFORMANTE 2: tem umas que faz... (...) Só sei mesmo bordá..., fazê croché... (Ent. 2, linha 102). INFORMANTE 7: só turista que chega dizendo bordá... mas não... é tecê... (Ent. 7, linha 229).</i>
Registro em dicionários:

32. Bordá [V]
<p>1. Bluteau: n/e</p> <p>2. Morais: n/e</p> <p>1. Freire: BORDADO, aj. P. p. de <i>bordar</i>. Guarnecido de borda. 2. Em que se fêz à agulha desenho, ornato ou relevo: “Sôbre elas caíam reposteiros verdes e brancos, <i>bordados</i> com as armas de Portugal, coroadas pelo dragão verde” (Herculano).</p> <p>3. Aurélio: BORDADO, [Part. de <i>bordar</i>¹.] 1. Que é ornado de bordadura, orla ou bordado: <i>a praia <u>bordada</u> de espuma; um vestido <u>bordado</u></i>. 2. Bord. Lavor manual ou mecânico, feito com linha, fios de lã etc., sobre estofa ou pano, e que cria desenhos em relevo.</p>
<p>Origem: Do port. médio ocorrem <i>borlado</i> (séc. XIV), <i>borladura</i> (séc. XIV) e <i>borlar</i> (séc. XV), nas acepções de <i>bordado</i>, <i>bordadura</i> e <i>bordar</i>, respectivamente (CUNHA, 2010, p. 98).</p>
<p>Obs:</p>

33. Bucadin' [ADV]
<p><i>INFORMANTE 1: Pois... eu sô um <u>bucadin</u> nova. Eu sô di trinta e oito... PESQUISADORA: certo... muito bem... (Ent. 1, linhas 23 e 24).</i></p> <p><i>INFORMANTE 13: e então aí a gente quando ela tava assim mole a gente pegava e jogava um <u>bucadin</u> de chero verde por cima cebola porque lá a gente num chamava chero verde... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 13: chero verde é no Maranhão... cebola e aquilo a gente cortava dirêtinho cortava ali... PESQUISADORA: qual era a cidade dona F.? (Ent. 13, linhas 64 a 68).</i></p> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: BOCADINHO, L m. dim. de <i>bocado</i>.</p> <p>2. Morais: BOCADÍNHO, s. m. dim. de <i>Bocado</i>.</p> <p>3. Freire: n/e</p> <p>4. Aurélio: BOCADINHO, [De <i>bocado</i> + <i>-inho</i>¹.] 1. Breve espaço de tempo; pouco tempo: Ele chega daqui a bocadinho. 2. Pequeno pedaço ou porção: Por favor, só quero um bocadinho de feijão. [Sin. (bras., pop.): poucadinho.]</p> <p>Origem: Do lat. <i>bŭccam</i> (CUNHA, 2010, p. 93).</p> <p>Obs:</p>

34. Buriti Nm [Ssing]
<p><i>PESQUISADORA: hanham aqui na loja vocês vendem só coisa com renda de biuro ou /INFORMANTE 1: vende outras coisa... vende com palha de <u>buriti</u>... vende...PESQUISADORA: com palha de buriti faz o que? INFORMANTE 1: bolsa /PESQUISADORA: bolsa né? INFORMANTE 1: e faz como renda elas lá fazi como nós... cria a renda elas cria aquele daquela folha do <u>buriti</u>... da palha do <u>buriti</u> ... (Ent. 1, linhas 342 a 348).</i></p> <p>Registro em dicionários:</p>

34. Buriti Nm [Ssing]
<p>1. Bluteau: n/e</p> <p>2. Moraes: n/e</p> <p>3. Freire: BURITÍ, s. m. Árvore da família das <i>palmáceas</i>, também chamada <i>carandá-guaçú</i>, <i>carandaí-guaçú</i>, <i>coqueiro burití</i>, <i>murití</i> (<i>Mauritia vinífera</i>, Mart.).</p> <p>4. Aurélio: BURITI, 1. Palmeira arecácea (<i>Mauritia vinífera</i> ou <i>Mauritia flexuosa</i>) dotada de fruto amarelo do qual se extrai óleo, e broto terminal comestível, e com o espique e espádices se fabrica o vinho de buriti; os pecíolos das folhas fornecem material us. em artesanato. [Sin.: <i>buriti-do-brejo</i>, <i>buritizeiro</i>, <i>carandá-guaçu</i>, <i>carandaí-guaçu</i>, <i>coqueiro-buriti</i>, <i>miriti</i>, <i>moriti</i>, <i>muriti</i>, <i>muritim</i>, <i>muritizeiro</i>, <i>palmeira-dos-brejos</i>.] 2. O fruto dessa palmeira.</p>
Origem: Do tupi <i>miiri'ti</i> (CUNHA, 2010, p.105).
Obs:

35. Butá a renda V [V+ {A + Ssing}]
<p><i>INFORMANTE 3: é... o trocado... aí vai aprende a faze a traça... aí já vai pro... vamo começa a aprende a trança... e já vai <u>butando a rendinha</u> maior... PESQUISADORA: hum hum... INFORMANTE 3: assim mais larguinha sabe? aí vai larguendo... eu como gostava de dinheiro sabe? Toda a vida eu gostava de ter o meu dinheiro... e a mamãe <u>butou a rendinha</u>... quando eu aprendi logo... ela <u>butô uma rendinha</u> assim... dessa largura logo... PESQUISADORA: hum... INFORMANTE 3: aí quando eu butei... eu já butei uma larga... dessa largura... eu disse... “mamãe essa não dá nada... eu quero uma mais larga...” ela butô uma dessa largura e eu fiz... (Ent. 3, linhas 180 A 188).</i></p> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: n/e</p> <p>2. Moraes: n/e</p> <p>3. Freire: n/e</p> <p>4. Aurélio: n/e</p>
Origem: Do a. fr. <i>boter</i> ‘golpear, empurrar, pôr’ (hoje <i>bouter</i>) deriv. do frâncico * <i>bōtan</i> ‘empurrar, golpear’ (CUNHA, 2010, p. 99).
Obs:

36. Caixinha de renda Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}]
<p><i>INFORMANTE 13: foi disse “eu vô fazê porque quando eu tenho a minha <u>caixinha de renda</u>... mamãe me dá pelo menos cem reais... eu fico tão alegre ... (Ent. 13, linhas 359 e 360).</i></p> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: n/e</p> <p>2. Moraes: n/e</p> <p>3. Freire: n/e</p> <p>4. Aurélio: n/e</p>
Origem: Prov. do cat. <i>caixa</i> ou do prov. <i>caissa</i> , deriv. do lat. <i>capsa</i> ‘caixa, cofre’

(CUNHA, 2010, p. 113).
Obs:

37. Caldeirão Nm [Ssing]
<i>INFORMANTE 1: é assim é... uma panela. A panela pra cozinha... chamava panela e eles chamava <u>caldeirão</u>... PESQUISADORA: hannn... (Ent. 1, linhas 370 e 371).</i>
Registro em dicionários:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: CALDEIRÃO, f. m. aument. de caldeira. § Peixe do niar quafi do tamanho da baleia <i>Phyfiter</i>. § Sinal da <i>Mufica</i>, que denota claufula, & § Jogo de rapazes. 2. Morais: CALDEIRÃO, s. m. augment. de Caldeira. § Peixe do mar do tamanho quasi do tamanho da baleya. 3. Freire: CALDEIRÃO, s. m. De <i>caldeira</i> + <i>ão</i>. Caldeira grande, de bordas altas, que serve para cozinhar. 2. Tacho de barro. 4. Aurélio: CALDEIRÃO, [De <i>caldeira</i> + <i>-ão</i>¹.] 1. Espécie de panela (1) grande, mais alta que larga, comumente dotada de alças.
Origem: Do lat. <i>caldārius</i> (CUNHA, 2010, p. 115).
Obs:

38. Caminho Nm [Ssing]
<i>INFORMANTE 2: O croché que faiz a rosa... faiz o cravo... faiz tudo só num ponto só... Só com uma agulha só... o mesmo jeito que faz a renda... A diferença é que tem... porque umas é larga outra é estreita... outras é média... Toalha, caminho... é <u>caminho</u>... é camiseta é blusão aí... é a diferença qui tem... mais o ponto... (Ent. 2, linhas 64 a 66). PESQUISADORA: <u>caminho</u> de mesa... também né?</i> <i>INFORMANTE 3: é... a gente faz... a gente bota as barrinha de renda... (Ent. 3, linhas 708 e 709).</i> <i>INFORMANTE 3: que a renda é mais cara... um <u>caminho</u> com a linha grossa custa setenta... oitenta... nela vai cento e poco... (Ent. 3, linhas 945 e 946).</i> <i>PESQUISADORA: tem que valorizá na hora de cobrá né?... é muito tempo... INFORMANTE 7: blusa são catorze dias... dependendo da rendeira na hora que ela pega...caminho de mesa também... (Ent. 7, linhas 219 a 221).</i> <i>PESQUISADORA: ó vamos pegá uma renda de biurro aqui comigo para vê o que que quais são os nome que tu dá pras coisa também...por exemplo... fazê uma renda de biurro aqui... pronto então vamos lá para ver o que... que tu...um desses aqui tu consegue fazê né?<u>caminho</u> de mesa...</i> <i>INFORMANTE 8: ()PESQUISADORA: então aqui a gente tem o que são vários pontos né?</i> <i>INFORMANTE 8:é... esse aqui as trança... (Ent. 8, linhas 110 a 115).</i> <i>PESQUISADORA: tucum... mandacaru né? E o que que eles fazem com biurro? faz <u>caminho</u> de mesa...</i> <i>INFORMANTE 8: <u>caminho</u> de mesa... camiseta... aplique... (Ent. 8, linhas 144 e 145).</i> <i>INFORMANTE 10: pois é aqui tem o <u>caminho</u> também... PESQUISADORA: tem o <u>caminho</u> de mesa...</i> <i>INFORMANTE 10: ó... PESQUISADORA: essa aqui é a bandeja né... INFORMANTE 10: é... PESQUISADORA: ah... que lindo... lindo demais... INFORMANTE 10: do mesmo modelo da bandeja é feito o <u>caminho</u>... (Ent. 8, linhas 69 e 75).</i> <i>PESQUISADORA: e nesse e nesse começo... assim da renda aqui... então desde o começo já tinha tudo já tinha caminho de mesa já tinha tudo... tudo... tudo... INFORMANTE 10: tudo quando começaram já botaro tudo... (Ent. 8, linhas 154 a 156).</i>

38. Caminho Nm [Ssing]

INFORMANTE 10: é exatamente né ela vende a renda de biurro a fina... a grossa... ela vende o crochê umas dessas toalha... aí ela vende caminho de mesa... mas já o o a saída de praia ... (Ent. 8, linhas 314 e 315).

PESQUISADORA: caminho de mesa... também né? INFORMANTE 3: é... a gente faz... a gente bota as barrinha de renda... (Ent. 3, linhas 708 e 709).

PESQUISADORA: tem que valorizá na hora de cobrá né?... é muito tempo... INFORMANTE 7: blusa são catorze dias... dependendo da rendeira na hora que ela pega...caminho de mesa também... (Ent. 7, linhas 219 a 221).

PESQUISADORA: ó vamos pegá uma renda de biurro aqui comigo para vê o que que quais são os nome que tu dá pras coisa também...por exemplo... fazê uma renda de biurro aqui... pronto então vamos lá para ver o que... que tu...um desses aqui tu consegue fazê né? ...caminho de mesa...

INFORMANTE 8: ()PESQUISADORA: então aqui a gente tem o que são vários pontos né?

INFORMANTE 8:é... esse aqui as trança... (Ent. 8, linhas 110 a 115).

PESQUISADORA: tucum... mandacaru né? E o que que eles fazem com biurro? faz caminho de mesa...

INFORMANTE 8: caminho de mesa... camiseta... aplique... (Ent. 8, linhas 144 e 145).

PESQUISADORA: e nesse e nesse começo... assim da renda aqui... então desde o começo já tinha tudo já tinha caminho de mesa já tinha tudo... tudo... tudo... INFORMANTE 10: tudo quando começaram já botaro tudo... (Ent. 8, linhas 154 a 156).

INFORMANTE 10: é exatamente né ela vende a renda de biurro a fina... a grossa... ela vende o crochê umas dessas toalha... aí ela vende caminho de mesa... mas já o o a saída de praia ... (Ent. 8, linhas 314 e 315).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: Do lat. vulg. *camminus*, de origem céltica (CUNHA, 2010, p.118).

Obs: A lexia encontra-se dicionarizada, mas com uma acepção diferente.

39. Caminho de mesa NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

PESQUISADORA: caminho de mesa... também né? INFORMANTE 3: é... a gente faz... a gente bota as barrinha de renda... (Ent. 3, linhas 708 e 709).

PESQUISADORA: tem que valorizá na hora de cobrá né?... é muito tempo...

INFORMANTE 7: blusa são catorze dias... dependendo da rendeira na hora que ela pega...caminho de mesa também... (Ent. 7, linhas 219 a 221).

PESQUISADORA: ó vamos pegá uma renda de biurro aqui comigo para vê o que que quais são os nome que tu dá pras coisa também...por exemplo... fazê uma renda de biurro aqui... pronto então vamos lá para ver o que... que tu...um desses aqui tu consegue fazê né? ...caminho de mesa...

INFORMANTE 8: ()PESQUISADORA: então aqui a gente tem o que são vários pontos né?

INFORMANTE 8:é... esse aqui as trança... (Ent. 8, linhas 110 a 115).

PESQUISADORA: tucum... mandacaru né? E o que que eles fazem com biurro? faz caminho de mesa...

INFORMANTE 8: caminho de mesa... camiseta... aplique... (Ent. 8, linhas 144 e 145).

PESQUISADORA: e nesse e nesse começo... assim da renda aqui... então desde o começo já tinha tudo já tinha caminho de mesa já tinha tudo... tudo... tudo... INFORMANTE 10: tudo quando começaram já botaro tudo... (Ent. 8, linhas 154 a 156).

INFORMANTE 10: é exatamente né ela vende a renda de biurro a fina... a grossa... ela vende o crochê umas dessas toalha... aí ela vende caminho de mesa... mas já o o a saída de praia ... (Ent. 8, linhas 314 e 315).

Registro em dicionários:

39. Caminho de mesa NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]
<ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. vulg. <i>camminus</i> , de origem céltica (CUNHA, 2010, p.118).
Obs: A lexia, em sua forma simples “caminho”, encontra-se dicionarizada, mas com uma acepção diferente.

40. Camurim Nm [Ssing]
<p><i>PESQUISADORA</i>: ele trabalha com qual tipo de pesca no caso? É com a gozera... como é que é? <i>INFORMANTE 3</i>: ele trabalha... com a pescadeira... <i>PESQUISADORA</i>: pra pesca... <i>INFORMANTE 3</i>: pra peixe grande... é pra peixe grande... <i>PESQUISADORA</i>: é só pescada ou não? <i>INFORMANTE 3</i>: pescada... <u>camurim</u>... (Ent. 3, linhas 509 a 514).</p> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: CAMURIM, s. m. Peixe percóide, também chamado <i>robalo</i>. 4. Aurélio: CAMURIM, [Var. nasalada de <i>camuri</i>.]1. V. <i>robalo</i>. 2. Peixe teleósteo, perciforme, centropomídeo (<i>Centropomus pectinatus</i>), da costa atlântica do Brasil.
Origem: Do tupi <i>kamu'ri</i> (CUNHA, 2010, p. 119).
Obs:

41. Cantiga Nf [Ssing]
<p><i>INFORMANTE 1</i>: mais claro... Tudo mundo era alegre demais naquela época...cantava <u>cantiga</u>... era muito bom.. podia sentá qui não tinha medo de nada... não chegava ninguém assaltando nem matando nem / e agora o povo é a vida que querem né? É horrível...<i>PESQUISADORA</i>: mas tinha alguma <u>cantiga</u> que ela era... mais preferida na hora de fazê renda? <i>INFORMANTE 1</i>: eu não conheci... (Ent. 1, linhas 126 a 129).</p> <p><i>PESQUISADORA</i>: e como é que foi essa... essa... assim... lá... lá vocês faziam renda desde de criança né? Aí eu ouvi ali no () que tinha umas <u>cantigas</u> que cantavam como fazia a renda... A senhora lembra de alguma dessas cantigas? <i>INFORMANTE 2</i>: Nunca fui... muito chegada a <u>cantiga</u> não... (Ent. 2, linhas 18 a 21).</p> <p><i>PESQUISADORA</i>: Vem cá... quando voçeis... aqui dentro tá tudo cheio de palha... de palha de bananeira né? Quando vocês eram... assim que vocês eram... as mães de vocês faziam renda... quando vocês eram pequenas... tinha alguma música que vocês cantavam quando faziam renda? <i>INFORMANTE 5</i>: não... que tem a música da mulé rendeira né?<i>PESQUISADORA</i>: é.. Mais ninguém cantava lá? <i>INFORMANTE 5</i>: Não... é que muda a letra... <i>PESQUISADORA</i>: Ah... Bonito esse ponto aqui... parece um pingo...e a <u>cantiga</u>... <i>INFORMANTE 5</i>: É... tem a música da... “Alô mulé rendeira, alô mulé rendá... tu me ensina a fazê renda que eu te ensino a namorar”... E tem mais um tiquinho... só que agora eu não to lembrando. Eles chega aqui e canta muito... os turistas... <i>PESQUISADORA</i>: Humhum... <i>INFORMANTE 5</i>: Meu marido ele canta a <u>cantiga</u>: “Oh mulé rendeira”... Eu digo: canto não meu irmão...canto não... (Ent.5, linhas 165 a 177).</p> <p><i>PESQUISADORA</i>: é... eu só tenho mais uma pergunta pra lhe fazê... que minha orientadora... ela tem uma curiosidade... é verdade que quando vocês... a última pergunta... que quando vocês faziam renda... se sentavam no chão... tinha umas <u>cantigas</u> que cantavam... ou não... isso é lenda? <i>INFORMANTE 6</i>:</p>

(risos) PESQUISADORA: é lenda de pescadô? INFORMANTE 6: (risos) não é lenda não minha filha... eu canto até hoje... PESQUISADORA: é? Olha que beleza... mais tinha alguma musica especial que cantava? INFORMANTE 6: eu canto até hoje olha... a cantiga mulhé rendera... eles cantavo muito... mais eu nunca me liguei a isso não... “olé mulé rendera... olé mulê rendá... tu me ensina a fazê renda... que eu te ensino a namorá...” (Ent. 6, linhas 772 a 781).

PESQUISADORA: vem cá tu já ouviste falar que as rendeiras antigamente elas trabalhava cantando tinha umas que cantavam? INFORMANTE 1: cantiga?... sei não cantiga... (Ent. 12, linhas 601 a 603).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **CANTIGA**, f. f. copia de verfos menores para fe cantar. § *Cantar fempre a mefma cantig, repetir, repi?ar as mefmas coifas.*
2. Moraes: **CANTÍGA**, s. f. Coplá de versos menorores para se cantar.
3. Freire: **CANTIGA**, s. f. Poesia cantada em qualquer ária e geralmente dividida em estrofes iguais ou coplas.
4. Aurélio: **CANTIGA**, [Do celta **cantica*, do rad. célt. *can-*, da mesma or. que o lat. *canere*.] 1. Arte Poét. Poesia cantada, em redondilha ou versos menores, dividida em estrofes iguais.

Origem: Do lat. *cantāre* (CUNHA, 2010, p. 122).

Obs:

42. Cascudo Nm [Ssing]

INFORMANTE 6: é... mais é... “essa renda aqui ela não faz... porque essa é difícil...” aí chega a pessoa e “ô dona F., tão difícil não é? Como que você aprendeu?” eu digo “olha... eu aprendi levando cascudo...” menina... se tu errou isso aqui... eu vo te dá aqui aquele trem pra cascudo... porque aí ele te dá um cascudo tão grande que tu vai vê...” aí a gente tinha um medo tão grande daquele cascudo das velha que já tinha / (risos) PESQUISADORA: já caprichava... (risos) INFORMANTE 6: aí tinha que fazê que um cascudo daquele dexava a gente desorientadinho (risos) do júzo viu? (Ent. 6, linhas 206 a 212).

INFORMANTE 14: não minha mãe é ciarense... PESQUISADORA: hum... INFORMANTE 14: ela me ensinô dando cascudo... PESQUISADORA: é mesmo? INFORMANTE 14: pra mim aprendê eu chorava... (Ent. 4, linhas 20 a 24)

INFORMANTE 15: os birro é trocado. Aí ela “minha fia não é assim” aí que eu que ela foi me insiná “é assim é desse jeito” aí que ela dizia mar dexava só que num entava aqui dentro num entrava na minha mente aí que eu ia fazê que não acertava que ela largava o cascudo em mim... PESQUISADORA: eita diacho... cada erro? INFORMANTE 15: cada erro. Aí ô minha fia mas que teve uãs hora que eu disse que não ia mais fazê... PESQUISADORA: porque cada erro era um cascudo... INFORMANTE 15: que eu não queria mais aprendê que ela disse assim “pois ou quereno ou não tu vai aprendê agora”... (Ent. 15, linhas 40 a 47)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: Do lat. **quassĩcãre*, de *quassãre* ‘sacudir, quebrar’ (CUNHA, 2010, p. 133).

Obs: A lexia encontra-se dicionarizada, mas com outra acepção da ocorrida na pesquisa.

43. Caseado Nm [Ssing] ~ Caseadozinho Nm [Ssing] ~ Caseadozin’ Nm [Ssing]

PESQUISADORA: ponta... pano... esses vazado aqui...*INFORMANTE 3*: esse aí... é ponto cheio... de caseadozin'. *PESQUISADORA*: ponto cheio caseado... caseado é feito as casas né? *INFORMANTE 3*: é... caseado... *PESQUISADORA*: ponto cheio de caseado... pano.. *INFORMANTE 3*:hen..hein... (Ent. 3, linhas 1035 a 1040)

PESQUISADORA: também é ponto cheio caseado? *INFORMANTE 3*: é... também tem vazado... tem umas bem fechada... tem mais vazado... (Ent. 3, linhas 1044 a 1045)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: **CASEADO**, s. m. Ato ou efeito de casar.
4. Aurélio: **CASEADO**, [Part. de *casear*.] 1. Que se caseou. || 3. O conjunto das casas de uma peça de vestuário ou de calçado. ||4. Ponto executado à maneira de ponto de festonê, mas feito da direita para a esquerda, de jeito que fique bem firme ao abrirem-se casa para botões.

Origem: Do lat. *casa* (CUNHA, 2010, p.133).

Obs:

44. Cava Nf [Ssing]

INFORMANTE 3: e ta formando a cava da manga ó! *PESQUISADORA*: a cava da manga / *INFORMANTE 3*: é... isso aqui ó! (Ent.3, linhas 252 a 254).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: **CÁVA**, s.f. t. de Fortif. Fosso. Acção de cavar: v. g. a. a cava das vinbas.
3. Freire: **CAVA**, s. f. || 3. Abertura do vestuário, em que se pregam as mangas.
4. Aurélio: **CAVA**, [Do lat. *cava*.] ||3. Abertura ou corte do vestuário na região axilar, a que se adaptam, ou não, mangas; cavado: “puxou da cava do colete uma faquinha com que ia migar um pouco de fumo” (Gastão Cruls, De Pai a Filho, p. 59); *O vestido não tem mangas e a cava é bem pronunciada.*

Origem: Do lat. *cava* (de *cavus*) (CUNHA, 2010, p. 138).

Obs:

45. Cavalão Nm [Ssing]

INFORMANTE 11: é deve ser ó o marido contou uma história que disse que isso já faz muitos anos que aconteceu aqui pras bandas do Maruri pra culá aí diz que o homi morava lá mesmo na ilha mesmo com a mulher e tudo e os cinco filho aí um dia ele disse “mulher tu fica aí que eu vou do oto lado comprá, comprá o mantimento de casa” né aí ele foi e quando ela tava lá dando de mamá o minino aí diz que lá vem um cavalão todo lado assim era pesquero aí vem um cavalão assim saindo de dento da água aí veio veio veio... *PESQUISADORA*: cavalo? *INFORMANTE 11*: cavalo diz que era um cavalo. Quando chegou chegou do do do na pesquera ele arrêbentô a corda da pesquera e entro aí os cachorro começáo a latí ele foi comeu os cachorro quando acabô comeu os peixe tudinhu... os peixe que o homi tinha tudo... *PESQUISADORA*: qual o cavalão? *INFORMANTE 11*: o cavalo aí quando ele tava lá nos peixe cumeno... que ela viu ele cumê os cachorro... ela pego os minino e saiu pelos fundo e correu com os menino né aí ela saiu correndo correndo correndo mais distante... tinha ota casa aí

45. Cavalão Nm [Ssing]

quando chegô lá quase desmaiada de cansada né... quando ela tornô foi que ela contô a história... quando foi no oto dia no oto dia que eles vinhero pra casa... chegaro lá num tinha os cachorro tinha cumido mesmo ela viu num tinha peixe num tinha nada... PESQUISADORA: nem a pescaria que ela tinha deixado... INFORMANTE 11: não... a casa ficô cum a pesquera... PESQUISADORA: ah pesquera da casa é... INFORMANTE 11: é os peixe... as coisa... que ele cumeu tudinho... o homi foi imbora de lá num ficou mais lá não... PESQUISADORA: um cavalo? INFORMANTE 11: era um cavalo um cavalo selvage... PESQUISADORA: MEU DEUS! (Ent. 11, linhas 272 a 293).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: Do lat. *caballus* (CUNHA, 2010, p. 138).

Obs: A lexia encontra-se dicionarizada, mas com acepção diferente.

46. Charita Nf [Ssing]

INFORMANTE 5: {tem charita..}PESQUISADORA: charita é qual? INFORMANTE 5: é um trocado que a gente faz... Dixa lhe dizer aqui como é a charita... Charita é marrom menos assim oia! {tu vai prendê} marrom menos assim oia, vem assim... charita é marrom menos assim... (...)}PESQUISADORA: (risos) Aprendê a linguagem... INFORMANTE 5: viu? Marrom menos assim a charita que a gente faz óia! É assim... Aqui tem que ter todo o ponto olhe! Marrom menos assim uma charita.... PESQUISADORA: é um tipo de ponto... (Ent. 5, linhas 139 a 146).

INFORMANTE 10: tem ...tem... tem a charita... PESQUISADORA: charita... INFORMANTE 10: charita... que ela é feita um... um... um buraquinho desse aqui você faz de meio trocado... fica lindo ...bem aqui eu tenho uma toalha com charita... (Ent. 10, linhas 281 a 284).

INFORMANTE 1: e tem um ponto mesmo que eu não sei fazê de jeito nenhum que é uã tal de charitazinha...PESQUISADORA: ah charita... tem charita e tem a charitazinha?INFORMANTE 1: tem... PESQUISADORA: charita é a maior e charitazinha é a menó? INFORMANTE 1: é tudo é um tamanho só charitazinha simplesinha porque acho que porque não me interessei mesmo... (Ent. 12, linhas 593 a 598).

PESQUISADORA: esse aqui é que eu chamo como esse vazadinho bonitinho? INFORMANTE 15: aí é um pano... PESQUISADORA: um pano... e o que chamam ...?.. charita! Charita! INFORMANTE 15: a charita eu não aprindi ainda... PESQUISADORA: é né mas o que eu percebo é que todo mundo usa é pano ...traça ... trança... INFORMANTE 15: isso. (Ent. 15, linhas 343 a 348).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: Não encontrada.

Obs:

47. Charitazinha Nf [Ssing]

INFORMANTE 1: e tem um ponto mesmo que eu não sei fazê de jeito nenhum que é uã tal de charitazinha...PESQUISADORA: ah charita... tem charita e tem a charitazinha?INFORMANTE 1:

<p>tem... <i>PESQUISADORA</i>: charita é a maior e <u>charitazinha</u> é a menó? <i>INFORMANTE 1</i>: é tudo é um tamanho só <u>charitazinha</u> simplesinha porque acho que porque não me interessei mesmo... (Ent. 12, linhas 593 a 598).</p> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e <p>Origem: Não encontrada</p> <p>Obs:</p>
--

<p>48. Cheiro-verde NCm [Ssing + ADJsing]</p> <p><i>INFORMANTE 13</i>: e então aí a gente quando ela tava assim mole a gente pegava e jogava um bucadin de <u>chero verde</u> por cima cebola porque lá a gente num chamava <u>chero verde</u>... <i>PESQUISADORA</i>: hum...hum... <i>INFORMANTE 13</i>: <u>chero verde</u> é no Maranhão... cebola e aquilo a gente cortava dirêtinho cortava ali... <i>PESQUISADORA</i>: qual era a cidade dona F.? (Ent. 13, linhas 64 a 68).</p> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: CHEIRO-VERDE, 1. Bras. Bot. V. cheiros (2): “a banha derrete-se, solta e refoga as pevides com mais a cebola, o alho, o <u>cheiro-verde</u>, e a salsa e muita pimenta.” (Pedro Nava, Baú de Ossos, p.125). [P1.: <i>cheiros-verdes</i>.] <p>Origem: Do lat. vulg. flagãre (cláss. fragãre) (CUNHA, 2010, p. 147).</p> <p>Obs:</p>

<p>49. Cigano Nm [Ssing] ~ Cigana Nf [Ssing]</p> <p><i>INFORMANTE 6</i>: aí eu... e quando foi ficando... já mais... moça... aí comecei a fazê rendas largas... comecei a fazê a flor de seda... comecei fazê... o bico que chamam... <u>cigano</u>... <u>cigana</u>... o bico da <u>cigana</u>... <i>PESQUISADORA</i>: oh... <i>INFORMANTE 6</i>: viu? Eu até tinha esquecido e agora lembrei...<i>PESQUISADORA</i>: ham...ham..... como é que é o bico da <u>cigana</u>? <i>INFORMANTE 6</i>: é... é fácil... é... ele é de... ele é como lhe falei de urela e de ponto e a renda vem com as duas urela com... o pano no mei... (Ent. 6, linhas 22 a 28)</p> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e <p>Origem: Provavelmente do fr. <i>tsigane</i> (CUNHA, 2010, p. 150).</p> <p>Obs: A lexia encontra-se dicionarizada, mas com acepção diferente.</p>

50. Coquinho Nm [Ssing]
<p><i>PESQUISADORA</i>: esse aqui é feito de... <i>INFORMANTE 4</i>: da vara do mangue... <i>PESQUISADORA</i>: vara do mangue... e esse aqui? <i>INFORMANTE 4</i>:... é o <u>coquinho</u>... <i>PESQUISADORA</i>: coquinho... ta. Aí isso tudo é biurro né? Mas isso aqui eu chamo de coquinho? <i>INFORMANTE 4</i>: <u>coquinho</u>. <i>PESQUISADORA</i>: <u>coquinho</u> né? Esse aqui é a vara do mangue... aí tem algum biurro que é principal ou não? <i>INFORMANTE 4</i>: ... não, o biurro é igual... (Ent. 4, linhas 199 a 206). <i>INFORMANTE 6</i>: porque já ta ficando velhinho... e aí fica largando assim os pedacinho... o <u>coquinho</u> de dentro e fica dano esse barulhinho... (Ent. 6, linhas 244 a 245).</p>
<p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: COQUINHO, s. m. <i>Asiolus</i>. Espécie de caçara. 2. Planta euforbiácea (<i>Phyllanthus pendulus</i>). 4. Aurélio: COQUINHO, [De <i>coco</i>¹ (ô) + <i>-inho</i>¹.] 1. Bras. Bot. V. <i>jerivá</i> (1).
<p>Origem: De origem controversa; o fruto do coqueiro foi assim denominado pelos portugueses em razão da sua semelhança com as figuras de cabeças com que se assustavam as crianças (os papões) (CUNHA, 2010, p. 159).</p>
<p>Obs:</p>

51. Corredor das rendas NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]
<p><i>INFORMANTE 7</i>: é a pista muito estreita... aqui eles não respeitam ninguém... motoqueiro e assim... <i>PESQUISADORA</i>: e tu achas aqui tem um nome não tem que eles chamam? Um nome que tem essa rua? <i>INFORMANTE 7</i>: <u>Corredor das Rendas</u>... <i>PESQUISADORA</i>: Corredor das Rendas... mas o nome dessa rua mermo qual é? <i>INFORMANTE 7</i>: é a <i>Principal</i>... (Ent.7, linhas 172 a 176).</p>
<p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
<p>Origem: Do lat. <i>rěsponděrě</i> (CUNHA, 2010, p.560).</p>
<p>Obs: As obras registram somente a forma simples <i>corredor</i>.</p>

52. Cravo Nm [Ssing]
<p><i>INFORMANTE 2</i>: O croché que faiz a rosa... faiz o <u>cravo</u>... faiz tudo só num ponto só... Só com uma agulha só... o mesmo jeito que faz a renda... A diferença é que tem... porque umas é larga outra é estreita... outras é média... Toalha, caminho... É caminho... é camiseta é blusão aí... é a diferença qui tem... mais o ponto... (Ent. 2, linhas 64 a 66).</p>
<p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e

52. Cravo Nm [Ssing]
3. Freire: CRAVO , s. m. 5. A flor do craveiro: “com um vestido claro às listas, e um ramo de malva e <i>cravos</i> entre as rendas do corpinho” (C. Neto).
4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. <i>clāvus</i> ~ <i>ĩ</i> (CUNHA,2010, p. 187).
Obs: A lexia encontra-se dicionarizada nos demais dicionários, mas somente em Freire com a mesma aceção da pesquisa.

53. Croché Nm [Ssing]
<p><i>INFORMANTE 1: Seis anos de idade com renda... e não foi preciso ninguém me ensinar eu aprendi com a minha mãe fazeno na renda dela... eu olhano e eu aprendi a fazê renda e <u>croché</u>...PESQUISADORA: pois a minha avó lutou pra eu aprendê a fazê croché que eu nunca consegui... (Ent. 1, linhas 27 a 29).</i></p> <p><i>INFORMANTE 2: tem umas que faz... (...) Só sei mesmo bordá..., fazê <u>croché</u>... PESQUISADORA: Ah ta... Qual é a diferença maior do croché pra renda? INFORMANTE 2: A diferença é grande... A renda a gente corta e não desmancha... e o croché é feito com vários pauzinhos que a renda é feito só com agulha... PESQUISADORA: A renda não desmancha? INFORMANTE 2: não... PESQUISADORA: Fez e pode não desmanchá, o croché pode? INFORMANTE 2: ...é Não... Dismancha tando errado... Eu dismancho... Mais que o <u>croché</u> qué cortou ele e puxou ele e vai... (Ent. 2, linhas 102 a 110).</i></p> <p><i>INFORMANTE 3: como no <u>croché</u>... o <u>croché</u>... cê desmanchou um ponto... você puxo... ele se acaba... PESQUISADORA: vocês aprendiam a fazê croché também ou era só renda? INFORMANTE 3: não... o <u>croché</u> também... eu sei fazê <u>croché</u>... PESQUISADORA: qual a diferença do croché pro biurro hein dona M.? INFORMANTE 3: que o <u>croché</u> é na agulha... assim na mão... (Ent. 3, linhas 469 a 474).</i></p> <p><i>INFORMANTE 3: não... eu machuco porque eu tenho esse dedo aqui... ele eu disminti ele uma vez... aí eu não posso mais fazê croché... PESQUISADORA: e os pontos do croché são quais? Os pontos assim... INFORMANTE 3: o <u>croché</u>... dexa eu te mostra... ta aqui ó! PESQUISADORA: hum.hum.....</i></p> <p><i>INFORMANTE 3: esse vestido aí... ta vendo?PESQUISADORA: to vendo... e eles tem quais tipos de ponto aqui no croché? INFORMANTE 3: <u>croché</u>... <u>croché</u> é um ponto só... PESQUISADORA: é não tem... / INFORMANTE 3: não tem muito não... é agora você faz é os modelo... uma renda... a renda é uma coisa só né?mas a gente inventa os modelo... PESQUISADORA: é... a partir do que você sabe fazê... INFORMANTE 3: é... acontece... ta aqui ó! ESSE aqui olha... aqui é o <u>croché</u>... aí... já é diferente né?... aí ó! Diferente... só esses buraco / (Ent. 3, linhas 477 a 490).</i></p> <p><i>PESQUISADORA: ah... mas eu acho que eu não consigo... minha vó luto pra eu fazê croché... eu acho difícil... INFORMANTE 3: é... esse aqui é mais difícil ainda... PESQUISADORA: é? Do que <u>croché</u>? INFORMANTE 3: vô até ensina minha sobrinhazinha... que ela chego aqui... PESQUISADORA: é mesmo? ... INFORMANTE 3: eu ensino... tudinho minha sobrinhazinha aqui... PESQUISADORA: mas é mais gostoso que <u>croché</u> né? INFORMANTE 3: é... PESQUISADORA: porque <u>croché</u> e mais chato... porque com aquela agulha... INFORMANTE 3: não... não é nada... de <u>croché</u> eu faço chapéu e ... chapéu... PESQUISADORA: é mesmo? INFORMANTE 3: rapidin faz... três... quatro num dia... faz chapéu... PESQUISADORA: de croché? INFORMANTE 3: mais ligeiro... cê ganha dinheiro mais ligeiro... PESQUISADORA: mas aqui não é mais gostoso de fazê... você fazê ouvindo esse barulhinho... INFORMANTE 3: o <u>croché</u> cê faz sentada... faz deitada... faz olhando televisão... PESQUISADORA: é... esse aqui não... INFORMANTE 3: e ele não... esse aqui chama muito a sua atenção... cê pode conversa... mas tem que ta sempre olhando... sempre olhando... ta entendendo? PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: croché não... eu faço deitada... conversando com você... faz quatro... cinco... ganha dinheiro mais rápido com <u>croché</u>... eu faço quatro cinco chapéu num dia então eu vendo... e essa renda daqui... se eu fô fazê eu só vendo a dúzia... e essa renda aqui... se fô ganha é em metro... PESQUISADORA: é verdade... INFORMANTE 3: ainda tem a linha... que o croché é barbante... PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: se eu fizé <u>croché</u> é no barbante... um novelo de barbante eu faço dois chapéu... PESQUISADORA: é verdade... (Ent. 3, linhas 963 a 990).</i></p> <p><i>PESQUISADORA: E a senhora faz <u>croché</u> também? INFORMANTE 5: faço não... (Ent. 5, linhas 209 e 210).</i></p> <p><i>PESQUISADORA: ela é sua filha que trabalha com renda é? INFORMANTE 6: trabalha com <u>croché</u>... é minha nora... (Ent 6, 472 a 473).</i></p> <p><i>INFORMANTE 7: é a renda de biurro... o ponto cruz... o croché... (Ent.7, linhas 131 e 132).</i></p> <p><i>INFORMANTE 10: é exatamente né... ela vende a renda de biurro a fina... a grossa... ela vende o <u>croché</u> umas dessas toalha... aí ela vende caminho de mesa... mas já o... o ...a saída de praia ...</i></p>

53. Croché Nm [Ssing]

(Ent.10 linhas 314 e 315).

PESQUISADORA: A senhora já fazia croché? Alguma coisa... *INFORMANTE 11*: Já já fazia croché. *Aí ela disse assim pra mim “eu vô butá só o trocado e... e o pano” e eu digo “não eu quero logo é uns birro pra mim fazê uã renda!”* (Ent. 11, linhas 48 a 50).

INFORMANTE 15: croché a gente vende a palha... *PESQUISADORA*: ah qual a diferença da renda pro filé pronto do biuro pro filé? (Ent. 15, linhas 301 e 302).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: **CROCHÉ**, s. m. Fr. *crochet*. Obra de renda ou malha que se faz com uma só agulha apropriada.
4. Aurélio: **CROCHÉ**, 1. V. *crochê*: “Dona Santa.... limitava-se a ouvir a conversa, ora fumando, ora fazendo croché” (M. Rodrigues de Melo, *Várzea do Açú*, p. 181).

Origem: Do fr. *crochet* (CUNHA,2010, p. 191).

Obs:

54. Curral Nm [Ssing] ~ Currá Nm [Ssing]

PESQUISADORA: além do biurro assim da palavra que o pessoal aqui não conhecia? *INFORMANTE 1*: é currá...*PESQUISADORA*:sim... *INFORMANTE 1*: é aquilo que nós chamamos de CURRAL...*PESQUISADORA*: hanham*INFORMANTE 1*: curral e eles chama currá (Ent. 1, linhas 363 a 368).

INFORMANTE 3: esses peixe grande assim...*PESQUISADORA*: curral ele não...*INFORMANTE 3*: não... ele não trabalha com curral não... (Ent. 3, linhas 516 a 518).

INFORMANTE 10: tem gozêra tem gozêra tem pitiuzêra tem sajubêra ainda tem essas pesca né? a serrêra ainda pesca também... só que a serrêra...*PESQUISADORA*: curral tem? *INFORMANTE 10*: curral... tem a curral a serrêra eles já tão buscando mais pra lá porque o serra tá mais pra lá também o serra a pescada... *PESQUISADORA*: ah entendi... (Ent. 10, linhas 346 a 351).

PESQUISADORA: pesca o que? Pesca de que? *INFORMANTE 10*: ele pesca peixe ... *PESQUISADORA*: mas é de curral? *INFORMANTE 10*: não é de rede... ele pesca lá fora... (Ent. 10, linhas 189 a 191).

... pra botá o curral porque era o mêm de vida dele o meu era renda e o dele era pescaria curral ... aí é assim a gente vivia viu (Ent. 13, linhas 432 e 433)

INFORMANTE 14: não porque tecê a rede que eu sei tecê só a gozêra e a serrêra...

PESQUISADORA: que a senhora sabe? *INFORMANTE 14*: que eu sei fazê mas as ôtras num sei...

PESQUISADORA: e ele trabalha com o que com curral? *INFORMANTE 14*: cum pescadêra...

PESQUISADORA: pescadêra... *INFORMANTE 14*: aí eu num sei porque as tabuinha são muito grande demais aí minha irmã... *PESQUISADORA*: é porque pesca peixe maió né... (Ent. 14, linhas 145 a 153).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: . n/e
4. Aurélio: n/e .

Origem: De origem controvertida (CUNHA,2010, p. 196).

Obs: A lexia encontra-se dicionarizada, mas com acepção diferente.

55. Dente de rato NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] ~ **Dentin' de rato** NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

INFORMANTE 6: ponta de coco... aí com o tempo... eu... fui... me adaptei no trabalho... aí minha mãe disse assim: “agora chegou o tempo de... de butá alguma rendinha pra ela...” aí butô pra mim um dentin de rato... que a gente... a ponta dele é de trancinha... e o mei... vem a traça... mais eu aprendi rapidinho... PESQUISADORA: o dentin de rato é o nome... INFORMANTE 6: dente de rato... PESQUISADORA: dente de rato é o nome da renda... INFORMANTE 6: é o nome da renda... dente de rato... (Ent. 6, linhas 12 a 18).

INFORMANTE 13: viu ensinê ela fazê a trança “pois agora já pode fazê uã rendinha de trança” aí ela começô a fazê aí eu disse “tu vai fazê a o dente de rato com o espinzinho virado” que faz aqui a trancinha que vinha quando acabava virava o espim assim quando a gente tirava era três bichinhum um aqui um aqui oto mais aqui e pra fechá a pontinha ficava tão engraçadinha viu...PESQUISADORA: humhum tipo dente de rato... INFORMANTE 13: um dente de rato aí ela fazia aí depois eu fui e disse assim agora já tá bom de passá pra traça aí quando eu bem vi ela tava fazendo com três bírdulo que não são três é quatro eu digo “tá mais sabida de que eu que sabe fazê cum três”... (Ent. 13, linhas 246 a 253)

PESQUISADORA: do ponto de cor ela passô pro dente de rato e do dente de rato ela passô pra traça? INFORMANTE 13: aí quando ela fez o dente de rato aí eu digo “agora vai aprendê a fazê a traça” ... eu nem botei a renda botei mesmo pra ela fazê a traça só fazendo assim... e enfiando o ispinzim ... digamo como essa aqui t'aqui pode enfiá o espim aqui e continuá ... ocê tá me entendeno ... pode enfiá o espim bem aqui ... olha bem aqui e daqui ela continuáôtra traça ... vim fazendo cordãozinho só de traça... (Ent. 13, linhas 266 a 270).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: Do lat. *des ~ entis* (CUNHA, 2010, p. 205).

Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples dente. Não registram esta forma composta.

56. Disapartá [V]

INFORMANTE 6: ensino assim... ela... ela me advertiu pra que também eu ficasse aqui fazendo renda junto com ela e eu já criei filhos... e netos... hoje eu estou aqui... ainda na minha renda... e só pretendo me desapartá dessa almofada... quando a morte separá... que eu não vou esperá nem doença vi fazê perde meus movimento... que não vai acontecê... Deus não vai deixá... (Ent. 6, linhas 219 a 222).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: **DESAPARTAR**, v. r.v. De des + apartar. O mesmo que *apartar*: “Colocou-se o nosso benévolo confrade conosco, involuntariamente, está claro, na

56. Disapartá [V]
condição dos que desapartam rixas, tolhendo as mãos do amigo agravado” (Rui). 4. Aurélio: DESAPARTAR De <i>des-</i> + <i>apartar</i> .] 1. Pop. Apartar: “Abriu a bolsa, <u>desapartou</u> algumas cédulas de um bolo grudento” (Gilvã Lemos, <i>Jutaí Menino</i> , p. 9).
Origem: Do lat. <i>partīre</i> (CUNHA, 2010, p. 479).
Obs:

57. Disgostá [V]
<i>INFORMANTE 3: não aceitô morá junto comigo lá... PESQUISADORA: ah... entendi... INFORMANTE 3: e... e por isso... eu me <u>disgostei</u>... e vim... e vim pra cá...</i> (Ent. 3, linhas 81 a 83).
Registro em dicionários:
1. Bluteau: DESGOSTÁ , v. at. inþpirar, catifar defgofto. y. n. Náo goftar. <i>Gouvea fi. 52. v. como -elle defigqfiava deftas guerras. § fie, perder o gofto</i> ; ou offender-fo de alguma peffoa, on coifa.
2. Morais: DESGOSTÁR , v. at. Inspirar, causar desgosto. §. v. n. Não gostá.
3. Freire: DESGOSTÁ , v. r. v. De <i>des</i> + <i>gostá</i> . Causar desgôsto a, descontentar (<i>tr. dir.; bitr.</i> , com prep. <i>por</i>): “os seus relevantes serviços... não haviam mister de nenhuma cooperação estranha e anômala, e a do padre, desgostando-os, irritando-os, desautorizando-os, e comprometendo-os, foi decididamente prejudicial” (J. F. Lisboa).
4. Aurélio: DESGOSTÁ , [De <i>des-</i> + <i>gostá</i> .] 1. Causar desgosto, aborrecimento, contrariedade, a; descontentar; contrariar: “Temendo a cada momento / Ofendê-la, <u>desgostá-la</u> , / Quer ler em seu pensamento / E balbucia, não fala...” (Manuel Bandeira, <i>Estrela da Vida Inteira</i> , p. 18.)
Origem: Do lat. <i>gūstus</i> (CUNHA, 2010, p. 321).
Obs:

58. Disimendado [ADJSing]
<i>INFORMANTE 13: imendá é porque ela assim as pessoas nem queri comprá diz assim olha “se tu imendá eu compro mas assim <u>desimendada</u> não porque eu não quero ...” mesmo as rendera quando ele sabe que a gente não sabe imendá elas levo “eu vô levá e eu vô imendá porque tu num sabe” mas se subere que eu sê como elas sabe que eu sê... PESQUISADORA: emendar né... INFORMANTE 13: “não minha irmã dêxe de ser preguiçosa que inda vô inda vô é pagá uã pessoa pra imendá” então ela <u>disimendava</u> não é nada ela tem que imendá que é pra colocá dentro da bandeja isso daqui serve pra colocá assim que qué pra colocá assim no rack pra colocá uã coisa em cima coisa enxuta viu...PESQUISADORA: entendi... INFORMANTE 13: então ela desse jêto assim já fica mais () eu vô buscá aqui as imendada pra você... PESQUISADORA: pega... pega pra eu olhar elas já prontas... Obrigada!(...) (Ent. 13, linhas 592 a 602).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e

4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. <i>ēmēndāre</i> (CUNHA,2010, p. 240).
Obs:

59. Disimendá [V]
<p><i>INFORMANTE 13: imendá é porque ela assim as pessoas nem queri comprá diz assim olha “se tu imendá eu compro mas assim desimendada não porque eu não quero ...” mesmo as rendera quando ele sabe que a gente não sabe imendá elas levo “eu vô levá e eu vô imendá porque tu num sabe” mas se subere que eu sê como elas sabe que eu sê... PESQUISADORA: emendar né... INFORMANTE 13: “não minha irmã dêxe de ser preguiçosa que inda vô inda vô é pagá uã pessoa pra imendá” então ela <u>disimendava</u> não é nada ela tem que imendá que é pra colocá dentro da bandeja isso daqui serve pra colocá assim que qué pra colocá assim no rack pra colocá uã coisa em cima coisa enxuta viu...PESQUISADORA: entendi... INFORMANTE 13: então ela desse jêto assim já fica mais () eu vô buscá aqui as imendada pra você... PESQUISADORA: pega... pega pra eu olhar elas já prontas... Obrigada!(...) (Ent. 13, linhas 592 a 602).</i></p> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: DESEMENDAR, v. pr. <i>Lus.</i> Emendar-se 4. Aurélio: DESEMENDAR, [De <i>des-</i> + <i>emedar.</i>] 1. Desmanchar as medas de. <p>Origem: Do lat. <i>ēmēndāre</i> (CUNHA,2010, p. 240).</p> <p>Obs:</p>

60. Dismanchá [V]
<p><i>PESQUISADORA: Feiz e pode não <u>desmanchá</u>, o crochê pode? INFORMANTE 2: ...é Não... <u>Dismancha</u> tando errado... Eu <u>dismancho</u>... Mais que o croché qué cortou ele e puxou ele e vai... (Ent. 2, linhas 107 a 109).</i></p> <p><i>PESQUISADORA: ah... torcido... INFORMANTE 6: então viu? PESQUISADORA: hum..hum..... INFORMANTE 6: aí se ele fica assim distorcido assim dessas duas voltinha... aí eu olho... eu digo... “eu vô logo <u>dismanchá</u>... porque os meus olhos só vão dá aqui... e eu vô que <u>dismanchá</u>...” eu vô volta... vou <u>dismanchá</u> pra fazê como é que tem que sê... PESQUISADOR: torcido direitinho... (Ent. 5, linhas 714 a 720).</i></p> <p><i>ela não faz o trabalho que você tá fazendo...ela pode até pegá um computadô e... <u>dismanchá</u> se fô possível até o mundo e fazê de novo...” ele falando assim..PESQUISADORA: da mulhé dele? (Ent. 5, linhas 203 a 205).</i></p> <p><i>INFORMANTE 6: e chega outras... que você não pode nem imendá... o que você ta fazendo com as... a traça ta assim... se <u>dismanchando</u>... e estufando... por quê? De ruim... de mal feita... (Ent. 5, linhas 623 e 624).</i></p> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: DESMANCHAR, v. at. desfazê v.g. ,, <i>hum Vestido, o felogio</i> , c. % Deslocar v. g. ,, <i>bum pé, braço.</i> 2. Morais: DESMANCHÁR, v. at. Desfazê: v. g. desmanchar um vestido, o relógio,. 3. Freire: DESMANCHAR, v. r. v. Fr. <i>démancher</i>. Desarranjar, desfazê (<i>tr. dir.; pr.</i>): “Logo <i>desmancha</i> a ordem dos pensamentos” (Filinto Elísio). 4. Aurélio: DESMANCHAR, [Do fr. ant. <i>desmancher</i> (atual <i>démancher</i>).] 1.

Desfazê (1 e 2): <i>desmanchar o penteado; desmanchar uma costura.</i>
Origem: Do ant.fr <i>desmancher</i> (atual <i>démancher</i>), de <i>manche</i> e, este, do lat. popular <i>*manĭcus</i> ‘o que se pode segurar com a mão, um punhado’, de <i>manus</i> ‘mão’ (CUNHA, 2010, p. 211).
Obs:
61. Distacá [V]
<i>PESQUISADORA</i> : tô vendo aquela do meio... <i>INFORMANTE 10</i> : <i>é aquela do meio e as de lá a gente distaca na hora...</i> (Ent. 10, linhas 145 e 146).
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: DESTACAR , v. r. v. 3. Separar (tr. dir.; pr.; bitr. pr., com prep. de). 4. Aurélio: n/e
Origem: Adaptação do fr. <i>détacher</i> , com influência de atacar (CUNHA, 2010, p. 212).
Obs:

62. Distorcido [ADJSing]
<i>PESQUISADORA</i> : hum... muito bem... e tudo que a gente faz por amor... fica bem feito né? <i>INFORMANTE 6</i> : <i>fica bem feito... eu vô fazê... se fica... um bírdalo desse aqui... aí quando eu pego e vejo que ta <u>distorcido</u>... dexa eu vê... vai fica tão feio...</i> / <i>PESQUISADORA</i> : <u>distorcido</u> é assim frôxo né? <i>INFORMANTE 6</i> : <i>é torcido mesmo...</i> <i>PESQUISADORA</i> : ah... torcido... <i>INFORMANTE 6</i> : <i>então viu?</i> <i>PESQUISADORA</i> : hum..hum..... <i>INFORMANTE 6</i> : <i>aí se ele fica assim <u>distorcido</u> assim dessas duas voltinha... aí eu olho... eu digo... “eu vô logo dismanchá... porque os meus olhos só vão dá aqui... e eu vô que dismanchá...” eu vô volta... vou dismanchá pra fazê como é que tem que sê...</i> <i>PESQUISADOR</i> : torcido direitinho... (Ent. 5, linhas 709 a 720).
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Morais: DESTORCIDO , p. pass. de Destorcer. § . vista destorcida: olhos destorcidos: Eg: do que não tem inveja. 3. Freire: DESTORCIDO , adj. Endireitado depois de estar torcido. 4. Aurélio: DESTORCIDO , [Part. de destorcer.] 1. Que se destorceu. 2. Bras. Fam. Desembaraçado, lépido, ligeiro, pronto, hábil. 3. V. <i>valentão</i> (1). [Cf. <i>distorcido</i> .]
Origem: Do lat. vulg. <i>*tōrcēre</i> (CUNHA, 2010, p. 640).
Obs:

63. Embuchado ~ Nm [Ssing] ~ Imbuchado Nm [Ssing] ~ Embuchada Nf [Ssing]
<i>INFORMANTE 2</i> : <i>Traça é a flô aquela palminha...</i> <i>PESQUISADORA</i> : Da flô... <u>Embuchada</u> é quando ela é gor... / <i>INFORMANTE 2</i> : <i>É aquele chato que é a traça chata... Ela chama traça chata...</i> <i>PESQUISADORA</i> : O <u>embuchado</u> ... aquele ponto que é gordinho... Ele chama como? <i>INFORMANTE 2</i> : <i>pois é aquele que é a traça chata...aquele o <u>embuchado</u>...</i> <i>PESQUISADORA</i> : Traça chata ou <u>embuchado</u> né? Ah... ta certo... E o que a senhora percebe de... de... melhorô a renda daqui? (Ent. 3,

63. Embuchado ~ Nm [Ssing] ~ Imbuchado Nm [Ssing] ~ Embuchada Nf [Ssing]

linhas 73 a 68).

INFORMANTE 3: *como que tem feito a traça... a traça tem que puxá um maió... uma linha maió pra tece ela... aí dela... aí dela tem um tal de embuchado... né?* PESQUISADORA: *é... INFORMANTE 3: aí a metade dela... que eu vô fazê só isso aqui... e vô fazê só um nozin bem aqui assim... PESQUISADORA: aí acabo o embuchado... INFORMANTE 3: é... só metade da traça... o embuchado... (Ent. 3, linhas 872 a 878).*

INFORMANTE 3: *tem muita renda que... pede muito ela... ta aqui olhe... essa aqui que é... a...* PESQUISADORA: *embucha...?* INFORMANTE 3: *embuchada... metade da traça... (Ent. 3, linhas 918 a 920).*

PESQUISADORA: *incompleto... certo... aí qual otro que eu ia falá... a ta: aí tem a traça e tem o nome também de quando é a metade da... da traça... é em.../* INFORMANTE 4: *embuchado!* PESQUISADORA: *embuchado... Na na... essa traça... no Ceará esses nomes são tudo igual? O mesmo /* INFORMANTE 4: *tudo igual ... PESQUISADORA: nem o nome não muda... INFORMANTE 4: muda não.. (Ent. 4, linhas 237 a 243).*

INFORMANTE 5: *{pingo d'água..}* *Tem o pingo d'água só que aqui não tem o pingo d'água. {embuchada..}{embuchada... Embuchada é meio traça... PESQUISADORA: embuchada... Embuchada é meio traça... (Ent. 5, linhas 136 a 138).*

INFORMANTE 6: *{E., como é o ponto... aquele que eu não sei fazê... () ta fazendo ele? Não... embuchado (risos)}* PESQUISADORA: *é o embuchado... INFORMANTE 6: (risos) justamente... é só esse... (Ent. 6, linhas 576 a 579).*

INFORMANTE 6: *{oi... é... imbuchado... é imbuchado mulé... e eu tava esquecida de fala pra ela qual era o outro ponto... é imbuchado...}* PESQUISADORA: *é... esse mesmo... INFORMANTE 6: {thau... mais tu não vai escapá dela não que ela vem...}* PESQUISADORA: *e é imbuchado porque engraçado que ele parece gordinho mesmo... parece um... ()* INFORMANTE 6: *() to indo busca de novo olha...* PESQUISADORA: *é... é esse mesmo... INFORMANTE 6: imbuchado... que ele é imbuchado... (Ent. 6, linhas 590 a 595).*

INFORMANTE 7: *deixa eu vê mais... o pano cheio... meio trocado... imbuchado... só...* PESQUISADORA: *esses são os tipos de... ponto... né... INFORMANTE 7: ponto... (Ent. 7, linhas 39 a 40).*

INFORMANTE 8: *é... imbuchado... PESQUISADORA: embuchado. O que é que é que eles chama de casa de abelha?* INFORMANTE 8: *não sei. Acho que é isso aqui ó... (Ent. 8, linhas 123 a 125).*

INFORMANTE 8: *é meio trocado... PESQUISADORA: hum... INFORMANTE 8: daqui é as... PESQUISADORA: embuchado?* INFORMANTE 8: *é... imbuchado... PESQUISADORA: imbuchado. O que é que é que eles chamam de casa de abelha? (Ent. 9, linhas 119 a 124).*

INFORMANTE 11: *Porque eu sei fazê o embuchado... PESQUISADORA: Hum... o embuchado é o gordinho né? O ponto gordinho... INFORMANTE 11: É... que é aquele que ela fez com a sua saia... PESQUISADORA: Hum...hum... INFORMANTE 11: Que ela é toda no pano e no embuchado... PESQUISADORA: Ah a minha saia... INFORMANTE 11: É ela só fez a traça na ponta né? PESQUISADORA: hum...hum.. INFORMANTE 11: Aí e no meio dela é toda embuchado com o pano... (Ent. 11, linhas 123 a 131).*

INFORMANTE 12: *chama embuchado... PESQUISADORA: ah o embuchado é um gordinho pequenininho assim? INFORMANTE 12: é assim quadradinho assim porque a traça é compridinha e ele é assim larguinho... PESQUISADORA: eu acho que eu já vi é como se fosse iss'aqui a metade... INFORMANTE 12: hum...hum só que sendo mais larguinho... PESQUISADORA: e o embuchado porque é gordo né porque é gordinho cheinho... INFORMANTE 12: é porque é aquele ponto que chamam de embuchado não sei porque eu sei que só sei que é assim... (Ent. 12, linhas 292 a 299).*

INFORMANTE 1: *ela só não sabe fazê aquele ponto o embuchado que eu falei... PESQUISADORA: o embuchado que é o pequenininho... hum...hum... (Ent. 12, linhas 585 e 586).*

INFORMANTE 14: *quatro par passando pra lá e pra cá e meteno nos buraquinho aí e lá foi me insinuando fazê a traça fazeno a trancinha... aí de lá fui aprendeno sozinha mesmo... fazeno os embuchado que tem os trocado os mei trocado... aí vô fazê como o R. ... aí de lá eu () e de cento de esse mesmo cento assim aí vai mexeno vai botano aí nos buraquinho dos papelão... (Ent. 14, linhas 55 a 58).*

INFORMANTE 14: *esse aqui é embuchado... esse daqui é traça ...isso daqui é pano ... isso daqui é mei é trocado... (Ent. 14, linhas 101 e 102).*

INFORMANTE 15: *a traça já é diferente dos embuchado... PESQUISADORA: o embuchado é bonitinho né... INFORMANTE 15: porque? Porque que a traça é comprida os embuchado é cheio... PESQUISADORA: é gordinho por isso que o nome é embuchado né porque parece um buchinho gordinho... e a diferença do que é trocado pro que é o meio trocado? INFORMANTE 15: porque*

63. Embuchado ~ Nm [Ssing] ~ Imbuchado Nm [Ssing] ~ Embuchada Nf [Ssing]

trocado que ele vai assim ó trocado todo ó... (Ent. 15, linhas 329 a 334). *PESQUISADORA: agora pelo que eu entendi trocado e meio trocado são os movimentos que eu vou fazê com o biuro pra que ... através desse trocado e do meio trocado que eu vou criá um embuchado... é isso? INFORMANTE 15: não... PESQUISADORA: porque pur exemplo tu faz aí um embuchado eu vou fazê trocado e meio trocado? INFORMANTE 15: não... só é trocado...* (Ent. 15, linhas 352 a 357).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: De origem controvertida; talvez seja de origem expressiva (CUNHA,2010, p. 104).

Obs:

64. Encabado [ADJSing]

INFORMANTE 6: aí faz aquele buraquinho no chão... é... aqui é o tucum... mais depois que coloca esse aqui... que faz essa cabeça aqui... olha... não mexa nos meus tucum... meus tucum tão aí... que falta encabá...mais depois de encabado... torna- se os meus bírdalos... PESQUISADORA: e encabá o que que é? É enfia a madêra dentro? INFORMANTE 6: é enfia isso daqui... tem gente que ainda bota cola quando fica folgadinho... PESQUISADORA: ah... bota cola quente... INFORMANTE 6: então... eu vou encabá tantas dúzias de biurro pra fulano de tal... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: de... de tucum... (Ent.6 , linhas 266 a 274).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: Do lat. *capūt* ‘cabeça’ (CUNHA,2010, p. 108).

Obs:

65. Encabá [V]

INFORMANTE 6: aí faz aquele buraquinho no chão... é... aqui é o tucum... mais depois que coloca esse aqui... que faz essa cabeça aqui... olha... não mexa nos meus tucum... meus tucum tão aí... que falta encabá...mais depois de encabado... torna- se os meus bírdalos... PESQUISADORA: e encabá o que que é? É enfia a madêra dentro? INFORMANTE 6: é enfia isso daqui... tem gente que ainda bota cola quando fica folgadinho... PESQUISADORA: ah... bota cola quente... INFORMANTE 6: então... eu vou encabá tantas dúzias de biurro pra fulano de tal... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: de... de tucum... (Ent.6 , linhas 266 a 274).

Registro em dicionários:

- 1.Bluteau: n/e

2.Morais: n/e
3.Freire: n/e
4.Aurélio: n/e
Origem: Do lat. <i>capūt</i> ‘cabeça’ (CUNHA,2010, p. 108).
Obs:

66. Ingomá [V]

INFORMANTE 3: a gente bota mais um pouquinho de água pra afiná e coloca elas dentro... aí estende... quando enxuga a gente... ingoma... PESQUISADORA: oh... mais fica lindo... (Ent. 3, linhas 734 a 736).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **ENGOMAR** alguma coufa. Apilicar-lhe qualquer goma de arvores.
2. Morais: **ENGOMÁR**, v. at. Metter em goma, e depois passar ferro quente, para alizar a roupa.
3. Freire: **ENGOMAR**, v. r. v. De en + goma + ar. Meter em goma (tr. dir.). 2. Pôr em goma e alisar com ferro quente. (a roupa): “A mulher engomou a camisa do filho”, e “engomava roupa para aquela piedosa casa” (Rebêlo da Silva). || 4. Engrossar, avolumar.
4. Aurélio: **ENGOMAR** [De *en*⁻² + *goma* + *-ar*².] 1. Meter em goma e alisar depois com o ferro de engomar: engomar a roupa. ||2. P. ext. Alisar (a roupa) com ferro de engomar; passar.

Origem: Do lat. tard. *gumma* (CUNHA,2010, p.320).

Obs:

67. Entrançá [V]

INFORMANTE 11: É aí eu só faço passá de um pra o ôtro. O ôtro eu tenho que entrançá eles os quatro juntos... PESQUISADORA: ah quando eu entranço é o meio trocado? INFORMANTE 11: É que são são quatro bichinho desses forma dois par... PESQUISADORA: Ah... INFORMANTE 11: Aí se eu for fazê o trocado intero eu tenho que trocá eles dois juntos os dois par... PESQUISADORA: E o meio trocado? INFORMANTE 11: E se for o meio é só só um prum lado. Eu não faço entrançá um ao ôtro... (Ent. 11, linhas 88 a 94).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: **ENTRAÇÁR**, v. at. Fazê em tranças, v. g. o cabelo: “*cabellos entrançados*”.
3. Freire: **ENTRANÇAR**, v. r. v. De *en* + *trançar* + *ar*. || 2. Entrelaçar, entretecê (*tr. dir.; pr.*): “o gravatá *entrança* o seu *tapume* espinhoso” (V. de Taunay).
4. Aurélio: **ENTRANÇAR**, [De *en*⁻² + *trança* + *-ar*².] 1. Pôr em trança; trançar. ||2. Dar a forma de trança a. ||3. Entretecê; entrelaçar; trançar: entrançar a palha.

Origem: De origem controversa (CUNHA, 2010, p. 644).

Obs:

68. Entremeio Nm [Ssing]

INFORMANTE 3: é () esse aqui tem um entremeio... e tem uma renda de bico... PESQUISADORA: o que é entremeio? INFORMANTE 3: a renda de bico é que coloca nas roupas... cê ta entendendo? PESQUISADORA: ai que lindo... INFORMANTE 3: aí tem o bico... aí o entremeio tem esses dois lado aqui ó! Tem que te esses dois lado aqui... PESQUISADORA: hum... INFORMANTE 3: o entremei tem que sê dois lado aqui ó! Ele é butado.. assim no mei das roupa... PESQUISADORA: ah... que é pra botá no meio... por isso que é entremeio... e a renda de bico é uma ponta... (Ent. 3, linhas 994 a 1001).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **ENTREMEIO**, £ m. *os entremeies das comizas*,, são rendas entrefachadas, ou tiras bordadas entre outras lizas. § O efpço médio entre, duas coifas.
2. Morais: **ENTREMÉIO**, s. m. os Entremeios das camisas; são rendas entressachadas, ou tiras bordadas entre outras lizas.
3. Freire: **ENTREMEIO**, adj. De *entre + meio*. O mesmo que *intermédio*.
4. Aurélio: **ENTREMEIO**, [De *entr(e)- + meio*¹.] 1. Aquilo que está de permeio; intermédio. ||3. Renda, ou tira bordada, que se costura de ambos os lados, a um tecido: *um entremeio de valenciana*.

Origem: Do lat. *mēdiūs* (CUNHA, 2010, p. 417).

Obs:

69. Espeque Nm [Ssing]

... “tu guarda esse dinheiro aqui pra gastá em casa e esse daqui nós vamo vê pra juntá ... quando chegá o inveno... a gente tem ao meno um dinheiro pá pagá um homi pá pegá uns espeque no mangue” ... (Ent. 13, linhas 131 a 134).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: **ESPEQUE**, s. m. Germ. *spaak*. Peça de madêra, com que se escora alguma cousa; escora.
4. Aurélio: **ESPEQUE**, [Do fr. *anspect* < neerl. ant. *handspaecke* (atual *handspaak*).] 1. V. *escora* (1). ||3. Bras. N.E. Torno de madêra das jangadas, no qual se amarram, na proa, a corda do tauaçu, que serve de âncora, e na popa, a escota da vela.

Origem: Do fr. *anspect*, deriv. do neerl. ant. *handspaecke* (hoje *handspaak*) (CUNHA, 2010, p. 264).

Obs:

70. Farinha d'água NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

INFORMANTE 13: é a farinha seca a d'água também a d'água também... PESQUISADORA: num sabia... INFORMANTE 13: porque tá crua porque tá crua... PESQUISADORA: ela é feita do que a farinha? INFORMANTE 13: da mandioca... PESQUISADORA: hum... hum ah mas é como se você tivesse assim tomando assim uma bebida alcoólica... INFORMANTE 13: verdade. (Ent. 13, linhas 56 a 62).

70. Farinha d'água NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]
Registro em dicionários:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: FARINHA D'ÁGUA, s. f. Farinha grossa, de inferior qualidade. 2. Farinha feita de mandioca-puba. 4. Aurélio: FARINHA D'ÁGUA, 1. Bras. N. N.E. Farinha acentuadamente granulada, de cor amarelada, feita de mandioca de puba (1): "Alguns dias dava-lhe uma gana de satisfazê o apetite, devorando lascas de pirarucu assado, com <u>farinha-d'água</u> e latas de marmelada" (Inglês de Sousa, <i>O Missionário</i>, p. 55). [Pl.: <i>farinhas-d'água</i>. Cf. <i>farinha seca</i>.]
Origem: Do lat. <i>farīna</i> (CUNHA, 2010, p. 286).
Obs:

71. Farinha mole NCm [Ssing + ADJsing]
<p><i>INFORMANTE 13: coisa verde ardoso sempre foi cumigo a gente pegava a farinha... quando tava torrando a farinha ela ela fica assim mole que tem a <u>farinha mole</u> ... a <u>farinha mole</u> ela não ela já tá no ponto de cumê que num imbebeda niguém porque quando ela tá inda massa se cume assim fica bêbado... PESQUISADORA: ah é a farinha d'água? INFORMANTE 13: é a farinha seca a d'água também a d'água também... PESQUISADORA: num sabia... INFORMANTE 13: porque tá crua porque tá crua... PESQUISADORA: ela é feita do que a farinha? INFORMANTE 13: da mandioca... PESQUISADORA: hum... hum ah mas é como se você tivesse assim tomando assim uma bebida alcoólica... INFORMANTE 13: verdade... PESQUISADORA: ah... INFORMANTE 13: e então aí a gente quando ela tava assim mole a gente pegava e jogava um bucadin de chero verde por cima cebola porque lá a gente num chamava chero verde... (Ent. 13, linhas 52 a 65).</i></p>
Registro em dicionários:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. <i>farīna</i> (CUNHA, 2010, p. 286).
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples farinha. Não registram esta forma composta.

72. Farinha seca NCm [Ssing + ADJsing]
<p><i>INFORMANTE 13: é a farinha seca a <u>d'água</u> também a <u>d'água</u> também... PESQUISADORA: num sabia... INFORMANTE 13: porque tá crua porque tá crua... PESQUISADORA: ela é feita do que a farinha? INFORMANTE 13: da mandioca... PESQUISADORA: hum... hum ah mas é como se você tivesse assim tomando assim uma bebida alcoólica... INFORMANTE 13: verdade. (Ent. 13, linhas 56 a 62).</i></p>
Registro em dicionários:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e

3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. <i>farīna</i> (CUNHA, 2010, p. 286).
Obs:

73. Fazê renda V [V + Ssing] ~ fazê rendinha V [V+ Ssing]

INFORMANTE 1: nós vamu fazê renda... PESQUISADORA: hã...hã.. INFORMANTE 1: é... agora vou assentá uma blusa... uma blusa... (Ent. 1, linhas 296 a 298).

INFORMANTE 1: e lá quando eu comecei a minha /PESQUISADORA: a fazê renda lá?! INFORMANTE 1: fazê renda lá... Mas era assim... o meu pai é de Acarau e minha mãe é do... a minha mãe é do() eu já nem me lembro mais... o papai era do Acarau e a mamãe era do... Tairí ... Trairí (Ent. 1, linhas 93 a 96).

INFORMANTE 4: aí ela começou a fazê renda também... e aí a M. ... nós cumeçemo... assim... era só nós aqui. aí istendeu... PESQUISADORA: entendi... aí depois que começô... e aí a... e como é que foi pra ter esse monte de... de loja de renda... teve algum tipo de incentivo... (Ent. 4, linhas 164 a 167).

INFORMANTE 5: bom... ela já tirô muitas fotos aqui sentada com os turista... Tira foto dela mexeno aqui... E na hora que os turista chega ela vê eles tirá da gente... ela senta...PESQUISADORA: Que é pra ela tirá também né? INFORMANTE 5: pra ela tira também... ó! Maria Cecília! tu já sabe fazê renda? Já? (risos)PESQUISADORA: Tu já sabe fazê renda? INFORMANTE 5: Eu sei fazê renda moça! (Ent. 5, linhas 245 a 250).

INFORMANTE 6: com dezesseis anos eu vim pra cá... mais é... como eu to lhe dizendo... com oito anos eu comecei a fazê renda... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: fazê rendinha... eu fazê esse... como lhe falei... o passagem... comecei a fazê... eu lembrei até de outro: ponta de coco... que era também muito fácil... PESQUISADORA: ponta de coco... (Ent. 6, linhas 6 a 11).

INFORMANTE 6: aí eu... e quando foi ficando... já mais... moça... aí comecei a fazê rendas larga... comecei a fazê a flor de seda... comecei fazê... o bico que chamam... cigano... cigana... o bico da cigana... PESQUISADORA: oh... (Ent. 6, linhas 22 a 24).

INFORMANTE 6: um dia eu passei cinco mês sem fazê... eu tava achando que os ossos da minha mão... eles tava assim... ficano duro... eu digo... “não Senhor... vou tê que fazê uma rendinha... o meu exercício...” porque... não... tenho condição... tenho não... (Ent. 6, linhas 182 a 184).

ela não faz o trabalho que você tá fazendo...ela pode até pegá um computadô e... dismanchá se fô possível até o mundo e fazê de novo...” ele falando assim... (Ent. 6, linhas 203 e 204).

INFORMANTE 6: é... foi a dona Trigueira que aí ela... mais ela incentivou muita gente aqui a fazê renda... porque ela... elas sabio mais não fazio... PESQUISADOR: hum..hum..... (Ent. 6, linhas 378 a 380).

INFORMANTE 6: eu canto até hoje olha... a cantiga mulhe rendera... eles cantavo muito... mais eu nunca me liguei a isso não... “olê mulê rendera... olê mulê rendá... tu me ensina a fazê renda... que eu te ensino a namorá...” (Ent. 6, linhas 779 a 781).

INFORMANTE 7: a gente tá acostumado a ir parente do meu avô... pai dele... antes dele falecer a gente ia. Lá em muita rendeira também. Se não me engano é que tem menina nova lá é que eu nunca cheguei a ver... e onde você vai tem gente... fazendo renda... PESQUISADORA: fazendo renda

INFORMANTE 7: todo canto “é renda... vão fazê aqui... ta na moda... tão fazendo muito isso aqui lá em Raposa” e leva e traz... (Ent. 7, linhas 261 a 266).

INFORMANTE 11: Já já fazia croché. Ai ela disse assim pra mim “eu vô butá só o trocado e... e o pano” e eu digo “não eu quero logo é uns birro pra mim fazê uã renda!” (Ent. 11, linhas 49 e 50).

INFORMANTE 14: não hoje eu faço... sento faço a vontade eu agora eu gosto mais um poquinho de fazê... PESQUISADORA: hum... hum pegou um pouquinho de prazê... INFORMANTE 14: é quando... num andá nas () eu sento aqui faço minha rendinha e vai a tarde toda fazendo... PESQUISADORA: fazendo renda... INFORMANTE 14: mas de gostá assim de amá fazê renda eu nunca fui amante... (Ent. 14, linhas 36 a 39).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e

3.	Freire: n/e
4.	Aurélio: n/e
Origem: Do lat. <i>facĕre</i> (CUNHA, 2010, p. 287).	
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples fazer. Não registram esta forma composta.	

74. Feitio Nm [Ssing]
<p><i>INFORMANTE 1: não existe... é um <u>feitio</u> que eu inventei... pur exemplo... eu vou inventá um pexinho pra eu fazê né? PESQUISADORA: han...han... INFORMANTE 1: de renda... aí a minha cabeça... que dá pra isso... deu muito agora não dá mais... mas eu fazia o pexinho aqui... e aí eu fazia o pexinho na renda mas a M. tem essas coisa tudinho lá... PESQUISADORA: que é o <u>feitio</u> né? INFORMANTE 1: o <u>feitio</u>... a gente faz o que a gente qué... <u>faiz</u> saia... <u>faiz</u> vestido... <u>faiz</u> blusa.... <u>faiz</u> a renda... <u>faiz</u> aquelas flô... uma renda uma rôpa... (Ent. 1, linhas 252 a 259).</i></p> <p><i>INFORMANTE 3: essa é de Fortaleza... PESQUISADORA: e a senhora acha mais diferente também... é em relação ao <u>feitio</u> não é? INFORMANTE 3: o <u>fetio</u> que é diferente... (Ent. 3, linhas 585 e 586).</i></p> <p><i>PESQUISADORA: Aquele verdinho claro com branco... tá lindo! Muito lindo... INFORMANTE 5: ele ta com () dá o <u>feitio</u> aí depois pega o vestido... PESQUISADORA: Aquele também azul com rosa... Eu tô falando é que a próxima vez que eu vié eu vou trazê alguma coisa de <u>feitio</u> meu pra você fazê um por encomenda... que ela disse que você faz né? É sua netinha? INFORMANTE 5: é... (Ent. 5, linhas 238 a 243).</i></p> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: FEITIO, £ m. o trabalho do official, 0 feu lavor, e obra para fazê alguma coifa y. g. ,, 'perder o tempo , e o <u>feitio</u> v. g. ,, d» <u>vejtido</u>, das <u>fivellas</u> ; a feição , e forma que o artifta d'i v. g. ,, <u>fivellas de bom feitio</u>. 2. Moraes: FEITÍO, s. m. O trabalho do oficial, o seu lavor, e obra para fazê alguma coisa: v. g. perder o tempo, eo <u>feitio</u>; v. g. do vestido, das <u>fivelas</u>: as feição; eforma que o artista dá. 3. Freire: FEITIO, s. m. De <i>feito</i>¹ + <i>io</i>. Forma, figura, feição de qualquer cousa; configuração. 4. Aurélio: FEITIO, [De <i>feito</i>² + <i>-io</i>².] 1. Forma, figura, configuração, feição: “Bichos miúdos e grandes, insetos de todo o <u>feitio</u> tudinho nesse dia apareceu para glória do dia que era.” (Luís Jardim, <i>Proezas do Menino Jesus</i>, p. 92.) 4. Trabalho de artífice, em especial de costureira ou alfaiate. [Cf. <i>feitio</i>, do v. <i>feitiar</i>.] <p>Origem: Do lat. <i>factum</i> ~ĩ (CUNHA, 2010, p. 287).</p> <p>Obs:</p>

75. Filé Nm [Ssing]
<p><i>INFORMANTE 7: não esse aqui é o <u>filé</u>... de outro trabalho... trocado cheio aqui ó... PESQUISADORA: Ah... que bonito fica bem cheio mesmo... inteiro no sentido de que é cheio que não tem muita abertura. E esse trabalho com <u>filé</u> o que é que é? INFORMANTE 7: o <u>filé</u> ele é feito com uma tela... eu já vi fazendo. ..ele não é um trabalho daqui ele é de Fortaleza... (Ent. 7, linhas 120 a 124).</i></p> <p><i>INFORMANTE 8: eu sabia fazer... PESQUISADORA: ó vamos supô isso aqui é um <u>filé</u>, né? INFORMANTE 8: é...<u>filé</u>... (Ent. 7, linhas 107 a 109).</i></p> <p><i>PESQUISADORA: ó vamos supô... isso aqui é um <u>filé</u>, né? INFORMANTE 8: é...<u>filé</u>... (Ent. 7, linhas 108 e 109).</i></p>

75. Filé Nm [Ssing]
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: FILÉ , s. m. Fr. <i>filet</i> . 3. Certo trabalho de agulha em forma de rêde. 4. Aurélio: FILÉ , [Do fr. <i>filet</i> .] 5. Certo trabalho de agulha tecido em rede feita à mão, o qual forma desenhos e é geralmente us. para fins decorativos.
Origem: Do fr. <i>filet</i> (Cunha, 2010, p. 292)
Obs:

76. Flor Nf [Ssing]
<i>INFORMANTE 1: o feitio... a gente faz o que a gente qué... faiz saia... faiz vestido... faiz blusa.... faiz a renda... faiz aquelas flor... uma renda uma roupa...(Ent. 1, linhas 268 e269).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: FLOR . Vicio do vinho, depois de cozido. (Pata o vinho não fazer Lia, a que chamaó Flor). Alarte. Agricultura das vinhas. 2. Morais: FLÒR , s. f. Producção dos vegetâes, que contêm as partes frutificação como os estames, e pistillo. 3. Freire: FLOR , s.f. Lat. <i>flos</i> ; florem. Parte dum vegetal, que contêm um dos órgãos reprodutores ou ambos, e que apresenta geralmente cores vivas. Objeto ou ornato que representa Essa parte do vegetal. Aurélio: FLOR (ô) [Do lat. <i>flos, floris</i> , por via erud.] 10. Objeto ou ornato que representa uma flor.
Origem: : Do lat. <i>flōs ~ōris</i> (CUNHA,2010, p. 296).
Obs:

77. Flor de renda Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}]
<i>PESQUISADORA: essa florzinha? ... INFORMANTE 3: é... essa traça... essa petalazinha aí... forma todo tipo de flor de renda... PESQUISADORA: a pétala é a traça? ... deixa eu tirá foto... INFORMANTE 3: que é essa... (Ent. 3, linhas 227 a 230).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: : Do lat. <i>flōs ~ōris</i> (CUNHA,2010, p. 296).
Obs:

78. Flor de traça Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}]
<i>PESQUISADORA: e a pétala da flor como é que eu chamo? INFORMANTE 13: esse daqui é traça você pode chamá uã flor de traça... PESQUISADORA: uma flor... (Ent. 13, linhas 537 a 539).</i>

78. Flor de traça Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}]
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. <i>flōs ~ōris</i> (CUNHA,2010, p. 296).
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples flor. Não registram esta forma composta.

79. Folha de bananera Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}]
<i>INFORMANTE 3: e por dentro... a gente usa a palha da <u>folha da bananera</u>...PESQUISADORA: ah... INFORMANTE 3: seca né?que bota aqui pra não mostra a palha né? A gente bota um papelãozinho... PESQUISADORA: fica bonito... fica lindo... (Ent. 3, linhas 352 a 355). INFORMANTE 10: pinicá... furá... é a mesma coisa... PESQUISADORA: mesma coisa né? E aqui dentro tem folha... INFORMANTE 10: tem <u>folha de bananêra</u> é... (Ent. 10, linhas 245 a 247).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. tard. <i>fōlīa</i> , deduzido do nom. pl. de <i>fōlīum</i> (CUNHA,2010, p. 297).
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples folha. Não registram esta forma composta.

80. Folha de buriti Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}]
<i>INFORMANTE 1: e faz como renda elas lá fazi como nós... cria a renda elas cria aquele daquela <u>folha do buriti</u>... da palha do buriti (Ent. 1, inhas 347 a 348).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. tard. <i>fōlīa</i> , deduzido do nom. pl. de <i>fōlīum</i> (CUNHA,2010, p. 297).
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples folha. Não registram esta forma composta.

81. Goma Nf [Ssing]
<i>INFORMANTE 3: a toalha de banho... você bota a barrinha e fica linda...depois vem a goma... PESQUISADORA:é... INFORMANTE 3: ainda depois de pronta... PESQUISADORA: caminho de</i>

81. Goma Nf [Ssing]

mesa... também né? *INFORMANTE 3: é... a gente faz... a gente bota as barrinha de renda... PESQUISADORA: ah... ta certo... aí deixa eu aproveita agora né? Que agora eu vou vê as suas renda... que eu vi muita coisa / pra pode... pra podê terminá de entendê... aí a senhora falô que... pra não sujá... aí bota na goma pra ela ficá durinha é? *INFORMANTE 3: é... pois é... PESQUISADORA: como é que é feita essa goma? *INFORMANTE 3: a gente... a gente lava a renda... PESQUISADORA: hun..hum... *INFORMANTE 3: essa grossa ninguém bota em goma não... PESQUISADORA: é... *INFORMANTE 3: é só a fininha... essa daqui ó! PESQUISADORA: hun..hum... *INFORMANTE 3: essa daqui... PESQUISADORA: ta... pur isso que ela fica tão bunita e durinha... e como é que a senhora faz essa goma? É água... ? *INFORMANTE 3: a gente faz um mingauzinho bem fininho... e coloca ele dentro... PESQUISADORA: ah... é com maisena e água só? *INFORMANTE 3: é... só a goma... PESQUISADORA: ah... a goma de / *INFORMANTE 3: goma de... de mandioca... PESQUISADORA: ah... goma de mandioca... com água... *INFORMANTE 3: é... a gente bota água pra fervê... aí bota ela dentro mexeno... dá aquele mingauzinho fininho... PESQUISADORA: hunhum... *INFORMANTE 3: a gente bota mais um pouquinho de água pra afiná e coloca elas dentro... aí estende... quando enxuga a gente... ingoma... PESQUISADORA: oh... mais fica lindo... (Ent. 3, linhas 706 a 735).***********

*INFORMANTE 7: é ali é cem por cento algodão... então cê tem que comprá um tamanho maiô porque depois que lavá vai encolhê... é de acordo com o corpo... não pode trocê aí cê tem que botar na goma se tivá... pra ficá durinho... PESQUISADORA: a goma é feita como? *INFORMANTE 7: eu não sei lhe falá como é que é feita a goma... PESQUISADORA: hum..hum... tua mãe que faz... *INFORMANTE 7: a minha mãe e minha vó que faz. Eu nunca cheguei a vê... não sei que é tipo uma coisa grossa assim... uma baba aí bota... estende aí um monte de coisa... (Ent. 7, linhas 289 a 296).***

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **GOMMA**, f. humor vifcoib que deiád algumas: arvores que fofoca, e congela. | . Maffa, c- maffmha de livreiro. § Tumor que nafce pelos braços das beftas.
2. Moraes: **GÓMMA**, s. f. Humor viscoso que deitão algumas arvores, que se seca, e congela, e se desmancha, ou dissolve com água
3. Freire: **GOMA** ou **GOMMA**, s. f. Lat. *gummi*. || 7. Cola de amido para engomar roupa.
4. Aurélio: **GOMA**, [Do b.-lat. *gumma* < lat. *gummi*, *is*.] 1. Designação genérica de resinas translúcidas e viscosas de alguns vegetais. || 5. Bras. Preparado feito com água e amido, empregado para engomar roupa.

Origem: Do lat. tard. *gumma* (CUNHA, 2010, p.320).

Obs:

82. Gozera Nf [Ssing]

*INFORMANTE 1: eu só ticia até zero oitenta... PESQUISADORA: han...han...INFORMANTE 1: de zero oitenta pra baixo... PESQUISADORA: qual que é o nome gozera não? *INFORMANTE 1: é serrera... PESQUISADORA: serrera... *INFORMANTE 1: aí tem a camurimpinzera... PESQUISADORA: camurimpinzera... *INFORMANTE 1: mas aqui tem poca camurimpinzera.. PESQUISADORA: tem né? E gozera a senhora / *INFORMANTE 1: gozera tem... eu / PESQUISADORA: a senhora sabe tece também? Todas... *INFORMANTE 1: eu / o ponto de uma é o ponto das otras ... (Ent. 1, linhas 404 a 416)******

*PESQUISADORA: e ele usa qual tipo? É gozera... *INFORMANTE 4: todo tipo de rede... tem gozera... serrera... pituzera... tudo é / PESQUISADORA: hun..hun... mas assim a tecê as redes é com eles ou com vocês? (Ent. 4, linhas 251 a 253).**

*INFORMANTE 10: é eles pesca lá... e dispesca lá pois é aí aqui tá tendo a dificuldade do peixe...PESQUISADORA: e aqui qual tipo de pesca que ainda tá tendo bem aqui de gozêra? *INFORMANTE 10: tem gozêra tem gozêra tem pitchuzêra tem sajubêra ainda tem essas pesca né? a**

82. Gozera Nf [Ssing]

serrêra ainda pesca também... só que a serrêra... (Ent. 10, linhas 344 a 347).

PESQUISADORA: a senhora é casada com pescadô? () com pescadô e a senhora ajuda ele também a tecê a tecer rede? INFORMANTE 14: não porque tecê a rede que eu sei tecê só a gozêra e a serrêra... PESQUISADORA: que a senhora sabe? INFORMANTE 14: que eu sei fazê mas as ôtras num sei... (Ent. 14, linhas 143 a 147).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e.

5. Origem: n/e

Obs:

83. Imenda Nf [Ssing]

INFORMANTE 1: mas ela não qué nem sabê de renda... nem sabê... PESQUISADORA: é...? INFORMANTE 1: não tem simpatia nenhuma agora eu... agora eu tô dexando porque minha idade já requê que eu dexe essa imenda... tem que matá muito a cabeça da gente / (Ent. 1, linhas 37 a 39).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **EMENDA**, £ £. Peça que fe ajunta a outra para lhe dar o comprimento, ou largura neceffaria,
2. Morais: **EMÈNDA**, s. f. peça que se ajunta a outra, para lhe dar o comprimento, ou largura necessária, em panno, madêra, &c.
3. Freire: **EMENDA**, s. f. De *emendar*. || 4. Peça que se junta ou acrescenta a outra para lhe dar o comprimento que deve ter; crecença.
4. Aurélio: **EMENDA**, [Dev. de emendar.] 1. Ato ou efeito de emendar, de corrigir falta ou defeito; correção: *emenda de um texto*. || 3. Ato de ligar uma peça a outra: *Fez emenda da tábuia com uma ensambladura*. || 4. Peça que se junta a outra para aumentar-lhe as dimensões, corrigir defeito etc.: *O fio precisou de uma emenda para atingir a tomada*.

Origem: Do lat. *ēmēndāre* (CUNHA, 2010, p. 240).

Obs:

84. Imendado [ADJSing]

INFORMANTE 13: imendá é porque ela assim as pessoas nem queri comprá diz assim olha “se tu imendá eu compro mas assim desimendada não porque eu não quero ...” mesmo as rendera quando ele sabe que a gente não sabe imendá elas levo “eu vô levá e eu vô imendá porque tu num sabe” mas se subere que eu sê como elas sabe que eu sê... PESQUISADORA: emendar né... INFORMANTE 13: “não minha irmã dêxe de ser preguiçosa que inda vô inda vô é pagá uã pessoa pra imendá” então ela disimendava não é nada ela tem que imendá que é pra colocá dentro da bandeja isso daqui serve pra colocá assim que qué pra colocá assim no rack pra colocá uã coisa em cima coisa enxuta viu...

PESQUISADORA: entendi... INFORMANTE 13: então ela desse jêto assim já fica mais () eu vô buscá aqui as imendada pra você... PESQUISADORA: pega... pega pra eu olhar elas já prontas... Obrigada! (...) (Ent. 13, linhas 592 a 602).

84. Imendado [ADJSing]
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: EMENDADO , adj. P. p. de <i>emendar</i> . 3. Acrescentado. 4. Consertado. 5. Reparado. 4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. <i>ēmēndāre</i> (CUNHA,2010, p. 240).
Obs:

85. Imendá [V]
<i>INFORMANTE 13: imendá é porque ela assim as pessoas nem queri comprá diz assim olha “se tu imendá eu compro mas assim desimendada não porque eu não quero ...” mesmo as rendera quando ele sabe que a gente não sabe imendá elas levo “eu vô levá e eu vô imendá porque tu num sabe” mas se subere que eu sê como elas sabe que eu sê... PESQUISADORA: emendar né... INFORMANTE 13: “não minha irmã dêxe de ser preguiçosa que inda vô inda vô é pagá uã pessoa pra imendá” então ela disimendava não é nada ela tem que imendá que é pra colocá dentro da bandeja isso daqui serve pra colocá assim que quê pra colocá assim no rack pra colocá uã coisa em cima coisa enxuta viu... PESQUISADORA: entendi... INFORMANTE 13: então ela desse jêto assim já fica mais () eu vô buscá aqui as imendada pra você... PESQUISADORA: pega... pega pra eu olhar elas já prontas... Obrigada!(...) (Ent. 13, linhas 592 a 602).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: EMENDAR , [Do lat. <i>emendare</i> .] 1. Alterar, modificar: <i>Cumpria emendar tudo quanto escrevera</i> . 2. Tirar defeito(s) a; melhorar; corrigir; rever: <i>Não cessava de emendar a própria obra</i> . 4. Acrescentar, ajuntar, para formar um todo: <i>Emendou os retalhos e fez uma colcha</i> .
Origem: Do lat. <i>ēmēndāre</i> (CUNHA,2010, p. 240).
Obs:

86. Ingomado [ADJSing]
<i>INFORMANTE 3: aí ó! A gente vê que é assim bem / parece sê ingomada não é? PESQUISADORA: parece... INFORMANTE 3: pois é... PESQUISADORA: parece ingomada... parece que passô pelo...por... aqui... / né? INFORMANTE 3: parece... nem precisa da gente passá... (Ent. 3, linhas 609 a 613).</i> <i>INFORMANTE 3: aí ó! A gente vê que é assim bem / parece sê ingomada não é? PESQUISADORA: parece... INFORMANTE 3: pois é... PESQUISADORA: parece ingomada... parece que passô pelo...por... aqui... / né? INFORMANTE 3: parece... nem precisa da gente passá... PESQUISADORA: precisa passa não? INFORMANTE 3: não... não... porque ela já sai perfeita... aí aquele ali... naquela boneca ali ó! Vestido daquele... ele não é ingomado... perfeito... (Ent. 3, linhas 609 a 616).</i> <i>INFORMANTE 6: né? E aí elas completam com aquele pano duro que antigamente dava o nome de laquê... em / em... PESQUISADORA: em... engomado né? INFORMANTE 6: hen...hein.....ingomado... ingoma... que é pra... enfeitá... o... o... as festa de aniversário... de casamento... (Ent. 6, linhas 96 a 99).</i>

86. Ingomado [ADJSing]
Registro em dicionários:
1. Bluteau: ENGOMADO , part. paff. de engomar. § Que engoma de mais v. g. ,, <i>panno, chapeo , &c.</i>
2. Moraes: ENGOMÁDO , p. pass. de Engomar. §. Que tem goma demais: v.g. <i>panno, chapéo engomado.</i>
3. Freire: ENGOMADO , ou ENGOMMADO, adj. P. p. de <i>engomar</i> . Passado por goma e corrido a ferro quente.
4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. tard. <i>gumma</i> (CUNHA,2010, p.320).
Obs:

87. Inxirido [ADJSing]
<i>INFORMANTE 13: “ah eu sei como é que eu faço uma renda eu sei como é que eu vô fazê uma traça eu vô fazê qualquer coisa mas essas <u>inxiridas</u> antipáticas chegaro na minha casa ... (Ent. 13, linhas 21 e 22).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: ENXERIDO , adj. P. p. de <i>enxerir</i> . 2. Que se mete onde não é chamado; intrometido.
4. Aurélio: ENXERIDO , [Part. de <i>enxerir</i> .] 1. Que se intromete naquilo que não lhe diz respeito; intrometido.
Origem: Do lat. <i>inserĕre</i> ‘introduzir’. Modernamente a variante arcaica e popular <i>enxerir</i> adquiriu no Brasil o significado de ‘intrometer-se, tomar parte do que não lhe diz respeito’, assim como <i>enxerido</i> ‘intrometido, o que se mete onde não é chamado’ (CUNHA,2010, p. 360).
Obs:

88. Ispinho Nm [Ssing] ~ Ispin’ Nm [Ssing]
<i>INFORMANTE 1: você tem que ter uma almofada... cê tem que ter os <u>ispinho</u> de mandacaru...PESQUISADORA: só presta... só serve se for de mandacaru? INFORMANTE 1: eu nunca trabalhei com outro. Só trabalhei com esse... PESQUISADORA: certo.... e e... o que é? INFORMANTE 1: almofada... PESQUISADORA: almofada... INFORMANTE 1: almofada... <u>ispinho</u>... PESQUISADORA: <u>ispinho</u>... INFORMANTE 1: papelão e linha... PESQUISADORA: Que é papelão? INFORMANTE 1: É um papel desse aqui... eu vô fazê a renda... vô biliscá o papelão da renda sabe?bilisco nesse aqui... com esse aqui e os <u>ispinho</u> aqui eu acerto nessa almofada... aqui que ta... aqui a almofada aí eu vô faze... (Ent. 1, linhas 218 a 230).</i>
<i>INFORMANTE 2: Ah... Mudou muita coisa porque... lá a gente não comprava <u>ispinho</u>... (Ent. 2, linha 43).</i>
<i>PESQUISADORA: Só almofada... aí eu tenho aqui birro não é? Que é aquela bolinha... Aí o <u>ispinho</u>... (Ent. 2, linha 51).</i>
<i>INFORMANTE 3: a linha é... e os <u>ispinho</u>...PESQUISADORA: espinho... <u>ispinho</u> e esse aqui?</i>
<i>INFORMANTE 3: é...PESQUISADORA: e vamo vê assim o material... é feito do que? ... esse aqui... é</i>

88. Ispinho Nm [Ssing] ~ Ispin' Nm [Ssing]

feito do que? *INFORMANTE 3: esse aqui é palha de bananera... PESQUISADORA: então a roda / ...* (Ent. 3, linhas 340 a 345).

PESQUISADORA: aí vamo lá... aí o espinho é feito do que? INFORMANTE 3: a fruta do tucum... mandacaru.. (Ent. 3, linhas 365 e 366).

INFORMANTE 3: é... de conta assim os ispin' e... e... todas um tanto só... pra vê quem... quem termina primeiro... aí a gente fazia... (Ent. 3, linhas a 420 a 421).

INFORMANTE 3: são ásperos... mas aí vai amaciando... quanto mais velho... melho da gente trabalha... eu acho! PESQUISADORA: certo... então aqui eu tenho o biurro... eu tenho a linha... o espinho... INFORMANTE 3: o ispin de mandacaru... PESQUISADORA: ispinho de mandacaru...

PESQUISADORA: coloca os ispinho pra tecê... tudo ao redó do ispinho... INFORMANTE 3: é... aí é o ponto... que a gente coloca... mei trocado é esse... (Ent. 3, linhas 896 a 897).

INFORMANTE 4: bainha de vistido... que aqueles tempo não tinha máquina industrial pra fazê... ispin' de peixe ... PESQUISADORA: ponto de marca é o que? (Ent. 4, linhas 91 e 92).

INFORMANTE 4: ispin' de mandacaru... PESQUISADORA: ispinho de mandacaru... aí vamo pra outra parte que ainda to tentando entendê... os tipos de ponto é o... começa pelo... / (Ent. 4, linhas 214 a 216).

PESQUISADORA: Almofada... Esses compridinhos? INFORMANTE 5: ispin de mandacaru.

PESQUISADORA: ispinho de mandacaru... Aí o biurro? (Ent.5, linhas 98 a 100).

INFORMANTE 6: esse... é o ispinho... PESQUISADORA: esse é de mandacaru? INFORMANTE 6: de mandacaru... (Ent.6, linhas 433 a 435).

INFORMANTE 6: lá em Acaraú não tem mais... aí o que aconteceu? Esses ispin' aqui... a gente tem uns parente... de... no Cuaçu... que é... próximo a Acaraú... que é... o Cuaçu mesmo... PESQUISADORA: o Cuaçu mesmo é no Rio Grande do Norte... INFORMANTE 6: não... no Cuaçu que eles moram... é o município de Acaraú... PESQUISADOR: hum..hum... INFORMANTE 6: fica pertin'... aí os parente... sempre vai visitá os parene... e vê um pessoal que é do Rio Grande do Norte... que vende esses ispin'... toda... eu já comprei demais... (risos) agora eu... que não sabe mais não... e aí eles vão... traz os ispinho... lá pra esse lugarzinho que eu to lhe... PESQUISADOR: Cuaçu... INFORMANTE 6: chama Cuaçu... traz os ispinho... e aí a gente compra lá... meu marido compra vinte reais de ispin'... compra quarenta porque... tem a filha dele que trabalha... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: viu? E aí... ele traz pra mim... mais antes disso eu já comprava aqui... das moças que... vem de lá... passeá nas casas dos familiá... elas trazio e a gente comprava... eu agora vô buscá meus ispin' pra você olhá... PESQUISADORA: ah... eu quero vê... quero olhá... enquanto isso eu vô tirando foto aqui... (Ent.6, linhas 439 a 454).

INFORMANTE 6: mais dá a roda pra botá aqui... aí... e tira foto aí da roda com os ispinho... PESQUISADORA: é... INFORMANTE 6: né? Não é legal ou você qué de outro jeito? PESQUISADORA: não... é legal... (Ent. 6, linhas 463 a 466).

PESQUISADORA: pode sê assim... aí... por exemplo... eles vendem... é... vinte reais... aí dá tanto ispinho né? É por real... aí como que vende? Um desse aqui é quanto? INFORMANTE 6: eles tão vendendo... por quatro reais... o molho... (Ent. 6, linhas 476 a 478).

INFORMANTE 6:... ele vem do Rio Grande do Norte... pra cá pra nós ele chega... não chega a compra um molho desse de ispinho... por quatro reais... então... quem ganha... é quem revende... (Ent. 6, linhas 693 a 694).

PESQUISADORA: os espinho é comprado aqui? INFORMANTE 7: os ispinho é de lá... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 7: os ispinho é de lá... a almofada já é daqui ... (Ent. 7, linhas 299 a 301).

PESQUISADORA: Ah... ta certo. E como é que foi tu ficava... ela tomava conta de ti quando tava fazendo? INFORMANTE 8: é. Ela me ensinava eu tinha uma almofada... os birro que ela me dava... aí meu pai queimava os ispinho e eu ia aprendendo... PESQUISADORA: ele comprava os ispinho onde... aqui? INFORMANTE 8: é, nessas lojas aqui... (Ent. 8, linhas 38 a 42).

INFORMANTE 8: isso aqui eles chamam de biurro... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 8: os espinho... e o papelão... PESQUISADORA: o papelão né? INFORMANTE 8: e aqui a almofada... PESQUISADORA: a almofada... INFORMANTE 8: e a rudia... PESQUISADORA: a rudia fica embaixo? INFORMANTE 8: é... PESQUISADORA: ah ta. Esses ispinho foi que tu fez? INFORMANTE 8: tucum... (Ent. 8, linhas 134 a 143).

INFORMANTE 8: isso aqui eles chamam de biurro... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 8: os ispinho... e o papelão... (Ent. 8, linhas 133 a 136).

INFORMANTE 8: é. Ela me ensinava eu tinha uma almofada... os birro que ela me dava... aí meu pai queimava os ispinho e eu ia aprendendo... PESQUISADORA: ele comprava os ispinho onde... aqui? (Ent. 8, linhas 38 a 41).

88. Ispinho Nm [Ssing] ~ Ispin' Nm [Ssing]

PESQUISADORA: bananera né? o ispinho é de tucum... *INFORMANTE 9*: vem do Ciará esse aqui... (Ent. 8, linhas 82 e 83).

INFORMANTE 10: aí vem os ispin'...o vem o biurro e a linha... (Ent. 10, linha 231).

INFORMANTE 1: tem gente que bota em cima o ispinho eu não gosto porque quebra muito...

PESQUISADORA: quebra demais... ah então tu és uma inventora... tu inventa xuxo... *INFORMANTE 1*: não esse aqui não foi eu não... *PESQUISADORA*: ess'aí quem foi? *INFORMANTE 1*: eu já vi dela ... lá da minha sogra... *PESQUISADORA*: ah entendi... (Ent. 12, linhas 654 a 659).

INFORMANTE 12: o trocado que eu quero dizer é iss'aquí esse bichinho aqui... *PESQUISADORA*: ah entendi... ah tá... *INFORMANTE 12*: só porque ess'aquí tem diferença... esse furado é o ispinho... (Ent. 12, linhas 200 a 202).

PESQUISADORA: () mais delicado né? *INFORMANTE 12*: não ... a diferença é só porque aqui a gente tem que furá com o ispinho aqui não a gente passa o biuro direto... (Ent. 12, linhas 209 a 211).

PESQUISADORA: palha de bananêra e aqui dentro como é que eu chamo isso aqui? *INFORMANTE 12*: espinho... *PESQUISADORA*: e () qual é a madeira? *INFORMANTE 12*: não é feito ele é de um pé de planta... *PESQUISADORA*: ah ispinho ()... (Ent. 12, linhas 343 a 347)

PESQUISADORA: e esse ispinho ele serve pra que eu vou usar ele pra que? *INFORMANTE 12*: assim ó... esse () *PESQUISADORA*: pra furá esse papel não? *INFORMANTE 12*: pra furá ele não precisa () eu vou pegar minha bichinha pra segurá ele aqui... (Ent. 12, linhas 359 a 362).

INFORMANTE 1: trocado cheio... *PESQUISADORA*: hum...hum esse aqui? *INFORMANTE 1*: não esse aqui ó... aí vem esse aqui, esse aqui... *PESQUISADORA*: hum...hum, valha-me Deus!

INFORMANTE 1: aí pronto aí vc pega o ispinho pega o ispinho aí não não pode tirar daí... *PESQUISADORA*: hum...hum... *INFORMANTE 1*: aí vem bem nesse buraquinho aqui.. (Ent. 12, linhas 428 a 434).

PESQUISADORA: palha de bananeira... e aqui o molde né? *INFORMANTE 14*: é... e aqui é ispin'...

PESQUISADORA: esse ispinho é feito do que alguma madeira? *INFORMANTE 14*: não sei... sei que ele é ele é do Ciará né... *PESQUISADORA*: a senhora compra de lá? (Ent. 14, linhas 131 a 135).

PESQUISADORA: pronto aí eu furei o ispinho botei os dois par de birro... *INFORMANTE 14*: esse aqui tá cheio de nó perai que tá ruim... () (Ent. 14, linhas 141 e 142).

INFORMANTE 15: esse é de uma camiseta que eu to fazendo... depois os ispinho que vem de lá do Ciará... *PESQUISADORA*: você compra eles como é no cento? *INFORMANTE 15*: a mamãe que traiz pa mim. *PESQUISADORA*: mas vem como é no cento é no molho? *INFORMANTE 15*: no móio...

PESQUISADORA: no molho né... *INFORMANTE 15*: isso no móio de ispinho vem cem ispin' por três reais... *PESQUISADORA*: aí no molho vem cem ispinho... mas não dá pra nadinha né... cem ispinho a gente acha que é tanta coisa... *INFORMANTE 15*: pra gente assentá uá camiseta que é bem com quatro mói e aí não tem nem um... (Ent. 15, linhas 276 a 285).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **ESPINHO**, fi m. pua d'arvore, que nafce pelos troncos, e ramos.
2. Moraes: **ESPÍNHO**, s. m. Pua d'arvore, que nasce pelos troncos, e ramos.
3. Freire: **ESPINHO**, s. m. Lat. *spina*. Planta espinhosa.
4. Aurélio: **ESPINHO**¹, 1. Bot. Órgão duro e pungente que em geral existe nas plantas e se caracteriza por estar profundamente inserido. Provém de ramos ou de folhas reduzidas, e distingue-se do acúleo por ser este superficialmente ligado à planta, da qual se desprende com facilidade.

Origem: Do lat. *spīna* (CUNHA, 2010, p. 265).

Obs:

89. Istopa [Nf]

PESQUISADORA: e aqui um papelão... e esse tecido aqui? Como é que chama? *INFORMANTE 3*: istopa... ôtros chama... juta né? *PESQUISADORA*: ah... é... é istopa... (Ent. 3, linhas 676 a 769).

INFORMANTE 4: é palha de bananêra... é pano de... é ...istopa... *PESQUISADORA*: is... *INFORMANTE 4*: palha de bananêra dentro... (Ent. 4, linhas 190 a 192).

INFORMANTE 3: é... almofada a gente faz de pano... você pode fazê de pano de rede...

89. Istopa [Nf]

PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 3: é... esses pano de tecelagem... e pode fazê com aquele saco de istopa... PESQUISADORA: sei... e por dentro tem o que? INFORMANTE 3: e por dentro... a gente usa a palha da folha da bananêra... (Ent. 3, linhas 348 a 352).

INFORMANTE 12: ah é istopa... ué ela sabe mais do que eu viu... saco de istopa que chama... (Ent.12 , linhas 339).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **ESTOPA**, £ £ a parte mais groffa do linho, que fica no fedeiro, quando o afledão. § *Cafi da eftopa*, em Lisboa, cafa onde as mulheres meretrizes, ou criminolas vão em cftigo trabalhar, desfazendo amarras. &c.
2. Moraes: **ESTÔPA**, s. f. A parte mais grossa do linho, que fica no sedeiro, quando o assedão. §. Casa da Estopa, em Lisboa; casa onde as mulheres meretrizes, ou criminosos vão em castigo trabalhar, desfazendo amarras, &c.
3. Freire: **ESTÔPA**, s. f. Lat. *stuppa*. A parte mais grosseira do linho que fica no sedeiro, quando o assedam, e que se emprega no fabrico de cordas, cabos ordinários, tecidos grosseirosetc. || 2. A tela grosseira fabricada com essa parte mais grosseira do linho.
4. Aurélio: **ESTOPA**, (ô) [Do gr. *sty?ppe*, pelo lat. *stuppa*.] ||2. Sobras de fio não aproveitado na tecelagem. || 4. Tecido fabricado com os filamentos de estopa.

Origem: Do lat. *stŭppa* (CUNHA,2010, p. 271).

Obs:

90. Jangarelo [ADJSing]

INFORMANTE 13: é porque tem o piriquito que a gente pode chamá de piriquitim agora era priquitim... óia o priquitim ele tinha a pontinha assim arredondadinha e o priquitão ele tinha a ponta mais espaçosa... feia porque ele já era assim muito jangarelo ... num era aconchegante que nem o ôtro... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 13: viu o ôtro é que era bonitinho das pontinha assim bem bonitinha... PESQUISADORA: jangarelo é assim largado? INFORMANTE 13: jangarelo é... aí quando ... aí quando ela aprendeu mesmo aí ela cumeçô fazê otros tipo de renda ela diz ... “ô mãe eu num quero fazê renda de metro eu quero fazê é camiseta” aí ela passô pra camiseta aí quando ela cumeçô a fazê camiseta meu trabalho eu tinha que assentá porque ela não sabia assentá... (Ent. 13, linhas 281 a 289).

INFORMANTE 14: fecha o ponto todo é... os pessoal aqui usa mais é é ele é o trocado... que o mei trocado ela aqui é muito jangarela assim muito abertona aí num dá pra fazê é muito mole... PESQUISADORA: qual que é jangarela que tu tá falando? INFORMANTE 14: ela aí a renda... PESQUISADORA: ah a renda... jangarela é quando a renda é mole? INFORMANTE 14: não é quando é muito grande demais aí não dá pra coisa todo... PESQUISADORA: hum..hum.... ah quando por exemplo fazê um vestido um uma coisa que é muito muito grande... (Ent. 14, linhas 162 a 169).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: não encontrada.

Obs:

91. Juta [Nf]

PESQUISADORA: e aqui um papelão... e esse tecido aqui? Como é que chama? *INFORMANTE 3*: estopa... ôtros chama... juta né? *PESQUISADORA*: ah... é... é estopa... (Ent. 3, linhas 676 a 769).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: **JUTA**, s. f. Fr. *jute*. Planta das tiliáceas, de fibras têxteis (*Corchorus capsularis*). || 2. A fibra dessa planta.
4. Aurélio: **JUTA**, [Do ingl. *jute* < bengali *jhuto*.] 1. Bot. Erva tiliácea (*Corchorus capsularis*) sublenhosa, anual, originária da Índia, e cultivada intensamente na Amaz., para obtenção de suas valiosas fibras têxteis. Folhas serreadas e acuminadas; flores líteas, pequenas e cimosas; o fruto é uma cápsula com cinco valvas, chegando a 5m, o caule, macerado em água, libera as fibras. 2. Tec. Têx. O tecido feito com esta fibra.

Origem: Do ing. *jute*, derivado do bengali *jhuto* e, este, do sânscr. *jũta*, var. de *jatã*, ‘fita de cabelo’ (CUNHA,2010, p. 376).

Obs:

92. Larguecê [V]

INFORMANTE 3: assim mais larguinha sabe? aí vai larguecendo... eu como gostava de dinheiro sabe? Toda a vida eu gostava de ter o meu dinheiro... e a mamãe butou a rendinha... quando eu aprendi logo... ela butô uma rendinha assim... dessa largura logo... (Ent. 3, linhas 184 a 186).

INFORMANTE 3: eu fiz... daí eu fui larguecendo... fui larguecendo... aí eu *PESQUISADORA*: de repente... () *INFORMANTE 3*: eu só gosto de coisa larga... aí de repente eu comecei a fazê vestido... fazê blusa... e camiseta... eu faço tudo de renda... (Ent. 3, linhas 191 a 194).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: Do lat. *largus* (CUNHA,2010, p. 382).

Obs:

93. Levantado [ADJSing]

INFORMANTE 13: é porque essa daqui ela não é cortada ...tem umas que é cortada aqui... (passa uma pessoa) tem umas que é cortada depois a gente continua imendano ... daqui agora essa não é cortada é levantada o nome é levantada... *PESQUISADORA*: qual a diferença? *INFORMANTE 13*: a diferença é que não vai cortá daqui pra podê imendá ela já ...eu já imen... eu já assentei ela aqui tá aqui até o resto e eu assentei ela óia ta vendo que eu assentei ela direto aqui tchan tchan tchan ...pegando aqui? *PESQUISADORA*: tô... *INFORMANTE 13*: pois é... não tem imenda aqui? *PESQUISADORA*: hum...hum... não tem... *INFORMANTE 13*: não tem imenda porque ela é levantada só vai tê essa imenda aqui quando chegá bem aqui imbaxo ... óia que eu termina ela bem aqui... aí aqui eu venho imendá onde faço só uã imenda em vez de duas que fica mais feia... assim mais

93. Levantado [ADJSing]
<i>grosso eu só faço uma... PESQUISADORA: entendi... (Ent. 13, linhas 573 a 586).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: LEVANTADO , part. paff. de levantar. § Alto§ Colocado em alto v. g. ,, <i>levantado do chão</i> , o que nao eftá affentado nelle.
2. Morais: LEVANTÁDA , s. f. O acto de levantar-se. à deitada, e á levantada do leito.
3. Freire: LEVANTADA , s. f. 2. Ato de levantar
4. Aurélio: LEVANTADA , [De <i>levantar</i> + <i>-ada</i> ¹ .] 1. Ato de levantar(-se); levantar.a
Origem: Do lat. * <i>levantāre</i> (de <i>lěvāre</i> ‘erguer’) (CUNHA,2010, p. 387).
Obs:

94. Limão verde NCm [Ssing + ADJSing]
<i>INFORMANTE 13: era uma siriguela até os limão ...a gente cortava ele miudinho e cumia o <u>limão verde</u>... PESQUISADORA: ui... INFORMANTE 13: passava assim um pôquinho de sal com pimenta do reino... eu gosto de coisa verde... PESQUISADORA: arde.... INFORMANTE 13: coisa verde ardoso sempre foi cumigo... a gente pegava a farinha... quando tava torrando a farinha ela ela fica assim mole que tem a farinha mole a farinha mole ela não ela já tá no ponto de cumê que num imbebeda niguém porque quando ela tá inda massa se cume assim fica bêbado... (Ent. 13, linhas 48 a 54).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio:
Origem: Do lat. med. Limon ~onis, deriv. Do ár. līmūm, forma divergente de līmā (CUNHA, 2010, p. 389).
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples limão. Não registram esta forma composta.

95. Linha Nf [Ssing]
<i>PESQUISADORA: Ah... e sabe que que eu queria saber também? É... qual o materal que vocês usam pra fazê //INFORMANTE 1: <u>Linha!</u> PESQUISADORA: <u>linha</u>... INFORMANTE 1: só... PESQUISADORA: han...han... / INFORMANTE 1: renda se faz só com <u>linha</u> se () o nome... tem muito nome / (Ent. 1, linhas 206 a 211).</i>
<i>INFORMANTE 2: Ah... Mudou muita coisa porque... lá a gente não comprava ispinho... a gente quem ia pega... a <u>linha</u> era otro tipo... que aqui a <u>linha</u> é Cléo... a gente tem ali na latinha de todas as core... que aqui nós não trabalha com as <u>linha</u>... que deixaram de vendê as <u>linha</u> Estelino ...a gente trabaia só com <u>linha</u> Clé... Aí butaram otros tipos de <u>linha</u> que faz ... tem umas <u>linha</u> que faz umas... renda grossera umas renda feia ... E é assim... (Ent. 2, linhas 43 a 47).</i>
<i>INFORMANTE 3: todo picadinho com esses furinho formando o desenho da renda...PESQUISADORA: sei... certo... aí eu vou usar o que também? A <u>linha</u>... INFORMANTE 3: a <u>linha</u> é... e os ispinho... PESQUISADORA: espinho... ispinho e esse aqui? (Ent. 3, linhas 338 a 341).</i>
<i>PESQUISADORA: aí aqui eu tenho o que? Que tipo de <u>linha</u> é esse ? INFORMANTE 3: essa daqui eu to fazendo com a a Mônica.... PESQUISADORA: hum... a Mônica... e quais são as <u>linhas</u> que vocês mais gostam de usar? INFORMANTE 3: é de... a gente trabalha com a Mônica... com a Clé... e com a clara... essas treis qualidade de <u>linha</u>... é... a corrente também... PESQUISADORA: corrente... mas</i>

95. Linha Nf [Ssing]

tem um tipo assim... mas é qualqué linha... não? INFORMANTE 3: não... PESQUISADORA: número... INFORMANTE 3: não... porque essa aqui... essa aqui o número dela eu não sei... não sei qual que é o número dessa linha não... a gente chama linha grossa... (Ent. 3, linhas 381 a 390).

INFORMANTE 3: aí coloca esse tecido aqui pra não saí a linha... PESQUISADORA: hun...hum... INFORMANTE 3: aí essas linha aqui... são linha Cler... do novelo de linha Cler... (Ent. 3, linhas 829 a 831).

INFORMANTE 3: ainda tem a linha... que o croché é barbante... PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: se eu fizé croché é no barbante... um novelo de barbante eu faço dois chapéu...

PESQUISADORA: é verdade... INFORMANTE 3: e ele... esse aqui é nove reais... o novelo... essa linha... que é linhas Cler (Ent. 3, linhas 987 a 992).

PESQUISADORA: nem o nome não muda... INFORMANTE 4: muda não.. PESQUISADORA: não né? E os tipos de linha que a gente usa? / INFORMANTE 4: () todo tipo de linha... (Ent.4, linha 242 a 246).

INFORMANTE 6: é... no caso... as renderas de Raposa... elas vão compra no Ceará porque as daqui não tão dando conta... e lá elas compram mais barato... as bichinha faz tão baratin... não sei quem é que dá linha pra elas porque eu compro linha... não dá pra vende... mais barato do que o que eu faço... e... e elas estão enricando... tem gente que começou a compra renda... com... com uma valise assim ó! Desse tamanho... hoje leva três... quatro mala... cheia de renda... (Ent. 6, linhas 140 a 144).

INFORMANTE 6: ninguém me dá ispin... não me dá linha... e eu... como / “mais no Ceará nós compra de tanto”... “pois vá comprá no Ceará”... porque aqui na cidade de Raposa eu acho que não encontra... minha renda não encontra... (Ent. 6, linhas 163 a 165).

INFORMANTE 6: aí compra a linha... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: entendeu? Inclusive ta aqui... a minha riqueza aqui olhe! PESQUISADORA: hum... quais são as linhas que vocês mais gosta? É a Cler... não é? INFORMANTE 6: é Cleia... a linha mais preferida é Cleia... mais a gente também às vezes quando não tem compra... compra Clara... (Ent. 6, linhas 295 a 300).

INFORMANTE 6: eu pego só essa linha verde e encho trinta e cinco pares de biurro pra fazê... (Ent. 6, linha 306).

INFORMANTE 6: agora tem uma linha crua que nós fizemos muita sapatilha... (Ent. 6, linha 327).

INFORMANTE 6: eu boto dois desse daqui e aí eu vou... indo... se dois não der a gente bota três... eu boto do vermelho... boto do preto... e aí eu vou só botando os pauzin... três em três... ou dois em dois... e assim faz é... faz essa... selecionada... faz essa seleção... (risos) PESQUISADORA: ah... INFORMANTE 6: de linha... (Ent. 6, linhas 338 a 342).

PESQUISADORA: e essa... essa linha bem fininha aqui... como é que eu chamo?...

INFORMANTE 6: não... todas são de uma só... pano... tudo é pano... pano... você qué dizê essa linha aqui? PESQUISADORA: essa linha... essa linha... qual é? INFORMANTE 6: não... não... isso aqui ó... é o acabamento da rosa de traça... (Ent. 6, linhas 524 a 527).

INFORMANTE 6: (...) elas não sabe mistura linha”... porque eu sei... a minha nora sabe... J., sabe... porque nós trabalha com essas duas cor de linha aqui... o preto e o branco... PESQUISADORA: fica lindo... o preto e o branco... (Ent. 6, linhas 734 a 736).

INFORMANTE 7: Cléa a linha Cléa é cara... ela é mais cara. ai tem uma... se eu não me engano é mais cara... ... (Ent. 7, linha 42).

INFORMANTE 9: passou no jornal... veio de Lisboa só que a renda de lá é mais bem feita do que essa... é renda... linha fica muito mais bem feita que essa... a gente não faz porque é muito delicada... (Ent.9, linhas 40 e 41).

INFORMANTE 10: era e trazia bandeja de linha fina... o povo caía em cima porque só era eu que trazia... PESQUISADORA: ah... não tinha aqui... INFORMANTE 10: era aí caiu em cima da renda fina aí eu vindi muito aí... PESQUISADORA: essa renda fina como é que era? INFORMANTE 10: não conhece a linha fina não? PESQUISADORA: não... (Ent. 10, linhas 48 a 53).

INFORMANTE 10: um trabalho desse aí ele é muito lindo... um desse aqui também ó paninho de lavabo com a linha fina... PESQUISADORA: ah... que gracinha... muito delicado... (Ent. 10, linhas 78 a 80).

PESQUISADORA: hum.. hum... então nessa época dona L. a renda fina era a senhora que trazia? INFORMANTE 10: era eu que trazia a linha fina... PESQUISADORA: aí o povo ficava... INFORMANTE 10: aí ficava todo mundo... aí eu fazia a encomenda e eu chegava... trabalhava em cima daquilo ali... PESQUISADORA: legal... INFORMANTE 10: e lá era muita gente que trabalhava com linha fina... hoje... acabô é pôca gente que trabalha... eu levava pra Cearte lá no... em Fortaleza... (Ent. 10, linhas 95 a 102).

INFORMANTE 10: as vez é sessenta pá eu já trabalhei até cum renda que é oitenta pá de birro... é birro dimais... aí aquela linha fina mistura muito aí a vista num dá... PESQUISADORA: embaralha...

95. Linha Nf [Ssing]

INFORMANTE 10: embaralha... uã fininha dessa aqui inda dá pra mim fazê uã dessa mas uã larga num dá... aí eu já trabalho com linha grossa porque... fica melhó pra mim... (Ent. 10, linhas 216 a 221).

INFORMANTE 10: aí vem os ispin'...o vem o biurro e a linha... (Ent. 10, linha 231).

INFORMANTE 13: "a imendá você vai imendá" aí ela feiz a gente custura ela todinha... todinha do jêtinho que a linha fique por dentro da traça pra não ficá aparicendo porque fica feio... (Ent. 13, linhas 339 e 340).

PESQUISADORA: ah é uma tizôra especial pra mas ela é pra que pra cortar ispinho? INFORMANTE 15: linha... PESQUISADORA: ah é pra cortar linha... é como se fosse uma tesoura especial pra renda que vem de Acaraú né... INFORMANTE 15: é... (Ent. 15, linhas 294 a 297).

PESQUISADORA: ah e com a mesma linha não a linha do filé é diferente? INFORMANTE 15: a linha de filé já é diferente da linha da renda... (Ent. 15, linhas 304 e 305).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **LINHA**, £ £ as fibras de linho torcidas ao fufo , ou roda , para cofer , &c. § *Linha Geometr.* huma ferie de pontos unidos longitudinalmente , fem refpeito á groffura, ou grandeza, deles; a *linha retta* , he a que fe não inclina a hum nem a outro lado , a *curva* , áquella que torce a direcção primeira e vai arqueando-fe; *pendicular* a que cahe a plumo fobre outra linha.
2. Morais: **LÍNHA**, s. f. As fibras de linho torcidas ao fuso, ou roda, para coser, &c.
3. Freire: **LINHA**, s. f. Lat. *linea*. Fio de linho de consistência e grossura variável, que serve para os trabalhos de costura. || 2. Qualquer fio de algodão, de sêdaetc., torcido e preparado para costurar.
4. Aurélio: **LINHA**, [Do lat. *linea*, 'fio', 'corda'; 'limite'.] 1. Fio de fibras de linho torcidas usado para coser, bordar, fazê renda etc. || 2. Qualquer fio de algodão, seda, fibra sintéticaetc., usado para os mesmos fins.

Origem: Do lat. *līnĕa*, de *līnĕus*, e este, de *līnum* 'linho' (CUNHA,2010, p. 390).

Obs:

96. Linhagem [Nf]

INFORMANTE 10: vende... mas se for com renda vende... mas se for só a saída de praia como nós temo ali com a renda industrial já num vende... e aqui a gente vende nesse vestido aí tingido aí lá num vende... a linhagem ela disse que também é ruim de vender lá... e aqui tudo a gente vende... (Ent. 10, linhas 317 a 319)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: **LINHAGEM**, s. f. De *linha*.
4. Aurélio: n/e

Origem: Do lat. *līnĕa*, de *līnĕus*, e este, de *līnum* 'linho' (CUNHA,2010, p. 390).

Obs:

97. Lobisome Nm [Ssing] ~ Lubisome Nm [Ssing]

97. Lobisome Nm [Ssing] ~ Lubisome Nm [Ssing]

PESQUISADORA: mas qual ôtro que tem o pai do mangue? NETO DA INFORMANTE: mãe d'água...INFORMANTE 11: dizem que tem um homi também aí que vira bicho né M. ôtro dia tava essa lenda aí dali do povo de () NETO DA INFORMANTE: que o homi vira lobisomi... INFORMANTE 11: é M. tu não soube não? Que teve gente que olhô ele... PESQUISADORA: qual é o nome que deram pra ele? INFORMANTE 11: tu não sabe que ele vira lobisomi... (Ent. 11, linhas 240 a 247).

INFORMANTE 13: ... o povo minina... passô cum os pé de fora que o caxão era piqueno e lobisome... me lembrei mesmo foi de lobisome ... “meu deus tem lubisome meu jesuis”.. eu entrê pa den'ti casa... fiquê toda arrepiada.... (Ent. 13, linhas 418 a 420).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **LOBISHOMEM** v. lupishomem.
2. Moraes: **LOSBIHÓMEM**. V. Lupishomem.
3. Freire: **LOBISHOMEM**, s. m. Homem que, segundo a credice popular, se transforma em lobo ou em outro animal.
4. Aurélio: **LOBISOMEM**, [Alter. do lat. *lupus homo*, ‘homem lobo’.] 1. Folcl. Homem que, segundo a credice vulgar, se transforma em lobo e vagueia nas noites de sexta-feira pelas estradas, assustando as pessoas, até encontrar quem, ferindo-o, o desencante.

Origem: De um lat. **lupis hominem* ‘homem-lobo’. (CUNHA, 2010, p. 382).

Obs:

99. Macacão [Nm]

INFORMANTE 11: sei que ele contou também do macaco... do macacão que comia as pessoa... PESQUISADORA: mas eles viram já não? INFORMANTE 11: ele diz que esses homi tavo já no era três aí tava assim o macacão era também uma casinha assim sabe... (Ent. 11, linhas 302 a 305).

Registro em dicionários:

5. Bluteau: n/e
6. Moraes: n/e
7. Freire: n/e
8. Aurélio: n/e

Origem: De origem africana, mas de étimo indeterminado (CUNHA, 2010, p. 398).

Obs: A lexia encontra-se dicionarizada, mas com acepção diferente.

98. Maçã de caju NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]

INFORMANTE 13: eu sempre eu fui assim... eu... eu ... eu num tenho estudo não tive estudo num tive nada fui criada no interiô comendo maçã de caju... correndo atrás de uã siriguela duã manga verde ...duã coisa... PESQUISADORA: maçã de caju é o caju não né? INFORMANTE 13: é é é ...mas quando ele tá verde é a maçã qué dizê... PESQUISADORA: olha eu nunca comi como é que é? INFORMANTE 13: é verde é quando ele tá verdinho “menina esse caju tá só o maturi” “a... mas tem maçã e a gente comeu” olha tua boca porque quando ainda tá um pôco verdoso ele tem um leitinho que pega assim no centro da boca da gente viu.. (Ent.13, linhas 22 a 33).

98. Maçã de caju NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]
Registro em dicionários:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. <i>matiãna</i> (CUNHA,2010, p. 398).
Obs:

100. Mandacaru [Nm]
<p><i>INFORMANTE 1: você tem que ter uma almofada... cê tem que ter os ispinho de <u>mandacaru</u>... PESQUISADORA: só presta... só serve se for de <u>mandacaru</u>? (Ent. 1, linhas 218 e 219).</i></p> <p><i>PESQUISADORA: aí vamo lá... aí o ispinho é feito do que? INFORMANTE 3: a fruta do tucum... <u>mandacaru</u>... PESQUISADORA: mandacaru... vocês mandam buscar lá ou tem... INFORMANTE 3: é... tira no mato... (Ent. 3, linhas 365 a 368).</i></p> <p><i>PESQUISADORA: certo... então aqui eu tenho o biuro... eu tenho a linha... o ispinho... INFORMANTE 3: o ispin' de <u>mandacaru</u>... PESQUISADORA: ispinho de <u>mandacaru</u>... (Ent. 3, linhas 858 a 860).</i></p> <p><i>PESQUISADORA: esse daqui? INFORMANTE 4: ispin' de <u>mandacaru</u>... PESQUISADORA: ispinho de <u>mandacaru</u>... aí vamo pra outra parte que ainda to tentando entendê... os tipos de ponto é o... começa pelo... / (Ent. 4, linhas 213 a 216).</i></p> <p><i>PESQUISADORA: Almofada... esses compridinhos? INFORMANTE 5: ispin de <u>mandacaru</u>... PESQUISADORA: ispinho de <u>mandacaru</u>... Aí o biuro? INFORMANTE 5: É... Esse biuro é tucum... (Ent. 5, linhas 98 a 101).</i></p>
Registro em dicionários:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: MANDACARÚ, s. m Planta da família das cactáceas (<i>Cereus peruvianus</i>, Mill) 4. Aurélio: MANDACARU, [Do tupi.] 1. Bras. N.E. Bot. Grande cacto (<i>Cereus jamacaru</i>) de porte arbóreo, tronco grosso e ramificado, que pode fornecer madeira na base, flores enormes, alvas, que se abrem à noite, e cujos ramos têm de quatro a cinco ângulos, sendo o fruto uma baga espinhosa. É planta das mais características da caatinga nordestina, e serve de alimento ao gado na seca. [Var.: <i>jamacaru</i>, <i>jamacararu</i>.]
Origem: Do tupi <i>iamaṅaka'ru</i> (ṅamaṅaka'ru) (CUNHA,2010, p. 405).
Obs:

101. Manga verde NCf [Ssing + ADJsing]
<p><i>INFORMANTE 13: eu sempre eu fui assim... eu... eu ... eu num tenho estudo não tive estudo num tive nada fui criada no interiô comendo maçã de caju... correndo atrás de uã siriguela duã <u>manga verde</u> ...duã coisa... (Ent. 13, linhas 26 e 27).</i></p>
Registro em dicionários:

101. Manga verde NCf [Ssing + ADJsing]
1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: Do malaiala mangã, deriv. Do tamul mǎnkāy, de mǎn ‘mangueira’ + kǎy ‘fruto’ (CUNHA, 2010, p. 407).
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples manga. Não registram esta forma composta.

102. Maturi Nm [Ssing]
<i>INFORMANTE 13: eu sempre eu fui assim... eu... eu ... eu num tenho estudo não tive estudo num tive nada fui criada no interiô comendo maçã de caju... correndo atrás de uã siriguela duã manga verde ...duã coisa... PESQUISADORA: maçã de caju é o caju não né? INFORMANTE 13: é é é ...mas quando ele tá verde é a maçã qué dizê... PESQUISADORA: olha eu nunca comi como é que é? INFORMANTE 13: é verde é quando ele tá verdinho “menina esse caju tá só o <u>maturi</u>” “a... mas tem maçã e a gente comeu” olha tua boca porque quando ainda tá um pôco verdoso ele tem um leitinho que pega assim no centro da boca da gente viu.. (Ent.13, linhas 22 a 33).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: MATURI [Do tupi.] 1. Bras. N.E. Caju novo, ou, propriamente, a castanha verde, grande e mole do caju antes do desenvolvimento do pedúnculo.
Origem: Do tupi *matu’ri (CUNHA,2010, p. 416).
Obs:

103. Meio pano NCm [ADV+ Ssing] ~ Mei’ pano NCm [ADV+ Ssing]
<i>INFORMANTE 2: o ponto é qué diferente... tem a traça... diferente... <u>mei’ pano</u>... mei trocado... má tudo é uma coisa só que a renda é só o ponto mais comum... O croché... O croché que faz... (Ent. 2, linhas 61 e 62).</i> <i>PESQUISADORA: Meio trocado seria a metade? O / INFORMANTE 5: O mei’ trocado é pra fazê o pano... este pano.. PESQUISADORA: Certo... Então os pontos que tem é a traça... tro / INFORMANTE 5: Trocado... Mei’ trocado e <u>mei’ pano</u>.. PESQUISADORA: e pano... (Ent. 5, linhas131 a 135).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. <i>mēdius</i> (CUNHA,2010, p. 417).
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples meio. Não registram esta

forma composta.

104. Meio trocado NCm [ADV+ Ssing] ~ Mei trocado NCm [ADV+ Ssing]

PESQUISADORA: trocado... *INFORMANTE 1*: é o trocado e mei trocado... só tem esses dois... *PESQUISADORA*: qual é a diferença o trocado com o meio trocado? *INFORMANTE 1*: o trocado é inteiro... (Ent. 1, linhas 263 a 266).

PESQUISADORA: que é o trocado e o meio trocado... são os movimentos... *INFORMANTE 1*: isto / é os movimentos são esses. E tem a traça... (Ent. 1, linhas 271 e 273).

PESQUISADORA: ...Mais isso que você chama de meio trocado é o que? *INFORMANTE 2*: É o ponto da renda... *PESQUISADORA*: Aí quantos são os pontos que existe? Meio trocado... *INFORMANTE 2*: / e o trocado completo... (Ent. 2, linhas 67 a 70).

INFORMANTE 3: to... terminando... aqui... primeiro que a gente aprende é o trocado... e o mei trocado... *PESQUISADORA*: ta... *INFORMANTE 3*: ta aqui ó! Mei' trocado é só assim ó! Mei' trocado... e volta aqui... *PESQUISADORA*: hun... hum... *INFORMANTE 3*: aí aqui ó... aí volta aqui... aí eu fecho com o trocado inteiro... ta aqui com mei' trocado... aí (Ent.3, linhas 205 a 209)

INFORMANTE 3: to... terminando... aqui... primeiro que a gente aprende é o trocado... e o mei' trocado... *PESQUISADORA*: ta... *INFORMANTE 3*: ta aqui ó! Mei' trocado é só assim ó! Mei' trocado... e volta aqui... *PESQUISADORA*: hun... hum... *INFORMANTE 3*: aí aqui ó... aí volta aqui... aí eu fecho com o trocado inteiro... ta aqui com mei' trocado... aí (Ent. 3, linhas 220 a 224).

PESQUISADORA: ta... aí no caso... vamo pra cá... aí isso aqui eu chamo do que? Esse... *INFORMANTE 3*: aqui é um pano... um pano de mei' trocado que a gente chama... (Ent. 3, linhas 236 e 237).

PESQUISADORA: e esse aqui... esse grosso eu chamo como? Da linha grossa... *INFORMANTE 3*: esse aqui? Aqui... aqui também é um pano de mei' trocado... esse aqui é um pingo d'água... um pingo d'água... esse () aqui ó! *PESQUISADORA*: ah... o pingo d'água ele é feito do que? *INFORMANTE 3*: é... também... *PESQUISADORA*: de meio trocado? ... *INFORMANTE 3*: é... não... o pingo d'água é trocado inteiro... aí ele forma um paninho de trocado inteiro... é diferente é... *PESQUISADORA*: é... *INFORMANTE 3*: olha o jeito do trocado inteiro e olha o jeito do mei' trocado... (Ent. 3, linhas 258 a 267).

INFORMANTE 3: não! Esse é mei' trocado... *PESQUISADORA*: ah... *INFORMANTE 3*: o pano é de mei' trocado e o pingo d'água que a gente chama... é o trocado inteiro... *PESQUISADORA*: ah... ta... então peraí... deixa eu tira aqui... o pano de meio trocado... *INFORMANTE 3*: esse comprido... (Ent. 3, linhas 277 a 281).

INFORMANTE 3: aí vo te fala... mei' trocado... dizê... que é esse aqui ó... que chama pano... o desenho é um pano... mas ele... se faz o pano... com mei' trocado... com... mei' trocado... aí tem o trocado cheio... aí o mei' trocado... que se faz o pano... aí ó! Aí tudo tem que apoiá pra colocá os ispinho... *PESQUISADORA*: coloca os ispinho pra tecê... tudo ao redó do ispinho... *INFORMANTE 3*: é... aí é o ponto... que a gente coloca... mei' trocado é esse... (Ent. 3, linhas 893 a 897)

dessas entrevistas depois eu vou fazê tipo um dicionário com TODOS os termos que se relaciona a renda... o que é um trocado... o que é um meio trocado... o que é um inteiro o que é uma traça... traça né? (Ent. 4, linhas 23 a 26).

INFORMANTE 4: meio trocado / tem o trocado intero e tem o meio trocado... *PESQUISADORA*: trocado intero e meio trocado... *INFORMANTE 4*: é... *PESQUISADORA*: por exemplo, quando eu faço um completo é o / *INFORMANTE 4*: trocado... *PESQUISADORA*: intero... *INFORMANTE 4*: é... *PESQUISADORA*: e meio trocado... é como se fosse a metade? *INFORMANTE 4*: incompleto... é... (Ent. 4, linhas 228 a 236).

INFORMANTE 5: agora aqui eu to fazendo trocado... *PESQUISADORA*: Senhora é rápida não é? E quais são os outros tipos de ponto além do trocado? *INFORMANTE 5*: É trocado... Aqui trocado de novo... E traça... Aí tem o mei' trocado... qui é o trocado inteiro e depois tem o... Eu faço... Eu quero fazê só o meio... Olha só o mei' trocado... *PESQUISADORA*: Meio trocado seria a metade? O / *INFORMANTE 5*: O mei' trocado é pra fazê o pano... este pano.. *PESQUISADORA*: Certo... Então os pontos que tem é a traça... tro / *INFORMANTE 5*: Trocado... Mei' trocado e mei' pano... *PESQUISADORA*: e pano... (Ent. 5, linhas 127 a 135).

INFORMANTE 7: deixa eu vê mais... o pano cheio... meio trocado... embuchado... só... (Ent.7, linha 38).

INFORMANTE 7: tem a traça... o pano mei trocado e o pano cheio... (Ent. 7, linha 44).

104. Meio trocado NCm [ADV+ Ssing] ~ Mei trocado NCm [ADV+ Ssing]

INFORMANTE 7: aqui ó... esse aqui é meio trocado... é um pano de mei trocado. Esse aqui é um pano de trocado intero que fica muito cheio mais fechado e mais aberto... (Ent.7, linhas 102 e 103).

INFORMANTE 7: trocado cheio... PESQUISADORA: e o meio trocado tem outro nome?

INFORMANTE 7: meio trocado... não... PESQUISADORA: é só meio trocado... INFORMANTE 7: eu conheço só meio trocado... PESQUISADORA: ele é mais aberto... INFORMANTE 7: humhum... mais aberto elas faiz o meio trocado é mais em renda... de uma cô mais delicado agora no colorido elas faiz mais o pano cheio... (Ent.7, linhas 107 a 114).

INFORMANTE 10: aqui tem a esses buraquinho... a gente chama de buraquinho mesmo né? e aqui é rosa de traça... e aqui é pano... pano de mei' trocado aqui... PESQUISADORA: pano de meio trocado... INFORMANTE 10: é rosa de traça... pano de mei trocado... PESQUISADORA: qual a diferença desse pano de meio trocado e de trocado intero... por exemplo? INFORMANTE 10: o mei' trocado... porque esses buraquinho... aqui é feito com trocado intero... (Ent.10, linhas 266 a 271).

INFORMANTE 10: a máquina no ponto bem... no zigue-zague bem miudinho... (Ent.10, linha 288).

INFORMANTE 11: É como começá pra fazê uma brusa no caso. Aí ela começô a me ensiná os primeiros passos que é o trocado. Aí tem o trocado o meio trocado e o trocado inteiro... PESQUISADORA: Certo... INFORMANTE 11: Aí esse eu aprendi com facilidade eu digo eu quero aprendê o pano! Aí ela foi me ensiná a fazê o pano ai tem o pano também que você faz com o meio trocado... (Ent. 11, linhas 75 a 79).

PESQUISADORA: ah quando eu entranço é o meio trocado? INFORMANTE 11: É que são são quatro bichinho desses forma dois pá... PESQUISADORA: Ah... INFORMANTE 11: Aí se eu for fazê o trocado intero eu tenho que trocá eles dois juntos os dois pá... PESQUISADORA: E o meio trocado? (Ent. 11, linhas 89 a 93).

INFORMANTE 11: Aí se eu for fazê o trocado intero eu tenho que trocá eles dois juntos os dois pá... PESQUISADORA: E o meio trocado? INFORMANTE 11: E se for o meio é só só um prum lado...eu não faço entrançá um ao ôtro... PESQUISADORA: Então o meio trocado eu jogo... (Ent. 11, linhas 92 a 95).

INFORMANTE 1: a diferença tá aqui ... aqui é o trocado ó o trocado cheio... esse aqui é o mei' trocado só é assim... PESQUISADORA: ... também ela não tá muito rápida não... () que vê faiz só pra mim aí o trocado... INFORMANTE 1: vou fazer bem devagarinho... aqui ó... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 1: esse aqui é o trocado cheio... esse daqui é o mei' trocado só é o pontinho assim ó... PESQUISADORA: ah tá... INFORMANTE 1: esse aqui é o mei' trocado... PESQUISADORA: é como se o meio trocado fosse não terminasse assim tudo né...

INFORMANTE 1: é que tem gente que só trabalha assim com mei' trocado... (Ent. 12, linhas 444 a 454).

INFORMANTE 1: esse aqui é o trocado cheio... esse daqui é o mei' trocado só é o pontinho assim ó...

PESQUISADORA: ah tá... INFORMANTE 1: esse aqui é o mei' trocado... PESQUISADORA: é como se o meio trocado fosse não terminasse assim tudo né... INFORMANTE 1: é que tem gente que só trabalha assim com mei' trocado... PESQUISADORA: entendi... INFORMANTE 1: agora eu só trabalho com trocado cheio porque no trocado cheio fica a renda mais durinha... PESQUISADORA: ah tá... INFORMANTE 1: e com o trocado o meio trocado fica assim a renda mole... (Ent. 12, linhas 450 e 458).

INFORMANTE 13: é assim esse aqui é o mei' trocado... PESQUISADORA: e eu posso chamar de pano também não? INFORMANTE 13: não iss'aqui não é pano ele é mei' trocado... INFORMANTE 14: esse aqui é embuchado... esse daqui é traça ...isso daqui é pano ... isso daqui é mei é trocado... trocado intero agora meio trocado... eu não tenho porque é ela é muito grandona aí num presta só presta mei só presta trocado intero... mei trocado só é só metê a bichinha aqui e pronto... e num fechá duas vez não fecha só uã vez o mei' trocado... (Ent. 14, linhas 101 a 104).

PESQUISADORA: meio trocado é como se você não terminasse o ponto todo... INFORMANTE 14: humhum... PESQUISADORA: e ficasse meio ponto... e o trocado intero você fecha a pontinha... (Ent. 14, linhas 159 a 161).

PESQUISADORA: é gordinho por isso que o nome é embuchado né porque parece um buchinho gordinho... e a diferença do que é trocado pro que é o meio trocado? INFORMANTE 15: porque trocado que ele vai assim ó trocado todo ó... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 15: e mei' trocado a gente só bota um por cima do ôtro pronto... PESQUISADORA: ah tá... INFORMANTE 15: os mei' trocado... PESQUISADORA: o meio eu troco como se fosse eu troco meio... INFORMANTE 15: isso... (Ent. 15, linhas 332 a 340).

Registro em dicionários:

104. Meio trocado NCm [ADV+ Ssing] ~ Mei trocado NCm [ADV+ Ssing]
1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. <i>mēdius</i> (CUNHA, 2010, p. 417).
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples meio. Não registram esta forma composta.

105. Merendá [V]
<i>INFORMANTE 15: INFORMANTE 15: quem terminava primeiro pagava ou pagava era coisa de suco... pão essas coisa assim... PESQUISADORA: merenda? INFORMANTE 15: pra merendá.. coisa pra <u>merendá</u>... aí pronto... tinha umas lerdinha... minha irmã uãs lerdinha... (Ent. 15, linhas 93 a 96)</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: MERENDAR , v. at. comer alguma coifa por merenda y. g. ,, <i>merendámos fruta.</i>
2. Morais: MERENDÁR , v. at. Comer alguma coisa por merenda: v. g. <i>merendámos fruta.</i>
3. Freire: MERENDAR , v. r. v. Lat. <i>merendare</i> . Comer à hora da merenda (<i>tr. dir.</i>): “Vamos ao Reimão <i>merendar</i> uns <i>linguados</i> com a respectiva salada” (Camilo).
4. Aurélio: MERENDAR , [De <i>merenda</i> + <i>-ar</i> ² .] 1. Comer à hora da merenda: “Se era hora de recreio, <u>merendava</u> seu pão doce com doce.” (Lustosa da Costa, <i>Sobral do Meu Tempo</i> , P.45.) 2. Comer a merenda.
Origem: Do lat. <i>merenda</i> , de <i>merēre</i> ‘merecer’ (CUNHA, 2010, p. 422).
Obs:

106. Metro Nm [Ssing]
<i>INFORMANTE 3: vende o metro também... PESQUISADORA: ah... INFORMANTE 3: eu não paro de fazê... porque tem gente que qué monta com uma coisa que eu to fazendo... PESQUISADORA: <u>metro</u>... INFORMANTE 3: <u>metro</u> / PESQUISADORA: o <u>metro</u> desse sai a quanto? INFORMANTE 3: oito reais... PESQUISADORA: ah... que você pode compra o <u>metro</u> e inventá... coisa pra fazê... INFORMANTE 3: pode botá só... do metro cê tem que te criatividade... (Ent. 3, linhas 1008 a 1016). INFORMANTE 3: ta entendendo... a linha fina... olha quase um metro na linha grossa... na linha fina eu faço <u>mei metro</u>... PESQUISADORA: e fica uma coisa mais delicada né? (Ent. 3, linhas 954 a 956). INFORMANTE 4: mais era pano de bandeja e... e... renda de <u>metro</u>... PESQUISADORA: renda de <u>metro</u> pra vende o <u>metro</u>? INFORMANTE 4: era... que vendia o <u>metro</u> em peça... então assim: aqui mesmo nesse pedaço era eu... ela... a dona M. do A... uma senhora que Deus já levou e a / essa dona aí lôra... a F. dessa casa grande aí... (Ent.4, linhas 159 a 162). INFORMANTE 6: a gente ia fazê... e aí... gostava... <u>mei aperriada</u> ela diza: “não... não faço uma peça só não...” uma vai se fazeno cinco <u>metro</u>... a otra faziz cinco... PESQUISADORA: ah... que a senhora falou que no começo a renda aqui era no <u>metro</u>... INFORMANTE 6: era... era no <u>metro</u> e a gente vai levando... vai levando... e você se / “aí dona M.? não... continua fazendo... foi só levanta... você completa cinco <u>metro</u> e vai fazendo... mede corta que eu vô amanhã pra São Luiz e vou levá”... (Ent. 6, linhas 64 a 69). INFORMANTE 6: que antigamente era como a gente tava falando... com a renda de metro... já hoje não é... não é nem aplicação... é o fundo</i>

106. Metro Nm [Ssing]

de copo que elas compram pra esse tipo de coisa... e eu me criei fazendo renda... aí eu me casei... tive filhos... mais não abandonei a minha renda... fiquei fazendo renda e cuidando dos meus filhos... e eu faço esta renda aqui... até hoje... até hoje... só que não fiz mais... ta com... ta com uns quinze... vinte anos... que eu não faço mais renda de metro... (Ent. 6, linhas 102 a 106).

INFORMANTE 13: jangarelo é... aí quando ... aí quando ela aprendeu mesmo aí ela cumeçô fazê otros tipo de renda ela diz ... “ô mãe eu num quero fazê renda de metro eu quero fazê é camiseta” aí ela passô pra camiseta aí quando ela cumeçô a fazê camiseta meu trabalho eu tinha que assentá porque ela não sabia assentá... (Ent.13, linhas 287 e 289).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **METRO**, fi m. a medida das fyllabas que entrão no verfo ; fi verfo. *Uliffca ., Jonoro metro. Barros Elogio 1. j . 287.*
2. Moraes: **MÉTRO**, s. m. A medida das syllabas, que entrão no verso; fig. verso.
3. Freire: **METRO**, elem. Têrmo de composição que significa *medida: termômetro, metrografia.*
4. Aurélio: **METRO**¹, [Do lat. *metru.*] 1. Unidade fundamental de medida de comprimento no Sistema Internacional, igual ao comprimento do trajeto percorrido pela luz no vácuo durante um intervalo de tempo de 1/299 792 458 de segundo [símb.: *m*]. 2. Vara, fita, ou qualquer objeto de medir, com o comprimento de um metro.

Origem: Do fr. *mètre* e, este, do gr. *métron* (CUNHA, 2010, p. 425).

Obs:

107. Miudinho [ADJSing]

INFORMANTE 3: vai diminuindo tudo... os pontinho... as coisinha... tudo miudinha...

PESQUISADORA: ah... mas é lindo... eu acho lindo essa profissão... (Ent. 3, linhas 961 e 962).

INFORMANTE 3: muito pouco ó o tamanho do buraco? PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: num é? E o birro é miudinho... (Ent. 3, linhas 493 a 495).

INFORMANTE 10: a máquina no ponto bem... no zigue-zague bem miudinho... PESQUISADORA: esse ponto aqui né? INFORMANTE 10: é... (Ent.11, linhas 289 a 290).

PESQUISADORA: aqui que ela faz bem né faz... há muitos anos... INFORMANTE 12: eu sabia né fazê fazia só aquelas coisinha miudinha... (Ent.12, linhas 120 e 121).

INFORMANTE 13: é tão poquinho que se a renda fô essas rendas assim ...que elas são assim espaçosa até que dá algunha coisa mas se fô a rendinha miudinha não dá tantinho bastante viu...

INFORMANTE 13: era uma siriguela até os limão ...a gente cortava ele miudinho e cumia o limão verde... (Ent.13, linha 48).

INFORMANTE 13: é tão poquinho que se a renda fô essas rendas assim ...que elas são assim espaçosa até que dá algunha coisa mas se fô a rendinha miudinha não dá tantinho bastante viu... (Ent.13, linhas 524 e 525).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **MÍUDO**, adj. pequeno, de pouco volume, v. g. ., *tão miúda como grãos de moflarda, de areia, oppóe-fe zgraúdo. § Gado*—, são ovelhas, cabras; oppofo aogroffo. § *Pobo miúdo*, a plebe. § *Frutos miúdos*, são os legumes, milho, e pães.
2. Moraes: **MIÚDO**, adj. Pequeno, de pouco volume: v. g. tão miúdo quanto grão de mostarda, de areya; oppõe se a graúdo.
3. Freire: **MIÚDO**, adj. Lat. minutus. Muito pequeno; que tem pequenas dimensões. || 6. Delicado.

4. Aurélio: MIUDINHA , (i-u) [F. subst. do adj. <i>miúdo</i> .] 1. Bras. Liter. Pop. V. <i>carretilha</i> (4).
Origem: Do lat. <i>minūtīa</i> , relacionado com <i>minus</i> ‘menor’ (CUNHA, 2010, p. 428).
Obs:

108. Misura Nf [Ssing]
<i>PESQUISADORA</i> : mais hoje mesmo ele faz mal pros pescadô? <i>INFORMANTE 11</i> : não ele não faz nada mais a pessoa não pode dizê nada com ele... <i>PESQUISADORA</i> : e se disse... <i>INFORMANTE 11</i> : se dissé ele ele faiz mais <u>misura</u> ele... <i>PESQUISADORA</i> : faiz o que? <i>INFORMANTE 11</i> : <u>misura</u> ... faiz coisa má pu pescador se a pessoa dissé alguma coisa tem que ficá caladinho naquele dia a pessoa não pega nada... <i>PESQUISADORA</i> : de peixe... <i>INFORMANTE 11</i> : nada... <i>PESQUISADORA</i> : não consegue pegá... <i>INFORMANTE 11</i> : não consegue... (Ent.11 , linhas 221 a 231).
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio:n/e
Origem: não encontrada
Obs:

109. Mocho Nm [Ssing]
<i>INFORMANTE 13</i> : aqui no Maranhão eles chamam mocho no Ciará a gente chamava mocho era mas aqui chama banco de guarda... (Ent. 13, linhas 454 e 455).
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: MÔCHO , adj. Lat. <i>muticus</i> . 3. Banco sem costas para uma só pessoa se sentar.
4. Aurélio: n/e
Origem: De origem incerta (CUNHA, 2010, p. 431).
Obs:

110. Molde Nm [Ssing]
<i>INFORMANTE 1</i> : e agora nos vamu fazê um vestido... eu vou assentá um vestido / <i>PESQUISADORA</i> : e o que é que a gente chama de <u>molde</u> ? <u>Molde</u> é um... <i>INFORMANTE 1</i> : <u>molde</u> ? É isso que eu to te dizendo aqui tudinho / <i>PESQUISADORA</i> : o papelão? <i>INFORMANTE 1</i> : o papelão é que é o <u>molde</u> . <i>PESQUISADORA</i> : o papelão pinicado... (Ent. 1, linhas 302 a 307).
<i>INFORMANTE 6</i> : depois dele furado... ele não se torna mais uma caixa... é um papelão... <i>PESQUISADORA</i> : ah... o papelão é o ... <i>INFORMANTE 6</i> : é... que o papelão é o <u>molde</u> ... (Ent.6, linhas 427 a 429).
<i>PESQUISADORA</i> : Assentá é pegá o molde... <i>INFORMANTE 11</i> : É aí coloca o gráfico na almofada aí vai assentá pra começá o trabalho... (Ent.11, linhas 70 e 71).
<i>PESQUISADORA</i> : assentá é você fazê o molde? <i>INFORMANTE 13</i> : é assentá o começo da renda... o começo o <u>molde</u> é esse daqui mas eu tinha que assentá como eu assentei essa daqui essas três ponta são do assentamento... <i>PESQUISADORA</i> : certo... (Ent.13, linhas 290 a 293).

110. Molde Nm [Ssing]

PESQUISADORA: aí aqui eu tenho o biuro eu tenho é molde né que chama iss'aquí... *INFORMANTE 13*: é o molde... *PESQUISADORA*: é molde é os espinho né... *INFORMANTE 13*: os espinho que vem do Rio Grande do Norte... (Ent.13, linhas 506 a 509).

PESQUISADORA: dêxa eu tirá uma foto dos molde pinicado... a gente olhando os moldes que a gente dá pra ter uma ideia de como é esse trabalho... os moldes... *INFORMANTE 13*: dêxa eu boaá mais esses aquí... *PESQUISADORA*: hum...hum pra eu podê olhá... *INFORMANTE 13*: são os molde... (Ent.13, linhas 619 a 623).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **MOLDE**, fi m. modelo de qualquer obra artificial, por onde fe fazem outras, v. g. moldes dos lapateiros; os moldes de chumbo que os Ourives imprimem na ciba, quando moldão; o molde do Eftatuario, *Sec.* § t.
2. Moraes: **MÓLDE**, modelo de qualquer obra artificial, por onde se fazem outras: v. g. moldes dos sapateiros: os moldes de chumbo que os Ourives imprimem na oiba, quando moldão: o molde do Estatuário, &c.
3. Freire: **MOLDE**, s. m. De *moldar*. Modêlo ôco, formado de diversas peças reunidas de modo que se possam desligar para facilitar o trabalho da moldação e que serve para vaziar qualquer obra de metal derretido.
4. Aurélio: **MOLDE**, [Do cat. ant. *motle* (< lat. *modulus*), poss. pelo esp. *molde*.] 1. Modelo oco em que se verte o metal derretido que há de formar um objeto. || 6. Tip. Peça de fundidora mecânica, onde se adapta a matriz e se fundem os tipos, vinhetas, fioletc. ||7. Tip. Parte das máquinas compositoras onde se vêm automaticamente colocar as matrizes, para fundição dos tipos ou das linhas-blocos.

Origem: Do cast. *molde*, provavelmente do a. cat. *motle* e, este, do lat. *modûlus*, dimin. de *mõdus* (CUNHA,2010, p. 432).

Obs:

111. Molho Nm [Ssing] ~ Mói' Nm [Ssing]

INFORMANTE 6: eles tão vendendo... por quatro reais... o molho...agora meu marido compra mais barato... que ele compra lá no Ceará... no meio da parentela dele... ele diz... "eu vo... vô compra uns ispin' pra você..." mais elas trazendo aquí... a gente compra um molho desse por quatro reais... (Ent.6, linhas 480 a 482).

INFORMANTE 12: é o molho de cem bichinho desse... *PESQUISADORA*: ah ta e aí o molho de cem bichinho desse dá pra quanto tempo dá pra vocês usarem... (Ent. 12, linhas 354 e 355).

INFORMANTE 13: aí a mãe dela compra lá pra gente aí o meu marido também quando foi a gente manda vinte reais trinta ... quarenta reais aí vem dêz molho ele não é... *PESQUISADORA*: cada molho vem quantos? *INFORMANTE 13*: cada molho é cem espinho... *PESQUISADORA*: ah é muito né?

INFORMANTE 13: é não... é não cem espinho é tão pôquinho... *PESQUISADORA*: é porque quebra muito né... *INFORMANTE 13*: é tão pôquinho que se a renda fô essas rendas assim ...que elas são assim espaçosa até que dá alguma coisa mas se fô a rendinha miudinha não dá tantinho bastante viu...*PESQUISADORA*: agora vem cá porque... *INFORMANTE 13*: oto dia até te mostrê os molho... (Ent.13, linhas 516 a 527).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: **MOLHO**, [Do lat. vulg. **manuculu*, **manuclu*, por **manupulu*,

* <i>maniplu</i> , ‘mancheia’, ‘punhado’.] 2. Quantidade de objetos reunidos num só grupo: <i>molho de chaves</i> . [Pl.: <i>molhos</i> . Cf. <i>molho</i> (ô) e pl. <i>molhos</i> (ô).]
Origem: Do lat. <i>mānus</i> ~ <i>us</i> (CUNHA,2010, p. 408).
Obs:

112. Morim Nm [Ssing]
<p><i>INFORMANTE 4: é diferente... antigamente não... era roupa mesmo... era chitão era... era... era... como é o nome do outro pano meu Deus... tem ali...no... olha esqueci o nome do outro pano que é mais fino... que a gente faz até calça pescadô pra vendê... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 4: tem a camisa de <u>morim</u> que eu vi... eu vi no... eu vi numa reportagem... assim cinquenta por um... e frio chega no Ceará, e eu vou fazê aqui... eu já tinha me lembrado de fazê mais não tinha butado em prática... PESQUISADORA: hum... hum... INFORMANTE 4: e agora eu falei... que a minha mãe pegava o <u>morim</u>... fazia a roupa... PESQUISADORA: <u>morim</u> é um tecido? INFORMANTE 4: é um tecido bem bem... inferiozinho... PESQUISADORA: hunhum... INFORMANTE 4: algodãozinho o nome do outro pano... Aí meu pai tirava a casa do mangue ali... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 4: aí minha mãe cozinhava... e botava o <u>morim</u> na casca do mangue ou do cajueiro pra tingi... Porque o <u>morim</u> é branco... (Ent. 4, linhas 105 a 120).</i></p> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: MORIM, s. m. Mal. <i>muri</i>. Pano branco e fino de algodão, também conhecido por pano patente, madapolão e madrasto. 4. Aurélio: MORIM [Do mal. <i>muri</i>.] 1. Tec. Têx. Tecido fino de algodão cardado, muito us. para forro, roupa-branca, roupa de cama e mesaetc.: “afastando a camisinha de <u>morim</u>, pôs a mão um pouco acima da virilha direita.” (Ézio Pinto Monteiro, <i>Chico</i>, p. 103). [Sin., no N.E. do Brasil: <i>madapolão</i>, <i>madrasto</i>.]
Origem: não encontrada.
Obs:

113. Mulhé rendera Ncf [Ssing + ADJsing] ~ Mulé rendera Ncf [Ssing + ADJsing]
<p><i>PESQUISADORA: Não né? Mais tinha... Era um momento... que vocês conversar... INFORMANTE 2: () rendeiras... <u>mulé rendera</u>... <u>mulé rendera</u>... (Ent. 2, linhas 22 e 23).</i></p> <p><i>INFORMANTE 2: Não... piorô... aumentô as loja né? Que é... não tem outro ricurso... as <u>mulé rendera</u> não tem emprego... (Ent. 2, linhas 79 e 80).</i></p> <p><i>PESQUISADORA: (...) a senhora lembra de alguma... dona... INFORMANTE 3: <u>mulé</u>... só aquela da <u>mulé rendera</u> mesmo... PESQUISADORA: e como é que é essa? ... INFORMANTE 3: “olé <u>mulé</u> <u>rendeira</u>... olé <u>mulé</u> <u>rendá</u>...” (Ent. 3, linhas 408 a 410).</i></p> <p>Quando vocês eram... Assim que vocês eram... As mães de vocês faziam renda... quando vocês eram pequenas... tinha alguma música que vocês cantavam quando faziam renda? <i>INFORMANTE 5: não... que tem a música da <u>mulé rendera</u> né? PESQUISADORA: é.. Mais ninguém cantava lá? INFORMANTE 5: Não... é que muda a letra... (Ent.5, linhas 156 A 160).</i></p> <p><i>PESQUISADORA: é? Olha que beleza... mais tinha alguma musica especial que cantava? INFORMANTE 6: eu canto até hoje olha... a cantiga <u>mulhé rendera</u>... eles cantavo muito... mais eu nunca me liguei a isso não... “olé <u>mulé rendera</u>... olé <u>mulé</u> <u>rendá</u>... tu me ensina a fazê renda... que eu te ensino a namorá...” (Ent.6, linhas 780 a 783).</i></p>

113. Mulhé rendera NCF [Ssing + ADJsing] ~ Mulé rendera NCF [Ssing + ADJsing]
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat <i>mūlier mūlīēris</i> (CUNHA,2010, p. 441).
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples mulher. Não registram esta forma composta.

114. Pai do mangue NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]
<p><i>INFORMANTE 11: sempre eles conta aí (risos) história que vê que vê fantasma... PESQUISADORA: o que é que eles já lhe contaram aí? INFORMANTE 11: aqui teve um que já viu um que tem um homi que aparece aí.. PESQUISADORA: () d'água? como é que é () INFORMANTE 11: esse aqui sabe mais do que eu esse meu neto aqui... NETO DA INFORMANTE: <u>Pai do mangue</u>... INFORMANTE 11: <u>Pai do mangue</u>... PESQUISADORA: pai do mangue nunca ouvi fala... como é que é? NETO DA INFORMANTE: é o mangue... PESQUISADORA: é mesmo? INFORMANTE 11: ele é um homi que se apresenta pros pescadô só que bem grande e ele fica no mangue { } PESQUISADORA: eu já ouvi falar daquele como é que é? É... aquele anão como é que chama é... NETO DA INFORMANTE: aquele que tem o pé torto pra trás? INFORMANTE 11: saci? PESQUISADORA: não gato de botas... INFORMANTE 11: eu sei que ôtro dia a minha nora olhou ali no quintal lá no quintal... PESQUISADORA: foi? INFORMANTE 11: esse homi com os pés pra trás que o pessoal sempre vê PESQUISADORA: o <u>pai do mangue</u>? INFORMANTE 11: ele sempre se apresenta... PESQUISADORA: mas ele faz mal para alguém? INFORMANTE 11: não o mal que faz é o medo que a gente sente né... PESQUISADORA: mas é o que um homem que fica vagando por aí? INFORMANTE 11: dizem que ele é muito grande e eu nunca vi alto muito grande a coisa é feia... PESQUISADORA: o <u>pai do mangue</u>? mas ele é branco é claro como é que ele é? INFORMANTE 11: é branco { } PESQUISADORA: mais hoje mesmo ele faz mal pros pescadô? INFORMANTE 11: não ele não faz nada mais a pessoa não pode dizê nada com ele.. PESQUISADORA: e se dissé... INFORMANTE 11: se dissé ele ele faiz mais misura ele... PESQUISADORA: faiz o que? INFORMANTE 11: misura... faiz coisa má pu pescadô se a pessoa dissé alguma coisa tem que ficá caladinho naquele dia a pessoa não pega nada... PESQUISADORA: de pexe.. INFORMANTE 11: nada... PESQUISADORA: não consegue pegá.. INFORMANTE 11: não consegue... PESQUISADORA: mas ele fica no mangue ou no mar?... INFORMANTE 11: no mangue... PESQUISADORA: é quem pesca no mangue? Para pescar caranguejo... INFORMANTE 11: não é quem vai pescá mesmo no má assim por acaso no () no rio... PESQUISADORA: ah é você passa pelo mangue pra chegar no mar... INFORMANTE 11: é exatamente é quem pesca nesses má aqui perto do mangue... PESQUISADORA: que ele aparece entendi... INFORMANTE 11: ele fica no mangue... PESQUISADORA: mas qual ôtro nome que tem o <u>pai do mangue</u>? NETO DA INFORMANTE: mãe d'água... INFORMANTE 11: dizem que tem um homi também aí que vira bicho né M. ôtro dia tava essa lenda aí dali do povo de () NETO DA INFORMANTE: que o homi vira lobisomi... INFORMANTE 11: é M. tu não soube não? Que teve gente que olhô ele... PESQUISADORA: qual é o nome que deram pra ele? INFORMANTE 11: tu não sabe que ele vira lobisomi... (Ent.11, linhas 196 a 247).</i></p> <p><i>INFORMANTE 11: o... o... mas ele também ele também se vira em tudo ôtro dia... PESQUISADORA: qual... o <u>pai do mangue</u>? INFORMANTE 11: meu marido disse que ele tava cortando uns pau e apareceu uma rolinha sabe os olho da cô de fogo olhando pra ele onde ele ia ela ia atrais ele foi e falou pra ela “fica aí no seu lugazinho que eu não vou fazê nada com você”. Ai ele virou a vista quando olhou de novo... PESQUISADORA: nada... INFORMANTE 11: ela tinha desaparecido aí ele já mais os companhêro dele e disse assim “vamos imbora” aí foro imbora pa canoa... PESQUISADORA: meu deus... e ele já fez mal já fez judiação com alguém daqui o <u>pai do mangue</u>? INFORMANTE 11: nunca vi falá não... PESQUISADORA: só assusta mesmo... INFORMANTE 11: só assusta... () porque a pessoa tem medo e quando as veiz o <u>pai do mangue</u> se apresenta também como um homem, um</i></p>

114. Pai do mangue NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]
<i>homem como tu diz mesmo um homi pequeno que vai crescendo crescendo crescendo e quando vê é um monstro aí as pessoas têm medo né...</i> (Ent.11, linhas256 a 269).
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire:n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. <i>pater patris</i> (lat. <i>patre</i> - > port. <i>padre</i> → * <i>pade</i> → <i>pae</i> → <i>pai</i>) (CUNHA,2010, p. 469).
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples pai. Não registram esta forma composta.

115. Pala Nf [Ssing]
<i>INFORMANTE 3: a renda... desde uma pala... uma palinha que cê fo compra é quarenta reais... vinte reais... e pode fazê uma <u>pala</u> dessa aqui ó! Só dobro aqui... ela já fez uma pala... ela fez um V...PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: olha... ela fez um V... aqui ó... PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: a gente abutoa aqui ó... PESQUISADORA: uma barra... () mesmo né? Uma barra... INFORMANTE 3: é...abutoa a <u>pala</u>... (Ent. 3, linhas 1018 e 1025). PESQUISADORA: e um vestido? INFORMANTE 9: assim depende da pessoa... se ela se dedica o dia todinho ela faz uma <u>pala</u> porque são seis palas... seis não... são oito... uma camiseta tem oito. PESQUISADORA: Então é demorado mesmo né? não é um trabalho assim... INFORMANTE 9: não é rápido... mas tem gente que... num dia faz uma <u>pala</u>... eu não consigo fazeê... deve gasta uns quatro dia...(Ent. 9, linhas 190 a 195).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: 2. Morais: 3. Freire: PALA , s. f. Lat. <i>pala</i> . 8. Parte do vestuário que guarnece a gola, junto ao pescoço 4. Aurélio: PALA ² , [De or. obscura.] 1. Bras. S. Poncho leve, de brim, vicunha, merinó, ou até de seda, com as pontas franjadas. [Sin. (desus.): <i>balandrau</i> .]
Origem: De etimologia obscura (CUNHA,2010, p. 470).
Obs:

116. Palafita Nf [Ssing]
<i>INFORMANTE 10: aí já era asfaltada já... só que as casinha era tudo <u>palafita</u> tudo de madêra...</i> Ent.10, linha 26).
Registro em dicionários:
1. Bluteau: 2. Morais: 3. Freire: PALAFITA , s. m. Ital. <i>palafita</i> . Estacas que sustentavam as habitações lacustres dos homens pré-históricos. 2. Cada uma das populações lacustres.

116. Palafita Nf [Ssing]
4. Aurélio: PALAFITA , [Do it. <i>palafitta</i> , ‘paus fixados’.] 1. Estacaria que sustenta as habitações lacustres. 2. Designação comum a essas habitações: “O homem que nele habita [no vale amazônico], na parte mais baixa, mantém-se, o pobre, nas estacas de <u>palafitas</u> como seus irmãos nas lagunas da pré-história.” (Alberto Rangel, <i>Papéis Pintados</i> , p. 231.)~ V. <i>palafitas</i> .
Origem: Do it. <i>palafitta</i> , deriv. do lat. <i>pālus</i> e <i>fīctus</i> (de <i>fīgere</i> ‘fixar, cravar’) (CUNHA,2010, p. 470).
Obs:

117. Palinha Nf [Ssing]
<i>INFORMANTE 3: a renda... desde uma pala... uma palinha que cê fo compra é quarenta reais... vinte reais... e pode fazê uma pala dessa aqui ó! Só dobro aqui... ela já fez uma pala... ela fez um V...PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: olha... ela fez um V... aqui ó... PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: a gente abutoa aqui ó... PESQUISADORA: uma barra... () mesmo né? Uma barra...INFORMANTE 3: é...abutoa a pala... (Ent. 3, linhas 1018 e 1025).</i>
Registro em dicionários:
1.Bluteau: n/e 2.Morais: n/e 3.Freire: PALA , s. f. Lat. <i>pala</i> . 8. Parte do vestuário que guarnece a gola, junto ao pescoço. 4. Aurélio: PALA ² , [De or. obscura.] 1. Bras. S. Poncho leve, de brim, vicunha, merinó, ou até de seda, com as pontas franjadas. [Sin. (desus.): <i>balandrau</i> .]
Origem: De etimologia obscura (CUNHA,2010, p. 470).
Obs:

118. Palha de banana NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]
<i>PESQUISADORA: que beleza... e rudia mesmo... quando é com a rudia fica no que? Num paninho... INFORMANTE 6: ela é feita da palha da banana... dessa palha que eu lhe mostrei aqui... (Ent.6, linhas 411 e 412). INFORMANTE 6: a gente pega ela assim... umas quatro ou cinco... e dá uma trocida assim... duas pessoa... e aí vem... trazendo assim... amarra... e pega a palha... palha da banana... do tronco da banana... umas palha larga... que vão secando... aí a gente cobre ela... (Ent.6, linhas 419 a 421). PESQUISADORA: e vamo vê assim o material... é feito do que? ... esse aqui... é feito do que? INFORMANTE 3: esse aqui é palha de bananêra... PESQUISADORA: então a roda / (Ent. 3, linhas 343 a 345). INFORMANTE 4: é palha de bananêra... é pano de... é...istopa... PESQUISADORA: is... INFORMANTE 4: palha de bananêra dentro... (Ent.4, linhas 190 a 192). INFORMANTE 6: e faz a almofada... cheia com palha de bananeira seca... PESQUISADORA: olha... INFORMANTE 6: é a palha de bananêra seca que ta aqui... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: deixa eu vê aqui... não dá vontade de vê não... mais eu vou tira pra você olha... PESQUISADORA: ta... INFORMANTE 6: viu? E cabe / PESQUISADORA: essa ciência... já vem de Acaraú? INFORMANTE 6: é... é... PESQUISADORA: o jeito de fazê a almofada? INFORMANTE 6: vô virá aqui pra vocês olhe... tá aqui ela aqui... a almofada... a palha de... de bananêra... (Ent.6, linhas 351 a 362). INFORMANTE 10: aqui é a rudia. É aqui a gente trabalha com ela toda assim porque aqui... PESQUISADORA: aqui é folha de bananêra também? INFORMANTE 10: palha de bananêra... é... (Ent. 10, linhas 253 a 255) INFORMANTE 12: palha de bananêra... PESQUISADORA: palha de bananêra e aqui dentro como é</i>

118. Palha de banana NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]

que eu chamo isso aqui? (Ent. 12, lnhas 342 e 343).

INFORMANTE 13: aqui embaixo aqui é a rudia... tem gente que chama roda da almofada...

PESQUISADORA: aqui é a palha de bananêra... INFORMANTE 13: mas o nome certo é a rudia e aqui é a palha... PESQUISADORA: palha de bananêra? INFORMANTE 13: palha de bananêra...

PESQUISADORA: e aqui é o molde pinicado... (Ent. 13, linhas 467 a 472).

INFORMANTE 14: é porque eu tenho ôtra almofada aí eu dei pra minha irmã trabalhá...

PESQUISADORA: aí aqui dentro é o que? INFORMANTE 14: é palha de bananêra...

PESQUISADORA: palha de bananêra... e aqui o molde né? INFORMANTE 14: é... e aqui é ispin'... (Ent. 14, linhas 128 a 132).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: Do lat. *palĕa* ~*ae* (CUNHA, 2010, p. 471).

Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples palha . Não registram esta forma composta.

119. Palha de bananera NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]

PESQUISADORA: e vamo vê assim o material... é feito do que? ... esse aqui... é feito do que? INFORMANTE 3: esse aqui é palha de bananêra... PESQUISADORA: então a roda / (Ent. 3, linhas 343 a 345).

INFORMANTE 4: é palha de bananêra... é pano de... é...istopa... PESQUISADORA: is...

INFORMANTE 4: palha de bananêra dentro... (Ent.4, linhas 190 a 192).

INFORMANTE 6: e faz a almofada... cheia com palha de bananeira seca... PESQUISADORA: olha...

INFORMANTE 6: é a palha de bananêra seca que ta aqui... PESQUISADORA: hum..hum...

INFORMANTE 6: deixa eu vê aqui... não dá vontade de vê não... mais eu vou tira pra você olha...

PESQUISADORA: ta... INFORMANTE 6: viu? E cabe / PESQUISADORA: essa ciência... já vem de Acaraú? INFORMANTE 6: é... é... PESQUISADORA: o jeito de fazê a almofada? INFORMANTE 6: vô virá aqui pra vocês olhe... tá aqui ela aqui... a almofada... a palha de... de bananêra... (Ent.6, linhas 351 a 362).

INFORMANTE 10: aqui é a rudia. É aqui a gente trabalha com ela toda assim porque aqui...

PESQUISADORA: aqui é folha de bananêra também? INFORMANTE 10: palha de bananêra... é... (Ent. 10, linhas 253 a 255)

INFORMANTE 12: palha de bananêra... PESQUISADORA: palha de bananêra e aqui dentro como é que eu chamo isso aqui? (Ent. 12, lnhas 342 e 343).

INFORMANTE 13: aqui embaixo aqui é a rudia... tem gente que chama roda da almofada...

PESQUISADORA: aqui é a palha de bananêra... INFORMANTE 13: mas o nome certo é a rudia e aqui é a palha... PESQUISADORA: palha de bananêra? INFORMANTE 13: palha de bananêra...

PESQUISADORA: e aqui é o molde pinicado... (Ent. 13, linhas 467 a 472).

INFORMANTE 14: é porque eu tenho ôtra almofada aí eu dei pra minha irmã trabalhá...

PESQUISADORA: aí aqui dentro é o que? INFORMANTE 14: é palha de bananêra...

PESQUISADORA: palha de bananêra... e aqui o molde né? INFORMANTE 14: é... e aqui é ispin'... (Ent. 14, linhas 128 a 132).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e

4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. <i>palëa</i> ~ <i>ae</i> (CUNHA, 2010, p. 471).
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples palha . Não registram esta forma composta.

120. Palha de buriti Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}]
<i>INFORMANTE 1: vende outras coisa... vende com palha de buriti... vende... PESQUISADORA: com palha de buriti faz o que? INFORMANTE 1: bolsa / PESQUISADORA: bolsa né? INFORMANTE 1: e faz como renda elas lá fazi como nós... cria a renda elas cria aquele daquela folha do buriti... da palha do buriti / (Ent. 1, linhas 343 a 348).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. <i>palëa</i> ~ <i>ae</i> (CUNHA, 2010, p.471).
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples palha . Não registram esta forma composta.

121. Paninho Nm [Ssing]
<i>PESQUISADORA: e esse aqui... esse grosso eu chamo como? Da linha grossa... INFORMANTE 3: esse aqui? Aqui... aqui também é um pano de mei' trocado... esse aqui é um pingo d'água... um pingo d'água... esse () aqui ó! PESQUISADORA: ah... o pingo d'água ele é feito do que? INFORMANTE 3: é... também... PESQUISADORA: de meio trocado? ... INFORMANTE 3: é... não... o pingo d'água é trocado inteiro... aí ele forma um paninho de trocado inteiro... é diferente é... PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: olha o jeito do trocado inteiro e olha o jeito do mei' trocado... (Ent. 3, linhas 258 a 267).</i>
<i>INFORMANTE 6: é... tudo... tudo... aqui é o assentamento dela que... já vem com a traça... só passa esse paninho no meio aqui... viu? PESQUISADORA: então esse aqui é pano né?.. INFORMANTE 6: é... um paninho que a gente faz... tecendo ele assim... (Ent. 6, linhas 498 a 502).</i>
<i>INFORMANTE 10: um trabalho desse aí ele é muito lindo... um desse aqui também ó paninho de lavabo com a linha fina... (Ent. 10, linhas 78 e 79).</i>
<i>INFORMANTE 12: é aí tem gente que bota o paninho tem gente que bota esse cadê o... tem gente que no lugar desse paninho aí pode botar esse trocadinho ó...aí depende da pessoa que qué fazê entendeu... (Ent. 12, linhas 310 a 312).</i>
<i>INFORMANTE 13: esse daqui é chama-se de pano ... aí a gente coloca aqui e vai tecendo e dêxando o paninho aqui viu... (Ent. 13, linhas 542 e 543).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. <i>pānnus</i> – <i>ĩ</i> (CUNHA,2010, p. 473).
Obs: com outra acepção

122. Paninho de trocado intero NCm [Ssing + {Prep + Ssing + ADJsing}]

PESQUISADORA: e esse aqui... esse grosso eu chamo como? Da linha grossa... INFORMANTE 3: esse aqui? Aqui... aqui também é um pano de mei' trocado... esse aqui é um pingo d'agua... um pingo d'agua... esse () aqui ó! PESQUISADORA: ah... o pingo d'agua ele é feito do que? INFORMANTE 3: é... também... PESQUISADORA: de meio trocado? ... INFORMANTE 3: é... não... o pingo d'agua é trocado inteiro... aí ele forma um paninho de trocado inteiro... é diferente é... PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: olha o jeito do trocado inteiro e olha o jeito do mei' trocado... (Ent. 3, linhas 258 a 267).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: Do lat. *pānnus* – ã (CUNHA,2010, p. 473).

Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples pano . Não registram esta forma composta.

123. Pano Nm [Ssing]

PESQUISADORA: e esse aqui... esse grosso eu chamo como? Da linha grossa... INFORMANTE 3: esse aqui? Aqui... aqui também é um pano de mei' trocado... esse aqui é um pingo d'agua... um pingo d'agua... esse () aqui ó! PESQUISADORA: ah... o pingo d'agua ele é feito do que? INFORMANTE 3: é... também... INFORMANTE 3: to... terminando... aqui... primeiro que a gente aprende é o trocado... e o mei trocado... PESQUISADORA: ta... INFORMANTE 3: ta aqui ó! Mei trocado é só assim ó! Mei trocado... e volta aqui... PESQUISADORA: hun... hum... INFORMANTE 3: aí aqui ó... aí volta aqui... aí eu fecho com o trocado inteiro... ta aqui com mei trocado... aí (Ent. 3, linhas 220 a 224).

PESQUISADORA: ta... aí no caso... vamo pra cá... aí isso aqui eu chamo do que? Esse... INFORMANTE 3: aqui é um pano... um pano de mei trocado que a gente chama... (Ent. 3, linhas 236 e 237).

PESQUISADORA: e esse aqui... esse grosso eu chamo como? Da linha grossa... INFORMANTE 3: esse aqui? Aqui... aqui também é um pano de mei' trocado... esse aqui é um pingo d'agua... um pingo d'agua... esse () aqui ó! PESQUISADORA: ah... o pingo d'agua ele é feito do que? INFORMANTE 3: é... também... PESQUISADORA: de meio trocado? ... INFORMANTE 3: é... não... o pingo d'agua é trocado inteiro... aí ele forma um paninho de trocado inteiro... é diferente é... PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: olha o jeito do trocado inteiro e olha o jeito do mei' trocado... (Ent. 3, linhas 258 a 267).

INFORMANTE 3: não! Esse é mei trocado... PESQUISADORA: ah... INFORMANTE 3: o pano é de mei trocado e o pingo d'agua que a gente chama... é o trocado inteiro... PESQUISADORA: ah... ta... então perai... deixa eu tira aqui... o pano de meio trocado... INFORMANTE 3: esse comprido... (Ent. 3, linhas 277 a 281).

INFORMANTE 3: aí vo te fala... mei trocado... dizê... que é esse aqui ó... que chama pano... o desenho é um pano... mas ele... se faz o pano... com mei trocado... com... mei trocado... aí tem o trocado cheio... aí o mei trocado... que se faz o pano... aí ó! Aí tudo tem que apoiá pra colocá os ispinho... PESQUISADORA: coloca os ispinho pra tecê... tudo ao redó do ispinho... INFORMANTE 3: é... aí é o ponto... que a gente coloca... mei trocado é esse... (Ent. 3, linhas 893 a 897).

INFORMANTE 4: é diferente... antigamente não... era roupa mesmo... era chitão era... era... era... como é o nome do outro pano meu Deus... tem ali...no... olha esqueci o nome do outro pano que é mais fino... que a gente faz até calça pescadô pra vendê... (Ent. 4, linhas 105 a 107).

INFORMANTE 4: algodãozinho o nome do outro pano... Aí meu pai tirava a casa do mangue ali... (Ent. 4, linha 117).

INFORMANTE 4: mas não tinha loja... aí nós fazia aqui eu... a dona M. ali... depois a F., aquela lôra aí a / a gente fazia aquelas gola é... pano de bandeja... quase nem tinha camiseta nesse tempo... PESQUISADORA: era... (Ent. 4, linhas 152 a 154).

123. Pano Nm [Ssing]

PESQUISADORA: aí vocês faziam qual peça assim? INFORMANTE 4: mais era pano de bandeja e... e... renda de metro... PESQUISADORA: renda de metro pra vende o metro? (Ent. 4, linhas 158 a 160).

INFORMANTE 4: é palha de bananêra... é pano de... é...istopa...PESQUISADORA: is... INFORMANTE 4: palha de bananêra dentro... (Ent. 4, linhas 190 a 192).

PESQUISADORA: ó! Só pra podê aprendê... aqui tem... INFORMANTE 4: é o pano...PESQUISADORA: pano... esse esse mais vazado aqui? Esse aqui... INFORMANTE 4: casa de abelha.. PESQUISADORA: casa de abelha... pano... esse aqui? INFORMANTE 4: é traça... (Ent.4, linhas 258 a 263).

PESQUISADORA: traça... esse bem miudinho aqui assim? INFORMANTE 4: um pano tecido... PESQUISADORA: pano tecido... esse aqui? INFORMANTE 4: também a traça... PESQUISADORA: traça... traça... agora aqui é que vai... INFORMANTE 4: aí é uma mandala... PESQUISADORA: e eu tenho o que dentro dessa mandala? Traça né? INFORMANTE 4: traça... PESQUISADORA: esse aqui? INFORMANTE 4: pano... PESQUISADORA: pano... INFORMANTE 4: esse aqui tudo é casa de abelha... (Ent.4, linhas 265 a 275).

INFORMANTE 5: O mei' trocado é pra fazê o pano... este pano... PESQUISADORA: Certo... Então os pontos que tem é a traça... tro / INFORMANTE 5: Trocado... Mei' trocado e mei' pano... PESQUISADORA: e pano... (Ent. 5, linhas 132 a 135).

INFORMANTE 6: é... é fácil... é... ele é de... ele é como lhe falei de urela e de ponto e a renda vem com as duas urelas com... o pano no mei'... (Ent. 6, linhas 28 e 29).

INFORMANTE 6: apareceu a bandeja... a camiseta... o caminho de mesa que em vez de onde elas compravo o pano... as ricaça e mandava enfeitá de renda... a gente já faiz ele completo... (Ent.6, linhas 72 e 73).

INFORMANTE 6: né? E aí elas completam com aquele pano duro que antigamente dava o nome de laquê... (Ent. 6, linha 96).

PESQUISADORA: então esse aqui é pano né?.. INFORMANTE 6: é... um paninho que a gente faz... tecendo ele assim... PESQUISADORA: hum... INFORMANTE 6: rosas de traça viu? PESQUISADORA: ta... pano... agora aqui é a rosa né? INFORMANTE 6: é... é rosa até aqui olha! Até aqui... PESQUISADORA: e só a folhinha... eu chamo como? Só a folhinha... aqui ó! INFORMANTE 6: é... rosa... rosa.. PESQUISADORA: rosa também... INFORMANTE 6: é rosa... rosa de traça... viu? Agora pra cá... é pano... pano... com as meia rosa... PESQUISADORA: aqui... pano... INFORMANTE 6: e aqui você vê oito traça... PESQUISADORA: isso... INFORMANTE 6: e aqui você só confere quatro... por isso aqui elas são meia rosa viu?PESQUISADORA: ah... meia rosa... e rosa de traça? E aqui é o pano... INFORMANTE 6: o pano daqui pra cá... se ele chega bem direitinho... pega certinho... PESQUISADORA: chega mais pra cá... esse aqui é um pano é? INFORMANTE 6: é pano... PESQUISADORA: pano... INFORMANTE 6: isso aqui é pano... isso aqui é pano... isso aqui é pano... PESQUISADORA: tudo pano... INFORMANTE 6: agora daqui até termina...PESQUISADORA: vai ser só pano... INFORMANTE 6: vai ser só pano... PESQUISADORA: e essa... essa linha bem fininha aqui... como é que eu chamo?... INFORMANTE 6: não... todas são de uma só... pano... tudo é pano... pano... você qué dizê essa linha aqui? (Ent.6 , linhas 500 a 525).

INFORMANTE 6: aqui também tem pano... tem rosa de traça... (Ent. 6, linhas 550).

INFORMANTE 6: ta entendendo? O preto e o branco... pra cada fazê um pano desse nós leva o preto... quando nós vem nós leva o branco... depois assim nós vamo fazendo... aí tem pessoas que faiz de todo o jeito... faz aquela misturada... meu Jesus... (Ent. 6, linhas 737 a 739).

INFORMANTE 6: é controlado... é controlado... você vai fazê um pano desse aqui... com um bírdalo desse num branco... fica muito bonito... olha... a minha renda é tão controlada... que eu tô fazendo... eu faço ela... misturada... com muitas cores... como esta aqui olhe... cada pano eu faço de uma cô... esse daqui eu fiz branco... só entra os ôtro no meio... esse eu fiz preto... esse eu fiz roxinho... (Ent. 6, linhas 744 a 747).

INFORMANTE 6: mais eu acho bunito assim... e então eu faço assim... Deus me dá... a sabedoria de eu fazê assim... que olha... a renda tá tão bonita... cada pano tem uma... eu digo.. "mais você pode fazê assim também...mulhé... mais é colorida... é colorida mais nós devemos fazê também... com que o nosso trabalho... fique mais bonito pra... pra tê mais valo pra nòis mesmo... (Ent.6 , linhas 764 a 767).

PESQUISADORA: aí quais são os... tu lembra os primeiros pontos que tu aprendeste? INFORMANTE 7: a traça... o trocado... o pano... o pingo d'água... PESQUISADORA: hum... hum... INFORMANTE 7: deixa eu vê mais... o pano cheio... meio trocado... embuchado... só... PESQUISADORA: esses são os tipos de... ponto... né... INFORMANTE 7: ponto... PESQUISADORA: aí tem um tipo de ponto... as linhas que usa é a Cléa... INFORMANTE 7:Cléa a linha Cléa é cara... ela é mais cara. ai tem uma... se eu não me engano é mais cara... PESQUISADORA: vamos supô aqui né? nesse tipo de peça... aqui eu

123. Pano Nm [Ssing]

tenho qual tipo de ponto? *INFORMANTE 7: tem a traça... o pano mei trocado e o pano cheio...* (Ent.7 , linhas 35 a 44).

INFORMANTE 7: pano... só tem o pano... PESQUISADORA: ah só tem o pano... pano é o ponto mais simples? INFORMANTE 7: é... considerado o mais simples. Pega também com o trocado... PESQUISADORA: ah... entendi... INFORMANTE 7: aprende os dois em um... PESQUISADORA: entendi... é o pano... e aqui vamos supô... essa parte de baixo eu chamo como? (Ent.7, linhas 54 a 59). PESQUISADORA: ólha que interessante... INFORMANTE 7: pano... pano cheio... pano cheio... traça... o pano corrido no meio e as traça do lado. Sigurá... aqui são trocado... PESQUISADORA: esses buraco aqui? INFORMANTE 7: segurá aqui.. PESQUISADORA: são trocado? INFORMANTE 7: são trocado... (Ent. 7, linhas 92 a 98).

INFORMANTE 7: aqui ó... esse aqui é meio trocado... é um pano de mei' trocado. Esse aqui é um pano de trocado intero que fica muito cheio mais fechado e mais aberto... (Ent.7 , linhas 102 e 103).

INFORMANTE 7: hum..hum... mais aberto elas faz o meio trocado é mais em renda... de uma cô mais delicado agora no colorido elas faz mais o pano cheio... PESQUISADORA: hum... INFORMANTE 7: deixa eu ver aqui... PESQUISADORA: pano cheio é a mesma coisa do trocado intero não? (Ent.7 , linhas 113 a 117).

INFORMANTE 8: esse aqui é os meio troca'... alguma coisa assim... PESQUISADORA: não é meio trocado... INFORMANTE 8: é meio trocado... (Ent.8, linhas 117 a 119).

INFORMANTE 10: aqui tem a... esses buraquinho... a gente chama de buraquinho mesmo né? e aqui é rosa de traça... e aqui é pano... pano de mei trocado aqui... PESQUISADORA: pano de meio trocado... INFORMANTE 10: é rosa de traça... pano de mei trocado... PESQUISADORA: qual a diferença desse pano de meio trocado e de trocado intero... por exemplo? (Ent. 10, linhas 266 a 271).

INFORMANTE 10: se for se você fô fazê esse pano aqui de trocado intero... ele fica bem fechadinho... PESQUISADORA: ah entendi... e quais outros pontos que tem além desse aqui? Meio trocado... trocado intero... INFORMANTE 10: tem ...tem... tem a charita... (Ent.10 , linhas 279 a 271).

INFORMANTE 11: Aí esse eu aprendi com facilidade eu digo eu quero aprendê o pano! Aí ela foi me ensiná a fazê o pano ai tem o pano também que você faz com o meio trocado... PESQUISADORA: hum...hum.. INFORMANTE 11: E com o trocado inteiro... PESQUISADORA: Certo o pano assim pra mim que sou leiga o que que seria o pano? INFORMANTE 11: Esse aqui essa parte aqui... PESQUISADORA: É como se fosse uma tirinha... (Ent.11, linhas 78 a 84).

INFORMANTE 11: Que ela é toda no pano e no embuchado... PESQUISADORA: Ah a minha saia... INFORMANTE 11: É ela só fez a traça na ponta né? (Ent.11, linhas 126 a 128).

PESQUISADORA: aqui a trança... a traça... INFORMANTE 12: aqui o pano... PESQUISADORA: o pano é esse que é bem trabalhadinho aqui né? INFORMANTE 12: esse aqui é a ponta... PESQUISADORA: pano... ponta... INFORMANTE 12: e o trocado... (Ent. 12, linhas 181 a 186).

PESQUISADORA: deixa eu ver se eu aprendi ó nessa nessa rosa eu tenho a traça... o pano... INFORMANTE 12: é aí tem gente que bota o paninho tem gente que bota esse cadê o... tem gente que no lugar desse paninho aí pode botar esse trocadinho ó...aí depende da pessoa que que fazê entendeu... (Ent. 12, linhas 310 a 312).

INFORMANTE 13: pra não furá a almofada coloca a esponja viu aí coloca o pano e amarra por isso que eu disse que iss'aqui é uma armação de banco... uma armação é uma armação de banco... (Ent. 13, linhas 463 e 464)

INFORMANTE 13: esse daqui é chama-se de pano ... aí a gente coloca aqui e vai tecendo e dêxando o paninho aqui viu... (Ent. 13, linhas 542 e 543).

INFORMANTE 13: ... é esse aqui que vem fazendo esse pano aqui... paiz do senhô... esse aqui que venho fazendo esse pano aqui ele fica chênho porque a gente bota bastante pá... corre sete pá de bírdolo aqui pa ficá bem cheinho (Ent. 13, linhas 555 a 557)

INFORMANTE 13: olha o meio trocado aqui inda aqui... tá vendo... iss'aqui é meio trocado... PESQUISADORA: tô vendo... então ele intero a gente vai chamar ele por exemplo um monte de meio trocado aqui né? INFORMANTE 13: é assim esse aqui é o meio trocado... PESQUISADORA: e eu posso chamar de pano também não? INFORMANTE 13: não iss'aqui não é pano ele é meio trocado... PESQUISADORA: porque o pano ele é mais cheio não é? INFORMANTE 13: com esse aqui o pano ele é esse aqui mas eu tenho pra você... PESQUISADORA: ah eu quero o pano... INFORMANTE 13: vamo pegá aqui tá aqui esse é o pano olha dêxa eu li mostrá o pano cê tá vendo esse daqui? Esses são os pano esses daqui olha esses são os pano sem fim... (Ent.13, linhas 650 a 660).

INFORMANTE 15: aí é um pano... PESQUISADORA: um pano... e o que chamam casa de abelha?.. charita! Charita!INFORMANTE 15: a charita eu não aprindi ainda... PESQUISADORA: é né mas o que eu percebo é que todo mundo usa é pano ...traça ... trança... INFORMANTE 15: isso... (Ent. 15, linhas 339 a 343).

123. Pano Nm [Ssing]

PESQUISADORA: pra eu fazê um pano também é só com trocado? *INFORMANTE 15*: é de mei trocado o pano... (Ent. 15, linhas 355 e 356).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: Do lat. *pānnus* – ã (CUNHA,2010, p. 473).

Obs:

124. Pano cheio NCm [Ssing + ADJsing]

PESQUISADORA: aí quais são os... tu lembra os primeiros pontos que tu aprendeste? *INFORMANTE 7*: a traça... o trocado... o pano... o pingo d'água... *PESQUISADORA*: hum... hum... *INFORMANTE 7*: deixa eu vê mais... o pano cheio... meio trocado... embuchado... só... *PESQUISADORA*: esses são os tipos de... ponto... né... *INFORMANTE 7*: ponto... *PESQUISADORA*: aí tem um tipo de ponto... as linhas que usa é a Cléa... *INFORMANTE 7*: Cléa a linha Cléa é cara... ela é mais cara. ai tem uma... se eu não me engano é mais cara... *PESQUISADORA*: vamos supô aqui né? nesse tipo de peça... aqui eu tenho qual tipo de ponto? *INFORMANTE 7*: tem a traça... o pano mei' trocado e o pano cheio... (Ent.7 , linhas 35 a 44).

INFORMANTE 7: hum..hum... mais aberto elas faz o meio trocado é mais em renda... de uma cô mais delicado agora no colorido elas faz mais o pano cheio... *PESQUISADORA*: hum... *INFORMANTE 7*: deixa eu ver aqui... *PESQUISADORA*: pano cheio é a mesma coisa do trocado intero não? (Ent.7 , linhas 113 a 117).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: Do lat. *pānnus* – ã (CUNHA,2010, p. 473).

Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples pano . Não registram esta forma composta.

125. Pano corrido no meio NCm [Ssing + {ADJSing + Prep+ Asing + ADV}]

PESQUISADORA: ólha que interessante... *INFORMANTE 7*: pano... pano cheio... pano cheio... traça... o pano corrido no meio e as traça do lado. Sigurá... aqui são trocado... *PESQUISADORA*: esses buraco aqui? *INFORMANTE 7*: segurá aqui.. *PESQUISADORA*: são trocado? *INFORMANTE 7*: são trocado... (Ent. 7, linhas 92 a 98).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e

4. Aurélio:n/e
Origem: Do lat. <i>pānnus</i> – ã (CUNHA,2010, p. 473).
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples pano . Não registram esta forma composta.

126. Pano de meio trocado Nf [Ssing] ~ Pano de mei' trocado NCm [Ssing + {Prep + Adv + Ssing + }]
<p><i>PESQUISADORA</i>: e esse aqui... esse grosso eu chamo como? Da linha grossa... <i>INFORMANTE 3</i>: esse aqui? <i>Aqui... aqui também é um <u>pano de mei' trocado</u>... esse aqui é um pingo d'água... um pingo d'água... esse () aqui ó!</i> <i>PESQUISADORA</i>: ah... o pingo d'água ele é feito do que? <i>INFORMANTE 3</i>: é... também... <i>PESQUISADORA</i>: de meio trocado? ... <i>INFORMANTE 3</i>:é... não... o pingo d'água é trocado inteiro... aí ele forma um paninho de trocado inteiro... é diferente é... <i>PESQUISADORA</i>: é... <i>INFORMANTE 3</i>: olha o jeito do trocado inteiro e olha o jeito do mei' trocado... (Ent. 3, linhas 258 a 267).</p> <p><i>PESQUISADORA</i>: hum... hum... <i>INFORMANTE 7</i>: deixa eu vê mais... o pano cheio... meio trocado... embuchado... só... <i>PESQUISADORA</i>: esses são os tipos de... ponto... né... <i>INFORMANTE 7</i>: ponto... <i>PESQUISADORA</i>: aí tem um tipo de ponto... as linhas que usa é a Cléa... <i>INFORMANTE 7</i>:Cléa a linha Cléa é cara... ela é mais cara. aí tem uma... se eu não me engano é mais cara... <i>PESQUISADORA</i>: vamos supô aqui né? nesse tipo de peça... aqui eu tenho qual tipo de ponto? <i>INFORMANTE 7</i>: tem a traça... o <u>pano mei' trocado</u> e o pano cheio... (Ent.7 , linhas 35 a 44).</p> <p><i>INFORMANTE 7</i>: aqui ó... esse aqui é meio trocado... é um <u>pano de mei' trocado</u>. Esse aqui é um pano de trocado intero que fica muito cheio mais fechado e mais aberto... (Ent.7 , linhas 102 e 103).</p> <p><i>INFORMANTE 10</i>: aqui tem a esses burquinho... a gente chama de burquinho mesmo né? e aqui é rosa de traça... e aqui é pano... <u>pano de mei' trocado</u> aqui... <i>PESQUISADORA</i>: <u>pano de meio trocado</u>... <i>INFORMANTE 10</i>: é rosa de traça... <u>pano de mei trocado</u>... <i>PESQUISADORA</i>: qual a diferença desse <u>pano de meio trocado</u> e de trocado intero... por exemplo? <i>INFORMANTE 10</i>: o mei trocado... porque esses burquinho.... aqui é feito com trocado intero... (Ent.10 , linhas 266 a 271).</p>
Registro em dicionários:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: 2. Morais: 3. Freire: 4. Aurélio:
Origem: Do lat. <i>pānnus</i> – ã (CUNHA,2010, p. 473).
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples pano . Não registram esta forma composta.

127. Pano de trocado intero NCm [Ssing + {Prep + Ssing + ADJsing}]
<p><i>INFORMANTE 7</i>: aqui ó... esse aqui é meio trocado... é um pano de mei' trocado. Esse aqui é um <u>pano de trocado intero</u> que fica muito cheio mais fechado e mais aberto... (Ent.7, linhas 102 e 103).</p>
Registro em dicionários:
<ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. <i>pānnus</i> – ã (CUNHA,2010, p. 473).

Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples pano . Não registram esta forma composta.

128. Pano de urupema NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

PESQUISADORA: Só mais uma coisa...dona E... e assim... aqueles pontos que não se acha mais assim fácil...se deixô de fazê? INFORMANTE 3: é...o pingo d'água...a charita...a charitazinha... PESQUISADORA: Mais algum? INFORMANTE 3: É...o pano de urupema...tarrafa...tarrafinha...eu nem tenho aqui... a M. tem... naquela caixa de várias renda que não se acha mais ... (Entrevista 4, linhas 307 a 313).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: (CUNHA,2010, p).

Obs: A lexia encontra-se dicionarizada, mas com outra acepção.

129. Pano sem fim NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

INFORMANTE 13: é assim esse aqui é o meio trocado... PESQUISADORA: e eu posso chamar de pano também não? INFORMANTE 13: não iss'aqui não é pano ele é meio trocado... PESQUISADORA: porque o pano ele é mais chêo não é? INFORMANTE 13: com esse aqui o pano ele é esse aqui mas eu tenho pra você... PESQUISADORA: ah eu quero o pano... INFORMANTE 13: vamo pegá aqui tá aqui esse é o pano olha dêxa eu li mostrá o pano cê tá vendo esse daqui? Esses são os pano esses daqui olha esses são os...pano sem fim.. PESQUISADORA: hum... INFORMANTE 13: tem aqui uns cinco pano junto olha... (Ent. 13, linhas 653 a 662)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: Do lat. *pānnus* – ã (CUNHA,2010, p. 473).

Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples pano . Não registram esta forma composta.

130. Pano tecido NCm [Ssing + ADJsing]

PESQUISADORA: traça... esse bem miudinho aqui assim? INFORMANTE 4: um pano tecido... PESQUISADORA: pano tecido... esse aqui? INFORMANTE 4: também a traça.... PESQUISADORA: traça... traça... agora aqui é que vai... INFORMANTE 4: aí é uma mandala... PESQUISADORA: e eu tenho o que dentro dessa mandala? Traça né? INFORMANTE 4: traça... PESQUISADORA: esse aqui? INFORMANTE 4: pano... PESQUISADORA: pano... INFORMANTE 4: esse aqui tudo é casa de abelha... (Ent.4, linhas 265 a 275).

130. Pano tecido NCm [Ssing + ADJsing]

Registro em dicionários:

5. Bluteau: n/e
6. Moraes: n/e
7. Freire: n/e
8. Aurélio: n/e

Origem: Do lat. *pānnus* – ã (CUNHA,2010, p. 473).

Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples pano . Não registram esta forma composta.

131. Papelão Nm [Ssing]

INFORMANTE 1: papelão e linha... PESQUISADORA: Que é papelão? INFORMANTE 1: É um papel desse aqui... eu vô fazê a renda... vô biliscá o papelão da renda sabe? bilisco... (Ent. 1, linhas 226 a 228).

INFORMANTE 1: eu só conheço esse nome de almofada... PESQUISADORA: papelão também é só papelão? INFORMANTE 1: papelão é só papelão... PESQUISADORA: é né? e esse... essa atividade de beliscá? Também chama só de beliscá? (Ent. 1, linhas 240 a 243).

INFORMANTE 1: traça... papelão ta tudo mostrando pra gente... PESQUISADORA: ah ótimo... INFORMANTE 1: fica tudo tudo nos papelão... tudo tudo tudo tudo... (Ent. 1, linhas 279 a 281).

INFORMANTE 1: molde? É isso que eu to te dizendo aqui tudinho /PESQUISADORA: o papelão?

INFORMANTE 1: o papelão é que é o molde... PESQUISADORA: o papelão... pinicado...

INFORMANTE 1: / só se for pinicado... PESQUISADORA: entendi... INFORMANTE 1: mas eu... eu antigamente eu tinha muito papelão assim... desenhado no papel que vei de São Paulo... (Ent. 1, linhas 304 a 311).

INFORMANTE 3: papelão... PESQUISADORA: papelão mesmo? INFORMANTE 3: é papelão... é o papelão picado né? PESQUISADORA: papelão picado... picado que já ta... é o cortado pra fazêr o molde?... INFORMANTE 3: cortado que tem esses furinho ó! É... o papelão picado né? (Ent. 3, linhas 330 a 334).

PESQUISADORA: aí esse aqui é feito de papelão mesmo né? INFORMANTE 3: é... papelão mesmo... PESQUISADORA: tem algum papelão específico? INFORMANTE 3: não... não... a gente faz qualquer papelão... esse é feito de caixa de... daquela sandália havaiana... (Ent. 3, linhas 374 a 378)

INFORMANTE 3: não... aqui é só um papelão pra cubri... a palha da banana olhe... pra não ta ninguém olhando... a criança puxando... PESQUISADORA: ah... INFORMANTE 3: ta entendendo? PESQUISADORA: ah... então aqui dentro fica cheio de palha da banana... (Ent. 3, linhas 761 a 765)

INFORMANTE 3: e chifra né? aí... pra fazê é assim... isso aqui é papelão... que é uma caixa de calçado... de leite... que a gente faz... o desenho... e aí vai seguindo... (Ent. 3, linhas 783 e 784).

INFORMANTE 3: aí eu tenho o papelão que chama... o desenho da renda... PESQUISADORA: papelão... (Ent. 3, linhas 861 e 862).

PESQUISADORA: aí esse papel aqui eu chamo como? INFORMANTE 4: papelão... PESQUISADORA: papelão... isso aqui esses furinho/ INFORMANTE 4: desenho (Ent. 4, linhas 207 a 210).

INFORMANTE 7: é a rudia... esse aqui é a almofada... ispinho... tem o molde de papelão... e os birro... (Ent. 7, linha 62).

PESQUISADORA: isso aqui eu chamo de? papelão... INFORMANTE 7: é o molde... (Ent. 7, linhas 67 e 68).

INFORMANTE 7: os ispinho é de lá... a almofada já é daqui ... a gente tem lá uma pessoa que faz. Biurro também... a gente já compra aqui... a gente só manda pra lá o papelão... muitas elas não sabem pinicá... no papelão diferente elas fazem lá... pinico lá. já vai pinicado se elas quiserem passar pra outra pessoa elas pinico por cima.

PESQUISADORA: ah... muitas de lá não sabe pinicá é isso? INFORMANTE 7: muitas de lá... eu acho que não porque elas pegam muito papelão daqui pra levá... PESQUISADORA: AH...INFORMANTE 7: para fazê coisa diferente...aí passa um tempo elas traz e a gente compra... PESQUISADORA: ahn,

131. Papelão Nm [Ssing]

interessante... e esse papelão é papelão... *INFORMANTE 7: papelão normal desse daqui ó... PESQUISADORA: de papelaria... INFORMANTE 7: normal... elas... antigamente... as renderas antiga... elas gostavo de fazer muito é naquelas caxa de leite. (Ent.7, linhas 312 a 314).*

INFORMANTE 7: não aqui é cada uma com seu papelão porque se sumi seu papelão é uma briga... é uma briga enorme... terminou a renda esconde o papelão pra ninguém pegar... (Ent. 7, linhas 324 e 325).

INFORMANTE 8: isso aqui eles chamam de biurro... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 8: os ispinho... e o papelão... PESQUISADORA: o papelão né? INFORMANTE 8: e aqui a almofada... (Ent.8, linhas 133 a 137).

INFORMANTE 9: um papelão isso aqui é papelão... PESQUISADORA: papelão... INFORMANTE 9: que eu chamo... (Ent.9, linhas 155 a 157).

INFORMANTE 10: não... a cabecinha dele é que é o biurro... e tem o papelão também que é o desenho da renda... (Ent.10, linhas 233 e 234).

PESQUISADORA: é mas eu faço... o que é furá mesmo? INFORMANTE 10: é furá mesmo é o papelão é... (Ent. 10, linhas 241 e 242).

PESQUISADORA: porque tu faz certinho pro corpo da gente né... INFORMANTE 12: não dependendo do papelão... PESQUISADORA: é... INFORMANTE 12: olha essa daqui essa daqui é uã batazinha ó...

PESQUISADORA: aí que linda... INFORMANTE 12: ó viu... PESQUISADORA: mas aí isso aí tu fez sob medida? INFORMANTE 12: não é porque a gente faz pelo papelão né a gente arruma... aí faz... (Ent.12, linhas 146 a 153).

... assim aí vai mexeno vai botano.. aí nos buraquinho dos papelão... PESQUISADORA: e você mesmo que faz o molde? INFORMANTE 14: não não... PESQUISADORA: tem a pessoa que fez? INFORMANTE 14: tem a pessoa que faz aí a gente pede às vez ela manda de fazê... a gente pega o ôtro papelão e pinica pu'cima por baixo desse daí por cima por cima... PESQUISADORA: ah entendi. (Ent. 14, linhas 57 a 64).

PESQUISADORA: então primeira coisa aqui eu tenho... faltou um material que é esse aqui eu chamo o que é papel não? INFORMANTE 15: não... aí é papelão... PESQUISADORA: papelão... no caso aqui eu tenho o papelão pinicado... quando ele não tá pinicado ele é só o molde não é isso? INFORMANTE 15: é... PESQUISADORA: então pra eu fazê qualquer coisa de renda eu tenho que pegá o que eu quero cortar no papelão pinica no papelão aí esse papelão eu vou botá na almofada pra eu podê assentá? (Ent. 15, linhas 312 a 319).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **PAPELÃO**, £ ra. papel mui goffo, e rijo para as paftas dos livros, &c.
2. Moraes: **PAPELÃO**, s. m. Papel múi grosso, e rijo para as pastas dos livros, &c.
3. Freire: **PAPELÃO**, s. m. De *papel*¹. Papel grosseiro, encorpado e forte.
4. Aurélio: **PAPELÃO**, [De *papel*¹ + *-ão*¹.] 1. Cartão [v. *cartão* (1)] grosso, mais ou menos rígido, ou seja, na prática, o de espessura superior a meio milímetro. [V. *cartolina*.].

Origem: Do cat. paper, deriv. do lat. *papyrus* –ĩ e, este, do gr. *pápyros* (CUNHA, 2010, p. 474).

Obs:

132. Papelão picado NCm [Ssing + ADJsing]

INFORMANTE 3: papelão... PESQUISADORA: papelão mesmo? INFORMANTE 3: é papelão... é o papelão picado né? PESQUISADORA: papelão picado... picado que já ta... é o cortado pra fazêr o molde?... INFORMANTE 3: cortado que tem esses furinho ó! É... o papelão picado né? (Ent. 3, linhas 330 a 334).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e

3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
Origem: Do cat. paper, deriv. do lat. <i>papÿrus</i> –ĩ e, este, do gr. <i>pápyros</i> (CUNHA, 2010, p. 474).
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples papelão . Não registram esta forma composta.

133. Papelão pinicado NCm [Ssing + ADJsing]
<i>INFORMANTE 1: molde? É isso que eu to te dizendo aqui tudinho /PESQUISADORA: o papelão? INFORMANTE 1: o papelão é que é o molde... PESQUISADORA: o... pinicado? INFORMANTE 1: / só se for papelão pinicado... PESQUISADORA: entendi... INFORMANTE 1: mas eu... eu antigamente eu tinha muito papelão assim... desenhado no papel que vei de São Paulo... (Ent. 1, linhas 304 a 311).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
Origem: Do cat. paper, deriv. do lat. <i>papÿrus</i> –ĩ e, este, do gr. <i>pápyros</i> (CUNHA, 2010, p. 474).
Obs: Todas as obras acima só registram a forma simples papelão . Não registram esta forma composta.

134. Pareia Nf [Ssing]
<i>INFORMANTE 15: quando era de bem cedo até mei' dia nós fazia dento de casa né ... agora por causa do almoço né aí a gente fazia den'di casa ...aí quando era de tarde a gente falava com a vizinha saia pa casa delas aí ficava duas três quato ali...pareando... PESQUISADORA: é...menina novinha...fazendo ...pareando ...fazendo... INFORMANTE 15: aí nós pegava <u>pareia</u> <u>pareia</u>... <u>pareia</u> quem terminava primeiro dás tira... PESQUISADORA: parelha da tira quem terminava primeiro ganhava? INFORMANTE 15: isso ganhava... aí pronto... PESQUISADORA: aí vocês pareavam o que? Aí tu ganhava parelha? INFORMANTE 15: olha demais... demais... PESQUISADORA: quem ganhava <u>pareia</u> num pagava era quem perdia? INFORMANTE 15: que perdia... PESQUISADORA: quem ficava por último... INFORMANTE 15: coitada delas... PESQUISADORA: aí com isso você foi ficando cada vez mais ligÊra também né? INFORMANTE 15: foi aí eu ensinei pra minha filha... PESQUISADORA: ah tua filha faz também é? INFORMANTE 15: não qué... (Ent.15, linhas 85 A 101).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: PARELHA , f f hum par v. g. ,, <i>buma parelha de beftas. § Correr pardhas.</i> , correr páreo. <i>Barros, efler igual y. g. ,, nem Pirineos, nem Alpes podem cotrer pardhas com os pkos da ferra dos órgãos</i>
2. Moraes: PARÈLHA , s. f. Um par: v. g uma parelha de bestas. §. Correr páreo. Barros
3. Freire: PARELHA , s. f. Lat. <i>parilia</i> . . 2. <i>Fam.</i> Pessoa ou cousa que emparelha com outra ou lhe é semelhante.
4. Aurélio: PAREIA , (êi) 1. Párea (q. v.).
Origem: Do lat. vulg <i>*pariculus</i> –a, dim. de <i>par</i> (CUNHA, 2010, p. 477).
Obs:

135. Pareá [V]

INFORMANTE 15: quando era de bem cedo até mei' dia nós fazia dento de casa né ... agora por causa do almoço né aí a gente fazia den'di casa ...aí quando era de tarde a gente falava com a vizinha saia pa casa delas aí ficava duas três quato ali...pareando... PESQUISADORA: é...menina novinha...fazendo ... pareando ...fazendo... INFORMANTE 15: aí nós pegava pareia pareia... pareia quem terminava primeiro dás tira... PESQUISADORA: pareia da tira quem terminava primeiro ganhava? INFORMANTE 15: isso ganhava... aí pronto... PESQUISADORA: aí vocês pareavam o que? Aí tu ganhava pareia? INFORMANTE 15: olha demais... demais... PESQUISADORA: quem ganhava pareia num pagava era quem perdia? INFORMANTE 15: que perdia... PESQUISADORA: quem ficava por último... INFORMANTE 15: coitada delas... PESQUISADORA: aí com isso você foi ficando cada vez mais ligêra também né? INFORMANTE 15: foi aí eu ensinei pra minha filha... PESQUISADORA: ah tua filha faz também é? INFORMANTE 15: não qué... (Ent.15, linhas 85 A 101).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: Do lat. vulg *pariculus –a, dim. de par (CUNHA, 2010, p. 477).

Obs:

136. Pescadera Nf [Ssing]

PESQUISADORA: ele trabalha com qual tipo de pesca no caso? É com a gozêra... como é que é? INFORMANTE 3: ele trabalha... com a pescadêra... (Ent. 3, linhas 510 e 511). PESQUISADORA: ah ainda bem porque pescadêra já é mais aqui perto né? INFORMANTE 14: é pescadêra ... pescadêra é mais acho que é mais lento... (Ent. 14, linhas 199 a 201).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Dicionário contemporâneo:

Origem: Do lat. *piscãre* (CUNHA, 2010, p. 493).

Obs:

137. Pesquera Nf [Ssing]

INFORMANTE 11: não... a casa ficô cum a pesquera... PESQUISADORA: ah pesquera da casa é... INFORMANTE 11: é os peixe... as coisa... que ele cumeu tudinho... o homi foi imhora de lá num ficou mais lá não... PESQUISADORA: um cavalo? INFORMANTE 11: era um cavalo um cavalo selvage... PESQUISADORA: MEU DEUS! (Ent. 11, linhas 287 a 293).

Registro em dicionários:

9. Bluteau: n/e
10. Moraes: n/e
11. Freire: n/e

12. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. piscãre. (CUNHA, 2010, p. 493).
Obs: A lexia encontra-se dicionarizada, mas com acepção diferente.

138. Picado [ADJsing]
<i>PESQUISADORA: papelão mesmo? INFORMANTE 3: é papelão... é o papelão <u>picado</u> né? PESQUISADORA: papelão <u>picado</u>... <u>picado</u> que já ta... é o cortado pra fazêr o molde?... INFORMANTE 3: cortado que tem esses furinho ó! É... o papelão picado né? PESQUISADORA: <u>picado</u>... <u>picado</u> que o que já ta cortado... pra fazê o molde... INFORMANTE 3: é.. esses furinho olhe... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 3: todo <u>picadinho</u> com esses furinho formando o desenho da renda...</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: Voc. de origem expressiva, que deve remontar, provavelmente, ao lat. vulg. * <i>pīccare</i> , de <i>piccus</i> , forma expressiva de <i>pīcus</i> (CUNHA,2010, p. 494).
Obs:

139. Pindoba Nf [Ssing]
<i>INFORMANTE 5: Quando chegamu aqui a Raposa elas ficavam aqui () em <u>pindoba</u> sabe que é saia de <u>pindoba</u>...? PESQUISADORA: É... saia de <u>pindoba</u>... INFORMANTE 5: Era daquela palmeira... Era tudo de palha... (Ent.5 , linhas 44 a 47).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: PINDOBA , [Do tupi.] 1. Nome comum a diversas palmáceas do gênero <i>Attalea</i> (v. <i>ataleia</i>). 2.V. <i>anajá-mirim</i> . 3.V. <i>catulé</i> (1). [Var.: <i>pindova</i> .]
Origem: Do tupi <i>pi'noya</i> (CUNHA, 2010, p. 497).
Obs:

140. Pingo d'água NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]
<i>PESQUISADORA: e esse aqui... esse grosso eu chamo como? Da linha grossa... INFORMANTE 3: esse aqui? Aqui... aqui também é um pano de mei' trocado... esse aqui é um <u>pingo d'água</u>... um <u>pingo d'água</u>... esse () aqui ó! PESQUISADORA: ah... o pingo d'água ele é feito do que? INFORMANTE 3: é... também... PESQUISADORA: de meio trocado? ... INFORMANTE 3:é... não... o <u>pingo d'água</u> é trocado inteiro... aí ele forma um paninho de trocado inteiro... é diferente é... PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: olha o jeito do trocado inteiro e olha o jeito do mei' trocado... (Ent. 3, linhas 258 a 267).</i> <i>INFORMANTE 3: esse aqui? Aqui... aqui também é um pano de mei trocado... esse aqui é um pingo</i>

140. Pingo d'água NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]

d'agua... um pingo d'água... esse () aqui ó! PESQUISADORA: ah... o pingo d'água ele é feito do que? INFORMANTE 3: é... também... PESQUISADORA: de meio trocado? ... INFORMANTE 3: é... não... o pingo d'água é trocado inteiro... aí ele forma um paninho de trocado inteiro... é diferente é... (Ent. 3, linhas 259 a 265).

PESQUISADORA: e eu tenho o... trocado intero que... no espaço vai ser... INFORMANTE 3: o pingo d'água... (Ent. 3, linhas 284 e 285).

PESQUISADORA: aí quais desenhos que tem? É a ponta... INFORMANTE 3: é a ponta... faz o... o pano... PESQUISADORA: o pano... INFORMANTE 3: faz o pingo d'água... (Ent.3, linhas 909 a 912).

PESQUISADORA: e pano... INFORMANTE 5: {pingo d'água...} tem o pingo d'água só que aqui não tem o pingo d'água {embuchada...}buchada... Embuchada é meio traça... (Ent.5, linhas 135 a 137)

PESQUISADORA: Agora pingo d'água é um ponto ou é um desenho? É um desenho não é? INFORMANTE 5: é um ponto... PESQUISADORA: É um ponto... é um tipo de ponto e trocado... (Ent.5, linhas 156 a 158).

INFORMANTE 5: Olhe o pingo d'água como é que fica... aí no caso eu vou... é aqui... o pingo d'água que eu vou fazê... que cada... cada trabaio tem um significado da coisa né? aí... PESQUISADORA: Qual é o ponto que é mais trabalhoso? INFORMANTE 5: ...tudo igual... (Ent. 5, linhas 161 a 164).

PESQUISADORA: aí quais são os... tu lembra os primeiros pontos que tu aprendeste? INFORMANTE 7: a traça... o trocado... o pano... o pingo d'água... (Ent. 7, linhas 35 e 36).

INFORMANTE 12: aqui ó esse daqui é pingo d'água... PESQUISADORA: pingo d'água deixa eu ver aí que lindo parece um pingo d'água mesmo... aí o pingo d'água aí (Ent.12, linhas 214 e 215)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: Do esp. plat. *pingo* (CUNHA,2010, p. 497).

Obs:

141. Pinicado [ADJsing]

PESQUISADORA: o papelão? INFORMANTE 1: o papelão é que é o molde. PESQUISADORA: o papelão ... INFORMANTE 1: / só se for pinicado... (Ent. 1, linhas 305 a 308).

PESQUISADORA: vamos supô... eu vou precisá... eu vou fazê uma camiseta... então além de eu tê o recorte da camiseta... eu tenho que tê... toda...? INFORMANTE 3: toda pinicada... PESQUISADORA: que ali... da pinicada é que eu vô sabê que ponto eu vo fazê... que eu vô fazê ali? INFORMANTE 3: é... (Ent. 3, linhas 803 a 807).

PESQUISADORA: É... a furação... INFORMANTE 5: pinicá... PESQUISADORA: Pinicá... então vamos supô... INFORMANTE 5: Ela tá pinicano... OLHE! PESQUISADORA: Tá pinicando... Eu to... vamos supô... eu quero fazê uma camisa pra mim... tão alÉM de fazê o molde da camisa eu tenho que pinicá a camisa todinha é isso? Aí em cima desse pinicado que eu vou / INFORMANTE 5: vai fazê... (Ent.5, linhas 113 a 119).

INFORMANTE 7: os ispinho é de lá... a almofada já é daqui ... a gente tem lá uma pessoa que faz... biurro também... a gente já compra aqui... a gente só manda pra lá o papelão... muitas elas não sabem pinicá... no papelão diferente elas fazem lá... pinico lá. já vai pinicado se elas quiserem passar pra outra pessoa elas pinica por cima... PESQUISADORA: ah... muitas de lá não sabe pinicá... é isso? INFORMANTE 7: muitas de lá... eu acho que não porque elas pegam muito papelão daqui pra levá. (Ent.7, linhas 302 a 307).

PESQUISADORA: e uma coisa que eu queria te perguntar, T., esse... por exemplo... eu sou rendera... mas eu não sei pinicá... aí a sua mãe ela vende o molde pinicado? INFORMANTE 7: eu acho que só por encomenda... que é muito complicado ela pinica e vende mas acho que é cinco reais é barato... (Ent.7, linhas 317 a 320).

INFORMANTE 14: tem a pessoa que faz aí a gente pede às vez ela manda de fazê... a gente pega o ôtro papelão e pinica pu'cima por baixo desse daí por cima por cima... PESQUISADORA: ah entendi... (Ent.14, linhas 61 a 63).

141. Pinicado [ADJsing]

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: **PINICADA**, [De *pinicar* + *-ada*¹.] 1. Ação ou efeito de pinicar. 2. Pinicão. [Cf. *penicada*.]

Origem: Voc. de origem expressiva, que deve remontar, provavelmente, ao lat. vulg. **pīccare*, de *piccus*, forma expressiva de *pīcus* (CUNHA, 2010, p. 494).

Obs:

142. Pinicá [V]

PESQUISADORA: hum...hum... e como é que a gente chama por exemplo o ato de... de furá aqui... tem algum nome? *INFORMANTE 3*: *pinicá*... *PESQUISADORA*: *pinicá* né? *INFORMANTE 3*: *é*... *PESQUISADORA*: é o mesmo que chama picá? *É*... *INFORMANTE 3*: *é*... *pinicá*... *é*... “vamo *pinicá* essa renda aqui...” esse desenho dessa renda... a gente fala assim... *pinicá*... *PESQUISADORA*: *pinicá* é fazê isso aqui? *INFORMANTE 3*: *é*... *desenhá*... *PESQUISADORA*: ta... *desenhá*... (Ent.3 , linhas 785 a 795).

PESQUISADORA: *É*... a furação... *INFORMANTE 5*: *pinicá*... *PESQUISADORA*: *Pinicá*... então vamos supô... *INFORMANTE 5*: *Ela tá pinicano*... *OLHE!* *PESQUISADORA*: Tá *pinicando*... Eu to... vamos supô... eu quero fazê uma camisa pra mim... tão alÉm de fazê o molde da camisa eu tenho que *pinicá* a camisa todinha é isso? Aí em cima desse *pinicado* que eu vou / *INFORMANTE 5*: *vai fazê*... (Ent.5 , linhas 113 a 119).

INFORMANTE 7: *ai*... tu escolhe o desenho e minha mãe *pinica* de acordo com o que a senhora quer... *PESQUISADORA*: aí essa parte de *pinicá* tu sabes fazê também? *INFORMANTE 7*: *não*... eu já tentei várias vezes... *PESQUISADORA*: *pinicá* é o que?... me explica como é que é... *INFORMANTE 7*: *pinicá*... é isso aqui ó... o molde do desenho... *PESQUISADORA*: hum... *INFORMANTE 7*: *isso aqui é parte de um... colete*... *PESQUISADORA*: certo... *INFORMANTE 7*: *que é a parte que vai ficar aqui... ó... embaixo do braço e a manga*... *PESQUISADORA*: hum...hum... *INFORMANTE 7*: *a minha mãe que pinica ela tem mais habilidade... agora pá mim pinicá sempre sai alguma coisa errada. Eu não consigo*... *PESQUISADORA*: ah então *pinicá*... ela vai *pinicá*... *INFORMANTE 7*: *desenhá*... *PESQUISADORA*: e *pinicá* que você chama seria furá... *INFORMANTE 7*: *furá*... (Ent.7 , linhas 74 a 89).

INFORMANTE 7: *batinha*... tem... tem umas atrizes modelos que... não é renda.. pode ser ôtro trabalho... quem veste assim já bota na cabeça o ponto do jeito que é... minha mãe só pega e *pinica*... (Ent.7 , linhas 271 e 272).

INFORMANTE 7: *os ispinho é de lá... a almofada já é daqui ... a gente tem lá uma pessoa que faz... biurro também... a gente já compra aqui... a gente só manda pra lá o papelão... muitas elas não sabem pinicá... no papelão diferente elas fazem lá... pinico lá. já vai pinicado se elas quiserem passar pra outra pessoa elas pinico por cima*... *PESQUISADORA*: ah... muitas de lá não sabe *pinicá*... é isso? *INFORMANTE 7*: *muitas de lá... eu acho que não porque elas pegam muito papelão daqui pra levá*. (Ent.7 , linhas 302 a 307).

PESQUISADORA: e uma coisa que eu queria te perguntar, T., esse... por exemplo... eu sou rendera... mas eu não sei *pinicá*... aí a sua mãe ela vende o molde *pinicado*? *INFORMANTE 7*: *eu acho que só por encomenda... que é muito complicado ela pinica e vende mas acho que é cinco reais é barato*... (Ent.7 , linhas 317 a 320).

INFORMANTE 10: *pinicá*... *furá*... é a mesma coisa... *PESQUISADORA*: mesma coisa né? E aqui dentro tem folha... (Ent. 10, linhas 245 e 246).

PESQUISADORA: gráfico? *pinicá* que a senhora fala né? *INFORMANTE 10*: *pinicá*... *furá*... é a mesma coisa... (Ent. 10, linhas 245 e 246).

INFORMANTE 12: *corta né aqui a caixa aí vai tirá o mudelo pinicá*...*PESQUISADORA*: ah então *pinicá* é cortá? (Ent. 12, linhas 374 e 375).

INFORMANTE 13: *esse molde aqui é dessa daqui que o papelão já tava mê ruim e eu mandê a minha nora pinicá*... a E... *PESQUISADORA*: a E. que *pinicô* esse molde? (Ent. 13, linhas 603 a 605)

142. Pinicá [V]

INFORMANTE 14: aí as veiz elas pede o papelão delas né como a gente é rendera a gente pinica um pra nós e dá o delas { }... (Ent.14, linhas 62 a 66).

INFORMANTE 14: aí a gente devolve o dela... e fica com o da gente. que ela nem sabe se a gente pinicô ou não... (Ent.14, linha 70)

PESQUISADORA: e ela sabe pinicá... a sua filha? INFORMANTE 15: não pinica não...

PESQUISADORA: ah quem pinica é a M. pra você? (Ent. 15, linhas 148 a 151).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: **PINICAR**, 1. Bras. Ferir com o bico; bicar, picar. ||2. Dar belisco ou beliscão em; beliscar: Pinicou o menino levado. || 6. Bras. N.E. Piscar (1): pinicar os olhos. [Conjug.: v. trancar. Pres. ind.: pinicoetc. Cf. penico e pínico.]

Origem: Voc. de origem expressiva, que deve remontar, provavelmente, ao lat. vulg. *pīccare, de piccus, forma expressiva de pīcus (CUNHA,2010, p. 494).

Obs:

143. Pituzeira Nf [Ssing]

PESQUISADORA: hum...hum... e as pessoas que trabalham com renda... elas também ajudam os maridos a tecê rede? ... no caso o seu marido é vivo? INFORMANTE 4: é... PESQUISADORA: é né? E aí... e ele pesca? INFORMANTE 4: pesca... aqui ele pesca... PESQUISADORA: e ele usa qual tipo? É gozera... INFORMANTE 4: todo tipo de rede... tem gozera... serrera... pitiuzera... tudo é /PESQUISADORA: hun..hun... mas assim a tecê as redes é com eles ou com vocês? INFORMANTE 4: não... aí já é... a gente nem tece mais... é difícil... compra mais feita né? (Ent. 4, linhas 246 a 254).

INFORMANTE 10: tem gozêra tem gozêra tem pitiuzêra tem sajubêra ainda tem essas pesca né? a serrêra ainda pesca também... só que a serrêra... (Ent.10, linhas 347 e 348)

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: Do tupi pīti'u (CUNHA,2010, p. 501).

Obs:

144. Ponta Nf [Ssing]

INFORMANTE 3: aí tem o trocado cheio... que é pra apoiá o ponto olhe... apoiô o ponto... aí desse mei / desse trocado cheio... cê pode... aí faz outro ponto... faz a ponta... faz muito tipo... isso aqui é uma ponta... PESQUISADORA: e que tipos de ponta que tem? É a ponta... (Ent.3, linhas 901 a 903).

PESQUISADORA: aí quais desenhos que tem? É a ponta... INFORMANTE 3: é a ponta... faz o... o pano... (Ent.3, linhas 909 e 910).

PESQUISADORA: aí quais desenhos que tem? É a ponta... INFORMANTE 3: é a ponta... faz o... o pano... (Ent. 3, linhas 1034 a 1037).

PESQUISADOR: ah... aplicação... INFORMANTE 6: as pontas da renda são assim ó! PESQUISADOR: hum..hum...INFORMANTE 6: as ponta de renda... agora... cada qual diferente... cê ta entendendo? (Ent. 6, linhas 86 a89).

INFORMANTE 11: É ela só fez a traça na ponta né? PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE

144. Ponta Nf [Ssing]

11: *Aí e no meio dela é toda embuchado com o pano...* (Ent.11 , linhas 128 a 130).

INFORMANTE 12: *esse aqui é a ponta...* PESQUISADORA: *pano... ponta...* INFORMANTE 12: *e o trocado...* (Ent. 12, linhas 184 a 186).

INFORMANTE 13: *é porque tem o piriquito que a gente pode chamá de piriquitim agora era priquitim... óia o priquitim ele tinha a pontinha assim arredondadinha e o priquitão ele tinha a ponta mais espaçosa... feia porque ele já era assim muito jangarelo ... num era aconchegante que nem o ôtro...* (Ent. 13, linhas 281 a 283).

INFORMANTE 13: *agora essas três ponta pra cá aí a gente já vem fazendo direto...*

PESQUISADORA: *ah assentá é eu pegar o molde que já tá furado botar na almofada e arrumar né?*

INFORMANTE 13: *é aí você faz essa ponta faz esta ponta faz esta faiz esta faiz esta butando os bírdulo aqui todo tempo quatro par dois pra cá dois pra cá e tá aqui já tá assentado ó...* (Ent.13 , linhas 294 a 297).

INFORMANTE 13: *(...) agora essas três ponta pra cá aí a gente já vem fazendo direto...*

PESQUISADORA: *ah assentá é eu pegar o molde que já tá furado botar na almofada e arrumar né?*

INFORMANTE 13: *é aí você faz essa ponta faz esta ponta faz esta faiz esta faiz esta butando os bírdulo aqui todo tempo quatro par dois pra cá dois pra cá e tá aqui já tá assentado ó...* (Ent. 13, linhas 307 a 309).

PESQUISADORA: *e esse mais espaçado aqui?* INFORMANTE 13: *esse daqui é a ponta...*

PESQUISADORA: *ponta...* INFORMANTE 13: *ponta hum...hum...* (Ent.13 , linhas 544 a 547).

PESQUISADORA: *aí fazia o que o trocado?* INFORMANTE 15: *o trocado a ponta e a traça só...* (Ent. 15, linhas 62 e 63).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **PONTA**, f.f. extremidade aguda v.g.-, -, *ponta da efipada, da agulha, do dardo, pique, piramide, lança; do dedo, efa ca, penedo, cepa, do arado, da lingua.*
2. Moraes: **PÒNTA**, s. f. Extremidade aguda: v. g. *ponta da espada, da agulha, do dardo, pique, piramide, lança; do dedo, estáca, penedo, cepa, do arado, da língua.*
3. Freire: **PONTA**, s. f. Lat. *puncta*. Bico, extremidade aguçada de qualquer cousa.
4. Aurélio: **PONTA**, [Do lat. *puncta*, ‘estocada’.] 1. A parte ou o ponto em que alguma coisa termina; extremidade: *ponta de uma rua, de uma corda, de uma linha.* || 21. Bras. Renda com um dos lados em pontas ou bicos, ou em curvas. [Cf. *entremeio* (3).]

Origem: Do lat *puncta-ae* ‘estocada’ (CUNHA, 2010, p. 511).

Obs:

145. Ponta de coco Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}]

INFORMANTE 6: *fazê rendinha... eu fazê esse... como lhe falei... o passagem... comecei a fazê... eu lembrei até de outro: ponta de coco... que era também muito fácil...* PESQUISADORA: *ponta de coco...* INFORMANTE 6: *ponta de coco... aí com o tempo... eu... fui... me adapitei no trabalho... aí minha mãe disse assim: “agora chegou o tempo de... de butá alguma rendinha pra ela...” aí butô pra mim um dentin de rato... que a gente... a ponta dele é de trancinha... e o mei... vem a traça... mais eu aprendi rapidinho...* (Ent. 6, linhas 10 a 15).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e

4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat <i>puncta-ae</i> ‘estocada’ (CUNHA, 2010, p. 511).
Obs:

146. Ponta de renda NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] ~ Ponta da renda NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]
<p><i>PESQUISADOR</i>: ah... aplicação... <i>INFORMANTE 6</i>: as <u>pontas da renda</u> são assim ó! <i>PESQUISADOR</i>: hum..hum....<i>INFORMANTE 6</i>: as <u>ponta de renda</u>... agora... cada qual diferente... cê ta entendendo? (Ent. 6, linhas 86 a 89).</p> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat <i>puncta-ae</i> ‘estocada’ (CUNHA, 2010, p. 511).
Obs:

147. Ponto [Nm]
<p><i>PESQUISADORA</i>: a senhora sabe tecê também? Todas... <i>INFORMANTE 1</i>: eu / o <u>ponto</u> de uma é o <u>ponto</u> das ôtras ... <i>PESQUISADORA</i>: só muda o tamanho? <i>INFORMANTE 1</i>: só muda o tamanho... (Ent. 1, linhas 405 a 408).</p> <p><i>PESQUISADORA</i>: han...han... e os tipos de <u>ponto</u> que ela tem? Os tipos de <u>ponto</u>? <i>INFORMANTE 2</i>: Ah... de todos / <i>PESQUISADORA</i>: Que é trocado né? <i>INFORMANTE 2</i>: depende do tipo... da renda que a gente qué fazê... <i>PESQUISADORA</i>: haham... mas assim / <i>INFORMANTE 2</i>: o <u>ponto</u> é qué diferente... tem a traça... diferente... mei’ pano... mei’ trocado... má tudo é uma coisa... só que a renda é só o ponto mais comum... o croché... o croché que faz... <i>PESQUISADORA</i>: Eu entendi... <i>INFORMANTE 2</i>: O croché que faz a rosa... faz o cravo... f tudo só num ponto só... só com uma agulha só... o mesmo jeito que faz a renda... A diferença é que tem... porque umas é larga outra é estreita... otras é média... toalha, caminho... É caminho... é camiseta é blusão aí... é a diferença qui tem... mais o <u>ponto</u>... <i>PESQUISADORA</i>: ...Mais isso que você chama de meio trocado é o que? <i>INFORMANTE 2</i>: É o <u>ponto</u> da renda... <i>PESQUISADORA</i>: Aí quantos são os pontos que existe? Meio trocado... <i>INFORMANTE 2</i>: / e o trocado completo... (Ent. 2, linhas 56 a 70).</p> <p><i>PESQUISADORA</i>: O embuchado... aquele <u>ponto</u> que é gordinho... ele chama como? <i>INFORMANTE 2</i>: pois é aquele que é a traça chata...aquele o embuchado... (Ent.2 , linhas 75 e 76).</p> <p><i>PESQUISADORA</i>: olha... e a senhora... por exemplo... a senhora consegue me explicá... por exemplo... o que seria o trocado... é o primeiro <u>ponto</u> da renda? <i>INFORMANTE 3</i>: é... o primeiro <u>ponto</u> da renda... é... o primeiro <u>ponto</u> da renda é o trocado... (Ent. 3, linhas 195 a 197).</p> <p><i>INFORMANTE 3</i>: é... o <u>ponto</u> inteiro... aqui é só o meio ó! O que eu to fazendo aqui... <i>PESQUISADORA</i>: como se fosse meio... meio... o intero... <i>INFORMANTE 3</i>: é... eu fecho o trocado intero só aqui na... aqui no <u>ponto</u> de fora... (Ent.3 , linhas 212 a 214).</p> <p><i>PESQUISADORA</i>: sei... então vamo lá... os tipos de <u>ponto</u> que eu... os tipos de <u>ponto</u> que eu tenho... meio trocado... trocado e trocado inteiro... <i>INFORMANTE 3</i>: é... <i>PESQUISADORA</i>: certo..aí eu vou fazê... aí eu vo fazê... eu vo fazê o... o... eu vou fazê a traça... (Ent.3, linhas 286 a 289).</p> <p><i>INFORMANTE 3</i>: como no croché... o croché... cê desmanchô um <u>ponto</u>... você puxô... ele se acaba...<i>PESQUISADORA</i>: vocês aprendiam a fazê croché também ou era só renda? <i>INFORMANTE 3</i>: não... o croché também... eu sei fazê croché... (Ent. 3, linhas 470 a 472).</p> <p><i>PESQUISADORA</i>: e os <u>pontos</u> do croché são quais? Os <u>pontos</u> assim... <i>INFORMANTE 3</i>: o croché... dexa eu te mostra... ta aqui ó!<i>PESQUISADORA</i>: hum...hum... <i>INFORMANTE 3</i>: esse vestido aí... ta vendo? <i>PESQUISADORA</i>: to vendo... e eles tem quais tipos de <u>ponto</u> aqui no croché? <i>INFORMANTE</i></p>

3: croché... croché é um ponto só... (Ent.3, linhas 480 a 485).

INFORMANTE 3: vô te mostra qual é os tipo de ponto... PESQUISADORA: ta... INFORMANTE 3: começa só três ponto... a renda... eu digo... é três ponto... três ponto que eu faço qualque um desenho... eu vô fazê... aqui eu vô fazê a traça... que é... esse ponto aqui... que chama a traça... que nós chama... em outro lugar chama barata... (Ent. 3, linhas 867 a 871).

INFORMANTE 3: é... aí é o ponto... que a gente coloca... mei trocado é esse... (Ent.3 , linhas 897)

INFORMANTE 3: aí tem o trocado cheio... que é pra apoiá o ponto olhe... apoiô o ponto... aí desse mei / desse trocado cheio... cê pode... aí faz outro ponto... faz a ponta... faz muito tipo... isso aqui é uma ponta... PESQUISADORA: e que tipos de ponta que tem? É a ponta... INFORMANTE 3: não... tipo de ponto... é o trocado cheio... mei trocado e a traça... PESQUISADORA: ah ta... trocado cheio... mei' trocado e a traça... INFORMANTE 3: é... PESQUISADORA: são os pontos? INFORMANTE 3: é... só esses três ponto que se faz... aí... aí faz vários desenho... (Ent. 3, linhas 901 a 908).

INFORMANTE 3: ta entendendo? E são esses três ponto... cê aprendeu esses três ponto... cê faz qualque um desenho... aí cabe você desenha... (Ent.3 , linhas 935 e 936).

INFORMANTE 3: que se fazê a renda com essa linha... os ponto vão ficá menorzinho... é a linha fina... (Ent.3 , linhas 943)

INFORMANTE 3: os ponto... vai ser os buraquinho assim não... mais pertinho um do outro... (Ent.3 , linhas 959).

PESQUISADORA: ponta... pano... esses vazado aqui... INFORMANTE 3: esse aí... é ponto cheio... caseadozin ... PESQUISADORA: ponto cheio caseado... caseado é feito as casas né? INFORMANTE 3: é... PESQUISADORA: ponto cheio de caseado... pano... (Ent. 3, linhas 1036 a 1040).

INFORMANTE 4: dava assim que via fazê né? A minha mãe ensinô mais pra nós foi ponto... ponto de marca... bordado cheio... fazia casa de blusa... PESQUISADORA: hum...hum... / INFORMANTE 4: bainha de vistido... que aqueles tempo não tinha máquina industrial pra fazê... ispin' de peixe... PESQUISADORA: ponto de marca é o que? INFORMANTE 4: cruz.. PESQUISADORA: ah... ponto de cruz... ponto de cruz... bordado cheio é bordado normal... bordado bordado né? INFORMANTE 4: é... (Ent.4, linhas 88 a 95).

PESQUISADORA: ispinho de mandacaru... aí vamo pra outra parte que ainda to tentando entendê... os tipos de ponto é o... começa pelo... / INFORMANTE 4: não... tem a traça, a traça... (Ent. 4, linhas 215 a 217)

PESQUISADORA: é né? Então ta cetó... então... aí essas bata aqui... vamos supor... só pra tê uma ideia. Nessa bata eu vou ter que tipo de ponto aqui? INFORMANTE 4: nessa bata aí tem vários ponto... tem... (Ent.4 , linhas 255 a 257).

INFORMANTE 5: viu? Marrom menos assim a charita que a gente faz óia! É assim... Aqui tem que ter todo o ponto olhe! Marrom menos assim uma charita.... PESQUISADORA: é um tipo de ponto... INFORMANTE 5: É um ponto... Agora aqui eu vou faze traça de novo... otra traça... Aí eu to fazenu um vestido... PESQUISADORA: ah bacana... vestido comprido? INFORMANTE 5: vestido grande... colorido... PESQUISADORA: esses aqui que são mais... Esses buraquinhos aqui chamam como? INFORMANTE 5: é o trocado... PESQUISADORA: trocado... Esse aqui é o ponto... INFORMANTE 1: É o ponto... PESQUISADORA: traça... INFORMANTE 5: traça de novo... PESQUISADORA: Agora pingo d'água é um ponto ou é um desenho? É um desenho não é? INFORMANTE 5: é um ponto... PESQUISADORA: É um ponto... é um tipo de ponto e trocado... (Ent.5 , linhas 144 a 158).

INFORMANTE 6: é... é fácil... é... ele é de... ele é como lhe falei de urela e de ponto e a renda vem com as duas urelas com... o pano no mei... (Ent. 6, linhas 28 e 29).

PESQUISADORA: é... aqui... vamos supor... o que a gente tem aqui em termos de ponto? Quais os pontos que a gente tem aqui nessa sua renda? INFORMANTE 6: ah... a minha renda... tem... ela tem traça... (Ent. 6, linhas 490 a 492).

INFORMANTE 6: {E., como é o ponto... aquele que eu não sei fazê... () ta fazendo ele? Não... embuchado (risos)} PESQUISADORA: é o embuchado... (Ent. 6, linhas 578 a 580).

INFORMANTE 6: {oi... é... embuchado... é embuchado mulê... e eu tava esquecida de fala pra ela qual era o outro ponto... é embuchado...} (Ent. 6, linhas 592 e 593).

PESQUISADORA: hum... hum... e tu tinhas muita dificuldade no começo? Você já começa aprendendo tudo ou são os pontos mais fáceis? Como é que é? INFORMANTE 7: não... a gente passa por detalhe na renda... tem os pontos mais fáceis a gente aprende cada ponto aí depois a gente junta tudo para fazê a peça... PESQUISADORA: Ah! INFORMANTE 7: porque uma peça tem vários pontos... PESQUISADORA: certo... INFORMANTE 7: aí quando eu comecei a fazê... ela me ensinava cada ponto... eu tive dificuldade porque... devido os dedo... de fica mexendo... PESQUISADORA: é muito pequenininho... INFORMANTE 7: é muito pequeno... é... fazê rápido... a gente quer fazê rápido e a gente não consegue a gente tem dificuldade no começo porque dos dedo... a coluna dói... aí é assim...

PESQUISADORA: aí quais são os... tu lembra os primeiros pontos que tu aprendeste? INFORMANTE 7: a traça... o trocado... o pano... o pingo d'água... PESQUISADORA: hum... hum... INFORMANTE 7: deixa eu vê mais... o pano cheio... meio trocado... embuchado... só... PESQUISADORA: esses são os tipos de... ponto... né... INFORMANTE 7: ponto... PESQUISADORA: aí tem um tipo de ponto... as linhas que usa é a Cléa... INFORMANTE 7: Cléa a linha Cléa é cara... ela é mais cara. aí tem uma... se eu não me engano é mais cara... (Ent. 7, linhas 23 a 42).

INFORMANTE 7: aqui é só um ponto... PESQUISADORA: que ponto é esse? INFORMANTE 7: pano... só tem o pano... PESQUISADORA: ah só tem o pano... pano é o ponto mais simples? INFORMANTE 7: é... considerado o mais simples. Pega também com o trocado... (Ent. 7, linhas 52 a 55).

PESQUISADORA: furá... e onde tá furado eu vou fazê um ponto... INFORMANTE 7: é o ponto... PESQUISADORA: ólha que interessante... (Ent. 7, linhas 90 a 92).

PESQUISADORA: que legal! fica diferente... o que é característico daqui mesmo é a renda... INFORMANTE 7: é a renda de biurro... o ponto cruz... o croché... (Ent. 7, linhas 131 e 132).

PESQUISADORA: aí aqui tem algum outro tipo de ponto? INFORMANTE 12: não é o mesmo ponto só que é modelo diferente... PESQUISADORA: iss'aquí é outra bata? INFORMANTE 12: é mesmo ponto... (Ent. 12, linhas 223 a 226).

PESQUISADORA: revende pelo preço que ela... ah ta... aí no caso tu achas que tem uma diferença... vamos supor... dos nomes dos pontos porque eu tenho as rendeiras novas as de dezesseis anos as de trinta as de sessenta os pontos muda se eu for conversar com uma pessoa? INFORMANTE 12: eu acho que não... PESQUISADORA: porque esses nomes passa de pessoa... INFORMANTE 12: é tem esses ponto e tem ôtro ponto que não tem aqui... Ent. 12, linhas 285 a 290).

INFORMANTE 12: é porque é aquele ponto que chamam de embuchado não sei porque eu sei que só sei que é assim... PESQUISADORA: tá certo... (Ent. 12, linhas 298 a 300).

PESQUISADORA: entendi e o que é que eu ia te perguntar aí a tua sogra faz também? Ela faz? INFORMANTE 1: ela só não sabe fazê aquele ponto o embuchado que eu falei... PESQUISADORA: o embuchado que é o pequenininho... hum...hum... INFORMANTE 1: eu todo ponto eu sei...

PESQUISADORA: e ela faz por prazer também né? INFORMANTE 1: e tem um ponto também que chama... PESQUISADORA: como que é o nome dela mesmo? INFORMANTE 1: F...

PESQUISADORA: ahn F... INFORMANTE 1: e tem um ponto mesmo que eu não sei INFORMANTE 13: (...) falava pra ela aí ela cumeçô a fazê renda o a fazê ponto de có ...uns biquinhos que não tinham traçaaí quando foi depois ela eu disse assim "agora vamos aprendê a fazê a traça"... (Ent. 13, linhas 238 a 240).

INFORMANTE 13: ela aí eu fui insiná ela digo "minha filha num são três não são quatro agora"...

PESQUISADORA: ela começô aprendendo qual ponto o primêro que ela aprendeu? INFORMANTE 13: foi o ponto de có... PESQUISADORA: ponta de có o que é ponto de có? INFORMANTE 13: é um piquenininho um piquenininho bem engraçadinho... PESQUISADORA: hum...hum...

INFORMANTE 13: de có... PESQUISADORA: aí depois do ponto de có? INFORMANTE 13: aí ela foi fazê o dente de rato... PESQUISADORA: dente de rato aí são os ponto... (Ent. 13, linhas 255 a 264).

PESQUISADORA: e ficasse meio ponto... e o trocado intero você fecha a pontinha... INFORMANTE 14: fecha o ponto todo é... os pessoal aqui usa mais é ele é o trocado... (Ent. 14, linhas 163 e 164).

PESQUISADORA: aí tem uma...INFORMANTE 15: o ponto o ponto... PESQUISADORA: o ponto né que é mais aberto e tem mais valor? INFORMANTE 15: o ponto fechado pro ponto aberto tem...

PESQUISADORA: tem né... valor assim de venda ou valor... INFORMANTE 15: de venda... PESQUISADORA: ... ou de beleza assim senhora acha? INFORMANTE 15: ele o ponto assim mais

fechado é melhó de venda... (Ent. 15, linhas 4 a 11).

PESQUISADORA: eu S. e a renda aqui o que é que tu percebe da renda daqui e de lá? Tem ponto diferente? INFORMANTE 15: não é os mesmos ponto... mesmos ponto só que aqui ela é mais cara aqui a renda... PESQUISADORA: do que lá... INFORMANTE 15: do que lá... lá eu vindia uma camiseta por quinze reais... (Ent. 15, linhas 240 a 243).

PESQUISADORA: ah então tá agora vamos falar dos pontos... INFORMANTE 15: é dos pontos...

PESQUISADORA: então primeira coisa aqui eu tenho... faltou um material que é esse aqui eu chamo o que é papel não? INFORMANTE 15: não... aí é papelão... (Ent. 15, linhas 310 a 314).

PESQUISADORA: aí falá dos pontos todos os pontos que existe... vambora... INFORMANTE 15: a traça... PESQUISADORA: a traça... (Ent. 15, linhas 321 a 323).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **PONTO**, f. m. Geom. he o elemento de toda grandeza continua, delles

<p>confita a linha; não tem certa grandeza, mas concebe-se como o menor fauce- huma penna bem fina pôde formar.</p> <p>2. Morais: PÒNTO, s. m. t. de Geom. É o elemento de toda grandeza continua; delles cosnta a linha; não tem certa grandeza, mas concebe-se como o menor, que uma pena bem fina pôde formar.</p> <p>3. Freire: PONTO, s. m Lat. <i>punctum</i>. Picada ou furo feito com a agulha enfiada em linha, sêda etc. 2. Peçaço de linha que fica entre dois furos de agulha ao coser.</p> <p>4. Aurélio: PONTO¹, [Do gr. <i>póntos</i>, pelo lat. <i>punctu</i>.] 1. Picada produzida com a agulha que se enfia no tecido, couro, plástico etc., para passar o fio de costura, bordado etc.: <i>Só faltam alguns pontos para terminar o vestido</i>. 4. Bord. Designação comum aos diversos tipos de nós ou laçadas feitos com agulha ou sem ela em renda, macramé etc.</p>
Origem: Do lat <i>puncta-ae</i> ‘estocada’ (CUNHA, 2010, p. 511).
Obs:

148. Ponto cruz NCm [Ssing + Ssing]
<p><i>PESQUISADORA</i>: que legal! fica diferente... o que é característico daqui mesmo é a renda... <i>INFORMANTE 7</i>: é a renda de biurro... o <u>ponto cruz</u>... o croché... (Ent. 7, linhas 131 e 132).</p> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e</p>
Origem: Do lat <i>puncta-ae</i> ‘estocada’ (CUNHA, 2010, p. 511).
Obs:

149. Ponto de fora NCm [Ssing + Prep + ADV]
<p><i>INFORMANTE 3</i>: é... o ponto intero... aqui é só o meio ó! O que eu to fazendo aqui... <i>PESQUISADORA</i>: como se fosse meio... meio... o intero... <i>INFORMANTE 3</i>: é... eu fecho o trocado intero só aqui na... aqui no <u>ponto de fora</u>... (Ent.3 , linhas 212 a 214).</p> <p>Registro em dicionários:</p> <p>1.Bluteau: n/e 2.Morais: n/e 3.Freire: n/e 4.Aurélio: n/e</p>
Origem: Do lat <i>puncta-ae</i> ‘estocada’ (CUNHA, 2010, p. 511).
Obs:

150. Ponto intero NCm [Ssing + ADJsing]
<p><i>INFORMANTE 3</i>: é... o <u>ponto intero</u>... aqui é só o meio ó! O que eu to fazendo aqui... <i>PESQUISADORA</i>: como se fosse meio... meio... o intero... <i>INFORMANTE 3</i>: é... eu fecho o trocado intero só aqui na... aqui no <u>ponto de fora</u>... (Ent.3 , linhas 212 a 214).</p>

150. Ponto intero NCm [Ssing + ADJsing]
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat <i>puncta-ae</i> ‘estocada’ (CUNHA, 2010, p. 511).
Obs:

151. Pricisão Nf [SSing]
<i>INFORMANTE 13: nunca me reclamê sempre sempre cuidando ali dos meus filhos lavando rôpa cantando fazendo renda cantando porque hoje eu faço iss’ aqui mas eu num faço por <u>pricisão</u> (Ent.13 , linhas 109 e 110).</i> <i>INFORMANTE 13: tava as queda caindo mas aí eu agora como eu to milhó eu também já to aqui na minha rendinha pra fazê é porque mesmo não fazendo como eles como eu li falê por <u>pricisão</u> maisi eu gosto de fazê é um dinhêrinho da gente de vez em quando nunca é mau sempre é bem vindo sempre é bem vindo... (Ent.13 , linhas 365 a 367).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: PRECISÃO , s. f. Lat. <i>proecisio; proecisionem</i> . 2. Falta ou carência de alguma cousa necessária ou útil. 4. Aurélio: PRECISÃO , [Do lat. <i>praecisione</i> .] 1. Carência daquilo que é preciso, necessário, ou útil.
Origem: Do lat. <i>praecīsiō - ōnis</i> (CUNHA, 2010, p. 516).
Obs:

152. Priquitinho [Nm] ~ Piriquitin’ [Nm] ~ Priquitinho [Nm] ~ Priquitin’ [Nm]
<i>INFORMANTE 13: até almodafa tinha aí ela aprendeu quando ela aprendeu aí ela cumeçô fazê um fazê uns biquinho já ó eu butava pra ela pra ela fazê o <u>priquitinho</u> engraçado é que tinha o <u>priquitinho</u> e o <u>priquitão</u> (risos)... PESQUISADORA: <u>priquitinho</u> e <u>priquitão</u> são tipo de ponto é me conta? Essa muié sabe de coisa... o <u>priquitinho</u> qual é a diferença do <u>priquitão</u>? INFORMANTE 13: mas num era <u>priquitin’</u> não era <u>priquitin’</u>... PESQUISADORA: pri... priquitin’ eu já tô falando bestêra... INFORMANTE 13: é porque tem o <u>piriquito</u> que a gente pode chamá de <u>priquitin’</u> agora era <u>priquitin’</u> óia o <u>priquitin’</u> ele tinha a pontinha assim arredondadinha e o <u>priquitão</u> ele tinha a ponta mais espaçosa feia porque ele já era assim muito jangarelo num era aconchegante que nem o ôtro... (Ent. 13, linhas 274 a 284).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e

Origem: Do cast. <i>periquito</i> (CUNHA, 2010, p. 490).
Obs: A lexia encontra-se dicionarizada mas com acepção diferente.

153. Priquitão Nf [SSing]

INFORMANTE 13: até almodafa tinha aí ela aprendeu quando ela aprendeu aí ela cumeçô fazê um fazê uns biquinho já ó eu butava pra ela pra ela fazê o priquitinho engraçado é que tinha o priquitinho e o priquitão (risos)... PESQUISADORA: piriquitinho e piriquitão são tipo de ponto é me conta? Essa muié sabe de coisa... o piriquitinho qual é a diferença do piriquitão? INFORMANTE 13: mas num era piriquitin' não era priquitin'... PESQUISADORA: pri... priquitin' eu já tô falando bestêra... INFORMANTE 13: é porque tem o piriquito que a gente pode chamá de piriquitin' agora era priquitin' óia o priquitin' ele tinha a pontinha assim arredondadinha e o priquitão ele tinha a ponta mais ispaçosa feia porque ele já era assim muito jangarelo num era aconchegante que nem o ôtro... (Ent. 13, linhas 274 a 284).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: Do cast. <i>periquito</i> (CUNHA, 2010, p. 490).
Obs: A lexia encontra-se dicionarizada mas com acepção diferente.

154. Rede Nf [Ssing]

PESQUISADORA: ah... e uma coisa que eu queria perguntá também... não sei assim se as moça... se as mulhé rendera também ajudam a tecê as redes de pesca? INFORMANTE 1: ajuda ah... ajuda demais... aqui a gente tece rede... tece sim sinhora... (Ent.1, linhas 387 a 389).
PESQUISADORA: é? E como é que é o trabalho de tecê rede? Que já é diferente... INFORMANTE 1: já é diferente... Faz mal pegá? PESQUISADORA: não... INFORMANTE 1: isso daqui formando que é a tabuleta... neste instante vocês chegaram o R. tava descendo ali não tava? PESQUISADORA: han...han... INFORMANTE 1: pois é! Aquele jeito ali... PESQUISADORA: aí levá a tabuleta o que que é? INFORMANTE 1: tabuleta é esse pauzin de fazê...PESQUISADORA: han...han... INFORMANTE 1: com o nailo... PESQUISADORA: ah tá... INFORMANTE 1: é... PESQUISADORA: aí vocês tecem... por exemplo... que tipo de rede... todo tipo de rede? INFORMANTE 1: eu só ticia até zero oitenta... (Ent.1, linhas 390 a 404).
PESQUISADORA: aí vocês tecem... por exemplo... que tipo de rede... todo tipo de rede? INFORMANTE 1: eu só ticia até zero oitenta... PESQUISADORA: han...han... INFORMANTE 1: de zero oitenta pra baixo... PESQUISADORA: qual que é o nome gozera não? INFORMANTE 1:é serrêra... PESQUISADORA: serrêra... (Ent.1, linhas 406 a 409).
PESQUISADORA: E esse ato de tecer rede tem algum outro nome? Eu vou o quê? Rendá... Fazê renda... Como é que vocês fala... INFORMANTE 2: não... A rede de pescaria é uma... a renda é outra... PESQUISADORA: Mas... por exemplo... quando a senhora vai fazê renda... o nome que usa fazê renda ou... INFORMANTE 2: Ah...eu chamo... “vou tecê renda” ou chamo eu “vou fazê renda”... PESQUISADORA: E a senhora também sabe tecê rede de pes / INFORMANTE 2: não ... PESQUISADORA: Não né? Não é todas que tece rede... INFORMANTE 2: Eu nunca me preocupei não... PESQUISADORA: Ah... só algumas que se gosta não é?... INFORMANTE 2: tem umas que faiz... (...) (Ent. 2, linhas 91 a 99).
INFORMANTE 3: é... almofada a gente faz de pano... você pode fazê de pano de rede.. é... almofada a gente faz de pano... você pode fazê de pano de rede... PESQUISADORA: hum..hum...

154. Rede Nf [Ssing]

INFORMANTE 3: é... esses pano de tecelagem... e pode fazê com aquele saco de istopa... PESQUISADORA: sei... e por dentro tem o que? INFORMANTE 3: e por dentro... a gente usa a palha da folha da bananêra... (Ent. 3, linhas 347 a 352).

PESQUISADORA: aí hoje em dia vocês fazem mais qual tipo de peça aqui? A camiseta... tem saída de praia... INFORMANTE 4: é... tem rede.. (Ent. 4, linhas 179 e 180).

INFORMANTE 4: *pesca... aqui ele pesca...* PESQUISADORA: e ele usa qual tipo? É gozêra... INFORMANTE 4: *todo tipo de rede... tem gozêra... serrêra... pitiuzêra... tudo é /* (Ent. 4, linhas 250 a 252).

PESQUISADORA: hum..hum... mas assim a tecê as redes é com eles ou com vocês? INFORMANTE 4: não... aí já é... a gente nem tece mais... é difícil... compra mais feita né? (Ent. 4, linhas 254 e 255).

INFORMANTE 5: toda as rede... mas ela gosta mais de fazê a renda... mas eu nunca me aprendi a tecê não... (Ent.5, linha 183).

INFORMANTE 5: Bota a rede de nailo pra pescar... Peixe que bate morre né? PESQUISADORA: ... Tem alguma coisa pesada ali né? (Ent. 5, linhas 200 e 201).

PESQUISADORA: E dona M. a senhora também ajuda o seu marido a tecê rede? INFORMANTE 5: não... PESQUISADORA: nunca ajudô? INFORMANTE 5: não... mas tem muitas pessoa... minha filha já tece também rede... PESQUISADORA: E qual tipo de rede que ela tece? INFORMANTE 5: toda as rede... mas ela gosta mais de fazê a renda... mas eu nunca me aprendi a tecê não... PESQUISADORA: Suas três filhas tecem ... que bonito... (Ent.5, linhas 178 a 184).

PESQUISADORA: é e me diz uma coisa dona L. a maioria das esposa... a maioria das renderas aqui elas são esposas de pescadores? INFORMANTE 10: são... PESQUISADORA: são né a senhora é? INFORMANTE 10: () pescadô... ele cumeçô a pescá com onze ano d'idade... PESQUISADORA: inda pesca até hoje? INFORMANTE 10: *té hoje ele pesca?* PESQUISADORA: pesca o que? Pesca de que? INFORMANTE 10: *ele pesca peixe ...* PESQUISADORA: mas é de curral? INFORMANTE 10: *não é de rede... ele pesca lá fora...* PESQUISADORA: ah... INFORMANTE 10: lá fora... (Ent. 10, linhas 181 a 193).

INFORMANTE 11: *foi foi não não foi no alto má não foi nessas praia que eles pesca aqui nessas praia daqui eles pesca e eles bota a rede na água e vão pro seco passar a noite no seco...*

PESQUISADORA: ah passar a noite no seco enquanto a rede enche de peixe... INFORMANTE 11: é enche de peixe é... PESQUISADORA: gente que perigo! INFORMANTE 11: mas meu marido num fica eu já durmi na canoa duas vez já mais ele mas ele não fica... PESQUISADORA: sozinho não fica... (Ent. 11, linhas 335 a 341).

INFORMANTE 13: *eu vô me dêta eu descansá eu vô cantá eu eu vô rí aí tem pessoas até que passa aqui que deus me perdoe... acho que essa inveja é uã coisa assim assim ... "ali a F. dêtada naquela rede olhando quem sobe quem sobe quem desce só falano da vida alhêa" ...eu digo "não né sô falano da vida alhêa não... dêtada aqui com a maiô felicidade do mundo é horas..." ... to orando horas to chorando pensando assim em filho em otas coisa na minha salvação ora to lôvando a deuso e é assim"...* (Ent. 13, linhas 159 a 164).

PESQUISADORA: a senhora é casada com pescadô? () com pescadô e a senhora ajuda ele também a tecê a tecê rede? INFORMANTE 14: *não porque tecê a rede que eu sei tecê só a gozêra e a serrêra...* PESQUISADORA: que a senhora sabe? INFORMANTE 14: que eu sei fazê mas as ôtras num sei... PESQUISADORA: e ele trabalha com o que com curral? INFORMANTE 14: cum pescadêra... PESQUISADORA: pescadêra... INFORMANTE 14: aí eu num sei porque as tabuinha são muito grande demais aí minha irmã... PESQUISADORA: é porque pesca peixe maiô né... (Ent. 14, linhas 144 a 153).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: REDE instrumento de fios tecidos em malhas, do qual usaõ pescadores, & caçadores. Rede de vittola, & malhao, he a rede permitida aos pescadores. Telóes, Trasmalho, Lução, Gabrito, Chichorro &c, são outras redes, das quaes se fallarà nos seus lugares Alfabeticos. Rete, is. Rede de pescar Rete piscatorium.
2. Moraes: REDE, s. f. Tecido de malha mais, ou menos larga, para pescar peixes, tomar aves, que se enredáo nella, e não podem trasmalhar-se. V. Telóes, Trasmalho, Lução, Gabrito, Chichorro, que são espécies de rede: e V. Varredoura. V. Tarrafa. V. Chumbeira, que são a mesma sorte de redes.

154. Rede Nf [Ssing]
<p>3. Freire: REDE, s.f. Lat retis. Tecido de malhas largas para apanhar peixes ou aves.</p> <p>4. Aurélio: REDE. (ê) [Do lat. rete.] Substantivo feminino. 1. Entrelaçamento de fios, cordas, cordéis, aramesetc., com aberturas regulares, fixadas por malhas [v. malha1 (1)], formando uma espécie de tecido. 2.P. ext. Qualquer dos dispositivos feitos de rede, utilizados para apanhar peixes, pássaros, insetosetc. 3.P. ext. Fig. Cilada, armadilha.</p>
Origem: Do lat. rete-is. (CUNHA, 2010, p.551).
Obs:

155. Renascença Nf [Ssing]
<p><i>PESQUISADORA: porque hoje em dia tá na moda batinha né? INFORMANTE 7: batinha. Tem... tem umas atrizes modelos que... não é renda.. pode ser ôtro trabalho... Quem veste assim já bota na cabeça o ponto do jeito que é... minha mãe só pega e pinica... tem um vestido que uma mulhé tava todo de <u>renascença</u>... não sei se era <u>renascença</u>... ou se era de crochê. Uma cliente minha chegou falou que ela queria e a gente fez de renda <u>renascença</u> ... ficou lindo. Todo de manga solta muito bonito. E a gente inventa... (Ent. 7, linhas 70 a 74).</i></p> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: 2. Moraes: 3. Freire: 4. Aurélio:
Origem: Do fr. <i>renaissance</i> (CUNHA, 2010, p. 556).
Obs:

156. Renda Nf [Ssing]
<p><i>INFORMANTE 1: De trinta e oito pra cá... eu comecei a trabalhá com seis anos... PESQUISADORA: seis anos de idade com <u>renda</u>? INFORMANTE 1: Seis anos de idade com <u>renda</u>... e não foi preciso ninguém me ensinar eu aprendi com a minha mãe fazeno na <u>renda</u> dela... eu olhano e eu aprendi a fazê <u>renda</u> e croché... (Ent. 1, linhas 25 a 28).</i></p> <p><i>INFORMANTE 1: aí a minha NUNCA aprendeu... agora levei lá uma almofada na casa... pro... na casa dela tem uma venda de renda... PESQUISADORA: Han... han... INFORMANTE 1: mas ela não qué nem sabê de <u>renda</u>... nem sabê... (Ent. 1, linhas 33 a 36).</i></p> <p><i>PESQUISADORA: é muitos ano fazendo <u>renda</u>... INFORMANTE 1: eu to... eu sô do trinta e oito... eu tenho ... {setenta e cinco né?} setenta e cinco... vô fazê setenta e seis em maio / PESQUISADORA: e setenta de <u>renda</u>? INFORMANTE 1: e setenta de <u>renda</u>... PESQUISADORA: é muita coisa... INFORMANTE 1: a gente... aborrece tudo aborrece mais eu... se você vê minha <u>renda</u> / (Ent. 1, linhas 42 a 48).</i></p> <p><i>INFORMANTE 1: é de todas... essa daqui é que vai ganhá que dizê dais <u>renda</u>... porque tem <u>renda</u> bonita demais... (Ent. , linhas 69 e 70).</i></p> <p><i>PESQUISADORA: M. faz <u>renda</u> também? INFORMANTE 1: faz... agora aquela ali...</i></p> <p><i>PESQUISADORA: é danada... INFORMANTE 1: você deve conversa com ela... porque em <u>renda</u> ela faz todo tipo de coisa de renda... (Ent.1 , linhas 83 a 86).</i></p> <p><i>PESQUISADORA: a fazê <u>renda</u> lá?! INFORMANTE 1: fazê <u>renda</u> lá... Mas era assim... o meu pai é de Acarau e minha mãe é do... a minha mãe é do() eu já nem me lembro mais... o papai era do Acarau e a mamãe era do... Tairí ... Trairí... (Ent.1 , linhas 94 a 96).</i></p> <p><i>INFORMANTE 1: tinha criança que fazia renda até... só de calcinha piquinininha na almofada fazendo <u>renda</u>... (Ent.1 , linhas 139).</i></p> <p><i>PESQUISADORA: ah... entendi. Então que diz que tudo que tem de renda aqui foi trazido da cultura</i></p>

156. Renda Nf [Ssing]

de lá? Foi da cultura de lá... *INFORMANTE 1: Oia... aqui tem muita gente que faz renda mais é porque já veio de lá... Foi começado a trabalhar com renda e se você vier tem muita rendera e tem muita renda... PESQUISADORA: sei..*

INFORMANTE 1: muita renda... Tem muita renda mais não é do Maranhão não... é bem da cultura do Ciará... (Ent. 1, linhas 165 a 170).

INFORMANTE 1: renda se faz só com linha se () o nome... tem muito nome (Ent.1 , linhas 211).

INFORMANTE 1: É um papel desse aqui... eu vô fazê a renda... vô biliscá o papelão da renda sabe? bilisco nesse aqui... com esse aqui e os ispinho aqui eu acerto nessa almofada... aqui que tá... aqui a almofada aí eu vô fazê... (Ent. 1, linhas 228 a 230).

INFORMANTE 1: de renda... aí a minha cabeça... que dá pra isso... deu muito agora não dá mais... mas eu fazia o pexinho aqui... e aí eu fazia o pexinho na renda mas a M. tem essas coisa tudinho lá...

PESQUISADORA: que é o feitió né? INFORMANTE 1: o feitió... a gente faz o que a gente qué... faz saia... faz vestido... faz blusa... faz a renda... faz aquelas flô... uma renda uma roupa... (Ent.1 , linhas 255 a 259).

INFORMANTE 1: é nem agora eu faço que nem o outro... tudo qualquer coisa de renda se você quiser sabê... (Ent.1 , linha 283).

PESQUISADORA: E dona L. e... por exemplo... esse trabalho de fazê renda chamam de qual nome? Vou fazê renda? INFORMANTE 1: nós vamu fazê renda... (Ent.1 , linhas 294 a 296).

PESQUISADORA: e comércio da renda. Senhora acha que melhorou... piorô... INFORMANTE 1: sinhora... aqui agora tem uma vantagenzinha... mais por causa dos turista... PESQUISADORA: han...han... INFORMANTE 1: eles entram e compram... mais no nosso tempo era melhó... tinha poca rendera que vendia a renda melhó... (Ent. 1, linhas 314 a 318).

INFORMANTE 1: e faz como renda elas lá fazí como nós... cria a renda elas cria aquele daquela folha do buriti... da palha do buriti / PESQUISADORA: ah... (Ent.1 , linhas 348 a 350).

INFORMANTE 1: e... é o que a gente qué... o que a gente qué formá de renda / PESQUISADORA: dá pra fazê... (Ent.1 , linhas 431 e 432).

PESQUISADORA: Aí então a senhora não veio aqui... ((Oi! Tudo bem?)) A senhora não veio aqui pra trabalhar com renda não? INFORMANTE 2: não... PESQUISADORA: aí depois quantos anos... a senhora foi trabalhá com renda? INFORMANTE 2: Ah... Eu fui trabalha com renda... depois de fica que meio que abriu a estrada... Aí foi disendo ()... (Ent.2 , linhas 34 a 40).

INFORMANTE 2: (...)Aí butaram otros tipos de linha que faz ... tem umas linha que faz umas... renda grossera umas renda feia ... e é assim... (Ent. 2, linhas 46 e 47).

PESQUISADORA: é tudo né? Esse aqui é o birro... e aí o outros procura / INFORMANTE 2: Aí é a renda... a renda de birro... (Ent. 2, linhas 54 e 55).

INFORMANTE 2: depende do tipo... da renda que a gente qué fazê... PESQUISADORA: haham... mas assim / INFORMANTE 2: o ponto é qué diferente... tem a traça... diferente... mei' pano... mei' trocado... má tudo é uma coisa... só que a renda é só o ponto mais comum... o croché... o croché que faz... PESQUISADORA: Eu entendi... INFORMANTE 2: O croché que faz a rosa... faz o cravo... f tudo só num ponto só... só com uma agulha só... o mesmo jeito que faz a renda... A diferença é que tem... porque umas é larga outra é estreita... outras é média... Toalha, caminho... É caminho... é camiseta é blusão aí... é a diferença qui tem... mais o ponto... PESQUISADORA: ...Mais isso que você chama de meio trocado é o que? INFORMANTE 2: É o ponto da renda... (Ent. 2, linhas 59 a 68).

PESQUISADORA: E esse ato de tecer rede tem algum outro nome? Eu vou o quê? Renda... Fazê renda... Como é que vocês fala... INFORMANTE 2: não... A rede de pescaria é uma... a renda é outra... PESQUISADORA: Mas... por exemplo... quando a senhora vai fazê renda... o nome que usa fazê renda ou... INFORMANTE 2: Ah...eu chamo... "vou tecê renda" ou chamo eu "vou fazê renda"... PESQUISADORA: E a senhora também sabe tecê rede de pes / INFORMANTE 2: não ...

PESQUISADORA: Não né? Não é todas que tece rede... INFORMANTE 2: Eu nunca me preocupei não... PESQUISADORA: Ah... só algumas que se gosta não é?... INFORMANTE 2: tem umas que faz... (...) Só sei mesmo bordá..., fazê croché... PESQUISADORA: Ah tá... Qual é a diferença maior do croché pra renda? INFORMANTE 2: A diferença é grande... A renda a gente corta e não desmancha... e o croché é feito com vários pauzinhos que a renda é feito só com agulha... PESQUISADORA: A renda não desmancha? INFORMANTE 2: não... PESQUISADORA: Amarrá mais fácil... INFORMANTE 2: é... (Ent. 2, linhas 91 a 108).

PESQUISADORA: e me diga uma coisa em relação a... a renda... eu queria saber desde o comecinho... como que a senhora aprendeu... INFORMANTE 3: com minha mãe... PESQUISADORA: como é que era a renda lá no Ceará? INFORMANTE 3: nu... nu... na época pra trás... quase toda mulhe fazia renda... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 3: é... é... / PESQUISADORA: era costume... INFORMANTE 3: tinha muita renda... aí eu... eu... eu era associada... na associação de Fortaleza...

156. Renda Nf [Ssing]

na CEARTE... já ouviu falar da CEARTE... lá em Fortaleza? PESQUISADORA: não... que é das renderas né? INFORMANTE 3: isso... te a CEARTE e tem o Sebrae... e a CEARTE... ela é um centro social do governo... ela... ela vende... vai lá... você se associa... aí eles começa a fazer pedido de renda pra gente... e nessa época tinha muita rendera... aí só os pedido da CEARTE... não dava pra... pra eu... pra dis... / pra despacha a renda... despachá a renda toda né? Aquela que a CEARTE rejeitava... porque lá é assim... é tudo por metragem... na largura... no tamanho... é tudo... tudo padronizado né?então... aí eu trazia e vendia aqui... PESQUISADORA: hum... (Ent. 3, linhas 106 a 122).

INFORMANTE 3: e aí eu fui () e aí depois... eu passei a compra que a CEARTE não queria renda grossa... só renda fina... e eu... eu... aí eu fui... trazia pra cá... aí o povo isculhia as melhó... e as mais ruim ficavo... aquelas que elas menos interessava... mais feia... das cores mais feia né? PESQUISADORA: hum...hum...INFORMANTE 3: aí eu fiquei com muito... um monte de renda... duas bolsada de renda... (Ent. 3, linhas 130 a 135).

INFORMANTE 3: era... não queria... mas aí... por causa de eu te muita renda... eu me obriguei a fica... meu irmão disse: “M. compra aquela casa que eu vo fica lá...” (Ent. 3, linhas 140 e 141).

INFORMANTE 3: aí eu... eu fui e dipendurava as rendinha... e comecei vendendo... aí o dinheiro que eu... que eu... recebia aqui... aí eu comprava mais renda lá... e fui butando... e foi crescendo... aí eu fui deixando de trazê pra elas... (Ent. 3, linhas 149 a 151).

INFORMANTE 3: eu só gosto de coisa larga... aí de repente eu comecei a fazê vestido... fazê blusa... e camiseta... eu faço tudo de renda... PESQUISADORA: olha... e a senhora... por exemplo... a senhora consegue me explicá... por exemplo... o que seria o trocado... é o primeiro ponto da renda?

INFORMANTE 3: é... o primeiro ponto da renda... é... o primeiro ponto da renda é o trocado...

PESQUISADORA: que é o mais... INFORMANTE 3: é... esse daqui ó! Vô fazê pra você...

PESQUISADORA: aqui ó... eu vô levanta / INFORMANTE 3: ah tá... PESQUISADORA: deixa eu tira uma foto... porque eu sô a que não (Ent. 3, linhas 193 a 202).

INFORMANTE 3: é... essa traça... essa petalazinha aí... forma todo tipo de flô de renda... (Ent. 3, linhas 228).

INFORMANTE 3: todo picadinho com esses furinho formando o desenho da renda...

PESQUISADORA: sei... certo... aí eu vou usar o que também? A linha... (Ent. 3, linhas 338 e 339).

INFORMANTE 3: “olé mulé rendera... olé mulé rendá...” PESQUISADORA: ah... aquela mais conhecida né? INFORMANTE 3: “tu me ensina a fazê renda... que eu te ensino a namorá...” (Ent. 3, linhas 410 a 412).

PESQUISADORA: quem fazia mais renda... INFORMANTE 3: era... fazia mais renda... aí nós escolhia aqueles cantores na época era mais famoso... era... era... era Odair José... era... era... o Paulo Sérgio... era o... o... nem me lembro mais o nome... Ronie Von... (Ent. 3, linhas 432 a 434).

INFORMANTE 3: e aí a gente ficava naquela brincadeira... ah... era uma brincadeira tão boa... a gente fazia muita renda... hoje as meninas não querem mais... (Ent. 3, linhas 445 e 446).

INFORMANTE 3: não querem mais não... não querem mais nada... é só... só istudá... e querê namorá e pronto... não querem mais trabalha não... fazê renda não... eu acho que vai até acaba esse negocio de renda com o tempo... (Ent. 3, linhas 451 a 453).

INFORMANTE 3: não tem muito não... é agora você faz é os modelo... uma renda... a renda é uma coisa só né?mas a gente inventa os modelo... (Ent. 3, linhas 487 e 488).

INFORMANTE 3: aqui é o formato dos modelo... cada renda... forma seus modelo pra fica diferente... né? E fica bonito... (Ent. 3, linhas 499 e 500).

INFORMANTE 3: porque na região nossa... a renda lá é cara... que a renda lá do Acaraú é uma renda bem feita... é uma renda bunita... e a renda de... de... das outra praia... de Fortaleza... Mundaú... é... a... a... a... como é o nome das praia meu Deus do céu... outras praia que tem lá... varias praia lá fazem renda... em Fortaleza... mas a renda é... é diferente do Acaraú... a renda do Acaraú é uma renda bem feita... uma renda mar miúda... mar bunita... o pessoal sabe trabalha mesmo / (Ent. 3, linhas 551 a 555).

PESQUISADORA: e a senhora acha mais diferente também... é em relação ao feitio não é?

INFORMANTE 3: o fetio que é diferente... PESQUISADORA: é... não é tão perfeito... INFORMANTE

3: é uma renda graúda... PESQUISADORA: é... não tem aquele acabamento delicado né?

INFORMANTE 3: é... é graúda... eles faz as renda muito graúda... não tem aquele acabamento...

PESQUISADORA: é... verdade... (Ent.3, linhas 586 a 592).

INFORMANTE 3: mas só que não é a renda assim bem feita... bem trabalhada como as que a gente faz aqui... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 3: cê ta vendo que a renda dessa é bem trabalhada né?PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 3: aí / PESQUISADORA: então a

renda eu sei se ela é boa quando a renda é miúda? INFORMANTE 3: aí ó! A gente vê que é assim bem /

156. Renda Nf [Ssing]

parece sê ingomada não é? (Ent.3, linhas 603 a 609).

INFORMANTE 3: não... na verdade assim... eu quero dize assim... tudo bem... olhe eu tenho esse monte de renda aí né? *PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 3: mas nesse monte de renda aí... o cliente ainda vem... olha olha olha... sai vai se embora que ainda não se agrada... né?* (Ent.3, linhas 629 a 633).

PESQUISADORA: e assim... qual é o papel que eu não entendi ainda... qual é o papel da associação das renderas? *INFORMANTE 3: é fazê renda também...* *PESQUISADORA: fazê renda... dá suporte pra vocês...* (Ent.3, linhas 667 a 670).

INFORMANTE 3: aí a gente tem aqui... mas se ela trouxe uma encomenda rápido... aí a gente ajuda ela a fazê... a renda dela... (Ent.3, linhas 692 e 693).

PESQUISADORA: / e o que que dá pra fazê com renda tudo né? *INFORMANTE 3: tudo! A gente faz a toalha... faz a bandeja... a gente faz o vestido... a gente faz a camiseta... faz a blusa... tudo que você imagina... e quisê fazê de renda... você faz...* *PESQUISADORA: e de coisa... de casa também?* *INFORMANTE 3: faz... basta você sê criativo né?* *PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 3: pano de prato... a gente bota barra... pano de prato... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 3: ali... a barrinha de renda... PESQUISADORA: certo... INFORMANTE 3: a toalha de banho... você bota a barrinha e fica linda...depois vem a goma... PESQUISADORA:é... INFORMANTE 3: ainda depois de pronta... PESQUISADORA: caminho de mesa... também né?* *INFORMANTE 3: é... a gente faz... a gente bota as barrinha de renda...* (Ent.3, linhas 693 a 710).

PESQUISADORA: como é que é feita essa goma? *INFORMANTE 3: a gente... a gente lava a renda...* (Ent.3, linhas 715 e 716).

PESQUISADORA: oh... mais fica lindo... INFORMANTE 3: ... que a renda tem vários tipo... *PESQUISADORA: ((continuação da entrevista com dona F.)) o pessoal de fora... eles valorizam a renda né?* *INFORMANTE 3: é... eles preferem mais a renda...* (Ent.3, linhas 736 a 739).

INFORMANTE 3: é... pinicá... é... “vamo pinicá essa renda aqui...”esse desenho dessa renda... a gente fala assim... pinicá... (Ent.3, linhas 791 e 792).

INFORMANTE 3: o fetio que é diferente... PESQUISADORA: é... não é tão perfeito... INFORMANTE 3: é uma renda graúda... PESQUISADORA: é... não tem aquele acabamento delicado né? *INFORMANTE 3: é... é graúda... eles faz as renda muito gráuda... não tem aquele acabamento...PESQUISADORA: é... verdade... (Ent.3, linhas 587 a 592).*

INFORMANTE 3: começa só três ponto... a renda... eu digo... é três ponto... três ponto que eu faço qualque um desenho... eu vô fazê... aqui eu vô fazê a traça... que é... esse ponto aqui... que chama a traça... que nós chama... em outro lugá chama barata... (Ent.3, linhas 869 a 871).

INFORMANTE 3: então... a renda trabalhada... é só com quatro... aí ela tem esse jogado aqui né? Tem uma linha... (Ent.3, linhas 884 e 885).

INFORMANTE 3: tem muita renda que... pede muito ela... ta aqui olhe... essa aqui que é... a... *PESQUISADORA: embucha...?* *INFORMANTE 3: embuchada... metade da traça... (Ent.3, linhas 918 a 920).*

INFORMANTE 3: que se fazê a renda com essa linha... os pontos vão ficá menorzinho... é a linha fina... PESQUISADORA: hum... quer dize então que são as linha fina que fica mais... INFORMANTE 3: a Esterlina... a Esterlina... PESQUISADORA: entendi... INFORMANTE 3: que a renda é mais cara... um caminho que a linha grossa custa setenta... oitenta... nela vai cento e poco... (Ent.3, linhas 943 a 948).

INFORMANTE 3: aí custa mais você tece a renda... essa linha grossa já é mais fácil tecê... PESQUISADORA: ah... é... INFORMANTE 3: ta entendendo... a linha fina... olha quase um metro na linha grossa... na linha fina eu faço mei metro... PESQUISADORA: e fica uma coisa mais delicada né? *INFORMANTE 3: fica... e a renda fica toda mais delicadinha... (Ent.3, linhas 952 a 957).*

INFORMANTE 3: croché não... eu faço deitada... conversando com você... faz quatro... cinco... ganha dinheiro mais rápido com croché... eu faço quatro cinco chapéu num dia então eu vendo... e essa renda daqui... se eu fô fazê eu só vendo a dúzia... e essa renda aqui... se fô ganha é em metro... (Ent.3, linhas 983 a 985).

INFORMANTE 3: é () esse aqui tem um entremeio... e tem uma renda de bico... PESQUISADORA: o que é entremeio? *INFORMANTE 3: a renda de bico é que coloca nas roupas... cê ta entendendo?* *PESQUISADORA: ai que lindo... INFORMANTE 3: aí tem o bico... aí o entremeio tem esses dois lado aqui ó! Tem que te esses dois lado aqui... PESQUISADORA: hum... INFORMANTE 3: o entremei tem que sê dois lado aqui ó! Ele é butado.. assim no mei das roupa... PESQUISADORA: ah... que é pra botá no meio... por isso que é entremeio... e a renda de bico é uma ponta... INFORMANTE 3: tem que tê.. as barra... (Ent.3, linhas 994 a 1001).*

INFORMANTE 3: a renda... desde uma pala... uma palinha que cê fo compra é quarenta reais... vinte

156. Renda Nf [Ssing]

reais... e pode fazê uma pala dessa aqui ó! Só dobro aqui... ela já fez uma pala... ela fez um V... (Ent.3, linhas 1018 e 1019).

PESQUISADORA: e me diz uma coisa antes de mais nada... com vinte anos a senhora começô a fazer renda né? Já tinha esse corredor da renda? **INFORMANTE 4:** / isso que... quem começou esse corredô da renda aqui foi eu e essa menina... essa senhora... **PESQUISADORA:** a dona M.? não né? **INFORMANTE 4:** A dona M. B. nós fazia aqui... e tinha a dona M. lá... na frente uma senhora de idade que vendia a renda ... **PESQUISADORA:** hum...hum... **INFORMANTE 4:** mas não tinha loja... aí nós fazia aqui eu... a dona M. ali... depois a F., aquela lôra aí a / a gente fazia aquelas gola é... pano de bandeja... quase nem tinha camiseta nesse tempo... **PESQUISADORA:** era... **INFORMANTE 4:** aí... nós tivemos dificuldade de água muito grade... a gente guardava em caixa de camisa as renda porque quando aparecia um carro o pessoal comprava... quem tinha pouca água pra enche os tonel tinha água... **PESQUISADORA:** aí vocês faziam qual peça assim? **INFORMANTE 4:** mais era pano de bandeja e... e... renda de metro... **PESQUISADORA:** renda de metro pra vendê o metro? **INFORMANTE 4:** era... que vendia o metro em peça... então assim: aqui mesmo nesse pedaço era eu... ela... a dona M. do A... uma senhora que Deus já levou e a / essa dona aí lôra... a F. dessa casa grande aí... **PESQUISADORA:** hum...hum... **INFORMANTE 4:** aí ela começou a fazê renda também... e aí a M. ... nós cumeçemo... assim... era só nós aqui. aí ... istendeu... **PESQUISADORA:** entendi... aí depois que começô... e aí a... e como é que foi pra ter esse monte de... de loja de renda... teve algum tipo de incentivo... (Ent. 4, linhas 145 a 166).

PESQUISADORA: Ah... bonito esse ponto aqui... parece um pingo...e a cantiga... **INFORMANTE 5:** É... tem a música da... “Alô mulê rendera, alô mulê rendá. Tu me ensina a fazê renda que eu te ensino a namorar”... E tem mais um tiquinho... só que agora eu não to lembrando. Eles chega aqui e canta muito... os turista... ... (Ent.5, linhas 171 a 174).

INFORMANTE 5: toda as rede... mas ela gosta mais de fazê a renda... mas eu nunca me aprendi a tecê não... (Ent.5, linha 183).

INFORMANTE 5: pra ela tira também... ó! Maria Cecília! tu já sabe fazê renda? Já? (risos)

PESQUISADORA: Tu já sabe fazê renda? **INFORMANTE 5:** Eu sei fazê renda moça! Ainda agora chegô um rapaz aqui... Aí o rapaz: Tem uma cor pra eu saí né? Eu tava lá fora quando ele chegou... “Vovó... o vovó o moço voltou... o moço...”(Ent.5, linhas 247 a 250).

INFORMANTE 6: com dezesseis anos eu vim pra cá... mais é... como eu to lhe dizendo... com oito anos eu comecei a fazê renda... (Ent.6 , linhas 8 e 9).

PESQUISADORA: dente de rato é o nome da renda... **INFORMANTE 6:** é o nome da renda... dente de rato... **PESQUISADORA:** e ele é feito com esses tipos de ponto... trança e traça... **INFORMANTE 6:** trança e traça... **PESQUISADORA:** ah... entendi... tá... **INFORMANTE 6:** aí eu... e quando foi ficando... já mais... moça... aí comecei a fazê rendas larga... comecei a fazê a flor de seda... comecei fazê... o bico que chamam... cigano... cigana... o bico da cigana... **PESQUISADORA:** oh... **INFORMANTE 6:** viu? Eu até tinha esquecido e agora lembrei... **PESQUISADORA:** ham...ham..... como é que é o bico da cigana? **INFORMANTE 6:** é... é fácil... é... ele é de... ele é como lhe falei de urela e de ponto e a renda vem com as duas urelas com... o pano no mei... (Ent.6 , linhas 18 a 29).

INFORMANTE 6: né? Então ela assim... lá no Ceará... eu raspava mandioca... eu fazia renda... como eu lhe falei que... eu desde criança novinha... como uma menina de doze anos... eu já tirava assim... carga de animal grande... de burro... tudo pra quê? (Ent.6 , linhas 42 a 44).

INFORMANTE 6: desde pequena eu sempre gostei de ganha o meu dinheiro e aí ela foi dezê / “minha filha” ... que também a gente... raspa mandioca... a gente também raspa mandioca aqui pra gente ganha dinheiro... e faiz renda... aí eu disse assim: “senhora... quando tem... mandioca...” eu raspo mandioca... porque... ganha mais... ganha mais um pouquinho mais... (Ent.6 , linhas 48 a 51).

INFORMANTE 6: um pouquinho mais... a luta é grande mais ganha mais... e quando não tem eu faço a minha renda... depois que eu vou fazê... aí ela mando eu fazê a almofadinha pra mim... foi aí que você percebeu... **PESQUISADORA:** hum..hum..... **INFORMANTE 6:** comecei... comecei a faze renda aqui... eu mais minha mãe... a... a outra minha irmã... e e... aí nós vendia pra dona M. ela morava em Raposa e a gente vendia essa renda pra ela... fazia mais renda de encomenda porque quando as cliente de papai ia aniversariá quiriam... os enfeite da mesa... caminho de mesa todo enfeitado de renda... (Ent.6 , linhas 53 a 59).

PESQUISADORA: ah... que a senhora falou que no começo a renda aqui era no metro... **INFORMANTE 6:** era... era no metro e a gente vai levando... vai levando... e você se / “aí dona M.? não... continua fazendo... foi só levanta... você completa cinco metro e vai fazendo... mede corta que eu vô amanhã pra São Luiz e vou levá”... e assim foi indo e a gente... foi o tempo que... relaxou mais aqui um pouco a renda de meta de... pra nós porque aí apareceu... o bolero... no caso esse aqui... **PESQUISADORA:** hum..hum..... **INFORMANTE 6:** apareceu a bandeja... a camiseta... o caminho de

156. Renda Nf [Ssing]

mesa que em vez de onde elas compravo o pano... as ricaça e mandava enfeitá de renda... a gente já faiz ele completo... (Ent.6 , linhas 66 a 73).

INFORMANTE 6: as pontas da renda são assim ó! PESQUISADOR: hum..hum... INFORMANTE 6: as ponta de renda... agora... cada qual diferente... cê ta entendendo? (Ent.6 , linhas 87 a 89).

INFORMANTE 6: que antigamente era como a gente tava falando... com a renda de metro... já hoje não é... não é nem aplicação... é o fundo de copo que elas compram pra esse tipo de coisa... e eu me criei fazendo renda... aí eu me casei... tive filhos... mais não abandonei a minha renda... fiquei fazendo renda e cuidando dos meus filhos... e eu faço esta renda aqui... até hoje... até hoje... só que não fiz mais... ta com... ta com uns quinze... vinte anos... que eu não faço mais renda de metro... (Ent.6 , linhas 102 a 106).

INFORMANTE 6: na renda... trabalhei... e é a minha maneira de garanti... PESQUISADORA: É... INFORMANTE 6: (risos) de criança viu? Então é... a renda em Raposa... hoje... está na mídia...

PESQUISADORA: ta... INFORMANTE 6: minha filha... viu? Você chega em Raposa... você encontra as lojinha de roupa? Encontra... você encontra... cinco... seis... oito... dez loja de renda ali...

PESQUISADORA: uma atrais da outra... INFORMANTE 6: uma atrais da outra... uma atrais da outra... por quê? Porque essa renda... ela tem muita saída... ela não tem saída pra mim que já faço e... eu nem do conta... mais eu acho que... vem gente... do Brasil... do Maranhão... do Brasil... e do mundo... do exterior... lá de fora veio comprá aqui... meu Deus do céu... quando chega os turista aqui... (Ent.6 , linhas 117 a 127).

INFORMANTE 6: é... no caso... as renderas de Raposa... elas vão compra no Ceará porque as daqui não tão dando conta... e lá elas compram mais barato... as bichinha faz tão baratin... não sei quem é que dá linha pra elas porque eu compro linha... não dá pra vende... mais barato do que o que eu faço... e... e elas estão enricando... tem gente que começou a compra renda... com... com uma valise assim ó! Desse tamanho... hoje leva três... quatro mala... cheia de renda... PESQUISADORA: pra revende... INFORMANTE 6: tem toda a qualidade... revende tudo aqui... PESQUISADORA: ah... então qué dizê que tem muita renda feita aqui... eu vi alguma loja / INFORMANTE 6: tem muita... PESQUISADORA: eles trazem de lá... é Acaraú? Ou outra cidade também? INFORMANTE 6: vem muitas é... renda de fora... de Acaraú... PESQUISADORA: Acaraú... INFORMANTE 6: de Acaraú... tem uma cidadezinha lá... de Acaraú... aí vem uns bairro que faz renda... Cuaçu... Curral Velho... Carrapicho... esses bairro... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: e os bairro que faz renda viu? (Ent.6 , linhas 140 a 155).

INFORMANTE 6: ninguém me dá ispin... não me dá linha... e eu... como / “mais no Ceará nós compra de tanto”... “pois vá comprá no Ceará”... porque aqui na cidade de Raposa eu acho que não encontra... minha renda não encontra... PESQUISADORA: é... INFORMANTE 6: não encontra... eu agora faço direto assim... causa da coluna... faço pouquinho é... PESQUISADOR: hum..hum... INFORMANTE 6: fiz essa renda aqui ontem... inda to só com esse pouquinho aqui que é porque... a... a minha médica qué que a gente... faça isso daqui... isso daqui... ele serve... ele é um ganha pão... e ele é meu exercício assim... (Ent.6 , linhas 162 a 170).

INFORMANTE 6: essas mãos... que estão ficando já...velinhas... e os ossos vão endureceno... e aí esse daqui... é o exercício... aí eu vo coloca mente... digo assim... “Meu Deus... como que ta aconteceno isso?” pego aqui... eu vô senta com essa renda... tatatatata... tatata... e aqui ta... / (Ent.6 , linhas 174 a 176).

INFORMANTE 6: um dia eu passei cinco mês sem fazê... eu tava achando que os ossos da minha mão... eles tava assim... ficano duro... eu digo... “não Senhor... vou tê que fazê uma rendinha... o meu exercício...” porque... não... tenho condição... tenho não... mais não faço mais essa renda por... por precisão... como eu já fiz... quando meu marido não era aposentado... meus filho pequeno... que a gente fazia uma peça / ele ia trabalhá... a gente fazia uma pecinha de renda... e ali eu já ia vendê... pra necessidade dum leite... dum coisa ali... pra um filho... de casa... não... graças a Deus não... não to fazendo por essa necessidade mais por necessidade de SAÚDE... PESQUISADORA: hum..hum..... e também é um prazer não é? INFORMANTE 6: de saúde... e gosto de fazê minha renda... (Ent.6 , linhas 184 a 191).

PESQUISADORA: (risos) doutora na renda... INFORMANTE 6: eu disse... “não sei não senhô... doutor é você... trabalha na dengue... ganha bem... não é eu...” ele disse... “dona F., a gente... o trabalho da gente... que seja na pesca... que seja na renda... é um doutor... uma doutora... se a minha mulé chegá aqui... ela não faz o trabalho que você tá fazendo...ela pode até pegá um computadô e... dismanchá se fô possível até o mundo e fazê de novo...” ele falando assim... PESQUISADORA: da mulhé dele? INFORMANTE 6: é... mais é... “essa renda aqui ela não faz... porque essa é difícil...” (Ent.6 , linhas 202 a 208).

INFORMANTE 6: ensino assim... ela... ela me advertiu pra que também eu ficasse aqui fazendo renda

156. Renda Nf [Ssing]

junto com ela e eu já criei filhos... e netos... hoje eu estou aqui... ainda na minha renda... e só pretendo me despartá dessa almofada... (Ent.6 , linhas 219 a 221).

PESQUISADORA: aí dependendo do que você vai fazê... você bota a renda aqui né? INFORMANTE 6: aí eu vô... aí eu vo faze a minha renda só de uma cor... (Ent.6 , linhas 304 e 305).

INFORMANTE 6: você diz assim... “eu quero a minha renda colorida... mais eu não quero... com pouco... eu quero bem colorida... aí eu boto... dois pares... desse vermelho aqui... eu boto... desse aqui... eu boto... dois é... desse aqui... desse mesclado aqui...” (Ent.6 , linhas 332 a 334).

INFORMANTE 6: que nasceu isso aqui viu? As mulheres fazendo renda... sobrevivendo disso daqui...

PESQUISADORA: aí que... VOCÊS trouxeram isso pra cá? INFORMANTE 6: aí eu vim pra cá... quando eu cheguei aqui... aí as pessoa... tinha pouca gente... que fazia renda... mais minha mãe... a dona O. ... (Ent.6 , linhas 373 a 376).

INFORMANTE 6: é... foi a dona Trigueira que aí ela... mais ela incentivou muita gente aqui a fazê renda... porque ela... elas sabio mais não fazio... (Ent.6 , linhas 380 e 381).

INFORMANTE 6: deixa em cima da rudia... e a gente fazia renda sentada no chão... todo mundo... aquele bando de mulé... fazendo as renda nas suas almofadinha... em cima da sua rudia... aí eu vi que assim era melhó... eu peguei e fiz isso daqui... (Ent.6 , linhas 395 a 397).

INFORMANTE 6: eu tenho duas... PESQUISADORA: as duas fazem renda? INFORMANTE 6: só uma... PESQUISADORA: hum..hum.... INFORMANTE 6: só uma... faz renda... (Ent.6 , linhas 406 a 410).

PESQUISADORA: a senhora é dotôra da renda... eu sô das história... (risos) INFORMANTE 6: não... pena que minha roupa ta feia... {boa tarde...} PESQUISADORA: ela é sua filha que trabalha com renda é? (Ent.6 , linhas 472 a 474).

PESQUISADORA: não garanto fazê renda... mais os / INFORMANTE 6: mais garante que vá aprende alguma coisa... PESQUISADORA: é... aqui... vamos supor... o que a gente tem aqui em termos de ponto? Quais os pontos que a gente tem aqui nessa sua renda? INFORMANTE 6: ah... a minha renda... tem... ela tem traça... (Ent.6 , linhas 488 a 492).

PESQUISADORA: certo... alem desses ponto... quais outro ponto que tem? INFORMANTE 6: olha... na... na renda nós temo... a traça... (Ent.6 , linhas 530 a 532).

PESQUISADORA: e aí... pra gente termina eu queria que a senhora me disse o que que mudo... da renda pra quando começou pra hoje... INFORMANTE 6: eu achei uma mudança muito grande...

PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: porque antes... a nossa renda... ela era mais valorizada... Raposa... era... não... não era nem município... (Ent.6 , linhas 600 a 605).

INFORMANTE 6: viu? Eu tenho que dá a mão a palmatória... que não parece com cidade... mais... a renda da gente... era valorizada... hoje... não é valorizada... cê vai me perguntá? PESQUISADORA: é... isso que eu queria pergunta... por quê? INFORMANTE 6: justamente... a sua palavra é essa... me desculpe mais... eu tinha... que tira ela da sua boca... PESQUISADORA: é... INFORMANTE 6: por que... entra muita renda do Ceará... renda barata... e você sabe... que um serviço desvaloriza o outro... (Ent.6 , linhas 610 a 616).

INFORMANTE 6: bem trocidinho aqui... pra renda fica... bem bunitinha... durinha... e / PESQUISADORA: acabadinha... (Ent.6 , linhas 623 e 624).

INFORMANTE 6: ficam indignada por quê? Barato... e aí... fazem de qualquer jeito viu? Então a nossa renda aqui é renda de qualidade... PESQUISADORA: entendi... INFORMANTE 6: e elas querem compra... esta renda de... qualidade pela uma desqualificada... eu digo é assim... (Ent.6 , linhas 630 a 634).

INFORMANTE 6: por quê? Eu faço a minha renda aqui... direitinho... a minha nora...E. faz renda muito boa... nossa... muito boa... E. veio quase aprende a faze renda aqui com a gente... mais hoje... ela faz como aquele ditado popula... ela dá de pau na gente... PESQUISADORA: olhe... INFORMANTE 6: faz muito bem viu? Só que aí... eu fui... “eu comprei de fulano de tanto... cicrano trouxe do Ceará... me vendeu de tanto...” eu guardo... eu guardo... e espero as férias... quando chega as férias... “ei F., tem renda pra vende...? quanto é? É tanto...” eu digo... “você não qué compra não? Ah... eu quero... pois é ta aqui é pra vende... mais é de tanto... mais a nossa renda... ela perdeu o valor por causa da renda... começo a entra renda do Ceará pra cá... (Ent.6 , linhas 641 a 649).

INFORMANTE 6: e eu disse... “porque L., você como prefeito de Raposa... você era pra proibi... esta renda... entra em Raposa... a renda do Ceará... eu digo... me perdoe... me desculpe... porque você que é o prefeito... mais eu também... como rendera... eu tenho que... te o meu direito... a minha autoridade de fala...”. eu digo... “olha... a renda do Ceará... tinha que se vendida... no Ceará... e a renda do Maranhão... vendida no Maranhão... porque hoje aqui... já tem muitas renderas... PESQUISADORA: claro... INFORMANTE 6: porque tinha muitas renderias mesmo viu? PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: “mais nós não... aí a renda vem... do Ceará pra cá... desvaloriza o nosso trabalho...”

156. Renda Nf [Ssing]

(Ent.6 , linhas 655 a 653).

INFORMANTE 6: (...) o tempo que eu to aqui... eu to fazendo a minha renda... PESQUISADORA: é... tava perdendo tempo... INFORMANTE 6: foi por isso que eu acho... que a renda... desvalorizo só por isso minha filha... não foi por outra coisa... PESQUISADORA: porque se fosse só vocês aqui fazendo ela ia valoriza mais... INFORMANTE 6: ah... se fosse só... fazeno nossa renda era valorizada... eu faço um bolero desse daqui... se eu vende ele por trinta reais... coma muitos anos atrais... eu fiz umas camisetinha... bem aqui assim... (Ent.6 , linhas 673 a 679).

INFORMANTE 6: é... eu tenho amô pelo meu trabalho... eu tenho tanto amô pelo meu trabalho que olha... quando eu assentava uma renda... que fazia tempo que eu não fazia... eu deitava... acordava... a renda assentada... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: eu vô fazê a minha renda... minha renda é tão bonita... eu faço com amor... o meu trabalho... (Ent.6 , linhas 701 a 705).

INFORMANTE 6: por isso é que... as pessoas fazem renda... ligeiro demais... porque fazem de qualque jeito... eu não faço renda de qualque jeito... a E., não faz renda de qualque jeito viu? PESQUISADOR: hum..hum... INFORMANTE 6: as nossa renda é bem feitinha mesmo... bem feita mesmo... com amor e cuidado... (Ent.6 , linhas 723 a 726).

INFORMANTE 6: porque tem muitas pessoas que trabalho na renda... diz assim... “tu não qué compra renda de fulano de tal?” eu digo assim... “não... a renda daquela mulhé não presta... (Ent.6 , linhas 731 e 732).

INFORMANTE 6: é controlado... é controlado... você vai fazê um pano desse aqui... com um bírdalo desse num branco... fica muito bonito... olha... a minha renda é tão controlada... (Ent.6 , linhas 744 e 745).

INFORMANTE 6: cada uma com uma cor... eu podia... como a renda é colorida... se eu fizesse não tinha problema... PESQUISADORA: não... INFORMANTE 6: mais eu acho bunito assim... e então eu faço assim... Deus me dá... a sabedoria de eu fazê assim... que olha... a renda tá tão bonita... cada pano tem uma... (Ent.6 , linhas 761 a 765).

INFORMANTE 6: eu canto até hoje olha... a cantiga mulhe rendera... eles cantavo muito... mais eu nunca me liguei a isso não... “olê mulê rendera... olê mulê rendá... tu me ensina a fazê renda... que eu te ensino a namorá...” PESQUISADORA: hum..hum..... e fazendo... INFORMANTE 6: e fazendo... agora eu nunca fiz não... mais eu toda a vida... eu fiz o meu tabalho... lavando roupa... lavando louça... fazendo a minha renda... fazendo a minha comida... cantando (Ent.6 , linhas 781 a 786).

INFORMANTE 6: (risos) e aí depois... que eu aceitei Jesus... que já faz uns vinte anos... dezoito não sei... eu me sento aqui na minha renda... (Ent.6 , linhas 795 e 796).

INFORMANTE 7: não... a gente passa por detalhe na renda... tem os pontos mais fáceis a gente aprende cada ponto aí depois a gente junta tudo para fazê a peça... (Ent.7 , linhas 25 e 26).

PESQUISADORA: ah é o molde... ai vamos supor se eu quiser fazê uma camisa igual essa aqui é só...

INFORMANTE 7: é só tirar a medida... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 7: um pouquinho mais grande porque a renda encolhe (Ent.7 , linhas 69 a 72).

INFORMANTE 7: hum..hum... mais aberto elas faz o meio trocado é mais em renda... de uma cô mais delicado agora no colorido elas faz mais o pano cheio... (Ent.7 , linhas 113 e 114).

INFORMANTE 7: ele é tipo tecendo uma renda se eu não me engano... PESQUISADORA: que legal! fica diferente... o que é característico daqui mesmo é a renda... INFORMANTE 7: é a renda de biurro... o ponto cruz... o croché... (Ent.7 , linhas 130 a 132).

PESQUISADORA: é pra renda quê que tu achas assim que melhorou que ainda tem que melhorar...

INFORMANTE 7: pra renda... (Ent.7 , linhas 143 e 144).

INFORMANTE 7: Corredor das Rendas... PESQUISADORA: Corredor das Rendas... mas o nome dessa rua mermo qual é? (Ent.7 , linhas 174 e 175).

PESQUISADORA: humhum... se fosse para fazê assim “ah hoje eu to sem fazê nada em vez de ver um filme eu vô fazê renda”, não... INFORMANTE 7: não... PESQUISADORA: é mais enquanto tu não tens o emprego pra ter esse retorno... e o ato de fazê renda tem algum nome? É fazê renda mesmo? INFORMANTE 7: é fazê renda... é tecê... PESQUISADORA: tecê né? INFORMANTE 7: dizem tecê renda... muitos... (Ent.7 , linhas 220 a 227).

INFORMANTE 7: a gente tá acostumado a ir parente do meu avô... pai dele... antes dele falecer a gente ia. Lá em muita rendeira também. Se não me engano é que tem menina nova lá é que eu nunca cheguei a ver... e onde você vai tem gente... fazendo renda... PESQUISADORA: fazendo renda... INFORMANTE 7: todo canto “é renda... vão fazê aqui... ta na moda... tão fazendo muito isso aqui lá em Raposa” e leva e traz... (Ent.7 , linhas 261 a 266).

PESQUISADORA: porque hoje em dia tá na moda batinha né? INFORMANTE 7: batinha. Tem... tem umas atrizes modelos que... não é renda.. pode ser ôtro trabalho... Quem veste assim já bota na cabeça o ponto do jeito que é... minha mãe só pega e pinica... tem um vestido que uma mulhé tava todo

156. Renda Nf [Ssing]

de renascença... não sei se era renascença... ou se era de crochê. Uma cliente minha chegou falou que ela queria e a gente fez de renda ficou lindo. (Ent.7 , linhas 270 a 274).

PESQUISADORA: hum... hum... um vestido desse sai quanto? INFORMANTE 7: um vestido de renda... depende do tamanho... (Ent.7 , linhas 279 e 280).

PESQUISADORA: é... tem que cuidar. O cuidado com a renda qual é? Pode por sabão tudo? INFORMANTE 7: pode lavar normal... só não pode é trocê porque em si a renda encolhe... porque ali é cem por cento algodão então... (Ent.7 , linhas 285 a 287).

INFORMANTE 7: não aqui é cada uma com seu papelão porque se sumi seu papelão é uma briga... é uma briga enorme. Terminou a renda esconde o papelão pra ninguém pegar... (Ent.7 , linhas 324 e 325).

PESQUISADORA: e o que é que tu sabe da história da renda... aqui em Raposa? INFORMANTE 9: o que eu sei é que a renda veio de Portugal... de Lisboa... PESQUISADORA: ah... eu não sabia... INFORMANTE 9: passou no jornal... veio de Lisboa só que a renda de lá é mais bem feita do que essa... é renda... linha fica muito mais bem feita que essa... a gente não faz porque é muito delicada... (Ent.9 , linhas 36 a 40).

INFORMANTE 9: não... mas lá em Ceará eles praticam mais do que aqui... a renda de lá é mais barata do que aqui... só que não começou lá começou fora... (Ent. 9 , linhas 60 e 61).

PESQUISADORA: nessa época como é que era a renda? INFORMANTE 10: aí já era asfaltada já... só que as casinha era tudo palafita tudo de madêra. PESQUISADORA: e já tinha venda de renda? INFORMANTE 10: já tinha venda de renda... tinha da dona M. B... tinha a F... e tinha ali a E... PESQUISADORA: certo... INFORMANTE 10: aí eu cumecei... porque a gente trabalhava com a renda lá né? aí eu digo "vô fazê umas pecinha de renda e vô levá"... aí eu troxe e vendi... (Ent.10 , linhas 25 a 31).

INFORMANTE 10: trazia ren... trazia renda mais era renda... renda fina... renda grossa... PESQUISADORA: mas era pedaço de renda? INFORMANTE 10: era trazia assim... era as camiseta... os vestido... PESQUISADORA: ah... era as peças de renda? INFORMANTE 10: era e trazia bandeja de linha fina... o povo caía em cima porque só era eu que trazia... PESQUISADORA: ah... não tinha aqui... INFORMANTE 10: era aí caiu em cima da renda fina aí eu vindi muito aí... PESQUISADORA: essa renda fina como é que era? INFORMANTE 10: não conhece a linha fina não? PESQUISADORA: não... INFORMANTE 10: vou pegar aqui... PESQUISADORA: a gente pensa que é tudo uma coisa só né... INFORMANTE 10: não... a renda fina é mais bonita... PESQUISADORA: mais delicada né? INFORMANTE 10: e mais cara... pequeninho e bem fininho... PESQUISADORA: ela é fina mesmo... INFORMANTE 10: olha a camiseta ó... PESQUISADORA: a que linda... parece com aquela renda que a gente chama de renda renascença... INFORMANTE 10: é... PESQUISADORA: essa é a renascença é? INFORMANTE 10: não... essa aqui é a renda de biurro que nem tá aí na almofada... (Ent.10 , linhas 44 a 64).

INFORMANTE 10: pois é já vendi muito... muita renda lá todo mês eu ia deixar uma bolsada... (Ent.10 , linha 106).

INFORMANTE 10: morando lá... aí foi tempo que eu comprei aqui essa casinha porque eu vinha pras casa dos'oto né? meu irmão dizia que ia ficar com a minha casa... aí o resto daquelas renda que o povo não quiria a minha cunhada butô pra vendê... (Ent.10 , linhas 112 a 114).

INFORMANTE 10: pois é... é o mesmo jeito da renda feita aqui em Raposa... PESQUISADORA: é bem mais delicada... (Ent.10 , linhas 135 e 136).

INFORMANTE 10: porque é exatamente... é as vez a gente vende até mais barato mesmo... do que as do Acaraú... porque as renda do Acaraú e as daqui sempre é comprada mais cara... PESQUISADORA: e nesse e nesse começo... assim da renda aqui... então desde o começo já tinha tudo já tinha caminho de mesa já tinha tudo... tudo... (Ent.10 , linhas 152 a 155).

INFORMANTE 10: acho que não né ?M... não é muito pouca diferença ? o povo quer sabê que é a renda... não quer saber de modelo não... (Ent.10 , linhas 160 e 161).

INFORMANTE 10: essa renda aqui eu fiz muito também eu não queria fazer essa renda grossa... era só essa aqui porque eu achava melhó da gente trabalhá com ela... mais bonita mais cara... eu ia porque ela era mais cara né? ganharrá mais dinheiro... mas hoje eu num posso trabalhá cum ela por causa da minha vista mesmo de óculos... eu tenho uma dificuldade porque é uma renda... entendeu... uma camiseta daquela ela pega umas cinquenta pá de biurro... são cem birros pra gente pra gente trabalhá cum eles... PESQUISADORA: é muita coisa... INFORMANTE 10: as vez é sessenta pá eu já trabalhei até cum renda que é oitenta pá de birro... é birro dimais... aí aquela linha fina mistura muito aí a vista num dá... (Ent.10 , linhas 211 a 218).

INFORMANTE 10: não... a cabecinha dele é que é o biurro... e tem o papelão também que é o desenho da renda... PESQUISADORA: ah que seria o molde né? INFORMANTE 10: é pra fazer a

156. Renda Nf [Ssing]

renda... vem primeiro é o desenho da frente né... (Ent.10 , linhas 233 a 236).

INFORMANTE 10: é exatamente né ela vende a renda de biurro a fina... a grossa... ela vende o croché umas dessas toalha... aí ela vende caminho de mesa... mas já o o a saída de praia ...

PESQUISADORA: vende também? INFORMANTE 10: vende... mas se for com renda vende... mas se for só a saída de praia como nós temo ali com a renda industrial já num vende... e aqui a gente vende nesse vestido aí tingido aí lá num vende... a linhagem ela disse que também é ruim de vender lá... e aqui tudo a gente vende... (Ent.10 , linhas 314 a 319).

INFORMANTE 11: Já já fazia croché. Ai ela disse assim pra mim “eu vô butá só o trocado e... e o pano” e eu digo “não eu quero logo é uns birro pra mim fazê uã renda!” (Ent. 11, linhas 50 e 51).

INFORMANTE 11: Aí, eu pego tu pega assim quando a gente vá assentá assentá na almofada é um eu fazia ela me ensinô mais eu não sabia assentá. Que tem que assentá a renda na almofada...

PESQUISADORA: Ah! Assentá na almofada... a renda na almofada significa o quê? É assentá né?

INFORMANTE 11: É assentá o trabalho que você vai fazê. Nem todo mundo. Tem gente que faz a renda sem assentá na almofada... (Ent. 11, linhas 65 a 69).

INFORMANTE 11: A charita eu inda não fiz... a renda de charita mas se botar aí eu faço... (Ent. 11, linha 120).

PESQUISADORA: e o ato de fazê renda é fazê renda mesmo né... INFORMANTE 11: é. Aí eu aprendi quando ela me ensinô eu parti porque é um meio de você aumentar sua renda né (Ent. 11, linhas 145 a 147).

PESQUISADORA: ela já ta toda pinicada? INFORMANTE 11: tá já ta formada a renda... (Ent. 11, linhas 351 e 352).

PESQUISADORA: hum...hum... e a renda a renda falar da renda agora tu fazia lá em Croaçú?

INFORMANTE 12: a renda porque é assim eu vim mermo... eu porque eu vi minha mãe fazendo aí eu aprendi () só vendo os pontinho né... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 12: aí eu cheguei aqui e vi minha sogra fazendo aí que eu aprendi e fiz mesmo... PESQUISADORA: ah ta a tua mãe e as tuas irmãs alguma faz renda? INFORMANTE 12: não... PESQUISADORA: não a tua mãe

fazia que tipo de renda assim? INFORMANTE 12: todo tipo... PESQUISADORA: mas era mesmo o tipo de renda de de... INFORMANTE 12: tipo de camiseta... (Ent. 12, linhas 83 a 93).

INFORMANTE 12: é não... não sei porque lá as renda foi sempre mais barata do que aqui tanto que tem gente que vai daqui pra lá pra Fortaleza comprá porque é mais barato do que aqui... (Ent. 12, linhas 108 e 109).

INFORMANTE 12: é tu pega a renda aqui eu não tenho esse papelão ou ele tá velho aí eu quero fazê um novo aí bota assim aí vai assim... (Ent. 12, linhas 379 e 380).

INFORMANTE 12: porque ta aqui ó esse buraquinho aqui aí se eu furá ele mais aqui mais pra cá ele não vai fcar certo ele vai ficá uma renda torta... tem que ser certinho... (Ent. 12, linhas 391 e 392).

PESQUISADORA: só pra eu tê uma ideia ... eu quero entendê a diferença de trocado pra meio trocado... eu já sei pescá... agora eu vou aprender a rendá... (risos)... INFORMANTE 1: vou butá ele pra fazê renda... (Ent. 12, linhas 414 a 416).

INFORMANTE 1: agora eu só trabalho com trocado cheio porque no trocado cheio fica a renda mais durinha... PESQUISADORA: ah tá... INFORMANTE 1: e com o trocado o meio trocado fica assim a renda mole... (Ent. 12, linhas 456 a 458).

INFORMANTE 13: aí ele foi e disse assim “dona F. no trabalho da gente seja ele qual fô nós samos dotô porque eu posso ser dotô tem o advogado tem o médico”... PESQUISADORA: com certeza!

INFORMANTE 13: “e você no seu trabalho... na sua renda...” (Ent. 13, linhas 3 a 6).

INFORMANTE 13: “ah eu sei como é que eu faço uma renda... eu sei como é que eu vô fazê uma traça eu vô fazê qualquer coisa... (Ent. 13, linhas 21 e 22).

INFORMANTE 13: nunca me reclamei ...sempre sempre cuidando ali dos meus filhos lavando rôpa cantando fazendo renda cantando... porque hoje eu faço iss'aquí mas eu num faço por precisão

“porque eu vô fazê que tal dia eu tenho que intregá porque eu vô ajudá o meu marido pagá uã farinha o lête do meu filho tá terminando” não graças a deus hoje eu faço assim por esporte porque eu gosto... (Ent. 13, linhas 109 a 112).

INFORMANTE 13: a médica disse “olha a gente não pode ficá sem ficá colocando assim a mente da gente em qualqué coisa temos que colocá” aí eu faço a minha renda e também é muito bom assim pro desenvolvimento dos meus osso eu passê tempo sem fazia eu tava sentindo as mão ficando assim dura... (Ent. 13, linhas 117 a 119).

INFORMANTE 13: porque quando eu fui aprendê a fazê renda eu acho que eu já falê até nessa entrevista eu até cheguê a levar um... uns corte... (Ent. 13, linhas 223 e 224).

INFORMANTE 13: foi e o dela também. Eu não queria muito fazê renda não eu queria era me juntando com as criança dibaxo dos cajuêro mas não “ocê já vai fazê renda” quando a minha menina

156. Renda Nf [Ssing]

quando ela tinha ela não tinha dêz ano ela tinha uns nove anos eu fui e já ensinei ela a fazê renda falê olha já tá aqui a almofadinha pra fazê renda foi assim que a minha mãe fez cumigo e é assim que eu vô fazê cum você minha filha iss' aqui é uã coisa que vai de pai para filhos aí ela foi cumeço a fazê por ali devagarinho... (Ent. 13, linhas 228 a 232).

INFORMANTE 13: ela fazia aí começô a fazê tinha hora que ela tinha preguiça “minha filha faça sua renda iss' aqui... vai comprá sua ropinha... quando você já tive uã mocinha de dêz anos” aqui ela tinha nove “aí você vai comprá rua ropa... vai vendê a sua rendinha”... era uã senhora que chamava M. V. ela era viúva e chamava M. V. e ela quem comprava a nossa renda... morava aqui na principal aí “minha filha vai vendê a sua renda a mãe não pode li dá nada ...mas minha fia já sabe trabalhá ...vai trabalhá pra comprá as suas ropas” falava pra ela aí ela cumeçô a fazê renda o a fazê ponto de có ...uns biquinhos que não tinham traçaaí quando foi depois ela eu disse assim “agora vamos aprendê a fazê a traça”... (Ent. 13, linhas 234 a 240).

INFORMANTE 13: aí quando ela fez o dente de rato aí eu digo “agora vai aprendê a fazê a traça” ... eu nem botei a renda botei mesmo pra ela fazê a traça só fazendo assim... (Ent. 13, linhas 267 e 268).

INFORMANTE 13: jangarelo é... aí quando ... aí quando ela aprendeu mesmo aí ela cumeçô fazê otros tipo de renda ela diz ... “ô mãe eu num quero fazê renda de metro eu quero fazê é camiseta” aí ela passô pra camiseta aí quando ela cumeçô a fazê camiseta meu trabalho eu tinha que assentá porque ela não sabia assentá... PESQUISADORA: assentá é você fazê o molde? INFORMANTE 13: é assentá o começo da renda... (Ent.13 , linhas 287 a 291).

INFORMANTE 13: (...) quando foi um dia eu disse assim “minha filha a gente você num pode aprendê essa renda fazendo só o meiose sabe fazê o começo e o fim” aí eu disse “eu vô li insiná” aí eu digo “sente aqui” aí eu botê a almofada prum lado “vá fazendo assim assim assim assim”.(Ent. 13, linhas 305 a 307).

INFORMANTE 13: com doze anos ela já sabia fazê qualquer renda que botasse ela dizia assim “mamãe eu vô li ajudá e ela fazia mesmo fazia não tinha frescura... ”.(Ent. 13, linhas 349 e 350).

INFORMANTE 13: ela tá trabalhando menos porque esse ano o prefeito chamô ela e ela tá trabalhando no colégio mas ela disse assim “mamãe eu não vô dêxá de fazê a minha renda não porque eu só trabalho eu só trabalho a tarde e tem os sábadô que a gente num faiz nada tem feriado e eu não vô relaxá”... ”.(Ent. 13, linhas 355 a 357).

INFORMANTE 13: foi disse “eu vô fazê porque quando eu tenho a minha caixinha de renda mamãe me da pelo menos cem reais eu fico tão alegre ... (Ent. 13, linhas 360 e 361).

INFORMANTE 13: aí aí a mamãe queria que eu já fosse fazê a minha rendinha porque lá não era só eu era todas as crianças as mulheres iam trabalhá olha era tão engraçadinho... (Ent. 13, linhas 376 e 377).

INFORMANTE 13: elas aprendêo comigo tanto a minha menina quanto a E. já no tempo da minha mãe não era assim todo mundo sentava no chão todo mundo sentava digamos eu sentava aqui e elas sentavo aqui mas eu nem dêxava assim elas sentada à esquerda não eu dexava assim à direita que era pra ficá milhó deu olhá pra renda e aí eu ficava () e aí eu ficava à dirêta olhando aqui a renda dela porque as vezi até eu que só acostuada a fazê quando eu dô fé... o (Ent. 13, linhas 382 a 386).

INFORMANTE 13: todo mundo... pra fazê a renda? PESQUISADORA: hum... hum... INFORMANTE 13: era tinha muitas vêz a casa da mamãe tinha uma casa de forno aí a as mininas assim de pertinho vinho pra lá ficá fazeno renda... PESQUISADORA: que legal! INFORMANTE 13: e a gente todo mundo ali fazia renda... (Ent. 13, linhas 393 a 398).

INFORMANTE 13: era barraca era uã barraca porque não era nem mercearia porque era coisa muito poca... uã pesadinha ali nos papel ele chegava trazia pra mim... “tu guarda esse dinheiro aqui pra gastá em casa e esse daqui nós vamo vê pra juntá ... quando chegá o invêno... a gente tem ao meno um dinheiro pá pagá um homi pá pagá uns espequi no mangue” ... pra botá o curral porque era o meio de vida dele o meu era renda e o dele era pescaria curral ... aí é assim a gente vivia viu ... e (Ent. 13, linhas 430 a 434)

INFORMANTE 13: não não é por almofada é pela renda conforme a renda que a gente vai fazê...tem renda que a gente vai pegá talvez vinte vinte e pôco pá... mas essa daqui... (Ent. 13, linhas 478 e 479).

INFORMANTE 13: é tão pôquinho que se a renda fô essas rendas assim ...que elas são assim espaçosa até que dá alguma coisa mas se fô a rendinha miudinha não dá tantinho bastante viu... (Ent. 13, linhas 525 e 526).

INFORMANTE 14: não não não não não! Primeiro de que eu faço mas eu não digo assim “eu gosto de fazê renda”... PESQUISADORA: agora assim começou forçado e hoje em dia você tem algum prazer em fazer? INFORMANTE 14: não hoje eu faço... sento faço a vontade eu agora eu gosto mais um poquinho de fazê... PESQUISADORA: hum... hum pegou um pouquinho de prazê... INFORMANTE 14: é quando... num andá nas () eu sento aqui faço minha rendinha e vai a tarde toda fazendo...

156. Renda Nf [Ssing]

PESQUISADORA: fazendo renda... INFORMANTE 14: mas de gostá assim de amá fazê renda eu nunca fui amante... (Ent. 14, linhas 32 a 39).

INFORMANTE 14: não ela sabe fazê renda não ela sabe tecê lá... PESQUISADORA: ah tecê lá... INFORMANTE 14: aí a gente devolve o dela... e fica com o da gente... que ela nem sabe se a gente pinicô o não... PESQUISADORA: aí você foi aprendendo trancinha depois foi pra traça qual foi você levou qual foi a primeira peça que você fez com renda? INFORMANTE 14: a primeira pecinha que eu fiz foi uã renda estreitinha que eu botei até no num bleisim que eu tinha que a minha mãe fez pra mim visti aí eu infeitei... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 14: ficô tão ingraçadinhum só tinha ele mesmo pra mim visti... PESQUISADORA: era tipo uã renda de metro... INFORMANTE 14: é e lá eu essas renda mermo grande mermo da grandinha mermo fui fazendo aí fui aprendendo fazê o resto... (Ent. 14, linhas 68 a 79).

PESQUISADORA: aí hoje em dia você faz mais o que? INFORMANTE 14: faço bleise... faço camiseta... só num faço renda de meto porque eu nu gosto... PESQUISADORA: renda de metro é aquela né que você usa tipo pra enfeitar pra decorar né? (Ent.14 , linhas 86 a 88).

INFORMANTE 14...) por 'ixemplo uma filha minha com certeza vô insiná pra elas né... pra elas num tá lá pra cima aí boto ela atrás de mim... vô insiná pra ela a fazê renda... vô insiná ela a tecê nylon... os dois... (Ent. 14, linhas 219 e 220).

INFORMANTE 14: não uma mora no interiô e a ota eu dei porque eu não tinha condições e a minha renda não dava pra sustentá ela pra num morrê de fome junto comigo aí eu dei elas... (Ent. 14, linhas 225 e 226).

PESQUISADORA: aí deslanchou... INFORMANTE 15: aí eu fui pa renda pa renda assim estreitinha... aí da renda estreita eu já fui pra uã larguinha agora pronto eu pego qualquer renda qualquer renda eu faço agora... PESQUISADORA: então vamo lá essa renda estreita que foi a primeira renda que cê fez quais os pontos qu você usava? (Ent. 15, linhas 56 a 60).

INFORMANTE 15: ainda assim é coisa eu agradeço a deus porque eu não sei lê aí elas diz assim "ainda bem que tu não sabe ler porque tu é doutora na renda porque se tu soubesse lê S. tu vindia tudo nós aqui"... PESQUISADORA: aí tu já é doutora em outra coisa tu é doutora na renda né... ei S. mas assim a tua filha já aprendeu a fazê a renda? (Ent. 15, linhas 106 a 109).

PESQUISADORA: eu S. e a renda aqui o que é que tu percebe da renda daqui e de lá? Tem ponto diferente? INFORMANTE 15: não é os mesmos ponto... mesmos ponto só que aqui ela é mais cara aqui a renda... (Ent. 15, linhas 240 e 241).

PESQUISADORA: ela é diferente parece que ela é mais afiada né... e aí vambora falar agora aqui a gente falou do material de fazê renda né e aqui além de renda de biuro vocês vendem também crochê né? INFORMANTE 15: croché ...a gente vende a palha... PESQUISADORA: ah qual a diferença da renda pro filé pronto do biuro pro filé? INFORMANTE 15: porque a renda de birro ela é feita na almofada nessa almofada e o filé é feito ni uma tela... PESQUISADORA: ah e com a mesma linha não a linha do filé é diferente? INFORMANTE 15: a linha de filé já é diferente da linha da renda... (Ent. 15, linhas 294 a 300).

PESQUISADORA: que tá vendo televisão de noite mas ta fazendo renda... INFORMANTE 15: a renda... PESQUISADORA: que legal! INFORMANTE 15: é isso... (Ent. 15, linhas 368 a 371).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **RENDA**, f. f. tecido de varias larguras, e Befenhos feiro Com fio de feda, linha, ou ouro, e prata, para guarnições de veftidos, para punhos, guarnições de cama, &c.
 2. Moraes: **RÊNDA**, s. f. Tecido de varias larguras, e desenhos feito com fio de seda, linha, ou ouro, e prata, para guarnições de vestidos, para punhos, guarnições de cama, &c.
 3. Freire: **RENDA**, s. f. Lat. hip. *retina*. Tecido transparente de largura e desenho variáveis, formado de fios de linho, algodão, sêda, ouro ou prata, e que serve para guarnições de vestidos, enfeites, alfaias, vestimentas, paramentos religiososetc.
- Aurélio: **RENDA**², [Da mesma or. incerta que o esp. *randa* e o cat. *randa*; poss. relacionados ao occitânico *randar*, 'adornar', der. de *randa*, 'fim', 'borda', tb. de or.

156. Renda Nf [Ssing]
incerta (poss. celta).] 1. Tec. Têx. Tecido de malhas abertas e contextura em geral delicada, cujos fios (de linho, algodão, sedaetc.), trabalhados à mão ou à máquina, se entrelaçam formando desenhos, e que é usado para guarnecer ou confeccionar peças de vestuário, alfaias, roupa de cama e mesaetc. 2. Qualquer lavor ou motivo ornamental à imitação de renda ² (1); rendado.
Origem: De etimologia obscura (CUNHA, 2010, p. 556).
Obs:

157. RENDA DE BIRRO NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] ~ RENDA DE BIURRO NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]
<p><i>INFORMANTE 2: (...)Aí butaram otros tipos de linha que faiz ... tem umas linha que faz umas... renda grossera umas renda feia ... e é assim... (Ent. 2, linhas 46 e 47).</i></p> <p><i>PESQUISADORA: Só almofada... Aí eu tenho aqui birro não é? Que é aquela bolinha... Aí o ispinho... Essa parte bem aqui tem algum nome especial? Essa parte aqui ou não? INFORMANTE 2: Esse aí é o birro... PESQUISADORA: é tudo né? Esse aqui é o birro... E aí o outros procura /INFORMANTE 2: Aí é a renda, a <u>renda de birro</u>... (Ent. 2, linhas 51 a 55).</i></p> <p><i>PESQUISADORA: aí tu tá falando que essa renda... essa é uma história muito interessante... essa renda que hoje é a <u>renda de biurro</u> da Raposa... o início o início dela no Brasil foi com a chegada dos portugueses... INFORMANTE 9: e até em Lisboa tem... eles fazem... (Ent. 9, linhas 50 a 52).</i></p> <p><i>INFORMANTE 10: não... essa aqui é a <u>renda de biurro</u> que nem tá aí na almofada... (Ent.10, linha 64).</i></p> <p><i>INFORMANTE 10: é exatamente né ela vende a <u>renda de biurro</u> a fina... a grossa... ela vende o croché umas dessas toalha... aí ela vende caminho de mesa... mas já o o a saída de praia ... (Ent. 10, linhas 314 e 315).</i></p> <p><i>INFORMANTE 15: porque a <u>renda de birro</u> ela é feita na almofada nessa almofada e o filé é feito ni uma tela... (Ent. 15, linha 298).</i></p> <p><i>PESQUISADORA: ela é diferente parece que ela é mais afiada né... e aí vambora falar agora aqui a gente falou do material de fazê renda né e aqui além de renda de biuro vocês vendem também croché né? INFORMANTE 15: croché ...a gente vende a palha... PESQUISADORA: ah qual a diferença da renda pro filé pronto do biuro pro filé? INFORMANTE 15: porque a <u>renda de birro</u> ela é feita na almofada nessa almofada e o filé é feito ni uma tela... PESQUISADORA: ah e com a mesma linha não a linha do filé é diferente? INFORMANTE 15: a linha de filé já é diferente da linha da renda... (Ent. 15, linhas 294 a 300).</i></p> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e <p>Origem: De etimologia obscura (CUNHA, 2010, p. 556).</p> <p>Obs:</p>

158. Renda de metro NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]
<p><i>PESQUISADORA: aí vocês faziam qual peça assim? INFORMANTE 4: mais era pano de bandeja e... e... <u>renda de metro</u>... PESQUISADORA: renda de metro pra vendê o metro? INFORMANTE 4: era... que vendia o metro em peça... (Ent.4, linhas 158 a 161).</i></p> <p><i>INFORMANTE 6: que antigamente era como a gente tava falando... com a <u>renda de metro</u>... já hoje não é... não é nem aplicação... é o fundo de copo que elas compram pra esse tipo de coisa... e eu me criei fazendo renda... aí eu me casei... tive filhos... mais não abandonei a minha renda... fiquei fazendo</i></p>

158. Renda de metro NcF [Ssing + {Prep + Ssing}]

renda e cuidando dos meus filhos... e eu faço esta renda aqui... até hoje... até hoje... só que não fiz mais... ta com... ta com uns quinze... vinte anos... que eu não faço mais renda de metro... (Ent.6 , linhas 102 a 106)

INFORMANTE 13: jangarelo é... aí quando ... aí quando ela aprendeu mesmo aí ela cumeçô fazê otros tipo de renda ela diz ... “ô mãe eu num quero fazê renda de metro eu quero fazê é camiseta” aí ela passô pra camiseta aí quando ela cumeçô a fazê camiseta meu trabalho eu tinha que assentá porque ela não sabia assentá... (Ent.13 , linhas 287 a 289).

INFORMANTE 14: faço bleise... faço camiseta... só num faço renda de metRo porque eu nu gosto... (Ent.14, linha 86).

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
2. Morais:
3. Freire:
4. Aurélio:

Origem: De etimologia obscura (CUNHA, 2010, p. 556).

Obs:

159. Renda fina NcF [Ssing + ADJsing]

INFORMANTE 3: e aí eu fui () e aí depois... eu passei a compra que a CEARTE não queria renda grossa... só renda fina... e eu... eu... aí eu fui... trazia pra cá... aí o povo isculhia as melhó... e as mais ruim ficavo... aquelas que elas menos interessava... mais feia... das cores mais feia né? (Ent. 3, linhas 130 a 133).

INFORMANTE 10: trazia ren... trazia renda mais era renda... renda fina... renda grossa... PESQUISADORA: mas era pedaço de renda? (Ent. 10, linhas 44 e 45)

INFORMANTE 10: era aí caiu em cima da renda fina aí eu vindi muito aí... PESQUISADORA: essa renda fina como é que era? INFORMANTE 10: não conhece a linha fina não? PESQUISADORA: não... INFORMANTE 10: vou pegar aqui.. PESQUISADORA: a gente pensa que é tudo uma coisa só né... INFORMANTE 10: não... a renda fina é mais bonita... PESQUISADORA: mais delicada né?INFORMANTE 10: e mais cara... pequeninho e bem fininho... PESQUISADORA: ela é fina mesmo... INFORMANTE 10: olha a camiseta ó... (Ent.10 , linhas 50 a 60).

INFORMANTE 10: pois é já vendi muito... muita renda lá todo mês eu ia deixar uma bolsada... dessa renda fina aqui era ela fazer o pedido... e eu trabalhava em cima do pedido... aí aí eu ia deixar lá as que elas rejeitavo porque as vezes algum ficava fora do padrão... aí elas eu trazia essas eu trazia pra vendê aqui... (Ent. 10, linhas 106 a 108).

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
2. Morais:
3. Freire:
4. Aurélio:

Origem: De etimologia obscura (CUNHA, 2010, p. 556).

Obs:

160. Renda graúda NcF [Ssing + ADJsing]

INFORMANTE 3: o fetio que é diferente... PESQUISADORA: é... não é tão perfeito... INFORMANTE 3: é uma renda graúda... PESQUISADORA: é... não tem aquele acabamento delicado né?

160. Renda graúda Ncf [Ssing + ADJsing]

INFORMANTE 3: é... é graúda... eles faz as renda muito graúda... não tem aquele acabamento... PESQUISADORA: é... verdade... (Ent.3 , linhas 587 a 592).

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
2. Moraes:
3. Freire:
4. Aurélio:

Origem: De etimologia obscura (CUNHA, 2010, p. 556).

Obs:

161. Renda grossa Ncf [Ssing + ADJsing]

INFORMANTE 3: e aí eu fui () e aí depois... eu passei a compra que a CEARTE não queria renda grossa... só renda fina... e eu... eu... aí eu fui... trazia pra cá... aí o povo isculhia as melhó... e as mais ruim ficavo... aquelas que elas menos interessava... mais feia... das cores mais feia né? (Ent. 3, linhas 130 a 133).

INFORMANTE 10: trazia ren... trazia renda mais era renda... renda fina... renda grossa... PESQUISADORA: mas era pedaço de renda? (Ent. 10, linhas 44 e 45)

INFORMANTE 10: essa renda aqui eu fiz muito também eu não queria fazer essa renda grossa... era só essa aqui porque eu achava melhó da gente trabalhá com ela... mais bonita mais cara... eu ia porque ela era mais cara né? ganharrá mais dinheiro... mas hoje eu num posso trabalhá cum ela por causa da minha vista mesmo de óculos... eu tenho uma dificuldade porque é uma renda... entendeu.. uma camiseta daquela ela pega umas cinquenta pá de biurro... são cem birros pra gente pra gente trabalhá cum eles... (Ent.10, linhas 211 a 215).

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
2. Moraes:
3. Freire:
4. Aurélio:

Origem: De etimologia obscura (CUNHA, 2010, p. 556).

Obs:

162. Renda renascença Ncf [Ssing + ADJsing]

PESQUISADORA: porque hoje em dia tá na moda batinha né? INFORMANTE 7: batinha. Tem... tem umas atrizes modelos que... não é renda.. pode ser ôtro trabalho... Quem veste assim já bota na cabeça o ponto do jeito que é... minha mãe só pega e pinica... tem um vestido que uma mulhé tava todo de renascença... não sei se era renascença... ou se era de crochê. Uma cliente minha chegou falou que ela queria e a gente fez de renda renascença ... ficou lindo. Todo de manga solta muito bonito. E a gente inventa... (Ent. 7, linhas 70 a 74).

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
2. Moraes:
3. Freire:

4. Aurélio:
Origem: De etimologia obscura (CUNHA, 2010, p. 556).
Obs:

163. Rendera Nf [Ssing]

PESQUISADORA: () ...qui isso ninguém sabe... gozera... mar eles tem um tanto de mar... mar aberto... má chapéu... mar fechado né? Aí a minha orientadora quando a gente foi fazê esse novo trabalho agora... ela disse assim: “Raquel porque a gente não entrevista as mulheres renderas... pra ver todas as palavras que se referem a renda a história da renda.... porque as renderas já que tu já divulgou o traibao dos pescadores... agora / (Ent.1 , linhas 1 a 4).

PESQUISADORA: (...) ALMOFADA: explica o que é almofada e que outro tipo de nome que tem... Entendeu?... então aí pra isso a gente tem que conversá com quinze.. *INFORMANTE 1:* Rendera? *PESQUISADORA:* Rendera... mais né? com mais experiência também... *INFORMANTE 1:* *mais idade...* *PESQUISADORA:* é mais idade... *INFORMANTE 1:* *Pois... eu sô um bucadin nova. Eu sô di trinta e oito...* *PESQUISADORA:* certo... muito bem... (Ent.1 , linhas 18 a 24).

INFORMANTE 1: *porque os mundo de antigamente não é o nosso mundo de agora não. .. nós tamo longe dele... muito longe... na época que eu nasci ninguém via nada não mas eu vô cuida aqui do seu serviço... isso daqui já é umas... é tirado dessas rendera daí não é?* *PESQUISADORA:* é... é... (Ent.1, linhas 102 a 105).

PESQUISADORA: han...han..... que a sua mãe era rendera... *INFORMANTE 1:* *a minha mãe era rendera que foi com ela que eu aprendi a fazê esses trabalho...* (Ent. 1, linhas 145 e 146)

INFORMANTE 1: *Oie... aqui tem muita gente que faiz renda mais é porque já vei de lá... Foi começado a trabalha com renda e se você vier tem muita rendera e tem muita renda...*

PESQUISADORA: sei... (Ent. , linhas 167 a 169).

PESQUISADORA: e aí uma coisa que eu queria perguntá... Tem algum nome específico que vocês chama assim que é boa rendera e tem / *INFORMANTE 1:* *boa rendera?* *PESQUISADORA:* é! *INFORMANTE 1:* *não... tem... você conhece uma boa rendera assim: porque você lá nas rendas dela elas conhece... e a gente conhece as renda dela...* (Ent. 1, linhas 191 a 196).

INFORMANTE 1: *mais aí eu até me iscondi... que eu não queria mais não ela tava numa sala () e aí precisava muita gente... que era muita gente pra sê tudo rendera e só eu pra ensiná...* (Ent.1, linhas 292 e 293).

INFORMANTE 1: *eles entram e compram... mais no nosso tempo era melhó... tinha poca rendera que vendia a renda melhó...* (Ent.1 , linhas 317 e 318).

PESQUISADORA: a Associação das Renderas ela é mais pra organiza essas coisa? / *INFORMANTE 1:* *é a M. que toma conta da Associação das Rendera...* (Ent.1 , linhas 331 e 332).

PESQUISADORA: ah... e uma coisa que eu queria perguntá também... não sei assim se as moça... se as mulhé rendera também ajudam a tecê as redes de pesca? *INFORMANTE 1:* *ajuda ah... ajuda demais... aqui a gente tece rede... tece sim sinhora...* (Ent.1 , linhas 387 a 389).

INFORMANTE 2: *Nunca fui... muito chegada a cantiga não...* *PESQUISADORA:* Não né? Mais tinha... Era um momento... que vocês conversar... *INFORMANTE 2:* () *renderas... mulé rendera... mulé rendera...* (Ent.2 , linhas 21 a 23).

INFORMANTE 2: *Não... Pioro... Aumento as loja né? Que é... Não tem outro recurso... as mulé rendera não tem emprego...* (Ent. 2, linhas 79 e 80).

INFORMANTE 3: *isso... te a CEARTE e tem o Sebrae... e a CEARTE... ela é um centro social do governo... ela... ela vende... vai lá... você se associa... aí eles começa a fazer pedido de renda pra gente... e nessa época tinha muita rendera...* (Ent. 3, linhas 117 a 119).

INFORMANTE 3: *mulé... só aquela da mulé rendera mesmo...* *PESQUISADORA:* e como é que é essa? ... *INFORMANTE 3:* “*olé mulé rendera... olé mulé rendá...*” (Ent. 3, linhas 408 a 410).

INFORMANTE 3: *ficava assim um monte de... de rendera nós fazia... assim... tudo () ia pegava a pareia e cantava sabe?* (Ent. 3, linhas 417 e 418)

INFORMANTE 3: *é... porque... nós trabalha com essa aqui mas aqui é muita pouca gente que trabalha... não tem... não tem rendera que de pra bate esse monte de loja...* (Ent. 3, linhas 570 e 571).

INFORMANTE 3: *aqui tem umas / não sei... aqui tem muita rendera...* *PESQUISADORA:* e essa... essa... / *INFORMANTE 3:* *aqui tem muita rendera só que não dá vencimento...* (Ent.3, linhas 622 a 624).

INFORMANTE 3: *então... se tu tive uma... duas... três... quatro... cinco rendera... aí o que o cliente que compra... ele não... não... dá vencimento assim pra ele... pra... o material... porque é pôco...* (Ent.

163. Rendera Nf [Ssing]

3, linhas 637 e 638).

INFORMANTE 3: não... umas gosta de maiores... outras menores... eu gosto de padrão... depende da rendera sabe?mas a maioria é esse padrão aí...

(Ent. 3, linhas 833 e 834).

INFORMANTE 4: é minha filha porque tem gente que ah... rendera... rendera rendera o que? Rendera é uma profissão que é linda... e sabe o que foi que o presidente do Sebrae disse que inventou? {eu acho que não se trata de um inventor} PESQUISADORA: é... com certeza que passa de um pro outro né? INFORMANTE 4: o presidente do Sebrae falou assim: “é... eu via fala em rendera eu pensei que era coitadinhas... nu... / rendera é artista, é uma arte...” viu? PESQUISADORA: é... INFORMANTE 4: são artistas... pessoas que inventam que tem no cérebro coisas lindas pra poder fazer então são verdadeiros artistas... nada de coitadinhas... (Ent. 4, linhas 290 a 297).

INFORMANTE 5: não... que tem a música da mulé rendera né? PESQUISADORA: é.. Mais ninguém cantava lá? INFORMANTE 5: Não... é que muda a letra... PESQUISADORA: Ah... Bonito esse ponto aqui... parece um pingo...e a cantiga... INFORMANTE 5: É... tem a música da... “Alô mulé rendera, alô mulé rendá. Tu me ensina a fazê renda que eu te ensino a namorar”... E tem mais um tiquinho... só que agora eu não to lembrando. Eles chega aqui e canta muito... os turista... PESQUISADORA: Hum...hum... INFORMANTE 5: Meu marido ele canta a cantiga: “Oh mulé rendera”... Eu digo: canto não meu irmão...canto não... (Ent.5, linhas 168 a 176).

INFORMANTE 6: é... no caso... as renderas de Raposa... elas vão comprá no Ceará porque as daqui não tão dando conta... (Ent.6, linhas 140 e 141).

INFORMANTE 6: e eu disse... “porque L., você como prefeito de Raposa... você era pra proibi... esta renda... entra em Raposa... a renda do Ceará... eu digo... me perdoe... me desculpe... porque você que é o prefeito... mais eu também... como rendera... eu tenho que... te o meu direito... a minha autoridade de fala...”. eu digo... “olha... a renda do Ceará... tinha que se vendida... no Ceará... e a renda do Maranhão... vendida no Maranhão... porque hoje aqui... já tem muitas renderas... PESQUISADORA: claro... (Ent. 6, linhas 655 a 660).

INFORMANTE 6: eu canto até hoje olha... a cantiga mulhe rendera... eles cantavo muito... mais eu nunca me liguei a isso não... “olê mulé rendera... olê mulé rendá... tu me ensina a fazê renda... que eu te ensino a namorá...” (Ent. 6, linhas 781 a 783).

INFORMANTE 6: viu? Eu gosto de cantar... não é aquele... ah... quem canta seus males espanta.. que eu gosto de canta... mais aí você pode deixa mulé rendera... PESQUISADORA: ah... (Ent.6, linhas 810 a 812).

INFORMANTE 7: blusa são catorze dias... dependendo da rendera na hora que ela pega...caminho de mesa também... (Ent.7, linhas 200 e 201).

INFORMANTE 7: a gente tá acostumado a ir parente do meu avô... pai dele... antes dele falecer a gente ia. Lá em muita rendera também. Se não me engano é que tem menina nova lá é que eu nunca cheguei a ver... e onde você vai tem gente... fazendo renda... PESQUISADORA: fazendo renda... (Ent. 7, linhas 261 a 264).

INFORMANTE 7: vem alguns do Ceará porque as renderas de lá... elas mandam por parente que vem pra cá... (Ent. 7, linhas 288).

INFORMANTE 7: normal... elas... antigamente... as renderas antiga... elas gostavo de fazê muito é naquelas caixa de leite... (Ent. 7, linhas 313 e 314).

PESQUISADORA: ahn... que legal. E aí como é que era tu sentava do lado dela... INFORMANTE 8: é e ela ia ensinando. Tinha a associação das renderas... (Ent. 8, linhas 47 e 48).

INFORMANTE 10: isso... pois é a diferença é essa pois o trabalho de Acaraú é bem feito... é do jeito do trabalho das rendera aqui da Raposa... (Ent. 10, linhas 140 e 141).

INFORMANTE 11: Aí isso aí depende de... de... de quem vai trabalha... que tem rendera que faz ela bem fina! (Ent.11, linhas 116).

PESQUISADORA: vem cá tu já ouviste falar que as renderas antigamente elas trabalhava cantando tinha umas que cantavam? INFORMANTE 1: cantiga?... sei não cantiga... PESQUISADORA: não né... INFORMANTE 1: logo quando eu cheguei aqui tinha essas rendera assim eu não conheci muito... (Ent.12, linhas 601 a 605).

INFORMANTE 13: “você é a rendera então você é uma dotora rendera...” PESQUISADORA: exatamente! (Ent. 13, linhas 8 e 9).

INFORMANTE 13: imendá é porque ela assim as pessoas nem queri comprá diz assim olha “se tu imendá eu compro mas assim desimendada não porque eu não quero ...” mesmo as rendera quando ele sabe que a gente não sabe imendá elas levo “eu vô levá e eu vô imendá porque tu num sabe” mas se subere que eu sê como elas sabe que eu sê... (Ent.13, linhas 593 a 596).

INFORMANTE 14: aí as veiz elas pede o papelão delas né como a gente é rendera a gente pinica um

163. Rendera Nf [Ssing]

pra nós e dá o delas { }... (Ent.14 , linhas 65 e 66).

PESQUISADORA: trinta e quatro é você mesmo... você é rendera há quanto tempo? INFORMANTE 15: vint'i quato ano... (Ent.15 , linhas 18 e 19).

PESQUISADORA: vamos falar do começo como é que era sua mãe era rendera? INFORMANTE 15: a mamãe ainda é rendera a mamãe tem ciquenta e sete ano... (Ent.15 , linhas 26 e 27).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **RENDEIRA**, f f mulher que faz renda de guarnecer vertidos. § A que cobra, alguma renda, v. g. ,, *a rendeira das bravas*.
2. Morais: **RENDÈIRA**, s. f. Mulher que faz renda de guarnecer vestidos. §. A que cobra alguma renda.
3. Freire: **RENDEIRA**, s. f. Mulher que vende ou fabrica rendas.
4. Aurélio: **RENDEIRA**¹, [De *renda*¹ + *-eira*.] 1. Mulher que arrenda uma propriedade rústica. ||2. Mulher de rendeiro¹.

Origem: De etimologia obscura (CUNHA, 2010, p. 556).

Obs:

164. Rendingha Nf [Ssing]

INFORMANTE 13: ela fazia aí começô a fazê tinha hora que ela tinha preguiça “minha filha faça sua renda iss’aquí... vai comprá sua ropinha... quando você já tive uã mocinha de dêz anos” aqui ela tinha nove “aí você vai comprá rua ropa... vai vendê a sua rendingha”... (Ent. 13 , linhas 234 a 236).

INFORMANTE 13: viu ensinê ela fazê a trança “pois agora já pode fazê uã rendingha de trança” aí ela começô a fazê aí eu disse “tu vai fazê a o dente de rato com o espinzinho virado (Ent.13 , linhas 246 e 247).

INFORMANTE 13: tava as queda caindo mas aí eu... agora como eu to milhó eu também já to aqui na minha rendingha pra fazê... é porque mesmo não fazendo como eles como eu li... falei por precisão ... (Ent.13 , linhas 365 e 366).

INFORMANTE 13: aí aí a mamãe queria que eu já fosse fazê a minha rendingha porque lá não era só eu era todas as crianças as mulheres iam trabalhá olha era tão engraçadinho... (Ent.13 , linhas 375 e 276).

INFORMANTE 13: é tão pôquinho que se a renda fô essas rendas assim ...que elas são assim espaçosa até que dá alguma coisa mas se fô a rendingha miudinha não dá tantinho bastante viu... (Ent.13 , linhas 524 e 525).

INFORMANTE 14: é quando... num andá nas () eu sento aqui faço minha rendingha e vai a tarde toda fazendo... (Ent. 14, linha 37).

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
2. Morais:
3. Freire:
4. Aurélio:

Origem: De etimologia obscura (CUNHA, 2010, p. 556).

Obs:

165. Rendingha de trança [NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]

INFORMANTE 13: viu ensinê ela fazê a trança “pois agora já pode fazê uã rendingha de trança” aí ela começô a fazê aí eu disse “tu vai fazê a o dente de rato com o espinzinho virado (Ent.13 , linhas

165. Rendinha de trança [NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]]
246 e 247).
Registro em dicionários:
5. Bluteau:
6. Moraes:
7. Freire:
8. Aurélio:
Origem: De etimologia obscura (CUNHA, 2010, p. 556).
Obs:

166. Rendinha estreitinha NCf [Ssing + ADJsing]
<i>INFORMANTE 3: faz uma <u>rendinha estreitinha</u> assim... a gente aprende o trocado... aí depois /PESQUISADORA: o primeiro ponto que aprende é o trocado? INFORMANTE 3: é... o trocado... aí vai aprendê a fazê a traça... aí já vai pro... vamo começá a aprendê a trança... e já vai butando a rendinha maió... (Ent.3, linhas 179 a 182).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau:
2. Moraes:
3. Freire:
4. Aurélio:
Origem: De etimologia obscura (CUNHA, 2010, p. 556).
Obs:

167. Rendinha miudinha NCf [Ssing + ADJsing]
<i>INFORMANTE 13: é tão pôquinho que se a renda fô essas rendas assim ...que elas são assim espaçosa até que dá alguma coisa mas se fô a <u>rendinha miudinha</u> não dá tantinho bastante viu... (Ent.13 , linhas 524 e 525).</i>
Registro em dicionários:
9. Bluteau:
10. Moraes:
11. Freire:
12. Aurélio:
Origem: De etimologia obscura (CUNHA, 2010, p. 556).
Obs:

168. Roda Nf [Ssing]
<i>PESQUISADORA: almofada... esse aqui em baixo da almofada? INFORMANTE 3: é a <u>roda</u> da almofada... (Ent. 3, linhas 327 e 328).</i> <i>INFORMANTE 6: já pra fazê a... a <u>roda</u>... já é diferente... PESQUISADORA: hum..hum... (Ent.6 , linhas 417 e 418).</i>

168. Roda Nf [Ssing]

INFORMANTE 6: mais dá a roda pra botá aqui... aí... e tira foto aí da roda com os ispinho... PESQUISADORA: é... (Ent. 6, linhas 465 e 466).

INFORMANTE 8: uma roda... o pessoal fazia ficava assim aí deixava as coisa lá... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 8: eles davó... as coisa... papelão... aí a gente vinha pra casa seis horas. (Ent.8 , linhas 62 a 64).

INFORMANTE 1: é uma esponjinha que tinha no banco pra mim furá rasga iss'aqui ó... PESQUISADORA: ah... INFORMANTE 1: aí eu boto pra não enroscá... PESQUISADORA: é uma adaptação aí é tipo uma roda que tem aqui embaixo? INFORMANTE 1: ah tem mas iss'aqui não precisa não... (Ent. 12, linhas 620 a 624).

PESQUISADORA: é como se fosse aí bota o biuro em cima pra furar um tamborete invertido... é como se fosse assim um apoio né um apoio da almofada? INFORMANTE 1: é e a roda tem um trabalho já eu não consigo... (Ent. 12, linhas 632 a 635).

PESQUISADORA: ah legal e só pra vê se eu lembro aqui embaixo é a roda não meu deus como que chama? A rudia? INFORMANTE 13: aqui embaixo aqui é a rudia... tem gente que chama roda da almofada... (Ent. 13, linhas 465 a 467).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **RODA**, £ £ peça plana circular, que fe move girando fobre eixo v. g. ,, *roda de carro, de fiege, nora, relógio, roda dentado*, a que tem dentes na circunferência; *roda de'coroa*, ou *de chão*, a que tem os dentes paralelos ao feu eixo, ou veio, como a roda que enpenat na pequena da nora.
2. Moraes: **RÓDA**, s. f. Peça plana circular, que se move girando sobre eixo; v. g. *roda de carro de sege, nora, relógio; roda dentada*, a que tem dentes na circunferência; *roda de coroa* ou *de chão*, a que tem os paralelos ao seu eixo, ou veio, como a roda que empena na pequena da nora.
3. Freire: **RODA**, s. f. Lat. *rota*. Mec. Órgão ou máquina simples, de forma circular, destinada a ser movida em volta do seu centro ou do seu eixo. || 9. Enfeite de renda em tôda a largura dos vestidos; cercadura de renda.
4. Aurélio: **RODA**, [Do lat. *rota*.] 1. Peça ou máquina simples, de formato circular, que se movimenta ao redor de um eixo ou de seu centro, e que serve para inúmeros fins mecânicos: *a roda de um torno, de um moinho*. ||2. Qualquer objeto circular; círculo, disco. || 3. Anel, cinto, círculo.

Origem: Do lat. *rota -ae* (CUNHA,2010, p. 567).

Obs:

169. Roda da almofada NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]

PESQUISADORA: almofada... esse aqui em baixo da almofada? INFORMANTE 3: é a roda da almofada... (Ent. 3, linhas 327 e 328).

Registro em dicionários:

1. Bluteau:
2. Moraes:
3. Freire:
4. Aurélio:

Origem: Do lat. *rota -ae* (CUNHA,2010, p. 567).

Obs:

170. Rolinha Nf [Ssing]

INFORMANTE 11: meu marido disse que ele tava cortando uns pau e apareceu uma rolinha sabe os olho da cô de fogo olhando pra ele onde ele ia ela ia atrais ele foi e falou pra ela “fica aí no seu lugazinho que eu não vou fazê nada com você”. Aí ele virou a vista quando olhou de novo... PESQUISADORA: nada... INFORMANTE 11: ela tinha desaparecido aí ele já mais os companhêro dele e disse assim “vamos ‘imbora” aí foro imbora pa canoa... (Ent.11, linhas 258 a 263).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: **ROLINHA**, s. f. Zool. Espécie de pomba pequena.
4. Aurélio: **ROLINHA**, [De *rola* + *-inha*.]. Bras. Zool. Ave columbiforme, columbídea (*Columbina minuta*) [v. *rola* (1)]. ||2. Bras. PE Certa dança popular acompanhada de canto.

Origem: De origem onomatopaica (CUNHA,2010, p. 568).

Obs:

171. Rosa Nf [Ssing]

INFORMANTE 2: O croché que faz a rosa... faz o cravo... faiz tudo só num ponto só... só com uma agulha só... o mesmo jeito que faz a renda... A diferença é que tem... porque umas é larga otra é estreita... otras é média... toalha... caminho... é caminho... é camiseta é blusão aí... é a diferença qui tem... mais o ponto... (Ent.2, linhas 64 a 66).

PESQUISADORA: aqui eu tenho a traça... INFORMANTE 3: é a traça... PESQUISADORA: que nome eu do pra florzinha inteira? INFORMANTE 3: é... a flô mesmo... / PESQUISADORA: a flor... a flor... / INFORMANTE 3: é... a rosa... PESQUISADORA: essa aqui a gente chama de rosa... INFORMANTE 3: é... é rosa de traça viu? PESQUISADORA: a rosa de traça... chama rosa de traça... INFORMANTE 3: é... (Ent. 3, linhas 242 a 249).

INFORMANTE 6: é... é fácil... é... ele é de... ele é como lhe falei de urela e de ponto e a renda vem com as duas urelas com... o pano no mei... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: com uma rosa de traça... (Ent. 6, linhas 28 a 31).

INFORMANTE 6: essa folha aqui... isso aqui é uma rosa de traça... PESQUISADORA: rosa de traça...

INFORMANTE 6: aqui é só rosa de traça... PESQUISADORA: rosa de traça... rosa de traça...

INFORMANTE 6: é... tudo... tudo... aqui é o assentamento dela que... já vem com a traça... só passa esse paninho no meio aqui... viu? PESQUISADORA: então esse aqui é pano né?... INFORMANTE 6:

é... um paninho que a gente faz... tecendo ele assim... PESQUISADORA: hum... INFORMANTE 6:

rosas de traça viu? PESQUISADORA: ta... pano... agora aqui é a rosa né? INFORMANTE 6: é... é rosa

até aqui olha! Até aqui... PESQUISADORA: e só a folhinha... eu chamo como? Só a folhinha... aqui ó!

INFORMANTE 6: é... rosa... rosa... PESQUISADORA: rosa também... INFORMANTE 6: é rosa... rosa

de traça... viu? Agora pra cá... é pano... pano... com as meia rosa... PESQUISADORA: aqui... pano...

INFORMANTE 6: e aqui você vê oito traça... PESQUISADORA: isso... INFORMANTE 6: e aqui você

só confere quatro... por isso aqui elas são meia rosa viu? PESQUISADORA: ah... meia rosa... e rosa de

traça? E aqui é o pano... (Ent.6 , linhas 494 a 514).

INFORMANTE 6: não... não... isso aqui ó... é o acabamento da rosa de traça... PESQUISADORA: ah...

entendi... INFORMANTE 6: ta vendo... é que tava assim... é o acabamento... da rosa de traça... (Ent.

6, linhas 525 a 529)

PESQUISADORA: oh... que lindo esse... olha... belíssimo... aí eu já to... já to localizando que tem rosa

de traça né? INFORMANTE 6: aqui também tem pano... tem rosa de traça... PESQUISADORA:

171. Rosa Nf [Ssing]
hum..hum... (Ent.6 , linhas 548 a 551). <i>INFORMANTE 6: esse eu fiz <u>rosa</u>... esse aqui eu já fiz vermelhadinho... esse daqui eu fiz lilás...</i> (Ent. 6, linhas 749). <i>INFORMANTE 10: aqui tem a esses buraquinho... a gente chama de buraquinho mesmo né? e aqui é <u>rosa</u> de traça... e aqui é pano... pano de mei trocado aqui... PESQUISADORA: pano de meio trocado... INFORMANTE 10: é <u>rosa</u> de traça... pano de mei trocado...</i> (Ent.10 , linhas 266 a 269). Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: Do adj. F. lat. <i>rosãcĕa</i> (CUNHA,2010, p. 569).
Obs: A lexia encontra-se dicionarizada, mas com acepção diferente.

172. Rosa de girassol Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}]
<i>INFORMANTE 12: essa daqui é a rosa uma rosona ó... chama rosa... PESQUISADORA: rosa rosa... INFORMANTE 12: não tem por exemplo aquelas aquelas <u>rosa de girassol</u> já viu aqui ó... PESQUISADORA: ah mas a rosa no caso é o nome do ponto não? INFORMANTE 12: é <u>ess'aqui é uã</u> rosa... PESQUISADORA: ah que é o desenho... INFORMANTE 12: é o desenho que chamam... PESQUISADORA: aí é composto de várias... esse desenho aqui o que eu chamo de rosa também? INFORMANTE 12: é só que uma rosona grande uma rosa grande essa aqui a menoziam... PESQUISADORA: deixa eu vê se eu aprendi ó nessa nessa rosa eu tenho a traça... o pano...</i> (Ent. 13, linhas 301 a 310).
Registro em dicionários:
5. Bluteau: n/e 6. Moraes: n/e 7. Freire: n/e 8. Aurélio: n/e
Origem: Do adj. F. lat. <i>rosãcĕa</i> (CUNHA,2010, p. 569).
Obs:

173. Rosa de traça Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}]
<i>PESQUISADORA: aqui eu tenho a traça... INFORMANTE 3: é a traça... PESQUISADORA: que nome eu do pra florzinha inteira? INFORMANTE 3: é... a flô mesmo... / PESQUISADORA: a flor... a flor... / INFORMANTE 3: é... a rosa... PESQUISADORA: essa aqui a gente chama de rosa... INFORMANTE 3: é... é <u>rosa de traça</u> viu? PESQUISADORA: a <u>rosa de traça</u>... chama <u>rosa de traça</u>... INFORMANTE 3: é... (Ent. 3, linhas 242 a 249). INFORMANTE 6: é... é fácil... é... ele é de... ele é como lhe falei de urela e de ponto e a renda vem com as duas urelas com... o pano no mei... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: com uma rosa de traça... (Ent. 6, linhas 28 a 31). INFORMANTE 6: essa folha aqui... isso aqui é uma <u>rosa de traça</u>... PESQUISADORA: <u>rosa de traça</u>... INFORMANTE 6: aqui é só <u>rosa de traça</u>... PESQUISADORA: <u>rosa de traça</u>... rosa de traça... INFORMANTE 6: é... tudo... tudo... aqui é o assentamento dela que... já vem com a traça... só passa esse paninho no meio aqui... viu? PESQUISADORA: então esse aqui é pano né?... INFORMANTE 6: é... um paninho que a gente faz... tecendo ele assim... PESQUISADORA: hum... INFORMANTE 6: rosas de traça viu? PESQUISADORA: ta... pano... agora aqui é a rosa né? INFORMANTE 6: é... é rosa até aqui olha! Até aqui... PESQUISADORA: é só a folhinha... eu chamo como? Só a folhinha... aqui ó!</i>

173. Rosa de traça Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}]

INFORMANTE 6: é... rosa... rosa.. PESQUISADORA: rosa também... INFORMANTE 6: é rosa... rosa de traça... viu? Agora pra cá... é pano... pano... com as meia rosa... PESQUISADOR: aqui... pano... INFORMANTE 6: e aqui você vê oito traça... PESQUISADOR: isso... INFORMANTE 6: e aqui você só confere quatro... por isso aqui elas são meia rosa viu? PESQUISADORA: ah... meia rosa... e rosa de traça? E aqui é o pano... (Ent.6 , linhas 494 a 514).

INFORMANTE 6: não... não... isso aqui ó... é o acabamento da rosa de traça... PESQUISADORA: ah... entendi... INFORMANTE 6: ta vendo... é que tava assim... é o acabamento... da rosa de traça... (Ent. 6, linhas 525 a 529)

PESQUISADORA: oh... que lindo esse... olha... belíssimo... aí eu já to... já to localizando que tem rosa de traça né? INFORMANTE 6: aqui também tem pano... tem rosa de traça... PESQUISADORA: hum..hum... (Ent.6 , linhas 548 a 551).

INFORMANTE 10: aqui tem a esses buraquinho... a gente chama de buraquinho mesmo né? e aqui é rosa de traça... e aqui é pano... pano de mei trocado aqui... PESQUISADORA: pano de meio trocado... INFORMANTE 10: é rosa de traça... pano de mei trocado... (Ent.10 , linhas 266 a 269).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: Do adj. F. lat. *rosãcã* (CUNHA,2010, p. 569).

Obs:

174. Rudia Nf [Ssing]

INFORMANTE 6: mais isso aqui é em cima... de um troçozinho... que chamam de rudia... PESQUISADORA: deixa em cima da rudia... INFORMANTE 6: deixa em cima da rudia... e a gente fazia renda sentada no chão... todo mundo... aquele bando de mulé... fazendo as renda nas suas almofadinha... em cima da sua rudia... aí eu vi que assim era melhó... eu peguei e fiz isso daqui... (Ent.6 , linhas 394 a 397).

PESQUISADORA: que beleza... e rudia mesmo... quando é com a rudia fica no que? Num paninho... INFORMANTE 6: ela é feita da palha da banana... dessa palha que eu lhe mostrei aqui... (Ent. 6, linhas 411 a 412).

INFORMANTE 6: a gente pega ela assim... umas quatro ou cinco... e dá uma trocida assim... duas pessoa... e aí vem... trazendo assim... amarra... e pega a palha... palha da banana... do tronco da banana... umas palha larga... que vão secando... aí a gente cobre ela... PESQUISADORA: ah... aí forma a rudia... INFORMANTE 6: aí forma a rudia... (Ent. 6, linhas 419 a 423).

INFORMANTE 8: e aqui a almofada... PESQUISADORA: a almofada... INFORMANTE 8: e a rudia... PESQUISADORA: a rudia fica embaixo? INFORMANTE 8: é... (Ent. 8, linhas 137 a 141).

INFORMANTE 7: é a rudia... esse aqui é a almofada... ispinho... tem o molde de papelão... e os birro... (Ent.7, linhas 62).

PESQUISADORA: e essa peça aqui eu chamo como? INFORMANTE 10: aqui é a rudia... é... aqui a gente trabalha com ela... toda assim porque aqui... (Ent.10 , linhas 252 e 253).

PESQUISADORA: ah legal e só pra vê se eu lembro aqui embaixo é a roda não meu deus como que a senhora me falava ainda pouco....como que chama? A rudi...? INFORMANTE 13: aqui embaixo aqui é a rudia... tem gente que chama roda da almofada... PESQUISADORA: aqui é a palha de bananêra... INFORMANTE 13: mas o nome certo é a rudia e aqui é a palha... PESQUISADORA: palha de bananêra? INFORMANTE 13: palha de bananêra... (Ent.13 , linhas 465 a 471).

PESQUISADORA: aqui eu chamo... o que é esse aqui embaixo? INFORMANTE 14: é a rudia... PESQUISADORA: tem quantas rudia na sua? INFORMANTE 14: é porque eu tenho ôtra almofada aí eu dei pra minha irmã trabalhá... (Ent.14 , linhas 125 a 128).

PESQUISADORA: tamborete eu boto embaixo o tamborete... às vezes tem uma roda aqui embaixo como é como é que é o nome daquela roda? INFORMANTE 15: tem mas não dá pra colocá depois a rudia... (Ent.15 , linhas 258 a 261).

174. Rudia Nf [Ssing]
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. <i>rota -ae</i> (CUNHA,2010, p. 567).
Obs:

175. Saco de istopa NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]
<i>INFORMANTE 4: é palha de bananêra... é pano de... é ...istopa... PESQUISADORA: is... INFORMANTE 4: palha de bananêra dentro... (Ent. 4, linhas 190 a192).</i>
<i>INFORMANTE 3: é... almofada a gente faz de pano... você pode fazê de pano de rede... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 3: é... esses pano de tecelagem... e pode fazê com aquele <u>saco de istopa</u>... PESQUISADORA: sei... e por dentro tem o que? INFORMANTE 3: e por dentro... a gente usa a palha da folha da bananêra... (Ent. 3, linhas 348 a 352).</i>
<i>INFORMANTE 12: ah é istopa... ué ela sabe mais do que eu viu... <u>saco de istopa</u> que chama... (Ent.12 , linhas 339).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
Origem: do lat. <i>saccus ~ĩ</i> , deriv. do gr, <i>sákkos</i> (CUNHA, 2010, p. 574).
Obs:

176. Sajubera Nf [Ssing]
<i>INFORMANTE 10: tem gozêra tem gozêra tem pituzêra tem <u>sajubêra</u> ainda tem essas pesca né? a serrêra ainda pesca também... só que a serrêra... (Ent.10, linhas 346 e 347).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
Origem: não encontrada
Obs:

177. Sarnambi Nm[Ssing]
<i>INFORMANTE 3: não... ele não trabalha com curral não...PESQUISADORA: e como é que é essa pesca do <u>sarnambi</u>... a senhora falou... de ajuda ele... INFORMANTE 3: ah... eu gosto... de <u>sarnambi</u>...</i>

177. Sarnambi Nm [Ssing]

vai... aí quando chega lá a gente tira... nu conhece o sarnambi não? PESQUISADORA: conheço mas eu nunca vi pegando... como é que é a pesca dele... INFORMANTE 3: a gente vai pra lá... e a gente tira... rancando assim na lama... com a mão... PESQUISADORA: ah... com a mão... não tem instrumento de pesca... INFORMANTE 3: não... não... não... a gente enche aquele balde... que a gente leva até um saco... (Ent. 3, linhas 519 a 526).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: **SARNAMBI**, [Var. de *cernambi*.] 1. Bras. V. *sambaqui*.

Origem: não encontrada.

Obs:

178. Serrera Nf [Ssing]

PESQUISADORA: aí vocês tecem... por exemplo... que tipo de rede... todo tipo de rede? INFORMANTE 1: eu só ticia até zero oitenta... PESQUISADORA: han...han... INFORMANTE 1: de zero oitenta pra baixo... PESQUISADORA: qual que é o nome gozera não? INFORMANTE 1: é serrêra... PESQUISADORA: serrêra... (Ent.1, linhas 406 a 409).

INFORMANTE 4: pesca... aqui ele pesca... PESQUISADORA: e ele usa qual tipo? É gozêra... INFORMANTE 4: todo tipo de rede... tem gozêra... serrêra... pitiuzêra... tudo é / (Ent. 4, linhas 250 a 252).

PESQUISADORA: a senhora é casada com pescadô? () com pescadô e a senhora ajuda ele também a tecê a tecer rede? INFORMANTE 14: não porque tecê a rede que eu sei tecê só a gozêra e a serrêra... PESQUISADORA: que a senhora sabe? INFORMANTE 14: que eu sei fazê mas as ôtras num sei... (Ent. 14, linhas 144 a 148).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: Do lat. *serrãre* (CUNHA, 2010, p. 592).

Obs:

179. Siriguela Nf [Ssing]

INFORMANTE 13: eu sempre eu fui assim... eu... eu ... eu num tenho estudo não tive estudo num tive nada fui criada no interiô comendo maçã de caju... correndo atrás de uã siriguela duã manga verde ...duã coisa... PESQUISADORA: maçã de caju é o caju não né? (Ent.13, linhas 26 a 28).

INFORMANTE 13: cê ta entendendo era sim quando aí era era desse jêto... PESQUISADORA: siriguela... INFORMANTE 13: era uma siriguela até os limão ...a gente cortava ele miudinho e cumia o limão verde... (Ent.13 , linhas 46 a 48).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e

2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
Origem: não encontrada
Obs:

180. Taba Nf [Ssing] ~ Tábua Nf [Ssing]
<p><i>INFORMANTE 3: ele fico aqui... comprei essa casinha... era uma casinha de <u>taba</u> já ruizinha... aí eu reformei... fiz essa parte aqui de tijolo... nem terminei que a condição aqui ainda não deu... (Ent.3 , linhas 91 e 92).</i></p> <p><i>INFORMANTE 13: é só botá a <u>taba</u> aqui óia a gente coloca a <u>taba</u> no assento vira um banco... PESQUISADORA: aí você inventô isso de virá o banco? (Ent.13 , linhas 448 e 449).</i></p> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: TA'BOA, f. f. peça de madêra plana, de vario longor, groffura, e largura; della fe fazem portas, mezas, &c. 2. Morais: TÁBOA, s. f. Peça de madêra plana de vario longor, grossura e largura; dela se fazem portas, mezas e &c. 3. Freire: TÁBUA, s. f. Lat. <i>tabula</i>. Peça plana da madêra e mais ou menos delgada. 4. Aurélio: TÁBUA, [Do lat. <i>tabula</i>, por via pop.] 1. Peça plana, de madêra. 2. Peça plana similar à tábua (1), mas de outro material: as <i>Tábuas da Lei</i>. <p>Origem: Do lat. <i>tabŭla</i> (CUNHA,2010, p. 617).</p> <p>Obs:</p>

181. Tabuleta Nf [Ssing]
<p><i>PESQUISADORA: é? E como é que é o trabalho de tecê rede? Que já é diferente... INFORMANTE 1: já é diferente... Faz mal pegá? PESQUISADORA: não... INFORMANTE 1: isso daqui formando que é a <u>tabuleta</u>... neste instante vocês chegaram o R. tava descendo ali não tava? PESQUISADORA: han...han... INFORMANTE 1: pois é! Aquele jeito ali... PESQUISADORA: aí levá a tabuleta o que que é? INFORMANTE 1: <u>tabuleta</u> é esse pauzin de fazê... PESQUISADORA: han...han... INFORMANTE 1: com o nailo... PESQUISADORA: ah tá... INFORMANTE 1: é... PESQUISADORA: aí vocês tecem... por exemplo... que tipo de rede... todo tipo de rede? INFORMANTE 1: eu só ticia até zero oitenta... (Ent.1, linhas 390 a 404).</i></p> <p>Registro em dicionários:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e <p>Origem: Do lat. <i>tabŭla</i> (CUNHA,2010, p. 617).</p> <p>Obs:</p>

182. Tamburete Nm [Ssing]
<p><i>INFORMANTE 15: <u>tamburete</u> é <u>tamburete</u> aqui... PESQUISADORA: tamburete eu boto embaixo... o tamburete... às vezes tem uma roda aqui embaixo como é como é que é o nome daquela roda?</i></p>

182. Tamborete Nm [Ssing]

INFORMANTE 15: tem mas não dá pra colocá depois a rudia... (Ent. 15, linhas 258 a 261).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **TAMBORETE**, fim. cadeira rafa fem traços, nem efpaldar. § *Tamborettes*, t. Naut. são peças de taboa, que fecháo o maftro na coberta de cima , e leváo dois páos ditos antigamente *pofiquetes*, e hoje *enoras* de atochar o maftro.
2. Moraes: **TAMBORETE**, s. m. cadeira rasa sem braços, nem espaldar.
3. Freire: **TAMBORETE**, s. m. Fr. tabouret. Cadeira de braços, sem costas. || 2. Cadeira com assento de pau, sem encôsto e sem braços.
4. Aurélio: **TAMBORETE**, (ê) [Do fr. *tabouret*, com infl. de *tambor*.] Substantivo masculino. 1. Cadeira de braços e sem espaldar. ||2. Assento para uma pessoa, sem encosto, de madêra ou de outro material, e de tampo redondo ou quadrado.

Origem: Do fr. *tabouret*, com infl. de *tambor* (CUNHA,2010, p. 621).

Obs:

183. Tarrafa Nf [Ssing]

PESQUISADORA: Só mais uma coisa...dona E... e assim... aqueles pontos que não se acha mais assim fácil...se deixô de fazê? INFORMANTE 3: é...o pingo d'água...a charita...a charitazinha... PESQUISADORA: Mais algum? INFORMANTE 3: É...o pano de urupema...tarrafa...tarrafinha...eu nem tenho aqui... a M. tem... naquela caixa de várias renda que não se acha mais ... (Entrevista 4, linhas 307 a 313).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e

Origem: (Do ár. hispânico e magrebino *tarrâhâ* CUNHA,2010, p. 624).

Obs: A lexia encontra-se dicionarizada, mas com outra acepção.

184. Tecê [V]

PESQUISADORA: ah... e uma coisa que eu queria perguntá também.... não sei assim se as moça... se as mulhé rendera também ajudam a tecê as redes de pesca? INFORMANTE 1: ajuda ah... ajuda demais... aqui a gente tece rede... tece sim sinhora... PESQUISADORA: é? E como é que é o trabalho de tecê rede? Que já é diferente... INFORMANTE 1: já é diferente... (Ent.1, linhas 387 a 391).

PESQUISADORA: mas eles também os pescadores também tecem? INFORMANTE 1: .. mas os pescadô também tece... PESQUISADORA: han...han..... só que vocês também dão uma força... INFORMANTE 1: nós tece é muito... pra ganhá dinheiro minha irmã... quem que não faiz? (Ent.1, linhas 421 a 424).

INFORMANTE 1: claro... momento de conversá... contá as historinha... momento de vivê uma turminha sentada contando aquelas história... PESQUISADORA: han...han... e tecendo... INFORMANTE 1: e cuidando das suas almofadinha... (Ent. 1, linhas 134 a 137).

PESQUISADORA: aí vocês tecem... por exemplo... que tipo de rede... todo tipo de rede? INFORMANTE 1: eu só ticia até zero oitenta... (Ent.1, linhas 403 e 404).

PESQUISADORA: E esse ato de tecer rede tem algum outro nome? Eu vou o quê? Rendá... Fazê

184. Tecê [V]

renda... Como é que vocês fala... *INFORMANTE 2: não... A rede de pescaria é uma... a renda é outra... PESQUISADORA: Mas... por exemplo... quando a senhora vai fazê renda... o nome que usa fazê renda ou ... INFORMANTE 2: Ah...eu chamo... "vou tecê renda" ou chamo eu "vou fazê renda"...*
PESQUISADORA: E a senhora também sabe tecê rede de pes / INFORMANTE 2: não ... PESQUISADORA: Não né? Não é todas que tece rede... INFORMANTE 2: Eu nunca me preocupei não... (Ent. 2, linhas 91 a 99).

PESQUISADORA: então eu tenho três biurro pra firmar a traça e o outro que é / INFORMANTE 3: e o pra tecê a traça... PESQUISADORA: esse que eu uso pra tecê a traça tem um nome... pra ele não? INFORMANTE 3: não... tem não... PESQUISADORA: não né? INFORMANTE 3: não... a gente chama mesmo só o birro mesmo... e vai teceno a traça (Ent.3 , linhas 315 a 320).

PESQUISADORA: hun..hun... mas assim a tecê as redes é com eles ou com vocês? INFORMANTE 4: não... aí já é... a gente nem tece mais... é difícil... compra mais feita né? (Ent. 4 , linhas 254 e 255)

PESQUISADORA: E dona M. a senhora também ajuda o seu marido a tecê rede? INFORMANTE 5: não... PESQUISADORA: nunca ajudô? INFORMANTE 5: não... mas tem muitas pessoas... minha filha já tece também rede... PESQUISADORA: E qual tipo de rede que ela tece? INFORMANTE 5: toda as rede... mas ela gosta mais de fazê a renda... mas eu nunca me aprendi a tecê não... PESQUISADORA: Suas três filhas tecem ... que bonito... (Ent.5, linhas 178 a 184).

INFORMANTE 6: é... um paninho que a gente faz... tecendo ele assim... (Ent. 6, linhas 501).

INFORMANTE 6: esse eu fiz verde... tecendo com o biurro verde todo o tempo olhe... que ele ta tecido... se você levanta aí e olhá você vê... (Ent. 6, linhas 753 e 754).

INFORMANTE 7: ele é tipo tecendo uma renda se eu não me engano... PESQUISADORA: que legal! fica diferente... o que é característico daqui mesmo é a renda... INFORMANTE 7: é a renda de biurro... o ponto cruz... o croché... (Ent.7 , linhas 130 a 132).

PESQUISADORA: é mais enquanto tu não tens o emprego pra ter esse retorno... e o ato de fazê renda tem algum nome? É fazê renda mesmo? INFORMANTE 7: é fazê renda... é tecê... PESQUISADORA: tecê né? INFORMANTE 7: dizem tecê renda... muitos... PESQUISADORA: bordá não? INFORMANTE 7: só turista que chega dizendo bordá... mas não... é tecê... (Ent. 7, linhas 223 a 229).

"é só tecendo pegando e cortando aqui dexando soltá aqui da uréla ...e vá pegando esse otro aqui cortando digamo... esse aqui é um par fechado... aqui mas fica bem aqui dá assim dois lado e corta viu"... (Ent.13 , linhas 312 e 313).

INFORMANTE 13: esse daqui é chama-se de pano ... aí a gente coloca aqui e vai tecendo e dêxando o paninho aqui viu... (Ent. 13 , linhas 542 e 543).

INFORMANTE 13: humhum esse daqui é a frente que ela fica assim olha... aqui é onde eu falê que a gente tem que trazer tecendo bem tecin' que fica embaixo da axila aqui olha... (Ent. 13, linhas 606 e 607).

INFORMANTE 14: não ela sabe fazê renda não ela sabe tecê lá... PESQUISADORA: ah tecê lá... Ent.14 , linhas 68 e 69).

PESQUISADORA: a senhora é casada com pescadô? () com pescadô e a senhora ajuda ele também a tecê a tecer rede? INFORMANTE 14: não porque tecê a rede que eu sei tecê só a gozêra e a serrêra... PESQUISADORA: que a senhora sabe? INFORMANTE 14: que eu sei fazê mas as ôtras num sei... (Ent. 14, linhas 144 a 148).

por'exemplo uma filha minha com certeza vô insiná pra elas né... pra elas num tá lá pra cima aí boto ela atrás de mim... vô insiná pra ela a fazê renda... vô insiná ela a tecê nailon... os dois... (Ent.14 , linhas 219 e 220).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: **TECÊ**, v. at. paffar os fios por entre o ordume, ou ordidura, e formar a teia de linho, lã, ou fedá.
2. Moraes: **TECÊR**, v. at. Passar os fios por entre o ordume, ou ordidura, e formar a teia de linho, lá, ou seda; tecê teya fig. enredo, intriga.
3. Freire: **TECÊ**, v. r. v. Lat. *texere*. Fazê (obra de tear), urdir, tramar (*tr. dir.*): "Anacoretas, que tinham por estilo comum ir vender ao povoado as obras de palma que *teciam* no deserto" (Bernardes).
4. Aurélio: **TECÊ**, [Do lat. *texere*.] 1. Entrelaçar regularmente os fios de: Já os

184. Tecê [V]
<i>antigos egípcios <u>teciam</u> o linho. 2. Fazê (teia ou tecido) com fios; urdir, tramar, travar: Mãos habilidosas teciam lindos panos.</i>
Origem: Do lat. <i>tēcēre</i> (CUNHA,2010, p. 626).
Obs:

185. Tela Nf [Ssing]
<i>INFORMANTE 7: o filé ele é feito com uma <u>tela</u>... eu já vi fazendo. Ele não é um trabalho daqui ele é de Fortaleza... (Ent.7 , linhas 123 e 124). INFORMANTE 15: porque a renda de birro ela é feita na almofada nessa almofada e o filé é feito ni uma <u>tela</u>... (Ent. 15, linha 298).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: TELA , [Do lat. <i>tela</i> , por via erudita.] 1. Aquilo que foi tecido; o conjunto formado pelo entrelaçamento de fios; teia, trama.
Origem: Do lat. <i>tēla</i> (CUNHA, 2010, p. 627).
Obs:

186. Tiara Nf [Ssing]
<i>INFORMANTE 11: pois é então () contando as minhas história que tinha vez quando ele me contava eu ficava morrendo de medo de ficar aqui quando ele saia () ela tá assentando aí a <u>tiara</u> ó... (Ent.11, linhas 347 e 348).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: TIARA , s. f. Lat. <i>tiara</i> . Ornato para a cabeça, usado outrora entre vários povos do Oriente. 4. Aurélio: TIARA , [Do persa, pelo gr. <i>tiára</i> , e pelo lat. <i>tiara</i> .] 3. Ornamento de cabeça usado outrora por soberanos do Oriente. 4. Adorno em forma de arco que serve para prender os cabelos.
Origem: Do lat. <i>tiāra</i> , deriv. do gr. <i>tiārā</i> (s), de origem oriental (CUNHA,2010, p. 634).
Obs:

187. Tício [ADJSing]
<i>PESQUISADORA: traça... esse bem miudinho aqui assim? INFORMANTE 4: um pano <u>tício</u>... PESQUISADORA: pano tecido... esse aqui? INFORMANTE 4: também a traça.... PESQUISADORA: traça... traça... agora aqui é que vai... INFORMANTE 4: aí é uma mandala... PESQUISADORA: e eu tenho o que dentro dessa mandala? Traça né? INFORMANTE 4: traça... PESQUISADORA: esse aqui? INFORMANTE 4: pano... PESQUISADORA: pano... INFORMANTE 4: esse aqui tudo é casa de</i>

187. Tícido [ADJSing]

abelha... (Ent.4, linhas 265 a 275).

Registro em dicionários:

- 1 Bluteau: TECIDO. Participio de tecer, fallando em obra de tecelaó. Textus, a um. Hum tecido. Obra de lãa, linho, feda, &c.
- 2 Moraes: TECÍDO, p. pass. de Tecer. §. fig. tecido em parentesco, i. é, aliançado.
- 3 Freire: TECIDO, adj. P. p. de tecer. Feito no tear; que se teceu ou entreteceu; que foi feito por tecelagem.
- 4 Aurélio: TECIDO [Part. de *tecer*.] 1. Que se teceu. ||3. Tec. Têx. Produto artesanal ou industrial que resulta do entrelaçamento regular de fios verticais e horizontais de algodão, seda, lã ou de outra fibra natural ou sintética, e que é us. na confecção de peças de vestuário, de certos artigos domésticos ou decorativos, de embalagensetc.; pano, fazenda, tela.

Origem: Do lat. *tēcēre* (CUNHA,2010, p. 626).

188. Traça Nf [Ssing]

PESQUISADORA: que é o trocado e o meio trocado... são os movimentos... *INFORMANTE 1*: isto / é os movimentos são esses... e tem a traça... *PESQUISADORA*: hum...hum... *INFORMANTE 1*: tenho a traça comprida... e tem uma traça chatinha assim... *PESQUISADORA*: hum...hum... *INFORMANTE 1*: é... de largura ela é larguinha... *PESQUISADORA*: traça / *INFORMANTE 1*: traça... papelão tá tudo mostrando pra gente... (Ent. 1, linhas 272 a 279).

INFORMANTE 2: o ponto é qué diferente... tem a traça... diferente... mei' pano... mei' trocado... má tudo é uma coisa... só que a renda é só o ponto mais comum... o croché... o croché que faz... (Ent. 2, linhas 61 e 62).

PESQUISADORA: Trocado completo... e esse ...essa traça... o que é traça? *INFORMANTE 2*: Traça é a flô... aquela palminha... *PESQUISADORA*: Da flô... Embuchada é quando ela é gor... / *INFORMANTE 2*: É aquele chato que é a traça chata... Ela chama traça chata... *PESQUISADORA*: O embuchado... aquele ponto que é gordinho... ele chama como? *INFORMANTE 2*: pois é aquele que é a traça chata...aquele o embuchado... *PESQUISADORA*: Traça chata ou embuchado né? Ah... tá certo... (Ent.2 , linhas 71 a 77).

INFORMANTE 3: é... o trocado... aí vai aprende a faze a traça... aí já vai pro... vamo começa a aprende a trança... e já vai butando a rendinha maiô... (Ent. 3, linhas 181 e 182).

INFORMANTE 3: é... essa traça... essa petalazinha aí... forma todo tipo de flô de renda... *PESQUISADORA*: a pétala é a traça? ... deixa eu tirá foto... *INFORMANTE 3*: que é essa... *PESQUISADORA*: ta... então a partir da traça que eu vou fazê um monte de coisa né? (Ent.3 , linhas 228 a 231).

PESQUISADORA: aqui eu tenho a traça... *INFORMANTE 3*: é a traça... *PESQUISADORA*: que nome eu do pra florzinha inteira? (Ent. 3, linhas 240 a 242).

PESQUISADORA: essa aqui a gente chama de rosa...? *INFORMANTE 3*: é... é rosa de traça viu?*PESQUISADORA*: a rosa de traça... chama rosa de traça... *INFORMANTE 3*: é... (Ent.3, linhas 246 a 249).

PESQUISADORA: certo..aí eu vou fazê... aí eu vo fazê... eu vo fazê o... o... eu vou fazê a traça... *INFORMANTE 3*: hunhum... *PESQUISADORA*: a traça... *INFORMANTE 3*: a traça... cê faz a traça assim ó! Aqui... vo fazê uma traça aqui... depois eu desmancho... aqui... só com um dedo a gente vai... e vai subindo... vai só enrolando... mais não pode troca o birro... que se troca o birro... o... a traça dá errado... *PESQUISADORA*: o que a senhora chama de trocá o biuro? (Ent.3, linhas 290 a 295).

INFORMANTE 3: já a traça... já tá errada viu? *PESQUISADORA*: ah... tem toda um... *INFORMANTE 3*: é... *PESQUISADORA*: tem uma lógica... tem toda uma sequência que você tem que segui... (Ent. 3, linhas 301 a 304).

PESQUISADORA: então eu tenho três biurro pra firmá a traça e o outro que é / *INFORMANTE 3*: e o pra tecê a traça... *PESQUISADORA*: esse que eu uso pra tecê a traça tem um nome... pra ele não? *INFORMANTE 3*: não... tem não... *PESQUISADORA*: não né? *INFORMANTE 3*: não... a gente chama

188. Traça Nf [Ssing]

mesmo só o birro mesmo... e vai teceno a traça... PESQUISADORA: e os outros chama de birro também? INFORMANTE 3: é também... tudo é birro né? A gente escolhe um desses aqui se você quiser fazê a traça... qualque um desses você pode fazê... (Ent.3 , linhas 315 a 323).

INFORMANTE 3: começa só três ponto... a renda... eu digo... é três ponto... três ponto que eu faço qualque um desenho... eu vô fazê... aqui eu vô fazê a traça... que é... esse ponto aqui... que chama a traça... que nós chama... em outro lugá chama barata... PESQUISADORA: ta... a traça... barata... INFORMANTE 3: como que tem feito a traça... a traça tem que puxá um maió... uma linha maió pra tece ela... aí dela... aí dela tem um tal de embuchado... né? PESQUISADORA: é...

INFORMANTE 3: aí a metade dela... que eu vô fazê só isso aqui... e vô fazê só um nozin bem aqui assim... PESQUISADORA: aí acabo o embuchado... INFORMANTE 3: é... só metade da traça... o embuchado... PESQUISADORA: entendi... INFORMANTE 3: aí a traça toda... ela é assim...

PESQUISADORA: aí pra eu fazê uma traça... vô precisá de quatro biurro né? INFORMANTE 3: é só com quatro... PESQUISADOR: quatro... INFORMANTE 3: então... a renda trabalhada... é só com quatro... aí ela tem esse jogado aqui né? Tem uma linha... PESQUISADOR: hunhum... pelo que eu percebi da traça tem uma linha... que vai mais do que as outra... que é a / que pouco se destaca... INFORMANTE 3: é... que faz... é o que faz a traça... é... só um dos biurro... só passando... por baixo... por cima... por baixo... por cima... e faz ela... (Ent. 3, linhas 869 a 889).

INFORMANTE 3: não... tipo de ponto... é o trocado cheio... mei trocado e a traça... PESQUISADORA: ah ta... trocado cheio... mei trocado e a traça... (Ent. 3, linhas 904 e 905).

INFORMANTE 3: embuchada... metade da traça... PESQUISADORA: certo... INFORMANTE 3: por isso que eu digo... que ele vem da traça... (Ent.3, linhas 920 a 922).

PESQUISADORA: agora ponto... é só traça... meio trocado... e trocado intero... INFORMANTE 3: cheio... PESQUISADORA: trocado cheio ou intero... INFORMANTE 3: é... PESQUISADORA: que é a mesma coisa... e tem a traça que vão chama também de barata... (Ent.3, linhas 929 a 933).

(Ent. 3, linhas 1031 a 1035).

fazê tipo um dicionário com TODOS os termos que se relaciona a renda... o que é um trocado... o que é um meio trocado... o que é um intero o que é uma traça... traça né? INFORMANTE 4: traça... PESQUISADORA: traça né? A traça... (Ent.4 , linhas 25 a 28).

PESQUISADORA: ispinho de mandacaru... aí vamo pra outra parte que ainda to tentando entendê... os tipos de ponto é o... começa pelo... / INFORMANTE 4: não... tem a traça, a traça... PESQUISADORA: ó! A traça é essa certo? INFORMANTE 4: é! (Ent.4 , linhas 215 a 219).

PESQUISADORA: e meio trocado... é como se fosse a metade? INFORMANTE 4: incompleto... é... PESQUISADORA: incompleto... certo... aí qual otro que eu ia falá... a ta: aí tem a traça e tem o nome também de quando é a metade da... da traça... é em.../ INFORMANTE 4: embuchado!

PESQUISADORA: embuchado... Na na... essa traça... no Ceará esses nomes são tudo igual? O mesmo / INFORMANTE 4: tudo igual ... (Ent.4 , linhas 235 a 241).

PESQUISADORA: casa de abelha... pano... esse aqui? INFORMANTE 4: é traça... PESQUISADORA: traça... esse bem miudinho aqui assim? INFORMANTE 4: um pano tecido... PESQUISADORA: pano tecido... esse aqui? INFORMANTE 4: também a traça... PESQUISADORA: traça... traça... agora aqui é que vai... INFORMANTE 4: aí é uma mandala... PESQUISADORA: e eu tenho o que dentro dessa mandala? Traça né? INFORMANTE 4: traça... PESQUISADORA: esse aqui? INFORMANTE 4: pano... PESQUISADORA: pano... (Ent.4 , linhas 262 a 274).

INFORMANTE 6: ponta de coco... aí com o tempo... eu... fui... me adapitei no trabalho... aí minha mãe disse assim: "agora chegou o tempo de... de butá algũa rendinha pra ela..." aí butô pra mim um dentin de rato... que a gente... a ponta dele é de trancinha... e o mei... vem a traça... mais eu aprendi rapidinho... PESQUISADORA: o dentinho de rato é o nome... INFORMANTE 6: dente de rato... PESQUISADORA: dente de rato é o nome da renda... INFORMANTE 6: é o nome da renda... dente de rato... PESQUISADORA: e ele é feito com esses tipos de ponto... trança e traça... INFORMANTE 6: trança e traça... (Ent.6 , linhas 13 a 21).

INFORMANTE 6: é... é fácil... é... ele é de... ele é como lhe falei de urela e de ponto e a renda vem com as duas urelas com... o pano no mei... PESQUISADORA: hum..hum.... INFORMANTE 6: com ãa rosa de traça... (Ent.6 , linhas 28 a 31).

PESQUISADORA: é... aqui... vamos supor... o que a gente tem aqui em termos de ponto? Quais os pontos que a gente tem aqui nessa sua renda? INFORMANTE 6: ah... a minha renda... tem... ela tem traça... PESQUISADORA: olha vamo ve... essa folhinha aqui? INFORMANTE 6: essa folha aqui... isso aqui é uma rosa de traça... PESQUISADORA: rosa de traça... INFORMANTE 6: aqui é só rosa de traça... PESQUISADORA: rosa de traça... rosa de traça... INFORMANTE 6: é... tudo... tudo... aqui é o assentamento dela que... já vem com a traça... só passa esse paninho no meio aqui... viu? PESQUISADORA: então esse aqui é pano né?... INFORMANTE 6: é... um paninho que a gente

188. Traça Nf [Ssing]

faz... *tecendo ele assim...* PESQUISADORA: hum... INFORMANTE 6: *rosas de traça viu?* PESQUISADORA: ta... pano... agora aqui é a rosa né? INFORMANTE 6: *é... é rosa até aqui olha! Até aqui...* PESQUISADORA: e só a folhinha... eu chamo como? Só a folhinha... aqui ó! INFORMANTE 6: *é... rosa... rosa..* PESQUISADORA: rosa também... INFORMANTE 6: *é rosa... rosa de traça... viu? Agora pra cá... é pano... pano... com as meia rosa...* PESQUISADOR: aqui... pano... INFORMANTE 6: *e aqui você vê oito traça...* (Ent.6, linhas 490 a 510).

PESQUISADORA: essa linha... essa linha... qual é? INFORMANTE 6: *não... não... isso aqui ó... é o acabamento da rosa de traça...* PESQUISADORA: ah... entendi... INFORMANTE 6: *ta vendo... é que tava assim... é o acabamento... da rosa de traça...* PESQUISADORA: certo... além desses ponto... quais outro ponto que tem? INFORMANTE 6: *olha... na.. na renda nós temo... a traça...* PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: *nós temos... nós temos a... a... como é meu Deus amado... que eu nem sei fazê... o... eu tenho até uma bandeja dela ali... mais agora me fugiu... pois é... temos a traça... temos a trança... temos o... Jesus Cristo... eu vô pegá porque quando eu pegá eu vô me lembra...* (Ent. 6, linhas 526 a 537).

PESQUISADORA: oh... que lindo esse... olha... bellissimo... aí eu já to... já to localizando que tem rosa de traça né? INFORMANTE 6: *aqui também tem pano... tem rosa de traça...* (Ent. 6, linhas 548 a 550).

INFORMANTE 6: *traça e trança...* PESQUISADORA: traça e trança... aí o que é traça... e o que é trança aí...? INFORMANTE 6: *ta aqui a traça... esta... esta aqui gordinha... é a traça...* PESQUISADORA: a gordinha / INFORMANTE 6: *e essa sequinha... é a trança...* PESQUISADORA: ah ta... essa aqui é a trança... INFORMANTE 6: *não é sequinha...* PESQUISADOR: *traça...* essa daqui... INFORMANTE 6: *é...* PESQUISADOR: trança... é? INFORMANTE 6: *é...* PESQUISADORA: essa aqui a traça... ah... INFORMANTE 6: *{não deu não?}* PESQUISADORA: *traça e trança...* INFORMANTE 6: *e trança... hum..hum...* (Ent. 6, linhas 562 a 576)

INFORMANTE 6: *e chega outras... que você não pode nem imendá... o que você ta fazendo com as... a traça ta assim... se dismanchando... e estufando... por quê? De ruim... de mal feita...* (Ent. 6, linhas 625 e 626)

PESQUISADORA: aí quais são os... tu lembra os primeiros pontos que tu aprendeste? INFORMANTE 7: *a traça... o trocado... o pano... o pingo d'água...* (Ent. 7, linhas 35 e 36).

PESQUISADORA: vamos supô aqui né? nesse tipo de peça... aqui eu tenho qual tipo de ponto? INFORMANTE 7: *tem a traça... o pano mei trocado e o pano cheio...* (Ent. 7, linhas 44 e 45).

INFORMANTE 7: *pano... pano cheio... pano cheio... traça... o pano corrido no meio e as traça do lado... sigurá... aqui são trocado...* PESQUISADORA: esses buraco aqui? INFORMANTE 7: *segurá aqui...* (Ent. 7, linhas 93 a 96).

INFORMANTE 8: *não sei. Acho que é isso aqui ó...* PESQUISADORA: é né? O que é... traça né? INFORMANTE 8: *traça é isso aqui... ó. Isso aqui...* PESQUISADORA: hum...hum... tudo isso é traça? É como se fosse uma fileira o que a gente chama de traça... e por exemplo no... no o próprio biurro mesmo ele é formado... tem algum aqui pra gente olhá? INFORMANTE 8: *só tem piquininho...* (Ent. 8, linhas 125 a 130).

INFORMANTE 9: *ah esse aqui a traça... esse aqui é o meio trocado...* PESQUISADORA: traça... meio trocado... (Ent. 9, linhas 104 e 105).

PESQUISADORA: meio trocado já é vazado não é isso? parece uma teia... trocado intero e esse aqui eu chamo como? INFORMANTE 9: *traça...* PESQUISADORA: traça... esse aqui é traça também? INFORMANTE 9: *é ...eu passei mais de dois meses pra fazê essa traça...* PESQUISADORA: então todas pétala de flor a gente chama de traça... INFORMANTE 9: *é /* (Ent. 9, linhas 113 a 119).

INFORMANTE 10: *aqui tem a... esses buraco aqui... a gente chama de buraco mesmo né? e aqui é rosa de traça... e aqui é pano... pano de mei trocado aqui...* PESQUISADORA: pano de meio trocado... INFORMANTE 10: *é rosa de traça... pano de mei trocado* (Ent. 10, linhas 266 a 269).

INFORMANTE 11: *É aí ela foi aí eu disse assim e a traça que pra mim foi o que eu achei mais difícil.* (Ent. 11, linha 85).

INFORMANTE 11: *Aí o que eu achei mais difícil foi a traça...* (Ent. 11, linha 100).

INFORMANTE 11: *Aí o que eu achei difícil foi a traça que a traça até você aprender aquele jogado que pra fazê o... o... o... a flor...* PESQUISADORA: A traça ela é formada de meio trocado e de trocado inteiro? (Ent. 11, linhas 104 a 106).

INFORMANTE 11: *É ela só fez a traça na ponta né?* PESQUISADORA: hum...hum.. INFORMANTE 11: *Aí e no meio dela é toda embuchado com o pano...* (Ent. 11, linhas 128 a 131).

INFORMANTE 11: *o que mais achei difícil para aprendê foi a traça mas quando eu aprindi pronto...* (Ent. 11, linha 134).

INFORMANTE 12: *a gente chama traça...* PESQUISADORA: traça hum...hum aí daqui da traça é o

188. Traça Nf [Ssing]

gordo né? *INFORMANTE 12: hum...hum esse fininho é trança... esse pontinho aqui...*

PESQUISADORA: ah a trança então aqui... esse quadrado que a trança forma tem um nome?

INFORMANTE 12: não sei explicá não só sei que se chama assim... PESQUISADORA: aqui a trança... a traça... INFORMANTE 12: aqui o pano... (Ent. 12, linhas 176 a 182).

PESQUISADORA: ah o embuchado é um gordinho pequenininho assim? INFORMANTE 12: é assim quadradinho assim porque a traça é compridinha e ele é assim larguinho... (Ent. 12, linhas 293 e 294).

PESQUISADORA: deixa eu vê se eu aprendi ó... nessa nessa rosa eu tenho a traça... o pano...

INFORMANTE 12: é aí tem gente que bota o paninho tem gente que bota esse cadê o... tem gente que no lugá desse paninho aí pode butá esse trocadinho ó...aí depende da pessoa que qué fazê entendeu... (Ent. 12, linhas 310 a 312).

INFORMANTE 13: “ah eu sei como é que eu faço ùa renda... eu sei como é que eu vô fazê uma traça eu vô fazê qualquer coisa... mas essas inxiridas antipáticas chegaro na minha casa ... eu não vô fazê não... só presta perguntá”... eu já ôvi muita gente dizê isso eu digo ... “gente elas estão pra perguntá porque não intendi e nós que intendemo do ramo estamo aqui pra respondê”... PESQUISADORA: exatamente! (Ent. 13, linhas 21 a 25).

vai trabalhá pra comprá as suas ropas” falava pra ela aí ela cumeçô a fazê renda o a fazê ponto de có ...uns biquinhos que não tinham traçaaí quando foi depois ela eu disse assim “agora vamos aprendê a fazê a traça”... (Ent. 13, linhas 238 a 240).

INFORMANTE 13: tinha dêz “vamo aprendê a fazê a trança”... porque a trança é só assim óia ...é a coisa mais fácil até você faiz... é só pegá esses quatro birrim aqui a trança é os trocado ... mais é só fazê assim pronto é essas daqui que tão tudo feitinha aqui que num é traça... (Ent. 13, linhas 242 a 244).

PESQUISADORA: do ponto de cor ela passô pro dente de rato e do dente de rato ela passô pra traça?

INFORMANTE 13: aí quando ela fez o dente de rato aí eu digo “agora vai aprendê a fazê a traça” ... eu nem botei a renda botei mesmo pra ela fazê a traça só fazendo assim... e enfiando o ispinzim ... digamo como essa aqui t’aqui pode enfiá o espim aqui e continuá ... ocê tá me entendeno ... pode enfiá o espim bem aqui ... olha bem aqui e daqui ela continuáôtra traça ... vim fazendo cordãozinho só de traça... (Ent. 13, linhas 266 a 270).

INFORMANTE 13: esse daqui é traça você pode chamá uã flor de traça. PESQUISADORA: uma flor... INFORMANTE 13: de traça... PESQUISADORA: feita de traça aqui é a traça... esse aqui bonitinho também? INFORMANTE 13: esse daqui é chama-se de pano ... aí a gente coloca aqui e vai tecendo e dêxando o paninho aqui viu... (Ent. 13, linhas 538 a 543).

INFORMANTE 14: quatro pá passando pra lá e pra cá e meteno nos buraquinho aí e lá foi me insinando fazê a traça fazeno a trancinha... aí de lá fui aprendeno sozinha mesmo... (Ent. 14, linhas 54 e 55).

PESQUISADORA: tão bonito colorido... deixa eu vê vem aqui ó por exemplo nesse blusão eu tenho qual tipo de qual tipo de ponto que eu tenho aqui? INFORMANTE 14: esse aqui é embuchado... esse daqui é traça ...isso daqui é pano ... (Ent. 14, linhas 100 a 102).

PESQUISADORA: aí fazia o que o trocado? INFORMANTE 15: o trocado a ponta e a traça só...

PESQUISADORA: humhum aí na outra na segunda? INFORMANTE 15: na ota já parti já pa camiseta que eu já sabia fazê a traça... (Ent. 15, linhas 62 a 65).

PESQUISADORA: aí falá dos pontos todos os pontos que existe... vambora... INFORMANTE 15: a traça... PESQUISADORA: a traça... INFORMANTE 15: a traça já é diferente dos embuchado... PESQUISADORA: o embuchado é bonitinho né... INFORMANTE 15: porque? Porque que a traça é comprida os embuchado é cheio... (Ent. 15, linhas 321 a 326).

INFORMANTE 15: a charita eu não aprindi ainda... PESQUISADORA: é né mas o que eu percebo é que todo mundo usa é pano ...traça ... trança... INFORMANTE 15: isso... (Ent. 15, linhas 341 a 343).

PESQUISADORA: só trocado... pra eu fazê uma traça é trocado e meio trocado? INFORMANTE 15: é... o trocado todo pra deixar já os birro já pa traça... (Ent. 15, linhas 353 e 354).

Registro em dicionários:

2. Bluteau: n/e
3. Morais: n/e
4. Freire: n/e
5. Aurélio: n/e

188. Traça Nf [Ssing]
Origem: Do lat. vulg. *tractiāre, deriv do lat. trahĕre ‘tirar’ (CUNHA,2010, p. 643).
Obs: A lexia traça encontra-se dicionarizada, mas com outra acepção.

189. Traça chata Ncf [Ssing + ADJsing] ~ Traça chatinha [Ncf [Ssing + ADJsing]
<i>PESQUISADORA: que é o trocado e o meio trocado... são os movimentos... INFORMANTE 1: isto / é os movimentos são esses... e tem a traça... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 1: tenho a traça comprida... e tem uma <u>traça chatinha</u> assim... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 1: é... de largura ela é larguinha... PESQUISADORA: traça / INFORMANTE 1: traça... papelão tá tudo mostrando pra gente... (Ent. 1, linhas 272 a 279).</i>
<i>PESQUISADORA: Trocado completo... e esse ...essa traça... o que é <u>traça</u>? INFORMANTE 2: Traça é a flô... aquela palminha... PESQUISADORA: Da flô... Embuchada é quando ela é gor... / INFORMANTE 2: É aquele chato que é a <u>traça chata</u>... Ela chama <u>traça chata</u>... PESQUISADORA: O embuchado... aquele ponto que é gordinho... ele chama como? INFORMANTE 2: pois é aquele que é a <u>traça chata</u>...aquele o embuchado... PESQUISADORA: <u>Traça chata</u> ou embuchado né? Ah... tá certo... (Ent.2 , linhas 71 a 77).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. vulg. *tractiāre, deriv do lat. trahĕre ‘tirar’ (CUNHA,2010, p. 643).
Obs:

190. Traça comprida Ncf [Ssing + ADJsing]
<i>PESQUISADORA: que é o trocado e o meio trocado... são os movimentos... INFORMANTE 1: isto / é os movimentos são esses... e tem a <u>traça</u>... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 1: tenho a <u>traça comprida</u>... e tem uma traça chatinha assim... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 1: é... de largura ela é larguinha... PESQUISADORA: traça / INFORMANTE 1: traça... papelão tá tudo mostrando pra gente... (Ent. 1, linhas 272 a 279).</i>
Registro em dicionários:
1.Bluteau: n/e
2.Morais: n/e
3.Freire: n/e
4.Aurélio: n/e
Origem: Do lat. vulg. *tractiāre, deriv do lat. trahĕre ‘tirar’ (CUNHA,2010, p. 643).
Obs:

191. Traçado Nm [Ssing] ~ Traçada Nf [Ssing]
<i>PESQUISADOR: hum...hum... pelo que eu percebi da traça tem uma linha... que vai mais do que as outra... que é a / que pouco se destaca... INFORMANTE 3: é... que faz... é o que faz a traça... é... só um</i>

191. Traçado Nm [Ssing] ~ Traçada Nf [Ssing]

dos biurro... só passando... por baixo... por cima... por baixo... por cima... e faz ela... PESQUISADORA: hum... hum... INFORMANTE 3: ó... essa traçada... por baixo... por cima... to desmanchando ela... mesma coisa fazendo ela... (Ent. 3, linhas 886 a 891).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: **TRAÇÁDO**, s. pass. de Traçar. §.
3. Freire: **TRAÇADO**, s. m. De traçar. Ato ou efeito de traçar (linhas, riscos e etc); traçamento. || 2. Maneira ou modo de traçar. || 4. Desenho, planta.
4. Aurélio: **TRAÇADO**² [Part. de traçar¹.] 1. Representado por meio de traços. || 2. Delineado, esboçado, projetado. ~ V. cal —a. ||3. Ato ou efeito de traçar¹; traçamento, traça, traço. || 4. Conjunto de traços [v. traço¹ (2)].

Origem: Do lat. vulg. *tractiāre, deriv do lat. trahēre ‘tirar’ (CUNHA,2010, p. 643).

Obs:

192. Trança Nf [Ssing]

INFORMANTE 3: é... o trocado... aí vai aprendê a fazê a traça... aí já vai pro... vamo começá a aprende a trança... e já vai butando a rendinha maió... (Ent. 3, linhas 181 e 182).

INFORMANTE 3: faz... colé o outro... que nós tava agora... vinha falando... a trança... PESQUISADORA: a trança... que tem a traça... e tem a trança... INFORMANTE 3: a trança... a trança é assim olhe... um monte de mei trocado assim... que faz mei trocado... (Ent.3, linhas 914 a 916).

PESQUISADORA: a trança? INFORMANTE 4: num tem aí não... PESQUISADORA: não.. trança né? INFORMANTE 4: mas tem uma que tem a trança. É uma trança mesmo de cabelo que faz assim... ela vem com um... PESQUISADORA: entendi... imitando como se fosse uma trança de cabelo... (Ent.4, linhas 220 a 225).

PESQUISADORA: e ele é feito com esses tipos de ponto... trança e traça... INFORMANTE 6: trança e traça... PESQUISADORA: ah... entendi... tá... (Ent.6, linhas 20 a 22).

INFORMANTE 6: olha... na.. na renda nós temo... a traça... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: nós temos a trança... (Ent.6, linhas 531 a 533).

INFORMANTE 6: traça e trança... PESQUISADORA: traça e trança... aí o que é traça... e o que é trança aí...? INFORMANTE 6: ta aqui a traça... esta... esta aqui gordinha... é a traça... PESQUISADORA: a gordinha / INFORMANTE 6: e essa sequinha... é a trança... PESQUISADORA: ah ta... essa aqui é a trança... INFORMANTE 6: não é sequinha... PESQUISADOR: traça... essa daqui... INFORMANTE 6: é... PESQUISADOR: trança... é? INFORMANTE 6: é... PESQUISADORA: essa aqui a traça... ah... INFORMANTE 6: {não deu não?} PESQUISADORA: traça e trança... INFORMANTE 6: e trança... hum..hum... (Ent. 6, linhas 562 a 576).

INFORMANTE 6: porque tem muitas pessoas que trabalho na renda... diz assim... “tu não qué compra renda de fulano de tal?” eu digo assim... “não... a renda daquela mulhé não presta...” por quê? Ah... os traçado dela é tudo froxo... a gente pega assim... se coloca o dedo sai lá do outro lado... as trança não presta... olha... o trabalho dela não presta e eu não quero... elas não sabe mistura linha”... porque eu sei... a minha nora sabe... (Ent. 6, linhas 731 a 734).

PESQUISADORA: foi mesmo? o que que tu já sabia fazê de ponto de... INFORMANTE 8: eu sabia trança... (Ent. 8, linhas 104 e 105)

PESQUISADORA: então aqui a gente tem o que são vários pontos né? INFORMANTE 8:é... esse aqui as trança... PESQUISADORA: trança... (Ent. 8, linhas 114 a 116).

PESQUISADORA: Ahn faz tipo uma trança... INFORMANTE 11: É...PESQUISADORA: Só com... INFORMANTE 11: Que é pra fazê né nem a trança ele vai fazendo assim essa florzinha a petalazinha vai formando a pétala. Isso aqui ó... (Ent. 11, linhas 110 a 114).

INFORMANTE 12: hum...hum esse fininho é trança... esse pontinho aqui... PESQUISADORA: ah a trança então aqui... esse quadrado que a trança forma tem um nome? INFORMANTE 12: não sei explicá não só sei que se chama assim... PESQUISADORA: aqui a trança... a traça... (Ent. 12, linhas 178 a 181).

192. Trança Nf [Ssing]

PESQUISADORA: ah o trocado é os buraquinho... trocado o buraquinho { } trocado... pano... a traça...
INFORMANTE 12: e a trança... *PESQUISADORA*: trança... trança é esse bem fininho aqui né e o trocado é o buraco... (Ent. 12, linhas 193 a 195).

PESQUISADORA: ela tinha quantos anos? *INFORMANTE 13*: tinha deiz “vamo aprendê a fazê a trança”... porque a trança é só assim óia ...é a coisa mais fácil até você faiz... é só pegá esses quatro birrim aqui a trança é os trocado ... mais é só fazê assim pronto é essas daqui que tão tudo feitinha aqui que num é traça... *PESQUISADORA*: humhum tem várias tranças aí... *INFORMANTE 13*: viu... ensinei ela fazê a trança ... “pois agora já pode fazê uã rendinha de trança”... aí ela começô a fazê aí eu disse “tu vai fazê a o dente de rato com o espinzinho virado (Ent. 13, linhas 241 a 247).

PESQUISADORA: e o que você falou pra mim negócio de trança? *INFORMANTE 15*: a trança a trança não tem aqui... *PESQUISADORA*: esse aqui é que eu chamo como esse vazadinho bonitinho? *INFORMANTE 15*: aí é um pano... *PESQUISADORA*: um pano... e o que chamam casa de abelha?.. charita! Charita! *INFORMANTE 15*: a charita eu não aprindi ainda... *PESQUISADORA*: é né mas o que eu percebo é que todo mundo usa é pano ...traça ... trança... *INFORMANTE 15*: isso... (Ent. 13, linhas 336 a 343).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: **TRANÇA**, s.f. Do lat. hip. *trinitia*. De *trinitas*. Fios de sêda, linho etc., entrelaçados, enastrados ou entretecidos.
4. Aurélio:

Origem: De origem controversa (CUNHA, 2010, p. 644).

193. Trancinha Nf [Ssing]

INFORMANTE 6: ponta de coco... aí com o tempo... eu... fui... me adapitei no trabalho... aí minha mãe disse assim: “agora chegou o tempo de... de butá alguma rendinha pra ela...” aí butô pra mim um dentin de rato... que a gente... a ponta dele é de trancinha... e o mei... vem a traça... mais eu aprendi rapidinho... (Ent. 6, linhas 13 a 15).

INFORMANTE 14: quatro pá passando pra lá e pra cá e meteno nos buraquinho aí e lá foi me insinando fazê a traça... fazeno a trancinha... aí de lá fui aprendeno sozinha mesmo... (Ent.14 , linhas 55 e 56).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Moraes: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: **TRANCINHA**, [De *trança* + *-inha*.] 1. Trancelim (1). ||3. Bras. Sequência de laçadas simples de crochê; trança.

Origem: De origem controversa (CUNHA, 2010, p. 644).

Obs:

194. Triguero [ADJsing]

PESQUISADORA:..ah, qual o nome da sua mãe? *INFORMANTE 6*: viu? O nome da minha mãe é M. L. mais a gente chama ela de triguera... (Ent. 6, linhas 377 e 378).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: TRIGUEIRO , adj. De trigo. Que tem a <i>côr</i> do trigo maduro; moreno.
4. Aurélio: n/e
Origem: Do lat. <i>trīticum</i> (CUNHA, 2010, p. 651).
Obs:

195. Trocadinho Nm [Ssing] ~ Trocadinha Nf [Ssing]
<i>INFORMANTE 12: é aí tem gente que bota o paninhum... tem gente que bota esse cadê o... tem gente que no lugá desse paninho aí pode butá esse <u>trocadinho</u> ó...aí depende da pessoa que qué fazê entendeu... (Ent.12, linhas 311 e 312).</i>
<i>INFORMANTE 1: é porque eu gosto tem dia que eu digo assim... “ah hoje eu não vou pegá não” fico ali mas aí eu olho pra elas... “perai que eu vou já dar uãs <u>trocadinha</u>”... (Ent. 12, linhas 518 e 519).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
Origem: De origem incerta (CUNHA, 2010, p. 653).
Obs:

196. Trocado Nm [Ssing]
<i>PESQUISADORA: han...han..... e esse movimento como é que é? de trocá o biuro? Como é que é? Na hora que troca... INFORMANTE 1: é <u>trocado</u>... PESQUISADORA: trocado... INFORMANTE 1: é o trocado e mei <u>trocado</u>... só tem esses dois... PESQUISADORA: qual é a diferença o <u>trocado</u> com o meio <u>trocado</u>? INFORMANTE 1: o <u>trocado</u> é inteiro... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 1: o <u>trocado</u> é inteiro... passa este por este... a lá... deixa eu fazê um trocado pra você ver... dá pra fazê não... PESQUISADORA: só lá né? INFORMANTE 1: é... lá eu lhe mostro /PESQUISADORA: que é o trocado e o meio trocado... são os movimentos... INFORMANTE 1: isto / é os movimentos são esses... e tem a traça... (Ent. 1, linhas 260 a 273).</i>
<i>PESQUISADORA: e esse aqui... esse grosso eu chamo como? Da linha grossa... INFORMANTE 3: esse aqui? Aqui... aqui também é um pano de mei' trocado... esse aqui é um pingo d'água... um pingo d'água... esse () aqui ó! PESQUISADORA: ah... o pingo d'água ele é feito do que? INFORMANTE 3: é... também... PESQUISADORA: de meio <u>trocado</u>? ... INFORMANTE 3: é... não... o pingo d'água é trocado inteiro... aí ele forma um paninho de <u>trocado</u> inteiro... é diferente é... PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: olha o jeito do <u>trocado</u> inteiro e olha o jeito do mei' <u>trocado</u>... (Ent. 3, linhas 258 a 267).</i>
<i>PESQUISADORA: ...Mais isso que você chama de meio <u>trocado</u> é o que? INFORMANTE 2: É o ponto da renda... PESQUISADORA: Aí quantos são os pontos que existe? Meio <u>trocado</u>... INFORMANTE 2: / e o <u>trocado</u> completo... PESQUISADORA: <u>Trocado</u> completo... e esse ...essa traça... o que é traça? (Ent. 2, linhas 67 a 71).</i>
<i>INFORMANTE 3: faz uma rendinha estreitinha assim... a gente aprende o <u>trocado</u>... aí depois /PESQUISADORA: o primeiro ponto que aprende é o trocado? INFORMANTE 3: é... o <u>trocado</u>... aí vai aprendê a fazê a traça... aí já vai pro... vamo começá a aprendê a trança... e já vai butando a rendinha maió... (Ent.3, linhas 179 a 182).</i>
<i>PESQUISADORA: olha... e a senhora... por exemplo... a senhora consegue me explicá... por exemplo... o que seria o trocado... é o primeiro ponto da renda? INFORMANTE 3: é... o primeiro ponto da renda... é... o primeiro ponto da renda é o trocado... PESQUISADORA: que é o mais... (Ent.3, linhas 195 a 198).</i>

196. Trocado Nm [Ssing]

INFORMANTE 3: *to... terminando... aqui... primeiro que a gente aprende é o trocado... e o mei trocado... PESQUISADORA: ta... INFORMANTE 3: ta aqui ó! Mei trocado é só assim ó! Mei trocado... e volta aqui... PESQUISADORA: hunhum... INFORMANTE 3: ái aqui ó... ái volta aqui... ái eu fecho com o trocado intero... ta aqui com mei trocado... ái faz assim... faz assim... pronto... já fez o trocado intero ta vendo? PESQUISADORA: ah... o trocado intero é como se fosse o ponto intero...*

INFORMANTE 3: é... o ponto intero... aqui é só o meio ó! O que eu to fazendo aqui... PESQUISADORA: como se fosse meio... meio... o intero... INFORMANTE 3: é... eu fecho o trocado intero só aqui na... aqui no ponto de fora... (Ent. 3, linhas 205 a 214).

PESQUISADORA: deixa eu tira essa camisa aqui... / (risos) ái a senhora ta fazendo o trocado intero né?

INFORMANTE 3: é... mei trocado e trocado intero... PESQUISADORA: ái vamos supô... faz...

INFORMANTE 3: eu to no termino da... da camiseta... PESQUISADORA: ah... e outra coisa que eu queria pergunta pra senhora... é assim... ái aprende mei trocado... INFORMANTE 3: é... ái trocado intero... a gente aprende logo o trocado intero... mei trocado... (Ent. 3, linhas 219 a 224).

PESQUISADORA: ta... ái no caso... vamo pra cá... ái isso aqui eu chamo do que? Esse... INFORMANTE 3: aqui é um pano... um pano de mei trocado que a gente chama... PESQUISADORA: um pano de meio trocado... (Ent.3, linhas 236 a 238).

INFORMANTE 3: é... não... o pingo d'água é trocado intero... ái ele forma um paninho de trocado intero... é diferente é...PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: olha o jeito do trocado intero e olha o jeito do mei trocado... PESQUISADORA: ah... trocado intero é mais cheio... INFORMANTE 3: é mais / PESQUISADORA: o meio trocado é mais vazado... INFORMANTE 3: é...PESQUISADORA: e a traça é cheia mesmo... INFORMANTE 3: é... cheia... é...PESQUISADORA: isso aqui é? ... meio trocado... INFORMANTE 3: é... PESQUISADORA: trocado intero... INFORMANTE 3: não! Esse é mei trocado... PESQUISADORA: ah... INFORMANTE 3: o pano é de mei trocado e o pingo d'água que a gente chama... é o trocado intero...PESQUISADORA: ah... ta... então peraí... deixa eu tira aqui... o pano de meio trocado... PESQUISADORA: e eu tenho o... trocado intero que... no espaço vai ser...

INFORMANTE 3: o pingo d'água...PESQUISADORA: sei... então vamo lá... os tipos de ponto que eu... os tipos de ponto que eu tenho... meio trocado... trocado e trocado intero... (Ent. 3, linhas 265 a 285).

INFORMANTE 3: ái vo te fala... mei trocado... dizê... que é esse aqui ó... que chama pano... o desenho é um pano... mas ele... se faz o pano... com mei trocado... com... mei trocado... ái tem o trocado cheio... ái o mei trocado... que se faz o pano... ái ó! Aí tudo tem que apoiá pra colocá os ispinho... PESQUISADORA: coloca os ispinho pra tecê... tudo ao redó do ispinho... INFORMANTE 3: é... aí é o ponto... que a gente coloca... mei trocado é esse... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 3: mei trocado é esse... PESQUISADORA: certo... INFORMANTE 3: ái tem o trocado cheio... que é pra apoiá o ponto olhe... apoiô o ponto... ái desse mei / desse trocado cheio... cê pode... ái faz outro ponto... faz a ponta... faz muito tipo... isso aqui é uma ponta... PESQUISADORA: e que tipos de ponta que tem? É a ponta... INFORMANTE 3: não... tipo de ponto... é o trocado cheio... mei trocado e a traça... PESQUISADORA: ah ta... trocado cheio... mei trocado e a traça... INFORMANTE 3: é... (Ent. 3, linhas 893 a 905).

PESQUISADORA: e isso que chama de trocado... INFORMANTE 4: meio trocado / tem o trocado intero e tem o meio trocado...PESQUISADORA: trocado intero e meio trocado... INFORMANTE 4: é...

PESQUISADORA: por exemplo, quando eu faço um completo é o / INFORMANTE 4: trocado...PESQUISADORA: intero... INFORMANTE 4: é... PESQUISADORA: e meio trocado... é como se fosse a metade? INFORMANTE 4: incompleto... é... (Ent.4 , linhas 227 a 236).

INFORMANTE 5: agora aqui eu tô fazendo trocado... PESQUISADORA: Senhora é rápida não é? E quais são os outros tipos de ponto além do trocado? INFORMANTE 5: É trocado... aqui... trocado de novo... E traça... Aí tem o mei' trocado... qui é o trocado inteiro e depois tem o... Eu faço... Eu quero fazê só o meio... Olha só o me' trocado...PESQUISADORA: Meio trocado seria a metade? O / INFORMANTE 5: O mei' trocado é pra fazê o pano... este pano PESQUISADORA: Certo... Então os pontos que tem é a traça... tro / INFORMANTE 5: Trocado... Mei' trocado e mei' pano... (Ent. 5, linhas 127 a 134).

PESQUISADORA: charita é qual? INFORMANTE 5: é um trocado que a gente faz... (Ent. 5, linhas 140 e 141).

PESQUISADORA: esses aqui que são mais... Esses buraquinhos aqui chamam como?INFORMANTE 5: é o trocado... PESQUISADORA: trocado... Esse aqui é o ponto... INFORMANTE 1: É o ponto...

PESQUISADORA: traça... INFORMANTE 5: traça de novo... PESQUISADORA: Agora pingo d'água é um ponto ou é um desenho? É um desenho não é? INFORMANTE 5: é um ponto... PESQUISADORA: É um ponto... é um tipo de ponto e trocado... INFORMANTE 5: trocado d'água é assim... deixa faze pra ti. Só pra mim te mostra como é... PESQUISADORA: tá... (Ent.5 , linhas 150 a 160).

196. Trocado Nm [Ssing]

INFORMANTE 7: a traça... o trocado... o pano... o pingo d'água... PESQUISADORA: hum... hum...
INFORMANTE 7: deixa eu vê mais... o pano cheio... meio trocado... embuchado... só... (Ent. 7, linhas 36 a 38).

INFORMANTE 8: esse aqui é os meio troca'... alguma coisa assim... PESQUISADORA: não é meio trocado... INFORMANTE 8: é meio trocado... (Ent. 8, linhas 117 a 119).

INFORMANTE 7: tem a traça... o pano mei trocado e o pano cheio... PESQUISADORA: hum...hum...
INFORMANTE 7: Ai aqui tem o trocado e só... (Ent. 7, linhas 44 a 46).

PESQUISADORA: ah só tem o pano... pano é o ponto mais simples? INFORMANTE 7: é... considerado o mais simples... pega também com o trocado... (Ent. 7, linhas 55 e 56).

INFORMANTE 7: pano... pano cheio... pano cheio... traça... o pano corrido no meio e as traça do lado. Sigurá... aqui são trocado... PESQUISADORA: esses buraco aqui? INFORMANTE 7: segurá aqui... PESQUISADORA: são trocado? INFORMANTE 7: são trocado... PESQUISADORA: aí depois eu vou até anotar esse aí para facilitar né? de eu saber... eu saber os nomes. E quais diferenças porque eu vejo vocês falando assim... trocado... vamos por partes... trocado ... meio trocado e trocado intero...

INFORMANTE 7: aqui ó... esse aqui é meio trocado... é um pano de mei trocado. Esse aqui é um pano de trocado intero que fica muito cheio mais fechado e mais aberto... PESQUISADORA: a então trocado intero... INFORMANTE 7: aberto... PESQUISADORA: então trocado intero eu posso dizer também trocado cheio... INFORMANTE 7: trocado cheio... PESQUISADORA: e o meio trocado tem ôtro nome? INFORMANTE 7: meio trocado... não... PESQUISADORA: é só meio trocado...

INFORMANTE 7: eu conheço só meio trocado... PESQUISADORA: ele é mais aberto... INFORMANTE 7: hum...hum... mais aberto elas faz o meio trocado é mais em renda... de uma cô mais delicado agora no colorido elas faiz mais o pano cheio... PESQUISADORA: hum... INFORMANTE 7: deixa eu ver aqui... PESQUISADORA: pano cheio é a mesma coisa do trocado intero não? INFORMANTE 7: é trocado intero... aqui não tem nenhum colorido... esse colorido é mei trocado... PESQUISADORA: esse aqui é trocado cheio não é? essa barra aqui? INFORMANTE 7: não esse aqui é o filê... de ôtro trabalho... trocado cheio aqui ó... (Ent. 7, linhas 94 a 120).

INFORMANTE 9: ah esse aqui a traça... esse aqui é o meio trocado... PESQUISADORA: traça... meio trocado... INFORMANTE 9: e trocado intero esse aqui é o trocado intero ele parece um pano... PESQUISADORA: humhum... INFORMANTE 9: esse aqui é o meio que parece uma teia... PESQUISADORA: meio parece uma telha... INFORMANTE 9: e o intero parece um pano... PESQUISADORA: é um pano... um paninho reto né... INFORMANTE 9: o trocado intero... esse aqui é o meio trocado... PESQUISADORA: meio trocado já é vazado não é isso? parece uma teia... trocado intero e esse aqui eu chamo como? (Ent. 9, linhas 104 a 114).

INFORMANTE 9: esse aí tabmém é o mei trocado... PESQUISADORA: meio trocado nossa que linda! Esse aqui? INFORMANTE 9: esse aí é o meio trocado... PESQUISADORA: meio trocado... e casa de abelha como é que faz? Não né? Nossa... mas é linda! É pra vida toda que dura é? (Ent. 9, linhas 121 a 125).

INFORMANTE 10: aqui tem a... esses buraquinho... a gente chama de buraquinho mesmo né? e aqui é rosa de traça... e aqui é pano... pano de mei trocado aqui... PESQUISADORA: pano de meio trocado... INFORMANTE 10: é rosa de traça... pano de mei trocado... PESQUISADORA: qual a diferença desse pano de meio trocado e de trocado intero... por exemplo? INFORMANTE 10: o mei trocado... porque esses buraquinho... aqui é feito com trocado intero... PESQUISADORA: ta... INFORMANTE 10: e esse aqui é só a metade desse trocado aqui... PESQUISADORA: ah... então fica o meio trocado cheinho e o trocado intero fica mais aberto... INFORMANTE 10: não até que o trocado intero fica mais fechado... PESQUISADORA: ah é? INFORMANTE 10: é... aqui é porque é feito os buraquinho longe um do outro... PESQUISADORA: ah ta... INFORMANTE 10: se for se você fô fazê esse pano aqui de trocado intero... ele fica bem fechadinho... PESQUISADORA: ah entendi... e quais outros pontos que tem além desse aqui? Meio trocado... trocado intero... INFORMANTE 10: tem ...tem... tem a charita... PESQUISADORA: charita... INFORMANTE 10: charita... que ela é feita um... um... um buraquinho desse aqui você faz de meio trocado... fica lindo ...bem aqui eu tenho uma toalha com charita... (Ent. 10, linhas 266 a 285).

INFORMANTE 11: Já já fazia croché. Ai ela disse assim pra mim "eu vô butá só o trocado e... e o pano" e eu digo "não eu quero logo é uns birro pra mim fazê uã renda!" (Ent. 11, linhas 49 e 50).

INFORMANTE 11: Foi fazê o trocado... aí eu... PESQUISADORA: Como é que é o trocado? INFORMANTE 11: O trocado... (Ent. 11, linhas 59 a 61).

INFORMANTE 11: É como começá pra fazê uma brusa no caso. Aí ela começô a me ensiná os primeiros passos que é o trocado... aí tem o trocado o meio trocado e o trocado inteiro... PESQUISADORA: Certo... INFORMANTE 11: Aí esse eu aprendi com facilidade eu digo eu quero aprendê o pano! Aí ela foi me ensiná a fazê o pano ai tem o pano também que você faz com o meio

196. Trocado Nm [Ssing]

trocado... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 11: E com o trocado inteiro... (Ent.11 , linhas 75 a 80).

PESQUISADORA: E a senhora podia me explicar por exemplo qual a diferença eu que não sei nada de renda o que é trocado e meio trocado a diferença? O trocado a senhora falou que usa quatro birro né?

INFORMANTE 11: É aí eu só faço passá de um pra o ôtro. O ôtro eu tenho que entrançá eles os quatro juntos... PESQUISADORA: ah quando eu entranço é o meio trocado? INFORMANTE 11: É que são são quatro bichinho desses forma dois pá... PESQUISADORA: Ah... INFORMANTE 11: Aí se eu for fazê o trocado intero eu tenho que trocá eles dois juntos os dois par... PESQUISADORA: E o meio trocado? INFORMANTE 11: E se for o meio é só só um prum lado...eu não faço entrançá um ao ôtro...

PESQUISADORA: Então o meio trocado eu jogo... INFORMANTE 11: É... PESQUISADORA: Trocado inteiro vai e volta... (Ent.11 , linhas 86 a 97).

INFORMANTE 11: Aí e no meio dela é toda embuchado com o pano... PESQUISADORA: ah ótimo... INFORMANTE 11: e o trocado... PESQUISADORA: bom saber... (Ent.11, linhas 130 a 133).

INFORMANTE 11: é o trocado o mei trocado... tá normal.. PESQUISADORA: é né... INFORMANTE 11: tá normal... (Ent. 11, linhas 142 a 144).

INFORMANTE 12: e o trocado...PESQUISADORA: cadê o trocado aqui? Esse grande? INFORMANTE 12: esse daqui... PESQUISADORA: esse pequenininho? INFORMANTE 12: os tracinho... PESQUISADORA: os buraquinho é o trocado? INFORMANTE 12: hum...hum... PESQUISADORA: ah o trocado é os buraquinho... trocado o buraquinho { } trocado... pano... a traça... INFORMANTE 12: e a trança... PESQUISADORA: trança... trança é esse bem fininho aqui né e o trocado é o buraco... INFORMANTE 12: não o trocado a gente chama é esse bichinho aqui... iss'aquí... PESQUISADORA: esse quadradinho? INFORMANTE 12: é... PESQUISADORA: todo? O quadradinho todo... INFORMANTE 12: o trocado que eu quero dizer é iss'aquí esse bichinho aqui... PESQUISADORA: ah entendi... ah tá... INFORMANTE 12: só porque ess'aquí tem diferença... esse furado é o ispinho... PESQUISADORA: (...) hum...hum { }... INFORMANTE 12: aqui ó é o trocado mas tem furinhum e esse daqui só é transpassado ó tu pode vê... (Ent. 12, linhas 186 a 204).

PESQUISADORA: pingo d'água deixa eu vê... aí que lindo parece um pingo d'água mesmo... aí o pingo d'água aí aqui eu tenho esse que eu também a traça né... o cheinho o pano o trocado... INFORMANTE 12: e o trocado... (Ent.12 , linhas 214 a 216).

INFORMANTE 12: é do jeito que tá aqui ... se uma pessoa quisé fazê quisé modifica qualqué coisinha aqui... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 12: modifica se quisé butá as rosinha se quisé butá trocado bota... (Ent. 12, linhas 316 a 318).

PESQUISADORA: só pra eu tê uma ideia ... eu quero entendê a diferença de trocado pra meio trocado... eu já sei pescá... agora eu vou aprender a rendá... (risos)... INFORMANTE 1: vou butá ele pra fazê renda... VOZ MASCULINA: () tem um rapaz que faz renda ()... PESQUISADORA: ó R.!() tu tá tirando? INFORMANTE 1: pra fazê o trocado... (Ent. 12, linhas 414 a 419).

INFORMANTE 1: trocado cheio... PESQUISADORA: hum...hum esse aqui? INFORMANTE 1: não esse aqui ó... aí vem esse aqui... esse aqui... PESQUISADORA: hum...hum...LINDO... valha-me Deus! (Ent.12 , linhas 428 a 431).

PESQUISADORA: não o que eu quero saber na verdade é a diferença do trocado pro meio trocado... INFORMANTE 1: é isso daqui... PESQUISADORA: olhe... faz pra mim um trocado? INFORMANTE 1: ó esse daqui que você fez é o trocado... PESQUISADORA: hum...hum... tá o trocado vamos lá... INFORMANTE 1: a diferença tá aqui ... aqui é o trocado ó o trocado cheio... esse aqui é o mei' trocado só é assim... PESQUISADORA: deixa o R. fotografá... também ela não tá muito rápida não... () qué vê faiz só pra mim aí o trocado... INFORMANTE 1: vou fazer bem devagarinho... aqui ó... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 1: esse aqui é o trocado cheio... esse daqui é o mei' trocado só é o pontinho assim ó... PESQUISADORA: ah tá... INFORMANTE 1: esse aqui é o mei' trocado... PESQUISADORA: é como se o meio trocado fosse não terminasse assim tudo né... INFORMANTE 1: é que tem gente que só trabalha assim com mei' trocado... PESQUISADORA: entendi... INFORMANTE 1: agora eu só trabalho com trocado cheio porque no trocado cheio fica a renda mais durinha... PESQUISADORA: ah tá... INFORMANTE 1: e com o trocado o meio trocado fica assim a renda mole... PESQUISADORA: ah é fica mais... fica o trocado cheio fica mais firme? INFORMANTE 1: é... (Ent.12, linhas 439 a 460).

INFORMANTE 13: tinha deiz... “vamo aprendê a fazê a trança”... porque a trança é só assim óia ...é a coisa mais fácil até você faiz... é só pegá esses quatro birrim aqui a trança é os trocado ... mais é só fazê assim pronto é essas daqui que tão tudo feitinha... aqui que num é traça... (Ent. 13 , linhas 442 a 444).

PESQUISADORA: aqui eu tenho algum trocado e meio trocado tenho? INFORMANTE 13: não. Aqui é meio trocado. Esses daqui são meio trocado esses daqui essa virada aqui todinha todinha... todinha ta

196. Trocado Nm [Ssing]

entendendo? Agora esses daqui com esses de dentro aqui esses trocado fechado aqui são trocado intero se chama de trocado intero... PESQUISADORA: esse aqui é trocado intero? INFORMANTE 13: é... (Ent. 13, linhas 548 a 553).

PESQUISADORA: ah mas esse aqui tá lindo demais... então tá bom meu amor muito muito muito obrigada... a senhora é uma enciclopédia da renda e cada vez que eu venho aqui eu aprendo mais eu vô ter vir um dia porque assim... a gente fala trocado meio trocado aí minha orientadora me deu a ideia que “fica melhor tu filmá também o que é trocado”... aí filma fazendo trocado... aí filma fazendo meio trocado... aí depois eu marco um dia aí a gente vem eu vô terminá saindo daqui fazendo renda...(risos)

INFORMANTE 13: mas o meio trocado ele ele já tá aqui nessa nessa coisa que corre aqui dentro ...já tá aí é essa coisa que é esse aqui se você quisé bate foto mais uma vez... (Ent. 13, linhas 634 a 640).

INFORMANTE 13: olha o meio trocado aqui inda aqui... tá vendo... iss'aqui é meio trocado...

PESQUISADORA: tô vendo... então ele intero a gente vai chamar ele por exemplo um monte de meio trocado aqui né? INFORMANTE 13: é assim esse aqui é o meio trocado... PESQUISADORA: e eu posso chamar de pano também não? INFORMANTE 13: não iss'aqui não é pano ele é meio trocado. (Ent. 13, linhas 650 a 655).

INFORMANTE 14: quatro tá passando pra lá e pra cá e meteno nos buraquinho.. aí e lá foi me insinuando fazê a traça... fazeno a trancinha... aí de lá fui aprendeno sozinha mesmo... fazeno os embuchado que tem os trocado os mei trocado... (Ent. 14, linhas 55 a 57).

INFORMANTE 14: esse aqui é embuchado... esse daqui é traça ...isso daqui é pano ...isso daqui é mei é trocado... trocado intero agora meio trocado... eu não tenho porque é ela é muito grandona aí num presta só presta mei só presta trocado intero... mei trocado só é só metê a bichinha aqui e pronto... e num fechá duas vez não fecha só uã vez o mei trocado... PESQUISADORA: entendi e o trocado intero fica mais aberto? (Ent.14 , linhas 102 a 106).

PESQUISADORA: e me diga uma coisa que eu ainda não consegui entender o que é este trocado o que é que é este trocado? INFORMANTE 14: aqui vou mostrá pa senhora aqui... PESQUISADORA: até o final dessa pesquisa eu aprendo até o final o que é o trocado... a gente pode falar trocado né?

INFORMANTE 14: trocado é... () PESQUISADORA: pega dois pá de birro... (Ent.14 , linhas 111 a 116).

INFORMANTE 14: aí fechou... aí cê bota aqui e faz de novo enche de novo... esse é o mei trocado... este que é o trocado e o otro é o mei trocado... PESQUISADORA: meio trocado é como se você não terminasse o ponto todo... INFORMANTE 14: hum...hum... PESQUISADORA: e ficasse meio ponto... e o trocado intero você fecha a pontinha... INFORMANTE 14: fecha o ponto todo é... os pessoal aqui usa mais é é ele é o trocado... que o mei trocado ela aqui é muito jangarela assim muito abertona aí num dá pra fazê é muito mole... (Ent. 14, linhas 158 a 164).

INFORMANTE 15: os birro é trocado... aí ela “minha fia não é assim” aí que eu que ela foi me insiná “é assim é desse jeito” aí que ela dizia... mar dexava só que num entava aqui dentro... num entrava na minha mente aí que eu ia fazê... que não acertava que ela largava o cascudo em mim...

PESQUISADORA: eita diacho... cada erro? (Ent. 15, linhas 40 a 43).

INFORMANTE 15: eu só usava só seis pá de birro nela... PESQUISADORA: aí fazia o que o trocado?

INFORMANTE 15: o trocado a ponta e a traça só... (Ent. 15, linhas 61 a 63).

INFORMANTE 15: porque? Porque que a traça é comprida os embuchado é cheio...

PESQUISADORA: é gordinho por isso que o nome é embuchado né porque parece um buchinho gordinho... e a diferença do que é trocado pro que é o meio trocado? INFORMANTE 15: porque trocado que ele vai assim ó trocado todo ó... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 15: e mei trocado a gente só bota um por cima do ôtro pronto... PESQUISADORA: ah tá... INFORMANTE 15: os mei trocado... (Ent. 15, linhas 326 a 333).

PESQUISADORA: trocado e meio trocado... INFORMANTE 15: isso... PESQUISADORA: agora pelo que eu entendi trocado e meio trocado são os movimentos que eu vou fazê com o biuro pra que ... através desse trocado e do meio trocado que eu vou criá um embuchado... é isso? INFORMANTE 15: não... PESQUISADORA: porque pur exemplo tu faz aí um embuchado eu vou fazê trocado e meio trocado? INFORMANTE 15: não... só é trocado... PESQUISADORA: só trocado... pra eu fazê uma traça é trocado e meio trocado? INFORMANTE 15: é... o trocado todo pra deixar já os birro já pa traça... PESQUISADORA: pra eu fazê um pano também é só com trocado? INFORMANTE 15: é de mei trocado o pano... PESQUISADORA: ah é isso que eu queria saber ó já é uma coisa que eu aprendi nova... o embuchado a traça esses pontinho cheio tudo eu faço usando trocado já esses ponto vazado é com meio trocado por isso é que ele fica aberto... (Ent. 15, linhas 346 a 359).

Registro em dicionários:

196. Trocado Nm [Ssing]
1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: De origem incerta (CUNHA, 2010, p. 653).
Obs: A lexia encontra-se dicionarizada, mas com acepção diferente.

197. Trocado cheio NCm [Ssing + ADJsing]
<i>INFORMANTE 1: trocado cheio... PESQUISADORA: hum...hum esse aqui? INFORMANTE 1: não esse aqui ô... aí vem esse aqui... esse aqui... PESQUISADORA: hum...hum...LINDO... valha-me Deus! (Ent.12 , linhas 428 a 431).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: De origem incerta (CUNHA, 2010, p. 653).
Obs:

198. Trocado completo NCm [Ssing + ADJsing]
<i>PESQUISADORA: ...Mais isso que você chama de meio trocado é o que? INFORMANTE 2: É o ponto da renda... PESQUISADORA: Aí quantos são os pontos que existe? Meio trocado... INFORMANTE 2: / e o trocado completo... PESQUISADORA: Trocado completo... e esse ...essa traça... o que é traça? (Ent. 2, linhas 67 a 71).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e 2. Morais: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: De origem incerta (CUNHA, 2010, p. 653).
Obs:

199. Trocado d'água NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]
<i>PESQUISADORA: esses aqui que são mais... Esses buraquinhos aqui chamam como? INFORMANTE 5: é o trocado... PESQUISADORA: trocado... Esse aqui é o ponto... INFORMANTE 1: É o ponto... PESQUISADORA: traça... INFORMANTE 5: traça de novo... PESQUISADORA: Agora pingão d'água é um ponto ou é um desenho? É um desenho não é? INFORMANTE 5: é um ponto... PESQUISADORA: É um ponto... é um tipo de ponto e trocado... INFORMANTE 5: trocado d'água é assim... deixa fazê pra ti. Só pra mim te mostra como é... PESQUISADORA: tá... (Ent.5 , linhas 150 a 160).</i>
Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
Origem: De origem incerta (CUNHA, 2010, p. 653).
Obs:

200. Trocado fechado NCm [Ssing + ADJsing]
<i>INFORMANTE 13: não. Aqui é meio trocado. Esses daqui são meio trocado esses daqui essa virada aqui todinha todinha... todinha ta entendendo? Agora esses daqui com esses de dentro aqui esses trocado fechado aqui são trocado intero se chama de trocado intero... PESQUISADORA: esse aqui é trocado intero? INFORMANTE 13: é... (Ent. 13, linhas 548 a 553).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
Origem: De origem incerta (CUNHA, 2010, p. 653).
Obs:

201. Trocado intero NCm [Ssing + ADJsing]
<i>PESQUISADORA: han...han..... e esse movimento como é que é? de trocá o biuro? Como é que é? Na hora que troca... INFORMANTE 1: é trocado... PESQUISADORA: trocado... INFORMANTE 1: é o trocado e mei trocado... só tem esses dois... PESQUISADORA: qual é a diferença o trocado com o meio trocado? INFORMANTE 1: o trocado é intero... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 1: o trocado intero... passa este por este... a lá... deixa eu fazê um trocado pra você ver... dá pra fazê não... PESQUISADORA: só lá né? INFORMANTE 1: é... lá eu lhe mostro /PESQUISADORA: que é o trocado e o meio trocado... são os movimentos... INFORMANTE 1: isto / é os movimentos são esses... e tem a traça... (Ent. 1, linhas 260 a 273).</i> <i>PESQUISADORA: e esse aqui... esse grosso eu chamo como? Da linha grossa... INFORMANTE 3: esse aqui? Aqui... aqui também é um pano de mei' trocado... esse aqui é um pingo d'agua... um pingo d'agua... esse () aqui ô! PESQUISADORA: ah... o pingo d'agua ele é feito do que? INFORMANTE 3: é... também... PESQUISADORA: de meio trocado? ... INFORMANTE 3: é... não... o pingo d'agua é trocado inteiro... aí ele forma um paninho de trocado intero... é diferente é... PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: olha o jeito do trocado intero e olha o jeito do mei' trocado... (Ent. 3, linhas 258 a 267).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
Origem: De origem incerta (CUNHA, 2010, p. 653).

Obs:

202. Tucum Nm [Ssing]

INFORMANTE 6: mais hoje não existe mais... esses bírdalo grande aqui... esses bírdalo esses vem do Pará... lá da colônia... das colônia de Santarém... PESQUISADORA: olha... INFORMANTE 6: a minha mãe morava lá... sempre a minha mãe... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: morava lá... e ela mandô pra mim... porque sabia que aqui não tinha... então... ele... só que essa cabecinha aqui... que isso aqui... se ocê disser F., o que é isso aqui? Você pode me perguntá que eu... vô lhe dizê... (risos) PESQUISADORA: o que é? (risos) ... INFORMANTE 6: é um tucum... PESQUISADORA: tucum... é a cabecinha... INFORMANTE 6: é... tucum... PESQUISADORA: e porque faz esse barulhinho assim? INFORMANTE 6: porque já ta ficando velhinho... e aí fica largando assim os pedacinho... o coquinho de dentro e fica dano esse barulhinho... (Ent. 6, linhas 233 a 246).

INFORMANTE 6: aí faz aquele buraquinho no chão... é... aqui é o tucum... mais depois que coloca esse aqui... que faz essa cabeça aqui... olha... não mexa nos meus tucum... meus tucum tão aí... que falta encabá...mais depois de encabado... torna-se os meus bírdalos... PESQUISADORA: e encabá o que que é? É enfia a medeira dentro? INFORMANTE 6: é enfia isso daqui... tem gente que ainda bota cola quando fica folgadinho... PESQUISADORA: ah... bota cola quente... INFORMANTE 6: então... eu vou encabá tantas dúzias de biurro pra fulano de tal... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: de... de tucum... (Ent.6, linhas 266 a 274).

PESQUISADORA: ah ta... esses ispinho foi que tu fez? INFORMANTE 8: tucum... PESQUISADORA: tucum... mandacaru né? E o que que eles fazem com biurro? faz caminho de mesa... INFORMANTE 8: caminho de mesa... camiseta... aplique... (Ent.8, linhas 142 a 145).

INFORMANTE 9: almofada... agora esse aqui é de tucum... PESQUISADORA: dentro da almofada tem o que? INFORMANTE 9: ah... isso aí é paia de bananêra... PESQUISADORA: bananera né? o espinho é de tucum... (Ent.9, linhas 79 a 82).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire:n/e
4. Aurélio: **TUCUM**, [Do tupi.] 1. Nome comum a várias palmeiras areáceas dos gêneros *Astrocaryum* (v. *astrocário*) e *Bactris* (v. *báctris*), nativas do Brasil e de países vizinhos, que fornecem fibras e frutos ger. comestíveis; tucunzeiro. [Sin.: *tucunzeiro*.]

Origem: Do tupi *tu'kũ* (CUNHA,2010, p. 656).

Obs:

203. Urela Nf [Ssing] ~ Aruela Nf [Ssing]

INFORMANTE 6: é... é fácil... é... ele é de... ele é como lhe falei de urela e de ponto e a renda vem com as duas urelas com... o pano no mei'... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: com uma rosa de traça... PESQUISADORA: eu tava lhe perguntando o que era auréola não foi? INFORMANTE 6: era... aruela... (risos) URELA... PESQUISADORA: urela meu Deus... (risos) URELA... (Ent. 6, linhas 28 a 34).

INFORMANTE 13: hum..hum esse daqui é a frente que ela fica assim olha... aqui é onde eu falei que a gente tem que trazê tecendo bem tecidin' que fica embaixo da urela aqui olha... PESQUISADORA: que é a axila né? Aurela... INFORMANTE 13: fica bonitinho... PESQUISADORA: fica lindo! Auruela não é... INFORMANTE 13: Urela... PESQUISADORA: urela... (Ent.13, linhas 607 a 613).

Registro em dicionários:

1. Bluteau: n/e
2. Morais: n/e
3. Freire: n/e
4. Aurélio: n/e
Origem: não encontrada.
Obs:

204. Vazado [ADJsing]
<i>PESQUISADORA: também é ponto cheio caseado? INFORMANTE 3: é... também tem <u>vazado</u>... tem umas bem fechada... tem mais vazado... PESQUISADORA: essa aqui é mais vazada né? INFORMANTE 3: é... (Ent. , linhas 1046 e 1047).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: VAZADO , ou Vasado. <i>Vtd.</i> Vaiado.
2. Morais: VÁZA, VAZADO , &c. V. com vassa -.
3. Freire: n/e
4. Aurélio: VAZADO , [Part. de <i>vazar</i> .] 2. Diz-se de elemento, ou de parte de construção, em que há espaços vazios: <i>tijolos <u>vazados</u>; parede <u>vazada</u>.</i>
Origem: Do latim <i>vācīvus</i> (CUNHA, 2010, p. 670)
Obs:

205. Venda de renda NCm [Ssing + {Prep + Ssing}]
<i>PESQUISADORA: nessa época como é que era pra vendê renda? INFORMANTE 10: aí já era asfaltada já... só que as casinha era tudo palafita tudo de madêra... PESQUISADORA: e já tinha loja? INFORMANTE 10: já tinha <u>venda</u>... <u>venda de renda</u>... tinha da dona M. B... tinha a F... e tinha ali a E... PESQUISADORA: certo... (Ent. 10, linhas 25 a 29).</i>
Registro em dicionários:
1. Bluteau: Morais: VÊNDA , s. f. Alheiação da coisa por certo preço. §. Pôr de venda; i. é expor á venda; e fig. fazer venal.
2. Freire: VENDA , s.f. De <i>vender</i> . 3. Ação de vender. Loja em que se vende.
3. Aurélio: VENDA [Do lat. <i>vendita</i> , part. pass. de <i>vendere</i> , ‘vender’.] 1. Ato ou efeito de vender; vendagem, vendição. 2. Pequeno estabelecimento comercial onde se vendem artigos variados.
Origem: Do latim <i>vendĕre</i> . (CUNHA,2010, p. 671).
Obs:

206. Verdoso [ADJsing]
<i>INFORMANTE 13: eu sempre eu fui assim... eu... eu ... eu num tenho estudo não tive estudo num tive nada fui criada no interiô comendo maçã de caju... correndo atrás de uã siriguela duã manga verde ...duã coisa... PESQUISADORA: maçã de caju é o caju não né? INFORMANTE 13: é é é ...mas quando ele tá verde é a maçã qué dizê... PESQUISADORA: olha eu nunca comi como é que é? INFORMANTE 13: é verde é quando ele tá verdinho... “menina esse caju tá só o maturi” “a... mas tem maçã e a gente comeu” ...olha tua boca porque quando ainda tá um pôco <u>verdoso</u> ele tem um leitinho ... que pega assim no centro da boca da gente viu... (Ent. 13, linhas 26 a 33).</i>

206. Verdoso [ADJsing]
Registro em dicionários: 1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: VERDOSO , adj. De <i>verde</i> . Esverdeado. 2. Verdejante. 3. Diz-se do fruto um tanto verde. 4. Aurélio: VERDOSO , (ô) [De <i>verde</i> + <i>-oso</i> .] 1. V. <i>esverdeado</i> . 2. V. <i>verdejante</i> .
Origem: Do lat. <i>viridis</i> (CUNHA, 2010, p. 673).
Obs:

207. Zero oitenta [NCm [Num+ Num]
<i>PESQUISADORA</i> : aí vocês tecem... por exemplo... que tipo de rede... todo tipo de rede? <i>INFORMANTE 1</i> : eu só ticia até <u>zero oitenta</u> ... <i>PESQUISADORA</i> : han...han... <i>INFORMANTE 1</i> : de <u>zero oitenta pra baixo</u> ... (Ent. 1, linhas 403 a 406).
Registro em dicionários: 1. Bluteau: n/e 2. Moraes: n/e 3. Freire: n/e 4. Aurélio: n/e
Origem: Não encontrada.
Obs:

Foto 12: Almofada de bilro e linhas – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

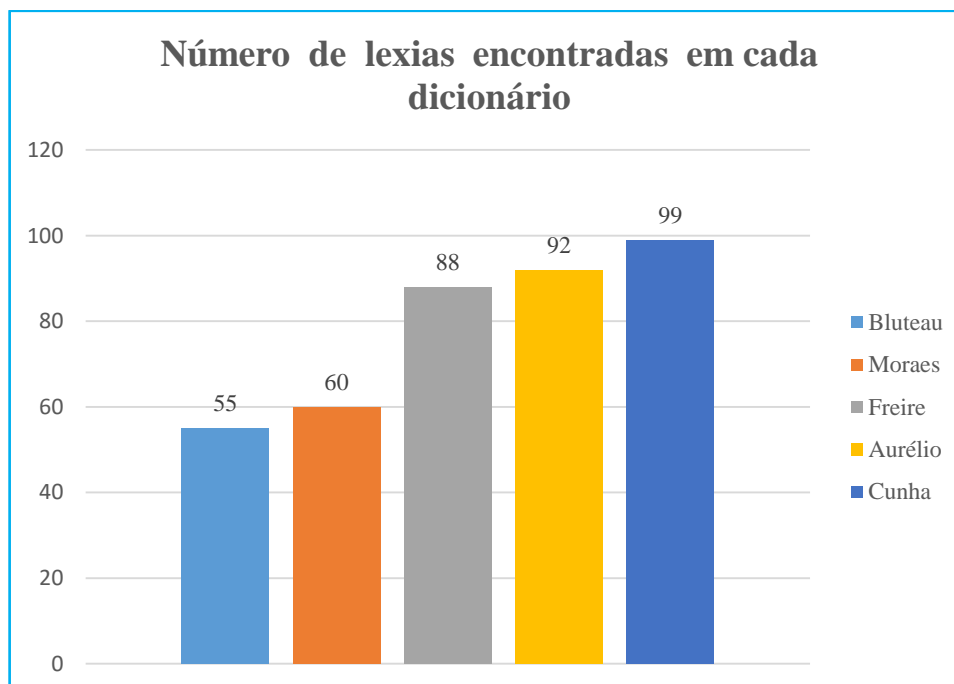
CAPÍTULO 5 - ANÁLISE QUANTITATIVA E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a elaboração das fichas lexicográficas, apresentadas em 4.1, analisaremos os dados nelas apresentados, a fim de melhor sistematizarmos as 207 lexias do nosso trabalho.

5.1 Quanto ao número de lexias presentes em cada dicionário

O Gráfico 1 exibe, em números absolutos, quantas lexias entre as 100 dicionarizadas estão presentes em cada dicionário: i) em Bluteau verificamos a presença de 55 lexias, o que corresponde a 55% do total das dicionarizadas; ii) no dicionário de Moraes e Silva foram encontradas 60 lexias, o que corresponde a 60% das lexias dicionarizadas; iii) o dicionários de Laudelino Freire e de Aurélio, representados, respectivamente, pelas cores cinza e amarelo, tiveram uma grande representatividade entre os que mais apresentam aquelas lexias constantes do grupo das dicionarizadas, com 88 ou 88% o primeiro e 92 ou 92% o segundo; iv) o dicionário etimológico de Antônio Geraldo da Cunha registrou um total de 99 lexias do grupo das dicionarizadas.

Gráfico 1 – Número de lexias encontradas em cada dicionário

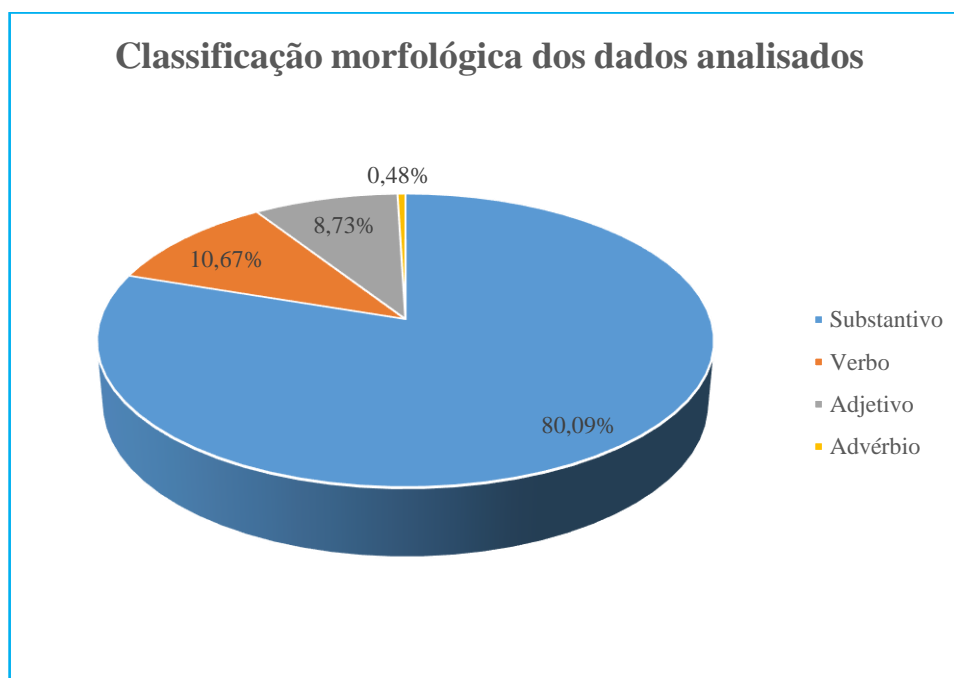


5.2 Quanto à classificação gramatical

Ao avaliarmos as fichas, constatamos que os substantivos e os verbos somam 188 ocorrências, o que corresponde a 90,29% do *corpus*. Os substantivos se destacaram com 166 ocorrências, representando 80,09% das lexias selecionadas. Os verbos vêm a seguir com 22 ocorrências, totalizando 10,67% das lexias. Os adjetivos abarcam 8,73% do total de lexias, com 18 ocorrências. Os advérbios correspondem a 0,48% do *corpus*, visto ocorrerem somente uma vez.

O Gráfico 2 apresenta a distribuição dos dados analisados, conforme a sua classificação morfológica:

Gráfico 2 – Classificação morfológica dos dados analisados

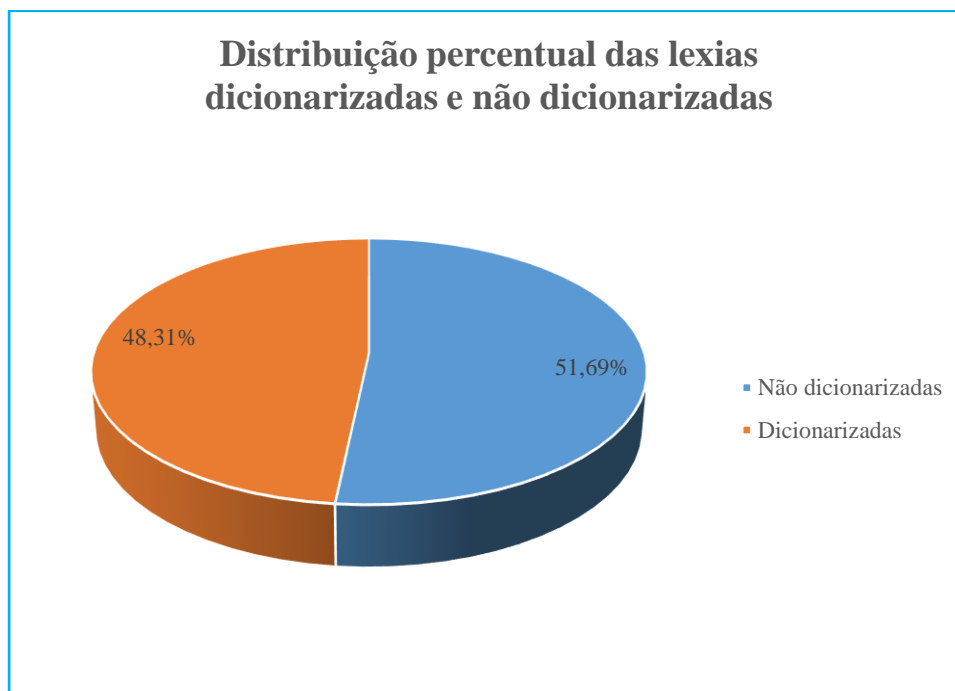


5.3 Quanto às lexias dicionarizadas e não dicionarizadas

Após estudar as 207 fichas, encontramos 107 lexias que não foram localizadas em nenhum dos dicionários examinados, representando 51,69% do total, ao passo que 100, ou 48,31% de lexias encontram-se dicionarizadas. Cabe salientar que aquelas lexias que, no contexto das entrevistas, ofereceram sentido incompatível às acepções dicionarizadas foram contadas como não dicionarizadas.

O Gráfico 3, a seguir, apresenta esse percentual de lexias dicionarizadas e não dicionarizadas.

Gráfico 3 – Distribuição percentual das lexias dicionarizadas e não dicionarizadas

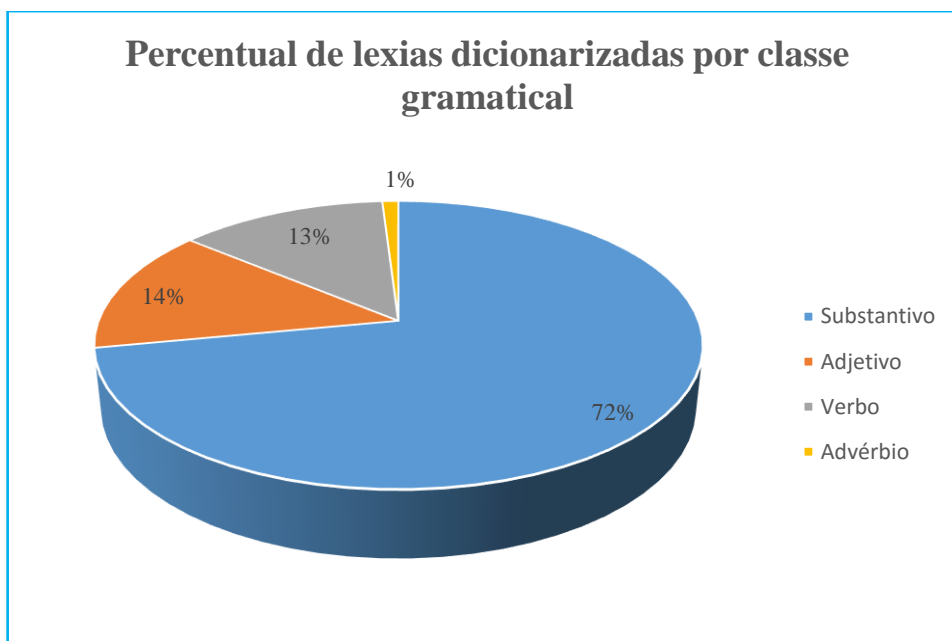


Acreditamos que esse alto número de lexias não dicionarizadas deve-se ao fato de serem, em sua maioria, lexias voltadas para o universo da renda, referentes a tipos de renda, pontos da renda ou ações/movimentos relacionados ao “fazer renda”. Para que possamos fazer uma análise mais apurada, verificaremos a seguir as classes gramaticais das lexias dicionarizadas e não dicionarizadas.

5.4 Dicionarização segundo a classificação gramatical

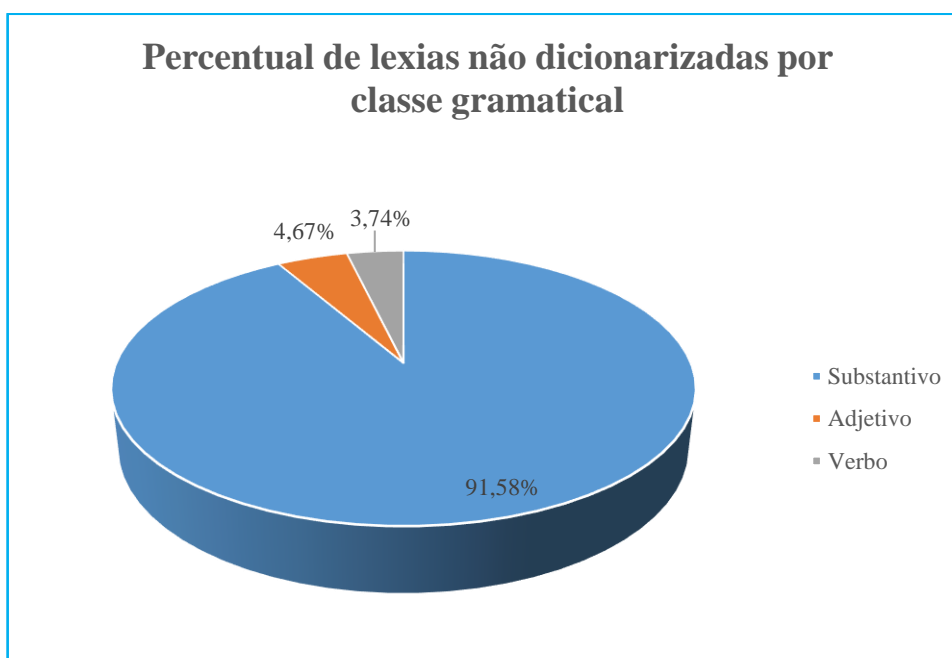
Conforme visto em 5.2, as 207 lexias presentes em nosso *corpus* foram distribuídas em quatro grupos, os quais representavam as classes gramaticais dessas. Para que possamos conhecer o indicador de lexias dicionarizadas ou não dicionarizadas em cada um desses grupos, fez-se necessária a confecção de outros dois exames quantitativos. O Gráfico 4 ilustra o percentual de unidades léxicas por classes gramaticais entre aquelas dicionarizadas.

Gráfico 4 – Percentual de lexias dicionarizadas por classe gramatical



Podemos visualizar, no Gráfico 5, que, entre as 100 lexias dicionarizadas, 72 exercem a função de substantivo, o que corresponde aos 72% indicados pela cor azul. Os adjetivos somam 14 lexias, ou 14% das dicionarizados, os verbos, 13 lexias, o que representa os 13% apontados no Gráfico, e os advérbios, com somente 1 ocorrência, correspondem ao 1% sinalizado no gráfico. No Gráfico 5, temos, em números percentuais, a distribuição por classe gramatical dentre as lexias não dicionarizadas:

Gráfico 5 – Percentual de lexias não dicionarizadas por classe gramatical



Após a análise das 107 lexias não dicionarizadas, constatamos que 98 exercem, nas abonações, a função de substantivo, o que corresponde aos 91,58% indicados no Gráfico acima. Os adjetivos somam 5 unidades lexicais ou 4,67% das lexias dicionarizadas. Os verbos somam 4 lexias, o que representa os 3,74% apontados no Gráfico.

A maioria das lexias não dicionarizadas é composta de substantivos referentes ao universo da renda, seguidos de verbos também, em sua maioria, relacionados a esse universo. São elas: *armação de banco, banco de guarda, barata, barrinha de renda, bico ~ renda de bico, bico de cigana, biquinho, bolsada de renda, bordado cheio, bordado de cruz, butar a renda, caixinha de renda, caminho, caminho de mesa, charita, charitazinha, cigano, corredor das rendas, dente de rato, disimendada, embuchado, encabado, encabá, fazer renda, flô de renda, flô de traça, jangarelo, larguecê, meio pano, meio trocado, misura, mulhé rendera ~ mulé rendera, paninho, paninho de meio trocado, pano, pano cheio, pano corrido no meio, pano de meio trocado, pano de trocado intero, pano de urupema, pano sem fim, pano ticido, papelão picado, papelão pinicado, pareá., picado, pingo d'água, pitiuzera priquitinho, priquitão, ponta de renda, ponto cruz, ponto de fora, ponto intero, renda de birro ~ renda de biurro, renda de metro, renda fina, renda graúda, renda grossa, , rendinha, rendinha de trança, rendinha estreitinha, rendinha miudinha, renascença, roda de almofada, rosa de girassol, rosa de traça, rudia, tabuleta, tarrafa, traça, traça chata, traça comprida, trocadinho, trocado, trocado cheio, trocado completo, trocado d'água, trocado fechado, trocado intero e urela.*

Além de lexias relacionadas ao universo da renda, encontramos também, entre as não dicionarizadas, lexias relacionadas à pesca, à alimentação e às crenças e costumes locais. Para uma melhor sistematização desses dados, agruparemos, a seguir, as lexias não dicionarizadas por campo semântico.

5.4.1 Agrupamento das lexias não dicionarizadas por campo semântico

Por meio da língua, o homem recria a realidade, interpretando-a e repassando-a aos demais. Aprisionado às suas estruturas, obediente às regras que lhe garantem a intercomunicação, preserva, inconscientemente, formas tradicionais, mas, sensível às modificações que se operam a sua volta; nela imprime suas marcas, renovando-a a cada apelo externo.

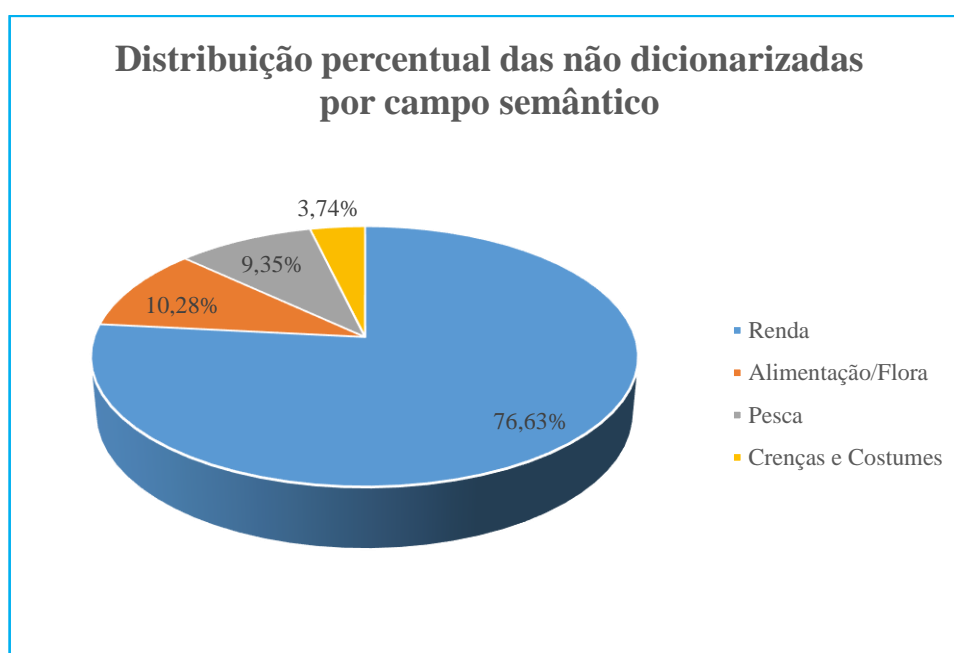
No caso de um vocabulário regional - como o da renda, apesar de haver pontos comuns entre as comunidades rendeiras que se refletem no vocabulário inter-regional,

inerente ao âmbito social/corporativo restrito em que é utilizada, há, por outro lado, um contexto específico a cada uma delas.

Por essas razões, como a pesquisa aqui apresentada é resultado de “conversas” com rendeiras, que vivenciam, em seu cotidiano, a renda, achamos procedente verificar, dentre as lexias não dicionarizadas, quantas têm relação com esse universo.

Nesse sentido, agrupamos as 107 lexias não dicionarizadas em 4 campos semânticos: Renda, Alimentação/Flora, Pesca e Crenças e Costumes. O Gráfico 6 ilustra essa averiguação:

Gráfico 6 – Distribuição percentual das não dicionarizadas por campo semântico



Constatamos que, das 107 lexias não dicionarizadas, 82 fazem parte do campo semântico Renda, o que corresponde a 76,63% do total, enquanto 11 lexias ou 10,28% encontram-se no campo da Alimentação/Flora; 10 ou 9,35% referem-se à pesca e 4 lexias, correspondente a 3,74% do total insere-se no campo Crenças e costumes, nomeando uma lenda local:

- *Renda: armação de banco, banco de guarda, barata, barrinha de renda, bico ~ renda de bico, bico de cigana, biquinho, bolsada de renda, bordado cheio, bordado de cruz, butá a renda, caixinha de renda, caminho, caminho de mesa, charita, charitazinha, cigano, corredô das rendas, dente de rato, disimendado, embuchado, encabado, encabá, fazê renda ~fazê rendinha, flô de renda, flô de traça, jangarelo, larguecê, meio pano, meio trocado, misura, mulhé rendera ~ mulé rendera, paninho, paninho de*

meio trocado, pano, pano cheio, pano corrido no meio, pano de meio trocado, pano de trocado intero, pano de urupema, pano sem fim, pano tecido, papelão picado, papelão pinicado, pareá, picado, pingo d'água, priquitinho, priquitão, ponta de coco, ponta de renda, ponto cruz, ponto de fora, ponto intero, renda de birro ~ renda de biurro, renda de metro, renda fina, renda graúda, renda grossa, rendinha, rendinha de trança, rendinha estreitinha, rendinha miudinha, renascença, roda de almofada, rosa de girassol, rosa de traça, rudia, saco de istopa, tabuleta, tarrafa, traça, traça chata, traça comprida, trocadinho, trocado, trocado cheio, trocado completo, trocado d'água, trocado fechado, trocado intero, urela.

- Alimentação/Flora: *farinha mole, farinha seca, folha de bananera, folha de buriti, limão verde, maçã de caju, manga verde, palha de banana, palha de bananera, palha de buriti, siriguela.*
- Pesca: *berada d'água, berada da praia, curral, gozera, pescadera, pesquera, pitiuzera, sajubera, serrera, zero oitenta.*
- Crenças e costumes: *Cavalão, Lobisome ~ Lubisome, Macacão, Pai do mangue, Rolinha.*

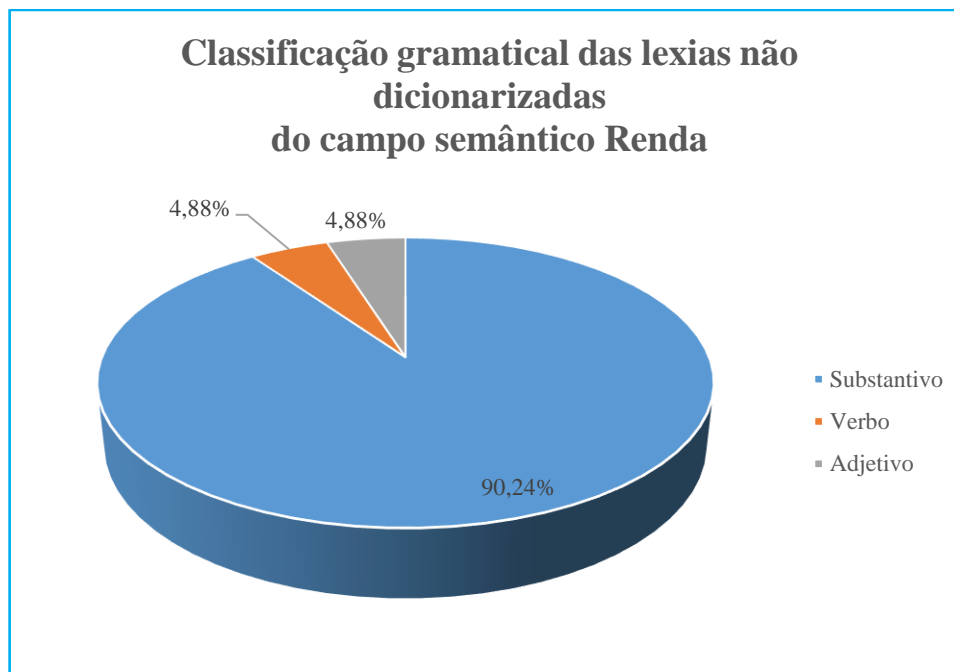
Como foi explicitado nos procedimentos metodológicos, as entrevistas não seguiram um roteiro, foram entrevistas abertas, nas quais vários temas foram abordados. Dessa forma, relacionamos a ocorrência das 11 lexias pertencentes ao campo semântico Alimentação/Flora ao fato de a maioria das rendeiras ser, também, dona de casa. Em relação às lexias que se encontram no campo semântico Pesca, trataremos dessa intercessão do universo da renda com o da pesca no item 5.9. A ocorrência da lexia Pai do mangue, embora pertencente ao campo semântico Crenças e costumes, também faz parte do universo da pesca e será tratada nesse item.

As lexias do campo semântico Renda, por constituírem nosso primeiro objeto de estudo, merecem uma análise mais detalhada. Assim, no próximo item verificaremos sua classificação gramatical.

5.4.2 Classificação gramatical das lexias não dicionarizadas relacionadas à renda

No Gráfico 7, as 82 lexias não dicionarizadas do campo semântico Renda estão distribuídas conforme a sua classificação gramatical:

Gráfico 7 – Classificação gramatical das 82 lexias não dicionarizadas do campo semântico Renda



Como podemos verificar no Gráfico acima, a maioria das lexias não dicionarizadas do campo semântico Renda é de substantivos, com 74 ocorrências, correspondente a 90,24 % do total de lexias; os verbos ocorrem 4 vezes, correspondendo a 4,88 % do total e os adjetivos, 4 vezes, ou 4,88% do total.

Esses dados são indicadores da alta criatividade das rendeiras e da riqueza lexical da atividade de “fazer renda”, visto que a maior parte das lexias não dicionarizadas nomeia tipos e pontos de renda ou instrumentos relacionados à renda, ou, no caso dos verbos, referentes a movimentos ou ações da arte de fazer renda: *butá a renda, encabá, fazê renda, larguecê, tecê renda*.

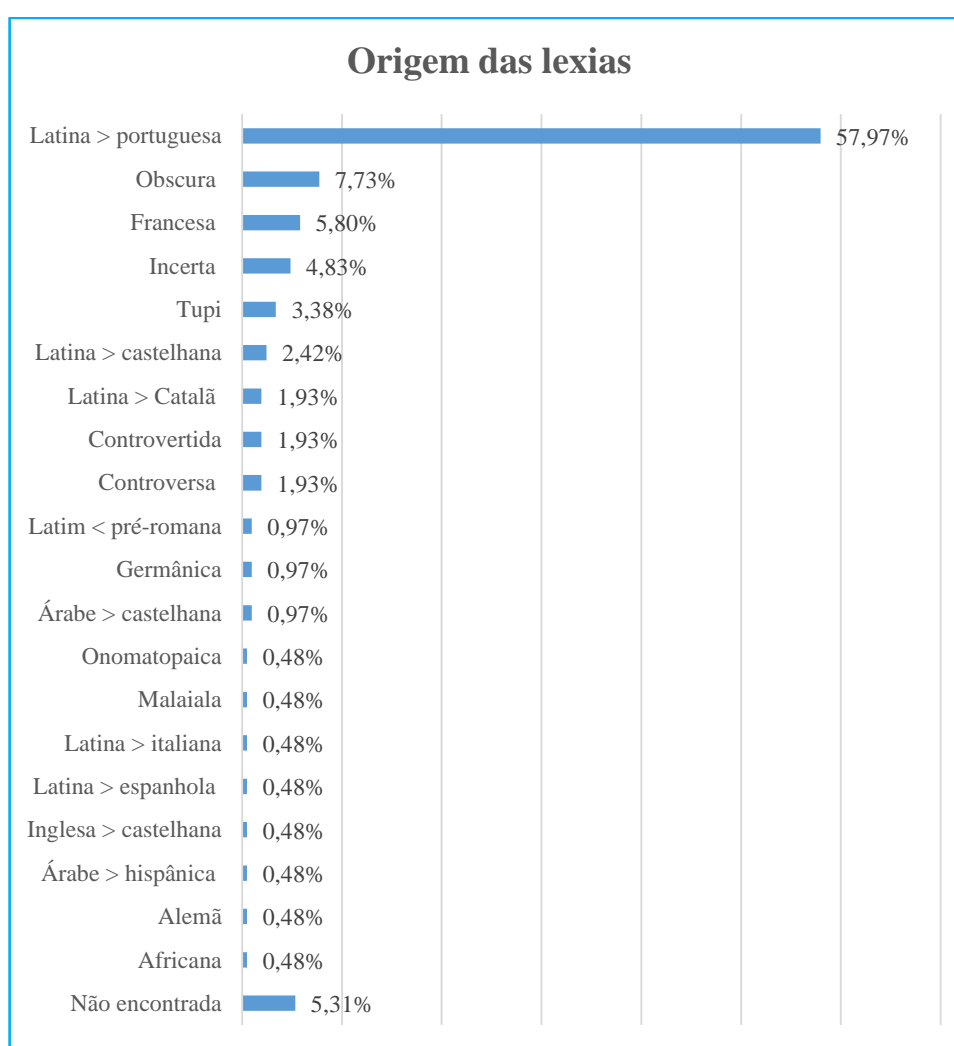
5.5 Quanto à origem

No que se refere à origem das lexias, como podemos observar no Gráfico 8, a seguir, a região pesquisada apresenta 120 lexias de origem latina > portuguesa, ou 57,97% do total. As de origem obscura somaram 16 ocorrências, o que corresponde a 7,73%. As lexias de origem francesa somaram 12 ocorrências, correspondente a 5,80%. As de origem incerta somaram 10 ocorrências, correspondente a 4,83%. As de origem tupi somaram 7 ocorrências, representando 3,38% do total de lexias analisadas. Lexias de origem latina > castelhana ocorreram 5 vezes, ou 2,41%. As de origem controversa e controvertida, ocorreram 4 vezes,

correspondente a 1,93%. Lexias de origem latina > catalã ocorreram também 4 vezes, ou 1,93% do total. Lexias de origem árabe > castelhana, germânica, pré-romana, ocorreram 2 vezes, ou 0,97%. As de origem onomatopaica, latina > italiana, africana, malaiala, inglesa > castelhana, alemã, latina > espanhola e árabe > hispânica ocorreram somente 1 vez, o que representa 0,48% do total das lexias.

Onze (11) lexias não tiveram sua origem encontrada, correspondente a 5,31% do total. Podemos visualizar estes dados no Gráfico 8.

Gráfico 8 – Origem das lexias



A seguir, destacamos as lexias de origem indígena e africana: *buriti*, *camurim*, *mandacaru*, *maturi*, *pindoba*, *pitiuzera* e *tucum* (origem tupi) e *macacão* (híbrida africana + sufixo português).

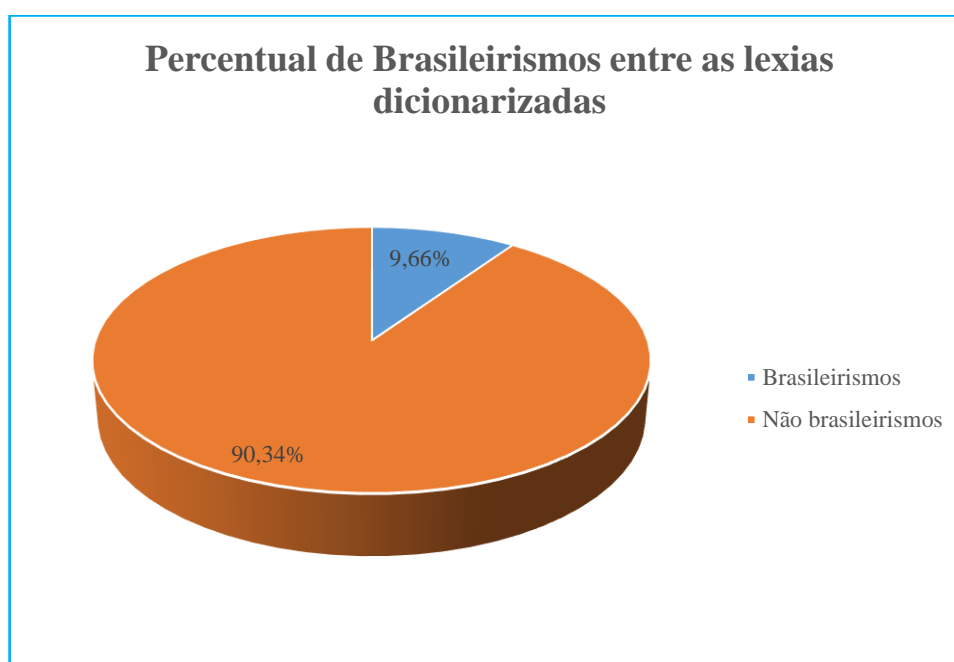
5.6 Brasileirismos

O dicionário Aurélio século XXI define um número significativo de lexias presentes nas fichas como brasileirismo, entendido aqui como “todo fato linguístico, de caráter geral ou regional, que caracterize o português em uso no Brasil, em contraste com o usado na Europa” (OLIVEIRA, 1999, p. 96). Para essa autora, enquadram-se como brasileirismos as seguintes categorias: os indigenismos, os africanismos, os brasileirismos semânticos, as formações e derivações brasileiras de base vernácula ou de base híbrida e as lexias de origem expressiva próprias dos brasileiros. O vocábulo indigenismo, usado por Oliveira, se refere ao repertório lexical originado do conjunto das diversas famílias indígenas brasileiras que contribuíram para o português do Brasil. De forma semelhante, a lexia africanismo se refere ao conjunto das lexias oriundas dos diversos falares africanos que também contribuíram para o português do Brasil. Após a análise das 207 lexias, encontramos 20 lexias classificadas como brasileirismos no Aurélio século. XXI:

- *Arroso, bocadinho, cheiro-verde, coquinho, corredor, distorcido, embuchado, espeque, farinha-d'água, goma, juta, mandacaru, maturi, miudinha, pala, pepelão, pinicar, ponta, rolinha e sarnambi.*

O Gráfico 9 mostra o percentual de brasileirismos entre as lexias dicionarizadas, de 9,66%:

Gráfico 9 – Percentual de brasileirismos entre as lexias dicionarizadas

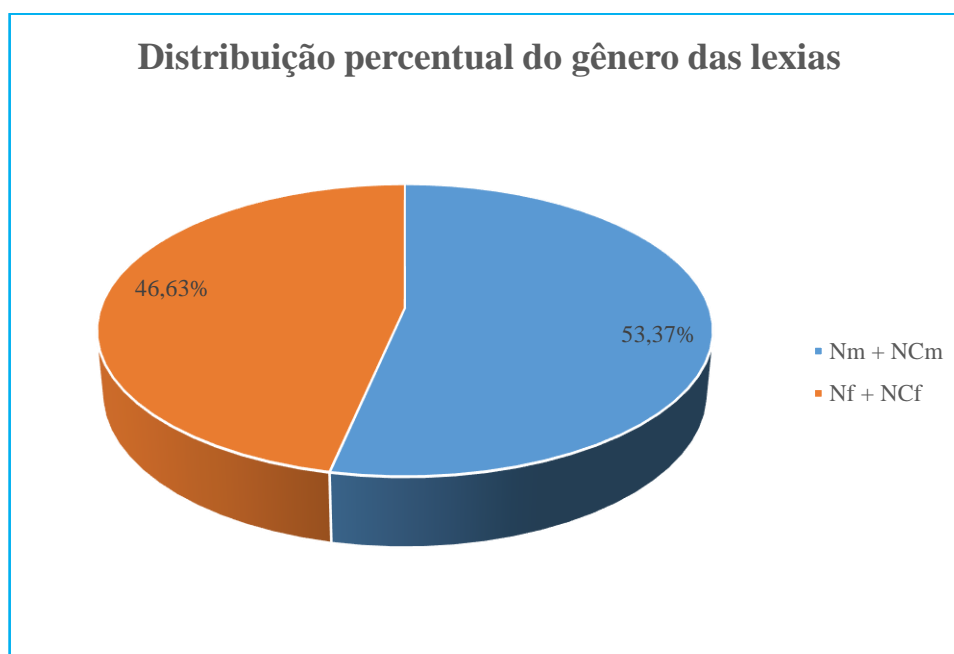


5.7 Quanto à forma e ao gênero das lexias

Nas lexias analisadas, num universo de 163 de substantivos, o gênero feminino se sobressai com 87 ocorrências, o que corresponde a 53,37% dos dados presentes em nosso corpus. O gênero masculino ocorre em 76 lexias, correspondendo a 46,63% dos dados.

A quantificação total dos dados quanto ao gênero está ilustrada no Gráfico 10.

Gráfico 10 - Gênero das lexias



5.8 Quanto ao número de ocorrências das lexias

Nesta seção, apontamos aquelas lexias que tiveram um número de ocorrências expressivo – são 63 lexias que ocorreram entre 05 e 399 vezes, o que corresponde a 30,43% do total (Quadro 1).

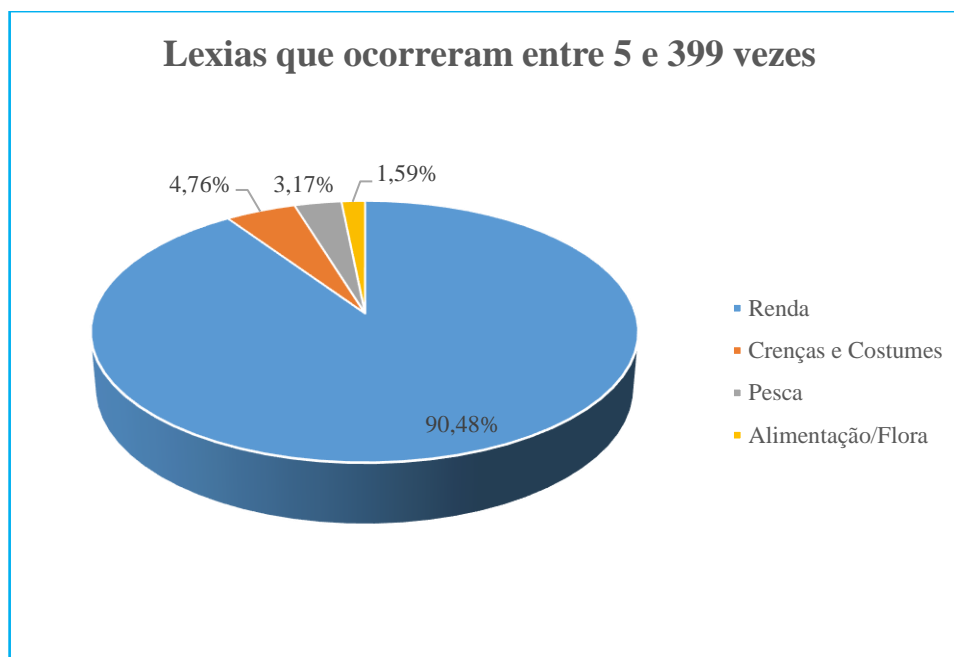
Quadro 1 – Lexias que ocorreram entre 5 e 399 vezes

Nº ocorrências	Lexias
399	Renda
141	Bilro
140	Traça
133	Ponto
112	Pano

Nº ocorrências	Lexias
60	Rendera
52	Ispinho, linha.
48	Papelão
47	Embuchado
45	Trança
40	Tecê
39	Croché, meio trocado
35	Assentá
32	Pinicá
27	Rosa
26	Rede
21	Bandeja
19	Ponta
17	Pingo d'água, rudia.
16	Fazê renda
15	Banco, metro.
13	Curreal, rosa de traça.
11	Cantiga, charita, palha de bananera.
10	Bolero, dente de rato.
9	Pai do mangue, roda.
8	Bordado, mandacaru, piriquitinho, tucum.
7	Agulha, barra~barrinha, caminho de mesa, desmanchá, feitio, filé, miudinha, mulé rendeira, paninho.
6	Pano de meio trocado, picado, pinicado, renda de biurro, rendinha.
5	Caseado, coquinho, jangarelo, lobisome ~lubisome , morim, pala, bico, ingomado, molho, renda de metro, renda fina, traça chata.

Observamos que entre as 63 lexias acima, destacam-se, tendo em vista o expressivo número de ocorrências, aquelas relacionadas à renda. Considerando que, como explicitado nos procedimentos metodológicos, as entrevistas não seguiam um roteiro fechado e os entrevistados tinham liberdade para conversar sobre diversos assuntos, como vida familiar, costumes etc, esses dados podem indicar a importância que a renda e tudo o que a envolve representa para as nossas entrevistadas. O Gráfico 11 ilustra melhor esses dados:

Gráfico 11 – Lexias que ocorreram entre 5 e 399 vezes



5.9 O universo das redes e rendas: pontos de intercessão

Retomando o que foi discutido no capítulo 3, Raposa é uma colônia de pescadores que surgiu no ano de 1958, em decorrência de fortes secas em Acaraú, Ceará, obrigando centenas de famílias cearenses a migrarem para o Maranhão, sobretudo para essa localidade em estudo. Levaram consigo suas esposas artesãs, as conhecidas rendeiras de bilro.

Assim, em Raposa, formaram um polo de renda cearense, o que evidencia a íntima relação entre a pesca e a produção de renda e, de certo modo, identifica simbolicamente a identidade da comunidade. O município de Raposa passou a ter a renda de bilro como o artesanato característico da localidade, como tradição cultural, cuja identidade está pautada na origem cearense, mas com alguns mecanismos de diferenciação.

Segundo Souza (2006), ao lado da pesca realizada pelos maridos, a atividade artesanal da renda contribui para a manutenção da economia doméstica e estabelece uma relação de dependência, complementaridade e divisão do trabalho entre homem e mulher, pescador e rendeira. Desse modo, não se pode dissociar o trabalho das rendeiras da atividade de pesca, haja vista o trabalho exclusivo deste não ser suficiente para prover o sustento da família.

A renda, nesse contexto, torna-se a alternativa que vem se somar à renda familiar, tornando-se parte dela. Trata-se de um trabalho domiciliar, fruto da necessidade devido à ausência do marido que sai de casa para pescar e, muitas vezes, se ausenta por dias ou até

LEXIAS	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15
Gozera	X			X							X				X
Pescadera			X											X	
Pesquera											X				
Pitiuzera				X						X					
Sajubera										X					
Serrera	X			X										X	
Tabuleta	X														
Zero oitenta	X														

Quadro 4 – Lexias não dicionarizadas do campo semântico Pesca por grupo etário

Grupo etário: 15 a 21	Grupo etário: 34 a 40	Grupo etário: 49 a 60 anos	Grupo etário: 68 a 80
Entrevista 7 – 0	Entrevista 2 – 0	Entrevista 3 – 2	Entrevista 1 – 5
Entrevista 8 – 0	Entrevista 11 – 3	Entrevista 4 – 3	Entrevista 5 – 0
Entrevista 9 – 0	Entrevista 12 – 0	Entrevista 10 – 2	Entrevista 6 – 0
	Entrevista 15 – 1	Entrevista 14 – 2	Entrevista 13 – 0
TOTAL: 0	TOTAL: 4	TOTAL: 9	TOTAL: 5

O Quadro 4 nos mostra que, no grupo etário de 15 a 21 anos, não há ocorrência alguma de lexia referente ao universo da pesca. Isso se explicaria pelo fato de as rendeiras mais jovens pouco vivenciarem esse universo, embora seus pais sejam pescadores. Nas entrevistas, essas nos relataram que, quando não estão tecendo renda ou estudando, estão interagindo nas *redes sociais - internet*, fenômeno este comum nessa faixa etária atualmente. Com isso, não escutam as proezas que seus pais contam no retorno das pescarias, quando o léxico da pesca é recorrente (COSTA; SEABRA, 2015).

Já nos demais grupos etários, há esposas de pescadores que, devido a um maior contato, passam a utilizar, em sua fala, lexias características da linguagem deles. O maior número de ocorrências está presente no grupo etário de 49 a 60 anos, o que se explicaria pelo fato de, nessa idade, já há um longo tempo de convívio com os maridos pescadores, já que a maioria das rendeiras casou-se ainda jovem. São universos que caminham juntos e dialogam tão intrinsicamente que, em meio a uma entrevista em que não se abordou o assunto a pesca, surgem lexias que nomeiam redes de pesca:

INFORMANTE 1: eu só ticia até zero oitenta... PESQUISADORA: han...han...INFORMANTE 1: de zero oitenta pra baixo... PESQUISADORA: qual que é o nome gozera não? INFORMANTE 1: é serrera... PESQUISADORA: serrera... INFORMANTE 1: aí tem a camurimpinzero... PESQUISADORA: camurimpinzero... INFORMANTE 1: mas aqui tem poca camurimpin.... PESQUISADORA: tem né? E gozera a senhora / INFORMANTE 1: gozera tem... eu / PESQUISADORA: a senhora sabe tece também? Todas... INFORMANTE 1: eu / o ponto de uma é o ponto das outras ... (Ent. 1, linhas 404 a 416).

PESQUISADORA: e ele usa qual tipo? É gozera... INFORMANTE 4: todo tipo de rede... tem gozera... serrera... pituzera... tudo é / PESQUISADORA: hun..hun... mas assim a tecê as redes é com eles ou com vocês? (Ent. 4, linhas 251 a 253).

INFORMANTE 10: é eles pesco lá... e dispesca lá pois é aí aqui tá tendo a dificuldade do pêxe...PESQUISADORA: e aqui qual tipo de pesca que ainda tá tendo bem aqui de gozêra? INFORMANTE 10: tem gozêra tem gozêra tem pitchuzêra tem sajubêra ainda tem essas pesca né? a serrêra ainda pesca também... só que a serrêra... (Ent. 10, linhas 344 a 347). PESQUISADORA: a senhora é casada com pescadô? () com pescadô e a senhora ajuda ele também a tecê a tecer rede? INFORMANTE 14: não porque tecê a rede que eu sei tecê só a gozêra e a serrêra...PESQUISADORA: que a senhora sabe? INFORMANTE 14: que eu sei fazê mas as ôtras num sei... (Ent. 14, linhas 143 a 147).

Gozera, pescadera, pituzera e serrera são redes cujos nomes, segundo Costa (2012, p. 219), foram dados pelos pescadores de acordo com o peixe a ser pescado; é uma característica do léxico dos pescadores de Raposa

No que se refere aos nomes das redes, verificamos que os pescadores de Raposa nomeiam-nas de acordo com os peixes que elas se destinam a pescar (camurupim/camurupinzero; gó/gozera; pescada/pescadera; pitiu/pituzera; serra/serra – serrera; tainha/tainhera), denominações estas não localizadas por nós na literatura.

5.10 A questão da variação e mudança linguística

5.10.1 Variação das lexias

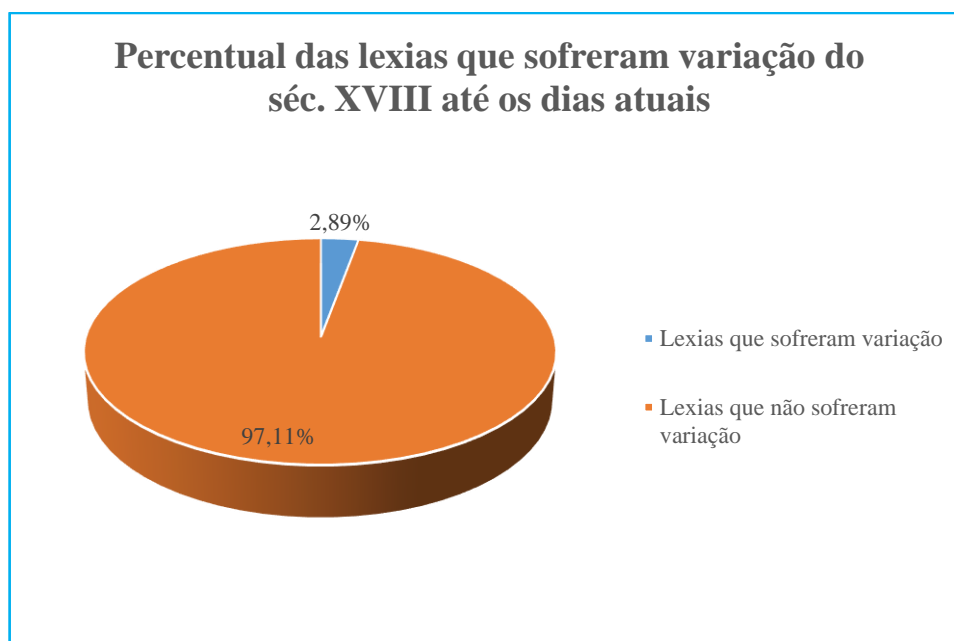
Retomando o que foi discutido no item 1.1.1, por ser a língua um sistema dinâmico, a variação e a mudança linguística são inerentes a ela, ou seja, a estrutura da língua se altera no tempo continuamente, e nós somos peças importantes nessa evolução linguística, pelo fato de sermos falantes e utilizarmos a língua constantemente. Ao estudarmos as 100 lexias dicionarizadas, observamos que somente as lexias aplicação (*aplicação* → aplicação), goma (*gomma* → goma), lobisomem (*lobishómem* → lobisomem), miudinho (*miu'do* → miúdo), tábuca (*ta'boa* → táboa → tábua), e verdoso (*verdòzo* → verdoso) tiveram sua forma um pouco mais alterada, do século XVIII até os dias atuais.

Averiguamos que a grande maioria conserva a mesma forma e o mesmo significado, desde a sua primeira dicionarização até hoje, apresentando, apenas, variações ortográficas e

fonéticas, como em *algodam*, *burití*, *enrançar*, *enxerido*, *mandacaru*, *mocho*, *traçado* e *verdôzo*. Essa manutenção se justifica pela similaridade do modo de vida, da cultura, dos hábitos e dos costumes das pessoas que moram em comunidades afastadas dos grandes centros urbanos, como é a *Raposa*.

Retomando a discussão feita em 3.3.3, há muitas rendeiras do município de Raposa que são parentes, vizinhas, frequentam a mesma Associação de Rendeiras, a mesma igreja, moram no mesmo bairro, seus maridos têm a mesma profissão, são pescadores. Essas redes densas (MILROY, 1987) reforçam a norma compartilhada entre as rendeiras, colaborando para que o léxico se perpetue e passe às gerações seguintes de falantes, às vezes, apenas com pequenas alterações. Os resultados apresentados permitem propor que os laços fortes entre os falantes dessa comunidade tendem a manter a norma partilhada entre eles. Em princípio, as lexias que sofreram variação somam 2,89%, enquanto as que não sofreram totalizam 97,11%, como podemos observar no Gráfico 12.

Gráfico 12 – Lexias que sofreram e não sofreram mudanças do século XVIII até os dias atuais



5.10.1.1 A variação da lexia *bilro* na linguagem das rendeiras

Retomando o que discutimos no item 1.1.1, Labov (2008) foi o responsável por incorporar o componente social na análise linguística. A partir dos estudos labovianos, a

heterogeneidade e a variação passaram a ser vistas como inerentes às línguas. E é na coleta de dados numa comunidade de fala que a heterogeneidade fica mais evidente.

Em nossa pesquisa, entrevistamos apenas rendeiras, mas, a despeito de todas terem a mesma profissão, cada uma tem uma história de vida diferente que se reflete em seu léxico. A par disso, como entrevistamos rendeiras de quatro grupos etários, as variações em nível lexical, nosso objeto de estudo, podem se comportar de forma diferente, de acordo com a idade da rendeira, sua experiência de vida, seu tempo de convívio com o universo da renda etc.

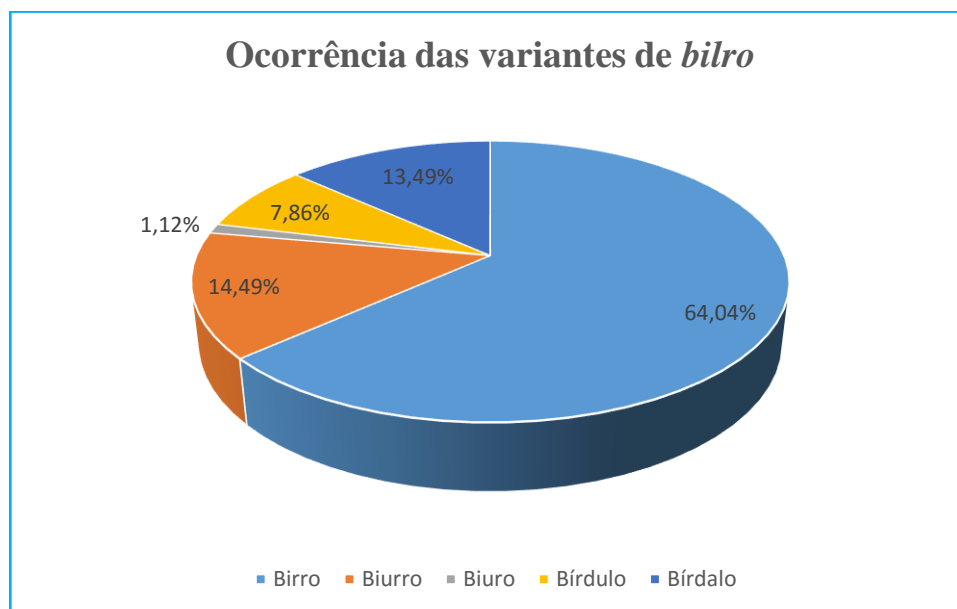
No que se refere à essa heterogeneidade, um dado chamou nossa atenção quando da transcrição das entrevistas: a variação da lexia *bilro*. Ao longo das quinze entrevistas, ocorreram as variantes *birro*, *biurro*, *biuro*, *bírdulo* e *bírdalo*. Em suas falas, algumas rendeiras exaltaram que a variante *birro* era a utilizada em Acaraú, e que, quando chegaram no Maranhão, indo morar em Raposa, as maranhenses que começaram a trabalhar com a renda de bilro hostilizavam essa variante, em detrimento à *biuro* ou *biurro*. A entrevista 1 foi uma das quais essa questão foi relatada, como podemos observar no seguinte trecho:

PESQUISADORA: ham... e o que o nome que a gente chama assim renda de biuro? É o nome que vem de lá também né? INFORMANTE 1: agora é uma história... o negocio do biurro/PESQUISADORA: é isso que eu queria saber...INFORMANTE 1: eu não vou lhe afirmá porque lá no Acará nós chamava BIRRO...PESQUISADORA: birro? INFORMANTE 1: BIRRO nós chamava birro aonde aqui sirviu de inguinorância... era... inguinorá... inguinorado... eu quero que esse nome BIRRO seja uma coisa feia... PESQUISADORA: Ah... e que era o nome original... INFORMANTE 1: pois esse era o NOSSO nome... PESQUISADORA: o nome certo que era de vocês... INFORMANTE 1: agora eles que tão /PESQUISADORA: inventando esse outro nome... INFORMANTE 1: agora birro ninguém pode chamá assim que nós... mas agora eu nunca temi pra chamá de outro jeito eu chamo é birro que foi assim que eu aprendi /PESQUISADORA: e aqui o pessoal chama biuro? INFORMANTE 1:Biuro...biurro... mas que é do Maranhão... que no Maranhão é diferente do Ciará! PESQUISADORA: ah... entendi. Então qué dizê que tudo que tem de renda aqui foi trazido da cultura de lá? Foi da cultura de lá... (Ent. 1, linhas 148 a 166).

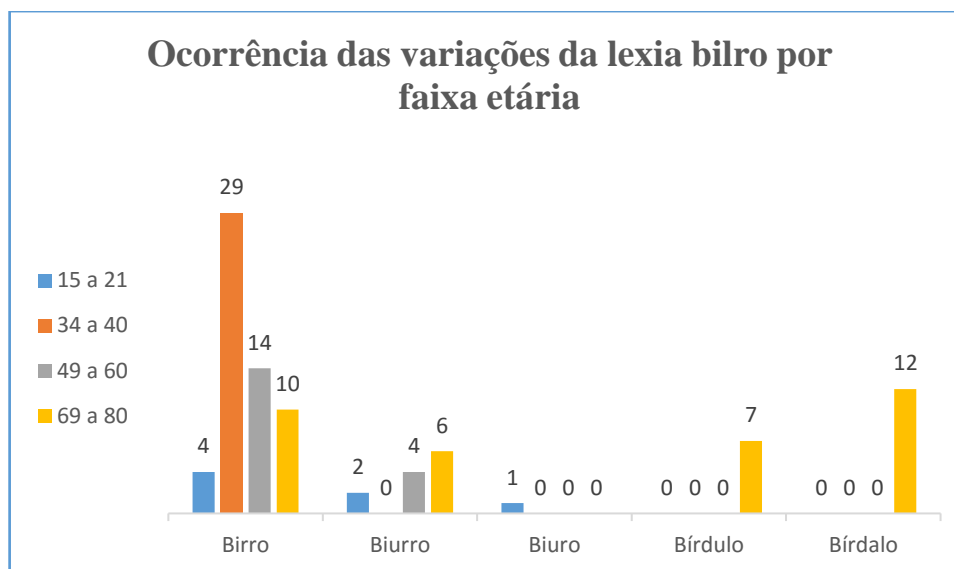
Não é objetivo deste trabalho fazer uma análise dessa variação fonética. Contudo, como figuram, dentre os nossos objetivos específicos, comparar o léxico das diferentes gerações de rendeiras, apontando semelhanças e especificidades e observar se a variável idade interfere no léxico utilizado para se referir à renda; entendemos ser importante averiguar em que grupo etário as variantes ocorrem, buscando observar em qual desses cada uma ocorre mais, as razões para ocorrerem em um determinado grupo, e, ainda, se seu uso está associado à origem da rendeira.

Para isso, verificamos primeiramente, o número de ocorrências de cada variante de *bilro*, como mostra o Gráfico 13.

Gráfico 13 – Ocorrência das variantes de *bilro*



Observamos que há uma predominância absoluta da variante *birro*, com 64,04%, seguida de *biurro*, com 14,49% das ocorrências, *bírdalo*, com 13,49%, *bírdulo* e *biuro*, com 7,86% e 1,12%, respectivamente. Sendo *birro* a variante relatada pelas rendeiras como a utilizada em Acaraú, uma afirmação que já se pode fazer com base nesses dados é que a variante não foi abandonada em detrimento das de prestígio no Maranhão, pelo contrário, tendo em vista ser a mais empregada nas entrevistas. Como o nosso objetivo é verificar como se dá esse uso por grupo etário, apresentamos, a seguir, o Gráfico 14 com a ocorrência das variantes de *bilro* por grupo etário:

Gráfico 14 - Ocorrência das variantes de *bilro* por faixa etária

O Gráfico 14 nos mostra que a variante *birro* não é somente a mais utilizada, como ocorre em todas os grupos etários, principalmente entre as rendeiras de 34 e 40 anos. A menor ocorrência é entre as rendeiras mais jovens, entre 15 e 21 anos.

A variante *biuro*, apontada (juntamente com *biurro*) pelas entrevistadas como a de prestígio pelas rendeiras maranhenses, ocorre somente uma vez, numa entrevista com uma rendeira do grupo etário de 15 a 21 anos. *Biurro* ocorre em um número maior que *biuro*, 2 vezes nos grupos etários de 15 a 21 anos, 4 vezes nas falas das rendeiras entre 49 e 60 anos e seis vezes no grupo etário de 68 a 80, mas, somadas todas as ocorrências de *biuro* e *biurro*, temos um número bem menor que as de *birro*, somente 12 ocorrências de *biuro* e *biurro* no total, enquanto *birro* ocorre 53 vezes.

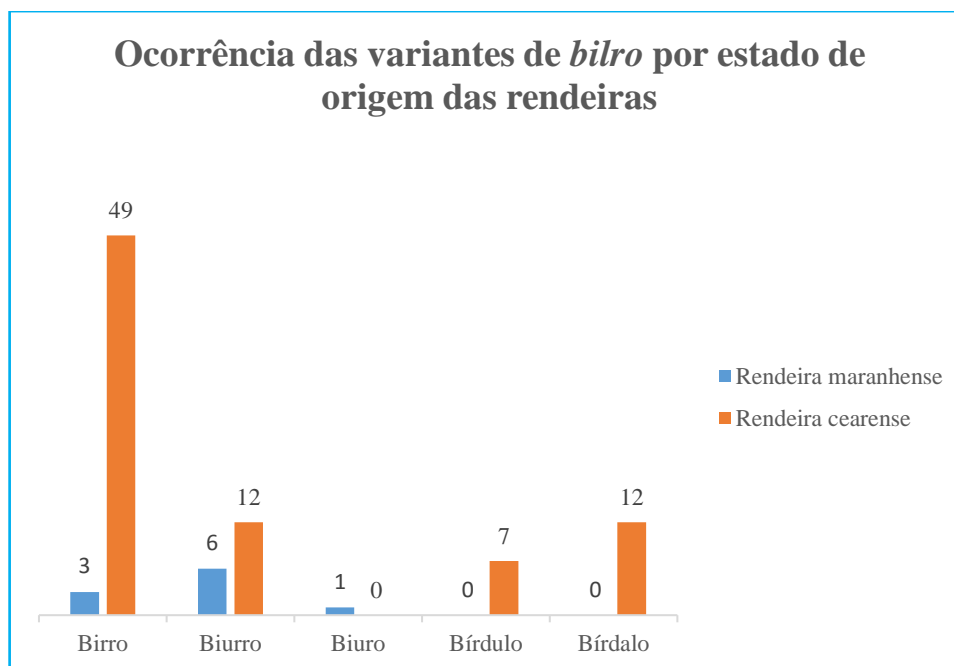
As variantes *bírdulo* e *bírdulo* ocorrem 7 vezes a primeira e 12 vezes a segunda, mas somente no grupo etário de 68 a 80 anos. Considerando que nem todas as entrevistadas são naturais de Acaraú, combinamos as variantes de *bilro* com a naturalidade das rendeiras, buscando verificar se a sua naturalidade interfere nas variantes de *bilro* utilizadas. As naturalidades das rendeiras assim se distribuem (Quadro 5).

Quadro 5 – Estado de origem das rendeiras entrevistadas

Rendeiras entrevistadas	Estado de origem
Entrevista 1	Cearense
Entrevista 2	Cearense

Rendeiras entrevistadas	Estado de origem
Entrevista 3	Cearense
Entrevista 4	Maranhense
Entrevista 5	Cearense
Entrevista 6	Cearense
Entrevista 7	Cearense
Entrevista 8	Cearense
Entrevista 9	Maranhense
Entrevista 10	Cearense
Entrevista 11	Cearense
Entrevista 12	Cearense
Entrevista 13	Cearense
Entrevista 14	Cearense
Entrevista 15	Cearense

Visualizando as variantes de acordo com o estado de origem das rendeiras, temos no Gráfico 15:

Gráfico 15 - Ocorrência das variantes de *bilro* por estado de origem das rendeiras

Analisando o perfil das quatro rendeiras maranhenses, temos três com idade entre 15 e 21 anos e uma de 60 anos. Dentre as mais jovens, duas são de família maranhense e começaram a fazer renda uma delas porque começou a trabalhar numa *venda de renda* e percebeu que, aprendendo, poderia ter uma renda extra, e outra, por *hobby*.

Estas, em suas falas, empregaram somente as variantes *biuro* e *biurro*, apontadas como as de prestígio no Maranhão. Já a outra rendeira desse grupo etário emprega em sua fala somente a variante *birro*, o que poderia se justificar pelo fato de ter aprendido a arte de fazer renda com sua avó e sua mãe, cearenses, e faezr renda desde os cinco anos de idade. Como vemos, são três rendeiras maranhenses, mas duas não têm cearenses na família, começaram a praticar o ofício da renda na adolescência, enquanto a que emprega a variante utilizada no Ceará em sua fala vivencia o universo da renda desde criança, sendo esta vivência com rendeiras cearenses.

Quanto à rendeira maranhense de 60 anos, na sua fala, só emprega a variante *biurro*. Uma justificativa seria exatamente a apontada nas entrevistas de as rendeiras, de que a variante *birro* não é bem aceita pelas rendeiras locais.

Quanto às cearenses, temos um número significativo do uso da variante *birro*, 49 vezes, enquanto *biurro* ocorre 12 vezes e *biuro*, nenhuma vez. Chama a atenção todas essas ocorrências de *biurro* se situarem no grupo etário de 68 a 80 anos. Em suas falas, as rendeiras

de maior idade mesclam as variantes *bírdulo*, *bírdalo* e *biurro*. Interessante que *bírdulo* e *bírdalo* somente ocorrem nesse grupo etário, de onde concluímos que pode se tratar de uma variante que era utilizada em Acaraú e, com o passar do tempo, entrou em desuso pelas rendeiras mais jovens.

Esses dados são importantes por mostrar que uma variante que as rendeiras declararam em suas entrevistas ser a utilizada em Acaraú, mas não ter prestígio entre as rendeiras maranhenses, figura com a mais empregada, em todos os grupos etários. Isso nos revela que, seguir chamando a sua arte de *birro*, a variante de prestígio em Acaraú, como faziam como crianças, quando a aprenderam, é uma forma das rendeiras reforçarem a sua identidade.

Ao mesmo tempo, o fato de as rendeiras de mais idade alternarem o uso de *birro*, *bírdulo*, *bírdalo* com *biurro*, a variante de prestígio no Maranhão, pode significar ou que sua fala já tenha interferência da maranhense, e isso se revele em seu léxico, ou que, por estarem, nas entrevistas, interagindo com uma pesquisadora maranhense, tenham utilizado em alguns momentos a variante que sabem ser de prestígio no local.

As variantes de *bilro* ajudam a contar a história das rendeiras de Raposa, de sua infância em Acaraú, sua chegada no Maranhão, seu convívio com as maranhenses que com elas aprenderam a arte da renda e nos fazem captar mais um pouco desse rico universo cultural e lexical.

5.10.1.2 O léxico das rendeiras de diferentes grupos etários

A fim de investigarmos se há e quais são as diferenças em nível lexical entre o léxico das rendeiras de maior idade e o das mais jovens, dividimos o nosso *corpus*, como já explicitado nos procedimentos metodológicos, em quatro grupos etários (Quadro 6).

Quadro 6 – Agrupamento das entrevistas em grupos etários

Grupo etário: 15 a 21	Grupo etário: 34 a 40	Grupo etário: 49 a 60 anos	Grupo etário: 68 a 80
Entrevista 8 – 15 anos	Entrevista 15 – 34 anos	Entrevista 14 – 50 anos	Entrevista 6 – 71anos
Entrevista 7 – 16 anos	Entrevista 12 – 37 anos	Entrevista 3 – 57 anos	Entrevista 13 – 73 anos
Entrevista 9 – 21 anos	Entrevista 2 – 40 anos	Entrevista 10 – 57 anos	Entrevista 1 – 76 anos

LEXIAS	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15
rendas															
Curral	X		X							X				X	
Dente de rato						X							X		
Disimendado													X		
Embuchado			X	X	X	X	X	X	X		X	X		X	X
Encabado						X									
Encabá						X									
Farinha mole													X		
Farinha seca													X		
Fazê renda	X			X	X	X	X				X			X	
Flô de renda			X												
Flô de traça													X		
Folha de bananera			X							X					
Folha de buriti	X														
Gozera	X			X							X				X
Jangarelo													X	X	
Larguecê			X												
Limão verde													X		
Macacão											X				
Maçã de caju													X		
Manga verde													X		
Meio pano		X	X												
Meio trocado	X	X	X	X	X		X			X	X	X		X	X
Misura											X				
Mulhé rendera ~ Mulé rendera		X	X		X	X									
Pai do manguê											X				
Palha de banana						X									
Palha de bananeira			X	X		X				X		X	X	X	
Palha de buriti	X														
Paninho			X			X				X		X	X		

LEXIAS	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15
Paninho de trocado intero			X												
Pano			X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X
Pano cheio							X								
Pano corrido no meio							X								
Pano de meio trocado			X				X			X					
Pano de trocado intero							X								
Pano de urupema				X											
Pano sem fim														X	
Pano tecido				X											
Papelão picado			X												
Papelão pinicado	X														
Pareá															X
Pescadera			X											X	
Pesquera											X				
Picado			X												
Pingo d'água			X		X		X					X			
Pituzera				X						X					
Ponta de coco						X									
Ponta de renda						X									
Ponto cruz							X								
Ponto de fora			X												
Ponto intero			X												
Priquitinho													X		
Priquitão													X		
Renda de birro ~ renda de biurro		X					X			X					X
Renda de metro				X		X							X	X	
Renda fina			X							X					

LEXIAS	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15
Renda graúda			X												
Renda grossa			X												
Rendinha													X	X	
Rendinha de trança													X		
Rendinha estreitinha			X												
Rendinha miudinha													X		
Renascença							X								
Roda de almofada			X												
Rolinha															
Rosa de girassol													X		
Rosa de traça,						X				X					
Rudia						X	X	X					X	X	X
Saco de estopa			X									X			
Sajubera										X					
Serrera	X			X										X	
Siriguela													X		
Tabuleta	X														
Tarrafa				X											
Traça	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Traça chata	X	X													
Traça comprida	X														
Trancinha						X							X		
Trocadinho												X			
Trocado	X		X	X			X	X	X	X	X	X	X	X	X
Trocado cheio												X			
Trocado completo		X													
Trocado d'água					X										
Trocado													X		

LEXIAS	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15
fechado															
Trocado intero	X		X												
Urela						X							X		
Zero oitenta	X														

Somando a ocorrência dessas lexias não dicionarizadas por entrevista, temos o Quadro 2. Ao agruparmos as entrevistas nos grupos etários, temos, logo a seguir, o Quadros 8 e 9.

Quadro 8 – Total de lexias não dicionarizadas por entrevista

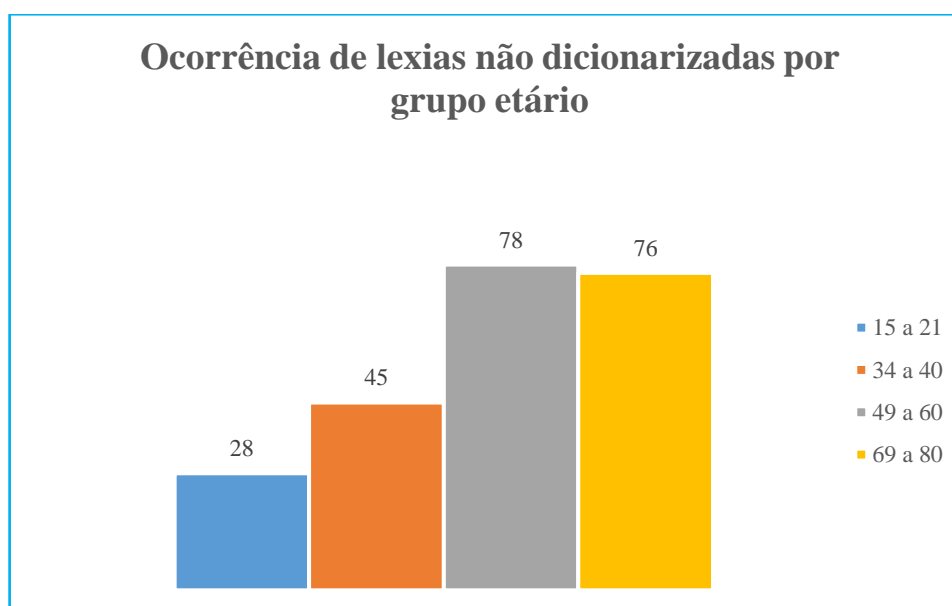
ENTREVISTA	Total de lexias não dicionarizadas
1	16
2	8
3	35
4	14
5	8
6	20
7	18
8	7
9	3
10	18
11	13
12	14
13	32
14	14
15	10

Quadro 9 – Média de lexias não dicionarizadas por grupo etário

Lexias não dicionarizadas Grupo etário: 15 a 21	Lexias não dicionarizadas Grupo etário: 34 a 40	Lexias não dicionarizadas Grupo etário: 49 a 60 anos	Lexias não dicionarizadas Grupo etário: 68 a 80
Entrevista 7 – 18	Entrevista 2 – 8	Entrevista 3 – 32	Entrevista 1 – 16
Entrevista 8 – 7	Entrevista 11 – 13	Entrevista 4 – 14	Entrevista 5 – 8
Entrevista 9 – 3	Entrevista 12 – 14	Entrevista 10 – 18	Entrevista 6 – 20
	Entrevista 15 – 10	Entrevista 14 – 14	Entrevista 13 – 32
TOTAL: 28	TOTAL: 45	TOTAL: 78	TOTAL: 76

O Gráfico 16 demonstra esses dados:

Gráfico 16 - Média de lexias não dicionarizadas por grupo etário



Considerando que no grupo etário 15 a 21 anos há três entrevistas, enquanto nos demais há quatro, é necessário que façamos uma média da ocorrência das 107 lexias não dicionarizadas por grupo etário. Temos, dessa forma, 27,10% de ocorrências no grupo etário 15 a 21 anos; 42,99% de ocorrências no grupo 34 a 40 anos; 77,57% de ocorrências no grupo etário 49 a 60 anos e 74,76% no grupo 68 a 80 anos.

Como o Gráfico 16 demonstra, há uma maior ocorrência de lexias não dicionarizadas nos grupos etários 49 a 60 anos e 68 a 80 anos, quase o dobro da ocorrência nos dois grupos etários mais jovens. Esses dados vão ao encontro da hipótese por nós levantada, de que haveria diferenças significativas entre a linguagem das rendeiras mais jovens e as de maior

faixa a etária. Atestamos que as rendeiras de maior idade, tanto pela maior experiência, quanto por sofrerem menor influência dos meios de comunicação, têm um universo lexical mais rico que as mais jovens.

Contudo, como a renda é uma atividade que culturalmente passa de geração para geração, faremos a seguir um recorte, no intuito de investigar se, quando limitarmos nossa análise para as lexias relacionadas somente ao universo da renda, essa diferença grande do número de ocorrência entre os grupos etários mais velhos e mais jovens permanecerá.

Para isso, apontaremos, a seguir, as lexias não dicionarizadas do campo semântico Renda ocorridas em cada uma das entrevistas (Quadro 10).

Quadro 10 – Ocorrência de lexias não dicionarizadas do campo semântico Renda por entrevista

LEXIAS	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15
Armação de banco													X		
Banco de guarda													X		
Barata			X												
Barrinha de renda													X		
Bico ~ renda de bico			X												
Bico de cigana						X									
Biquinho													X		
Bolsada de renda			X							X					
Bordado cheio			X												
Bordado de cruz	X														
Butar a renda			X												
Caixinha de renda													X		
Caminho		X	X				X	X							
Caminho de mesa			X				X	X							
Charita					X					X		X			X
Charitazinha												X			

LEXIAS	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8	E9	E10	E11	E12	E13	E14	E15
Tecê renda	X	X					X								
Traça	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Traça chata	X	X													
Traça comprida	X														
Trancinha						X							X		
Trocadinho												X			
Trocado	X		X	X			X	X	X	X	X	X	X	X	X
Trocado cheio												X			
Trocado completo		X													
Trocado d'água					X										
Trocado fechado													X		
Trocado inteiro	X		X												
Urela						X							X		

Somando a ocorrência dessas lexias relacionadas à renda não dicionarizadas por entrevista, temos, conforme Quadro 11:

Quadro 11 – Total de lexias relacionadas à renda não dicionarizadas por entrevista

ENTREVISTA	Total de lexias não dicionarizadas
1	12
2	8
3	30
4	10
5	7
6	17
7	19
8	7
9	3

ENTREVISTA	Total de lexias não dicionarizadas
10	14
11	7
12	12
13	26
14	11
15	9

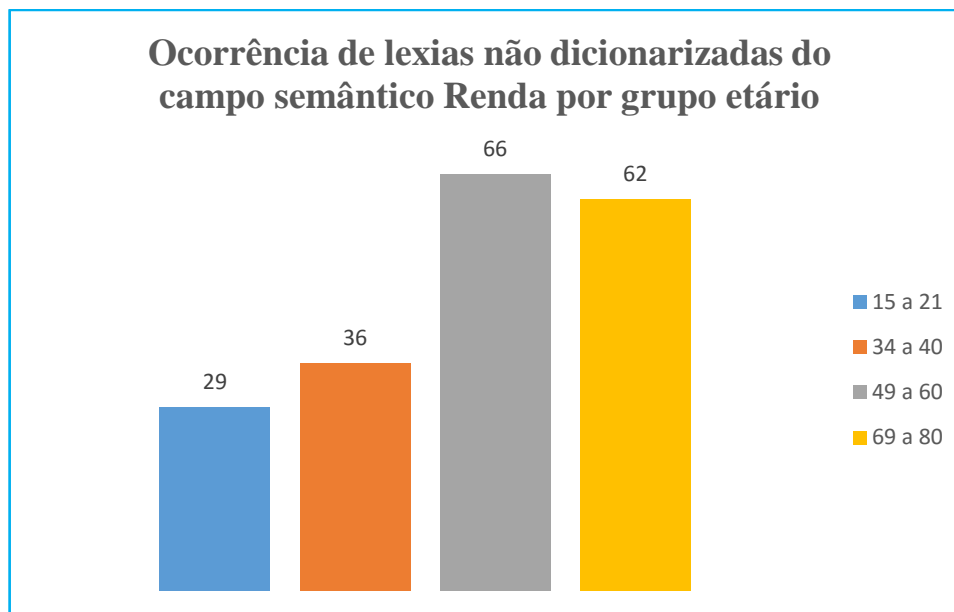
Agrupando as entrevistas nos grupos etários, temos (Quadro 12):

Quadro 12 – Média de lexias não dicionarizadas do campo semântico Renda por grupo etário

Lexias não dicionarizadas do campo semântico Renda	Lexias não dicionarizadas do campo semântico Renda	Lexias não dicionarizadas do campo semântico Renda	Lexias não dicionarizadas do campo semântico Renda
Grupo etário: 15 a 21	Grupo etário: 34 a 40	Grupo etário: 49 a 60 anos	Grupo etário: 68 a 80
Entrevista 7 – 19	Entrevista 2 – 8	Entrevista 3 – 30	Entrevista 1 – 12
Entrevista 8 – 7	Entrevista 11 – 7	Entrevista 4 – 11	Entrevista 5 – 7
Entrevista 9 – 3	Entrevista 12 – 12	Entrevista 10 – 14	Entrevista 6 – 17
	Entrevista 15 – 9	Entrevista 14 – 11	Entrevista 13 – 25
TOTAL: 29	TOTAL: 36	TOTAL: 66	TOTAL: 62

No Gráfico 17, temos a ocorrência de lexias não dicionarizadas do campo semântico Renda por grupo etário:

Gráfico 17 - Média de lexias não dicionarizadas do campo semântico Renda por grupo etário



Ao fazermos esse recorte e verificarmos como se comporta, em cada grupo etário, a ocorrência somente das lexias não dicionarizadas que tenham relação com o universo da renda, observamos que os dados vão ao encontro da análise anterior. Nos grupos etários de 49 a 60 anos e de 70 a 80, temos a ocorrência de uma média de 80,5% e 75,6% de lexias, respectivamente, enquanto que nos grupos etários 15 a 21 e 34 a 40, temos a ocorrência de uma média de 35,36% e 44% das lexias não dicionarizadas relacionadas à renda.

Essa diferença pode se justificar pelo fato já mencionado de as rendeiras mais velhas serem mais experientes, terem menor influência dos meios de comunicação, mas também devido ao crescente desinteresse das rendeiras mais jovens pela profissão.

Uma das causas desse desinteresse é a organização da atividade de renda no local. O formato de organização associativista entre as rendeiras tem sido uma luta constante, haja vista que a maior atividade de produção de bilro ocorre de forma isolada. Cada artesã produz seus produtos em suas casas e comercializa nas próprias residências, ao longo do corredor da renda. Somado a isso, algumas rendeiras trazem peças de renda do Ceará e vendem a preço mais baixo, competindo com a renda local, e, conseqüentemente, com isso, as novas gerações vêm desvalorizando o ofício, sobretudo as rendeiras mais jovens, que preferem outras atividades mais rentáveis.

5.11 Considerações sobre a análise

Sistematizando os principais resultados da análise realizada neste capítulo, temos os seguintes dados:

No que concerne à dicionarização das lexias, 55% encontram-se em Bluteau; 60% em Moraes e Silva, ao passo que em Laudelino Freire e em Aurélio, 88% e 92%, respectivamente. O dicionário etimológico de Antônio Geraldo da Cunha registrou o maior número de lexias: 99% do grupo das dicionarizadas.

Quanto à classificação gramatical, os substantivos se destacam com 166 ocorrências, ou 80,09% das lexias selecionadas; os verbos somaram 22 ocorrências ou 10,67% das lexias; 8,73% do total de lexias são adjetivos, com 18 ocorrências, ao passo que os advérbios, com apenas uma ocorrência, correspondem a 0,48% do *corpus*.

Após analisar as 207 fichas lexicográficas, atestamos que 107 não se encontram em nenhum dos dicionários examinados, representando 51,69% do total, enquanto 100, ou 48,31% de lexias encontram-se dicionarizadas.

Constatamos que, das 107 lexias não dicionarizadas, 82 fazem parte do campo semântico Renda, o que corresponde a 76,63% do total, enquanto 11 lexias ou 10,28% encontram-se no campo da Alimentação/Flora; 10 ou 9,35% referem-se à pesca e 4 lexias, correspondente a 3,74% do total insere-se no campo Crenças e costumes, nomeando uma lenda local.

A maioria das lexias não dicionarizadas do campo semântico Renda é de substantivos, com 74 ocorrências, correspondente a 90,24 % do total de lexias. Esses dados são revelam a grande criatividade das rendeiras e a riqueza lexical da atividade de “fazer renda”.

No que se refere à origem das lexias, a maioria das lexias é de origem latina > portuguesa, ou 57,97% do total. Onze (11) lexias não tiveram sua origem encontrada, correspondente a 5,31% do total.

Averiguamos que maioria das lexias conserva a mesma forma e o mesmo significado, desde a sua primeira dicionarização até hoje, apresentando, apenas, variações ortográficas e fonéticas, como em *algodam*, *burití*, *enrançar*, *enxerido*, *mandacaru*, *mocho*, *traçado* e *verdôzo*. Essa manutenção se justifica pela similaridade do modo de vida, da cultura, dos hábitos e dos costumes das pessoas que moram em comunidades afastadas dos grandes centros urbanos, como é a *Raposa*.

No que se refere à essa heterogeneidade, um dado chamou nossa atenção quando da transcrição das entrevistas: a variação da lexia *bilro*. Ao longo das quinze entrevistas, ocorreram as variantes *birro*, *biurro*, *biuro*, *bírdulo* e *bírdalo*.

Os dados nos mostraram que birro, uma variante que as rendeiras declararam em suas entrevistas ser a utilizada em Acaraú, mas não ter prestígio entre as rendeiras maranhenses, figura com a mais empregada, em todos os grupos etários. Isso nos revela que, seguir chamando a sua arte de *birro*, como faziam quando a aprenderam, na infância, é uma forma das rendeiras reforçarem a sua identidade.

Ao mesmo tempo, o fato de as rendeiras de mais idade alternarem o uso de *birro*, *bírdulo*, *bírdalo* com *biurro*, a variante de prestígio no Maranhão, pode significar ou que sua fala já tenha interferência da maranhense, e isso se revele em seu léxico, ou que, por estarem, nas entrevistas, interagindo com uma pesquisadora maranhense, tenham utilizado em alguns momentos a variante que sabem ser de prestígio no local.

Ao fazermos um recorte e verificarmos como se comporta, em cada grupo etário, a ocorrência somente das lexias não dicionarizadas que tenham relação com o universo da renda, observamos que os dados vão ao encontro de nossa hipótese de que as rendeiras de maior idade teriam um universo lexical mais rico que as mais jovens, no que diz respeito ao vocabulário da renda. Nos grupos etários de 49 a 60 anos e de 70 a 80, temos, respectivamente, a ocorrência de uma média de 80,5% e 75,6% de lexias não dicionarizadas, enquanto nos grupos etários de 15 a 21 anos e de 34 a 40, temos a ocorrência de uma média de 35,36% e 44% das lexias não dicionarizadas relacionadas à renda.

Justificamos essa diferença pela experiência das rendeiras mais velhas, pelo fato delas sofrerem uma influência bem menor dos meios de comunicação do que as rendeiras de menor idade, além da crescente falta de interesse das mais jovens pela profissão, o que faz com que o seu vocabulário de lexias do universo da renda seja muito mais reduzido que o das rendeiras de maior idade, principalmente aquelas dos grupos etários acima de 40 anos.

A título de sumarização, listamos ainda, no quadro abaixo, aquelas lexias que pertencem ao universo das rendas. No glossário, por sua vez, apresentamos todas as lexias estudadas, não somente as que se referem à renda como também todas as demais que retratam a cultura das rendeiras.

Quanto ao vocabulário utilizado para se referir à renda, temos:

Quadro 13 – Lexias do vocabulário da renda

VOCABULÁRIO DA RENDA
Agulha
Algodãozinho
Almofada
Almofadinha
Aplicação ~ aplique
Arado
Armação de banco
Assentá
Assentamento
Banco
Banco de guarda
Bandeja
Barata
Barra ~Barrinha
Barrinha de renda
Bico ~ renda de bico
Bico da cigana ~biquinho
Biliscá
Bilro ~ birdo ~ birro ~ biurdo ~ biurro ~ bírdolo ~ bírdalo
Bolero
Bolsada de renda
Bordado
Bordado cheio
Bordado de cruz
Bordá
Butá a renda
Caixinha de renda
Cseado ~caseadozinho ~caseadozin'
Caminho
Caminho de mesa

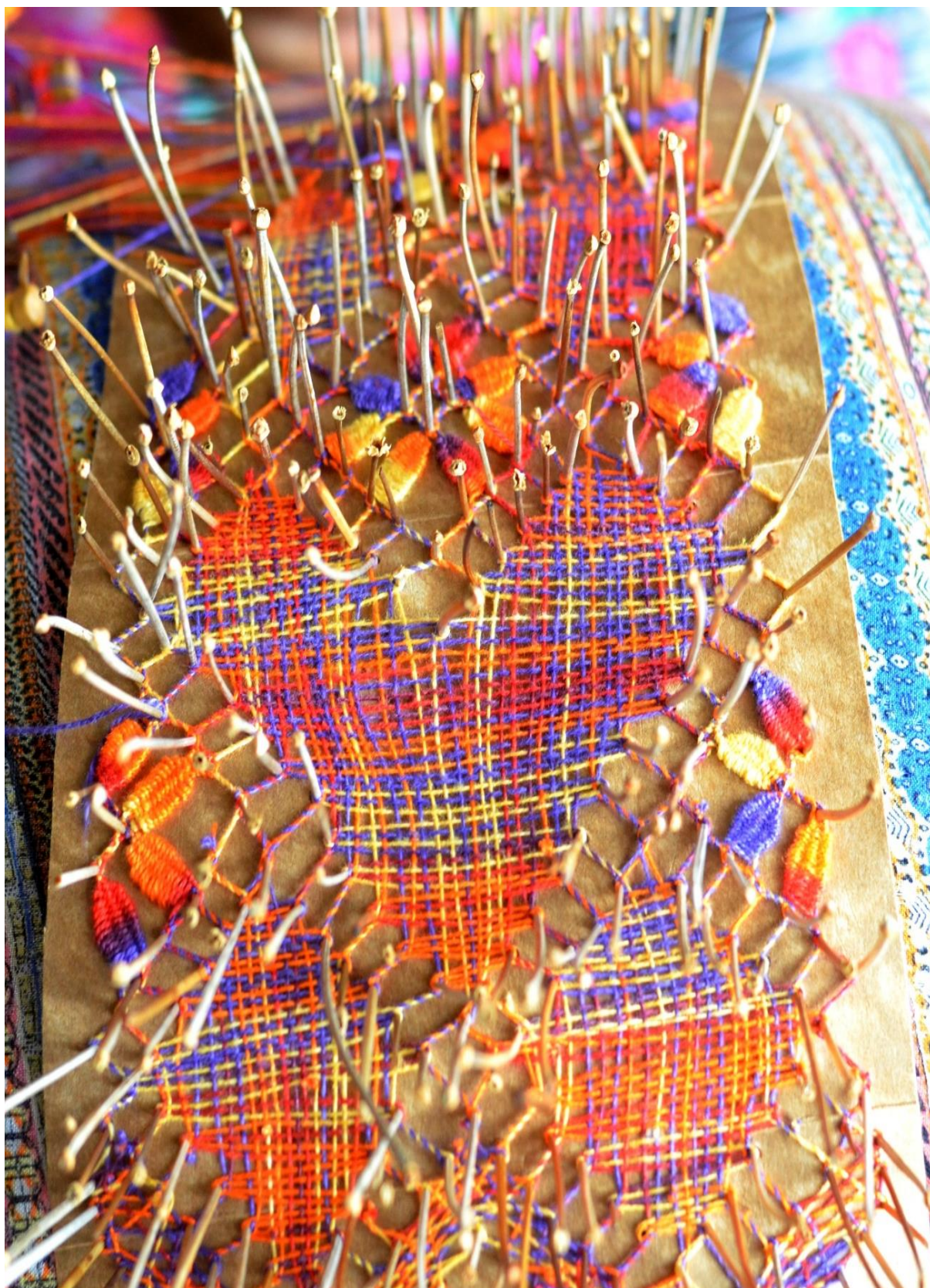
Cava
Charita
Charitazinha
Cigano
Coquinho
Corredô das rendas
Cravo
Croché
Dente de rato
Disimendado
Disimendá
Dismanchá
Distacá
Distorcido
Embuchado
Encabado
Encabá
Ingomá
Entrançá
Entremeio
Fazê renda ~fazê rendinha
Feitio
Filé
Flor
Flor de renda
Flor de traça
Folha de bananera
Goma
Imenda
Imendado
Imendá
Ingomado
Ispinho

Istopa
Jangarelo,
Juta
Larguecê
Levantado
Linha
Linhagem
Meio pano
Meio trocado
Metro
Mocho
Molde
Molho ~mói
Morim
Mulé rendera ~ mulé rendera
Pala
Palinha
Palha de banana
Palha de bananera
Paninho
Paninho de trocado intero
Pano
Pano cheio
Pano corrido no meio
Pano de meio trocado ~pano de mei' trocado
Pano de trocado intero
Pano de urupema
Pano sem fim
Pano tecido
Papelão
Papelão picado
Papelão pinicado
Pareá

Pareia
Picado
Pingo d'água
Pinicado
Pinicá
Ponta
Ponta de coco
Ponta de renda ~ponta da renda
Ponto
Ponto cruz
Ponto de fora
Ponto intero
Priquitinho ~ piriquitin' ~ priquitinho ~ priquitin'
Priquitão
Renascença
Renda
Renda de birro ~ renda de biurro
Renda de metro
Renda fina
Renda graúda
Renda grossa
Renda renascença
Rendera
Rendinha
Rendinha de trança
Rendinha estreitinha
Rendinha miudinha
Roda
Roda de almofada
Rosa de girassol
Rosa de traça
Rudia
Saco de istopa
Tamburete

Tarrafa
Tecê
Tela
Tiara
Ticido
Traça
Traça chata ~ traça chatinha
Traçado ~traçada
Trança
Trancinha
Trocadinho~trocadinha
Trocado
Trocado cheio
Trocado completo
Trocado d'água
Trocado fechado
Trocado intero
Tucum
Urela ~aruela
Vazado
Venda de renda

Foto 13: Espinhos de mandacaru – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

CAPÍTULO 6 – GLOSSÁRIO

Este glossário é parte do repertório lexical que compõe as 15 entrevistas que constituem o *corpus* desta tese, aqui já apresentado e analisado em fichas lexicográficas no capítulo 4. Compõe-se de duas partes:

- ✓ Quadro geral de classificação: seção em que sugerimos uma estrutura geral a partir das relações existentes entre grupos de palavras, ou seja, coleta dos termos afins, unidos por rede semântica – baseia-se no critério onomasiológico.
- ✓ Glossário: parte que contém as palavras selecionadas e agrupadas no *Quadro geral de classificação* (item 1), acrescentadas de definições, abonações, estrutura gramatical e informações lexicográficas – trata-se da apresentação do vocabulário pelo critério semasiológico.

6.1 Quadro geral de classificação

❖ Artesanato

Bordado de cruz, croché, filé, palha de buriti, renda de bilro, renda renascença.

• Objetos/Materiais/instrumentos

Agulha, almofada, almofadinha, banco, banco de guarda, bilro ~ birdo ~ birro ~ biurdo ~ bírdulo ~ bírdalo, coquinho, goma, ispinho, istopa, juta, linha, mocho, molde, molho, palha de banana ~ palha de bananeira, papelão, papelão picado, papelão pinicado, roda, roda da almofada, rudia, estopa ~saco de istopa, tamburete, tela, tucum.

• Pontos da renda de bilro

Barata, barra, barrinha ~ barrinha de renda, bico ~renda de bico, , bico da cigana ~biquinho, charita, charitazinha, cigano ~cigana, cravo, entremeio, dente de rato ~dentin' de rato, embuchado, flor, flor de renda, flor de traça, meio pano ~mei' pano, meio trocado ~mei'trocado, paninho, paninho de trocado intero, pano, pano cheio, pano corrido no meio, pano de meio trocado ~pano de mei' trocado, pano de trocado intero, pano sem fim, pingo d'água, ponto, ponto de fora, ponto intero, rosa de girassol, rosa

de traça, traça, traça chata, traça comprida, trança, trancinha, trocado, trocado cheio, trocado completo, trocado d'água, trocado fechado, trocado intero.

- **Ornamentos/peças**

Aplicação ~ aplique, bandeja, bolero, bordado, bordado cheio, bordado de cruz, caminho, caminho de mesa, cava, feitio, goma, imenda, molde, pala, palinha, ponta, ponta da renda, ponta de renda, priquitinho ~piriquitin' ~piriquitinho ~ priquitin', priquitão, renda, renda de bico, renda de birro, renda de biurro, renda de metro, renda fina, renda graúda, renda grossa, rendinha, rendinha de trança, rendinha estreitinha, tiara.

- **Ocupações**

Rendera, mulher rendera.

- ❖ **Característica/ Conduta / Estado**

Triguero, ardoso, verdoso, aperriado, avexado, inxirido. disimendado, distorcido, encabado, imendado, jangarelo, levantado, pano ticido, picado, rendinha miudinha, ticido, vazado.

- ❖ **Ação / Movimento**

Assentá, assentamento, banhá, biliscá, butá a renda, disapartá, bordá, disimendá, dismanchá, distacá, encabá, engomá, entrança, imendá, larguecê, merendá pareia, pareá, traçado.

- ❖ **Crenças e Costumes**

Cavalão, Lobisome ~ Lubisome, Macacão, Pai do mangue, Rolinha.

- ❖ **Alimentação/ Flora**

Farinha mole, farinha seca, folha de bananera, folha de buriti, limão verde, maçã de caju, manga verde, palha de banana, palha de bananera, palha de buriti, siriguela.

- ❖ **Pesca**

Berada da praia, berada d'água, camurim, curral, espeque, gozera, pescadera, pesquera, pituzera, sajubera, serrera, zero oitenta.

6.2 Glossário do vocabulário das rendeiras de Raposa

A

AGULHA • (n/d) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Objeto de aço, fino nas extremidades, por onde se enfiam linhas de croché, de renda ou de se costurar roupas. Sua espessura varia de acordo com a da linha a ser utilizada. • *PESQUISADORA: mas aí você pega a saia e o papelão aí como é que eu chamo aquele negócio de furar o papelão? INFORMANTE 10: a agulha...* (Ent.10, linhas 39 a 41).

Foto 14: Agulha – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

ALGODÃOZINHO • (A) • Nm [Ssing] • Árabe > Hispânico • Tecido feito da fibra do algodão • *INFORMANTE 4: algodãozinho o nome do outro pano... Aí meu pai tirava a casa do mangue ali...* (Ent. 4, linha 117).

ALMOFADA • (n/d) • Nf [Ssing] • Árabe > Hispânico • Instrumento de formato arredondado, “recheado” com palha de bananeira, e coberto com saco de estopa, utilizado na feitura de renda de bilro • *INFORMANTE 6: Ainda na minha renda... e só pretendo me despartá dessa almofada... quando a morte separá...* (Ent.6, linhas 218 e 219).

Foto 15 : Almofada – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

ALMOFADINHA • (A) • Nf [Ssing] • Árabe > Hispânico • Pequeno instrumento de formato arredondado, “recheado” com palha de bananeira, e coberto com saco de estopa, utilizado na feitura de renda de bilro, normalmente pelas rendeiras iniciantes. Também é uma forma afetuosa da rendeira chamar a sua própria almofada. • *INFORMANTE 6: ...eu tenho uma estante grande... só de almofadinha... com os birrim... (risos) eu mesmo ia fazê... e colocá lá... que eu digo... “e a minha almofada? Claro que eu ia fazê todo o dia minha filha... (Ent.6, linhas 192 e 193). • ...fazendo as renda nas suas almofadinha... em cima da sua rudia... aí eu vi que assim era melhó... eu peguei e fiz isso daqui...* (Ent.6, linhas 394 e 395).

Foto 16: Almofadinha – Raposa/MA

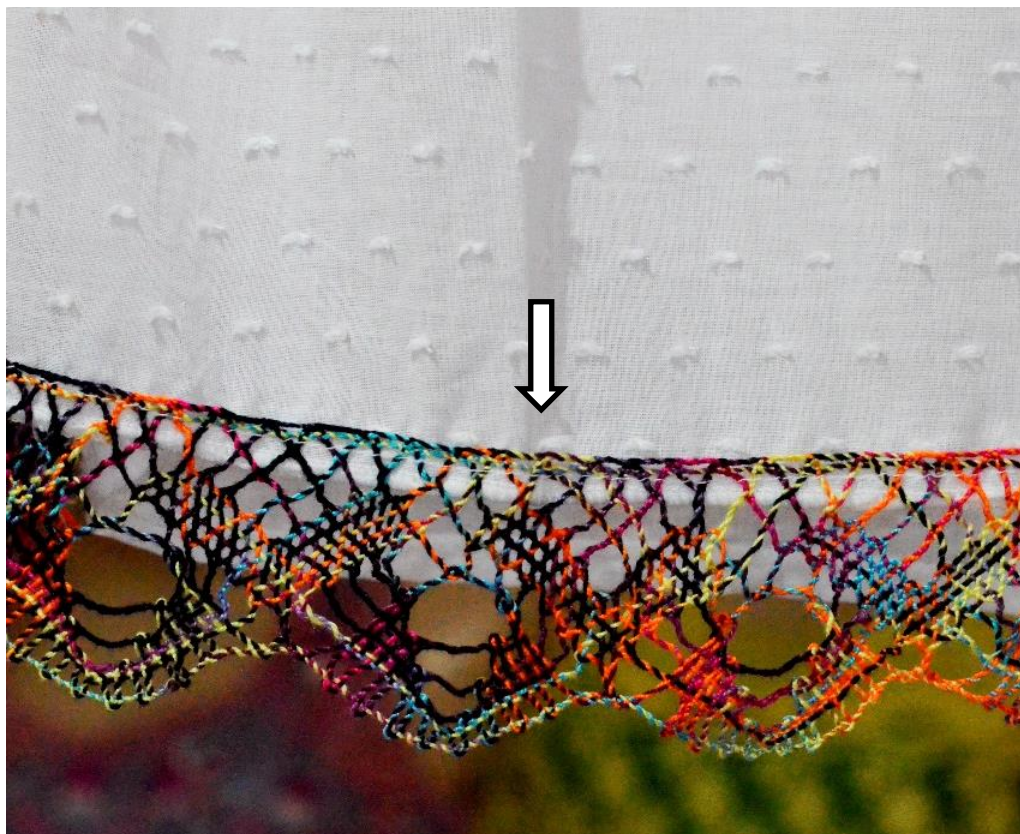


Fonte: Zeqroz Neto

APERRIADO • (A) • [ADJSing] • De origem castelhana • Com excesso de tarefas para cumprir em pouco tempo, atarefada. • *INFORMANTE 6: a gente ia fazê... e aí... gostava... mei aperriada... ela dizia: “não... não faço uma peça só não...” uma vai se fazeno cinco metro... a otra faiz cinco... (Ent.6, linhas 63 e 64).*

APLICAÇÃO ~ APLIQUE • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Peça de renda, normalmente em formato de flor, fixada à roupa para a enfeitar. Pode ser feita com os pontos pano, traça, trocado e meio trocado. • *INFORMANTE 6: esse é uma aplicação...* *PESQUISADOR: ah... aplicação...* *INFORMANTE 6: as pontas da renda são assim ó! (Ent. 6, linhas 84 a 86).* *INFORMANTE 6: que antigamente era como a gente tava falando... com a renda de metro... já hoje não é... não é nem aplicação...* (Ent. 6, linhas 100 e 101). • *PESQUISADORA: ah ta... esses ispinho foi que tu fez?* *INFORMANTE 8: tucum...* *PESQUISADORA: tucum... mandacaru né? E o que que eles fazem com biurro? faz caminho de mesa...* *INFORMANTE 8: caminho de mesa... camiseta... aplique...* (Ent.8, linhas 142 a 145)

Foto 17: Aplicação ~ Aplique – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

ARADO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Realização de trabalho manual, artesanal •
INFORMANTE 6: aí minha mãe chegô e disse... “gente... pelo amor de Deus... é o que tem pra fazê e eu vô fazê...” Aí o pessoal se interessaro e... todo mundo colocô a mão no arado viu? **PESQUISADOR:** hun..hum... **INFORMANTE 6:** *todo mundo colocou a mão no arado... e aí...* **PESQUISADORA:** aí /... **INFORMANTE 6:** *formamos aqui... essa almofada... agora esse banco aqui já foi ideia minha pra eu trabalhá sentada...* (Ent.6, linhas 381 a 389).

ARDOSO • (A) • [ADJSing] • Latim > Português • Diz-se da comida que é ardida, apimentada. • **INFORMANTE 13:** *era uma siriguela até os limão ...a gente cortava ele miudinho e cumia o limão verde...* **PESQUISADORA:** ui... **INFORMANTE 13:** *passava assim um pôquinho de sal com pimenta do rêno... eu gosto de coisa verde...* **PESQUISADORA:** *arde....* **INFORMANTE 13:** *coisa verde ardose sempre foi cumigo... a gente pegava a farinha... quando tava torrando a farinha ela ela fica assim mole que tem a farinha mole a farinha mole ela não ela já tá no ponto de cumê que num imbedada niguém porque quando ela tá inda massa se cume assim fica bêbado...* (Ent. 13, linhas 48 a 54).

ARMAÇÃO DE BANCO • (A) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Base de sustentação da almofada de bilro, feita de tecido e “recheada” com esponja, mais conhecida como *rudia*. Cf . *rudia*.• (n/e) • • *INFORMANTE 13: pra não furá a almofada coloca a esponja viu aí coloca o pano e amarra por isso que eu disse que iss’aqui é uma armação de banco... uma armação é uma armação de banco...* (Ent.13, linhas 465 a 468).

Foto 18 : Armação de banco – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

ASSENTÁ • (n/d) • [V] • Latim > Português • Organizar a almofada com os instrumentos necessários para a feitura da renda de bilro: dispor o molde no bilro e sob ele, os espinhos e os bilros com as linhas. Empregado, também, para se referir à elaboração de uma peça de renda logo após ter finalizado a anterior, para, ao seu término, unir as peças entre si, que vão compor uma roupa. Também denominado *butá a renda*. Cf. *butá a renda* • *INFORMANTE 11: Aí, eu pego tu pega assim quando a gente vá assentá ... assentá na almofada é um eu fazia ela me ensinô mais eu não sabia assentá.. que tem que assentá a renda na almofada. PESQUISADORA: Ah! Assentá na almofada... a renda na almofada significa o quê? É assentá né? INFORMANTE 11: É assentá o trabalho que você vai fazê... nem todo mundo... tem gente que faz a renda sem assentá na almofada... PESQUISADORA: Assentá é pegá o molde...INFORMANTE 11: É aí coloca o gráfico na almofada aí vai assentá pra começá o trabalho...* (Ent. 11, Inhas 65 a 71).

Foto 19: Rendeira assentando a renda – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

ASSENTAMENTO • (n/d) • Nm [Ssing] • Ato da rendeira se organizar para iniciar a feitura uma renda. • Latim > Português • • *INFORMANTE 6: é ... tudo... tudo... aqui é o assentamento dela que... já vem com a traça... só passa esse paninho no meio aqui... viu?* (Ent.6, linhas 496 e 497).

Foto 20: Assentamento da renda – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

AVEXADO • (A) • [ADJSing] • Latim > Português • Que tem pressa para fazer alguma coisa.
• *...eu to bem minha fia ... mas minha irmã ... só anda avexada... só um minutinho...* (Ent. 13, linha 195).

B

BANCO • (A) • Nm [Ssing] • Germânica. • Tamborete de madeira, onde as rendeiras ficam sentadas enquanto estão tecendo. Antigamente as rendeiras teciam sentadas no chão; com o passar do tempo, passaram a sentar em bancos. Também é utilizado para se referir ao tamborete sobre o qual fica a almofada de bilro. • *INFORMANTE 6: formamos aqui. essa almofada... agora esse banco aqui já foi ideia minha pra eu trabalhá sentada...* (Ent. 6, linhas 386 e 387).

Foto 21: Banco – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

BANCO DE GUARDA • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Germânica • Pequeno tamborete de madeira, colocado sobre o banco onde a rendeira tece, para que a almofada fique mais alta • *PESQUISADORA*: dona F. dêxa eu te fazê uma pergunta essa peça aqui que quase ninguém tem... chama é banco... não é? *INFORMANTE 13*: esse daqui é um banco ...banco de guarda...*PESQUISADORA*: banco é? É um banco? *INFORMANTE 13*: é um banquim desses que a gente se senta minha fia...*PESQUISADORA*: ah!*INFORMANTE 13*: é só botá a taba aqui óia a gente coloca a taba no assento vira um banco...*PESQUISADORA*: aí você inventô isso de virar o banco? (Ent. 13, linhas 442 a 449).

Foto 22: Banco de guarda – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

BANDEJA • (A) • Nf [Ssing] • De origem controversa • Peça de renda de bilro, de formato arredondado ou retangular, de uma única cor ou colorida, utilizada para pôr em cima da bandeja. • *INFORMANTE 3*: tudo... A gente faz a toalha... faz a bandeja... a gente faz o vestido... a gente faz camiseta... faz a blusa... tudo que você imagina... (Ent.3, linhas 696 e 697).

Foto 23 : Bandeja – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

BANHÁ • (A) • [V] • Latim > Português • Tomar banho. • *INFORMANTE 3: aqui toda a região aqui dá... é... sempre quando eu vô... vou mais é pra gente pega assim... a gente vê tudo... eu só tiro assim... pra gente te uma aventura... no banho mesmo que a gente ta ali banhando... que tira...*(Ent. 3, linhas 534 a 536).

BARATA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Trançado da renda de bilro onde somete um bilro corre, feito principalmente com o ponto trocado inteiro; mais conhecido como *traça*. • *INFORMANTE 3: começa só três ponto... a renda... eu digo... é três ponto... três ponto que eu faço qualqué um desenho... eu vô fazê... aqui eu vô fazê a traça... que é... esse ponto aqui... que chama a traça... que nós chama... em outro lugá chama barata...PESQUISADORA: tá... a traça... barata... (Ent.3, linhas 868 a 871).*

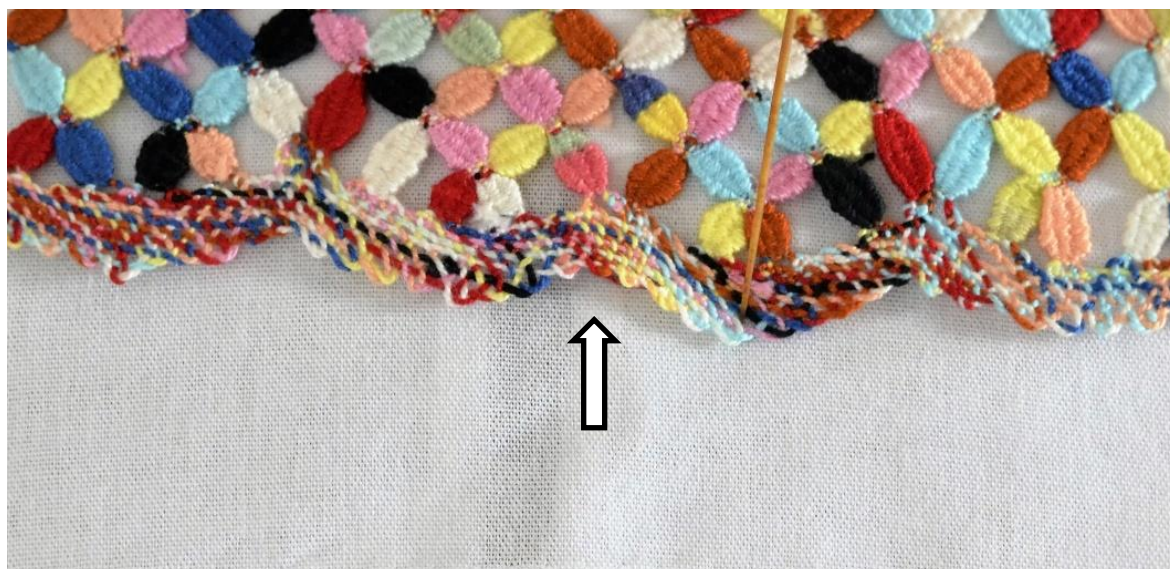
Foto 24: Barata - Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

BARRA ~ BARRINHA • (A) • Nf [Ssing] • De origem pré-romana • Peça de renda de metro, de larguras variadas, utilizada para dar acabamento, podendo ser feita com os pontos *pano*, *traça* ou *trocado*. • *INFORMANTE 3*: *pano de prato... a gente bota barra... pano de prato...PESQUISADORA*: hum..hum..... *INFORMANTE 3*: *ali... a barrinha de renda...PESQUISADORA*: certo...*INFORMANTE 3*: *a toalha de banho... você bota a barrinha e fica linda...PESQUISADORA*: é...*INFORMANTE 3*: *ainda depois de pronta...PESQUISADORA*: caminho de mesa... também né? *INFORMANTE 3*: é... *a gente faz... a gente bota as barrinha de renda...* (Ent.3, linhas 702 a 709).

Foto 25: Barra feita com meio trocado – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

BARRINHA DE RENDA • (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • De origem pré-romana • Peça de renda de metro, de 5 a 10 cm de largura, utilizada para dar acabamento, podendo ser feita com os pontos *pano*, *traça* ou *trocado* • *INFORMANTE 3: pano de prato... a gente bota barra... pano de prato... PESQUISADORA: hum..hum..... INFORMANTE 3: ali... a barrinha de renda... PESQUISADORA: certo... INFORMANTE 3: a toalha de banho... você bota a barrinha e fica linda... PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: ainda depois de pronta... PESQUISADORA: caminho de mesa... também né? INFORMANTE 3: é... a gente faz... a gente bota as barrinha de renda... (Ent.3, linhas 702 a 709).*

Foto 26 : Barrinha de renda – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

BERADA D'ÁGUA • (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • De origem incerta • Beira do mar, do rio ou do canal. • *I...quando eles chegaro .. aí só ouvia era o grito deles lá gritano ... aí ele foi aí diz que o outro vinha pra berada d'água e batia assim nos peito... (Ent. 11, linhas 323 e 324).*

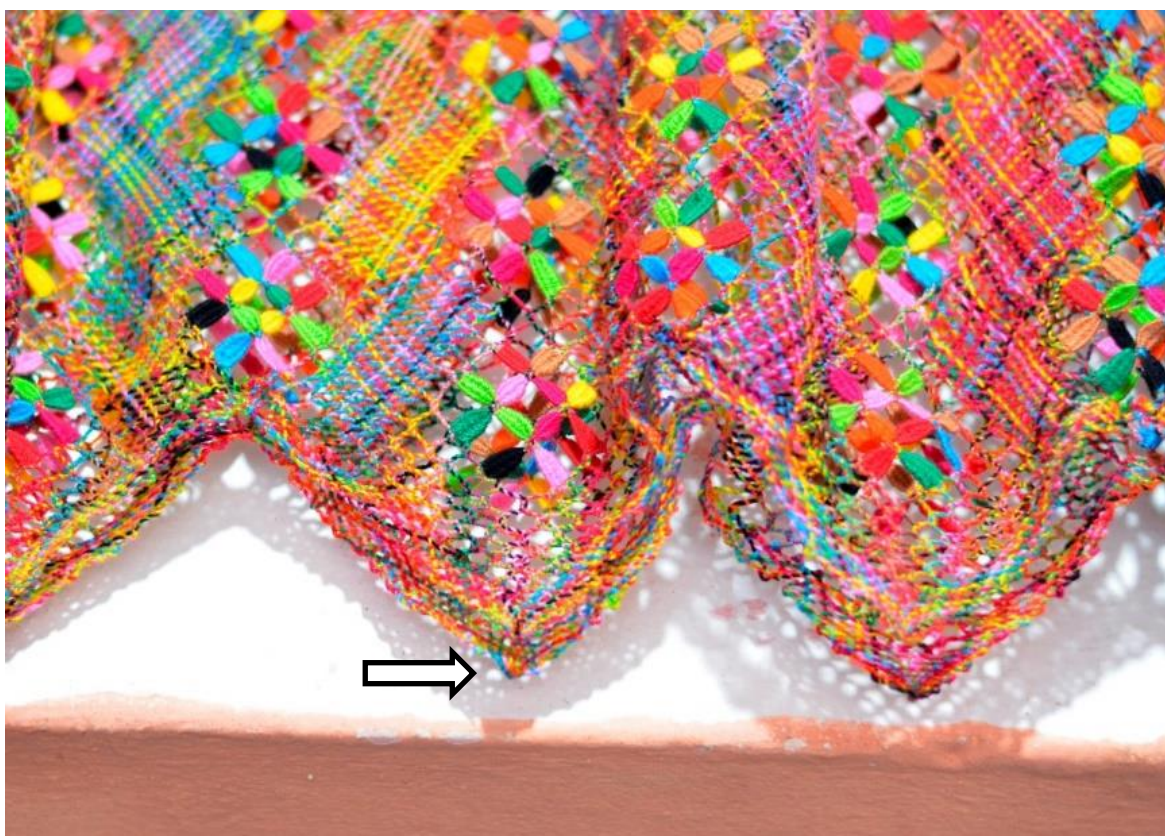
BERADA DA PRAIA ~ BERADINHA • (n/d) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Nf [Ssing] •

De origem incerta • Beira do mar. • *INFORMANTE 1: é... era muito diferente... e panela... negocio da berada da praia... negocio dessas coisa tudo era inguinorado... agora eu toda a vida fui dura... Ent. 1, linhas 358 e 359).*

BICO ~ RENDA DE BICO • (A) • Nm [Ssing] • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim >

Português • Ponta larga, em formato de bico de pássaro, feita com o ponto trocado inteiro ou meio trocado, localizado nas barras das rendas. • *PESQUISADORA: esse aqui a senhora ta fazendo... é uma () INFORMANTE 3: é () esse aqui tem um entemeio... e tem uma renda de bico... PESQUISADORA: o que é entemeio? INFORMANTE 3: a renda de bico é que coloca nas roupas... 'cê ta entendendo? PESQUISADORA: ai que lindo... INFORMANTE 3: aí tem o bico... aí o entemeio tem esses dois lado aqui ó! Tem que tê esses dois lado aqui... PESQUISADORA: hum... INFORMANTE 3: o entemei' tem que sê dois lado aqui ó! Ele é butado.. assim no mei das roupa... PESQUISADORA: ah... que é pra botá no meio... por isso que é entemeio... e a renda de bico é uma ponta... INFORMANTE 3: tem que te... as barra... (Ent.3, linhas 992 a 1001).*

Foto 27: Bico – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

BICO DA CIGANA ~ BIQUINHO • (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Nm [Ssing] • Latim > Português • Ponta estreita, em formato de um bico de pássaro, que fica nas barras das rendas. • *INFORMANTE 6: aí eu... e quando foi ficando... já mais... moça... aí comecei a fazê rendas largas... comecei a fazê a flor de seda... comecei fazê... o bico que chamam... cigano... cigana... o bico da cigana... PESQUISADORA: oh... INFORMANTE 6: viu? Eu até tinha esquecido e agora lembrei... PESQUISADORA: ham...ham..... como é que é o bico da cigana? INFORMANTE 6: é... é fácil... é... ele é de... ele é como lhe falei de urela e de ponto e a renda vem com as duas uréolas com... o pano no mei... (Ent. 6, linhas 22 a 28).*

BILISCÁ • (n/d) • [V] • Latim > Português • Furar o molde com uma agulha grossa, afim de fazer uma renda de bilro. • *INFORMANTE 1: É um papel desse aqui... eu vô fazê a renda... vô biliscá o papelão da renda sabe? bilisco nesse aqui... com esse aqui e os espinho aqui eu acerto nessa almofada... aqui que ta... aqui a almofada aí eu vô faze... PESQUISADORA: hun...hum... INFORMANTE 1: o mesmo que eu bilisquei... PESQUISADORA: e você bilisca com que? Com o?... INFORMANTE 1: agulha! com agulha... (Ent. 1, linhas 228 a 234).*

BILRO ~ BIRDO ~ BIRRO ~ BIURDO ~ BIURRU ~ BÍRDOLO • BÍRDALO • (A) • Nm [Ssing] • De origem controvertida • Peça de madeira, de aproximadamente 10 a 15 cm, feita de semente de tucum, com a extremidade arredondada feita de semente de tucum, em que são fixadas as linhas, todas de uma cor só ou coloridas. É utilizado para se fazer a renda de bilro. • *INFORMANTE 12: não ... a diferença é só porque aqui a gente tem que furá com o espinho aqui não a gente passa o bilro direto... (Ent; 12, linhas 210 e 211). PESQUISADORA: é como se fosse aí bota o bilro em cima pra furar um tamborete invertido... é como se fosse assim um apoio né um apoio da almofada? (Ent. 12, linhas 633 e 634). • PESQUISADORA: por exemplo... a minha toalha como é que a senhora fez? I PESQUISADORA: ham... e o que o nome que a gente chama assim renda de biuro? É o nome que vem de lá também né? INFORMANTE 1: agora é uma história... o negócio do biurdo/PESQUISADORA: é isso que eu queria saber... INFORMANTE 1: eu não vou lhe afirmar porque lá no Acarau nós chamava BIRRO... PESQUISADORA: birdo? INFORMANTE 1: BIRRO nós chamava birro aonde aqui sirviu de ingnorança... era inguinorá... ingnorado. Eu quero que esse nome BIRRO seja uma coisa feia... PESQUISADORA: Ah.... e que era o nome original... INFORMANTE 1: pois esse era o NOSSO nome... PESQUISADORA: o nome certo que era de vocês... INFORMANTE 1: agora eles que tão /PESQUISADORA: inventando esse outro nome... INFORMANTE 1: agora birdo ninguém pode chamá assim que nós... mas agora eu nunca temi pra chama de*

outro jeito eu chamo é birro que foi assim que eu aprendi /PESQUISADORA: e aqui o pessoal chama birro? INFORMANTE 1: Birro mas que é do Maranhão... que no Maranhão é diferente do Ciará! PESQUISADORA: ah... entendi. Então que diz que tudo que tem de renda aqui foi trazido da cultura de lá? Foi da cultura de lá... (Ent. 1, linhas 148 a 166). • PESQUISADORA: hum...hum... tudo isso é traça? É como se fosse uma fileira o que a gente chama de traça. E por exemplo no... no o próprio biurro mesmo ele é formado... tem algum aqui pra gente olhá? INFORMANTE 8: só tem piquininhum. PESQUISADORA: eu queria ver as partes dele. Como é que a gente chama as partes dele. A gente chama as partes dele como? INFORMANTE 8: isso aqui eles chamam de biurro...(Ent. 8, linhas 129 a 133). • PESQUISADORA: em Letras...INFORMANTE 13: “formada em Letras eu sô formada no bírdulo” (Ent. 13, linhas 16 e 17). • INFORMANTE 6: fica bem feito... eu vô faze... se fica... um bírdalo desse aqui... aí quando eu pego e vejo que ta distorcido... dexa eu vê... vai ficá tão feio... / PESQUISADORA: distorcido é assim frouxo né? INFORMANTE 6: é torcido mesmo... (Ent.6, linhas 710 a 713).

Foto 28: Bilros – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

BOLERO • (A) • Nm [Ssing] • Castelhana • Colete feito com renda de bilro, renascença ou filé • INFORMANTE 6: *eu sei fazê viu? mas... é...eu faço camiseta... eu faço bolero... que no caso desde quando eu lhe falei... é o bolero... este aqui é... este lado daqui... porque eu já fiz a*

costa e a frente... quando eu terminá essas quatro tira aqui e já tá o bolero pronto... PESQUISADORA: prontinho... (Ent.6, linhas 108 a 111).

Foto 29: Bolero feito de renda de bilro – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

BOLSADA DE RENDA • (n/d) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Lucro obtido com a venda da renda. • *INFORMANTE 3: aí eu fiquei com muito... um monte de renda... duas bolsada de renda... PESQUISADORA: hum hum... (Ent. 3, linhas 133 e 134).*

BORDADO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Desenhos variados, feitos a partir do trançado de linha e agulha, utilizados sobrepostos a peças do vestuário e de cama, mesa e banho, para fins de enfeite. • *INFORMANTE 4: dava assim que via faze né? A minha mãe ensino mais pra nós foi ponto... ponto de marca... bordado cheio... fazia casa de blusa... PESQUISADORA: hum hum... / INFORMANTE 4: bainha de vistido... que aqueles tempo não tinha áaquina industrial pra fazê... ispin' de peixe... PESQUISADORA: ponto de marca é o que? INFORMANTE 4: cruz PESQUISADORA: ah... ponto de cruz... ponto de cruz... bordado cheio é bordado normal... bordado bordado né? INFORMANTE 4: é... (Ent. 3, linhas 89 a 95).*

BORDADO CHEIO • (A) • NCm [Ssing + ADJsing] • Latim > Português • Desenhos variados, feitos a partir do trançado de linha e agulha com pontos bem fechados, utilizados sobrepostos a peças do vestuário e de cama, mesa e banho, para fins de enfeite. • *INFORMANTE 4: dava assim que via faze né? A minha mãe ensino mais pra nós foi ponto... ponto de marca... bordado cheio... fazia casa de blusa... PESQUISADORA: hum hum... / INFORMANTE 4: bainha de vistido... que aqueles tempo não tinha máquina industrial pra fazê... ispin' de peixe... PESQUISADORA: ponto de marca é o que? INFORMANTE 4: cruz PESQUISADORA: ah... ponto de cruz... ponto de cruz... bordado cheio é bordado normal... bordado bordado né? INFORMANTE 4: é... (Ent. 3, linhas 89 a 95).*

BORDADO DE CRUZ • (A) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Desenhos variados, feitos a partir do trançado de linha e agulha em ponto cruz, utilizados sobrepostos a peças do vestuário e de cama, mesa e banho, para fins de enfeite. • *INFORMANTE 1: era bordado! Bordado de cruz... PESQUISADORA: hanham... a vocês fazem também bordado? (Ent. 1, linhas 339 e 340).*

Foto 30: Ponto cruz – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

BORDÁ • (A) • [V] • Latim > Português • Fazer um bordado • *INFORMANTE 7: só turista que chega dizendo bordá... mas não... é tecê... (Ent. 7, linha 229).*

BUCADIN' • (A) • [ADV] • Latim > Castelhana • Um pouco, levemente. • *INFORMANTE 1: Pois... eu sô um bucadin nova. Eu sô di trinta e oito... PESQUISADORA: certo... muito bem... (Ent. 1, linhas 23 e 24).*

BURITI • (A) • Nm [Ssing] • Tupi • Fruto amarelo e tenro, da palmeira *arecácea* (*Mauritia vinifera* ou *Mauritia flexuosa*), ou Buritizeiro, que ocorre no Centro-Oeste, Norte e Nordeste do Brasil. • *PESQUISADORA: hanham aqui na loja vocês vendem só coisa com renda de biuro ou /INFORMANTE 1: vende outras coisa... vende com palha de buriti... vende...PESQUISADORA: com palha de buriti faz o que? INFORMANTE 1: bolsa /PESQUISADORA: bolsa né? INFORMANTE 1: e faz como renda elas lá fazi como nós... cria a renda elas cria aquele daquela folha do buriti... da palha do buriti ... (Ent. 1, linhas 342 a 348).*

BUTÁ A RENDA • (n/d) • [V] • Organizar a almofada com os instrumentos necessários para a feitura da renda de bilro: dispor o molde no bilro e sob ele, os espinhos e os bilros com as linhas. Empregado, também, para se referir à elaboração de uma peça de renda logo após ter finalizado a anterior, para, ao seu término, unir as peças entre si, que vão compor uma roupa. É também denominado *assentá*. **Cf.** *assentá* • *INFORMANTE 3: é... o trocado... aí vai aprende a faze a traça... aí já vai pro... vamo começa a aprende a trança... e já vai butando a rendinha maior... PESQUISADORA: hum hum... INFORMANTE 3: assim mais larguinha sabe? aí vai larguendo... eu como gostava de dinheiro sabe? Toda a vida eu gostava de ter o meu dinheiro... e a mamãe butou a rendinha... quando eu aprendi logo... ela butô uma rendinha assim... dessa largura logo... PESQUISADORA: hum... INFORMANTE 3: aí quando eu butei... eu já butei uma larga... dessa largura... eu disse... “mamãe essa não dá nada... eu quero uma mais larga...” ela butô uma dessa largura e eu fiz... (Ent. 3, linhas 180 A 188).*

Foto 31: Rendeira *butando a renda* – Raposa/MA

Fonte: Zeqroz Neto

C

CAIXINHA DE RENDA • (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Prov. do catalão caixa ou do provençal. • Poupança que a rendeira, em fase de aprendizagem, faz com a venda da renda. • INFORMANTE 13: foi ... disse “eu vô fazê porque quando eu tenho a minha caixinha de renda... mamãe me dá pelo menos cem reais... eu fico tão alegre ... (Ent. 13, linhas 359 e 360).

CASEADO ~ CASEADOZINHO ~ CASEADOZIN' • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Ponto feito manualmente com agulha de mão para se fazer a casa do botão. • PESQUISADORA: ponta... pano... esses vazado aqui... INFORMANTE 3: esse aí... é ponto cheio de... caseadozin'. PESQUISADORA: ponto cheio caseado... caseado é feito as casas né? INFORMANTE 3: é... caseado... PESQUISADORA: ponto cheio de caseado... pano.. INFORMANTE 3: hen...hein... (Ent. 3, linhas 1035 a 1040).

CALDEIRÃO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Panela grande, de bordas altas, com alças. • *INFORMANTE 1: é assim é... uma panela. A panela pra cozinhá... chamava panela e eles chamava caldeirão...PESQUISADORA: hannn... (Ent. 1, linhas 370 e 371).*

CAMINHO • (n/d) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Toalha de mesa de renda de bilro, filé ou croché, retangular e estreita, que ocupa toda a extensão de uma mesa. • *INFORMANTE 3: que a renda é mais cara... um caminho com a linha grossa custa setenta... oitenta... nela vai cento e pouco... (Ent. 3, linhas 945 e 946).*

Foto 32: Caminho – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

CAMINHO DE MESA • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Toalha de mesa de renda de bilro, filé ou croché, retangular e estreita, que ocupa toda a extensão de uma mesa. • *INFORMANTE 7: blusa são catorze dias... dependendo da rendeira na hora que ela pega...caminho de mesa também... (Ent. 7, linhas 219 a 221).*

Foto 33: Caminho de mesa – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

CAMURIM • (A) • Nm [Ssing] • Tupi • Peixe conhecido na região Sudeste como robalo. Considerado no município de Raposa como “peixe de primeira classe”, por ter alto valor comercial. • *PESQUISADORA*: ele trabalha com qual tipo de pesca no caso? É com a gozera... como é que é? *INFORMANTE 3*: ele trabalha... com a pescadeira... *PESQUISADORA*: pra pesca... *INFORMANTE 3*: pra pexe grande... é pra pexe grande... *PESQUISADORA*: é só pescada ou não? *INFORMANTE 3*: pescada... camurim... (Ent. 3, linhas 509 a 514).

CANTIGA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Canção. • *PESQUISADORA*: é... eu só tenho mais uma pergunta pra lhe fazê... que minha orientadora... ela tem uma curiosidade... é verdade que quando vocês... a última pergunta... que quando vocês faziam renda... se sentavam no chão... tinha umas cantigas que cantavam... ou não... isso é lenda? *INFORMANTE 6*: (risos) *PESQUISADORA*: é lenda de pescadô? *INFORMANTE 6*: (risos) não é lenda não minha filha... eu canto até hoje... *PESQUISADORA*: é? Olha que beleza... mais tinha alguma musica especial que cantava? *INFORMANTE 6*: eu canto até hoje olha... cantiga mulhé rendeira... eles cantavo muito... mais eu nunca me liguei a isso não... “olé mulê rendeira... olé mulê rendá... tu me ensina a fazê renda... que eu te ensino a namorá...” (Ent. 6, linhas 772 a 781).

CASCUDO • (n/d) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Golpe na cabeça de alguém com a mão fechada, como forma de repreensão. • *INFORMANTE 6: é... mais é... “essa renda aqui ela não faz... porque essa é difícil...” aí chega a pessoa e “ô dona F., tão difícil não é? Como que você aprendeu?” eu digo “olha... eu aprendi levando cascudo...” menina... se tu errou isso aqui... eu vo te dá aqui aquele trem pra cascudo... porque aí ele te dá um cascudo tão grande que tu vai vê...” aí a gente tinha um medo tão grande daquele cascudo das velha que já tinha / (risos) PESQUISADORA: já caprichava... (risos) INFORMANTE 6: aí tinha que fazê que um cascudo daquele dexava a gente desorientadinho (risos) do juízo viu? (Ent. 6, linhas 206 a 212).*

CAVA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Abertura da roupa da região das axilas. • *INFORMANTE 3: e tá formando a cava da manga ó! PESQUISADORA: a cava da manga / INFORMANTE 3: é... isso aqui ó! (Ent.3, linhas 252 a 254).*

Foto 34: Cava – Raposa/MA



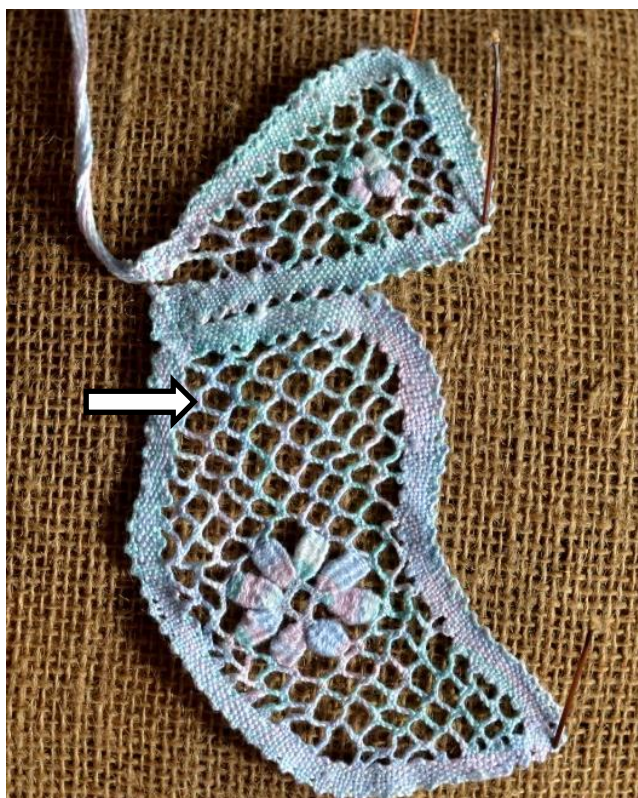
Fonte: Zeqroz Neto

CAVALÃO • (n/d) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Lenda segundo a qual há um cavalo selvagem submerso nas águas, num local chamado Maturi. Esse cavalo pode sair das águas e invadir as residências dos pescadores que moram nos arredores, comendo os animais, os

alimentos etc. • *INFORMANTE 11: (...) ó o marido contou uma história que disse que isso já faz muitos anos que aconteceu aqui pras bandas do Maruri pra culá aí diz que o homi morava lá mesmo na ilha mesmo com a mulher e tudo e os cinco filho aí um dia ele disse “mulhé tu fica aí que eu vou do ôto lado compra (...) comprá o mantimento de casa” né aí ele foi e quando ela tava lá dando de mamá o minino aí diz que lá vem um cavalão (...) assim era pesquera aí vem um cavalão assim saindo de dento da água aí veio veio veio... (...)INFORMANTE 11: (...) os peixe... as coisa... que ele cumeu tudinho... o homi foi imhora de lá num ficou mais lá não... PESQUISADORA: um cavalo? INFORMANTE 11: era um cavalo um cavalo selvage... PESQUISADORA: MEU DEUS! • Ent. 11, linhas 272 a 293).*

CHARITA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Ponto da renda de bilro de formato quadrado, vazado, feito com meio trocado e de grande grau de dificuldade. • *PESQUISADORA: esse aqui é que eu chamo... como esse vazadinho bonitinho? INFORMANTE 15: aí é um pano... PESQUISADORA: um pano... e o que chamam casa de abelha?.. charita! Charita!INFORMANTE 15: a charita eu não aprindi ainda... PESQUISADORA: é né mas o que eu percebo é que todo mundo usa é pano ...traça ... trança... INFORMANTE 15: isso. (Ent. 15, linhas 343 a 348).*

Foto 35: Charita – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

CHARITAZINHA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Ponto da renda de bilro de formato quadrado, vazado e de tamanho pequeno, feito com meio trocado e de grande grau de dificuldade. • *INFORMANTE 1: e tem um ponto mesmo que eu não sei fazê de jeito nenhum que é uã tal de charitazinha...* *PESQUISADORA: ah charita... tem charita e tem a charitazinha?* *INFORMANTE 1: tem...* *PESQUISADORA: charita é a maior e charitazinha é a menó?* *INFORMANTE 1: é tudo é um tamanho só charitazinha simplesinha porque acho que porque não me interessei mesmo...* (Ent. 12, linhas 593 a 598).

Foto 36: Charitazinha – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

CHEIRO-VERDE • (A) • NCm [Ssing + ADJsing] • Latim > Português • Conjunto de ervas aromáticas composto por cebolinha e coentro em folha, muito utilizado no Nordeste para temperar comida, especialmente frutos do mar. • *INFORMANTE 13: e então aí a gente quando ela tava assim mole a gente pegava e jogava um bucadin de chêro verde por cima cebola porque lá a gente num chamava chêro verde...* *PESQUISADORA: hum...hum...* *INFORMANTE 13: chêro verde é no Maranhão... cebola e aquilo a gente cortava dirêtinho cortava ali...* *PESQUISADORA: qual era a cidade dona F.?* (Ent. 13, linhas 64 a 68).

CIGANO • (n/d) • Nm [Ssing] ~ **Cigana** Nf [Ssing] • Francesa • Renda de metro utilizada como barra de roupas, feita com trocado inteiro e traça. • *INFORMANTE 6: aí eu... e quando foi ficando... já mais... moça... aí comecei a fazê rendas largas... comecei a fazê a flor de seda... comecei fazê... o bico que chamam... cigano... cigana... o bico da cigana...*
PESQUISADORA: oh... INFORMANTE 6: viu? Eu até tinha esquecido e agora lembrei... PESQUISADORA: ham...ham..... como é que é o bico da cigana? INFORMANTE 6: é... é fácil... é... ele é de... ele é como lhe falei de urela e de ponto e a renda vem com as duas urela com... o pano no mei... (Ent. 6, linhas 22 a 28)

COQUINHO • (A) • Nm [Ssing] • De origem controversa • Peça arredondada de madeira que fica na extremidade do bilro, feita de semente de tucum. • *PESQUISADORA: esse aqui é feito de... INFORMANTE 4: da vara do mangue... PESQUISADORA: vara do mangue... e esse aqui? INFORMANTE 4:... é o coquinho... PESQUISADORA: coquinho... ta. Aí isso tudo é biurro né? Mas isso aqui eu chamo de coquinho? INFORMANTE 4: coquinho. PESQUISADORA: coquinho né? Esse aqui é a vara do mangue... aí tem algum biurro que é principal ou não? INFORMANTE 4: ... não, o biurro é igual...* (Ent. 4, linhas 199 a 206).

Foto 37: Coquinho – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

CORREDÔ DAS RENDAS • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Rua estreita e extensa do município de Raposa onde ficam situadas as vendas de renda de bilro. • *INFORMANTE 7: é a pista muito estreita... aqui eles não respeitam ninguém... motoquero e assim... PESQUISADORA: e tu achas aqui tem um nome não tem que eles chamam? Um nome que tem essa rua? INFORMANTE 7: Corredô das Rendas... PESQUISADORA: Corredô das Rendas... mas o nome dessa rua mermo qual é? INFORMANTE 7: é a Principal... (Ent.7, linhas 172 a 176).*

Foto 38: Corredô das rendas – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

CRAVO • (n/d) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Peça de renda de bilro feita na horizontal, vendida no metro. Cf. *Renda de metro*. • *INFORMANTE 2: O croché que faiz a rosa... faiz o cravo... f tudo só num ponto só... Só com uma agulha só... o mesmo jeito que faz a renda... A diferença é que tem... porque umas é larga outra é estreita... outras é média... Toalha, caminho... É caminho... é camiseta é blusão aí... é a diferença qui tem... mais o ponto... (Ent. 2, linhas 64 a 66).*

CROCHÉ • (A) • Nm [Ssing] • Francesa • Trançado de fios que se faz com uma só agulha de ferro, reta, com a ponta de forma de anzol, para pescar a linha e fazer o ponto. • *INFORMANTE 10: é exatamente né... ela vende a renda de biurro a fina... a grossa... ela*

vende o croché umas dessas toalha... aí ela vende caminho de mesa... mas já o... o ...a saída de praia ... (Ent.10 linhas 314 e 315).

Foto 39: Detalhe de peça feita de croché – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

CURRAL ~ CURRÁ • (n/d) • Nm [Ssing] • De origem controversa • Armadilha de pesca característica do Ceará, composta de seis compartimentos: boca do curral, espia, sala, sala grande, salinha e chiqueiro, que se baseia no ato do peixe entrar para “passear” por vários compartimentos, terminando ficando preso no último deles que é o chiqueiro. • **PESQUISADORA**: além do biurro assim da palavra que o pessoal aqui não conhecia? **INFORMANTE 1**: é currá...**PESQUISADORA**:sim... **INFORMANTE 1**: é aquilo que nós chamamos de CURRAL...**PESQUISADORA**: hanham**INFORMANTE 1**: curral e eles chama currá (Ent. 1, linhas 363 a 368). • **INFORMANTE 10**: tem gozêra tem gozêra tem pitiuzêra tem sajubêra ainda tem essas pesca né? a serrêra ainda pesca também... só que a serrêra...**PESQUISADORA**: curral tem? **INFORMANTE 10**: curral... tem a curral a serrêra eles já tão buscando mais pra lá porque o serra tá mais pra lá também o serra a pescada... **PESQUISADORA**: ah entendi... (Ent. 10, linhas 346 a 351). • **PESQUISADORA**: pesca o que? Pesca de que? **INFORMANTE 10**: ele pesca peixe ... **PESQUISADORA**: mas é de curral? **INFORMANTE 10**: não é de rede... ele pesca lá fora... (Ent. 10, linhas 189 a 191).

D

DENTE DE RATO ~ DENTIN' DE RATO • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Renda que se assemelha a um dente de rato, é comercializada por metro e é feita com duas *traças* e uma *urela*. É um tipo de *renda de metro*, bastante praticado pelas rendeiras quando estão em fase de aprendizagem. Cf. *renda de metro*, *urela* e *traça*. • *INFORMANTE 2: O croché que faiz a rosa... faiz o cravo... faiz tudo só num...* • *INFORMANTE 6: ponta de coco... aí com o tempo... eu... fui... me adaptei no trabalho... aí minha mãe disse assim: “agora chegou o tempo de... de butá alguma rendinha pra ela...” aí butô pra mim um dentin de rato... que a gente... a ponta dele é de trancinha... e o mei... vem a traça... mais eu aprendi rapidinho...* *PESQUISADORA: o dentinho de rato é o nome...* *INFORMANTE 6: dente de rato... PESQUISADORA: dente de rato é o nome da renda...* *INFORMANTE 6: é o nome da renda... dente de rato... (Ent. 6, linhas 12 a 18).*

Foto 40: Dente de rato no detalhe da gola – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

DISAPARTÁ • (A) • [V] • Latim > Português • Separar-se de algo ou de alguém. • *INFORMANTE 6: ensinô assim... ela... ela me advertiu pra que também eu ficasse aqui fazendo renda junto com ela e eu já criei filhos... e netos... hoje eu estou aqui... ainda na minha renda... e só pretendo me disapartá dessa almofada... quando a morte separá... que eu*

não vou esperá nem doença vi fazê perde meus movimento... que não vai acontecê... Deus não vai deixá... (Ent. 6, linhas 219 a 222).

DISGOSTÁ • (A) • [V] • Latim > Português • Ficar aborrecido com algo ou com alguém. • *INFORMANTE 3: não aceitô morá junto comigo lá... PESQUISADORA: ah... entendi... INFORMANTE 3: e... e por isso... eu me disgostei... e vim... e vim pra cá... (Ent. 3, linhas 81 a 83).*

DISIMENDADO • (n/d) • [ADJSing] • Latim > Português • Diz-se da renda que teve algum ponto desmanchado. • *INFORMANTE 13: imendá é porque ela assim as pessoas nem queri comprá diz assim olha “se tu imendá eu compro mas assim desimendada não porque eu não quero ...” mesmo as rendeira quando ele sabe que a gente não sabe imendá elas levo “eu vô levá e eu vô imendá porque tu num sabe” mas se subere que eu sê como elas sabe que eu sê... PESQUISADORA: emendar né... INFORMANTE 13: “não minha irmã dêxe de ser preguiçosa que inda vô inda vô é pagá uã pessoa pra imendá” então ela disimendava não é nada ela tem que imendá que é pra colocá dentro da bandeja isso daqui serve pra colocá assim que qué pra colocá assim no rack pra colocá uã coisa em cima coisa enxuta viu... PESQUISADORA: entendi... INFORMANTE 13: então ela desse jêto assim já fica mais () eu vô buscá aqui as imendada pra você... PESQUISADORA: pega... pega pra eu olhar elas já prontas... Obrigada!(...) (Ent. 13, linhas 592 a 602).*

Foto 41: Renda disimendada – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

DISIMENDÁ • (A) • [V] • Latim > Português • Desfazer a renda, quando se errou algum ponto, para fazer novamente. • *INFORMANTE 13: imendá é porque ela assim as pessoas nem queri comprá diz assim olha “se tu imendá eu compro mas assim desimendada não porque eu não quero ...” mesmo as rendeira quando ele sabe que a gente não sabe imendá elas levo “eu vô levá e eu vô imendá porque tu num sabe” mas se subere que eu sê como elas sabe que eu sê... PESQUISADORA: emendar né... INFORMANTE 13: “não minha irmã dêxe de ser preguiçosa que inda vô inda vô é pagá uã pessoa pra imendá” então ela disimendava não é nada ela tem que imendá que é pra colocá dentro da bandeja isso daqui serve pra colocá assim que qué pra colocá assim no rack pra colocá uã coisa em cima coisa enxuta viu... PESQUISADORA: entendi... INFORMANTE 13: então ela desse jêto assim já fica mais () eu vô buscá aqui as imendada pra você... PESQUISADORA: pega... pega pra eu olhar elas já prontas... Obrigada!(...) (Ent. 13, linhas 592 a 602).*

DISMANCHÁ • (A) • [V] • Francesa • Ato da renda se desfazer, quando os pontos não ficam bem fechados. • *PESQUISADORA: ah... torcido... INFORMANTE 6: então viu? PESQUISADORA: hum..hum..... INFORMANTE 6: aí se ele fica assim distorcido assim dessas duas voltinha... aí eu olho... eu digo... “eu vô logo dismanchá... porque os meus olhos só vão dá aqui... e eu vô que dismanchá...” eu vô volta... vou dismanchá pra fazê como é que tem que sê... PESQUISADOR: torcido direitinho... (Ent. 5, linhas 714 a 720).*

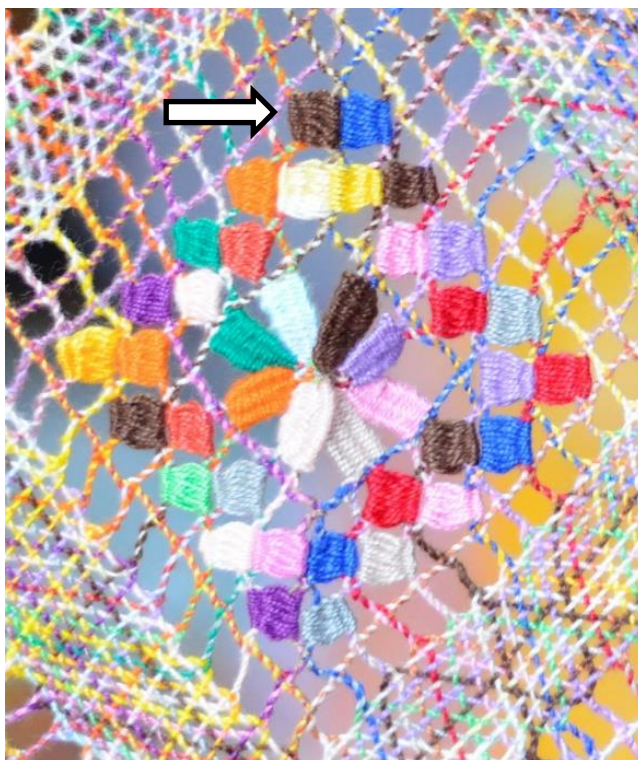
DISTACÁ • (A) • [V] • Francesa • Fazer com que um ponto da renda se sobressaia aos demais. • *PESQUISADORA: tô vendo aquela do meio... INFORMANTE 10: é aquela do meio e as de lá a gente distaca na hora... (Ent. 10, linhas 145 e 146).*

DISTORCIDO • (A) • [ADJSing] • Latim > Português • Diz-se dos pontos de renda que ficam frouxos e por essa razão se desfazem. • *PESQUISADORA: hum... muito bem... e tudo que a gente faz por amor... fica bem feito né? INFORMANTE 6: fica bem feito... eu vô fazê... se fica... um bírdalo desse aqui... aí quando eu pego e vejo que ta distorcido... dexa eu vê... vai fica tão feio... /PESQUISADORA: distorcido é assim frôxo né? INFORMANTE 6: é torcido mesmo... PESQUISADORA: ah... torcido... INFORMANTE 6: então viu? PESQUISADORA: hum..hum..... INFORMANTE 6: aí se ele fica assim distorcido assim dessas duas voltinha... aí eu olho... eu digo... “eu vô logo dismanchá... porque os meus olhos só vão dá aqui... e eu vô que dismanchá...” eu vô volta... vou dismanchá pra fazê como é que tem que sê... PESQUISADOR: torcido direitinho... (Ent. 5, linhas 709 a 720).*

E

EMBUCHADO ~ IMBUCHADO ~ EMBUCHADA • (n/d) • Nm [Ssing] • Nm [Ssing] • Nf [Ssing] • Ponto da renda de bilro todo fechado e “gordinho”, feito com *traça*. Cf. *traça*. • De origem controvertida • *INFORMANTE 3: tem muita renda que... pede muito ela... ta aqui olhe... essa aqui que é... a... PESQUISADORA: embucha...? INFORMANTE 3: embuchada... metade da traça... (Ent. 3, linhas 918 a 920).* • *INFORMANTE 5: {pingo d’água..}*) *Tem o pingo d’água só que aqui não tem o pingo d’água. {embuchada..}embuchada... Embuchada é meio traça...PESQUISADORA: embuchada... Embuchada é meio traça... (Ent. 5, linhas 136 a 138).* • *INFORMANTE 7: deixa eu vê mais... o pano cheio... meio trocado... imbuchado... só... PESQUISADORA: esses são os tipos de... ponto... né... INFORMANTE 7: ponto... (Ent. 7, linhas 39 a 40).*

Foto 42: Embuchado – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

ENCABADO • (n/d) • [ADJSing] • Latim > Português • Diz-se do pau de madeira que é introduzido (o pau de madeira) na semente de tucum, formando o bilro. • *INFORMANTE 6: aí faz aquele buraquinho no chão... é... aqui é o tucum... mais depois que coloca esse aqui... que faz essa cabeça aqui... olha... não mexa nos meus tucum... meus tucum tão aí... que falta*

encabá...mais depois de encabado... torna- se os meus bírdalos... PESQUISADORA: e encabá o que que é? É enfia a madêra dentro? INFORMANTE 6: é enfia isso daqui... tem gente que ainda bota cola quando fica folgadinho... PESQUISADORA: ah... bota cola quente... INFORMANTE 6: então... eu vou encabá tantas dúzias de biurro pra fulano de tal... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: de... de tucum... (Ent.6 , linhas 266 a 274).

Foto 43: Pau de madeira encabado – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

ENCABÁ • (n/d) • [V] • Latim > Português • Ato de introduzir o pau de madeira na semente de tucum, formando o bilro. • *INFORMANTE 6: aí faz aquele buraquinho no chão... é ... aqui é o tucum... mais depois que coloca esse aqui... que faz essa cabeça aqui... olha... não mexa nos meus tucum... meus tucum tão aí... que falta encabá...mais depois de encabado... torna- se os meus bírdalos... PESQUISADORA: e encabá o que que é? É enfiá a madêra dentro? INFORMANTE 6: é enfia isso daqui... tem gente que ainda bota cola quando fica folgadinho... PESQUISADORA: ah... bota cola quente... INFORMANTE 6: então... eu vou encabá tantas dúzias de biurro pra fulano de tal... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: de... de tucum... (Ent.6 , linhas 266 a 274).*

INGOMÁ • (A) • [V] • Latim > Português • Embeber o tecido ou renda em goma, a fim de deixá-lo mais rígido ao passar o ferro. • *INFORMANTE 3: a gente bota mais um pouquinho de água pra afiná e coloca elas dentro... aí estende... quando enxuga a gente... ingoma... PESQUISADORA: oh... mais fica lindo... (Ent. 3, linhas 734 a 736).*

Foto 44: Engomando a renda – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

ENTRANÇÁ • (A) • [V] • De origem controversa • Fazer uma trança, *trocando* os bilros de um lado para o outro. **Cf.** *trocar*. • *INFORMANTE 11: É aí eu só faço passá de um pra o ôtro... ôtro eu tenho que entrançá eles os quatro juntos... PESQUISADORA: ah quando eu entranço é o meio trocado? INFORMANTE 11: É que são são quatro bichinho desses forma dois par... PESQUISADORA: Ah... INFORMANTE 11: Aí se eu for fazê o trocado intero eu tenho que trocá eles dois juntos os dois par... PESQUISADORA: E o meio trocado? INFORMANTE 11: E se for o meio é só só um prum lado. Eu não faço entrançá um ao ôtro... (Ent. 11, linhas 88 a 94).*

Foto 45: Rendera entrançando os bilros – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

ENTREMEIO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Barra de renda de bilro sem *bico* no acabamento, utilizado como um detalhe em uma peça de roupa. • *INFORMANTE 3: é () esse aqui tem um entremeio... e tem uma renda de bico... PESQUISADORA: o que é entremeio? INFORMANTE 3: a renda de bico é que coloca nas roupas... cê ta entendendo? PESQUISADORA: ai que lindo... INFORMANTE 3: aí tem o bico... aí o entremeio tem esses dois lado aqui ó! Tem que te esses dois lado aqui... PESQUISADORA: hum... INFORMANTE 3: o entremei tem que sê dois lado aqui ó! Ele é butado.. assim no mei das roupa... PESQUISADORA: ah... que é pra botá no meio... por isso que é entremeio... e a renda de bico é uma ponta... (Ent. 3, linhas 994 a 1001).*

Foto 46: Entremeio – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

ESPEQUE • (A) • Nm [Ssing] • Francesa • Vara comprida em que são colocadas as esteiras de arame para montar o curral. • ...“*tu guarda esse dinhêro aqui pra gastá em casa e esse daqui nós vamo vê pra juntá ... quando chegá o inveno... a gente tem ao meno um dinhêro pá pagá um homi pá pegá uns espeque no mangue*” ... (Ent. 13, linhas 131 a 134).

F

FARINHA D'ÁGUA • (A) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Alimento de grãos duros e amarelos, feita a partir do cozimento de raízes de mandioca, que são colocadas, descascadas ou não, de molho na água, e deixadas para fermentar. Depois de amolecidas elas serão raladas, peneiradas e secadas em forno quente. É muito consumida nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. • *INFORMANTE 13: é a farinha seca a d'água também a d'água também... PESQUISADORA: num sabia... INFORMANTE 13: porque tá crua porque tá crua... PESQUISADORA: ela é fêta do que a farinha? INFORMANTE 13: da mandioca... PESQUISADORA: hum... hum ah mas é como se você tivesse assim tomando assim uma bebida alcoólica... INFORMANTE 13: verdade.* (Ent. 13, linhas 56 a 62).

FARINHA MOLE • (n/d) • NCm [Ssing + ADJsing] • Latim > Português • Raiz da mandioca, ainda em processo de fermentação para a fabricação da farinha d'água; considerada não apropriada para o consumo. • *INFORMANTE 13: coisa verde ardozo sempre foi cumigo... a gente pegava a farinha... quando tava torrando a farinha ela ela fica assim mole que tem a farinha mole ... a farinha mole ela não ela já tá no ponto de cumê que num imbebeda ninguém porque quando ela tá inda massa se cume assim fica bêbado... PESQUISADORA: ah é a farinha d'água? INFORMANTE 13: é a farinha seca a d'água também a d'água também... PESQUISADORA: num sabia... INFORMANTE 13: porque tá crua porque tá crua... PESQUISADORA: ela é fêta do que a farinha? INFORMANTE 13: da mandioca... PESQUISADORA: hum... hum ah mas é como se você tivesse assim tomando assim uma bebida alcoólica... INFORMANTE 13: verdade... PESQUISADORA: ah... INFORMANTE 13: e então aí a gente quando ela tava assim mole a gente pegava e jogava um bucadin de chêro verde por cima cebola porque lá a gente num chamava chêro verde...* (Ent. 13, linhas 52 a 65).

FARINHA SECA • (n/d) • NCm [Ssing + ADJsing] • Latim > Português • Alimento de de grãos claros e finos, proveniente das raízes de mandioca lavadas, descascadas, raladas,

prensadas, peneiradas e secadas em forno. • *INFORMANTE 13: é a farinha seca a d'água também a d'água também...* *PESQUISADORA: num sabia...* *INFORMANTE 13: porque tá crua porque tá crua...* *PESQUISADORA: ela é fêta do que a farinha?* *INFORMANTE 13: da mandioca...* *PESQUISADORA: hum... hum ah mas é como se você tivesse assim tomando assim uma bebida alcoólica...* *INFORMANTE 13: verdade.* (Ent. 13, linhas 56 a 62).

FAZÊ RENDA ~ FAZÊ RENDINHA • (n/d) • V [V+ Ssing] • V [V+ Ssing] • Latim > Português • Realizar a atividade artesanal de feitura de uma renda, de tamanho grande ou pequeno. • *INFORMANTE 1: nós vamu fazê renda...* *PESQUISADORA: hã...hã...* *INFORMANTE 1: é... agora vou assentá uma blusa... uma blusa...* (Ent. 1, linhas 296 a 298). • *INFORMANTE 6: com dezesseis anos eu vim pra cá... mais é... como eu to lhe dizendo... com oito anos eu comecei a fazê renda...* *PESQUISADORA: hum..hum...* *INFORMANTE 6: fazê rendinha... eu fazê esse... como lhe falei... o passagem... comecei a fazê... eu lembrei até de outro: ponta de coco... que era também muito fácil...* *PESQUISADORA: ponta de coco...* (Ent. 6, linhas 6 a 11).

FEITIO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Modelo de peça de renda que serve de parâmetro para a feitura de uma nova peça; formato no qual a renda será feita. • *INFORMANTE 1: não existe... é um feitio que eu inventei... pur exemplo... eu vou inventá um pexinho pra eu fazê né?* *PESQUISADORA: han...han...* *INFORMANTE 1: de renda... aí a minha cabeça... que dá pra isso... deu muito agora não dá mais... mas eu fazia o pexinho aqui... e aí eu fazia o pexinho na renda mas a M. tem essas coisa tudinho lá...* *PESQUISADORA: que é o feitio né?* *INFORMANTE 1: o feitio... a gente faz o que a gente qué... faiz saia... faiz vestido... faiz blusa.... faiz a renda... faiz aquelas flô... uma renda uma rôpa...* (Ent. 1, linhas 252 a 259).

Foto 47: Feitio de uma pala – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

FILÉ • (A) • Nm [Ssing] • Francesa • Renda feita em um tear de madeira; onde é fixada uma tela, similar à rede de pesca, na qual os pontos são bordados, *trançando* as linhas por entre os espaços da tela. É leve, de textura macia e pode ser de uma única cor ou colorida. Pode ser encontrada em muitas regiões do Brasil, inclusive na Raposa, embora lá a renda de bilro predomine. • *INFORMANTE 7: não esse aqui é o filé... de outro trabalho... trocado cheio aqui ó...* *PESQUISADORA: Ah... que bonito fica bem cheio mesmo... inteiro no sentido de que é cheio que não tem muita abertura. E esse trabalho com filé o que é que é?* *INFORMANTE 7: o filé ele é feito com uma tela... eu já vi fazendo. ..ele não é um trabalho daqui ele é de Fortaleza...* (Ent. 7, linhas 120 a 124).

Foto 48: Renda de filé – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

FLOR • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Ornamento de renda em formato de uma flor.
 • *INFORMANTE 1: o feitio... a gente faz o que a gente qué... faiz saia... faiz vestido... faiz blusa.... faiz a renda... faiz aquelas flor... uma renda uma roupa...(Ent. 1, linhas 268 e 269).*

Foto 49: Flores de croché – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

FLOR DE RENDA • (n/d) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Peça de renda de bilro, em formato de flor, feita de várias *traças*, podendo sofrer variações: flor de renda com quatro, seis, oito, doze ou dezesseis pétalas. Pode ser feita com *traça* e *trança*; *traça* e *pano de meio trocado* e *trocado inteiro*. Cf. *traça*. • *PESQUISADORA*: essa florzinha? ... *INFORMANTE 3*: é... *essa traça... essa petalazinha aí... forma todo tipo de flor de renda...* *PESQUISADORA*: a pétala é a traça? ... deixa eu tirá foto ... *INFORMANTE 3*: *que é essa...* (Ent. 3, linhas 227 a 230).

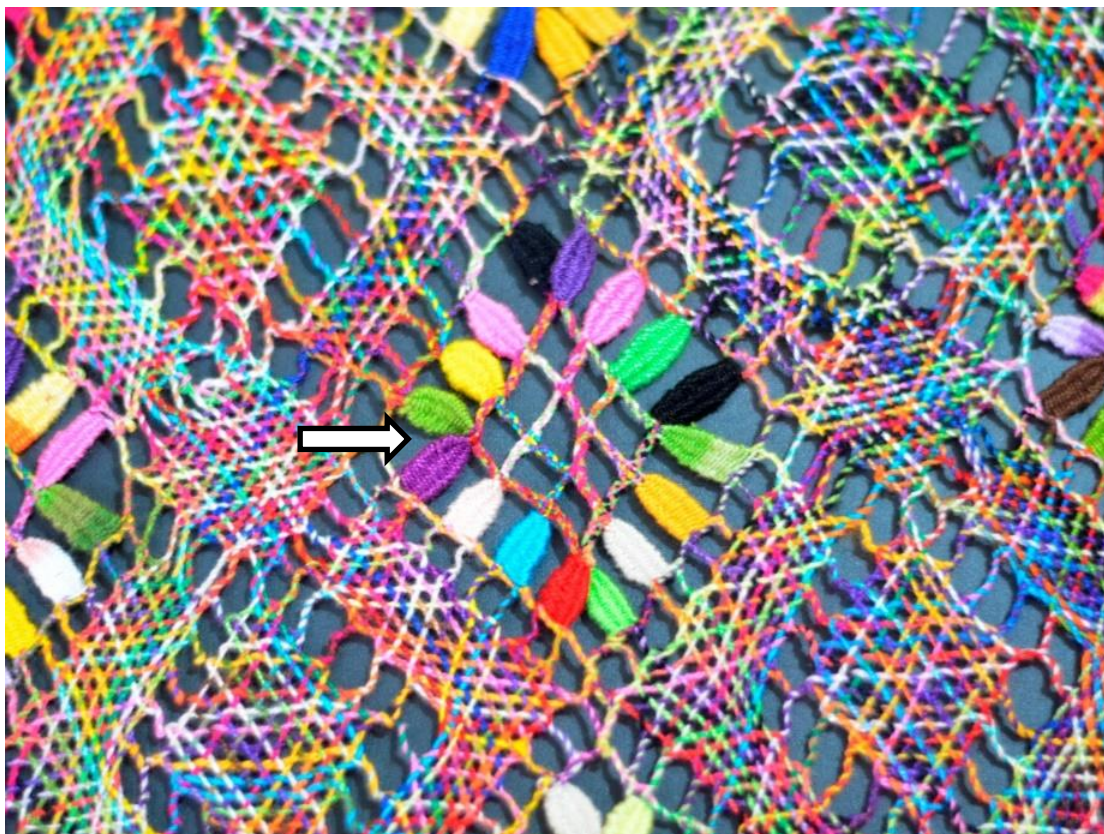
Foto 50: Flores de renda de bilro em bolero – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

FLOR DE TRAÇA • (A) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Peça de renda de bilro, em formato de flor, feita de várias *traças*, podendo sofrer variações: flor de renda com quatro pétalas, com seis pétalas e com doze pétalas. Pode ser feita com *traça* e *trança* ou *traça* e *pano de meio trocado*. Também denominada *rosa de traça*. Cf. *traça* e *rosa de traça* • *PESQUISADORA*: e a pétala da flor como é que eu chamo? *INFORMANTE 13*: *esse daqui é traça você pode chamá uã flor de traça...* *PESQUISADORA*: uma flor... (Ent. 13, linhas 537 a 539).

Foto 51: Flor de traça de dezesseis pétalas – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

FOLHA DE BANANERA • (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Folha grande e comprida de planta musácea cujos frutos são agrupados em cachos, as bananas. É utilizada para preenchimento das almofadas de bilro. • *INFORMANTE 3: e por dentro... a gente usa a palha da folha da bananera...PESQUISADORA: ah... INFORMANTE 3: seca né?que bota aqui pra não mostra a palha né? A gente bota um papelãozinho... PESQUISADORA: fica bonito... fica lindo...* (Ent. 3, linhas 352 a 355).

FOLHA DE BURITI (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Folha da palmeira *Mauritia flexuosa* (buriti), nativa da floresta Amazônica, que gera fibras utilizadas no artesanato. *INFORMANTE 1: e faz como renda elas lá fazi como nós... cria a renda elas cria aquele daquela folha do buriti... da palha do buriti* (Ent. 1, inhas 347 a 348).

G

GOMA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Mistura de água e farinha de mandioca, utilizada para embeber tecidos, a fim de os deixar rígidos. • *INFORMANTE 3: essa grossa*

ninguém bota em goma não... PESQUISADORA: é ... INFORMANTE 3: é só a fininha... essa daqui ó! PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 3: essa daqui.... PESQUISADORA: ta... pur isso que ela fica tão bunita e durinha... e como é que a senhora faiz essa goma? É água...? INFORMANTE 3: a gente faz um mingauzinho bem fininho... e coloca ele dentro... PESQUISADORA: ah... é com maisena e água só? INFORMANTE 3: é ... só a goma... PESQUISADORA: ah... a goma de / INFORMANTE 3: goma de... de mandioca... PESQUISADORA: ah... goma de mandioca... com água... INFORMANTE 3: é ... a gente bota água pra fervê... aí bota ela dentro mexeno... dá aquele mingauzinho fininho... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 3: a gente bota mais um pouquinho de água pra afiná e coloca elas dentro... aí estende... quando enxuga a gente... ingoma... PESQUISADORA: oh... mais fica lindo... (Ent. 3, linhas 706 a 735).

Foto 52: Goma – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

GOZERA • (n/d) • Nf [Ssing] • Latim > Castelhana • Rede utilizada especificamente para a captura do peixe gó. • PESQUISADORA: a senhora é casada com pescadô? () com pescadô e a senhora ajuda ele também a tecê a tecer rede? INFORMANTE 14: não porque tecê a rede que eu sei tecê só a gozêra e a serrêra... PESQUISADORA: que a senhora sabe? INFORMANTE 14: que eu sei fazê mas as ôtras num sei... (Ent. 14, linhas 143 a 147).

I

IMENDA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • União de tiras de renda para se formar uma peça. Algumas peças de renda de bilro são confeccionadas com até oito tiras emendadas entre si. Diz-se também do conserto de algum ponto da renda ou da costura que se soltou. • *INFORMANTE 1: mas ela não qué nem sabê de renda... nem sabê... PESQUISADORA: é ...? INFORMANTE 1: não tem simpatia nenhuma agora eu... agora eu tô dexando porque minha idade já requé que eu dexe essa imenda... tem que matá muito a cabeça da gente / (Ent. 1, linhas 37 a 39).*

Foto 53: Imendas – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

IMENDADA • (n/A) • [ADJSing] • Latim > Português • Que é unida. ou costurada novamente, após algum ponto se desmanchar. • *PESQUISADORA: entendi... INFORMANTE 13: então ela desse jêto assim já fica mais () eu vô buscá aqui as imendada pra você... PESQUISADORA: pega... pega pra eu olhar elas já prontas... Obrigada!(...)* (Ent. 13, linhas 592 a 602).

IMENDÁ • (A) • [V] • Latim > Português • Unir tiras de renda para se formar uma peça. Algumas peças de renda de bilro são confeccionadas com até oito tiras emendadas entre si. Diz-se também do conserto de algum ponto da renda ou da costura que se soltou. •

INFORMANTE 13: imendá é porque ela assim as pessoas nem queri comprá diz assim olha “se tu imendá eu compro mas assim desimendada não porque eu não quero ...” mesmo as rendeira quando ele sabe que a gente não sabe imendá elas levo “eu vô levá e eu vô imendá porque tu num sabe” mas se subere que eu sê como elas sabe que eu sê... PESQUISADORA: emendar né... INFORMANTE 13: “não minha irmã dêxe de ser preguiçosa que inda vô inda vô é pagá uã pessoa pra imendá” então ela disimendava não é nada ela tem que imendá que é pra colocá dentro da bandeja isso daqui serve pra colocá assim que qué pra colocá assim no rack pra colocá uã coisa em cima coisa enxuta viu... PESQUISADORA: entendi... INFORMANTE 13: então ela desse jêto assim já fica mais () eu vô buscá aqui as imendada pra você... PESQUISADORA: pega... pega pra eu olhar elas já prontas... Obrigada(...) (Ent. 13, linhas 592 a 602).

ISPINHO Nm [Ssing] ~ **ISPIN'** Nm [Ssing] • Latim > Português • Objeto de madeira feito da semente de tucum, de espessura fina e ponta arredondada, em que são fixadas as linhas, todas de uma cor só ou coloridas • *INFORMANTE 1: É um papel desse aqui... eu vô fazê a renda... vô biliscá o papelão da renda sabe? bilisco nesse aqui... com esse aqui e os ispinho aqui eu acerto nessa almofada... aqui que ta... aqui a almofada aí eu vô faze... (Ent. 1, linhas 218 a 230).* • *INFORMANTE 2: Ah... Mudou muita coisa porque... lá a gente não comprava ispinho... (Ent. 2, linha 43).*

Foto 54: Ispinhos - Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

INGOMADO • (n/A) • [ADJSing] • Latim > Português • Que é embebido na *goma*. • *INFORMANTE 3: aí ó! A gente vê que é assim bem / parece sê ingomada não é?* *PESQUISADORA: parece... INFORMANTE 3: pois é ... PESQUISADORA: parece ingomada... parece que passô pelo...por... aqui... / né?* *INFORMANTE 3: parece... nem precisa da gente passá...* (Ent. 3, linhas 609 a 613).

Foto 55: Ingomado – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

INXIRIDO • (A) • [ADJSing] • Latim > Português • Que é intrometido. • *INFORMANTE 13: “ah eu sei como é que eu faço uma renda eu sei como é que eu vô fazê uma traça eu vô fazê qualquer coisa mas essas inxiridas antipáticas chegaro na minha casa ...* (Ent. 13, linhas 21 e 22).

ISTOPA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Tecido fabricado com as sobras do linho que não foi aproveitado na tecelagem. É utilizado para fazer a almofada de bilro. • *PESQUISADORA: e aqui um papelão... e esse tecido aqui? Como é que chama?* *INFORMANTE 3: istopa... ôtros chama... juta né?* *PESQUISADORA: ah... é... é istopa...* (Ent.

3, linhas 676 a 769). • *INFORMANTE 4: é palha de bananêra... é pano de... é ...istopa... PESQUISADORA: is... INFORMANTE 4: palha de bananêra dentro... (Ent. 4, linhas 190 a192).*

J

JANGARELO • (n/d) • [ADJSing] • (n/e) • Diz-se da renda que não foi bem fechada e seus pontos ficam muito abertos, podendo se desmanchar. • *INFORMANTE 13: é porque tem o piriquito que a gente pode chamá de piriquitim agora era priquitim... óia o priquitim ele tinha a pontinha assim arredondadinha e o piriquitão ele tinha a ponta mais espaçosa... fêa porque ele já era assim muito jangarelo ... num era aconchegante que nem o ôtro... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 13: viu o ôtro é que era bonitinho das pontinha assim bem bonitinha... PESQUISADORA: jangarelo é assim largado? INFORMANTE 13: jangarelo é ... aí quando ... aí quando ela aprendeu mesmo aí ela cumeçô fazê otros tipo de renda ela diz ... “ô mãe eu num quero fazê renda de metro eu quero fazê é camiseta” aí ela passô pra camiseta aí quando ela cumeçô a fazê camiseta meu trabalho eu tinha que assentá porque ela não sabia assentá... (Ent. 13, linhas 281 a 289).*

Foto 56: Renda jangarela na extremidade - Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

JUTA • (A) • Nf [Ssing] • Inglesa • Tecido feito com as fibras da erva *tiliácea* (*Corchorus capsularis*). • *PESQUISADORA: e aqui um papelão... e esse tecido aqui? Como é que chama? INFORMANTE 3: estopa... ôtros chama... juta né? PESQUISADORA: ah... é... é estopa...* (Ent. 3, linhas 676 a 769).

Foto 57: Juta – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

L

LARGUECÊ • (n/d) • [V] • Latim > Português • Tornar mais largo. • *INFORMANTE 3: assim mais larguinha sabe? aí vai larguecendo... eu como gostava de dinheiro sabe? Toda a vida eu gostava de ter o meu dinheiro... e a mamãe butou a rendinha... quando eu aprendi logo... ela butô uma rendinha assim... dessa largura logo...* (Ent. 3, linhas 184 a 186).

LEVANTADO • (A) • [ADJSing] • Latim > Português • Diz-se da peça de renda cuja emenda em outra peça é feita ainda no bilro. • *INFORMANTE 13: é porque essa daqui ela não é cortada ...tem umas que é cortada aqui... (passa uma pessoa) tem umas que é cortada depois a gente continua imendano ... daqui agora essa não é cortada é levantada o nome é*

levantada... PESQUISADORA: qual a diferença? INFORMANTE 13: a diferença é que não vai cortá daqui pra podê imendá ela já ...eu já imen... eu já assentei ela aqui tá aqui até o resto e eu assentei ela óia ta vendo que eu assentei ela direto aqui tchan tchan tchan ...pegando aqui? PESQUISADORA: tô... INFORMANTE 13: pois é... não tem imenda aqui? PESQUISADORA: hum...hum... não tem... INFORMANTE 13: não tem imenda porque ela é levantada só vai tê essa imenda aqui quando chegá bem aqui imbaxo ... óia que eu termina ela bem aqui... aí aqui eu venho imendá onde faço só uã imenda em vez de duas que fica mais fêa... assim mais... PESQUISADORA: entendi... (Ent. 13, linhas 573 a 586).

Foto 58: Renda levantada – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

LIMÃO VERDE • (n/d) • NCm [Ssing + ADJsing] • Latim > Português • Limão que não está maduro e não é apropriado para o consumo. No Nordeste há muito folclore em torno de se comer algumas frutas com limão verde, pois acredita-se ser nocivo à saúde. • *INFORMANTE 13: era uma siriguela até os limão ...a gente cortava ele miudinho e cumia o limão verde... PESQUISADORA: ui... INFORMANTE 13: passava assim um pôquinho de sal com pimenta do rêno... eu gosto de coisa verde... PESQUISADORA: arde.... INFORMANTE 13: coisa verde ardozo sempre foi cumigo... a gente pegava a farinha... quando tava torrando a farinha*

ela ela fica assim mole que tem a farinha mole a farinha mole ela não ela já tá no ponto de cumê que num imbebeda niguém porque quando ela tá inda massa se cumê assim fica bêbado... (Ent. 13, linhas 48 a 54).

LINHA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Fio de algodão, seda ou fibra sintética, torcido e utilizado para fins de costura ou tecelagem. • *PESQUISADORA*: Ah... e sabe que que eu queria saber também? É... qual o materal que vocês usam pra fazê /*INFORMANTE 1*: Linha! *PESQUISADORA*: linha... *INFORMANTE 1*: só... *PESQUISADORA*: han...han... / *INFORMANTE 1*: *renda se faz só com linha se () o nome... tem muito nome* / (Ent. 1, linhas 206 a 211).

Foto 59 : Linhas – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

LINHAGEM • (n/A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Tecido de algodão grosso, de pouco valor comercial, utilizado na confecção de roupas, comumente encontrado no Ceará.. • (*INFORMANTE 10*: *vende... mas se for com renda vende... mas se for só a saída de praia como nós temo ali com a renda industrial já num vende... e aqui a gente vende nesse vestido*

aí tingido aí lá num vende... a linhagem ela disse que também é ruim de vender lá... e aqui tudo a gente vende... (Ent. 10, linhas 317 a 319)

LOBISOME ~ LUBISOME • (A) • Nm [Ssing] • Nm [Ssing] • Lenda segundo a qual um homem de aparência monstruosa aparece em alto-mar, em noites de lua cheia, para assombrar pescadores. • Latim > Português • *INFORMANTE 13: ... o povo minina... passô cum os pé de fora que o caxão era piqueno e lobisome... me lembrei mesmo foi de lobisome ...“meu deus tem lubisome meu jesuis”.. eu entrê pa den’ti casa... fiquê toda arrepiada...* (Ent. 13, linhas 418 a 420).

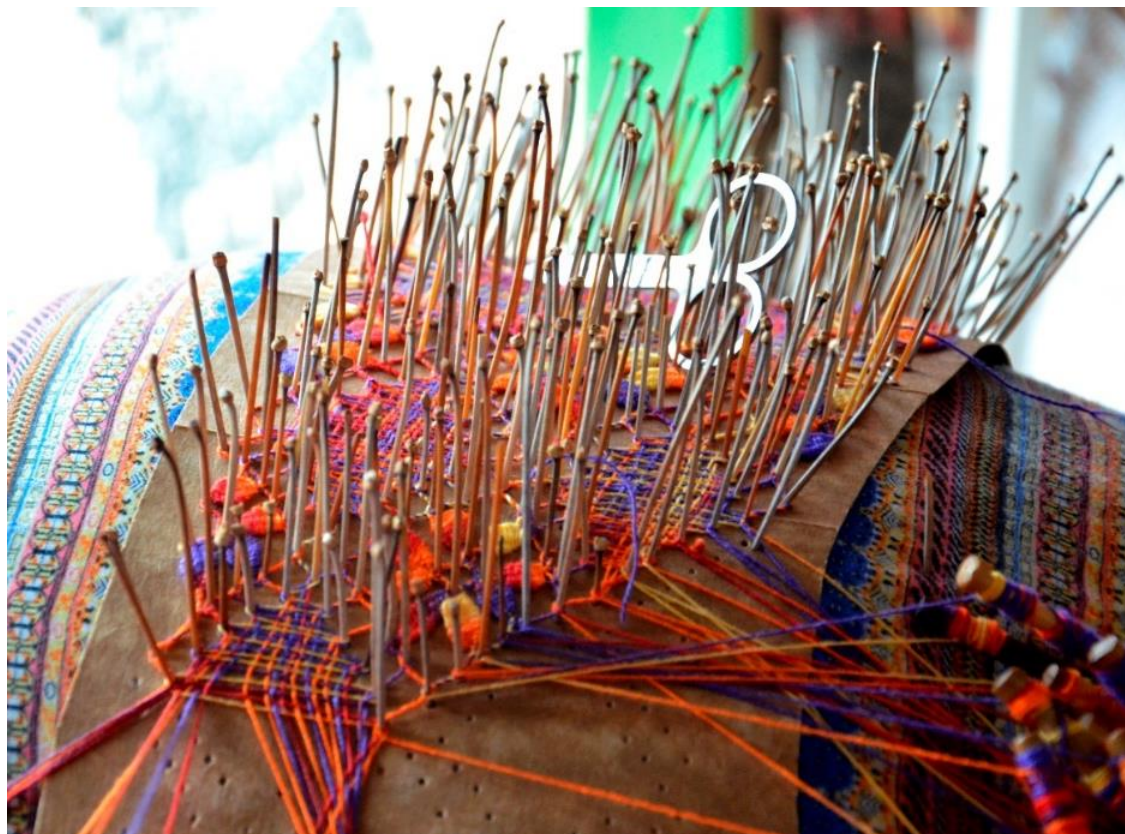
M

MACACÃO • (n/A) • Nm [Ssing] • lenda • Africana • Lenda segundo a qual há um macaco gigante que assombra os pescadores em alto-mar. • (*INFORMANTE 11: sei que ele contou também do macaco... do macacão que comia as pessoa... PESQUISADORA: mas eles viram já não? INFORMANTE 11: ele diz que esses homi tavo já no era três aí tava assim o macacão era também uma casinha assim sabe...*) (Ent. 11, linhas 302 a 305).

MAÇÃ DE CAJU • (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Polpa do caju quando ainda não está madura. • *INFORMANTE 13: eu sempre eu fui assim... eu... eu ... eu num tenho estudo não tive estudo num tive nada fui criada no interiô comendo maçã de caju... correndo atrás de uã siriguela duã manga verde ...duã coisa... PESQUISADORA: maçã de caju é o caju não né? INFORMANTE 13: é é é ...mas quando ele tá verde é a maçã qué dizê... PESQUISADORA: olha eu nunca comi como é que é? INFORMANTE 13: é verde é quando ele tá verdinho “menina esse caju tá só o maturi” “a... mas tem maçã e a gente comeu” olha tua boca porque quando ainda tá um pôco verdoso ele tem um leitinho que pega assim no centro da boca da gente viu..* (Ent.13, linhas 22 a 33).

MANDACARU • (A) • [Nm] • Tupi • Cacto (*Cereus jamacaru*) de porte arbóreo, característico do Nordeste do Brasil, que serve de alimento aos gados na seca. Seus espinhos são utilizados para furar as almofadas do bilro. • *INFORMANTE 1: você tem que ter uma almofada... cê tem que ter os ispinho de mandacaru... PESQUISADORA: só presta... só serve se for de mandacaru?* (Ent. 1, linhas 218 e 219).

Foto 60: Ispinhos de mandacaru – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

MANGA VERDE • (n/d) • NCf [Ssing + ADJsing] • Malaiala • Fruto da mangueira quando ainda não está maduro. No Nordeste há muito folclore em torno do consumo de manga verde, considerada nociva à saúde. • *INFORMANTE 13: eu sempre eu fui assim... eu... eu ... eu num tenho estudo não tive estudo num tive nada fui criada no interiô comendo maçã de caju... correndo atrás de uã siriguela duã manga verde ...duã coisa...* (Ent. 13, linhas 26 e 27).

MATURI • (A) • Nm [Ssing] • Tupi • Castanha do caju, quando está mole e verde, por ainda não estar madura. • *INFORMANTE 13: eu sempre eu fui assim... eu... eu ... eu num tenho estudo não tive estudo num tive nada fui criada no interiô comendo maçã de caju... correndo atrás de uã siriguela duã manga verde ...duã coisa...* *PESQUISADORA: maçã de caju é o caju não né? INFORMANTE 13: é é é ...mas quando ele tá verde é a maçã que dizê...* *PESQUISADORA: olha eu nunca comi como é que é? INFORMANTE 13: é verde é quando ele tá verdinho “menina esse caju tá só o maturi” “a... mas tem maçã e a gente comeu” olha tua boca porque quando ainda tá um pôco verduoso ele tem um leitinho que pega assim no centro da boca da gente viu..* (Ent.13, linhas 22 a 33).

MEIO PANO ~ MEI' PANO • (n/d) • NCm [ADV+ Ssing] • NCm [ADV+ Ssing] • Latim > Português • Ponto de renda que consiste em se fazer pela metade o ponto *pano*, que pode ser feito com *trocado inteiro* ou *meio trocado*. Cf. *pano*, *trocado inteiro* e *meio trocado*. • *INFORMANTE 2: o ponto é qué diferente... tem a traça... diferente... mei' pano... mei trocado... má tudo é uma coisa só que a renda é só o ponto mais comum... O croché... O croché que faz...* (Ent. 2, linhas 61 e 62).

MEIO TROCADO ~ MEI TROCADO • (n/d) • NCm [ADV+ Ssing] • NCm [ADV+ Ssing] • Latim > Português • Ponto básico da renda de bilro, que consiste em passar os bilros somente uma vez pelos espinhos. É um ponto mais vazado que o *trocado inteiro*, o outro ponto básico. Cf. *trocado intero*. • *INFORMANTE 3: não! Esse é mei' trocado...* *PESQUISADORA: ah...* *INFORMANTE 3: o pano é de mei' trocado e o pingo d'água que a gente chama... é o trocado inteiro...* *PESQUISADORA: ah... ta... então peraí... deixa eu tira aqui... o pano de meio trocado...* *INFORMANTE 3: esse comprido...* (Ent. 3, linhas 277 a 281).

Foto 61: Rendeira fazendo o meio trocado ~mei' trocado – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

MERENDÁ • (A) • [V] • Latim > Português • Fazer um lanche entre as refeições. • *INFORMANTE 15: INFORMANTE 15: quem terminava primeiro pagava ou pagava era coisa de suco... pão essas coisa assim... PESQUISADORA: merenda? INFORMANTE 15: pra merendá.. coisa pra merendá... aí pronto... tinha umas lerdinha... minha irmã uãs lerdinha...* (Ent. 15, linhas 93 a 96)

METRO • (A) • Nm [Ssing] • Francesa • Unidade de comprimento pela qual algumas rendas são vendidas. Cf. *renda de metro*. • *PESQUISADORA: renda de metro pra vendê o metro? INFORMANTE 4: era... que vendia o metro em peça... então assim: aqui mesmo nesse pedaço era eu... ela... a dona M. do A... uma senhora que Deus já levou e a / essa dona aí lôra... a F. dessa casa grande aí...* (Ent.4, linhas 159 a 162).

Foto 62: Renda de metro – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

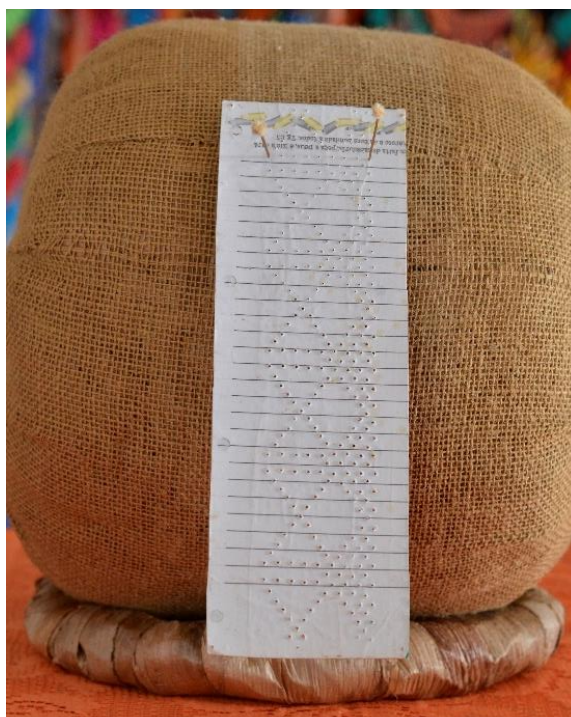
MIUDINHO • (A) • [ADJSing] • Latim > Português • De tamanho pequeno. • *INFORMANTE 3: muito pouco ó o tamanho do buraco? PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: num é? E o birro é miudinho...* (Ent. 3, linhas 493 a 495).

MISURA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Maldade. • *PESQUISADORA*: mais hoje mesmo ele faz mal pros pescadô? *INFORMANTE 11*: não ele não faz nada mais a pessoa não pode dizê nada com ele... *PESQUISADORA*: e se disse... *INFORMANTE 11*: se dissé ele ele faiz mais misura ele... *PESQUISADORA*: faiz o que? *INFORMANTE 11*: misura... faiz coisa má pu pescador se a pessoa dissé alguma coisa tem que ficá caladinho naquele dia a pessoa não pega nada... *PESQUISADORA*: de peixe... *INFORMANTE 11*: nada... *PESQUISADORA*: não consegue pegá... *INFORMANTE 11*: não consegue... (Ent.11, linhas 221 a 231).

MOCHO • (n/A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Pequeno banco de madeira, sem encosto. • *INFORMANTE 13*: aqui no Maranhão eles chamam mocho no Ciará a gente chamava mocho era mas aqui chama banco de guarda... (Ent. 13, linhas 454 e 455).

MOLDE • (A) • Nm [Ssing] • Castelhana • Desenho no papelão da peça de renda a ser feita pela rendeira. • *INFORMANTE 1*: e agora nos vamu fazê um vestido... eu vou assentá um vestido / *PESQUISADORA*: e o que é que a gente chama de molde? Molde é um... *INFORMANTE 1*: molde? É isso que eu to te dizendo aqui tudinho / *PESQUISADORA*: o papelão? *INFORMANTE 1*: o papelão é que é o molde...*PESQUISADORA*: o papelão pinicado... (Ent. 1, linhas 302 a 307).

Foto 63: Molde – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

MOLHO ~ MÓI' • (A) • Nm [Ssing] • Nm [Ssing] • Latim > Português • Punhado de cem objetos reunidos. As rendeiras da Raposa compram os espinhos no molho. • INFORMANTE 6: eles tão vendendo... por quatro reais... o molho...agora meu marido compra mais barato... que ele compra lá no Ceará... no meio da parentela dele... ele diz... “eu vo... vô compra uns ispin' pra você...” mais elas trazendo aqui... a gente compra um molho desse por quatro reais... (Ent.6, linhas 480 a 482).7

Foto 64: Molho ~'moi de espinhos – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

MORIM • (A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Tecido branco e fino de algodão, considerado de pouco valor comercial. • INFORMANTE 4: é diferente... antigamente não... era roupa mesmo... era chitão era... era... era... como é o nome do outro pano meu Deus... tem ali...no... olha esqueci o nome do outro pano que é mais fino... que a gente faz até calça pescadô pra vendê... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 4: tem a camisa de morim que eu vi... eu vi no... eu vi numa reportagem... assim cinquenta por um... e frio chega no Ceará, e eu vou fazê aqui... eu já tinha me lembrado de fazê mais não tinha butado em prática... PESQUISADORA: hum.... hum... INFORMANTE 4: e agora eu falei... que a minha mãe pegava o morim... fazia a roupa... PESQUISADORA: morim é um tecido? INFORMANTE 4:

é um tecido bem bem... inferiozinho... PESQUISADORA: hunhum... INFORMANTE 4: algodãozinho o nome do outro pano... Aí meu pai tirava a casa do mangue ali... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 4: aí minha mãe cozinhava... e botava o morim na casca do mangue ou do cajuêro pra tingi... Porque o morim é branco... (Ent. 4, linhas 105 a 120).

MULHÉ RENDERA ~ MULÉ RENDERA • (n/d) • NCf [Ssing + ADJsing] • (n/e) • Nome popular dado à profissional que faz renda. • *INFORMANTE 2: Não... piorô... aumentô as loja né? Que é... não tem outro recurso... as mulé rendeira não tem emprego...* (Ent. 2, linhas 79 e 80).

Foto 65: Mulé rendeira – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

P

PAI DO MANGUE • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Lenda dos pescadores da Raposa, segundo a qual, quando o pescador está indo pescar e passa por um local perto de um mangue, uma assombração pode aparecer, sob a forma de um homem muito alto e branco, ou de um passarinho com os olhos cor de fogo. Caso o pescador fale alguma coisa, ele lhe faz mal. • *INFORMANTE 11: o... o... mas ele também ele também se vira em*

tudo ôtro dia... PESQUISADORA: qual... o pai do mangue? INFORMANTE 11: meu marido disse que ele tava cortando uns pau e apareceu uma rolinha sabe os olho da cô de fogo olhando pra ele onde ele ia ela ia atrais ele foi e falou pra ela “fica aí no seu lugazinho que eu não vou fazê nada com você”. Aí ele virou a vista quando olhou de novo... PESQUISADORA: nada... INFORMANTE 11: ela tinha desaparecido aí ele já mais os companhêro dele e disse assim “vamos'imbora” aí foro imbora pa canoa... PESQUISADORA: meu deus... e ele já fez mal já fez judiação com alguém daqui o pai do mangue? INFORMANTE 11: nunca vi falá não... PESQUISADORA: só assusta mesmo... INFORMANTE 11: só assusta... () porque a pessoa tem medo e quando as veiz o pai do mangue se apresenta também como um homem, um homem como tu diz mesmo um homi pequeno que vai crescendo crescendo crescendo crescendo e quando vê é um monstro aí as pessoas têm medo né... (Ent.11, linhas256 a 269).

PALA • (A) • Nf [Ssing] • De etimologia obscura • Detalhe de formato arredondado, que pode ser fixado junto à gola da roupa. • INFORMANTE 3: a renda... desde uma pala... uma palinha que cê fo compra é quarenta reais... vinte reais... e pode fazê uma pala dessa aqui ó! Só dobro aqui... ela já fez uma pala... ela fez um V... PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: olha... ela fez um V... aqui ó... PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: a gente abutoa aqui ó... PESQUISADORA: uma barra... () mesmo né? Uma barra... INFORMANTE 3: é... abutoa a pala... (Ent. 3, linhas 1018 e 1025).

Foto 66: Pala – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

PALAFITA • (A) • Nf [Ssing] • Italiano • Habitação construída sobre estacas de madeira em regiões alagadiças. • *INFORMANTE 10: aí já era asfaltada já... só que as casinha era tudo palafita tudo de madêra... Ent.10, linha 26).*

PALINHA • (A) • Nf [Ssing] • De etimologia obscura • Detalhe pequeno, de formato arredondado, que pode ser fixado junto à gola da roupa. Diminutivo de *pala*. Cf. *pala*. • *INFORMANTE 3: a renda... desde uma pala... uma palinha que cê fo compra é quarenta reais... vinte reais... e pode fazê uma pala dessa aqui ó! Só dobro aqui... ela já fez uma pala... ela fez um V...PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: olha... ela fez um V... aqui ó... PESQUISADORA: é... INFORMANTE 3: a gente abutoa aqui ó... PESQUISADORA: uma barra... () mesmo né? Uma barra...INFORMANTE 3: é...abutoa a pala... (Ent. 3, linhas 1018 e 1025).*

Foto 67: Palinha – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

PALHA DE BANANA • (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Folha da bananeira, depois de seca ; utilizada como preenchimento da almofada de bilro. . • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • • *PESQUISADORA: que beleza... e rudia mesmo... quando é com*

a rudia fica no que? Num paninho... *INFORMANTE 6: ela é feita da palha da banana... dessa palha que eu lhe mostrei aqui...* (Ent.6, linhas 411 e 412).

Foto 68: Palha de banana / Palha de bananera – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

PALHA DE BANANERA • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Folha da bananeira, depois de seca; utilizada como preenchimento da almofada de bilro. • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • *INFORMANTE 10: aqui é a rudia. É aqui a gente trabalha com ela toda assim porque aqui...* *PESQUISADORA: aqui é folha de bananêra também?* *INFORMANTE 10: palha de bananêra... é...* (Ent. 10, linhas 253 a 255) *INFORMANTE 12: palha de bananêra...* *PESQUISADORA: palha de bananêra e aqui dentro como é que eu chamo isso aqui?* (Ent. 12, lnhas 342 e 343). *INFORMANTE 13: aqui embaixo aqui é a rudia... tem gente que chama roda da almofada...* *PESQUISADORA: aqui é a palha de bananêra...* *INFORMANTE 13: mas o nome certo é a rudia e aqui é a palha...* *PESQUISADORA: palha de bananêra?* *INFORMANTE 13: palha de bananêra...* *PESQUISADORA: e aqui é o molde picicado...* (Ent. 13, linhas 467 a 472).

PALHA DE BURITI • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Folha do buriti, depois de seca; bastante utilizada no artesanato no Nordeste do Brasil. • NCf [Ssing

+ {Prep + Ssing}] *INFORMANTE 1: vende outras coisa... vende com palha de buriti... vende...* *PESQUISADORA: com palha de buriti faz o que?* *INFORMANTE 1: bolsa /* *PESQUISADORA: bolsa né?* *INFORMANTE 1: e faz como renda elas lá fazi como nós... cria a renda elas cria aquele daquela folha do buriti... da palha do buriti / (Ent. 1, linhas 343 a 348).*

PANINHO • (n/d) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Ponto da renda de bilro de tamanho pequeno, feito a partir da passagem dos bilros uma (meio trocado) ou duas vezes (trocado inteiro) no espinho. • *INFORMANTE 6: é... tudo... tudo... aqui é o assentamento dela que... já vem com a traça... só passa esse paninho no meio aqui... viu?* *PESQUISADORA: então esse aqui é pano né?..* *INFORMANTE 6: é... um paninho que a gente faz... tecendo ele assim... (Ent. 6, linhas 498 a 502).*

PANINHO DE TROCADO INTEIRO • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing + ADJsing}] • Latim > Português • Ponto da renda de bilro de tamanho pequeno, fechado, feito a partir da passagem dos bilros duas vezes (trocado inteiro) no espinho. **Cf.** *trocado inteiro* • NCm [Ssing + {Prep + Ssing + ADJsing}] • • *PESQUISADORA: e esse aqui... esse grosso eu chamo como? Da linha grossa...* *INFORMANTE 3: esse aqui? Aqui... aqui também é um pano de mei' trocado... esse aqui é um pingo d'água... um pingo d'água... esse () aqui ó!* *PESQUISADORA: ah... o pingo d'água ele é feito do que?* *INFORMANTE 3: é... também...* *PESQUISADORA: de meio trocado? ...* *INFORMANTE 3: é... não... o pingo d'água é trocado inteiro... aí ele forma um paninho de trocado inteiro... é diferente é...* *PESQUISADORA: é...* *INFORMANTE 3: olha o jeito do trocado inteiro e olha o jeito do mei' trocado... (Ent. 3, linhas 258 a 267).*

PANO • (n/d) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Ponto da renda de bilro de tamanho variado, feito a partir da passagem dos bilros uma (meio trocado) ou duas vezes (trocado inteiro) no espinho. **Cf.** *paninho, pano de meio trocado e pano de trocado inteiro.* • *INFORMANTE 10: aqui tem a... esses buraquinho... a gente chama de buraquinho mesmo né? e aqui é rosa de traça... e aqui é pano... pano de mei trocado aqui...* *PESQUISADORA: pano de meio trocado...* *INFORMANTE 10: é rosa de traça... pano de mei trocado...* *PESQUISADORA: qual a diferença desse pano de meio trocado e de trocado intero... por exemplo? (Ent. 10, linhas 266 a 271).*

Foto 69: Pano – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

PANO CHEIO • (n/d) • NCm [Ssing + ADJsing] • Latim > Português • Ponto da renda de bilro feito a partir da passagem dos bilros duas vezes no espinho. É um ponto mais fechado que o *pano de meio trocado*, formado por trocado inteiro. Cf. *trocado inteiro* e *pano de meio trocado*. • *INFORMANTE 7: hum..hum... mais aberto elas faz o meio trocado é mais em renda... de uma cô mais delicado agora no colorido elas faiz mais o pano cheio...* *PESQUISADORA: hum... INFORMANTE 7: deixa eu ver aqui... PESQUISADORA: pano cheio é a mesma coisa do trocado intero não?* (Ent.7 , linhas 113 a 117).

PANO CORRIDO NO MEIO • (n/d) • NCm [Ssing + {ADJsing + Prep+ Asing + ADV}] • Latim > Português • Ponto da renda de bilro de tamanho variado, feito na horizontal, para depois ser vendido por metro, para se fazer um enfeite na barra das peças de roupas. É feito a partir da passagem dos bilros uma (meio trocado) ou duas vezes (trocado inteiro) no espinho. Cf. *paninho*, *pano*, *meio trocado* e *trocado intero*. • *PESQUISADORA: ólha que interessante...* *INFORMANTE 7: pano... pano cheio... pano cheio... traça... o pano corrido no meio e as traça do lado. Sigurá... aqui são trocado...* *PESQUISADORA: esses buraco aqui?*

INFORMANTE 7: segurá aqui.. PESQUISADORA: são trocado? INFORMANTE 7: são trocado... (Ent. 7, linhas 92 a 98).

PANO DE MEIO TROCADO ~ PANO DE MEI' TROCADO • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Adv + Ssing +}] • NCm [Ssing + {Prep + Adv + Ssing +}] • Latim > Português • Ponto da renda de bilro vazado, feito passando os bilros uma vez no espinho (meio trocado), que consiste na metade de um *trocado inteiro*. Cf. meio trocado, *trocado inteiro*, *pano de trocado inteiro*, *paninho de trocado inteiro*. • *INFORMANTE 7: aqui ó... esse aqui é meio trocado... é um pano de mei' trocado. Esse aqui é um pano de trocado intero que fica muito cheio mais fechado e mais aberto... (Ent.7 , linhas 102 e 103).*

Foto 70: Pano de meio trocado – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

PANO DE TROCADO INTERO • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing + ADJsing}] • Latim > Português • Ponto da renda de bilro feito a partir da passagem dos bilros duas vezes no espinho. É um ponto mais fechado que o *pano de meio trocado*, formado por trocado inteiro. *INFORMANTE 7: aqui ó... esse aqui é meio trocado... é um pano de mei' trocado.*

Esse aqui é um pano de trocado intero que fica muito cheio mais fechado e mais aberto... (Ent.7 , linhas 102 e 103).

Foto 71: Pano de trocado intero – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

PANO DE URUPEMA • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing +}] • Latim > Português • Ponto da renda de bilro, feito a partir da passagem dos bilros duas vezes (*trocado intero*) no espinho, sem os torcer, o que faz com que a renda fique totalmente fechada. É raramente encontrado, devido ao seu alto grau de dificuldade. Cf. *pano, trocado intero* • **PESQUISADORA**: Só mais uma coisa...dona E... e assim... aqueles pontos que não se acha mais assim fácil...se deixô de fazê? **INFORMANTE 3**: é...o pingo d'água...a charita...a charitazinha... **PESQUISADORA**: Mais algum? **INFORMANTE 3**: É ...o pano de urupema...tarrafa...tarrafinha...eu nem tenho aqui... a M. tem... naquela caixa de várias renda que não se acha mais ... • Entrevista 4, linhas 307 a 313.

Foto 72: Pano de urupema – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

PANO SEM FIM • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing +}] • Latim > Português • Ponto da renda de bilro feito a partir da passagem dos bilros duas vezes (*trocado intero*) no espinho, sem os torcer; de alto grau de dificuldade e raramente realizado atualmente, Seu formato remete a algo que não termina, daí sua denominação. • *INFORMANTE 13: é assim esse aqui é o meio trocado...* *PESQUISADORA: e eu posso chamar de pano também não?* *INFORMANTE 13: não iss'aqui não é pano ele é meio trocado...* *PESQUISADORA: porque o pano ele é mais chêo não é?* *INFORMANTE 13: com esse aqui o pano ele é esse aqui mas eu tenho pra você...* *PESQUISADORA: ah eu quero o pano...* *INFORMANTE 13: vamo pegá aqui tá aqui esse é o pano olha dêxa eu li mostrá o pano cê tá vendo esse daqui? Esses são os pano esses daqui olha esses são os...pano sem fim..* *PESQUISADORA: hum...* *INFORMANTE 13: tem aqui uns cinco pano junto olha...* (Ent. 13, linhas 653 a 662).

Foto 73: Pano sem fim – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

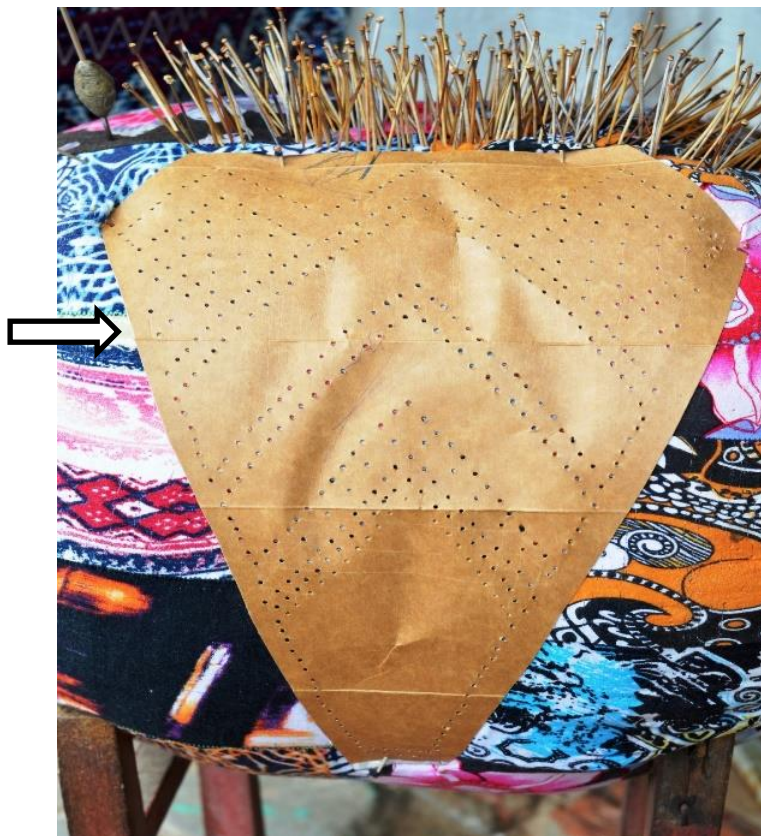
PANO TICIDO • (n/d) • NCm [Ssing + ADJsing] • Latim > Português • Ponto da renda de bilro de tamanho variado, feito a partir da passagem dos bilros uma (meio trocado) ou duas vezes (trocado inteiro) no espinho. Diz-se ticido quando o ponto já foi totalmente finalizado. Cf. *pano*, *paninho*, *pano de meio trocado* e *pano de trocado inteiro*. • PESQUISADORA: traça... esse bem miudinho aqui assim? INFORMANTE 4: *um pano ticido...* PESQUISADORA: pano tecido... esse aqui? INFORMANTE 4: *também a traça...* PESQUISADORA: traça... traça... agora aqui é que vai... INFORMANTE 4: *aí é uma mandala...* PESQUISADORA: e eu tenho o que dentro dessa mandala? Traça né? INFORMANTE 4: *traça...* PESQUISADORA: esse aqui? INFORMANTE 4: *pano...* PESQUISADORA: pano... INFORMANTE 4: *esse aqui tudo é casa de abelha...* (Ent.4, linhas 265 a 275).

PAPELÃO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Catalão • Molde utilizado na renda de bilro, feito a partir da perfuração com agulha de um papel pardo ou cartolina, que é colocado sobre a almofada de bilro, a fim de guiar a rendeira na feitura da renda. • INFORMANTE 10: *não... a*

cabecinha dele é que é o biurro... e tem o papelão também que é o desenho da renda... (Ent.10, linhas 233 e 234).

PAPELÃO PICADO • (n/d) • NCm [Ssing + ADJsing] • Latim > Catalão • Molde de papel pardo ou cartolina, já perfurado para ser colocado sobre a almofada de bilros, a fim de guiar a rendeira na feitura da renda. • *INFORMANTE 3: papelão... PESQUISADORA: papelão mesmo? INFORMANTE 3: é papelão... é o papelão picado né? PESQUISADORA: papelão picado... picado que já ta... é o cortado pra fazêr o molde?... INFORMANTE 3: *cortado que tem esses furinho ó! É... o papelão picado né?* (Ent. 3, linhas 330 a 334).*

Foto 74: Papelão picado – Raposa/MA

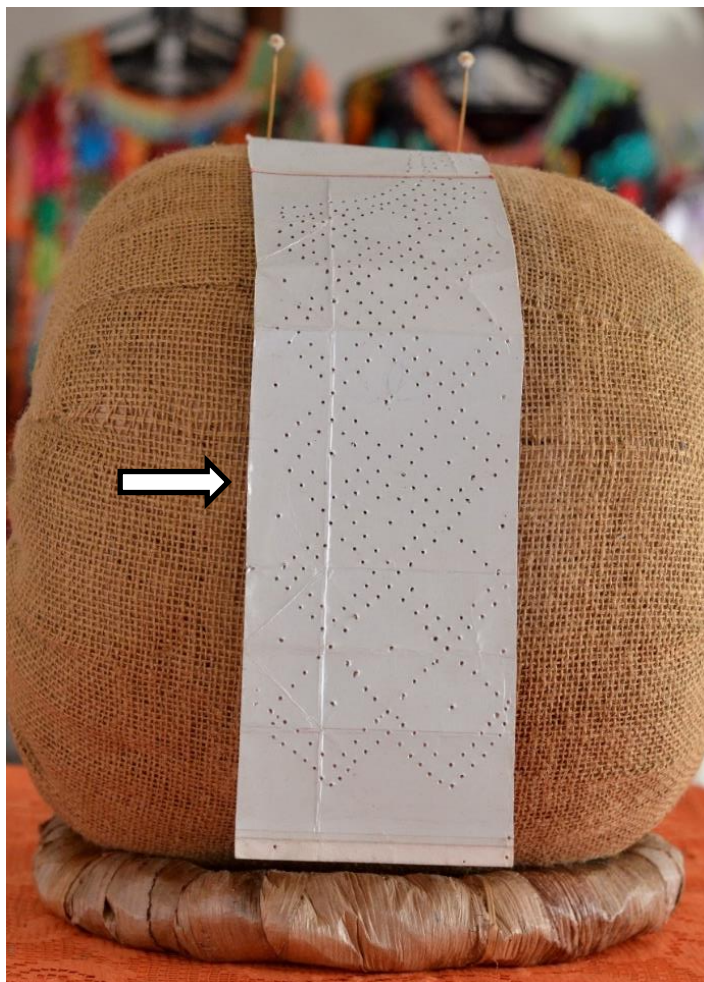


Fonte: Zeqroz Neto

PAPELÃO PINICADO • (n/d) • NCm [Ssing + ADJsing] • Latim > Catalão • Desenho em papel pardo ou cartolina, utilizado como molde da renda de bilro, após ser perfurado (pinicado) para ser colocado sobre a almofada de bilros, a fim de guiar a rendeira na feitura da renda. Cf. *pinicado*. • *INFORMANTE 1: molde? É isso que eu to te dizendo aqui tudinho /PESQUISADORA: o papelão? INFORMANTE 1: o papelão é que é o molde... PESQUISADORA: o... pinicado? INFORMANTE 1: / só se for papelão pinicado...*

PESQUISADORA: entendi... INFORMANTE 1: mas eu... eu antigamente eu tinha muito papelão assim... desenhado no papel que vei de São Paulo... (Ent. 1, linhas 304 a 311).

Foto 75: Papelão pinicado – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

PAREIA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Disputa; as rendeiras da Raposa, antigamente, disputavam para ver quem terminava de fazer sua renda mais rapidamente. • *INFORMANTE 15: quando era de bem cedo até mei' dia nós fazia dento de casa né ... agora por causa do almoço né aí a gente fazia den'di casa ...aí quando era de tarde a gente falava com a vizinha saia pa casa delas aí ficava duas três quato ali...pareando... PESQUISADORA: é...menina novinha...fazendo ...pareando ...fazendo... INFORMANTE 15: aí nós pegava pareia pareia... pareia quem terminava primeiro dás tira... PESQUISADORA: parelha da tira quem terminava primeiro ganhava? INFORMANTE 15: isso ganhava... aí pronto... PESQUISADORA: aí vocês pareavam o que? Aí tu ganhava parelha? INFORMANTE 15: olha demais... demais... PESQUISADORA: quem ganhava pareia num pagava era quem perdia?*

INFORMANTE 15: que perdia... PESQUISADORA: quem ficava por último... INFORMANTE 15: coitada delas... PESQUISADORA: aí com isso você foi ficando cada vez mais ligêra também né? INFORMANTE 15: foi aí eu ensinei pra minha filha... PESQUISADORA: ah tua filha faz também é? INFORMANTE 15: não qué... (Ent.15, linhas 85 A 101).

Foto 76: Início da pareia – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

PAREÁ • (A) • [V] • Latim > Português • Disputar algo, para que o vencedor receba um prêmio. • *INFORMANTE 15: quando era de bem cedo até mei' dia nós fazia dento de casa né ... agora por causa do almoço né aí a gente fazia den'di casa ...aí quando era de tarde a gente falava com a vizinha saia pa casa delas aí ficava duas três quato ali...pareando... PESQUISADORA: é...menina novinha...fazendo ... pareando ...fazendo... INFORMANTE 15: aí nós pegava pareia pareia... pareia quem terminava primeiro dás tira... PESQUISADORA: parelha da tira quem terminava primeiro ganhava? INFORMANTE 15: isso ganhava... aí pronto... PESQUISADORA: aí vocês pareavam o que? Aí tu ganhava pareia? INFORMANTE 15: olha demais... demais... PESQUISADORA: quem ganhava pareia num pagava era quem perdia? INFORMANTE 15: que perdia... PESQUISADORA: quem ficava por último... INFORMANTE 15: coitada delas... PESQUISADORA: aí com isso você foi ficando cada vez*

mais ligêra também né? *INFORMANTE 15: foi aí eu ensinei pra minha filha... PESQUISADORA: ah tua filha faz também é? INFORMANTE 15: não quê... (Ent.15, linhas 85 A 101).*

Foto77 : Rendeiras pareando – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

PESCADERA • (n/d) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Rede utilizada especificamente para pescar pescada. • *PESQUISADORA: ele trabalha com qual tipo de pesca no caso? É com a gozêra... como é que é? INFORMANTE 3: ele trabalha... com a pescadêra... (Ent. 3, linhas 510 e 511).*

PESQUERA • (n/d) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Casa que serve de depósito de armazenamento de materiais usados na pesca, com redes e cordas. • *INFORMANTE 11: não... a casa ficô cum a pesquera... PESQUISADORA: ah pesquera da casa é... INFORMANTE 11: é os peixe... as coisa... que ele cumeu tudinho... o homi foi imhora de lá num ficou mais lá não... PESQUISADORA: um cavalo? INFORMANTE 11: era um cavalo um cavalo selvage... PESQUISADORA: MEU DEUS! • (Ent. 11, linhas 287 a 293).*

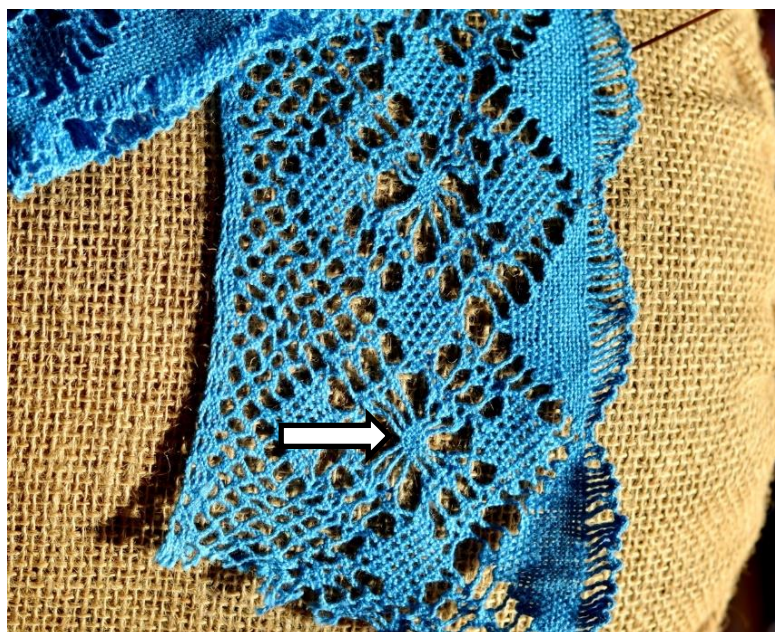
PICADO • (A) • [ADJsing] • Latim > Português • Diz-se do papelão que foi furado. Cf. *pinicado*. • *PESQUISADORA: papelão mesmo? INFORMANTE 3: é papelão... é o papelão*

picado né? PESQUISADORA: papelão picado... picado que já ta... é o cortado pra fazê o molde?... INFORMANTE 3: cortado que tem esses furinho ó! É... o papelão picado né? PESQUISADORA: picado... picado que o que já ta cortado... pra fazê o molde... INFORMANTE 3: é.. esses furinho olhe... PESQUISADORA: hum...hum... INFORMANTE 3: todo picadinho com esses furinho formando o desenho da renda...

PINDOBA • (A) Nf [Ssing] • Tupi • Palmeira da família das *Arecáceas*, nativa do Nordeste brasileiro, cuja folha é utilizada em artesanato. • *INFORMANTE 5: Quando chegamu aqui a Raposa elas ficavam aqui () em pindoba sabe que é saia de pindoba...? PESQUISADORA: É... saia de pindoba... INFORMANTE 5: Era daquela palmeira... Era tudo de palha... (Ent.5 , linhas 44 a 47).* •

PINGO D'ÁGUA • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Espanhol • Ponto da renda de bilro em formato de aranha, feito passando-se o bilros duas vezes entre os espinhos (trocado inteiro). Cf. *trocado intero*. *INFORMANTE 3: esse aqui? Aqui... aqui também é um pano de mei trocado... esse aqui é um pingo d'agua... um pingo d'agua... esse () aqui Ó ... PESQUISADORA: ah... o pingo d'agua ele é feito do que? INFORMANTE 3: é... também... PESQUISADORA: de meio trocado?... INFORMANTE 3: é... não... o pingo d'agua é trocado intero... aí ele forma um paninho de trocado intero... é diferente é... (Ent. 3, linhas 259 a 265).*

Foto 78: Pingo d'água – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

PINICADO • (A) • [ADJsing] • Latim > Português • Diz-se do papelão que foi furado. Cf. *Picado*. • *PESQUISADORA*: o papelão? *INFORMANTE 1*: o papelão é que é o molde. *PESQUISADORA*: o papelão ... *INFORMANTE 1*: / só se for pinicado... (Ent. 1, linhas 305 a 308).

PINICÁ • (A) • [V] • Latim > Português • Furar um papelão ou um papel pardo com uma agulha, para que sirva de molde para a rendeira fazer a renda de bilro. *INFORMANTE 13*: esse molde aqui é dessa daqui que o papelão já tava mê ruim e eu mandê a minha nora pinicá... a E... *PESQUISADORA*: a E. que pinicô esse molde? (Ent. 13, linhas 603 a 605).

Foto 79: Rendeira pinicando o papelão – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

PITIUZERA • (n/d) • Nf [Ssing] • Tupi • Rede utilizada especificamente para captura de tainha pitiu. • *INFORMANTE 10*: tem gozêra tem gozêra tem pitiuzêra tem sajubêra ainda tem essas pesca né? a serrêra ainda pesca também... só que a serrêra... (Ent.10 , linhas 347 e 348)

PONTA DE RENDA ~ PONTA DA RENDA • (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Barra da renda, que pode ser feita de diversos tipos de pontos e pode ou não ter um *bico*. Cf. *bico*. • *INFORMANTE 3: aí tem o trocado cheio... que é pra apoiá o ponto olhe... apoiô o ponto... aí desse mei / desse trocado cheio... cê pode... aí faz outro ponto... faz a ponta... faz muito tipo... isso aqui é uma ponta... PESQUISADORA: e que tipos de ponta que tem? É a ponta... (Ent.3 , linhas 901 a 903).*

Foto 80: Ponta de renda – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

PONTA DE COCO • (n/d) • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Extremidade arredondada do bilro, feita do endocarpo do tucum. • *INFORMANTE 6: fazê rendinha... eu fazê esse... como lhe falei... o passagem... comecei a fazê... eu lembrei até de outro: ponta de coco... que era também muito fácil... PESQUISADORA: ponta de coco... INFORMANTE 6: ponta de coco... aí com o tempo... eu... fui... me adapitei no trabalho... aí minha mãe disse assim: “agora chegou o tempo de... de butá alguma rendinha pra ela...” aí butô pra mim um dentin’ de rato... que a gente... a ponta dele é de tracinha... e o mei... vem a traça... mais eu aprendi rapidinho... (Ent. 6, linhas 10 a 15).*

Foto 81: Ponta de coco – Raposa/MA

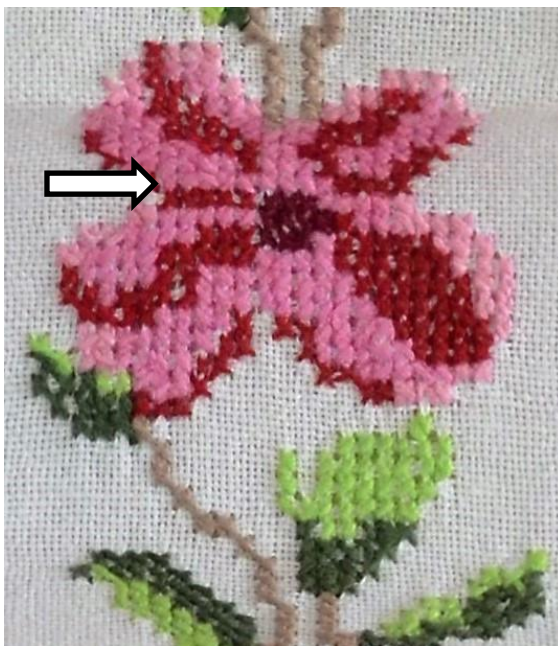


Fonte: Zeqroz Neto

PONTO • (A) • Nm [Ssing] • Latim > Português • Detalhe que diferencia uma renda da outra. Os pontos básicos da renda de bilro são o meio trocado e trocado inteiro, a partir dos quais muitos outros são feitos. • *PESQUISADORA*: a senhora sabe tecê também? Todas... *INFORMANTE 1*: eu / o ponto de uma é o ponto das ôtras ... *PESQUISADORA*: só muda o tamanho? *INFORMANTE 1*: só muda o tamanho... (Ent. 1, linhas 405 a 408).

PONTO CRUZ • (n/d) • NCm [Ssing + Ssing] • Latim > Português • Ponto de bordado feito com agulha sem ponta e linhas específicas, em um gráfico ou em toalhas que contêm barras próprias para serem bordadas. • *PESQUISADORA*: que legal! fica diferente... o que é característico daqui mesmo é a renda... *INFORMANTE 7*: é a renda de biurro... o ponto cruz... o croché... (Ent. 7, linhas 131 e 132).

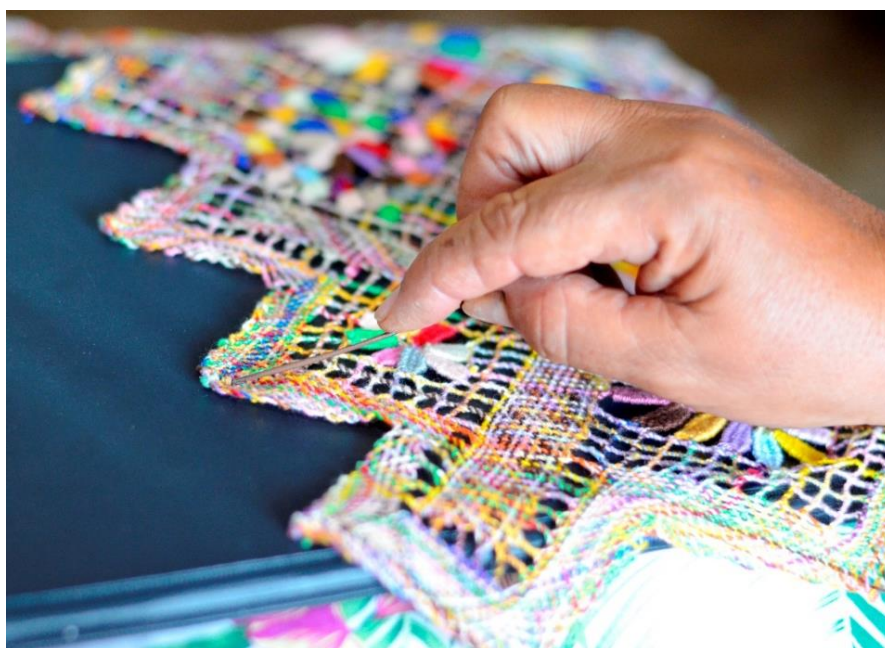
Foto 82: Ponto cruz – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

PONTO DE FORA • (n/d) • NCm [Ssing + Prep + ADV] • Latim > Português • Ponto que se localiza nas extremidades da renda de bilro. • INFORMANTE 3: *é... o ponto intero... aqui é só o meio Ó... o que eu to fazendo aqui...* PESQUISADORA: *como se fosse meio... meio... o intero...* INFORMANTE 3: *é... eu fecho o trocado intero só aqui na... aqui no ponto de fora...* (Ent.3 , linhas 212 a 214).

Foto 83: Ponto de fora – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

PONTO INTERO • (n/d) • NCm [Ssing + ADJsing] • Latim > Português • Ponto da renda de bilro feito passando os bilros duas vezes no espinho (trocado intero). Cf. *trocado intero*. • INFORMANTE 3: *é... o ponto intero... aqui é só o meio ó! O que eu to fazendo aqui...* PESQUISADORA: como se fosse meio... meio... o intero... INFORMANTE 3: *é... eu fecho o trocado intero só aqui na... aqui no ponto de fora...* (Ent.3 , linhas 212 a 214).

PRICISÃO • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Necessidade. • INFORMANTE 13: *nunca me reclamei... sempre sempre cuidando ali dos meus filhos lavando ropa ... cantando fazendo renda ... cantando porque hoje eu faço iss 'aqui mas eu num faço por pricisão* (Ent.13 , linhas 109 e 110).

PRIQUITINHO ~ PIRIQUITIN' ~ PRIQUITINHO ~ PRIQUITIN' • (n/d) • Nm [Ssing] • Nm [Ssing] • Nm [Ssing] • Castelhana. • Renda de metro de pontos fechados, de 5 cm de comprimento. • INFORMANTE 13: *até almodafa tinha aí ela aprendeu quando ela aprendeu aí ela cumeçô fazê um fazê uns biquinho já ó eu butava pra ela pra ela fazê o priquitinho engraçado é que tinha o priquitinho e o priquitão (risos)...* PESQUISADORA: priquitinho e priquitão são tipo de ponto é me conta? Essa muié sabe de coisa... o priquitinho qual é a diferença do priquitão? INFORMANTE 13: *mas num era priquitin' não era priquitin'...* PESQUISADORA: pri... priquitin' eu já tô falando bestêra... INFORMANTE 13: *é porque tem o priquito que a gente pode chamá de priquitin' agora era priquitin' óia o priquitin' ele tinha a pontinha assim arredondadinha e o priquitão ele tinha a ponta mais ispaçosa fêa porque ele já era assim muito jangarelo num era aconchegante que nem o ôtro...* (Ent. 13, linhas 274 a 284).

Foto 84: Peça de renda com Priquitinho ~ Piriquitin' ~ Priquitinho ~ Priquitin' – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

PRIQUITÃO • (n/d) • Nm [Ssing] • Castelhana. • Renda de metro de pontos abertos, de 10 cm de comprimento. • *INFORMANTE 13: até almodafa tinha aí ela aprendeu quando ela aprendeu aí ela cumeçô fazê um fazê uns biquinho já ó eu butava pra ela pra ela fazê o priquitinho engraçado é que tinha o priquitinho e o priquitão (risos)... PESQUISADORA: priquitinho e piriquitão são tipo de ponto é me conta? Essa muié sabe de coisa... o priquitinho qual é a diferença do piriquitão? INFORMANTE 13: mas num era priquitin' não era priquitin'... PESQUISADORA: pri... priquitin' eu já tô falando bestêra... INFORMANTE 13: é porque tem o piriquito que a gente pode chamá de priquitin' agora era priquitin' óia o priquitin' ele tinha a pontinha assim arredondadinha e o priquitão ele tinha a ponta mais ispaçosa fêa porque ele já era assim muito jangarelo num era aconchegante que nem o ôtro... (Ent. 13, linhas 274 a 284).*

R

REDE • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Instrumento de fios, cordas e arames, com aberturas regulares, tecidos em malhas. • *PESQUISADORA: ah... e uma coisa que eu queria perguntá também.... não sei assim se as moça... se as mulhé rendeira também ajudam a tecê as redes de pesca? INFORMANTE 1: ajuda ah... ajuda demais... aqui a gente tece rede... tece sim sinhora... (Ent.1, linhas 387 a 389).*

Foto 85: Redes – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

RENASCENÇA • (n/d) • Nf [Ssing] • Francesa • Renda artesanal, tradicionalmente de cor branca, realizada a partir de um desenho riscado em papel manteiga (molde), fixado numa almofada, onde são feitos os pontos com agulha comum, linha e um fitilho para os unir. Devido ao seu alto grau de dificuldade e demora para ser realizada, atualmente não é mais encontrada à venda em Raposa. • **PESQUISADORA**: porque hoje em dia tá na moda batinha né? **INFORMANTE 7**: batinha. Tem... tem umas atrizes modelos que... não é renda.. pode ser ôtro trabalho... Quem veste assim já bota na cabeça o ponto do jeito que é... minha mãe só pega e pinica... tem um vestido que uma mulhé tava todo de renascença... não sei se era renascença... ou se era de crochê. Uma cliente minha chegou falou que ela queria e a gente fez de renda renascença ... ficou lindo. Todo de manga solta muito bonito. E a gente inventa... (Ent. 7, linhas 70 a 74).

RENDA • (A) • Nf [Ssing] • De etimologia obscura. • Artesanato feito à mão, de textura delicada e pontos de diferentes diâmetros, utilizado para se fazer peças do vestuário ou adornos. **INFORMANTE 15**: ainda assim é coisa eu agradeço a deus porque eu não sei lê aí elas diz assim “ainda bem que tu não sabe ler porque tu é doutora na renda porque se tu soubesse lê S. tu vindia tudo nós aqui”... **PESQUISADORA**: aí tu já é doutora em outra coisa tu é doutora na renda né... ei S. mas assim a tua filha já aprendeu a fazê a renda? (Ent. 15, linhas 106 a 109).

Foto 86: Peças de renda – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

RENDA DE BIRRO ~ RENDA DE BIURRO • (n/d) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • De etimologia obscura. • Artesanato feito manualmente com ferramentas encontradas na natureza (palha de bananeira, tucum, espinho de mandacaru) e 5, 10 ou 20 dúzias de bilros, nos quais são enroladas linhas, para depois estes se entrelaçarem entre si, passando por dentre os espinhos e dando origem a uma grande variedade de pontos, como *pano*, *trocado*, *meio trocado*, *meio trocado inteiro*, *traça*, *trança*, dentre outros. • *INFORMANTE 15: porque a renda de birro ela é feita na almofada nessa almofada e o filé é feito ni uma tela...* (Ent.15, linhas 288). • *INFORMANTE 15: porque a renda de birro ela é feita na almofada nessa almofada e o filé é feito ni uma tela...* (Ent. 15, linha 298).

Foto 87: Peça de renda de bilro – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

RENDA DE METRO • (n/d) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • De etimologia obscura. • Barra de renda que contém uma ponta arredondada (*urela*) e é vendida por metro. • **Cf.** *urela*. *INFORMANTE 6: que antigamente era como a gente tava falando... com a renda de metro... já hoje não é... não é nem aplicação... é o fundo de copo que elas compram pra esse tipo de coisa... e eu me criei fazendo renda... aí eu me casei... tive filhos... mais não abandonei a minha renda... fiquei fazendo renda e cuidando dos meus filhos... e eu faço esta renda aqui... até hoje... até hoje... só que não fiz mais... ta com... ta com uns quinze... vinte anos... que eu não faço mais renda de metro...* (Ent.6, linhas 102 a 106)

Foto 88: Renda de metro feita de meio trocado – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

RENDA FINA • (n/d) • NCf [Ssing + ADJsing] • De etimologia obscura. • Renda feita com linha esterlina número 20, utilizada para se fazer peças do vestuário que requerem um acabamento mais fino, como acabamentos ou vestidos para serem usados em ocasiões especiais. • *INFORMANTE 10: trazia ren... trazia renda mais era renda... renda fina... renda grossa...* *PESQUISADORA: mas era pedaço de renda?* (Ent. 10, linhas 44 e 45).

Foto 89: Renda fina (Aplicação ~aplique) – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

RENDA GRAÚDA • (n/d) • Ncf [Ssing + ADJsing] • De etimologia obscura. • Renda com pontos abertos, de menor valor comercial que a renda com pontos mais fechados. Também conhecida como *jangarela*. Cf. *jangarela* • *INFORMANTE 3: o fetio que é diferente...* *PESQUISADORA: é... não é tão perfeito...* *INFORMANTE 3: é uma renda graúda...* *PESQUISADORA: é... não tem aquele acabamento delicado né?* *INFORMANTE 3: é... é graúda... eles faz as renda muito graúda... não tem aquele acabamento...* *PESQUISADORA: é... verdade...* (Ent.3 , linhas 587 a 592).

Foto 90: Renda graúda – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

RENDA GROSSA • (n/d) • Ncf [Ssing + ADJsing] • De etimologia obscura. • Renda feita com linha de maior espessura, tornando-a mais volumosa. • *INFORMANTE 3: e aí eu fui () e aí depois... eu passei a compra que a CEARTE não queria renda grossa... só renda fina... e eu... eu... aí eu fui... trazia pra cá... aí o povo isculhia as melhó... e as mais ruim ficavo... aquelas que elas menos interessava... mais feia... das cores mais feia né?* (Ent. 3, linhas 130 a 133).

Foto 91: Renda grossa – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

RENDA RENASCENÇA • (n/d) • NCf [Ssing + ADJsing] • De etimologia obscura. • Renda artesanal, tradicionalmente de cor branca, realizada a partir de um desenho riscado em papel manteiga (molde), fixado numa almofada, onde são feitos os pontos com agulha comum, linha e um fitilho para os unir. *PESQUISADORA*: porque hoje em dia tá na moda batinha né? *INFORMANTE 7*: batinha. *Tem... tem umas atrizes modelos que... não é renda.. pode ser ôtro trabalho... Quem veste assim já bota na cabeça o ponto do jeito que é... minha mãe só pega e pinica... tem um vestido que uma mulhé tava todo de renascença... não sei se era renascença... ou se era de crochê. Uma cliente minha chegou falou que ela queria e a gente fez de renda renascença ... ficou lindo. Todo de manga solta muito bonito. E a gente inventa...* (Ent. 7, linhas 70 a 74).

RENDERA • Nf [Ssing] • De etimologia obscura. • Profissional que executa o ofício da renda. • *INFORMANTE 1*: *porque os mundo de antigamente não é o nosso mundo de agora não. .. nós tamo longe dele... muito longe... na época que eu nasci ninguém via nada não mas eu vô cuida aqui do seu serviço... isso daqui já é umas... é tirado dessas rendera daí não é?* *PESQUISADORA*: *é... é...* (Ent.1, linhas 102 a 105).

Foto 92: Rendera – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

RENDINHA • Nf [Ssing] • De etimologia obscura. • Renda de tamanho pequeno; nome afetoso para se referir à sua própria renda. • *INFORMANTE 13: é tão pôquinho que se a renda fô essas rendas assim ...que elas são assim espaçosa até que dá alguma coisa mas se fô a rendinha miudinha não dá tantinho bastante viu...* (Ent.13 , linhas 524 e 525).

Foto 93: Rendingha – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

RENDINHA DE TRANÇA • (n/d) • [NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]] • De etimologia obscura. • Renda feita com detalhes do ponto *trança*, o qual é feito entrelaçando-se os bilros várias vezes consecutivas sobre os espinhos (trocado intero) ou somente uma vez (meio trocado). Cf. *trança*. • *INFORMANTE 13*: viu ensinê ela fazê a trança “pois agora já pode fazê uã rendinha de trança” aí ela começô a fazê aí eu disse “tu vai fazê a o dente de rato com o espinzinho virado (Ent.13 , linhas 246 e 247).

RENDINHA ESTREITINHA • (n/d) • NCf [Ssing + ADJsing] • De etimologia obscura. • Renda de espessura fina. • *INFORMANTE 3*: faz uma rendinha estreitinha assim... a gente aprende o trocado... aí depois /PESQUISADORA: o primeiro ponto que aprende é o trocado? *INFORMANTE 3*: é... o trocado... aí vai aprendê a fazê a traça... aí já vai pro... vamo começá a aprendê a trança... e já vai butando a rendinha maió... (Ent.3, linhas 179 a 182).

Foto 94: Rendinha estreitinha – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

RENDINHA MIUDINHA • (n/d) • NCf [Ssing + ADJsing] • De etimologia obscura. • Renda de tamanho pequeno. • *INFORMANTE 13*: é tão pôquinho que se a renda fô essas rendas assim ...que elas são assim espaçosa até que dá alguma coisa mas se fô a rendinha miudinha não dá tantinho bastante viu... (Ent.13 , linhas 524 e 525).

Foto 95: Rendingha miudinha – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

RENASCENÇA • Nf [Ssing] • Francesa. • Renda artesanal, tradicionalmente de cor branca, realizada a partir de um desenho riscado em papel manteiga (molde), fixado numa almofada, onde são feitos os pontos com agulha comum, linha e um fitilho para os unir. Sua execução é trabalhosa e, dependendo da peça a ser feita, esta pode demorar até um ano para ser concluída.

• *PESQUISADORA*: porque hoje em dia tá na moda batinha né? *INFORMANTE 7*: batinha. Tem... tem umas atrizes modelos que... não é renda.. pode ser ôtro trabalho... Quem veste assim já bota na cabeça o ponto do jeito que é... minha mãe só pega e pinica... tem um vestido que uma mulhé tava todo de renascença... não sei se era renascença... ou se era de crochê. Uma cliente minha chegou falou que ela queria e a gente fez de renda renascença ... ficou lindo. Todo de manga solta muito bonito. E a gente inventa... (Ent. 7, linhas 70 a 74).

RODA • Nf [Ssing] • Latim > Português • Peça de pano torcido, de formato arredondado, colocado sob a almofada de bilro, para servir como sua base. *PESQUISADORA*: é como se fosse ... aí bota o biuro em cima pra furar um tamborete invertido... é como se fosse assim um apoio né um apoio da almofada? *INFORMANTE 1*: é e a roda tem um trabalho... já eu não consigo... (Ent. 12, linhas 632 a 635).

RODA DA ALMOFADA • (n/d) • [NCf [Ssing + {Prep + Ssing}]] • Latim > Português • Peça de pano torcido, de formato arredondado, colocado sob a almofada de bilro, para servir como seu apoio. • *PESQUISADORA*: almofada... esse aqui em baixo da almofada? *INFORMANTE 3*: é a roda da almofada... (Ent. 3, linhas 327 e 328).

ROLINHA • Nf [Ssing] • De origem onomatopaica • Ave pequena, similar a um pombo. • *INFORMANTE 11*: meu marido disse que ele tava cortando uns pau e apareceu uma rolinha sabe os olho da cô de fogo olhando pra ele onde ele ia ela ia atrais ele foi e falou pra ela “fica aí no seu lugazinho que eu não vou fazê nada com você”. Aí ele virou a vista quando olhou de novo... *PESQUISADORA*: nada... *INFORMANTE 11*: ela tinha desaparecido aí ele já mais os companhêro dele e disse assim “vamos’imbora” aí foro imbora pa canoa... (Ent.11, linhas 258 a 263).

ROSA DE GIRASSOL • (n/d) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Enfeite de renda do formato de um girassol. • *INFORMANTE 12*: essa daqui é a rosa uma rosona ó... chama rosa... *PESQUISADORA*: rosa rosa... *INFORMANTE 12*: não tem por exemplo aquelas aquelas rosa de girassol já viu aqui ó... *PESQUISADORA*: ah mas a rosa no caso é o nome do ponto não? *INFORMANTE 12*: é ess’aqui é uã rosa... *PESQUISADORA*: ah que é o desenho... *INFORMANTE 12*: é o desenho que chamam... *PESQUISADORA*: aí é composto de várias... esse desenho aqui o que eu chamo de rosa também? *INFORMANTE 12*: é só que uma rosona grande uma rosa grande essa aqui a menoziam... *PESQUISADORA*: deixa eu vê se eu aprendi ó nessa nessa rosa eu tenho a traça... o pano... (Ent. 13, linhas 301 a 310).

ROSA DE TRAÇA • (n/d) • NCf [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Peça de renda de bilro, em formato flor, feita por meio de um trançado no qual somente um bilro corre mais do que os demais, enquanto os outros ficam quase que parados. É feito principalmente com o ponto trocado inteiro. Pode ser feita com 4, 6, 8 ou 12 pétalas. Também denominada *flor de traça*. Cf. *traça* e *flor de traça* • *PESQUISADORA*: aqui eu tenho a traça...

INFORMANTE 3: é a traça... PESQUISADORA: que nome eu do pra florzinha inteira? INFORMANTE 3: é... a flô mesmo... / PESQUISADORA: a flor... a flor... / INFORMANTE 3: é... a rosa... PESQUISADORA: essa aqui a gente chama de rosa... INFORMANTE 3: é... é rosa de traça viu? PESQUISADORA: a rosa de traça... chama rosa de traça... INFORMANTE 3: é... (Ent. 3, linhas 242 a 249).

Foto 96: Rosas de traça de oito e dezesseis pétalas – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

RUDIA • (n/d) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Peça de formato arredondado, de tecido ou de palha de bananeira, colocada sob a almofada de bilro, para servir como seu apoio. Quando é feita de tecido, recebe o nome de *roda de almofada*. Cf. *roda de amofada*. • *PESQUISADORA: aqui eu chamo... o que é esse aqui embaixo? INFORMANTE 14: é a rudia... PESQUISADORA: tem quantas rudia na sua? INFORMANTE 14: é porque eu tenho ôtra almofada aí eu dei pra minha irmã trabalhá... (Ent.14 , linhas 125 a 128).*

Foto 97: Rudia – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

S

SACO DE ISTOPA • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Latim > Português • Saco feito com a parte mais grosseira do linho, utilizado para fazer parte externa da almofada de bilro. • *INFORMANTE 12: ah é istopa... ué ela sabe mais do que eu viu... saco de istopa que chama...* (Ent.12 , linhas 339).

SAJUBERA • (n/d) • Nf [Ssing] • (n/e) • Rede específica para captura de tainha sajuba. • *INFORMANTE 10: tem gozêra tem gozêra tem pituzêra tem sajubêra ainda tem essas pesca né? a serrêra ainda pesca também... só que a serrêra...* (Ent.10, linhas 346 e 347).

SARNAMBI • (A) • Nm [Ssing] • (n/e) • Molusco comestível composto por duas conchas dentro das quais há um líquido viscoso. • *INFORMANTE 3: não... ele não trabalha com curral não... PESQUISADORA: e como é que é essa pesca do sarnambi... a senhora falou... de ajuda ele... INFORMANTE 3: ah... eu gosto... de sarnambi... vai... aí quando chega lá a gente tira... nu conhece o sarnambi não? PESQUISADORA: conheço mas eu nunca vi pegando...*

como é que é a pesca dele... *INFORMANTE 3: a gente vai pra lá... e a gente tira... rancando assim na lama... com a mão... PESQUISADORA: ah... com a mão... não tem instrumento de pesca... INFORMANTE 3: não... não... não... a gente enche aquele balde... que a gente leva até um saco...* (Ent. 3, linhas 519 a 526).

SERRERA • (A) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Rede utilizada para captura de peixe serra. • *PESQUISADORA: a senhora é casada com pescadô? () com pescadô e a senhora ajuda ele também a tecê a tecer rede? INFORMANTE 14: não porque tecê a rede que eu sei tecê só a gozêra e a serrêra... PESQUISADORA: que a senhora sabe? INFORMANTE 14: que eu sei fazê mas as ôtras num sei...* (Ent. 14, linhas 144 a 148).

SIRIGUELA • Nf [Ssing] • Fruta de cor amarela, caroço grande e polpa macia, muito comum no Nordeste do Brasil. • *INFORMANTE 13: eu sempre eu fui assim... eu... eu ... eu num tenho estudo não tive estudo num tive nada fui criada no interiô comendo maçã de caju... correndo atrás de uã siriguêla duã manga verde ...duã coisa... PESQUISADORA: maçã de caju é o caju não né?* (Ent.13, linhas 26 a 28).

T

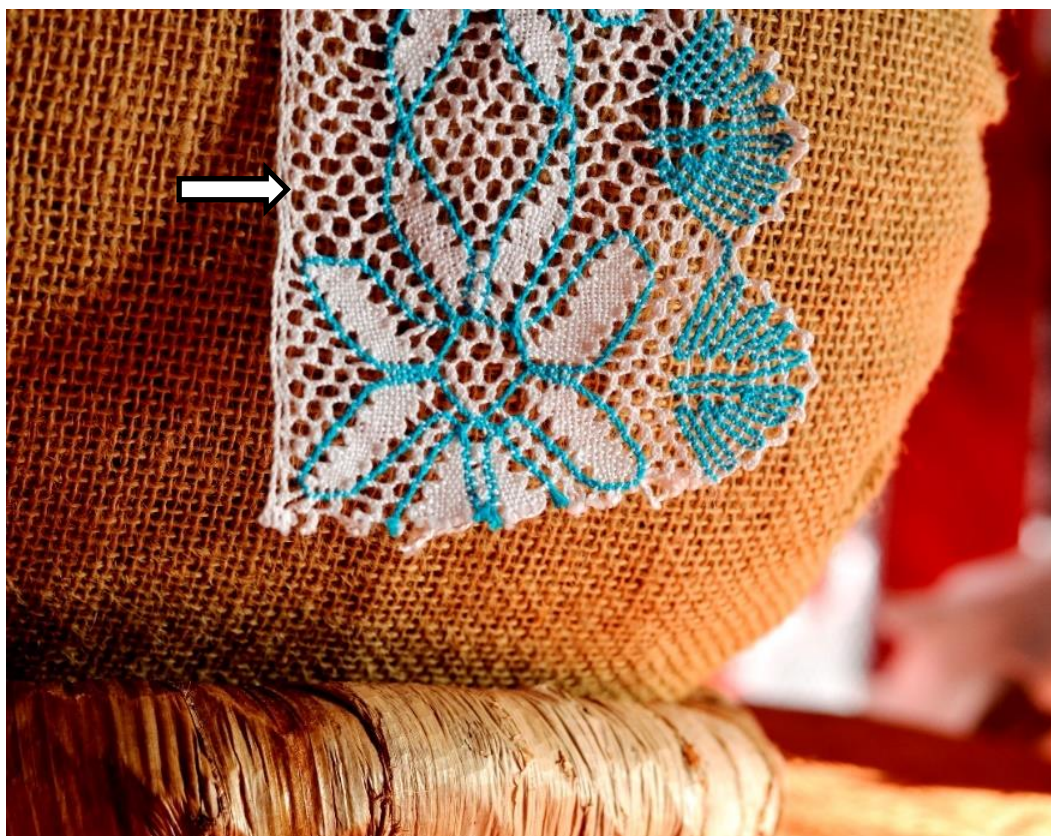
TABA ~ TÁBUA • (A) • Nf [Ssing] • Nf [Ssing] • Latim > Português • Peça de madeira, de formato retangular. *INFORMANTE 3: ele fico aqui... comprei essa casinha... era uma casinha de taba já ruizinha... aí eu reformei... fiz essa parte aqui de tijolo... nem terminei que a condição aqui ainda não deu...* (Ent.3 , linhas 91 e 92).

TABULETA • Nf [Ssing] • Latim > Português • Peça de madeira pontiaguda utilizada para se tecer redes de pesca. • *PESQUISADORA: é? E como é que é o trabalho de tecê rede? Que já é diferente... INFORMANTE 1: já é diferente... Faz mal pegá? PESQUISADORA: não... INFORMANTE 1: isso daqui formando que é a tabuleta... neste instante vocês chegaram o R. tava descendo ali não tava? PESQUISADORA: hã... hã... INFORMANTE 1: pois é! Aquele jeito ali... PESQUISADORA: aí levá a tabuleta o que que é? INFORMANTE 1: tabuleta é esse pauzin de fazê...PESQUISADORA: hã... hã... INFORMANTE 1: com o nailo... PESQUISADORA: ah tá... INFORMANTE 1: é... PESQUISADORA: aí vocês tecem... por exemplo... que tipo de rede... todo tipo de rede? INFORMANTE 1: eu só ticia até zero oitenta...* (Ent.1, linhas 390 a 404).

TAMBURETE • Nm [Ssing] • Francesa • Banco de madeira sem encosto, sobre o qual é colocada a almofada de bilro. *INFORMANTE 15: tamburete é tamburete aqui...* *PESQUISADORA: tamburete eu boto embaixo... o tamburete... às vezes tem uma roda aqui embaixo como é como é que é o nome daquela roda?* *INFORMANTE 15: tem mas não dá pra colocá depois a rudia...* (Ent. 15, linhas 258 a 261).

TARRAFA • (A) • Nf [Ssing] • Árabe > hispânico • Ponto da renda de bilro feito a partir da passagem dos bilros duas vezes (trocado intero) no espinho, cujo desenho foi inspirado nas redes de pesca com a mesma denominação. Pouco encontrado nos dias atuais. • Cf. *trocado intero*. *PESQUISADORA: Só mais uma coisa...dona E... e assim... aqueles pontos que não se acha mais assim fácil...se deixô de fazê?* *INFORMANTE 3: é...o pingo d'água...a charita....a charitazinha...* *PESQUISADORA: Mais algum?* *INFORMANTE 3: É...o pano de urupema...tarrafa...tarrafinha...eu nem tenho aqui... a M. tem... naquela caixa de várias renda que não se acha mais ...* • Entrevista 4, linhas 307 a 313.

Foto 98: Tarrafa – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

TECÊ • (A) • [V] • Latim > Português • *PESQUISADORA*: aí vocês tecem... por exemplo... que tipo de rede... todo tipo de rede? *INFORMANTE 1*: eu só ticia até zero oitenta... (Ent 1, linhas 403 e 404). • *INFORMANTE 7*: ele é tipo tecendo uma renda se eu não me engano... *PESQUISADORA*: que legal! fica diferente... o que é característico daqui mesmo é a renda... *INFORMANTE 7*: é a renda de biurro... o ponto cruz... o croché... (Ent.7 , linhas 130 a 132).

TELA • Nf [Ssing] • Latim > Português • Peça de madeira utilizada na feitura da renda de filé.

INFORMANTE 15: porque a renda de birro ela é feita na almofada nessa almofada e o filé é feito ni uma tela... (Ent. 15, linha 298).

TIARA • Nf [Ssing] • Latim > Português • Acessório utilizado para enfeitar o cabelo, em forma de arco, que ode ser feito de vários materiais, inclusive de renda. • *INFORMANTE 11*: pois é então () contando as minhas história que tinha vez quando ele me contava eu ficava morrendo de medo de ficar aqui quando ele saia () ela tá assentando aí a tiara ó... (Ent.11, linhas 347 e 348).

Foto 99: Tiaras – Raposa/MA



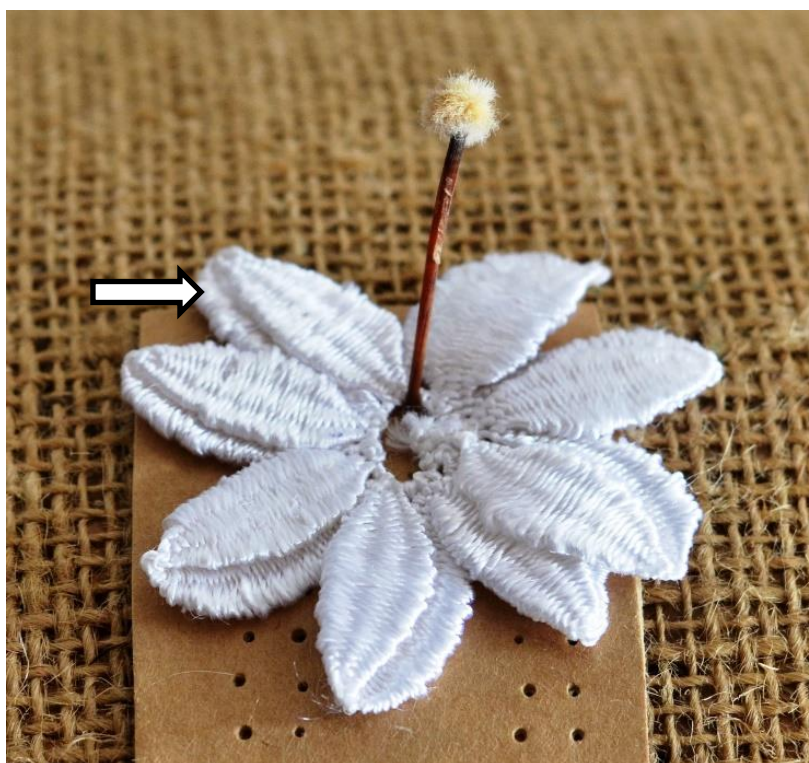
Fonte: Zegroz Neto

TICIDO • [ADJSing] • Latim > Português • Ponto da renda de bilro pouco vazado, feito por meio de *trocado inteiro* ou *meio trocado*. • Cf. *meio trocado* e *trocado intero*. •

PESQUISADORA: traça... esse bem miudinho aqui assim? INFORMANTE 4: um pano tecido... PESQUISADORA: pano tecido... esse aqui? INFORMANTE 4: também a traça... PESQUISADORA: traça... traça... agora aqui é que vai... INFORMANTE 4: aí é uma mandala... PESQUISADORA: e eu tenho o que dentro dessa mandala? Traça né? INFORMANTE 4: traça... PESQUISADORA: esse aqui? INFORMANTE 4: pano... PESQUISADORA: pano... INFORMANTE 4: esse aqui tudo é casa de abelha... (Ent.4, linhas 265 a 275).

TRAÇA • (n/d) • Nf [Ssing] • Latim > Português • Trançado da renda de bilro, onde somente um bilro corre mais do que os demais, enquanto os outros ficam quase que parados. É feito principalmente com o ponto trocado inteiro. Cf. *trocado intero*. • PESQUISADORA: tão bonito colorido... deixa eu vê ... vem aqui Ó... por exemplo nesse blusão eu tenho qual tipo de qual tipo de ponto que eu tenho aqui? INFORMANTE 14: esse aqui é embuchado... esse daqui é traça ...isso daqui é pano ... (Ent. 14, linhas 100 a 102).

Foto 100: Pétalas de traça – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

TRAÇA CHATA ~ TRAÇA CHATINHA • (n/d) • NCf [Ssing + ADJsing] • [NCf [Ssing + ADJsing]] • Latim > Português • Trançado da renda de bilro, de formato quadrado, onde somente um bilro corre mais do que os demais, enquanto os outros ficam quase que parados.

É feito principalmente com o ponto trocado inteiro. Cf. *trocado intero*. • **PESQUISADORA:** Trocado completo... e esse ...essa traça... o que é traça? **INFORMANTE 2:** *Traça é a flô... aquela palminha...* **PESQUISADORA:** Da flô... Embuchada é quando ela é gor... / **INFORMANTE 2:** *É aquele chato que é a traça chata... Ela chama traça chata...* **PESQUISADORA:** O embuchado... aquele ponto que é gordinho... ele chama como? **INFORMANTE 2:** *pois é aquele que é a traça chata...aquele o embuchado...* **PESQUISADORA:** Traça chata ou embuchado né? Ah... tá certo... (Ent.2 , linhas 71 a 77).

TRAÇA COMPRIDA • (n/d) • Ncf [Ssing + ADJsing] • Latim > Português • Traçado da renda de bilro, de formato retangular, onde somente um bilro corre mais do que os demais, enquanto os outros ficam quase que parados. É feito principalmente com o ponto trocado inteiro. Cf. *trocado intero*. • **PESQUISADORA:** que é o trocado e o meio trocado... são os movimentos... **INFORMANTE 1:** *isto / é os movimentos são esses... e tem a traça...* **PESQUISADORA:** hum...hum... **INFORMANTE 1:** *tenho a traça comprida... e tem uma traça chatinha assim...* **PESQUISADORA:** hum...hum... **INFORMANTE 1:** *é... de largura ela é larguinha...* **PESQUISADORA:** traça / **INFORMANTE 1:** *traça... papelão tá tudo mostrando pra gente...* (Ent. 1, linhas 272 a 279).

Foto 101: Rendeira fazendo uma traça comprida – Raposa/MA

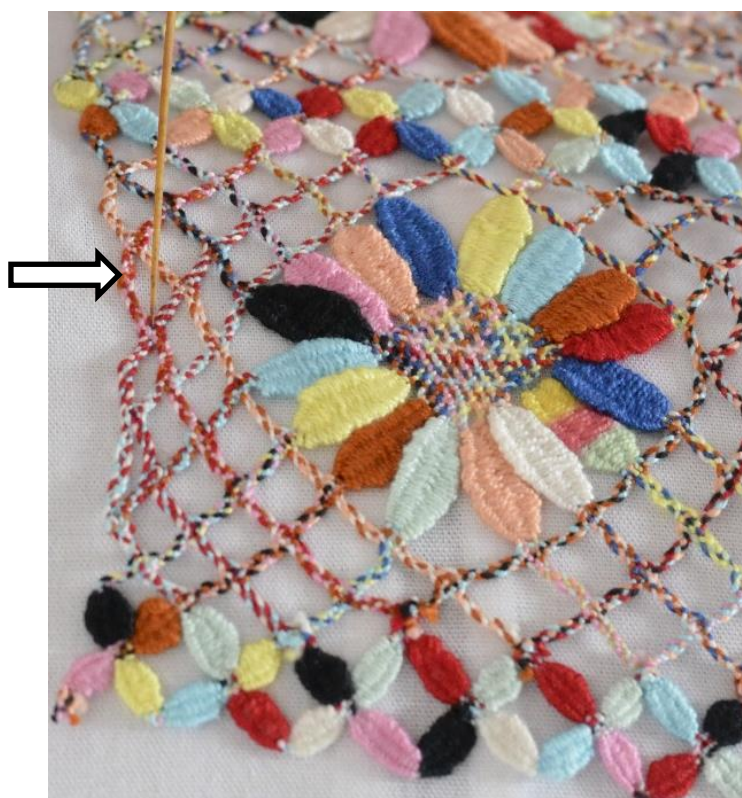


Fonte: Zeqroz Neto

TRAÇADO ~ TRAÇADA • (A) • Nm [Ssing] • Nf [Ssing] • Latim > Português • Realização do ponto *traça* (Trançado da renda de bilro, onde somente um bilro corre mais que os demais.). Cf. *traça*. • *PESQUISADOR*: hum...hum... pelo que eu percebi da *traça* tem uma linha... que vai mais do que as outra... que é a / que pouco se destaca... *INFORMANTE 3*: *é... que faz... é o que faz a traça... é... só um dos biurro... só passando... por baixo... por cima... por baixo... por cima... e faz ela... PESQUISADORA*: hum... hum... *INFORMANTE 3*: *ó... essa traçada... por baixo... por cima... to desmanchando ela... mesma coisa fazendo ela...* (Ent. 3, linhas 886 a 891).

TRANÇA • (n/d) • Nf [Ssing] • De origem controversa • Ponto da renda de bilro que consiste na realização do *trocado inteiro* várias vezes consecutivas ou do *meio trocado*. Cf. *Meio trocado* e *trocado intero*. • *PESQUISADORA*: foi mesmo? o que que tu já sabia fazê de ponto de... *INFORMANTE 8*: *eu sabia trança...* (Ent. 8, linhas 104 e 105).

Foto 102: Trança – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

TRANCINHA • (n/d) • Nf [Ssing] • De origem controversa. • Ponto da renda de bilro de tamanho pequeno, que consiste na realização do *trocado inteiro* várias vezes ou do *meio trocado*. Cf. *Meio trocado* e *trocado intero*. • *INFORMANTE 14*: *quatro pá passando pra lá*

e pra cá e meteno nos buraquinho aí e lá foi me insinuando fazê a traça... fazeno a trancinha... aí de lá fui aprendeno sozinha mesmo... (Ent.14 , linhas 55 e 56).

Foto 103: Trança – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

TRIGUERO • (n/A) • [ADJsing] • Latim > Português • De pele morena. • *PESQUISADORA*:...ah, qual o nome da sua mãe? *INFORMANTE 6*: viu? O nome da minha mãe é M. L. mais a gente chama ela de trigueira... (Ent. 6, linhas 377 e 378).

TROCADINHO ~ TROCADINHA • (n/d) • Nm [Ssing] • Nf [Ssing] • De origem incerta. • Denominação carinhosa do ponto trocado inteiro. Cf. *trocado intero*. *INFORMANTE 12*: é aí tem gente que bota o paninhum... tem gente que bota esse cadê o... tem gente que no lugá desse paninho aí pode butá esse trocadinho ó...aí depende da pessoa que qué fazê entendeu... (Ent.12 , linhas 311 e 312). *INFORMANTE 1*: é porque eu gosto tem dia que eu digo assim... “ah hoje eu não vou pegá não” fico ali mas aí eu olho pra elas... “peráí que eu vou já dar uãs trocadinha”... (Ent. 12, linhas 518 e 519).

TROCADO • Nm [Ssing] • De origem incerta. • Ponto da renda de bilro que consiste em correr os bilros duas vezes pelos espinhos. É um dos pontos básicos desse tipo de renda, assim como o meio trocado. • *ESQUISADORA*: han...han..... e esse movimento como é que é? de trocá o biuro? Como é que é? Na hora que troca... *INFORMANTE 1*: é trocado... *PESQUISADORA*: trocado... *INFORMANTE 1*: é o trocado e mei trocado... só tem esses dois... *PESQUISADORA*: qual é a diferença o trocado com o meio trocado? *INFORMANTE 1*: o trocado é inteiro... *PESQUISADORA*: hum...hum... *INFORMANTE 1*: o trocado é inteiro... passa este por este... a lá... deixa eu fazê um trocado pra você ver... dá pra fazê não... *PESQUISADORA*: só lá né? *INFORMANTE 1*: é... lá eu lhe mostro /*PESQUISADORA*: que é o trocado e o meio trocado... são os movimentos... *INFORMANTE 1*: isto / é os movimentos são esses... e tem a traça... (Ent. 1, linhas 260 a 273).

Foto 104: Trocado – Raposa/MA

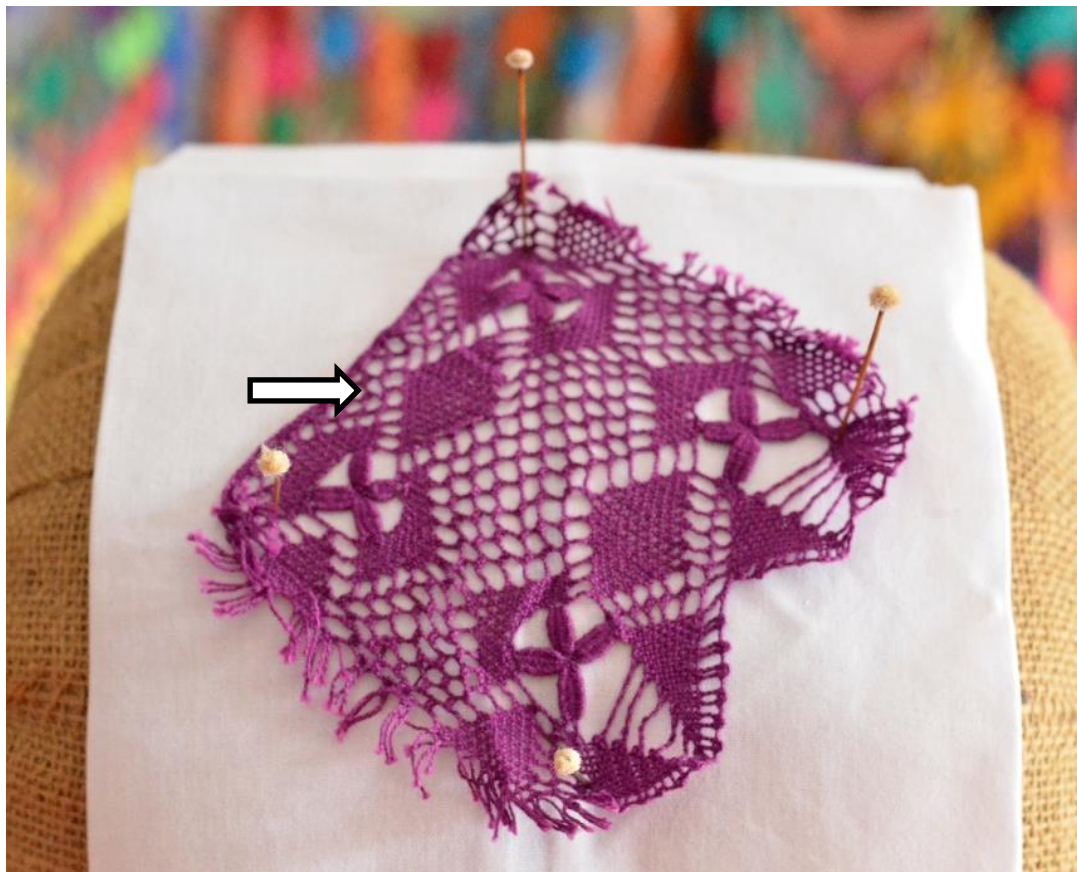


Fonte: Zeqroz Neto

TROCADO CHEIO • (n/d) • NCm [Ssing + ADJsing] • De origem incerta. • Ponto da renda de bilro que consiste na repetição do ponto trocado inteiro, fazendo um ponto bastante fechado. Também denominado trocado completo e trocado fechado. • Cf. *trocado intero*,

trocado completo e trocado fechado. • *INFORMANTE 1: trocado cheio...* *PESQUISADORA:* hum...hum esse aqui? *INFORMANTE 1: não esse aqui ó... aí vem esse aqui... esse aqui...* *PESQUISADORA:* hum...hum...LINDO... valha-me Deus! (Ent.12 , linhas 428 a 431).

Foto 105: Renda rara, com ponta feita em trocado cheio – Raposa/MA



Fonte: Zegroz Neto

TROCADO COMPLETO • (n/d) • NCm [Ssing + ADJsing] • De origem incerta. • Ponto da renda de bilro que consiste na repetição do ponto trocado inteiro, fazendo um ponto bastante fechado. Também denominado trocado cheio e trocado fechado. • Cf. *trocado intero*, *trocado cheio* e *trocado fechado*. • *PESQUISADORA:* ...Mais isso que você chama de meio trocado é o que? *INFORMANTE 2: É o ponto da renda...* *PESQUISADORA:* Aí quantos são os pontos que existe? Meio trocado... *INFORMANTE 2: / e o trocado completo...* *PESQUISADORA: Trocado completo...* e esse ...essa traça... o que é traça? (Ent. 2, linhas 67 a 71).

Foto 106: Rendeira fazendo um trocado completo – Raposa/MA



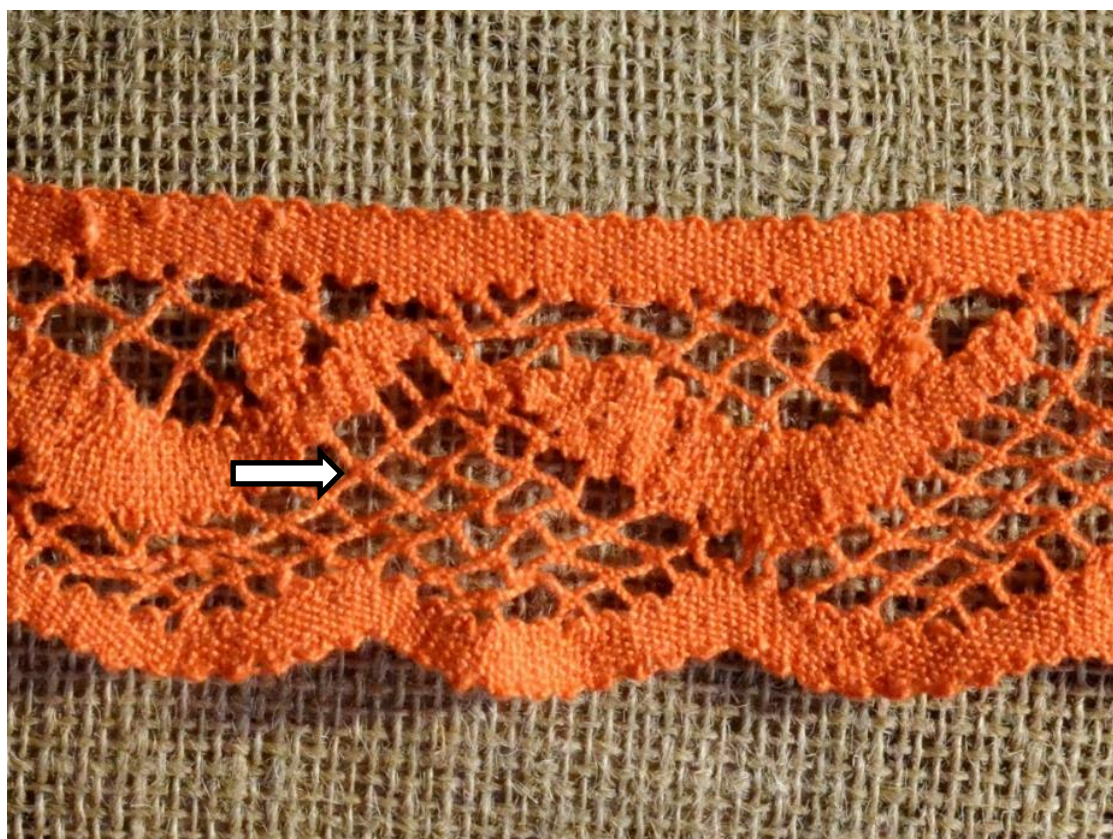
Fonte: Zeqroz Neto

TROCADO D'ÁGUA • (n/d) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • De origem incerta. • Ponto da renda de bilro em formato de aranha, feito passando-se o bilros duas vezes entre os espinhos (trocado inteiro). Mais conhecido nos dias atuais como pingo d'água. • Cf. *pingo d'água* e *trocado intero*. • *INFORMANTE 1: trocado cheio...* *PESQUISADORA: hum...hum esse aqui?* *INFORMANTE 1: não esse aqui ó... aí vem esse aqui... esse aqui...* *PESQUISADORA: hum...hum...LINDO... valha-me Deus!* (Ent.12 , linhas 428 a 431).

TROCADO FECHADO • (n/d) • NCm [Ssing + ADJsing] • De origem incerta. • Ponto da renda de bilro que consiste na repetição do ponto trocado inteiro, fazendo um ponto bastante fechado. Também denominado trocado cheio e trocado completo. • Cf. *trocado intero*, *trocado cheio* e *trocado completo*. • *INFORMANTE 13: não. Aqui é meio trocado. Esses daqui são meio trocado esses daqui essa virada aqui todinha todinha... todinha ta entendendo? Agora esses daqui com esses de dentro aqui esses trocado fechado aqui são trocado intero se chama de trocado intero...* *PESQUISADORA: esse aqui é trocado intero?* *INFORMANTE 13: é...* (Ent. 13, linhas 548 a 553).

TROCADO INTERO • (n/d) • NCm [Ssing + ADJsing] • De origem incerta. • Ponto da renda de bilro que consiste em correr os bilros duas vezes pelos espinhos. É um dos pontos básicos desse tipo de renda, assim como o meio trocado. Ambos dão origem a todos os demais pontos. • *PESQUISADORA*: hã...hã..... e esse movimento como é que é? de trocá o biuro? Como é que é? Na hora que troca... *INFORMANTE 1*: é trocado... *PESQUISADORA*: trocado... *INFORMANTE 1*: é o trocado e mei trocado... só tem esses dois... *PESQUISADORA*: qual é a diferença o trocado com o meio trocado? *INFORMANTE 1*: o trocado é intero... *PESQUISADORA*: hum...hum... *INFORMANTE 1*: o trocado intero... passa este por este... a lá... deixa eu fazê um trocado pra você ver... dá pra fazê não... *PESQUISADORA*: só lá né? *INFORMANTE 1*: é... lá eu lhe mostro /*PESQUISADORA*: que é o trocado e o meio trocado... são os movimentos... *INFORMANTE 1*: isto / é os movimentos são esses... e tem a traça... (Ent. 1, linhas 260 a 273).

Foto 107: Trocado intero – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

TUCUM • (A) • Nm [Ssing] • Tupi • Fruto produzido pelo tucunzeiro, palmeira cujos caules são cobertos por espinhos e que é encontrada principalmente em áreas alagadas ou úmidas. As extremidades dos bilros são feitos do endocarpo do tucum. • *INFORMANTE 6*: aí faz aquele

buraquinho no chão... é... aqui é o tucum... mais depois que coloca esse aqui... que faz essa cabeça aqui... olha... não mexa nos meus tucum... meus tucum tão aí... que falta encabá...mais depois de encabado... torna-se os meus bírdalos... PESQUISADORA: e encabá o que que é? É enfia a madeira dentro? INFORMANTE 6: é enfia isso daqui... tem gente que ainda bota cola quando fica folgadinho... PESQUISADORA: ah... bota cola quente... INFORMANTE 6: então... eu vou encabá tantas dúzias de biurro pra fulano de tal... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: de... de tucum... (Ent.6 , linhas 266 a 274).

Foto 108: Bilro com extremidade de tucum – Raposa/MA



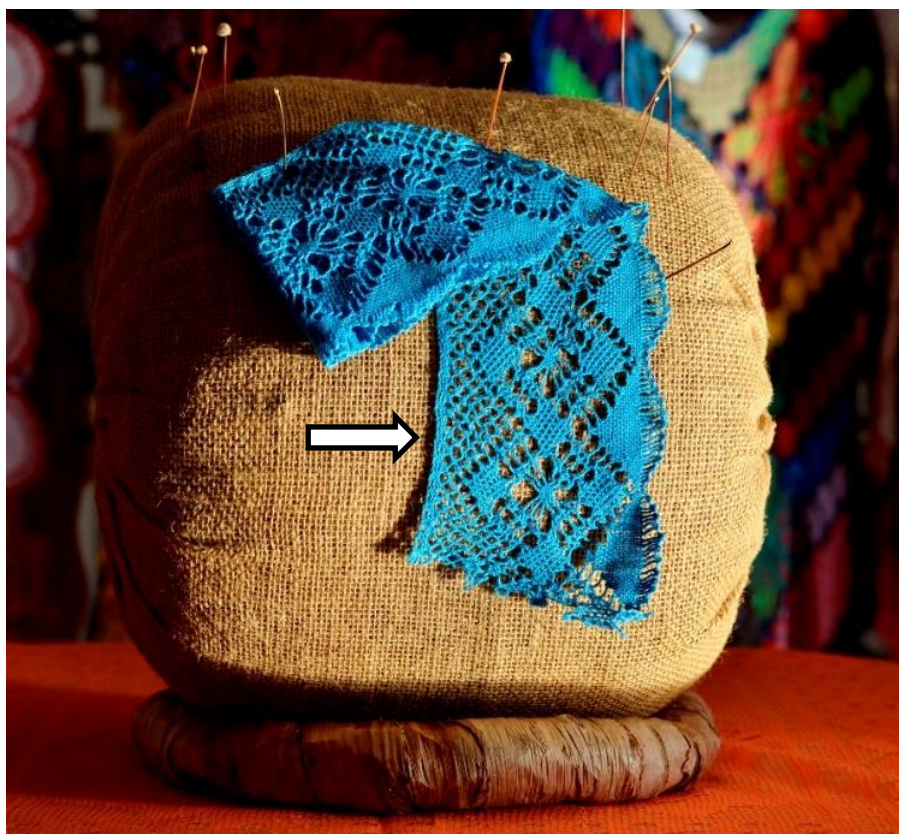
Fonte: Zeqroz Neto

U

URELA ~ ARUELA • (n/d) • Nf [Ssing] • Nf [Ssing] • (n/e) • Ponto da renda de bilro utilizado na renda de metro, para fazer o acabamento no local onde será fixado o tecido. • *INFORMANTE 6: é... é fácil... é... ele é de... ele é como lhe falei de urela e de ponto e a renda*

vem com as duas urelas com... o pano no mei'... PESQUISADORA: hum..hum... INFORMANTE 6: com uma rosa de traça... PESQUISADORA: eu tava lhe perguntando o que era auréola não foi? INFORMANTE 6: era... aruela... (risos) URELA... PESQUISADORA: urela meu Deus... (risos) URELA... (Ent. 6, linhas 28 a 34).

Foto 109: Urela – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

V

VAZADO • (A) • [ADJsing] • Latim > Português • Aberto. Diz-se da renda que ficou com os pontos abertos, também chamada de *jangarela*. Cf. *jangarelo*. • (n/e) • *PESQUISADORA: também é ponto cheio caseado? INFORMANTE 3: é... também tem vazado... tem umas bem fechada... tem mais vazado... PESQUISADORA: essa aqui é mais vazada né? INFORMANTE 3: é... (Ent. , linhas 1046 e 1047).*

Foto 110: Bolero de filé com pontos vazados – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

VENDA DE RENDA • (A) • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • Alemão • Estabelecimento onde as peças de renda são comercializadas. • *PESQUISADORA*: nessa época como é que era pra vendê renda? *INFORMANTE 10*: *ai já era asfaltada já... só que as casinha era tudo palafita tudo de madêra...* *PESQUISADORA*: e já tinha loja? *INFORMANTE 10*: *já tinha venda... venda de renda... tinha da dona M. B... tinha a F... e tinha ali a E...* *PESQUISADORA*: certo... (Ent. 10, linhas 25 a 29).

Foto 111: Venda de renda – Raposa/MA



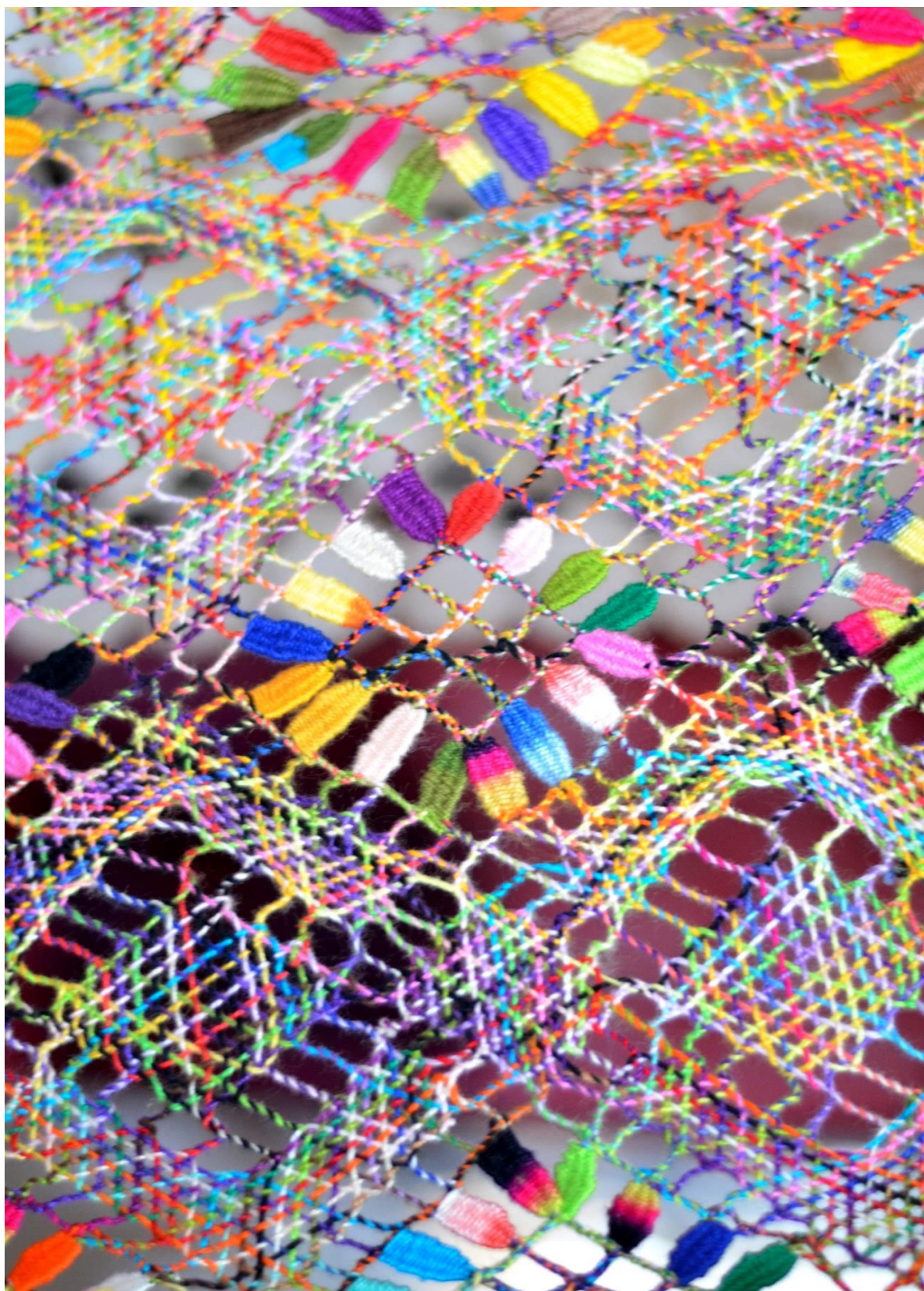
Fonte: Zeqroz Neto

VERDOSO • (n/d) • [ADJsing] • Latim > Português • Que não está maduro. • *INFORMANTE 13: eu sempre eu fui assim... eu... eu ... eu num tenho estudo não tive estudo num tive nada fui criada no interiô comendo maçã de caju... correndo atrás de uã siriguela duã manga verde ...duã coisa... PESQUISADORA: maçã de caju é o caju não né? INFORMANTE 13: é é é ...mas quando ele tá verde é a maçã qué dizê... PESQUISADORA: olha eu nunca comi como é que é? INFORMANTE 13: é verde é quando ele tá verdinho... “menina esse caju tá só o maturi” “a... mas tem maçã e a gente comeu” ...olha tua boca porque quando ainda tá um pôco verdoso ele tem um leitinho ... que pega assim no centro da boca da gente viu... (Ent. 13, linhas 26 a 33).*

Z

ZERO OITENTA • (n/d) • [NCm [Num+ Num]] • (n/e) • Rede de pesca cujas malhas medem 80 centímetros. • *PESQUISADORA: aí vocês tecem... por exemplo... que tipo de rede... todo tipo de rede? INFORMANTE 1: eu só ticia até zero oitenta... PESQUISADORA: han...han... INFORMANTE 1: de zero oitenta pra baixo... (Ent. 1, linhas 403 a 406).*

Foto 112: Renda de bilro – Raposa/MA



Fonte: Zgroz Neto

7 CONCLUSÃO

Neste trabalho, tivemos como objetivo investigar, descrever e analisar o vocabulário das rendeiras do município de Raposa, Maranhão, que migraram para esse município na década de 50, levando consigo a tradição da renda de bilro.

Guiados pelos pressupostos da Antropologia Linguística e da Sociolinguística, fomos a campo, no intuito de ouvirmos as rendeiras – realizamos 15 entrevistas orais, transcritas conforme critérios preestabelecidos. A partir desses dados, que foram descritos e analisados nesta pesquisa, destacamos:

Na **INTRODUÇÃO**, apresentamos as motivações que nortearam nosso estudo, as hipóteses levantadas a partir delas, nossos objetivos e a estrutura desta tese.

Enfocamos os pressupostos teóricos que embasaram nossa tese no **CAPÍTULO 2**. Discorremos, primeiramente, sobre Língua, Cultura e Sociedade, abordando, com base principalmente em Labov (2008), as contribuições da Sociolinguística e a questão da variação e a mudança linguística. Relacionamos, em seguida, léxico, cultura e sociedade. Versamos sobre cultura, com base em Duranti (1997), Hymes (1971) e Velarde (1991). Centramos, então, nosso olhar sobre a Lexicologia, já que trabalhamos com o léxico regional, com base especialmente em Biderman (1981, 1988, 2001), e em Haensch (1982), Barbosa (1995) e Biderman (1993), para tratarmos da Lexicografia, visto que um de nossos objetivos foi a construção de um glossário.

No **CAPÍTULO 3** caracterizamos histórica, geográfica, econômica e culturalmente a região estudada. Apresentamos os aspectos geográficos (localização, clima, limites e hidrografia) do município, o histórico da região e traçamos o perfil econômico e social local, com destaque para a importância da renda para a região, do ponto de vista sobretudo cultural. Esse aprofundamento na comunidade de fala pesquisada foi de fundamental importância para que pudéssemos, nas análises, relacionar alguma lexia a algum dado cultural.

Os procedimentos metodológicos adotados foram apresentados no **CAPÍTULO 4**. Baseamo-nos em Labov (2008) e Duranti (2000) para a escolha dos informantes e para a realização da pesquisa de campo, quando gravamos as entrevistas. As transcrições, por sua vez, seguiram o modelo proposto pelo Projeto *Pelas Trilhas de Minas: as bandeiras e a língua nas Gerais* (FALE/UFMG). Em um segundo momento, com os dados selecionados – 207 lexias –, voltamo-nos para a construção das fichas lexicográficas, consultando 5 dicionários – datados do século XVIII ao XX – previamente selecionados; para em seguida

realizamos análise linguística desses dados. Seguimos a metodologia proposta por Haensch (1982) para a construção do glossário.

No **CAPÍTULO 5**, apresentamos as lexias dos nossos *corpora*, apresentadas em fichas lexicográficas. Essas fichas constituíram uma análise, na qual estudamos e relacionamos as lexias coletadas a épocas passadas e atuais.

A análise quantitativa, realizada no **CAPÍTULO 6** através de gráficos e tabelas, nos fez chegar a algumas considerações e conclusões, dentre as quais, destacam-se:

Dentre as 207 lexias analisadas, 107 lexias não foram localizadas em nenhum dos dicionários examinados, representando 51,69% do total, ao passo que 100, ou 48,31% de lexias encontram-se dicionarizadas. A maior parte das lexias não dicionarizadas referem-se ao universo da renda. Seu alto número, mais da metade do nosso *corpus*, revela a criatividade das rendeiras ao nomearem os tipos de renda, os pontos e as ações/movimentos da sua arte de “fazer renda”.

Constatamos ainda que, dessas 107 lexias não dicionarizadas, 82 fazem parte do campo semântico Renda, o que corresponde a 76,63% do total, enquanto 11 lexias ou 10,28% encontram-se no campo da Alimentação/Flora; 10 ou 9,35% referem-se à pesca e 4 lexias, correspondente a 3,74% do total insere-se no campo Crenças e costumes.

Como as entrevistas não seguiram um roteiro, foram entrevistas abertas, em que vários temas foram abordados, relacionamos a ocorrência das 11 lexias pertencentes ao campo semântico Alimentação/Flora ao fato de as rendeiras, em sua maioria, serem, também, donas de casa.

Em relação às lexias não dicionarizadas que se encontram no campo semântico Pesca, deve-se ao fato de haver, entre as entrevistadas, esposas de pescadores que, devido ao contato frequente com os maridos, passam a utilizar, em sua fala, lexias características da linguagem deles. O maior número de ocorrências está presente no grupo etário de 49 a 60 anos, o que se explicaria pelo fato de, nessa idade, esse convívio ocorrer há um maior tempo. O universo da renda e da pesca caminham juntos e dialogam tão intrinsecamente que, em meio a uma entrevista em que não se abordou o tema “pesca”, surgiram lexias que nomeavam redes de pesca – características da linguagem dos pescadores: *carumipinzera*, *gozera*, *pitiuzera* e *serrera*.

No que se refere à variação e à mudança linguística, averiguamos que a maioria das lexias conserva a mesma forma e o mesmo significado, desde a sua primeira dicionarização até hoje, apresentando, apenas, variações ortográficas e fonéticas. Essa manutenção se justifica pela similaridade do modo de vida, da cultura, dos hábitos e dos costumes das

peças que moram em comunidades afastadas dos grandes centros urbanos, como é o município de *Raposa*.

Investigamos também as variações de *bilro*. As variantes de *bilro* ajudam a contar a história das rendeiras de Raposa, de sua infância em Acaraú, sua chegada no Maranhão, seu convívio com as maranhenses que com elas aprenderam a arte da renda e nos fazem entender mais um pouco desse rico universo cultural e lexical. O fato de as rendeiras de mais idade alternarem o uso de *birro*, *bírdulo*, *bírdalo* com *biurro*, a variante de prestígio no Maranhão, pode significar ou que sua fala já tenha interferência da maranhense, e isso se revele em seu léxico, ou que, por estarem, nas entrevistas, interagindo com uma pesquisadora maranhense, tenham utilizado em alguns momentos a variante que sabem ser de prestígio no local.

Constatamos, por fim, que há uma maior ocorrência de lexias não dicionarizadas nos grupos etários 49 a 60 anos e 68 a 80 anos, quase o dobro da ocorrência nos dois grupos etários mais jovens, dados estes que vão ao encontro da hipótese por nós levantada, de que haveria diferenças significativas entre a linguagem das rendeiras mais jovens e as de maior faixa etária.

Essas diferenças podem se justificar pelo fato de as rendeiras mais velhas serem mais experientes, terem menor influência dos meios de comunicação e também devido ao crescente desinteresse das rendeiras mais jovens pela profissão.

Uma das causas desse desinteresse é a organização da atividade de renda no local. O formato de organização associativista entre as rendeiras tem sido uma luta constante, haja vista que a maior atividade de produção de bilro ocorre de forma isolada; as artesãs tanto fazem quanto vendem suas rendas nas suas casas.

Somado a isso, algumas rendeiras revendem peças de renda compradas no Ceará e vendem a preço mais baixo que a comunidade local, competindo com a renda feita em Raposa, e, como consequência, as novas gerações vêm desvalorizando o ofício.

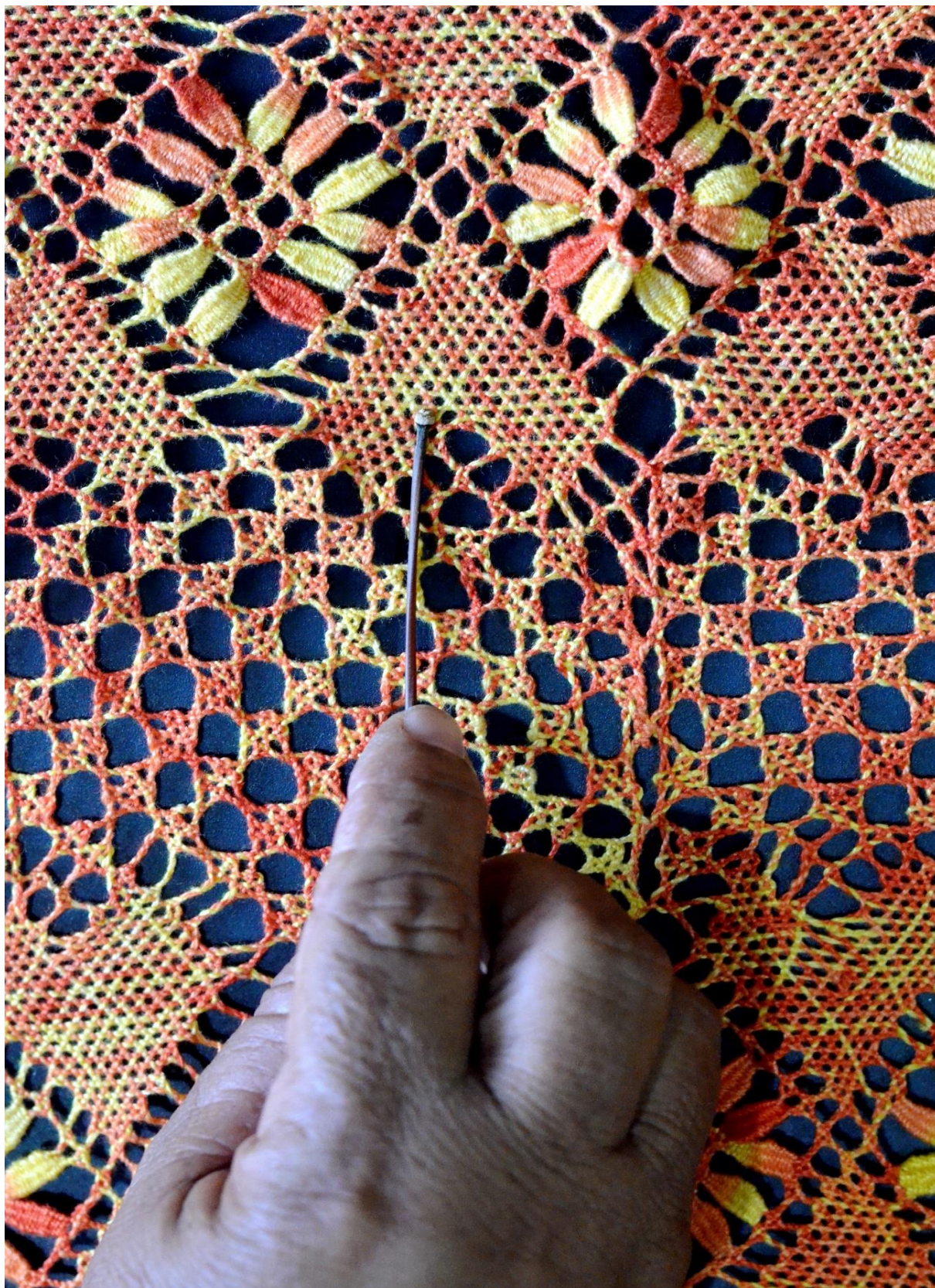
Após a análise dos dados, apresentamos, no **CAPÍTULO 7**, o Glossário a partir dos dados selecionados nos nossos *corpora*. Organizamos as lexias pelo critério onomasiológico e, posteriormente, pelo critério semasiológico. Essa organização nos permitiu traçar um perfil sociocultural dominante na região: o vocabulário das rendeiras de *Raposa* reflete o mundo rural nordestino, especialmente o cearense – os costumes, as tradições da renda de bilro, passada de geração em geração em Acaraú, mantêm-se viva em Raposa.

Contudo, as rendeiras pertencentes às mais novas gerações tendem a trocar a renda de bilro por outras profissões mais rentáveis. A par desse fato, observamos que o léxico da renda

vai se perdendo, o que ratifica a importância de trabalhos como este, que visam ao estudo da linguagem e cultura de uma comunidade, antes que se percam por completo.

A salvaguarda desse patrimônio imaterial que é o vocabulário das rendeiras do município de Raposa cumpre o papel maior de pesquisas como esta: registrar, resgatar e levar à comunidade acadêmica e às pessoas, de modo geral, o conhecimento da riqueza e diversidade vocabular e cultural presentes no Brasil.

Foto 113: Rendeira mostrando o ponto meio trocado – Raposa/MA



Fonte: Zeqroz Neto

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKMIN, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. 8. ed. São Paulo - SP: Cortez, v. 1. 2008.
- ANDRADE, M. A. *Linguagem e cultura dos pescadores de Iguape*. 1993. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- ÂNGELO, E. R. B. O “saber-fazer” rendas de bilros: as ressignificações do processo na lagoa da conceição em Florianópolis. *Bilros*, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 11-27, jul.-dez. 2013.
- ANTUNES, I. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Ed. Parábola, 2007.
- AZEVEDO, R. *et al. Raposa: uma visão antropolinguística*. São Luís: SIOGE, 1980.
- BARBOSA, M. A. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. *Revista Brasileira de Linguística*, São Paulo, v. 8, p. 15-30, 1995.
- BIDERMAN, M. A A ciência lexicográfica. *Alfa*, São Paulo, n. 28 (sup.), 1984.
- BIDERMAN, M. T. C. A definição lexicográfica. *Cadernos do IL*, Porto Alegre, v.10, p.23-43, 1993.
- BIDERMAN, M. A estrutura mental do léxico. In: BIDERMAN, M. *Estudos de filosofia e linguística*. São Paulo: Ed. T.A. Queiróz; Ed. da Universidade de São Paulo, 1981. p.131-145.
- BIDERMAN, M. Dimensões da Palavra. In: BIDERMAN, M. *Filologia e Linguística Portuguesa*. n.2. São Paulo: Humanitas, FFLCH/USP, 1988.
- BIDERMAN, M. *Teoria linguística: linguística brasileira e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2001.
- BLUTEAU, Pe. R. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.
- BRUSSI, J. D. E. *Da renda roubada à renda exportada: a produção e a comercialização da renda de bilros em dois contextos cearenses*. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- CALVET, L.-J. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Ed. Parábola, 2002.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Dispersos*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.
- CARDOSO, S. A. M. Língua: meio de opressão ou de socialização? In: FERREIRA, C. *et al. Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1988.

- CHAGAS, P. Mudança linguística. In: FIORIN, J. L. (org). *Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2010.
- COSERIU, E. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1980.
- COSERIU, E. *O homem e sua linguagem*. São Paulo: Presença/USP, 1982.
- COSERIU, E. *Princípios de semântica estrutural*. Madrid: Gredos, 1977.
- COSTA, D. S. S; ISQUERDO, A. N. "Menino" "Guri", "Curumim" e "Moleque" - nas capitais brasileiras: contribuições do Projeto ALIB. In: RAZKY, A *et al* (Org.). *Estudos sociodialetais do Português brasileiro*. Campinas: Pontes Editores, 2014.
- COSTA, R.P.C. *Um estudo linguístico no litoral maranhense: léxico e cultura dos pescadores do município de Raposa*. 2012. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- COSTA, R. P. C; SEABRA, M. C. T. C. *As palavras sob um viés cultural: léxico e cultura dos pescadores do município de Raposa, Maranhão*. São Luís: EDUEMA, 2015.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- DIÉGUES JÚNIOR, M. *Regiões Culturais do Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. INEP – Ministério da Educação e Cultura, 1960.
- DURANTI, A. *Antropologia Linguística*. Trad. espanhola Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 1997.
- ESQUIVEL, F.M. *La Lexicografía em lãs variedades no-estándar*. Jaén: Universidade de Jaén, 2011.
- FEITOSA, A. *Dinâmica da paisagem na área costeira do Município de Raposa, Estado do Maranhão*. Relatório de Pesquisa. São Paulo, 1998.
- FERRAZ, A. *A inovação lexical e a dimensão social de língua*. In: FERRAZ, A. O léxico em estudo. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- FERREIRA, A. B. H; FERREIRA, M. B; ANJOS, M. *Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3.ed. totalm. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA NETO, W.; RODRIGUES, A. C. de S. Transcrição de inqueritos: problemas e sugestões. In: FERREIRA NETO, W.; RODRIGUES, A. C. de S. *Filologia Bandeirante*. São Paulo: Humanitas, 2000, p. 171-194
- FIORIN, J. L. Considerações em torno do projeto de lei de defesa, proteção, promoção e uso do idioma, apresentado à Câmara dos Deputados pelo deputado Aldo Rebelo. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, Fortaleza, v.25, p.107-119, 2001.

- GABAS JÚNIOR, N. Linguística Histórica. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. v1 e 2. São Paulo: Cortez Editora, 2001.
- HAENSCH, G. *et al. La lexicografía: de la lexicografía teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.
- HYMES, D. *On communicative competence*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1971.
- IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Secretaria de Cultura do Maranhão. *Raposa de redes e rendas*. Brasília, MINC, 2011.
- ISQUERDO, A.N.; KRIEGER, M. G. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Ed. Parábola, 2008.
- LARA, L. F. O dicionário e suas disciplinas. In: NEGRI, A.; KRIEGER, M. da G. *As ciências do léxico*. v. II. Campo Grande: UFMS, 2004.
- LOPES, J. R. B. *Desenvolvimento e mudança social: formação da sociedade urbano-industrial no Brasil*. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. 2008.
- LORENTE, M. A lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: NEGRI, A.; KRIEGER, M. da G. *As ciências do léxico*. v. II. Campo Grande: UFMS, 2004.
- MATORÉ, G. *La éthode en lexicologie*. Paris: Ed. Marcel Didier, 1953.
- MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1948.
- MEYERHOFF, M. *Introducing Sociolinguistics*. Nova York: Taylor & Francis e-Library, 2006.
- MILROY, J. *Linguistic Variation and Change: On the historical sociolinguistics of English*. GB: Basil Blackwell, 1992.
- MILROY, L. *Language and Social networks*. 2. ed. Oxford: Backwell, 1987.
- MOLLICA, M.C. (Org.). *Introdução a Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 1989.
- MOREIRA, D. A. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2012.
- MURAKAWA, C. A. A. *Antônio de Moraes Silva: lexicógrafo da língua portuguesa*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2006.
- OLIVEIRA, A. M. P. *O Português do Brasil: brasileirismos e regionalismos*. Araraquara: UNESP, 1999.

- ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RAZKY, A et al (Org.). *Estudos sociodialetais do Português brasileiro*. Campinas: Pontes Editores, 2014;
- REYS, M. J. *Léxico y cultura*. Badajoz: Abecedário, 2009.
- RIBEIRO, G. A. *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- SAPIR, E. *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.
- SAUSSURE, F. [1916]. *Curso de linguística geral*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.
- SEABRA, M. C. T. C (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras de UFMG, 2008.
- SEABRA, M. C. T. C. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da região do Carmo*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- SILVA, A. M. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.
- SILVA, R. M A. Entre o Combate à Seca e a Convivência com o Semi-Árido: políticas públicas e transição paradigmática. *Revista Econômica do Nordeste*, Fortaleza, v. 38, nº 3, jul-set. 2007, p 466 a 485.
- SOARES, S. M. S. *Onde há rede, há renda: Técnica e gênero na Raposa - MA*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de Brasília, Brasília, 2011.
- SOUZA, B. J. *Mulheres que tecem histórias: uma abordagem sobre a produção de renda de bilro na Raposa a partir do trabalho feminino*. São Luís: (s.n), 2006.
- SOUZA, V.L. *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- TAGLIAMONTE, S. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1995.
- VELARDE, M. C. *Lenguaje y Cultura*. Madrid, Sintesis, 1991.
- VERDELHO, T. Dicionários portugueses, breve história. In: NUNES, J. H.; PETTER, M. (Org.) *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Pontes, 2002.

VILELA, M. *Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática*. Coimbra: Almedina, 1995.

VILELA, M. *Estruturas léxicas do português*. Coimbra: Almedina, 1979.

ZÁGARI, M. R. L. A dimensão sociolinguística do projeto ALIB. In: AGUILERA, V. A *et al* (Org.). *Documentos 1: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: ILUFBA/ EDUFBA, 2003.